

MINISTÉRIO DA SAÚDE
INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER



RESENHA DA LUTA CONTRA O CÂNCER NO BRASIL

Documentário do Serviço Nacional de Câncer
2ª edição
Série I. História da Saúde no Brasil



Brasília DF
2007

Após perseverar vários anos na luta contra o câncer, o médico Mário Kroeff conseguiu o apoio do, então, Presidente Getulio Vargas para criar o Centro de Cancerologia, em 1937, que, mais tarde, se tornaria o Instituto Nacional de Câncer. Por sua obstinação, o Centro converteu-se em Serviço Nacional de Câncer (SNC), em 1941. Segundo Kroeff, a criação do SNC deu-lhe a atribuição de "organizar, orientar, controlar, em todo o País, a Campanha contra o Câncer", ampliando a visão inicial do Governo de se limitar à instalação de um órgão hospitalar para tratamento da doença na Capital da República.

Editado por Kroeff em 1946, o livro *Resenha da Luta contra o Câncer no Brasil* apresenta um documentário das primeiras ações desenvolvidas pelo Governo para o controle da doença. A reedição deste livro, que contava com apenas dois exemplares da 1ª edição em estado muito frágil na biblioteca da Academia Nacional de Medicina, é parte das comemorações dos 70 anos do INCA. Fica o agradecimento ao presidente da Academia e ex-diretor geral do INCA, Marcos Moraes, por disponibilizar esses exemplares para elaboração da presente edição; e aos filhos de Mário Kroeff pela autorização para o trabalho.

MINISTÉRIO DA SAÚDE
INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER

RESENHA DA LUTA CONTRA O CÂNCER NO BRASIL
Documentário do Serviço Nacional de Câncer

2.^a edição

Série I. História da Saúde no Brasil

Brasília - DF

2007

© 2007, Ministério da Saúde. Instituto Nacional do Câncer

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para venda ou qualquer fim comercial.

A responsabilidade pelos direitos autorais de textos e imagens desta obra é da Secretaria de Vigilância em Saúde.

A coleção institucional do Ministério da Saúde pode ser acessada na íntegra na Biblioteca Virtual do Ministério da Saúde:
<http://www.saude.gov.br/bvs>

Tiragem: 2.^a edição – 2007 – 5.000 exemplares

Série I. História da Saúde no Brasil

Elaboração, distribuição e informação:

MINISTÉRIO DA SAÚDE

Instituto Nacional de Câncer (INCA)

Divisão de Comunicação Social – DCS/INCA

Praça Cruz Vermelha, 23 - 4º andar – Centro

20230-130 - Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (0xx21) 2506-6108

Fax.: (0xx21) 2506-6880

e-mail: comunicacao@inca.gov.br

Home page: <http://www.inca.gov.br>

Coordenação do projeto:

Claudia Gomes

Claudia Lima

Cristina Ruas

Rodrigo Feijó

Apoio:

Viviane Queiroga

Marcos Vieira

Agradecimento:

Alexandre Octávio Ribeiro de Carvalho

Marina Kroeff

Projeto Gráfico:

G-dés Design

Revisão:

Izabel Maria de Freitas Sodré

Jacqueline Gutierrez

Parceria:

Coordenação Geral de Documentação e Informação – CGDI/MS

Secretaria Executiva

e-mail: comunicacao@inca.gov.br

Impressão:

Gráfica Esdeva

Ficha Catalográfica

Brasil. Ministério da Saúde.

Resenha da luta contra o câncer no Brasil: documentário do serviço nacional de câncer / Ministério da Saúde. – 2. ed. – Brasília : Ministério da Saúde, 2007.

436 p. : il. – (Série I. História da Saúde no Brasil)

ISBN: 978-85-334-1436-5

1. Serviços de Saúde. 2. Saúde Pública. 3. Promoção da Saúde. 4. Oncologia. I. Instituto Nacional do Câncer. II. Título. II. Série

NLM QZ 200

Catálogo na fonte – Coordenação-Geral de Documentação e Informação – Editora MS – OS 2007/1169

Títulos para indexação:

Em inglês: Review of the Struggle Against the Cancer in Brazil: cancer national service documentary

Em espanhol: Reseña de la Lucha contra el Cáncer en Brasil: documental del servicio nacional de cáncer





Sumário

À guisa de prefácio	05 a 06
1 Esboço histórico das primeiras atividades em prol da luta contra o câncer no Brasil	07 a 57
2 Centro de Cancerologia	58 a 105
3 Serviço Nacional de Câncer	106 a 178
4 Instituições de amparo e assistência aos cancerosos	179 a 223
5 Pelas corporações científicas	226 a 274
6 Entrevistas relativas ao combate contra o câncer	275 a 340
7 Educação e propaganda	341 a 373
8 Referências da imprensa leiga às atividades do Serviço Nacional de Câncer	374 a 409
9 Ligas, sociedades e outras organizações do combate ao câncer no País.	410 a 435



A guisa de prefácio

Esta publicação, não possuindo caráter propriamente científico, constitui, entretanto, um repositório dos principais fatos e ocorrências de interesse informativo e educacional, no setor da luta contra o câncer, no Brasil.

Precedida de um bosquejo histórico, são aqui passadas em revista, numa transcrição pura e simples, as iniciativas mais importantes de combate àquele flagelo, em nosso meio, sob forma de noticiário da imprensa leiga, entrevistas, referências, discursos, notas, palestras educativas radiofônicas, conferências populares, notícias de congressos e sociedades científicas, do lado de Decretos-leis, regimentos, providências diversas de ordem administrativa, informações sobre a criação de Ligas, Institutos, Associações e Órgãos de luta contra o câncer nos Estados.

Ainda mais, pela matéria que encerra, esta publicação é um documentário dos esforços desenvolvidos, entre nós, pelo “Serviço Nacional de Câncer”, em prol da criação de um órgão Central de combate ao Câncer, à altura de nossas necessidades.

Se, como Diretor do Serviço Nacional de Câncer, não conseguimos a instalação de um Instituto de Câncer pelas dificuldades de ordem burocrática e outras tantas que se nos vêm antepondo, ficará, ao menos, aqui registrada a soma dos nossos esforços, desde 1926 até a presente data.

Em 1931, foi frustrada nossa primeira iniciativa de caráter oficial, quando, depois de conseguida a verba de 200 contos e terminada a construção

de um pavilhão anexo ao Hospital da Triagem, depois chamado “Estácio de Sá”, acabou sendo o mesmo cedido para outro fim (Clínica Propedêutica Cirúrgica da Faculdade de Medicina).

Em 1936, recomeçando outra ordem de providências, conseguimos nova verba de 200 contos para a construção de outro pavilhão, destinado à sede de um Serviço de Câncer. Este objetivo foi colimado em 1938 com a inauguração do “Centro de Cancerologia”, modesto na arquitetura mas esmerado quanto à organização interna. Vários anos se passaram, sem que fosse possível ampliar essa pequena célula de combate ao câncer, primeiro núcleo oficialmente criado no Rio de Janeiro.

Com a passagem dos Serviços de Saúde Pública para a Administração Municipal em 1939, o Centro de Cancerologia, quando mais necessitava de ampliação, viu, naquele ato que reduzia a sua autonomia, obstáculo ao seu desenvolvimento.

Em 23 de setembro de 1941, pelo Decreto-lei n. 3.643, foi finalmente criado o “Serviço Nacional de Câncer”, para todo o país, retornando, pois, o Serviço, novamente à jurisdição do Governo Federal. Foram baldados todos os nossos esforços, em largo período de tempo, no sentido da aquisição de um próprio, pertencente à Prefeitura e sito à Praça da Cruz Vermelha, para ser instalado um grande Instituto-Hospital, aproveitando-se o arcabouço de cimento armado ali existente e um projeto de construção, já elaborado, para aquele local.

Com a transferência, em 1942, do Hospital Estácio de Sá para a Polícia Militar, vimos periclitara toda a organização já encetada e ameaçado de extinção, por falta de local, para onde se transferir, o Serviço Nacional de Câncer.

Para não haver solução de continuidade, o Serviço Nacional de Câncer foi alojado, provisoriamente, à Rua Conde de Lages, nº 54, velho casarão inadaptável às finalidades hospitalares, onde aguarda até hoje destino melhor, de acordo com seus elevados objetivos.

As precárias condições de alojamento, no entanto, não impediram que, entre outras medidas em prol da luta contra o câncer em nosso meio, fosse enriquecido o patrimônio do S. N. C., com precioso material referente a diagnóstico e tratamento da doença: radium, radon, aparelhagens de R. X., eletrocirurgia, etc.

De outro lado, jovens técnicos aperfeiçoaram-se em tão complexa especialidade, podendo já o Serviço contar com uma plêiade de médicos especializados nos diversos setores da cancerologia.

Não deixou, também, o S. N. C. de acumular um documentário de real valor, constante de fichas, observações clínicas, peças anatomopatológicas, coleção de lâminas microscópicas, museu em cera, etc., que muito tem contribuído para o ensino da especialidade a médicos e estudantes, em cursos promovidos pelo Departamento Nacional de Saúde.

Pugnando sempre por melhores instalações, necessárias ao desenvolvimento das atividades do S. N. C., sugerimos ao Governo, em 1944, numa entrevista que mantivemos com o Presidente da República, em presença do Dr. Arnaldo Guinle, a aquisição do patrimônio da Fundação Gaffrée-Guinle, pelo preço de custo de há 23 anos e sem prejuízo da campanha antivenérea.

Assentada, de comum acordo, essa transação para no Hospital daquela Fundação ser instalado o Serviço Nacional de Câncer, aguardamos duran-

te 3 anos a decisão final, esperando a transferência e lutando no desconforto com falta de material e com prejuízo para os próprios doentes que procuravam nosso Serviço, ainda na fase de curabilidade. E a transação não foi afinal realizada, deixando o Governo de efetuar por Cr\$ 11.000.000,00 a aquisição de um patrimônio que monta a mais de cinco vezes esse valor.


Ao invés da aquisição do Hospital da Fundação Gaffrée-Guinle, o S. N. C. passa agora a ocupar uma dependência do referido Hospital, em virtude do contrato de arrendamento celebrado em 31-5-1946 (D.O. 3-6-946) entre aquela Instituição e o Ministério da Educação e Saúde, enquanto aguarda sua sede definitiva.

Agora, só nos resta esperar, por mais alguns anos, a ultimação das obras do arcabouço de cimento armado da Praça Cruz Vermelha, já pleiteada outrora e hoje obtida por doação do ex-prefeito Philadelpho de Azevedo, em janeiro de 1946, com a condição expressa de ser ali instalada a sede do Serviço Nacional de Câncer, com um grande Instituto, sob pena de reverter o próprio à Prefeitura, se não for cumprida esta obrigação.

Oxalá, o atual Governo possa atender às solicitações dos servidores do S. N. C., dotando este órgão oficial de sede condigna, com a instalação de um Instituto Nacional de Câncer convenientemente aparelhado, a exemplo do que fazem outros países civilizados, para que o mesmo se torne fonte de aprendizagem e aperfeiçoamento de nossos técnicos, tanto da Capital como do Interior do país, cuidando, ao mesmo tempo, da assistência dos doentes, que hoje morrem à míngua de recursos médicos, como procurando na pesquisa a solução do magno problema que tão de perto interessa à nossa gente e quiçá aos próprios destinos da humanidade.

Dr. Mário Kroeff

Diretor do S. N. C.



Esboço histórico das primeiras atividades em prol da luta contra o câncer no Brasil

Primeiras iniciativas	08
Aspecto social do problema do câncer (Conferência do Prof. Eduardo Rabelo)	08 a 18
Primeiras organizações anticancerosas no País	19
Instituto de Radiologia da Faculdade de Medicina	19
Instituto de Radium de Belo Horizonte	19
Instituto Arnaldo Vieira de Carvalho	20
Fundação Oswaldo Cruz.	21 a 27
Outras atividades relacionadas com o aspecto médico-social do câncer	28 a 31
A eletrocirurgia como arma de combate ao câncer em nosso meio	32 a 39
Primeiras providências no sentido da criação de um Serviço de Cancerologia, em 1931	40 a 44
Noticiário da Imprensa	45 a 57

*P*imeiras iniciativas

A conferência do Prof. Eduardo Rabelo, realizada no 2º Congresso de Higiene reunido em Belo Horizonte, em 1942, sob o título: “Aspecto social do problema do câncer”, indica as primeiras providências tomadas em relação à luta contra o câncer, entre nós.

Aspecto social do problema do câncer

Conferência realizada pelo Prof. EDUARDO RABELO no 2º Congresso de Higiene, reunido em Belo Horizonte, em dezembro de 1942.

Ao mesmo tempo em que recebi o honroso convite, para falar nesta noite, foi feita a sugestão de, preferentemente, ocupar-me do aspecto social do problema do câncer. Não espereis, pois, uma exposição de dados doutrinários e técnicos por mal caberem nos temas de um congresso de higiene; eles só aparecerão de passagem, como base de deduções que se devam tirar do ponto de vista da higiene coletiva, e como pontos de apoio para a luta contra este novo flagelo, que, triste e palpitante realidade noutros países, já progressivamente nos ameaça.

O exame dos últimos dados das estatísticas oficiais nos principais países civilizados, claramente nos demonstra o acerto da designação feita acima, pois que coloca a mortalidade pelo câncer em algarismos muito próximos aos outros das maiores causas de letalidade.

Assim é que, em países onde a cifra de mortes por tuberculose tem baixado graças a medidas eficazes, como no Estado de Nova York, toma-lhe o lugar a do câncer que noutros, como a Inglaterra

lhe fica logo abaixo ou mesmo um pouco acima, como na Dinamarca.

O número extraordinariamente elevado dos óbitos de câncer nos dá o porquê das medidas que contra ele, de todos os lados, se propõem e se executam. Em França, os cálculos últimos falam de 40.000 mortes em um ano e a percentagem por 100.000 habitantes, só possível até 1914, visto não haver desta data em diante dados seguros sobre a população, assinalavam um aumento para o período de 1887-1913 de 87 para 114,6, no coeficiente.

Na Inglaterra, sobe a cifra global a 50.000 mortes anuais com coeficientes mais elevados em certas regiões como o País de Gales. As estatísticas oficiais, apresentadas pelo Ministro de Saúde Pública em 1923, revelam assim os seguintes dados até 1921: nas décadas de 1881-900 – 901-910 – 911-20 e para o ano de 1921, respectivamente: 610 – 767 – 867 – 906 e 1.007 por milhão de habitantes, o que corresponde a 3,2; 4,3; 6,1 e 8% da mortalidade geral por todas as causas, fora as mortes violentas por acidentes.

Na Alemanha, uma estatística recente feita a pedido do Prof. Orth, antigo presidente da Comissão Central de Combate ao Câncer e publicada por seu sucessor o Prof. Lubarach, apresentou

numa sessão deste ano da Sociedade Berlinense de Medicina, os seguintes resultados para o ano de 1920: morte por todas as causas, 922.350, das quais 57.000 por tumores malignos o que dá cerca de 6%. O interesse do fato, porém, é que as verificações necrópsicas que puderam ser feitas em 39.000 óbitos demonstram que essa percentagem deveria ser elevada ao dobro, tendo-se em conta os erros de diagnóstico, que foram de 8% para os cânceres externos e para os internos, de 32% para os cânceres epiteliais e 44% para os sarcomas.

Nos Estados Unidos, os dados da área recenseada dão para 1921 mais de 76.000 óbitos e se estendermos esses dados ao conjunto do país e ao pro-rata da população, teremos 93.000 mortes naquele ano contra 89.000 no ano anterior, o que dá um aumento de 4.000 mortes. A taxa de mortalidade foi assim de 86 por 100.000 habitantes em 1921, contra 83,4 em 1920; 80,5 em 1918 e 82 em 1917.

Esses dados são bastantes para demonstrar que, diante dos interesses vitais da nação, o câncer ocupa lugar importante entre os problemas higiênicos a resolver.

No Brasil, tendo em vista o território em toda sua extensão, não é ainda um problema dos mais importantes, ao lado, por exemplo, do da tuberculose que, em seu conjunto, a todos sobrepuja; já vai entretanto caminhando para sê-lo, se providências não forem tomadas, pois, nos últimos quinquênios a cifra tende a subir, sobretudo em certas cidades, como Belo Horizonte, Vitória, Curitiba, Porto Alegre, o que se demonstra no trabalho que apresentei a este Congresso em colaboração com o Dr. Sérgio de Azevedo, e onde o assunto mais amplamente foi discutido.

Diante de problema de tal magnitude, era natural que, de todos os lados, se procurasse obstar às devastações de tão importante causa de morte, e que assistíssemos, sobretudo nestes últimos anos, a tudo quanto de esforço se tem feito naquele sentido.

Como, entretanto, nada deve existir de novo sobre a terra, é força reconhecer que a luta contra o câncer, ao lado da história atual e hodierna tem

a história antiga; e é interessante notar como já naquele tempo se conhecia a questão em termos muito próximos dos atuais, afora, sem dúvida, os meios consideravelmente melhorados que hoje possuímos para o combate.

À parte a tentativa de hospitalização de cancerosos, feita em 1840 pelo Abade Godinot, em Reims, e os prêmios instituídos pelas Academias de Paris e de Lion, cerca de trinta anos mais tarde, para incentivar as pesquisas sobre a cura, pode dizer-se que os primeiros esforços para a luta contra o câncer foram feitos na Inglaterra onde, já em 1792, dirigia o Dr. Howard uma carta à direção do Middlessex Hospital, propondo a criação de um serviço de cancerosos, com o fim de tratar os doentes e de fazer pesquisas sobre a doença.

Esse esforço ficaria único se não fora a fundação em 1901, em Londres, da *Society for investigating the nature and cure of cancer*, e, ainda quase um século após, em 1899, por instigação de Malcom Morris a instalação do laboratório do Middlessex Hospital. Realização mais séria foi em 1902 levada a cabo, também em Londres, sob os auspícios do Colégio Real de Médicos e do Colégio Real de Cirurgiões com a fundação do *Imperial Cancer Research Found* cujo vasto programa de pesquisas compreendia desde logo a natureza, a causa, a profilaxia e o tratamento daquela doença. Após estas, outras organizações se seguiram como o *Cancer Hospital* (Fullhum Road), que, existindo há anos, inaugurou ultimamente um importante laboratório de pesquisas dirigido por Leitch e instalações de terapêutica física por Knox; o *Instituto de Radium*, onde sob a direção de Pintch se tratam por ano centenas de doentes, com laboratórios de pesquisas dirigidos por Mothram; o *Cancer Research Found* de Liverpool; o Serviço da *Royal infirmary* e o *Instituto de Radium* de Manchester e o *Royal Cancer Hospital* de Glasgow. Estes estabelecimentos quase todos fundados e mantidos pela munificência privada, em alguns casos auxiliada pelos poderes públicos, funcionaram até agora independentemente ou, pelo menos, sem visar a um programa de conjunto, preestabeleci-

do. O aumento considerável de mortalidade pelo câncer nos últimos anos levou agora o ministro da Saúde Pública a ocupar-se da campanha, sob os auspícios do *Departmental Comité of Cancer*, trazendo para ela desde logo o contingente oficial, sobretudo do ponto de vista de orientação das autoridades sanitárias quanto ao diagnóstico, terapêutica e profilaxia. Já no ano findo, em Londres, em visita ao laboratório de Sir Lazarus Barlow, no Diddlesex, pude ver o original da primeira circular tratando dos assuntos acima citados, à qual outras duas se seguiram sobre: efeitos do radium e raios X sobre os tecidos normais e cancerosos e sobre o resultado das operações de câncer do seio. Nessa campanha que se prepara não faltou mais uma vez a ajuda privada, solicitada pelo *Comité of British Empire Câncer Campaign* com o fim de levantar a soma de 5 milhões de libras julgada necessária para realização, organizando-se para recolher os fundos uma única comissão em que se representam além do Comité acima citado, o *Imperial Cancer Research Found* e o *Medical Research Council*.

A Alemanha foi um dos primeiros países a emprender séria campanha que, preparada com os mesmos métodos na Áustria, logrou, logo após, resultados constatados na diminuição dos casos de cânceres do útero, entre outros, por Wertheim. Fundou-se em 1900 um *Komitee für Krebsforschung*, sob a influência de Leyden e um jornal, o *Zeitschrift f. Krebsforschung*, multiplicando-se após pelas diversas cidades as comissões para estudo de câncer, os dispensários para tratamento precoce e os laboratórios para pesquisas histológicas. A essas etapas, outras se seguiram mais importantes, como o laboratório anexo para o estudo de câncer no *Instituto da Ehrlich* em Frankfurt, o *Institut für Krebsforschung* na Charité de Berlim, onde desde o começo se procurou esclarecer a origem parasitária do câncer e que, incessantemente desenvolvido, possuía nestes últimos anos, laboratórios para investigações químicas, bacteriológicas, histológicas, serviço químico e serviço de

radium e radioterapia. Em 1906, por ocasião da inauguração da *Samariterhaus* ou Instituto Czerny em Heidelberg, para o câncer, ainda hoje talvez o maior no gênero da Alemanha, reuniu-se sob a iniciativa do *Komitee für Krebschung*, a primeira conferência internacional contra o câncer, que lançou por esse tempo as bases de uma sociedade internacional fundada em 1908, com um jornal, o “Câncer”, tendo entretanto uma e outro logradouro vida efêmera. O grande instituto acima citado é um verdadeiro hospital, com laboratórios anexos, onde são recebidos doentes e examinados os suspeitos de câncer, tratando-se aqueles pelos processos mais modernos e eficazes e fazendo-se pesquisas químicas, bacteriológicas, parasitológicas e histológicas.

A guerra esmoreceu um pouco esta campanha pela carência de recursos; mas depois dela, a ciência alemã não parou nos seus surtos de aperfeiçoamento. Graças a ela, já tinha vindo à luz a grande descoberta de Roentgen, sucessivamente aperfeiçoada nas suas aplicações à medicina e especialmente à terapia do câncer em que culminou nestes últimos tempos com o método de Wintz e Seitz, da radioterapia profunda. Quaisquer que sejam as restrições atuais sobre os métodos primitivos de Erlongen, não é, contudo, menos certo, que eles fizeram dar um passo adiante não só do ponto de vista da técnica física como da terapêutica.

Outros países menores, como a Dinamarca, não se descuidaram do problema do câncer, que neste país é controlado pela “Comissão do Câncer” sob a direção de Jensen e Fibiger. Este comitê, além de inquérito muito interessante feito há alguns anos, instalou um laboratório central de anatomia patológica para onde são enviadas, de todos os países, as peças para exame e um Instituto de Radium e Roentgenterapia para tratamento.

A descoberta dos raios X e sua aplicação à cura do câncer já tinha trazido novas armas e, com elas, novas esperanças e conseqüente multiplicação de esforços na luta contra o câncer. Mas a descoberta do radium que deu à ciência francesa

um de seus maiores padrões de glória, pela ação mais geralmente apreciável na terapêutica, pelo seu mais fácil manejo, e ainda pelo caráter quase miraculoso que se emprestou ao metal, que vinha resolver antigos postulados da físico-química, avivou nos espíritos as esperanças já despertadas e deu incontestavelmente, pela possibilidade de uma outra solução prática, novo surto ao estudo da cancerologia. De nossos dias, pode dizer-se que vem cabendo à França o esforço bem orientado no sentido da sistematização do emprego dessas novas armas contra o câncer.

A parte as tentativas de séculos atrás para hospitalizar cancerosos e os prêmios propostos para incentivar pesquisas, foi só em 1892 que com Verneuil e Duplay se fez naquele país um novo esforço pela solução do problema, fundando-se a “Liga contra o câncer e a Revista de doenças cancerosas” que afinal não tiveram grande duração.

Graças aos esforços principais de Poirier e depois de Pierre Delbet, que foi seu secretário geral, fundou-se em 1908 a *Association Française pour l'étude du Cancer* que conseguiu convocar com grande sucesso a 2ª Conferência Internacional do Câncer para 1910, em Paris. Essa Associação, hoje a mais importante no gênero, publicou um magnífico boletim das sessões, o “Atlas do Câncer” e tomou, sobretudo após a guerra, com as presidências de Darier e Delbet e o Secretariado geral de Roussy, um grande surto de trabalho fecundo. Não é das menores demonstrações de seu grande prestígio científico, a convocação, em Strasburgo, em 1923, do Congresso Internacional do Câncer, cujo amplo sucesso é de todos conhecido, e ocasião em que tão boa impressão causou a comunicação do Prof. Borges da Costa sobre a criação e funcionamento do Instituto de Radium de Belo Horizonte. Nestes últimos tempos fundou-se, ainda em Paris, pelas atividades grupadas em torno do Prof. Hartmann a “Liga franco-anglo-americana contra o câncer” com o fim mais especial de assistência e propaganda e de subvencionar as investigações científicas e criar centros de tratamento.

Uma das obras mais meritórias promovidas nesses últimos tempos foi a criação da “Fundação Curie” e sobretudo do seu laboratório de biologia, entregue à direção superior e à competência da primeira ordem do Prof. Régaud, e que funciona hoje com amplos laboratórios de pesquisas, oito aparelhos de raios X penetrantes, dois gramas de radium, um oferecido por Mme. Curie e outro pelo Dr. H. Rotschild, com dispensários para tratamento externo e cerca de 40 leitos no Hospital Pasteur e na casa de Saúde de Gosset, na Rua Antoine Chontin.

O esforço francês não ficou na iniciativa privada e, logo após a guerra, o Conselho Municipal de Paris fez doação de dois e meio milhões de francos para instalar em alguns hospitais, centros de tratamento de câncer, sendo escolhidos os serviços dos profs. Hartmann, no Hotel-Dieu, Proust, no Tenon e Gosset, na Salpêtrière; logo após, o Conselho Geral do Sena estabeleceu um magnífico serviço para o tratamento e pesquisas sobre o câncer no “Hospice Paul Brousse” entregue à alta competência do Prof. Roussy e que de nossos dias se tornou um dos melhores centros de estudos, possuindo laboratórios de pesquisas, ambulatórios e salas para doentes.

A todos esses esforços prestou-se finalmente o ministério de higiene sob direção de Paul Strausse a quem tanto deveu a organização de saúde pública naquele país.

A fim de centralizar as atividades e dedicações dispersas começou por nomear uma “Comissão do Câncer”, ligada ao seu ministério, a fim de estudar e propor as diretrizes a observar numa seção coordenada contra aquela doença, comissão esta que sob a presidência de Quenu se reúne duas vezes por ano para discutir as proposições estudadas pelas diversas secções especializadas e transmiti-las ao ministro. Um dos resultados práticos a que já se chegou foi a adoção do projeto de Bergonié sobre fundação de centros regionais contra o câncer, estatuídos em decreto do governo em novembro de 1922, criados e subvencionados pelo governo

segundo normas prefixadas, com o aproveitamento, conforme o caso, do pessoal das Faculdades de Medicina e com o auxílio dos poderes públicos regionais e cooperações filantrópicas. Em menos de dois anos já estão criados onze centros dos quais quatro em Paris e cinco nas províncias em Bordeaux, Lyon, Strasburgo, Toulouse, Montpellier, Rennes e Nancy, estudando-se já a instalação de outros em Nantes e Dijon.

O sucesso desse tentame, segundo Bergonié, não deixará dúvidas a julgar pelo que se verifica com o funcionamento do mais antigo daqueles centros, o Bordeaux, cuja capacidade de trabalho e excelência de direção tive oportunidade de conhecer no ano passado.

Na Bélgica, sob a direção inteligente do Prof. Bayet tem sido muito incrementada a campanha contra o câncer, dirigida pela “Liga Belga contra o Câncer” da qual é ele competente e devotado presidente. Além da propaganda levada a efeito pela liga, sob o patrocínio da Rainha, organizou-se no Hospital Depage, da Cruz Vermelha, um centro com laboratórios de pesquisas, dispensários e tratamento cirúrgico, raios X e radium, instituto esse que também funciona sob a direção daquele professor. Em fins do ano passado, pôde promover a Liga, em Bruxelas, um Congresso de Câncer que se reuniu com grande sucesso e onde foram lançadas as bases para a fundação de uma “Liga internacional contra o câncer”, secundando os esforços anteriormente feitos no sentido de uma cooperação mundial, de que são exemplos os inquéritos levados a efeito no ano passado e neste ano pelo *Office Internacional d’Hygiène Publique* e pelo *Comité d’Hygiène*, da Liga das Nações.

Para não alongar a exposição seja-me permitido não me deter na relação do que se tem feito noutros países da Europa, como a Holanda, a Áustria, a Itália, a Espanha e Portugal, onde ligas e federações contra o câncer e a inauguração de institutos de pesquisas e tratamento têm sido levados a efeito nestes últimos tempos.

Na América, coube a dianteira aos Estados Unidos, pelos meios de que dispõem e pela urgência de solução para o problema do câncer, que consome por ano cerca de cem mil vidas.

Começou o movimento contra as afecções cancerosas em 1898, com a criação em Buffalo, uma das regiões onde o mal era freqüente, do primeiro instituto exclusivamente destinado ao câncer, o *Cancer Laboratory of the N. Y. State Board of Health*, que em 1913 anexou um hospital, tendo sido fornecida, em 1920, pelo Estado de Nova York, a soma necessária à compra de radium. Em 1899 estabeleceu a Universidade de Harward uma comissão para o estudo do câncer na sua escola e no Massachusset Hospital. Dedicando-se em princípio às pesquisas, possui hoje serviço de Harward o hospital da doação Hutington para cancerosos, transformando-se assim num dos centros mais importantes da cancerologia. Um dos centros mais importantes do país são, porém, os laboratórios do St. Louis Hospital, o do Instituto Rockefeller e o Crooker Found, anexado à universidade de Columbia. As indicações acima reúnem, porém, muito palidamente, o que fez de eficiente para a luta contra o câncer nos Estados Unidos, mesmo sob o ponto de vista do tratamento; não podemos deixar de mencionar, entretanto, a existência da *American Association for Cancer Research*, que publica o apreciado *Journal of Cancer Research* e a *American Association for the Control of Cancer* que promove uma intensa e contínua campanha de educação neste sentido, dirigido não só ao público como aos profissionais médicos, dentistas, parteiras e enfermeiras inclusive, e publica um boletim mensal *Campaign notes* em que se dá conta de quanto no país se faz em tal sentido. Do lado dos poderes públicos, diversos Estados como o de New York estabeleceram o “Controle” do câncer e em todos os pontos do país, em centenas de hospitais, são os doentes convenientemente tratados e amparados. Na América do Sul, na Argentina, está a campanha bem orientada nas mãos de Ro-

ffo, que a centraliza no seu admirável *Instituto de Medicina Experimental*, que tem por escopo a investigação científica, a assistência social e a cultura profissional em suas relações com o câncer. Possui o Instituto, magnificamente instalados, ambulatórios, salas de hospitalização, laboratórios de pesquisas experimentais e todo o equipamento moderno para tratamento do câncer, que como se sabe, tem cifra de mortalidade relativamente elevada na Argentina. Para os fins de propaganda fundou-se uma *Liga Argentina Contra Cancer*.

No Uruguai, muito faz pelas pesquisa no terreno da terapêutica pelas radiações, o *Instituto de Radiologia* de Montevideu, anexado à Faculdade de Medicina, prestando também assinalados serviços na luta contra o câncer, que tem índice de mortalidade muito elevado naquele país.

No Brasil, quem primeiro falou na necessidade de organizar-se a luta contra o câncer foram os Drs. Juliano Moreira e Álvaro Ramos, que pouco após o início da campanha na Alemanha e levando em conta o eco que tinha ela também encontrado em Portugal, trataram de promover igual movimento no país, tendo para isso procurado o Dr. Oswaldo Cruz, então diretor de Saúde Pública, para um entendimento no sentido de levantar-se o censo por meio de um inquérito entre os médicos. Mais tarde ainda, o Dr. Ramos, de acordo com o Dr. Seidl, então Diretor de Saúde, voltando ao assunto, chegou mesmo a mandar imprimir boletins de inquérito para distribuição entre os clínicos. Infelizmente por uma ou por outra razão, não pôde ter seguimento esse projeto. Citando as tentativas feitas para que o poder público se ocupasse da questão, não devo todavia calar que entre diversos colegas tem a questão despertado interesse publicamente manifestado, como é o caso para José de Mendonça, Fernando Magalhães, Oscar Clark, Augusto Werneck, Moncorvo Filho, Meirelles, etc.

Há cerca de cinco anos instalou a Faculdade de Medicina, graças aos esforços de seu Diretor, Prof. Aloysio de Castro, junto ao ministro Maximiliano, o “Instituto de Radiologia”, onde na se-

ção de radioterapia, alguma coisa já se tem feito para tratar os cancerosos, estabelecendo-se uma ficha para os doentes matriculados, que é um verdadeiro inquérito sobre a doença.

Em S. Paulo, após uma campanha que, com muita honra para mim, se iniciou com uma conferência sobre o câncer, foi subscrita uma soma de cerca de mil contos para aquisição de radium e aparelhos de raios X do futuro instituto, que brevemente será inaugurado, anexo ao hospital da Santa Casa.

Estava, porém, reservado ao Estado de Minas, figurar na primeira linha, instalando por deliberação do Dr. Arthur Bernardes e segundo os planos do Prof. Borges da Costa, o magnífico Instituto, o primeiro do país e que poderá servir de modelo a tudo o que de futuro se vier a fazer. Para testemunhar a sinceridade destas palavras eu não preciso senão pedir-vos para que recordeis agora o que nossos olhos viram hoje entre maravilhados e orgulhosos, por possuímos em nosso país um tal estabelecimento e da maneira por que vem seu competente Diretor e devotados auxiliares executando seu tríplice programa de investigação, de terapêutica e de esclarecimento.

Do exposto, se verifica que já começamos a possuir elementos para o início da ação social que devemos dirigir contra o câncer; de nada importa dizer que a cifra de mortalidade é ainda relativamente pequena, pois que pequena também o fora para outros países onde o câncer agora é um flagelo.

O sobretudo nos importa é não esquecer que essa cifra sobe progressivamente de quinquênio em quinquênio e que, se providências não vierem, se não tivermos previdência, uma das maiores virtudes do higienista, por isso que se integra na essência mesma de seus propósitos, não estará longe o dia de nosso tributo.

Foi assim pensando, que o Dr. Chagas codificou essas aspirações incluindo na nossa lei sanitária disposições relativas à luta contra o câncer e a sua profilaxia, disposições estas que são as seguintes:

Capítulo XII – Câncer

– Artigo 476. Em relação ao câncer (tumor ou neoplasma maligno) serão observadas no Distrito Federal as seguintes disposições:

I – Os atestados de óbitos só deverão ser passados em impressos que tragam quesitos especiais sobre o câncer, organizados pela Inspetoria da Lepra e das Doenças Venéreas. Tais impressos serão encontrados na sede das inspetorias, nas delegacias de saúde e nas farmácias. Todos os dados coligidos serão coordenados pela Inspetoria da Lepra e das Doenças Venéreas, que deles fará relatório anual ao Diretor do Departamento de Saúde Pública.

II – O Departamento Nacional de Saúde Pública facultará aos interessados a execução das medidas sanitárias que julgar indicadas, quanto aos domicílios em que ocorreram casos de óbitos de câncer.

III – Mediante requisição à Inspetoria da Lepra, serão facultados, gratuitamente, pelos laboratórios do Departamento de Saúde Pública, os exames e pesquisas necessárias para fixação do diagnóstico dos casos de câncer.

Serão para tal fim organizadas e distribuídas instruções que regulam a colheita do material para tais exames e que vulgarizem as facilidades oferecidas para sua execução.

IV – Será organizada a campanha de educação contra o câncer, tendo como principais objetivos lembrar aos profissionais e fazer o público conhecer os seguintes fatos:

- a) – a importância, na luta contra o câncer, da modificação ou eliminação de certas causas predisponentes e das manifestações pré-cancerosas;
- b) – a necessidade de não ser esquecida a possibilidade de cura de muitos casos de câncer se forem feitos, precocemente, o diagnóstico e o tratamento adequados;

c) – a noção do perigo que traz para os doentes o charlatanismo médico e farmacêutico, fazendo-se esquecer o dever primordial de tratar-se desde logo pelos meios mais seguros com médico devidamente qualificado.

V – A juízo do Governo poderá ser feito acordo entre a Inspetoria e associações ou estabelecimentos idôneos com o fim de fundar-se um Instituto de câncer onde sejam feitas pesquisas experimentais e o tratamento gratuito dos pobres. Esse acordo será assinado pelo diretor geral, ficando o estabelecimento sob a fiscalização da Inspetoria.

A primeira alínea se refere à estatística dos óbitos de câncer. Sem dúvida o ideal seria a notificação compulsória, mesmo confidencial, dos casos e não só dos óbitos. Essa opinião extrema não tendo ainda recebido sansão geral, preferiu o regulamento começar pela declaração dos óbitos, cumprindo não esquecer que, pelo mesmo regulamento, tem o diretor a faculdade de propor ao Governo a obrigatoriedade de notificação de qualquer doença desde que haja necessidade justificada. A orientação seguida corresponde aos conselhos de congressos e conferências que se têm ocupado da questão, notadamente da conferência de 1910, que propôs quesitos a serem apostos aos atestados de óbitos com o fim de serem obtidos dados uniformes e comparáveis entre diversos países. Esses quesitos foram organizados pela Inspetoria a meu cargo, de acordo com a de Demografia, e sua reprodução fotográfica será daqui a pouco projetada. Estabelecido há 3 anos, têm as respostas subido de número gradual e satisfatoriamente, delas sendo extraído um resumo anual que é enviado ao Diretor de Saúde e que, com o tempo, será um interessante repositório de informações.

No consenso dos que se têm ocupado da questão, estarão muito aquém da verdade as estatísticas referentes à frequência do câncer no Brasil, mesmo em áreas como a Capital Federal e cidade de São Paulo, onde existe serviço demográfico há mais largo tempo e melhor organizado. A falta de

pensar no câncer, de se procurar estabelecer com segurança o diagnóstico, pela carência dos meios de verificá-lo postos ao alcance dos clínicos, é, com toda probabilidade, uma das causas de estatística baixa entre nós.

O apelo feito pelo Departamento de Saúde em relação à notificação precisa dos óbitos se completa, pois, com a disposição da alínea III, na qual se oferecem aos clínicos os necessários exames para fixação do diagnóstico. Já foram distribuídas instruções sobre este serviço, dispondo sobre o modo de ser feita a colheita do material a ser enviado para exame, acompanhado de alguns quesitos de esclarecimento sobre cada caso. Se, pois, for atendido o apelo da repartição sanitária e se forem utilizadas as facilidades oferecidas para o diagnóstico, poderemos contar com estatísticas mais perfeitas.

Ficando dentro de um ecletismo conservador e sem guiar-se por opinião externa, não houve ainda decisão definitiva sobre a questão de considerar desde já o câncer como doença contagiosa, o que, aliás, nenhuma legislação ainda hoje o fez, de modo formal. Como se viu, porém, e julgando assim não faltar ao dever de proteger a saúde coletiva, dispôs na alínea II, que seriam facultadas as medidas que julgar indicadas nos domicílios onde ocorreram casos ou óbitos de câncer, facilitando assim a desinfecção ex-offício, apesar de não ser ainda o câncer doença de notificação compulsória.

A alínea IV, a mais importante de todas, refere-se à propaganda higiênica contra o câncer e formula as condições possíveis, atualmente, de sua profilaxia, campanha esta que, como todas as suas congêneres, é dirigida aos profissionais e ao grande público. Repousa a propaganda em três itens: importância da modificação ou da eliminação de certas causas predisponentes e das manifestações pré-cancerosas; possibilidade da cura facilitada pelo diagnóstico precoce e procura de médico qualificado; aviso contra o charlatanismo em relação ao tratamento do câncer. Esta propaganda será feita por meio de cartazes, folhetos, conferências e palestras educativas, filmes, exposições,

etc., assim como pela ação de enfermeiras visitantes, não esquecendo o apelo ao concurso dos profissionais, médicos, dentistas, parteiras, quer individualmente, quer por intermédio de suas associações, assim como a colaboração da imprensa profissional e extra-profissional.

Ignorando-se a causa determinante do aparecimento do câncer e conhecendo-se apenas o importante papel exercido por certas causas predisponentes, tem-se feito contra esta doença, como aliás contra outras, uma campanha de prevenção em torno do afastamento destas causas, particularmente de algumas como a irritação continuada, que é sem discrepância por todos aceita como de real importância. De outro lado, tem-se reconhecido que, em alguns casos, antes de certa porção de tecido tornar-se cancerosa, neste local se processam alterações inflamatórias crônicas ou então precede ao câncer uma afecção benigna, que, pela frequência com que evolue para a malignidade, sob determinadas condições, é tida como pré-cancerosa.

O conhecimento deste fato e o afastamento destas condições que conduzem à malignidade têm importância geral em relação a qualquer câncer, sendo de maior valor, como daqui a pouco veremos, para os tumores da pele e de certas mucosas situadas em órgão, que, como nenhuns outros, podem apresentar lesões pré-cancerosas e, o que é mais, sujeitos a múltiplas causas de irritação.

A noção de que as neoplasias malignas podem ser precedidas de alterações crônicas de ordem inflamatória ou congestiva e por processo hipertrófico e hiperplásico, não é nova e, sem contar o que clínicos como Hutchinson, Billroth, Brun, Dubreuil têm referido, podemos citar a opinião de um anatomopatologista como Orth, um dos criadores da expressão “afecção pré-cancerosa”. Mais modernamente esta opinião pode ser resumida nas palavras de Menetrier, quando diz que o câncer epitelial não é verdadeiramente uma entidade primitiva, mas o final de uma série de estados patológicos preparatórios. Opinião mais ou menos análoga é a de Ewing, o bem conheci-

do oncologista da Cornell University. Mas antes mesmo deste estado preparatório de pré-câncer, a observação clínica nos dá conta da existência de vários estados mórbidos que, sem corresponderem àquela fase preparatória, como diz Darier, “... são tão freqüentemente origem de cânceres, que a coincidência não pode ser efeito de simples acaso” e, por isso, são denominadas lesões ou afecções pré-cancerosas. Deve ficar desde logo bem claro que a transformação destas lesões em câncer não é de nenhum modo fatal, antes mesmo excepcional para algumas delas, como, por exemplo, certos nevos, tal a freqüência com que estes últimos existem, por assim dizer, em todos nós e a raridade e mesmo exceção com que se tornam malignos. A colocação, porém de tais afecções neste grupo, além da razão doutrinal decorrente de sua possível transformação em uma das mais graves espécies de câncer da pele, é também justificada pela necessidade de prevenção dos nevocarcinomas, que podem ser evitados, desde que o clínico não esqueça aquela noção.

Não só para os tumores epiteliais de diversa localização, como até mesmo para certos sarcomas, têm sido admitidos estados pré-cancerosos. Em relação à pele e às mucosas e regiões paramucosas, clínicos como Hutchinson já falaram, há mais de cinquenta anos, no papel que representavam certas lesões sifilíticas na produção do câncer, e um cirurgião, como Bergmann, apoiado em longa prática, foi mais longe quando disse que o câncer primário da pele, sem prévia lesão cutânea, “praticamente não existia”.

Como diz Ewing, as lesões do pré-câncer, em sua maioria anatomicamente representadas por formas específicas de inflamação crônica, são oriundas de lesões sifilíticas, tuberculosas, actínicas, piogênicas e até mesmo catarrais, contanto que não falhe o caráter crônico e a irritação continuada; provêm, outras vezes, da involução fisiológica de certos órgãos como o seio e a próstata ou da hipertrofia regeneradora, que parece predominar como causa de certas neoplasias do fígado e

das glândulas de secreção interna e, finalmente, podem ter origem na transformação maligna de certos tumores benignos, como é o caso para os nevos, para certos adenomas do seio, etc.

Do ponto de vista da campanha contra o câncer do tegumento cutâneo, e das mucosas visíveis, tem o conhecimento desses fatos valor extraordinário, pois as opiniões atuais quanto à freqüência de uma lesão prévia que antecede o câncer, nestes casos, repousa em numerosas estatísticas e é apoiada, como acima já vimos, pelas mais abalizadas opiniões. Sem querer citar senão algumas, reporto-me ao resultado a que chegou a comissão de inquérito da Sociedade Médica de Pensilvânia, em seu relatório publicado há alguns anos e no qual, depois de estatuir que cerca de 50% dos cânceres estudados provinham do desenvolvimento maligno de uma lesão pré-cancerosa, concluía do seguinte modo:

“Em outras palavras, em quase metade dos doentes enviados para os médicos com um câncer já inteiramente declarado, houve manifestações prévias que poderiam ter sido curadas, evitando-se assim o desenvolvimento do câncer”.

Não menos concludente, antes mais extremada, é a opinião de uma outra autoridade americana, o cirurgião Bloodgood, quando refere que em 820 casos de câncer da pele e das mucosas visíveis, jamais pôde achar, após história clínica bem apurada, um só que não tivesse começado por uma lesão benigna, pré-cancerosa.

As leucoplasias têm importância mais como gênese do cancro das mucosas visíveis, particularmente da dos lábios, da língua e das bochechas e dos órgãos genitais. Para a mucosa gástrica não é certamente de desprezar o papel que representam as cicatrizes de úlceras, em muitos casos luéticas, provando assim o papel remoto de certas infecções no pré-câncer.

Outro objetivo da campanha será tornar conhecida a necessidade do diagnóstico precoce, e a imediata intervenção terapêutica que, segundo

recomendações contidas em outra alínea, deve ser desempenhada por médico devidamente qualificado e pelos meios mais seguros.

A noção do câncer, doença local, a princípio, é hoje bem conhecida para que se necessite demorar nesse ponto. Não posso, porém, deixar de lembrar os importantes problemas de ética profissional que muitas vezes envolvem tais casos, quer quanto à fixação de diagnóstico seguro e precoce, quer quanto ao melhor meio terapêutico a empregar. Repousa, pois, sobre os ombros dos profissionais a parte mais importante desta campanha, não só no que lhes toca em relação à educação profilática do público, como à sua ação como clínicos.

Finalmente, a alínea V do regulamento se refere a dois pontos muito importantes da luta contra o câncer: as facilidades de tratamento dos doentes, sobretudo pobres, e as pesquisas experimentais.

Pode-se dizer que, se hoje não dispomos de um meio único de cura do câncer, temos, entretanto, mais de um que, como a cirurgia, o radium e os raios X, a eletrólise, a diatermia, pode por si só, ou conjugados uns aos outros, dar conta de grande número de curas. Seria outrossim de maior importância que os cânceres fossem tratados pelos mais adestrados e, conforme a sua localização, junto ao técnico de raios X, de radium, de eletricidade, estivesse o cirurgião, o ginecologista, o dermatologista, o laringologista, etc., a fim de que, com melhores agentes manuseados pelos mais hábeis, fossem conseguidos os melhores resultados. De outro lado, é de evidente necessidade o estudo contínuo e acurado dos problemas que envolvem sobretudo a etiologia dos tumores malignos, para que se possa ter base mais segura para a profilaxia e terapêutica, razão por que os programas de luta contra o câncer incluem também as pesquisas experimentais. É isto o que atualmente se procura conseguir com a fundação dos institutos de câncer, não adstritos somente à parte clínica, mas tratando também da parte experimental, que, de outro lado, por vezes é estudada à parte, em institutos de patologia experimental.

Nesse ponto, vós outros aqui em Minas, estais providos do que há de melhor, com o Instituto de Radium.

Posso entretanto anunciar que também nesta parte vai ter seguimento o programa de luta contra o câncer estabelecido pelo Departamento de Saúde Pública, pois, mercê de generosa doação da família Guinle, que já fez a oferta à Fundação Oswaldo Cruz, vamos ter brevemente um Instituto de Câncer onde se trate não só da parte experimental como também da terapêutica, empregando-se neste último caso todas as armas de que dispomos, desde a cirurgia até o radium, os raios X e a eletricidade, em suas diversas modalidades.

Como vereis quando, daqui a pouco, forem projetados os dispositivos, esse instituto, será, uma vez concluído, um dos mais bem aparelhados, repousando o seu plano no caráter de centro de profilaxia do câncer, para este fim incluindo todos os modernos requisitos.

De um modo geral, ele abrangerá o problema do tratamento e das pesquisas, sem nunca esquecer a sua finalidade profilática. A parte de tratamento será provida de uma policlínica geral, com consultas sobre afecções dos diversos órgãos e aparelhos. Receberá este serviço no ambulatório, os doentes que a propaganda aí diretamente levar e aqueles que lhe forem enviados para diagnóstico pelos diversos clínicos da cidade. Uma vez reconhecido o câncer, conforme as condições, terão os doentes ou tratamento no ambulatório, ou serão internados, estando, além disso, previstas acomodações para pequenas permanências de 24 e 48 horas em locais especiais.

O hospital poderá acomodar cerca de 150 doentes, recebidos conforme os casos, em quartos e pequenas salas para indigentes, e apartamento para abastados.

Em relação aos agentes terapêuticos, serão reunidos todos os que melhor emprego têm, estando previstas para desde logo instalações de quatro aparelhos de radioterapia profunda, além de aparelho para diagnóstico, um mínimo de um

grama e meio de radium, aparelho para extração de emanção e tudo mais necessário à Roentgen e Curieterapia, como sejam gabinete de medidas, pequeno laboratório de pesquisas, etc. Para dirigir cada uma destas seções haverá um especialista, se necessário contratado fora do país e que trabalhará, conforme o caso clínico, com o cirurgião, o ginecologista, etc.

Ao lado desses recursos estão os serviços de cirurgia geral e ginecologia bem providos de sala de operação com aparelho de fluoroscopia e todos os requisitos indispensáveis.

Tanto os doentes do ambulatório como os do hospital, quando tiverem alta, ficarão sob a vigilância de enfermeiras visitadoras, para o que haverá anexo um serviço social.

A parte experimental é amplamente considerada e funcionará em duas edificações: uma destinada a diversas seções de parasitologia, bacteriologia, anatomia patológica, embriologia, físico-química, etc. e outra particularmente à terapêutica experimental com biotério, sala de operação para animais, gabinete de radiações experimentais com aparelhos destinados a animais, etc.

Como vedes deste pequeno resumo, é esta a grande obra de filantropia e de ciência que foi generosamente oferecida à Fundação Oswaldo Cruz pela benemérita família Guinle, que, pelo já realizado com a Fundação Gaffrée e Guinle, “valioso e relevante serviço prestado à República” como já o governo oficialmente declarou, vem prestar mais um serviço inestimável em prol da saúde e da vitalidade da Nação.

Resumindo, pois, temos que no programa do Departamento de Saúde Pública incluir o seguinte:

- a) – estabelecimento de estatísticas mais perfeitas e uniformes dos óbitos de câncer;
- b) – execução das providências sanitárias necessárias nos domicílios onde houve caso ou óbito de câncer;
- c) – gratuidade dos exames de laboratório que forem precisos para fixação do diagnóstico;
- d) – organização da campanha de propaganda contra o câncer;
- e) – fundação de institutos de câncer com fins terapêuticos e experimentais.

Este programa assenta no que de mais eficiente se tem proposto para a luta contra o câncer, tudo dependendo agora dos recursos que estão postos à disposição da autoridade sanitária e dos que de futuro lhe serão entregues. O programa já começou a ter execução em relação a alguns dos seus pontos, como sejam: estabelecimento dos quesitos nos atestados de óbito, distribuição de instruções sobre colheita de material e campanha de educação mediante cartazes, folhetos e filmes, como se verá das projeções.

Para intensificar a campanha, esperamos apenas a conclusão do Instituto, que, de acordo ainda com disposição prevista no Regulamento de Saúde Pública, poderá encarregar-se de boa parte desta.

Esperemos, pois, o grande advento: se em nosso país o câncer progride, de outro lado a previsão dos nossos estadistas, dos nossos médicos e higienistas e a generosidade de nossos filantropos se prepara para dominá-lo com as armas que a ciência agora nos oferece e com aquelas outras que o futuro nos reserva.

Primeiras organizações anticancerosas do país

Instituto Álvaro Alvim

Álvaro Alvim foi o pioneiro da radioterapia no Brasil.

Tendo-se dedicado, desde o ano de 1893, à eletroterapia, em uma de suas viagens de estudo à Europa, em 1907, adquiriu, em Paris, a melhor aparelhagem de raios X existente na época.

Instalou, em 1908, no Rio de Janeiro, uma clínica especializada, a qual pela extensão de suas instalações, recebeu, por sugestão de Rui Barbosa, o nome de Instituto Álvaro Alvim.

Trabalhando com os elementos radioativos sem a devida proteção, dentro de alguns anos, começou a sentir as conseqüências nocivas das irradiações. Por volta de 1916, surgiram-lhe as primeiras manifestações de radiodermite nos dedos da mão esquerda.

Avisado dos perigos decorrentes da exposição contínua aos raios X, prosseguia contudo nos estudos da radioterapia, atendendo ao mesmo tempo seus inúmeros clientes, na maioria, gratuitos.

Apesar de submeter-se a diversos tratamentos, aqui e no estrangeiro, o mal evoluía em sua progressão inexorável, perdendo sucessivamente os dedos da mão esquerda e mais tarde os da direita. Por fim, sofreu a amputação do antebraço direito e faleceu em 1928, com generalização do mal.

Foi, assim, o primeiro mártir da radioterapia no Brasil, dando raro exemplo de devotamento ao cumprimento do dever profissional e amor à nova ciência, que surgindo envolta em tantas surpresas, continua a despertar o maior interesse científico.



Instituto de Radiologia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro

O Instituto de Radiologia da Faculdade Nacional de Medicina foi inaugurado em 10 de abril de 1919, sendo diretor da Faculdade, o Prof. Aloysio de Castro. Sempre funcionou como dependência da Clínica Dermatológica e sifilográfica, sendo, assim, o seu primeiro diretor, o Prof. Fernando Terra, auxiliado pelo Prof. Eduardo Rabelo e pelos assistentes Drs. A. F. da Costa Junior e Eduardo Satamini.

Instalou-se, inicialmente, no Pavilhão de Higiene da antiga Faculdade de Medicina, à Praia de Santa Luzia, mudando-se, em 1921, para a Rua Evaristo da Veiga, 136, e, em 1932, para o Pavilhão São Miguel, na Santa Casa, onde se instalou definitivamente.

Possuía, de início, 56 centigramas de Bromureto de Radium, distribuídos em placas e tubos, recebendo mais tarde, 17,5 centigramas do mesmo, em tubos e agulhas, perfazendo o total atual de 73,5 centigramas.



Instituto de Radium de Belo Horizonte

Inaugurado na Presidência Arthur Bernardes, obedecendo aos planos do Prof. Borges da Costa.

Instituto “Arnaldo Vieira de Carvalho”

Histórico de sua fundação

Data de 1921, o primeiro movimento em São Paulo, de alcance social, no tocante ao problema do câncer. Chefiou-o o Professor Arnaldo Vieira de Carvalho, então Diretor da Faculdade de Medicina e da Santa Casa de Misericórdia, que, impressionado com as devastações do flagelo, apresentou à Sociedade de Medicina e Cirurgia, na primeira presidência Ayres Netto, a idéia de se fundar um Serviço com a quantidade de radium suficiente para atender, no particular, às necessidades imediatas da nossa população hospitalar e geral.

A sociedade de Medicina acolheu calorosamente a idéia e nasceu, incontínente, uma comissão composta dos Drs. Arnaldo Vieira de Carvalho, Oswaldo Portugal, Raphael Penteado de Barros, investida de plenos poderes para agir neste sentido. Ao prestígio social, reputação científica e autoridade do notável cirurgião paulista que presidia a comissão, não foi difícil obter, em subscrição pública, que se tornou memorável, os meios necessários à consecução da idéia. Algumas centenas de contos formaram, para logo, um patrimônio respeitável, aumentando mais tarde, para cerca de mil contos de réis, por uma operação cambial feliz, quando da aquisição do precioso metal, e também, em virtude de juros acumulados.

Infelizmente o Dr. Arnaldo sobreviveu apenas alguns meses ao lançamento do plano que ideara.

O primeiro impulso porém, já estava dado.

Pelo falecimento deste grande vulto, coube ainda à Sociedade de Medicina, então já sob a presidência Rezende Puech, estabelecer o preenchimento de vaga da comissão, sendo nomeados o prof. Ovídio Pires de Campos e o Dr. Diogo de Faria, ambos substitutos do Dr. Arnaldo, respectivamente na diretoria da Faculdade de Medicina e na direção clínica da Santa Casa de Misericórdia.

a) Data da fundação – 1921.

b) Primeiro diretor: Dr. Ovídio Pires de Campos.

c) Aquisição de Radium – em 1921 – 35,5 mg – em 1937 – 400,00 mg. Este ano (1945), foram encomendados 500,00 mg na “Canadian Radium and Uranium Corporation”.

d) Aparelhos de Radioterapia – O Serviço de Radioterapia nasceu por uma reforma em 1945. Dispõe atualmente de 3 aparelhos de radioterapia profunda, 1 de radioterapia superficial, e uma instalação para pesquisa.

Fundação Oswaldo Cruz

Os estatutos, aprovados em assembléia geral, realizada em 2 de março de 1927, rezam no art. I – A. F. O. C., sob auspícios de perpétuo culto à memória do sábio patricio, pretende objetivar os seus destinos na constituição de obras de assistência, instituição técnica e educação profissional que, entrevistas num programa de vida coletiva, possam convocar estímulos e disciplinar energias no exato sentido de sua imediata realização.

Urge salvar a grande obra da Fundação Oswaldo Cruz

○ Jornal, 11 de março de 1928

O tocante apelo que o seu presidente, Dr. Salles Guerra, dirigiu ao Presidente da República, solicitando a interferência do Chefe da Nação para que o Instituto do Câncer possa prosseguir nos grandes serviços que está executando.

Em 23 anos morreram nada menos de 9.685 pessoas de câncer, só no Rio de Janeiro.

Na América do Norte há 100 mil mortos de câncer, anualmente, e em todo o mundo mais de um milhão.

O Dr. Salles Guerra, presidente da “Fundação Oswaldo Cruz”, fez entrega ao Presidente da República do memorial abaixo, em que vem explicada a situação desta instituição, diante da atual lei de receita, que lhe não permite gozar de isenção de direitos para o material destinado à construção do seu hospital e aparelhamento dos laboratórios do Instituto do Câncer.

O Dr. Salles Guerra fez ao Chefe do Executivo uma documentada e sensata representação:

“Amigos, discípulos e admiradores de Oswaldo Cruz criamos em homenagem à sua memória uma instituição de assistência, instrução técnica e educação profissional sob a denominação de FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ.

Na primeira reunião do seu Conselho Deliberativo, o Dr. Guilherme Guinle, que dele faz parte, ofereceu, em nome da família Guinle, custear as despesas de construção e aparelhamento de um Instituto constando do Hospital para tratamento de cancerosos e laboratórios para pesquisas sobre esse mal misterioso que ceifa centenas de milhares de vidas todos os anos.

Cumpria à Fundação adquirir o terreno para a edificação do Instituto que se ia levantar, sob seu auspícios.

Por iniciativa do falecido senador Alfredo Ellis, então membro também do Conselho, obtivemos do Congresso a cessão de um terreno do Cais do Porto, com área de 9.675 m² para aquele fim.

As plantas do novo Instituto foram maduramente estudadas e repetidamente retocadas por uma comissão de médicos e engenheiros.

O professor Eduardo Rabello sujeitou-as ao juízo de peritos da Europa. E agora, o professor J. Marinho submeteu-as à crítica dos componentes na América do Norte e no-las remeteu com algumas modificações.

Iniciadas as obras no terreno do Cais do Porto, às primeiras escavações foi encontrado volumoso lençol de água subterrâneo, muito profundo, que, se as obras prosseguissem, encareceria sobremaneira a construção, por se tratar de edifícios de grande peso.

Engenheiros e médicos condenaram, por isso, este local, de mais a mais encravado entre fábricas, de grande movimento de veículos, local muito ruidoso e poeirento, impróprio, portanto, para tratamento de doentes e para estudos e cogitações.

Requeremos, então, ao Congresso autorização para vendê-lo, e com o produto, adquirirmos outro.

Obtida esta autorização, hesitamos em nos despojarmos do terreno do Cais do Porto, que por ser de fácil valorização, pensávamos nós, deveríamos conservá-lo para núcleo do patrimônio da Instituição.

Para a sede da fundação

Por essa ocasião, ofereceram-nos um ouro terreno, sito à Rua Visconde de Niterói, área de 24.000 m² por 240 contos ou 10 mil réis o metro quadrado, com facilidade de pagamento.

Antes de qualquer ajuste, foi o local examinado por quase todos os membros do Conselho e por quatro engenheiros peritos, que o julgaram ótimo, embora um pouco distante do centro.

O proprietário, em razão do destino que pretendíamos dar ao terreno, resolveu abater o preço de 240 contos para 216, como auxílio, segundo disse, ao empreendimento que projetávamos: – aceitava, também, a única proposta que, na ocasião, lhe podíamos fazer, que era dar-lhe como primeira prestação 75 contos, apurados da venda de 118 apólices federais, em que tínhamos empregado as nossas economias e três promissórias: 2 de 50 contos e uma de 41 contos, a vencerem em 6 de fevereiro de 1928, juros de 6% no primeiro ano e 8% no segundo.

Isto se passava em fevereiro de 1926.

Como, porém, este terreno só tinha uma frente livre para o lado da Rua Visconde de Niterói, e era separado pelo outro lado, da Rua Ana Nery, por faixa de cerca de 50 metros de largura, tendo todo o comprimento do nosso, os peritos e vários membros do Conselho, entre eles, o senador Bueno de Paiva, prof. Marinho e Duarte de Abreu, foram de parecer que devíamos adquirir, mesmo com sacrifício, essa faixa para que o Instituto ficasse com duas frentes completamente desimpedidas.

Essa faixa estava dividida em 4 lotes pertencentes a donos diferentes. Compramos e pagamos 2 lotes, o 3º que é o menor de todos foi desapropriado pela Prefeitura; o 4º já nos foi entregue e o seu pagamento só depende da escritura.

A área atual do terreno, em seu todo, é de 30 mil e 800 metros quadrados e importará em 304 contos ou 11\$000 o metro quadrado mais ou menos.

As fontes de renda e as despesas da Fundação nos cinco anos de sua existência, têm sido as seguintes.

Quadro demonstrativo da arrecadação e das despesas efetuadas pela
Fundação Oswaldo Cruz, do ano de 1922 até 7 de dezembro de 1927

Arrecadação

Jóias de Admissão	11:261\$000
Contribuição de associados	27:559\$000
Contribuições de caridade	100:453\$130
Donativos diversos	43:303\$000
Juros diversos	8:666\$950
Benefícios de loterias	32:560\$400
Aluguéis	4:680\$000
Rs	228:483\$480

Despesas

Terrenos	145:000\$000
Homenagens a Oswaldo Cruz	4:030\$000
Estampilhas	1:112\$900
Impostos	1:834\$000
Despesas Gerais	3:573\$800
Apólices Federais: (prejuízo verificado nesta conta)	6:122\$000
Em dinheiro	66:710\$780
Rs	228:483\$480

As despesas gerais

A verba de despesas gerais, única sem especificação, montou neste lapso de tempo em 3:473\$800 ou 714\$760 por ano. Com ela pagamos guarda-livros, cobrador, impressão de relatórios, objetos de escritório, selos, etc.

A fundação não tem sede própria: reunimo-nos em uma das salas do Departamento Nacional de Saúde Pública com a anuência do diretor, que é também membro de nosso Conselho, como o era e é o Dr. C. Chagas, seu antecessor. Houve idéia de adquirirmos uma sala no Silogeu, mas o tesou-

reiro combateu-a, alegando que a sala nos obrigaria a despesas de mobiliário e de um contínuo. Também não subvencionamos empregados fixos: pagamos pro-labore.

Penso que, raramente, em instituições como a nossa, a economia terá atingido tamanho apuro.

Entretanto, no tocante a recursos, não são risosas as perspectivas que se nos antolham.

As modestas fontes de renda da Fundação, a custo adquiridas, vão minguando, rápida e progressivamente.

Jóias e contribuições de sócios

- 1927 -

Somaram em cinco anos 38:820\$000. É uma pequena verba que tende a diminuir.

Os sócios atuais foram contemporâneos de Oswaldo Cruz, por isso, ainda influenciados pelo fulgor de seu gênio, pelo seu prestígio de sábio e de benfeitor, afluíram num preito de gratidão. É natural que esse entusiasmo não se propague nem perdure muito. Demais, as contribuições são insignificantes em 2 mil réis mensais e a jóia de entrada varia de 10 a 100 mil réis.

Foram ideadas desse modo para que os funcionários mais modestos do Instituto Oswaldo Cruz pudessem fazer parte da Fundação, sem sacrifício. Mesmo assim, de 370 sócios, eliminaram-se automaticamente, por falta de pagamento 104, faleceram 12 – resultando 117 contribuintes de menos.

Contribuição de caridade

Decresceu quase 50%, como se vê desta tabela:

Contribuições de caridade recebidas
pela Fundação Oswaldo Cruz
nos anos de 1926 a 1927

- 1926 -

Janeiro	6:771\$100
Fevereiro	2:193\$500
Março	4:262\$300
Abril	4:006\$800
Maió	5:182\$200
Junho.	4:796\$400
Julho	5:105\$400
Agosto	4:819\$500
Setembro.	4:198\$600
Outubro	4:412\$000
Novembro	3:733\$800
Dezembro	6:078\$100
Rs	55:568\$700
Média mensal:	4:630\$725

Janeiro	2:263\$300
Fevereiro	1:897\$700
Março	2:027\$200
Abril	2:427\$900
Maió	2:093\$500
Junho.	2:504\$200
Julho	2:304\$800
Agosto	2:735\$900
Setembro.	2:963\$800
Outubro	1:899\$100
Rs	23:117\$400
Média mensal:	2:311\$740

O decréscimo da renda

O decréscimo da renda provém do aumento das instituições beneficiadas pela taxa de caridade, cobrada sobre o álcool pela Alfândega.

Donativos – Com o tempo, quando reconhecerem os serviços do Instituto, é de esperar que obtenhamos alguns; em todo o caso, não é verba certa nem permanente.

Juros – Tendo vendido as apólices, só restam as das cadernetas do Banco e da Caixa Econômica.

Aluguéis – Verba extinta, porque os casebres, de onde provinha, foram demolidos para abrir espaço à construção.

Justamente quando a nossa receita decresce desse modo, surge-nos agora mais um alarmante fator das despesas.

Em tempo obtivemos do Congresso a isenção de direitos de importação para o material de construção do Instituto do Câncer e demos parte dessa vantagem ao Dr. Guilherme Guinle.

Atingidos agora pela medida governamental de caráter geral que suprimiu as isenções de direitos, fomos surpreendidos, o mês passado, com a conta de direitos da Alfândega, de mil barricas de cimento.

Apelamos para o Sr. Ministro da Justiça, que nos declarou não ser possível, por enquanto, abrir exceção alguma.

Os direitos de importação representam 20% da verba de material. Estando as obras do Instituto do Câncer avaliadas em 5 mil contos, e é provável que subam a muito mais, como no hospital para luéticos, terá a Fundação Oswaldo Cruz de pagar direitos até o termo da obra, cerca de mil e quinhentos contos. Onde irá buscar esse dinheiro?

Por outro lado, tratando-se de obra de palpante utilidade pública, não parece justo infligir o pagamento de tais direitos ao Dr. Guilherme Guinle, patriota, filantropo que vai despende soma considerável para dar abrigo e tratamento aos infelizes cancerosos da nossa terra e para que não sejamos os últimos a entrar na luta contra o câncer, luta em que, há vinte anos, se acham vivamente empenhados os países cultos.

Neste particular, acha-se a Fundação em situação muito delicada perante o Dr. Guilherme Guinle.

Além da dívida que nos ficou da compra do terreno e que teremos de saldar aos 6 de fevereiro próximo futuro, a saber, 141 contos em promissórias, mais 20:416\$800 de juros, surgem de quando em quando, motivos de despesas a que a Fundação não pode nem deve eximir-se, por bem da sua árdua missão.

O professor Régaud

Assim é que há dois meses comentou-se que o prof. Régaud, grande autoridade em cancerologia, que professa na Fundação Curie, em Paris, passaria por esta Capital, em viagem para a Argentina, onde ia fazer conferências sobre sua especialidade, a convite do respectivo governo.

Para nós, da Fundação Oswaldo Cruz, que temos a responsabilidade da eficiência futura do Instituto do Câncer, a visita do ilustre professor seria de grande proveito. Teríamos ensejo de submeter ao seu reconhecido critério científico os

projetos em execução e os seus conselhos ser-nos-iam, sem dúvida, de toda a utilidade.

Indagamos do Sr. Ministro da Justiça se S. Ex.^a poderia hospedá-lo, pouco dias, por conta do governo, caso ele tocasse nesta Capital. Respondeu-nos S. Ex.^a que de bom grado, nos autorizaria a convidá-lo em nome do Governo, mas não dispunha de verba para as despesas de sua hospedagem.

A viagem de Régaud desta vez foi adiada, mas se o não fosse, teria a Fundação de hospedá-lo a sua custa ou ver-se-ia privada do subsídio de sua provada experiência.

Pensam alguns membros do Conselho, entre eles o prof. Marinho, que, para maior segurança do sucesso do Instituto ou do bom funcionamento dos seus aparelhos, conviria contratar, oportunamente, um técnico para presidir às instalações mais delicadas.

Como fazê-lo sem recursos?

Tão são exagerados os nossos receios de maus êxitos.

Não se compare o hospital para cancerosos ao hospital comum. Suas instalações muito diferentes, de criação recente, se modificam a se aperfeiçoam, todos os dias e para funcionarem com o máximo de eficiência é mister tenham sido coordenados com todo o esmero.

Só técnicos exercitados poderão fazê-lo.

Se não receasse alongar-me demais, adiantaria outros casos, demonstrando a necessidade de auxílio do Estado para que o funcionamento do Instituto do Câncer da Fundação Oswaldo Cruz, que será talvez o primeiro do mundo, corresponda às custosas construções com que a magnificência da família GUINLE vai dotá-lo.

Precária situação

Tendo a Fundação em caixa como vimos, apenas 66:710\$780, de que ainda é preciso subtrair 18 contos para pagamento do último lote do terreno que nos separa da Rua Ana Nery, restam apenas

48:710\$780. Achamo-nos seriamente embaraçados para efetuar o pagamento de 6 de fevereiro próximo futuro das promissórias e juros que ascendem a 161 contos e tanto.

Quando aos direitos de importação de materiais para a construção do Instituto de Câncer, nem vendendo o terreno do Cais do Porto, não nos habilitaríamos para efetuar o seu pagamento.

Tem sido nossa constante preocupação, desde a criação da Fundação, obter modesto auxílio do Estado para nossas despesas eventuais, ao menos nesta fase de organização, a mais difícil, que ora atravessamos.

Para tal fim não poupamos esforços.

Há dois anos procuramos o Sr. Presidente Bernardes. O prof. Marinho, os drs. Duarte de Abreu, Porto d'Ave e eu fizemos sentir a S. Ex.^a a situação lamentável em que vivem e morrem os cancerosos entre nós, e que, sem o auxílio do Estado, a Fundação, só com os recursos que possa angariar, não terá elementos para arcar com as despesas a que será obrigada na lutar contra o câncer. S. Ex.^a concordando, animou-nos muito, concitou-nos a prosseguirmos, sem esmorecimentos, em nossa cruzada e declarou que o seu governo nos prestaria todo o auxílio moral e material. Foi assentado que nos entenderíamos com o líder da Câmara, que era, então, o atual Sr. Ministro da Justiça, sobre o melhor modo de nos ser prestado este auxílio. Predominou a idéia da emissão de 2 mil apólices inalienáveis que garantissem à Fundação a renda anual de cem contos de réis.

Antes, porém, da realização deste plano e cumprimento desta promessa, o Dr. Vianna do Castello deixou as funções de líder que foram assumidas pelo Sr. Julio Prestes. A Comissão do Conselho dirigiu-se ao novo líder, de quem ouviu que a orientação do momento era contrária à emissão de apólices, mas que, como medida de efeito, faria figurar no orçamento com verba de 10 contos em caráter permanente, para auxiliar a Fundação. A esta conferência esteve presente o Sr. Deputado José Bonifácio.

Tal verba não foi votada, nada recebemos.

Mais uma vez foram infrutíferos os nossos esforços.

A causa dos cancerosos

Entretanto, não há o que mais mereça a solicitude dos poderes públicos do que a causa dos cancerosos, em nossa terra, onde nada há organizado para o seu tratamento, a não ser em pequena escala, em Belo Horizonte.

É deplorável a situação destes infelizes entre nós.

Quando procuram o hospital já se acham na fase em que o tratamento só pode consistir no abuso dos entorpecentes, em doses cada vez mais altas, para lhes mitigar as dores e dar-lhes alguma tranqüilidade.

Assim, vegetam eles até a hora extrema, nas enfermarias de moléstias comuns, tornando amarga a vida dos vizinhos de leitos por suas constantes lamentações e às vezes pelo cheiro que exalam.

O número de adeptos da teoria do contágio do Câncer cresce cada dia e havendo esta suspeita, os cancerosos não deviam ser tolerados nas enfermarias de moléstias comuns e, menos ainda, nas de cirurgia.

O número de óbitos de câncer, no Rio, nos últimos 23 anos foi de 9.665, em 1926 foi de 587.

Esse número tende a crescer aqui, como em toda a parte. Nos Estados Unidos, morrem anualmente 100 mil pessoas de câncer. Avalia-se em mais de um milhão o número de óbitos de câncer em todo o mundo.

Esta cifra deve ser inferior à verdadeira, porque, países há, onde não se fazem estatísticas como na África, na Ásia, no interior do Brasil, etc.

As estatísticas da Fundação Curie, publicadas pelo prof. Regaud, dão proporção de 50 a 60% de cancerosos curados, quando iniciam o tratamento na primeira fase da moléstia, quando é ainda um mal local.

Mas esse resultado só se alcança em Institutos onde os cancerosos encontram reunidos todos os recursos a saber: profissionais especializados e

traquejados, arsenal radiocirúrgico completo, laboratórios para os diversos exames, etc. Entre nós, nada disso existe...

O tratamento do câncer

O tratamento atual do câncer não consiste só na intervenção cirúrgica, embora, no caso, tenha ela importante papel.

O valor terapêutico do raio X e do radium se confirma cada vez mais. A radioterapia é uma arma poderosa de combate que imprimiu nova orientação ao problema do câncer e revolucionou a sua terapêutica.

Mas estes valiosos agentes são de manejo difícil e delicado; em mãos inexperientes tornam-se perigosos para o paciente e para o radiologista.

Em determinada dose, suas irradiações têm ação eletiva mortífera sobre o tecido canceroso. Sendo mais intensa as irradiações, danificam o tecido são, também.

Fracas e repetidas doses exacerbam a proliferação cancerosa. É como se provoca o câncer artificial em ratos.

Do feixe de raios que emanam dos aparelhos, os da periferia queimarão a pele se não foram interceptados por placas metálicas a que chamam filtros.

Estas só permitem a passagem dos raios centrais ou mais penetrantes, únicos capazes de destruir os tumores dos órgãos profundos.

Aplicações mal dirigidas e de longa duração podem dissolver os glóbulos vermelhos do sangue e ocasionar a morte do paciente, como sucedeu, mais de uma vez os primeiros tempos da radioterapia.

Muitos radioterapeutas tem sido sacrificados no exercício da profissão pela ação nociva das irradiações dos aparelhos que manipulam diariamente. Com o aperfeiçoamento da técnica, e os meios de proteção empregados hoje, esses acidentes se vão tornando cada vez mais raros.

Desses poucos dados se deduz que o tratamento atual do câncer constitui uma especialidade difícil, complicada, que se aperfeiçoa cada dia.

A aplicação da radioterapia requer esmerada especialização, técnica severa, vigilância atenta e cuidadosa e profundo conhecimento do arsenal radioterápico.

Se, pois, nós aspiramos a que o Instituto do Câncer tenha eficiência real, será mister contrarmos, em ocasião oportuna, no estrangeiro, um técnico abalizado que se recomende tanto pelo saber, como pela probidade profissional para organizar o serviço radioterápico do novo Instituto, serviço que será, ao mesmo tempo, uma escola para médicos e estudantes brasileiros que desejem especializar-se em cancerologia e radioterapia.

Auxílios imprescindíveis

Em conclusão, sem o auxílio do Estado, as construções monumentais que estão levantando para o Instituto do Câncer, contrastarão flagrantemente, com a mesquinhez dos serviços que ele poderá prestar.

Sem esse auxílio, o grandioso gesto filantrópico da família Guinle nem atingirá o escopo que visa ao estudo consciencioso do problema do câncer e ao tratamento dos cancerosos, de acordo com os preceitos da ciência moderna.

Pela Fundação “Oswaldo Cruz”, SALLES GUERRA, presidente.

Outras atividades relacionadas com o aspecto médico-social do câncer

A luta contra o câncer na França e na Alemanha

Relatório do Dr. Sérgio Lima de Barros Azevedo, apresentado em outubro de 1927.

Comissionado pelo Governo para estudar os aspectos da luta contra o câncer naqueles países, apresentou o Dr. Sérgio Azevedo às autoridades competentes minucioso relatório sobre a organização da luta anticancerosa nos referidos países, mostrando principalmente o funcionamento da rede de centros regionais de tratamento, distribuída pelas principais cidades da França.

Ao lado dos centros regionais, foi organizado na França o Serviço Social, cujos fins principalmente são:

1º – a luta científica contra o flagelo, abrangendo um comitê científico, laboratório de pesquisa e publicações de revistas especializadas.

2º – instrução do público por meio de folhetos, cartazes, conferências, artigos na imprensa leiga, etc., chamando a atenção para os primeiros sinais da doença e frisando que ela é curável desde que seja tratada a tempo.

3º – assistência aos cancerosos no sentido de conjugar esforços para o lado da caridade, procurando aliviar de alguma forma os sofrimentos dos pobres doentes, encorajando os desanimados, socorrendo materialmente os mais necessitados e asilando os desamparados na obra social conhecida como “Calvário” e em determinados hospitais de incuráveis como o Saint-Michel, numa casa religiosa e o hospital Leopoldo Bellan.

Na Alemanha, existe uma série de serviços especiais e Institutos, do qual o mais conhecido funciona na Charité de Gerlini. Aí encontra-se um centro de radioterapia e um Serviço de Policlínica, funcionando anexo um Serviço de pesquisas experimentais, incluindo uma seção de culturas de tecidos.

Finalizando o seu relatório, o Dr. Sérgio Azevedo termina com as seguintes sugestões, abaixo textualmente transcritas:

O que se deve fazer entre nós

De tudo que acima acaba de ser exposto e que nos foi dado observar em relação à luta contra o câncer na França e na Alemanha, não seria demasiado insistir sobre certas medidas adotadas por aqueles países lembrando ainda outras tantas que seriam de grande vantagem, se fossem imediatamente postas em prática no nosso meio.

A primeira questão se refere particularmente às estatísticas.

É fora de dúvida que os estudos estatísticos do câncer têm contribuído notavelmente para esclarecer certos aspectos do problema e muitos outros pontos podem ainda ser resolvidos, com a condição exclusiva, porém, de que obedeçam a uma orientação bem conduzida e a um critério perfeitamente estabelecido.

Uma estatística para ser bem organizada deve abranger, entretanto, todos os casos de câncer e não somente limitar-se aos óbitos produzidos pela doença.

Para atingir esse fim, seria de toda conveniência que o câncer fosse sujeito à notificação, ainda que confidencial.

Essa medida, de grande alcance, seria duplamente lucrativa: para a Saúde Pública, que recolheria certos informes interessantes, estabelecendo ao médico notificante uma série de quesitos, à maneira do que já existe, entre nós, em relação aos óbitos de câncer, e para o médico que poderia ao mesmo tempo, recorrer às autoridades sanitárias no sentido de esclarecimento do diagnóstico pelos meios de laboratório que a Saúde Pública põe à sua disposição gratuitamente: biopsia, soro-reação, etc.

Com estas facilidades, o clínico poderá preencher perfeitamente o seu papel, de diagnosticar correta e precocemente o câncer.

Este constitui outro problema do mais alto valor na luta contra o câncer.

O diagnóstico precoce é com efeito função quase exclusiva do médico prático, pois não é a um cirurgião ou a um radiologista que o doente se dirige para uma primeira consulta. O papel do médico é, assim, importantíssimo, pois descobrindo a doença ainda no seu período de localização, antes da invasão ganglionar e das metástases, poderá, encaminhando o doente a um centro especializado, conseguir a sua cura pelos meios que a ciência atualmente dispõe: cirurgia, radium e Raios X.

O diagnóstico precoce é entretanto, muitas vezes cheio de dificuldades e o prático, absorvido pelos múltiplos deveres de sua laboriosa profissão, não pode estar ao corrente dos progressos realizados nos domínios da cancerologia. Surge assim um outro fator de relevância: a educação do médico.

Compete às autoridades encarregadas da luta contra o câncer, por todos os meios a seu alcance, chamar a atenção da classe médica sobre a freqüência da doença, sobre as principais noções

adquiridas e principalmente sobre o aspecto primitivamente local da doença, insistindo sempre na necessidade do diagnóstico precoce que é verdadeiramente o pivô da questão.

Tudo isso pode ser conseguido por meio das publicações especiais dirigidas aos médicos, por meio de artigos em revistas e jornais científicos, por meio de conferência nas sociedades médicas, etc., etc.

Estes conhecimentos devem ser ainda dirigidos, em cursos especiais, aos estudantes nas Faculdades e escolas de Medicina e bem assim aos farmacêuticos, às parteiras, às enfermeiras e enfim a todos aqueles que por dever de sua profissão as acham em contacto com o público, cuja educação também deve ser feita por uma vasta campanha de propaganda.

É preciso que o público saiba que o câncer é curável, com a condição de ser imediatamente reconhecido. Para isso é necessário que ele tenha conhecimento exato de certos sinais da doença no seu início, procurando logo o médico quando o mal é ainda puramente local, fugindo dos charlatães e dos remédios populares.

Essa tarefa pode ser realizada por intermédio de folhetos, brochuras populares, cartazes, conferências, artigos na imprensa leiga, filmes educativos, etc.

Finalmente, devemos pensar na criação de serviços especiais de câncer, representados por Instituto ou centros regionais de tratamento, compreendendo, para maior facilidade do serviço e melhor conjugação de esforços, uma parte hospitalar e uma parte científica.

A parte hospitalar deverá possuir, ao lado do ambulatório, para a consulta e exame dos doentes, os diferentes serviços clínicos especializados, dispondo ainda, de um certo número de leitos e de uma aparelhagem necessária aos tratamentos cirúrgicos e radioterápicos.

A parte científica, que em alguns casos poderá funcionar isoladamente, será constituída pelos laboratórios de anatomia e fisiologia patológicas, física, química, biologia, sorologia e medicina experimental.

Completando todo este organismo, funcionará ainda, anexo aos centros de tratamento, um serviço social, cujo papel de traço-de-união entre o doente e o médico, é dos mais importantes numa luta anticancerosa.

Antes, entretanto, de cuidarmos da criação destes centros especiais de tratamento, devemos dirigir as nossas vistas para a questão dos técnicos que deverão se encarregar da parte terapêutica especializada.

O médico investido dessa importante função, de tratamento das afecções cancerosas, deverá tratar os doentes de uma maneira perfeita, pois ninguém ignora que uma exérese cirúrgica mal praticada ou um tratamento radioterápico mal conduzido equivalem praticamente à incurabilidade do doente e mesmo à agravação do seu mal.

Em relação à cirurgia do câncer, o problema é mais fácil, pois as suas regras estão mais ou menos estabelecidas e fixadas.

Quanto à roentgenterapia e curieterapia, a questão muda de aspecto, dadas as mutações constantes e aos aperfeiçoamentos contínuos não só da técnica como da aparelhagem. Prometendo aos cancerosos a sua cura quando a doença está ainda em início, nós assumimos uma grande responsabilidade, da qual não nos devemos eximir e para isso é indispensável que as armas usadas atualmente contra o câncer sejam utilizadas sem perigo e unicamente por especialistas que conheçam perfeitamente a patologia e a clínica do câncer.

Os estudos de um cientista brasileiro

A nossa missão não estaria de todo cumprida se, antes de darmos por findo este breve relato, deixássemos de nos referir aos notáveis trabalhos realizados por um cientista brasileiro, o Dr. Carlos Botelho Junior que, exercendo atualmente o cargo de chefe de laboratório de câncer do Hotel-Dieu, sob a direção do prof. Hartmann, não tem medido sacrifícios para a solução de um problema tão ingrato e tão cheio de incógnitas como é do câncer.

Firmando em bases sólidas a questão do soro-diagnóstico do câncer, até então não resolvida, apesar das múltiplas tentativas de todos os pesquisadores neste sentido, Botelho veio enriquecer deste modo a patologia do câncer com um elemento do mais alto alcance científico.

Com efeito, o câncer, sendo no seu início, uma doença apenas de aspecto local, é perfeitamente curável desde que seja imediatamente reconhecido. Mas se por um lado nós dispomos de elementos seguros que nos levam ao pronto diagnóstico da doença, como acontece, por exemplo, com os cânceres da pele e das cavidades naturais acessíveis, em que por uma simples biópsia todas as dúvidas se dissipam, por outro lado, isto é, relativamente às neoplasias dos órgãos internos, estávamos completamente desarmados e só nos apercebíamos do perigo quando a doença tinha invadido todo o organismo, não mais dando esperança de cura.

Justamente para estes casos, cujo diagnóstico clínico precoce é eivado das maiores dificuldades, é que a soro-reação de Botelho vem prestar inestimáveis serviços.

Os resultados obtidos com a soro-reação, após 10 anos de numerosas pesquisas e provas multiplicadas e severamente controladas, mostram que o médico está hoje armado de um processo simples e prático de diagnosticar o câncer, antes mesmo que ele manifeste por sinais evidentes.

Freqüentando o laboratório de câncer do Hotel-Dieu, tivemos oportunidade de praticar com Dr. Botelho a soro-reação de sua autoria, verificando o valioso concurso que ela presta aos centros anticancerosos da França, no combate ao terrível flagelo.

Não entraremos aqui, por ser suficientemente conhecida, nos detalhes da técnica da reação de Botelho, bastando tão somente lembrar as estatísticas apresentadas pelo prof. Hartmann à Academia de Medicina de Paris, que dão mais de 90 por cento de resultados positivos, tendo reação, segundo ainda parecer daquele notável cirurgião, um valor igual a de Bordet-Wassermann para a sífilis. Um

outro fato interessante para o qual Hartmann chamou a atenção e que os trabalhos experimentais de Itchikawa vieram confirmar é que o tratamento do câncer modifica a reação do serum, tornando-a negativa quando o tumor é extraído cirurgicamente ou destruído pelos Raios X ou pelo radium.

Entre nós estamos certo de que a maior vulgarização e a aplicação sistemática deste precioso meio de laboratório, viria preencher uma grande lacuna na profilaxia de um mal que já tantas vítimas ocasiona no nosso país.

Ultimamente o Dr. Botelho ampliando ainda mais o campo de suas investigações, concentra todos os esforços no sentido do tratamento do câncer pela soro-terapia, cujos resultados tivemos a ocasião de constatar em múltiplos casos de neoplasias, alguns já em períodos avançados da doença.

Avolumam-se, portanto, cada vez mais as provas que vêm robustecer o acerto de tais pesquisas, ainda há pouco evidenciadas numa conferencia que o nosso patricio realizou no seu laboratório do Hotel-Dieu, conferencia essa presidida pelo prof. Hartmann e assistida por cerca de duzentos cientistas estrangeiros.

A impressão geral dos que acompanham mais de perto o assunto é que o Dr. Botelho, em futuro não remoto, resolverá definitivamente a importante questão da cura do câncer, immortalizando assim o seu nome já consagrado pelos centros científicos mais cultos da Europa e da América.

Todo aquele que se dedica à questão de laboratório não ignora, entretanto, como são cheios de dificuldades estudos desta natureza que, requerendo um esforço sobre-humano, são além do mais, onerosíssimos.

Apesar de o nosso patricio ter tomado a si próprio o encargo de custear todas as despesas de seu laboratório, dada a escassez atual dos recursos financeiros da França, estamos certos de que o governo do nosso país instituindo um prêmio ao Dr. Carlos Botelho pela sua descoberta do soro-diagnóstico do câncer, viria desta forma prestar um grande auxílio à ciência e à humanidade, facilitando assim a um brasileiro resolver imediatamente um problema que, no momento atual, desperta a atenção de todo o mundo civilizado.

A eletrocirurgia como arma de combate ao câncer em nosso meio

Mário Kroeff, tendo iniciado as primeiras eletrocoagulações dos tumores, em 1927 no Serviço do Prof. Brandão Filho, defende as suas idéias em tese de concurso para Livre-Docência, em setembro de 1929, sobre a “Diatermocoagulação no tratamento do câncer”, em cujo prefácio acentua as dificuldades de ordem técnica encontradas e a necessidade da criação de um Serviço especializado em nosso meio.

Prefácio da Tese de Concurso à Livre-Docência do Dr. Mário Kroeff, em 30 de setembro de 1929.

“Poderíamos, como assunto de tese, ter procurado focalizar um caso raro de clínica ou minúcias de técnica operatória em cirurgia pouco acessível e altamente especializada. Certamente nossa contribuição, sem grandes proveitos para a prática da medicina, colocar-nos-ia em situação cômoda, de ambiente restrito e cerrado contra a crítica e argumentação.

No entanto, preferimos escrever sobre o tratamento do câncer, esse velho tema de todos os tempos, ainda hoje insolúvel, com vasto campo aberto a idéias controversas, jogando com variado cabedal de conhecimentos, e assim exposto a censuras de toda a sorte.

Dentre vários motivos, a idéia nasceu-nos do interesse que a todo o mundo científico desperta o problema deste grande flagelo humano e principalmente da confiança que a prática diatérmica, em alguns casos, nos fez depositar nesse meio de combate ao mal.

Se de fato a diatermocoagulação é capaz de resolver grande número de casos de câncer, insolúveis pela cirurgia e pelo radium, nosso subsídio pessoal de algumas observações de tratamento, se não servir

de contribuição ao estudo do método terapêutico e de credencial ao concurso de habilitação, ao menos lhe caiba o mérito de vulgarização entre nós.

Se o exemplo de casos inclusos no trabalho, melhor que as nossas palavras, conseguir insinuar outras aplicações diatérmicas e, pela mão dos médicos práticos, na simplicidade da técnica, prestar benefício aos inúmeros sofredores, estará largamente compensada a soma do nosso esforço e a sua modesta finalidade.



Ao iniciarmos as nossas primeiras coagulações, no serviço do prof. Brandão Filho, em princípios de 1927, passou a ser grande a solicitação de cancerosos, como sempre em busca de um consolo, onde quer que vislumbrem uma esperança de cura ou de alívio.

Por pouco a 17^a enfermaria não se tornou um centro de câncer, senão de cura, ao menos de abrigo, forçando medidas de restrição.

E, para não abusarmos da boa vontade do professor, passamos a implorar, aqui e ali, acolhimento aos doentes que nos procuravam e a aceitar proposta para tratamento diatérmico de casos insolúveis pelos meios comuns de outros serviços.

Felizmente já se acha a terminar a construção do Instituto de Câncer para estudo e tratamento dos desventurados cancerosos, graças ao espírito humanitário de uma grande família brasileira.

Cabe, pois, agradecer aqui ao prof. Brandão Filho, nosso mestre e amigo, as admiráveis lições, o exemplo do seu trabalho e da sua arte perfeita, e aos professores Abreu Fialho, E. Rabello, A. Paulino e drs. Vieira Souto, Arthur Rocha, Augusto Costallat, Góes Filho e Armênio Boreli, que nos confiaram alguns dos seus doentes, dispensando abrigo em seus serviços.



Como se vê, hoje, o impulso foi dado e cada um, depois, trará uma indicação nova de diatermia ou um aperfeiçoamento nesta arma nova que surge contra o câncer.

Entre nós, parece que uma das primeiras publicações foi a do prof. Francisco Eiras, que apresentou à Academia de Medicina diversos casos de câncer tratados, na sua especialidade, pela diatermocoagulação.

Suas primeiras observações datam de junho de 1927, época em que começamos também a praticar a diatermocoagulação no Serviço do prof. Brandão Filho, 17ª enfermagem da Santa Casa, em maio de 1927.

Em outubro de 1928, estive entre nós o prof. Keysser, o prodigioso cirurgião de Berlim que trouxe consigo um potente aparelho de diatermia. Mostrou a diversos cirurgiões como se pratica a coagulação profunda e rápida com aparelhos ultrapotentes.

Tivemos ocasião de lhe mostrar fotografias de alguns dos nossos casos e, na presença dos drs. Castro Araújo e Felinto Coimbra, teve ele palavras de elogios aos nossos resultados.

Em julho de 1929 apresentamos ao 10º Congresso Brasileiro de Medicina um trabalho sobre: “Alguns casos de câncer, tratados pela diatermocoagulação”.

“Diatermocoagulação no tratamento do câncer”

Correio da Manhã, novembro de 1929

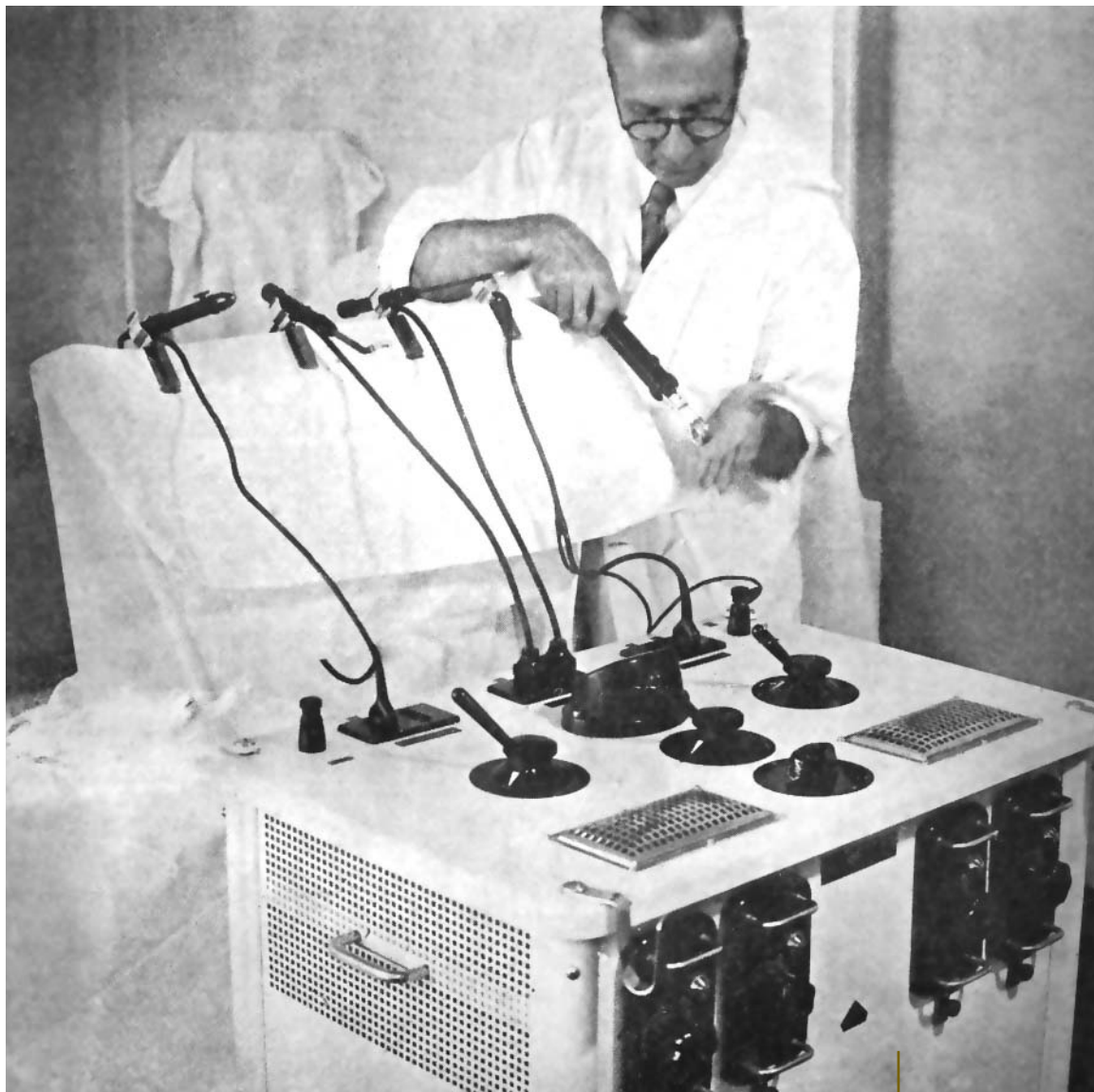
Nossa Faculdade de Medicina, pondo, mais uma vez, em prática o processo seletivo de concursos, acaba de conquistar para seu elenco de livre-docentes uma das figuras mais prestigiosas e destacadas da nossa corporação médica, Dr. Mário Kroeff, sub-inspetor sanitário do D. N. de Saúde Pública, assistente extranumerário da 1ª cadeira de clínica cirúrgica do professor Brandão Filho, cirurgião e urologista da mais notória competência.

Sua tese de habilitação, subordinada ao título que epigrafa estas linhas, versa sobre uma das matérias mais interessantes da terapêutica de todos os tempos – o tratamento do câncer por certo meio cirúrgico denominado diatermocoagulação e que consiste em levar o calor elétrico à zona enferma e através dos tecidos orgânicos, como agentes curativos.

Mas aquele termo diatermocoagulação, já substituído por endotermia por George A. Wyeth, o criador do endotherm Knife, não dá senão a médicos e estudiosos de assuntos sinfátricos, uma idéia cabal do que seja o “bisturi diatérmico”, uma das mais prodigiosas conquistas da cirurgia moderna.

Desprezando a etiologia do câncer, para se adstringir, exclusivamente, àquele novo método de tratamento da falaz e horrível moléstia, o Dr. Mário Kroeff produziu uma verdadeira monografia da promissora descoberta em que se fundam, com documentadas razões, as mais vivas esperanças de tais enfermos e dos clínicos consagrados a essa enigmática entidade nosológica.

O que torna, desde logo, sobremodo instrutiva e apreciável a tese do doutor Kroeff é sua completa alheação ao emaranhado das teorias, sua limpidez e correnteza de estilo, sua segurança de exposição, no que, aliás, se denuncia como autor provector das obras subseqüentes, já suficientes para lhe recomendarem sua merecida reputação de escritor:



Moderna aparelhagem de eletrocirurgia

Fontes de contágio e meio de transmissão das doenças venéreas – Folha Médica – novembro de 1921; O salicilato básico de mercúrio e seu emprego nos dispensários – Boletim Sanitário do D. N. Saúde Pública – 1922; O papel das forças Armadas na educação sanitária – 1º Congresso Nacional dos Práticos em 1922; Educação e orientação dos doentes venéreos – Papel dos Dispensários Profiláticos – Brasil Médico – novembro de 1923; Bilan de la Blenorragie au Rio de Janeiro – Congresso Internacional de higiene Social e Educação Profilática Sanitária e Moral – Strasburgo, maio, 1923; Valor da desinfecção individual na luta anti-venérea – 1º Congresso Bras. de Higiene – setembro de 1923; Peritonismo nas afecções pulmonares; e Alguns casos de câncer tratados pela diatermocoagulação – 10º Congresso Brasileiro de Medicina – julho de 1929.

Começa o trabalho do dr. Kroeff pelo histórico da diatermia, sugerida em 1801 por Nicola Tesla, revelada ao mundo científico, em fevereiro do mesmo ano, por D'Arsonval e, enfim, mecanizada por Nagelshchmidt, que construiu um aparelho especial para produção de efeitos térmicos, apresentado ao Congresso de Budapest em 1908. É, portanto, de vinte anos apenas a cronologia da terapêutica diatérmica, chegada em nossos dias à comprovada excelência da diatermocoagulação. Justifica o Dr. Kroeff seu inventário informativo com o testemunho de 48 tratadistas, ingleses, alemães, franceses, espanhóis, italianos e argentinos, que começam em Cumberbatch e terminam em Capizzano, signatário do estudo Eletro-coagulação nel epitelioma da la lengua.

Em maio de 1927, iniciou o Dr. Kroeff suas aplicações de diatermocoagulação no serviço do Prof. Brandão Filho, 17ª enfermaria da Santa Casa de Misericórdia. Sua tese não é, pois, uma dissertação abstrata senão um relatório experimental de 36 casos, disputados pelo seu fervor profissional à iminência dos irremediáveis desenlaces. Ele próprio teve de vencer empecilhos consideráveis, para chegar a termo de suas bem sucedidas ex-

periências. No curto prólogo de seu livro assim recapitula o prof. Mário Kroeff os primeiros óbices que se lhe antepuseram, e foram vencidos pela sua diligente perseverança:

Ao iniciarmos nossas primeiras coagulações no serviço do prof. Brandão Filho, em princípios de 1927, passou a ser grande a solicitação de cancerosos, como sempre em busca de um consolo, onde quer que vislumbrem uma esperança de cura ou de alívio.

“Por pouco a 17ª enfermaria não se tornou um centro de câncer, senão de cura, ao menos de abrigo, forçando medidas de restrição.

E para não abusarmos da boa vontade do professor, passamos a implorar, aqui e ali, acolhimento diatérmico de casos insolúveis, pelos meios comuns de outros serviços”.

Estas palavras definem tipicamente o médico zeloso de seu mister, que não mede sacrifícios pelos interesses impessoais da ciência e que se abnega a seus enfermos, com este espiritualizado fervor, limítrofe do idealismo. Foi alentado por essas forças convergentes do coração e da mentalidade que o Dr. Mário Kroeff conseguiu em plena juventude as prerrogativas de seu renome, ora posto em relevo pelo acabamento e utilidade de sua tese aprovada com distinção.

Além do modo completo e sintético por que vem nela tratada a diatermoeletrocoagulação, com o balanço de suas vantagens e inconvenientes, sua técnica, o cabimento de emprego no tratamento do câncer, o que constitui o ponto nodal das visadas inferências, ilustram a copiosa monografia, 43 clichês de cancerosos, operados pelo Dr. Kroeff, neste último triênio da sua clínica hospitalar, todos, até hoje, sem o menor indício de recidiva. Fora uma injustiça e uma desumanidade lançar, no registro das publicações ordinárias, um trabalho médico deste teor, que merece a mais ampla divulgação pelo consolo trazido a tantos desenganados da medicina, já hoje menos oprimidos e desalentados por essa “esperança de cura ou de

alívio”, que a mesma ciência lhes oferece; Eis uma das afirmativas do Dr. Mário Kroeff, que imprimem à sua tese a mais palpante atualidade:

“Resulta que no tratamento do câncer operável, a maior preocupação da cirurgia moderna é, certamente, evitar as metástases consecutivas à operação e a freqüente sementeira no campo operatório.

“Parece que nenhum outro método sobrepuja a diatermocoagulação neste ponto de vista de vantagens que ela oferece e já enumeradas num capítulo especial.

“Não nos parece que a cirurgia seja capaz de excisar camadas superficiais de uma ferida séptica, purulenta ou os nódulos tuberculosos de uma placa de lupus, com a perfeição e vantagens da diatermocoagulação, esterelizando o campo, sem provocar sementeiras”.

Papel da eletrocirurgia numa campanha anticancerosa

Apresentação da tese do
Dr. Mário Kroeff, nov. 1935

Em uma das teses que apresentou o autor ao I Congresso Brasileiro de Câncer – Papel da Eletrocirurgia numa Campanha Anticancerosa – disse o seguinte:

“Na própria Capital da República, também o canceroso peregrina pelos hospitais, de mão em mão. O pobre é rejeitado aqui e ali, como elemento indesejável, porque os nossos profissionais não dispõem, quer de local para interná-los, quer de um simples depósito para os incuráveis. E todos nós, sem dúvida, temos acompanhado, compungidos, a decadência de tantos cancerosos que nos procuram ainda no início do mal, em período perfeitamente curável, e que não puderam ser atendidos por falta de local.

Quantas vezes, na Santa Casa de Misericórdia, fomos procurados por portadores de lesões incipientes, que a ponta do eletrodo diatérmico pode-

ria curar facilmente, mas que, recusados, voltaram meses depois, em estado lastimável.

Aqueles mais felizes, que conseguem a muito custo um leito de hospital, nem por isso vêem o seu mal atendido convenientemente, justamente por falta de meios adequados. Se temos o bisturi, faltam as irradiações; se temos irradiações, falta um bom aparelho para a eletrocirurgia.

Como exemplo, citaremos o serviço do prof. Rabelo, na Clínica Dermatológica da Faculdade de Medicina, onde se encara o problema com verdadeira proficiência.

Os cânceres que resistem ao radium são tratados pela eletrocoagulação. Ali temos coagulado com aparelhos comuns de diatermia, numa cirurgia improvisada, os casos banais que se poderiam chamar de ambulatório. São sem conta, entretanto, os doentes que passam a ser considerados inoperáveis, porque as condições das lesões, seja pela sede, ou pela extensão, exigem aparelhos diatérmico mais possantes e ambiente cirúrgico adequado, diverso do de uma clínica dermatológica.

E os doentes desta ordem de lesões, que alcançaram penetrar numa clínica oficial, também se perdem por falta de tratamento, ou antes, por falta de aparelhagem e hospitalização adequadas”.



Vindo novamente agora a público, julgamos que um mérito ao menos nos seja reconhecido: é o esforço que temos despendido para conseguir operar algumas centenas de cancerosos, sem dispor de local onde os internar.

Tal valor já nos conforta, se acaso outro não for encontrado, quer em algum fato novo realizado por meio da eletrocirurgia, quer em um ou outro aperfeiçoamento de técnica que a experiência nos inspirou. É esta singela publicação que resume nossa própria observação, reflete a perseverança e o desejo vigoroso, que nutrimos, de estudar o assunto.

Se temos conseguido operar, sempre em serviço alheio, desde 1937, é graças à consideração que nos têm dispensado todos os Chefes de Serviço da

Santa Casa, ou então exigindo de alguns cancerosos sacrifícios pecuniários acima de suas próprias forças para o custeio de curta estadia em Casas de Saúde, obrigando a transportar os aparelhos diatérmicos para aqui e para ali, e cuidar sozinho dos doentes depois de operados.

E as curas que ora apresentamos, algumas com mais de 5 e 6 anos, foram alcançadas exclusivamente com o tratamento unilateral, isto é, com a exérese eletrocirúrgica, executada na maior parte das vezes com aparelhos deficientes para as largas invasões cancerosas, sem que tivéssemos podido contar com a terapêutica complementar das irradiações.

Enfim, emitindo também o nosso conceito sobre a eletrocirurgia, afirmamos a sua superioridade sobre qualquer um dos outros processos de cura do câncer.

Nos casos banais de cânceres incipientes, ela pode bastar por si só, constituindo um processo eficaz, prático, rápido e econômico.

Nos casos avançados, é capaz de ampliar os limites de operabilidade do câncer, sobrepujando o bisturi.

E de modo geral, aplicada eficientemente no seu verdadeiro sentido, podendo também contar com a colaboração do radium, dos Raios X, e em certos casos, do bisturi sangrento, tem o privilégio de elevar, nas estatísticas globais, as percentagens de cura do câncer.

Opiniões sobre o valor da eletrocirurgia

O trabalho “Tratamento do Câncer pela Eletrocirurgia” apresentado ao I Congresso Brasileiro de Câncer, nov. 1935

Carlos Botelho Junior, o grande cancerologista brasileiro, emitiu a respeito da eletrocirurgia as seguintes palavras:

“Quando, em setembro de 1934, o Dr. Mário Kroeff realizou na Sociedade de Medicina e Ci-

urgia uma conferência sobre o Tratamento do Câncer pelo Eletrocirurgia, a que assisti com o máximo interesse, não pude deixar de manifestar, então, a minha admiração pela cirurgia elétrica, ao serem apresentados ali mesmo, como testemunhas dos resultados obtidos, os próprios doentes, alguns operados já há vários anos, sem recidiva.

Apesar de não ser cirurgião, apreciei como cancerologista o trabalho apresentado e reconheci o alcance dos sucessos conseguidos por aquele colega com a cirurgia elétrica.

É incontestável o valor da eletrocirurgia, quando manejada com perícia e ousadia conscienciosa de cirurgiões especializados como Keysser na Alemanha, Kroeff no Rio de Janeiro, Antonio Prudente em São Paulo, e seus trabalhos recentemente publicados constituem prova disto.

A eletrocirurgia constitui hoje um recurso de alta valia contra o câncer, eficaz, prático, econômico e capaz de ampliar de muito os limites de operabilidade nos casos avançados, e eu o aconselho, enquanto não for descoberto um tratamento geral de ação específica.

É de lastimar, pois, que não se ofereçam as estes nossos patricios meios hospitalares, para que possam aperfeiçoar seus estudos e continuar prestando serviços a tantos cancerosos desamparados por ai, que bem poderiam se aproveitar da dedicação destes profissionais”.

Mauriti Santos – Presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia – também se manifesta favoravelmente a respeito da eletrocirurgia, na sessão de 4 de setembro de 1934:

“A contribuição que hoje nos traz o Dr. Mário Kroeff, não é uma simples comunicação, como anunciará, mas uma conferência fartamente documentada e de alto valor científico.

É um trabalho digno de figurar no nosso, como em qualquer dos meios mais cultos do estrangeiro.

Alguns dos doentes aqui apresentados, já há longos anos curados, estavam indiscutivelmente perdidos para todos os outros recursos terapêu-

ticos, quando se submeteram à exérese ou à destruição eletrocirúrgica de suas neoplasias.

E para provar ao nosso colega a funda impressão que me causaram os resultados por ele colhidos com a diatermocirurgia, prontifico-me a auxiliá-lo no que diz respeito aos seus enfermos indigentes, pois que declara não ter onde operá-los. Ofereço para isso o meu serviço hospitalar da Gamboa, ampliando-lhe assim o campo para seus estudos, tão dignos de acoroçoamento.

Lá mesmo jazem na seção de inoperáveis, alguns doentes em que esta eletrocirurgia avançada, aqui defendida pelo Dr. Mário Kroeff, ainda seria uma tentativa justificável.

Tenho, pois, o prazer em convidá-lo a colaborar comigo no tratamento desses infelizes”.

Leão de Aquino, na Academia Nacional de Medicina, assim se exprimiu, sobre a eletrocirurgia, na sessão de 3 de outubro de 1935:

“Sr. Presidente, parece que o meu modo de pensar é o de todos desta casa: ficamos realmente admirados, mesmo confortados, com os resultados das operações brilhantes feitas pelo nosso colega, Dr. Mário Kroeff.

De fato, no problema do câncer, tudo o eu se tem feito até hoje é uma interrogação. Diante, porém, do trabalho do nosso ilustre colega, perfeitamente documentado, uma grande esperança se abre para nós, cirurgiões, que não raro ficamos completamente sem ação diante de casos como estes, nos quais, se não fosse a eletrocoagulação, os doentes morreriam certamente, não se sabendo mesmo qual a intervenção a fazer, pois que as do bisturi comum não dariam absolutamente resultado em tais condições.

Pode-se dizer, quem proporcionou novamente a vida a esta distinta senhora, como ao casal aqui presente e às nove outras pessoas referidas, foi o Dr. Mário Kroeff. Qualquer outra cirurgia não teria a menor importância, seria totalmente inútil.

Adiantado em anos, cirurgião antigo, sei perfeitamente quais eram os resultados que obtinham

outrora os grandes cirurgiões, na questão do câncer. E eu era sempre pessimista.

Pois bem: com o processo usado entre nós pelo Dr. Mário Kroeff, podemos dizer que uma grande luz se faz hoje sobre o tratamento do câncer e uma grande esperança já deve haver, em todos nós, para a cura dessa moléstia tão mal conhecida”. (Anais da Academia Nacional de Medicina).

Roberto Freire, na mesma sessão da Academia Nacional de Medicina:

“Sr. Presidente, pedi a palavra para trazer também as minhas felicitações ao Dr. Mário Kroeff.

Companheiros que fomos, na Missão Médica, durante a Guerra Européia, juntos tivemos ocasião de ver coisas interessantíssimas que então se passavam no Velho Mundo. Entre elas, chamou-nos particularmente a atenção ao processo do prof. Sancert, feito de combinação com os estudos de Nageote, pelo qual conseguiu fazer enxertos com tecidos mortos, conservados em álcool. Várias vezes vimos enxertos de nervos e vasos mortos, conservados em álcool durante algum tempo.

Certa ocasião, perguntamos ao prof. Sancert se os resultados seriam iguais quanto aos ossos. Respondeu-nos que havia tentado por todas as formas fazer o enxerto de osso morto conservado em álcool, sem obter resultado algum.

Ora, o Dr. Mário Kroeff obteve esse sucesso patente, porque nós vimos os doentes e os resultados.

Talvez a teoria seja a mesma e proporcione conseqüências satisfatórias por não se tratar de um osso estranho e por não ter sido o seqüestro resultante da coagulação retirado da intimidade do osso vivo. Assim, não tendo havido nenhum deslocamento, esse seqüestro, preso entre as extremidades vivas, serve de guia para a proliferação dos tecidos ósseos de um segmento ao outro.

É esse um dos pontos principais da conferencia do Dr. Mário Kroeff, e para ele chamo a atenção.

Todos nós devemos vulgarizar estes estudos, de forma a se tornarem conhecidos, para o bem da humanidade e satisfação do Dr. Mário Kroeff,

vendo confirmados os resultados do seu processo”. (Anais da Academia Nacional de Medicina).

Austregesilo – Presidente. “A Academia acaba de ouvir, com toda a atenção, a belíssima comunicação feita pelo nosso distinto colega, comprovada pela farta demonstração dos resultados obtidos.

Estávamos, pois, sumamente satisfeitos, por vermos que a cirurgia vem sendo cultivada com carinho entre nós e que novo passo para a cura do câncer, foi dado entre nós pelo nosso colega, com a eletrocoagulação”. (Anais da Academia Nacional de Medicina).

Oscar Ivanissevich, de Buenos Aires, crê na eletrocirurgia aplicada ao câncer.

“Com gran simpatia lo recuerdo al ler su artículo sobre Tratamiento del Cancer por la electrocirugía. Creo que es ese el buen camino.

Adelante! Hay que seguir. Keysser es um ejemplo de decisión y de energia. Supérela ud. Em Brasil”.

H. Bordier, de Lyon, escreve sobre eletrocirurgia:

“Charge par le docteur Mário Kroeff, professeur agrégé à la Faculte de Médecine de Rio de Janeiro, de faire connaître aux médecins et chirurgiens français ses travaux et ses idées personnelles sur le traitement moderne du cancer dès od, je vais m’efforcer de résumer les grandes lignes de l’important mémoire qui m’a été remis par cet éminent chirurgien – électricien. Le professeur Kroeff a condense son oeuvre dans un Gros mémoire!



C’est un fait nouveau en chirurgie osseuse que le sequester de coagulation diathermique puisse servir de prothèse pour conserver la continuité du squelette.



La diathermo-coagulation détruit et repare ensuite sans mutilations; le propre sequestre diathermique joue le rôle de greffon pendant le processus de restauration osseuse.

C’est une conception nouvelle dans la chirurgie dès cabien établie par le docteur M. Kroeff”.) Archives d’Electricité Médicale et du Physiothérapie du Cancer – Nov. 1935).

Franz Keysser, de Berlim, em entrevista concedida ao “Correio da Manhã”, a 1 de julho de 1936, disse textualmente:

“Os bons resultados na eletrocirurgia só podem esperar das mãos de um cirurgião que tenha boa técnica na cirurgia geral e exclusivamente nestas condições é possível melhorar a sua técnica especial elétrica e também ampliar os limites de operabilidade no câncer.

Ao contrário do Pacífico, já existe na Argentina e no Brasil compreensão melhor da eletrocirurgia, a qual vem sendo exercida com sucesso por antigos alunos meus: Antonio Prudente J. Alcântara, José Camargo em São Paulo e Diógenes Magalhães em Minas.

Mário Kroeff, no Rio de Janeiro, possui casos originais e, empregando de uma maneira geral os métodos empregados por mim, tem concorrido para o aperfeiçoamento e difusão da eletrocirurgia, publicando trabalhos interessantes.

Um aperfeiçoamento sistemático e uma especialização apurada tornam-se indispensáveis no combate ao câncer.

Com grande surpresa minha, percebo que no Rio não existe ainda um Instituto ou mesmo uma Seção Hospitalar, onde estejam centralizados para combate ao câncer, ao lado da eletrocirurgia, também o radium e Raios X.

E isto é tanto mais para admirar quando no Rio existem cirurgiões especializados na eletrocirurgia, como acima ficou dito”.

Primeiras providências no sentido da criação de um serviço de cancerologia, em 1931

Consignada, por sugestão do Dr. Mário Kroeff, no orçamento de 1931 da República, a verba necessária à construção do primeiro Pavilhão de Cancerologia, o qual teve destino diverso. (Memorial ao Sr. Presidente da República protestando contra a utilização do referido Pavilhão para a Clínica Comum).



Memorial ao Sr. Presidente da República protestando contra a utilização do primeiro pavilhão de cancerologia por uma clínica comum em 1933

Ex.^{mo} Sr. Getulio Vargas, DD. Presidente da República.

Respeitosas saudações:

Peço licença para expor a V. Ex.^a uma questão que, parecendo pessoal é também de interesse médico-social.

Há longos anos, venho me dedicando ao estudo do tratamento do câncer, pela eletrocirurgia.

Fiz minha tese de concurso para Livre Docência sobre o assunto e já operei algumas centenas de casos de câncer, obtendo sempre, por este processo, percentagem de cura muito animadora.

Sem dispor de um serviço adequado, tenho implorado ora de uns, ora de outros, favores para poder alojar estes infelizes que me procuram, diariamente, na Santa Casa de Misericórdia. Numerosos

casos, ainda em início, sou obrigado a recusá-los por falta de local de internação.

Não temos, Sr. Presidente, no Distrito Federal, uma só enfermaria instalada para tratamento do câncer, nem sequer um depósito onde os pobres possam ter as úlceras pensadas e possam morrer com assistência médica. Procurando atender a este problema, encaminhei ao tempo do Ministro Francisco Campos, um requerimento ao Diretor da Saúde Pública, propondo a construção de um pavilhão anexo a um dos hospitais da Saúde Pública, para tratamento do câncer, onde pudessem ser atendidos os numerosos necessitados do Distrito Federal, para que me fosse facultado continuar a trabalhar, gratuitamente, em benefício deles como venho fazendo na Santa Casa, em Serviços emprestados.

O meu ofício foi despachado na gestão do Ministro Washington Pires, obtendo do espírito esclarecido de V. Ex.^a concessão, para incluir no orçamento a verba de 150.000,00 para a construção de um pavilhão para cancerosos (1931).

Depois de pleitear esta verba, estudar plantas, escolher terrenos, publicar editais, abrir concorrências, acompanhar obras, ficou terminada a construção do referido pavilhão, nos fundos dos terrenos do Hospital da Triagem.

Aguardava, apenas, a inauguração do Hospital da Triagem para começar a trabalhar em meu modesto mas eficiente pavilhão, onde poderia atender os desamparados que me procuram.

Atualmente, com grande decepção, não obstante reclamar do digno Diretor da Assistência Hospitalar, Dr. Castro Araújo, vejo o pavilhão dos cancerosos ser destinado a uma clínica comum, preterindo-se assim um longo esforço despendido para obter aquele serviço.

Venho, pois, recorrer ao alto espírito de justiça de V. Ex.^a no sentido de não ser mais uma vez postergada a criação de um Serviço para doentes de câncer, de que muito se ressentem a nossa capital.

(ass.) Dr. Mário Kroeff



Ofício do Dr. Mário Kroeff ao Sr. Diretor do Departamento Nacional de Saúde sobre a orientação e finalidades de um serviço de cancerologia a ser criado no Hospital Estácio de Sá

Dezembro de 1936

Ex.^{mo} Sr. Dr. J. Barros Barreto, D.D. Diretor do D. N. de Saúde.

Antes de explicar a orientação e finalidade que se deva dar ao Serviço de Cancerologia do Hospital Estácio de Sá, transcrevo aqui as idéias que tive ocasião de transmitir ao Sr. Inspetor dos Centros de Saúde, em outubro de 1936:

Il.^{mo} Sr. Dr. J. P. Fontenelle, D. D. Inspetor dos Centros de Saúde.

“Atendendo a vossa determinação para apresentar as bases gerais da organização de um ambulatório de cancerologia, anexo ao Centro de Saúde nº 4, traço agora um plano com a seguinte orientação:

A campanha contra o câncer, no estado atual dos nossos conhecimentos, baseia-se, principalmente, no diagnóstico precoce para tratamento precoce.

O câncer é curável num bom terço dos casos, avaliando-se as estatísticas de modo geral.

Atacado em tempo, pode ser aumentado consideravelmente o número de curas.

Depois de certo grau de evolução, torna-se incurável a qualquer recurso terapêutico conhecido.

Os meios até hoje consagrados de combate ao câncer são: “Roentgenterapia, curieterapia, cirurgia e eletrocirurgia. A melhor terapêutica parece que consiste na associação oportuna destas armas entre si.

Enquanto não dispusermos de um Centro de Cancerologia, equipado convenientemente com estas quatro armas de tratamento, a Saúde Pública só poderá atender à primeira fase do problema, que consiste no diagnóstico precoce.

Diagnóstico precoce

Posto – Organizar-se-á um Posto ou Dispensário para consultas e exames de todos os indivíduos que se apresentarem por suspeita de câncer.

Ao lado dos exames clínicos, serão aplicadas também as análises necessárias à elucidação do diagnóstico.

Se houver carência de pessoal e contando-se com o estritamente necessário, poderá um só profissional se encarregar dos exames clínicos, ginecológicos, urológicos, dermatológicos, pedindo, quando julgar necessário, a colaboração dos colegas especializados nos diversos ramos da medicina, que trabalhem no Centro de Saúde nº 4, principalmente na oftalmologia e otorrinolaringologia.

Raios X – Pedirá esta seção exames de radioscopia e em alguns casos, radiografias.

Laboratório – Poderá requerer pesquisas de laboratório, como análises clínicas (urina, pus, etc.) reações sorológicas (Wassermann, Botelho, etc.)

Biópsias – Praticadas as biópsias, enviar o material a exame histopatológico, no Laboratório Central de Anatomia Patológica (Amadeu Fialho)

Propaganda – Com o fim de trair os doentes para o diagnóstico precoce, a Saúde Pública organizará um sistema de propaganda, tendente a despertar no grande público a idéia do câncer, sem amedrontá-lo.

Esta propaganda, lembrando principalmente os cânceres do tegumento, da boca, da mama, do útero, etc., terá a vantagem de levar a exame e, *ipso-facto* a diagnóstico, não só a elite social, a seus médicos assistentes, como também os necessitados ao Posto de Cancerologia.

A propaganda será feita por todos os meios que se afigurarem mais fáceis à Saúde Pública.

Conselhos – Conselhos sobre câncer (modelo junto), serão impressos de modo sucinto e distribuídos a granel; irradiados por uma estação, na Hora do Brasil; divulgados pelo serviço da Ipes; publicados na imprensa espaçadamente; com todo aviso ou intimação da Saúde Pública, ao lado de outros conselhos relativos à atividade dos Centros de Saúde (tuberculose, venereologia, alimentação, bons hábitos, certas exigências higiênicas para empregados, etc.); remetidos à classe médica, para lhe despertar no espírito, constantemente, a idéia do câncer; este plano, que ora vos apresento, deveria mesmo ser publicado na imprensa médica, para conhecimento dos profissionais, a fim de que possam eles enviar ao Posto seus casos, quando tiverem dúvidas a respeito, ou quando necessitarem da confirmação histopatológica e um diagnóstico clínico.

Fichas – Um arquivo de fichas será organizado para aí ficarem registrados todos os exames procedidos, assim como a história clínica e a identidade dos doentes. Os doentes, cujas suspeitas não se confirmarem, terão apenas o nome anotado num livro especial.

Pelo estudo destas fichas (modelo anexo), poder-se-á, mais tarde, tirar conclusões sobre o câncer entre nós, no que respeita a idade, sexo, cor, nacionalidade, procedência, profissão, localizações mais freqüentes, tipos de cânceres, etc., etc.

Material – Uma sala, um sofá de exame, uma mesa ginecológica, um bureau, um armário e alguns instrumentos mais necessários.

Para biópsias, um galvanocautério, ou melhor, um aparelho de diatermia.

Tratamento – Urge apressar a organização do Centro de Cancerologia que se pretende instalar, convenientemente, equipado com todas as armas de combate ao câncer.

Sem um Centro de Tratamento, toda essa organização tendente ao diagnóstico torna-se inútil.

Não dispomos, atualmente, no Distrito Federal, de um serviço para instalação dos cancerosos. Os doentes deste mal constituem elemento indesejável para as clínicas de nossos hospitais.

Eu próprio rejeito na Santa Casa mais de um, diariamente, por falta de local de internação.

Atacar o problema por uma de suas fases, sem completar com a segunda, criará situações críticas, expondo ao ridículo a iniciativa oficial.

Feito o diagnóstico, seríamos obrigados a confessar oficialmente que não dispomos de recursos para o tratamento, nem contamos com local de internação. Depois de fazer marchar o doente de um lado para outro, em busca da confirmação de seu mal, temos apenas para lhe oferecer nossa falta de tratamento. E nossa consternação crescerá ainda mais, pelo fato de termos surpreendido o mal em seu início, e agora, obrigados a acompanhar a evolução fatal, ouvindo as lamúrias dos desamparados.

Além disto, nosso papel limitar-se-ia ainda ao de simples auxiliar dos clínicos no diagnóstico particular de seus clientes.

Os afortunados, não é justo competirem com os laboratórios gerais de exames.

Em compensação, um Ambulatório, para o primeiro diagnóstico, e para *despistar* os casos em início, no meio de outras tantas doenças que se confundem com o câncer, desde que ofereça a garantia de tratamento num Centro aparelhado, indiscutivelmente poderá prestar serviços relevantes na campanha contra o câncer.

Será um Posto subsidiário do Centro de Cancerologia, um órgão de descobrimento e triagem. Como as outras seções de um Centro de Saúde,

será a guarda avançada na defesa sanitária do povo, contra as doenças evitáveis e que se acharem perfeitamente dentro das suas finalidades.

Haverá mesmo vantagem na multiplicação desses Postos de Consultas e de descobrimento dos doentes de câncer, como há também para todas essas outras doenças que interessam à Saúde Pública. Será mais um ramo dentro do sistema polivalente de dispensários, de acordo com a organização atual dos Centros de Saúde, como bem conceberam J. B. Barreto e J. P. Fontenelle.

Modelo de conselhos sobre o câncer

“O câncer é curável, desde que seja atacado a tempo.

Desconfiai dos pequenos tumores que aumentam ou que se ulceram: das ulcerações persistentes da língua ou dos lábios; dos endurecimentos da mama; das perdas sangüíneas sem causa aparente; de toda secreção anormal; dos transtornos digestivos persistentes, mormente quando acompanhados de emagrecimento.

Fazei-vos examinar sem demora, pelo médico assistente ou procurai o Centro de Saúde nº 4, que mantém um serviço especializado para o diagnóstico do câncer. Rua Camerino, 27, às 14 horas”.

(ass.) Mário Kroeff. Em outubro de 1936.



Serviço de Cancerologia Estácio de Sá

Dezembro 1935

Completando agora o plano de organização, já esboçado anteriormente, podemos dizer que o Pavilhão para Cancerosos que se acha atualmente em construção, anexo ao Hospital Estácio de Sá, constitui o primeiro passo para uma campanha eficiente de combate ao câncer. Alguns leitos para homens e mulheres, um aparelho de radioterapia e uma instalação cirúrgica, eis o pivô da organização.

Meios terapêuticos – A exérese cirúrgica, associada à roentgenterapia abrange a indicação para tratamento da maior parte dos casos de câncer. Só uma pequena percentagem cabe especialmente ao radium.

Mesmo estes casos especiais, enquanto não se dispuser de verba suficiente para aquisição do radium, poderão também ser atendidos, desde que se recorra a artifícios de técnica, dentro das possibilidades da cirurgia e dos raios X.

Na ausência de uma das armas terapêuticas, há também recursos técnicos para emprego eficiente das duas outras.

Internação – Trinta leitos convenientemente aproveitados darão rendimento útil.

Neles só terão entrada os casos operáveis ou que necessitem absolutamente de internação. Os inoperáveis serão internados ou removidos para outro estabelecimento qualquer. (Hospital da Gamboa, Hospital dos Crônicos).

É sempre preferível iniciar-se um serviço médico em pequena escala, a não possuí-lo de todo.

Ambulatório – Um ambulatório, na parte térrea do pequeno Pavilhão, servirá para descobrir os casos iniciais e levá-los a tratamento precoce; servirá também para tratamento de um grande número de doentes que, portadores de pequenas lesões, não necessitam de internação.

Finalidade do serviço – Assim, pois, o Pavilhão de Cancerologia, aliviado dos incuráveis, e auxiliado pelo tratamento que for praticado no ambulatório, prestará serviços inestimáveis aos necessitados do Distrito Federal.

Anexada a um grande Hospital, a seção de radioterapia do Pavilhão poderá atender também os casos de câncer das outras enfermarias, se os respectivos chefes quiserem acompanhar seus doentes ou tiverem indicação especial a formular.

Enfim, atendendo aos doentes internados, aos do ambulatório, aos do Hospital Estácio de Sá, e mais aos dos outros estabelecimentos do governo, quando solicitarem, poderá o aparelhamento atu-

al de roentgenterapia constituir-se em Centro de Tratamento, pois que a arma cirúrgica existe, um pouco por toda a parte.

No futuro, outros aparelhos e também uma seção de curieterapia reforçarão este Centro de Tratamento, ora elementar.

Eis um início de campanha. Compete ampliá-lo, agregando-se-lhe outras seções e aumentando a capacidade de internação. Trinta leitos, de fato, é pouco, mas é sempre alguma coisa para uma capital que nada possui.

Com 80 contos, poder-se-á ali mesmo, desde já, aumentar uma ala do Pavilhão, multiplicando-lhe a capacidade para 70 leitos.

Outras seções – As outras seções que completariam, além da terapêutica, as atividades de um verdadeiro Centro de Cancerologia, não serão também desde agora descuradas.

A parte de Anatomia Patológica ficará a cargo do Laboratório de Patologia da Saúde Pública (Amadeu Fialho) conforme já deliberou o senhor diretor Dr. Barros Barreto.

O radiodiagnóstico e as pesquisas de laboratório serão exercidos nas instalações do Hospital Estácio de Sá.

A Experimentação, se não for praticada fora do recinto do Pavilhão, poderá ser adiada, até que as verbas permitam uma instalação adequada, porque esta não traz vantagens imediatas aos doentes.

Primeiro, a assistência médica, o tratamento, que já se torna urgente em nosso meio, depois então virão a pesquisa, a experimentação, o ensino...

Devemos contentar-nos com um Serviço de Cancerologia, onde as diversas seções se articulem, aproveitando-se instalações já existentes, numa fase inicial da campanha.

Que se ditem, desde já, alguns casos por toda parte: no Pavilhão São Miguel, com o radium e raios X, pertencentes à Clínica Dermatológica; na Clínica Ginecológica da Faculdade, com o radium e a cirurgia; no Pavilhão de Câncer do Hospital Estácio de Sá, com a cirurgia e a roentgenterapia.

Com um pouco mais, ampliando-se uma ala do Pavilhão, poder-se-á instalar ali mesmo, e laboratórios próprios e um biotério para estudos e experimentações.

Atualmente, não será possível arranjar melhor equilíbrio com a verba ínfima de duzentos contos.

Esses recursos, de que já dispomos, aproveitarão, razoavelmente, aos doentes do Distrito Federal.

Centro de Cancerologia – E mais tarde, quando as verbas permitirem multiplicar os aparelhos de raios X, redobrar as doses de radium, aumentar o número de leitos de internação, melhorar as condições de ensino, propaganda e pesquisa, poder-se-á então chamar a tratamento, num Grande Centro de Cancerologia da Capital, também a maior parte dos cancerosos existentes no resto do país.

Noticiário da imprensa

O professor Keysser no Brasil

A visita do eminente cientista
ao Hospital Evangélico

Noticiário da imprensa, julho de 1936

A passagem, pelo Rio de Janeiro, do professor Keysser, de Berlim, constituiu um acontecimento de repercussão em nossos meios científicos. Numerosos médicos brasileiros, muitos deles seus ex-alunos, acompanharam-no permanentemente, durante sua curta estada nesta capital, assistindo às demonstrações de técnica operatória que este mestre da cirurgia realizou em diversos estabelecimentos hospitalares do Rio de Janeiro. O professor Keysser veio ao Brasil em comissão oficial, a fim de proporcionar a nossos médicos operadores, lições práticas de técnicas alemã de cirurgia geral. O ilustre cientista, que vinha fazendo um cruzeiro pela América Latina, já tendo visitado numerosos países, desde o México até o Brasil, era esperado em nosso mundo médico com grande ansiedade, dado o renome que lhe aureola o título de cirurgia na Alemanha.

O cientista berlinense esteve primeiramente no serviço do professor Hugo Pinheiro Guimarães, onde realizou uma amputação de câncer, utilizando seu aparelho de eletrocirurgia. Realizou depois diversas operações no serviço do professor Brandão Filho, e na Santa Casa de Misericórdia, onde trabalhou nos gabinetes dos professores Poggi e Rabelo.

Esteve ainda em visita ao Hospital Evangélico e ao serviço do Dr. Pintanga Santos, tendo demonstrado grande interesse pelo museu de doenças retais, organizado por aquele especialista patricio.

Examinou, por essa ocasião, alguns doentes que muito o interessaram, por se tratar de afecções tropicais enquadradas naquela designação. O Dr. Pintanga Santos realizou então diversos tratamentos de sua autoria, mostrando ainda ao professor Keysser diversos doentes curados há já vários anos, de câncer no reto, e que foram operados com uma técnica diferente da do ilustre cientista berlinense. O professor Keysser felicitou, então, vivamente o médico patricio. Foram projetados dois filmes em que o Dr. Pintanga teve oportunidade de mostrar sua nova técnica para a operação. Em seguida, o médico do Hospital Evangélico apresentou os doentes curados, que foram demoradamente examinados pelo professor alemão.

Ao retirar-se do Hospital Evangélico, o professor Keysser teve oportunidade de declarar a *A Noite* que estava satisfeito com a visita feita, tendo visto coisas verdadeiramente notáveis, até para um especialista como ele. “Eu vim ao Brasil – acentuou o professor Keysser – não somente para operar, mas também para estudar e aprender”.

Manifestou, por essa ocasião, o cientista berlinense, o desejo de fazer algumas operações no Hospital Evangélico. O Dr. Felinto Coimbra, diretor do hospital, prontificou-se, então, a tudo facilitar ao eminente visitante. Dois dias depois, efetivamente, o professor Keysser operava no refe-

rido hospital, auxiliado pelo Dr. Felinto Coimbra, seu discípulo, um doente de apendicectomia, que lhe valeu brilhante êxito. Infelizmente, não lhe foi possível praticar, como havia sido combinado, uma amputação de câncer do reto, porque o Dr. Pintanga fez ver que o doente em vista não apresentava condições fisiológicas que lhe permitissem resistir à operação. Foi também suspensa, por motivos de última hora, uma intervenção de câncer do estômago, que devia ser praticada no serviço do Dr. Mário Kroeff, na Fundação Gaffrée-Guinle.

Nos domínios da alta cirurgia elétrica

As demonstrações de anteontem na Fundação Gaffrée-Guinle e no Hospital Evangélico

O professor Franz Keysser fala ao “Globo” – Uma lacuna que é preciso preencher

O Globo – de 2-7-1936

Anunciado que o professor Franz Keysser faria anteontem demonstrações de sua técnica eletrocirúrgica nos hospitais Evangélico e da Fundação Gaffrée-Guinle, formou-se em torno desse acontecimento, como era de esperar, um ambiente de grande interesse em nossos meios científicos, dada a fama universal do notável mestre alemão. No primeiro destes estabelecimentos foi suficiente uma simples operação de apendicite para que o professor Keysser deixasse bem patentes os méritos de sua alta técnica, proporcionando aos presentes a melhor das impressões. No Hospital Gaffrée-Guinle, impossibilitado de ali comparecer, o ilustre cirurgião de Berlim distinguiu o Dr. Mário Kroeff, que é também entusiasta da cirurgia elétrica, com a honrosa incumbência de demonstrar à numerosa assistência as vantagens da técnica que deveria ser executada pelas mãos do eminente cirurgião alemão. Desempenhando-se com brilhantismo da honrosa incumbência, foi o Dr. Mário Kroeff muito felicitado ao terminar seu trabalho, que consistiu de ressecção total de estômago por câncer e foi acompanhado de interessante explanação.

Palavras do professor Keysser

O professor Keysser, que viaja pelo “Graf Zeppelin”, deixando entre nós marcada impressão de seu valor, transmitiu-nos as seguintes palavras:

– Venho percorrendo toda a América, Estados Unidos, México, Bogotá, Lima, Chile, Buenos Aires, Montevideu, em comissão do governo alemão, para fazer conferências e demonstrações práticas sobre eletrocirurgia aplicada ao câncer, e estudar as possibilidades de seu aproveitamento contra as doenças tropicais.

Por toda a parte já se começa a tomar interesse e compreender o grande valor da eletrocirurgia.

Pela costa do Pacífico, entretanto, ainda não saíram das pequenas aplicações dermatológicas e confundem as aplicações simples da diatermocoagulação com a eletrocirurgia em seu verdadeiro sentido cirúrgico.

A legítima cirurgia elétrica, essa que eu aconselho, é obtida com aparelhos de amperagem elevada, e aperfeiçoados para esse fim, onde as correntes de alta frequência são aproveitadas com indicações próprias.

Os bons resultados na eletrocirurgia só se podem esperar da mão de um cirurgião que tenha boa técnica na cirurgia geral e, exclusivamente nessas condições, é possível melhorar a sua técnica especial elétrica e também ampliar os limites de operabilidade no câncer.

Ao contrario do Pacifico, já existe na Argentina e no Brasil compreensão melhor da eletrocirurgia, a qual vem sendo exercida com sucesso por antigos alunos meus: Antonio Prudente, J. de Alcântara, José Camargo em São Paulo e Diógenes Magalhães, em Minas.

Também Mário Kroeff, no Rio de Janeiro, possui casos originais e, empregando de uma maneira geral os métodos empregados por mim, tem corrido para o aperfeiçoamento e difusão da eletrocirurgia, publicando trabalhos interessantes.

Um aperfeiçoamento sistemático e uma especialização apurada tornam-se indispensáveis ao combate do câncer.

Com grande surpresa minha percebo que no Rio não existe ainda um Instituto ou mesmo uma seção hospitalar onde estejam centralizados para combate ao câncer, ao lado da eletrocirurgia, também o radium e raios X.

Isto é tanto mais para admirar, quanto no Rio há cirurgiões especializados na eletrocirurgia, como acima ficou dito.

Na Argentina, o grande cancerólogo Angelo Roffo tem em seu Instituto Experimental de Câncer, uma seção importante para eletrocirurgia, ao lado do radium e dos raios X, os quais devem colaborar, bem juntos, para maior eficiência da luta contra o câncer.

Em Bogotá e Lima já se acham em construção organizações nesse gênero, obedecendo à mesma orientação”.

Crônica bibliográfica

Tratamento do Câncer pela Eletrocirurgia – Rio, 1936

Pelo Prof. Mário Kroeff

Medicamenta, setembro / outubro de 1936

Já vai para muitos anos, embora contraste esta afirmação com a mocidade do autor, Mário Kroeff, consagrado cirurgião e especialista, livre docente da cadeira de Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, habilíssimo e arrojado operador, vem acumulando em sua infatigável prática, errante, nos hospitais e na clínica particular, numerosos casos felizes da mais alta cirurgia do câncer.

Com este tirocínio, com os conhecimentos básicos de bem cuidada anatomia topográfica e, sobretudo, com a técnica especializada, de que se tornou mestre incontestável, várias comunicações científicas tem feito o autor, documentando suas

operações e ensinando, generosamente, o segredo e as originalidades do seu processo.

Ainda agora, acaba de dar à publicidade esse trabalho magistral “Tratamento do Câncer pela Eletrocirurgia”.

A documentação fotográfica confirma a exposição sistemática, que vai do diagnóstico à cura final de cada caso.

E que casos! Mutilações inconcebíveis, refeitas quase ao natural; feições teratológicas mudadas artificialmente, e pela reparação biológica posterior, humanizadas, estéticas, muito além das possibilidades até hoje conhecidas.

Se vivesse em outro meio e publicasse sempre originalmente em outro idioma, francês, inglês, alemão, já teria o mestre cirurgião patricio a fama mundial, que por muito menos levou à celebridade a outros.

Mas ele já goza, para si, a fama mundial, que certamente como especialista, sem cabotinismo e sem charlatanismo, honestamente sempre desejou e estima.

Ouvi, certa vez, de um íntimo de Capistrano de Abreu, o sábio historiador e filólogo, ao qual, perguntando aquele amigo, com que leitores e com que vantagens contava ao publicar uma gramática, que acabava de ser editada sobre uma “língua” de certa tribo de índios, de Mato Grosso ou Amazonas, fruto de pacientíssimo trabalho, no convívio demorado com um aborígene daquela raça, que acolhera em sua casa, no Rio de Janeiro, por longo tempo, para esse estudo da mais difícil filologia comparada, Capistrano, o filólogo, respondera friamente:

“Ora, vantagens, eu não me preocupei com isto; não tenho nada, portanto, que esperar; quanto aos leitores, eu os terei, olhe; (e contou pelos dedos): o abade de tal da Áustria, os sábios tais e tais da Alemanha, e fulano e fulano”.

Para ele, esses poucos leitores e a opinião favorável dos mesmos valia tudo. Era a divina satisfação do gênio.

Não lhe importava que fosse ou não divulgada a obra, depois; se fosse, tanto melhor.

O livro do Dr. Mário Kroeff tem muito desse espírito e dessa compensação relativa em um meio como o nosso, em que um cirurgião notável, com processo original de sua autoria, não conseguiu até hoje um serviço hospitalar especializado, seu, oficial, ou de instituição religiosa ou particular, para melhor e em maior número distribuir o benefício milagroso (é o termo) de suas operações cirúrgicas, mutilantes ou reparadoras em câncerosos, em casos os mais adiantados; alívio e salvação de situações desesperadoras e do máximo sofrimento humano!

Criou um processo novo ao lado da técnica de Keysser. Bordier, a seu respeito, escreveu: “É um fato novo, em cirurgia óssea, que o seqüestro, pela coagulação diatérmica, possa servir de prótese para conservar a continuidade do esqueleto”. “É uma concepção nova na cirurgia dos ossos, bem estabelecida pelo Dr. M. Kroeff” (Archives d’Electricité Médicale, nov. 1935).

Carlos Botelho Junior, o grande cancerologista, cita: “Keysser na Alemanha, Kroeff no Rio de Janeiro, Antonio Prudente em São Paulo, etc.”

Ivanissevich, de Buenos Aires, termina uma carta ao autor, assim: Keysser é um exemplo de decisão e de energia. *Supérela Usted en Brasil*.

São esses e outros os amigos profissionais; os monges a que se referia o velho Capistrano...

Kroeff, além de sua técnica, criou, pois, um “Fato novo” e uma “nova concepção”, que é a diatermonecrosação, se me é dado assim denominar ou classificar seu processo.

Dividindo-se a diatermia em Clínica e Cirurgia, e nesta última ressaltando a denominação de Bordier, “diatermocoagulação” consagrada, até hoje, para as partes moles ou coagulação da albumina, criou, portanto, Mário Kroeff a diatermonecrosação óssea, o “fato novo”, pois o osso sujeito à diatermia profunda ou direta tem morte parcial, dependendo a extensão da vontade do operador:

necrose que se limita e que se elimina, logo que a nova formação óssea se formar, permitindo a parte necrosada, como “aparelho” providencial, a orientação e captação das pontas ósseas, para formar e fechar a ponte restauradora.

Tal é o valor técnico da obra do autor, generosamente oferecido aos leitores nessa lição magistral, o seu novo livro, eminentemente didático e prático.

Cirurgia do Câncer, técnica geral da eletrocirurgia, terminologia, bisturi elétrico, indicações em particular no câncer da pele, língua, parede da boca, faringe, nariz, colo do útero, mama, bexiga, mandíbulas, etc., eis os capítulos desse valiosíssimo trabalho. – T. A.

Tratamento do câncer pela eletrocirurgia

Dr. Mário Kroeff, livre-docente de Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro – 1 volume com 140 páginas, 1936

Revista Brasileira de Medicina e Farmácia

O A. houve por bem apresentar este trabalho ao Primeiro Congresso Brasileiro de Câncer. Por meio dele, trouxe a si a paternidade de vários dados importantes sobre a terapêutica cirúrgica do câncer. É assim que, como última novidade em cirurgia óssea, obteve o A. um sucesso patente, conseguindo fazer enxertos ósseos em osso morto, representado este por um seqüestro resultante da eletrocoagulação e que serviu de guia para a regeneração desejada. Este é um grande mérito do A. Seu trabalho, trazido já à publicidade, deverá ser fartamente espalhado pelo nosso interior entre os nossos colegas. E a razão reside no fato de também pertencer ao A. a prioridade de se ter hoje dilata-da de muito a operabilidade de casos de câncer. Restrita que era há tempos recentemente passados, depois de seus inúmeros casos que já atingem algumas centenas, poderão ser encaminhados ao ilustre cirurgião muitos outros que perambulam de hospital a hospital, sem encontrar um leniti-

vo para os seus sofrimentos e que, na certa, pela grande especialização do A., autoridade no assunto, viriam aumentar satisfatoriamente sua estatística. Pena é que o A. não disponha de um modelar e especializado serviço hospitalar, como seria lícito desejar. Muito ainda esperamos da dedicação, estudo e tenacidade do A.

Lindenberg Rocha

Diatermocoagulação no câncer dos ossos

Revista Brasileira de Medicina e Farmácia, nov. 1936

Mário Kroeff salienta que a eletrocoagulação é um processo de exérese com a única diferença de extirpar o tumor a fogo, seccionando por carbonização. A diatermia ou destrói o tumor in loco, coagulando a massa, ou o extirpa por inteiro, cortando os tecidos pela eletricidade. O calor que se produz no ato operatório vai além de 100 graus e se propaga a uma certa distancia, agindo sobre os tecidos circunvizinhos. Assim, além da ação cirúrgica local, a diatermocoagulação possui ainda efeito anticanceroso sobre as células malignas que se acharem próximas da zona coagulada e que são muito sensíveis à ação do calor. A operação se faz sem choque e sem sangue com a obstrução imediata dos vasos sangüíneos e linfáticos, o que impede o transporte à distância das células neoplásicas. A cirurgia diatérmica não exacerba o tumor e não tem contra-indicação a não ser as de ordem anatômica. Onde o bisturi já perdeu a indicação e não encontra mais possibilidades de cura, a diatermocirurgia consegue resultados surpreendentes. Nos tumores ósseos, o osso atingido pela corrente se desseca e necrosa pela coagulação total ou parcial, ficando a parte morta presa entre os segmentos vivos. Vê-se, sob a ação da centelha o osso, que é bom condutor, tornar-se transparente e permeável ao fogo. Os seios faciais iluminam-

-se claramente no interior, mostrando toda sua extensão. O osso necrosa-se, mas fica preso no lugar por uma quarentena de dias, quando o seqüestro se desprende do restante do osso vivo. A porção doente vem, assim, ainda a servir de prótese para conservar a integridade do esqueleto. E o seqüestro vai desempenhar o papel de enxerto na preparação óssea. O tecido ósseo, como nas fraturas, organiza uma faixa de ossificação que contorna ou envolve como uma ponte o seqüestro existente de permeio e estabelece a continuidade do osso. Há a formação de uma verdadeira bainha de neoformação, que enclausura o seqüestro até o termo de sua absorção ou eliminação. (Bol. Acad. Nac. Med. nº 3, - 1936).

Tratamento do câncer pela eletrocirurgia

Von Dollinger da Graça

Mundo Médico - 7-11-1936

Com a segunda monografia neste tema, oferece Mário Kroeff ao mundo médico, cirúrgico e especializado, ensejo a que todos dela participem, escrita que está em linguagem singela, sem atavios, mui ao alcance mesmo daqueles que não amem o assunto, em suma, elaborada *currente calamu*.

É tanto mais notável, digno de atenções e de maior utilidade o seu trabalho, quanto mais de atualidade se observa e se vai tornando a eletrocirurgia.

Espírito bem avisado, expondo com simplicidade e clareza, julgou-se obrigado a propagar os resultados de sua ação especializada, indo até a qualificar com acerto a eletrocirurgia, como a quarta arma no tratamento do câncer, e cooperando com os raios X, o radium e o bisturi.

Educado em uma Escola de Cirurgia Geral, vendo de perto e anotando os menores detalhes clínicos, pôde Mário Kroeff encarar o problema, descrevendo-o, e mais, comentando-o, mas, de ambos os modos, anunciando com imparcialidade.

Atravessamos uma época em que se reclama intensa colaboração entre os vários ramos da medicina. Por este motivo, está a ser exigido de nós mais propedêutica, para que, do raciocínio mais apurado dimanem o *modus agendi*, à cabeceira do paciente com o maior número possível de benefícios para ele.

E nem é outra a orientação dos alemães, americanos, franceses e portugueses na elaboração de seus vários temas, dissertações, observações, casos e repositórios, ventilando tudo o que possa interessar a seus trabalhos do que ligar aos raios X e às múltiplas questões de laboratório, para ponto de partida de suas conclusões e julgamentos.

As teses sob a forma de “symposium” estão ocupando o labor das escolas americanas, através das quais o médico estuda, condensa, analisa e sintetiza uma série de questões da mais pretendida autoridade e importância anatomofisiopatológica.

Referindo-se a seu trabalho, diz o professor Keysser, “um aperfeiçoamento sistemático e uma especialização apurada, tornam-se indispensáveis no combate ao câncer (pág. 7). O Sr. Mário Kroeff veio à arena da prática com as credenciais de sua “Livre Docência” em trabalho, especulando, observando o que havia feito Wieth, que há um lustro e pouco focalizou a questão, e que, posteriormente Keysser, sem destemor, levou a proporções inimagináveis.

Com suas observações pessoais, bem se apreciavam seu pendor cirúrgico, sua educação técnica, de modo a tornar-se, como se tornou, um dos mais aproveitáveis colaboradores na questão do câncer.

De visu testemunhei sua ação.

No câncer ósseo, Mário Kroeff mostrou, em primeira mão, os surpreendentes efeitos da eletrocirurgia.

Engana-se quem supuser que o câncer do osso mata irremediavelmente.

Os meios que possuímos hoje, a começar pelos agentes irradiantes, raios X e radium e a completarem-se com a eletrocirurgia têm diminuído, notadamente, as cifras de letalidade.

As escolas francesas, Leriche, Heitz, Boyer, Sabrazés e Mathey Cornat; a portuguesa, pela eminente figura de Francisco Gentil; a alemã de Bohler; a dinamarquesa de Brusck e Scheurmann, e a pujante produção destes últimos tempos dos senhores Geschickter e Coppeland, colaborando com eles Bloodgood, nos Estados Unidos, deram uma nova diretriz ao problema, aproximando sua nova classificação fisiopatológica, de modo a que o câncer do osso saiu daquele emaranhado no qual, a começar pela terminologia, tudo eram dificuldades.

Não era pequeno nem desusado o temor com que médicos e cirurgiões o encaravam.

Esforcei-me sobremodo a dar às gerações que vêm passando em meus serviços, uma noção mais concreta do assunto.

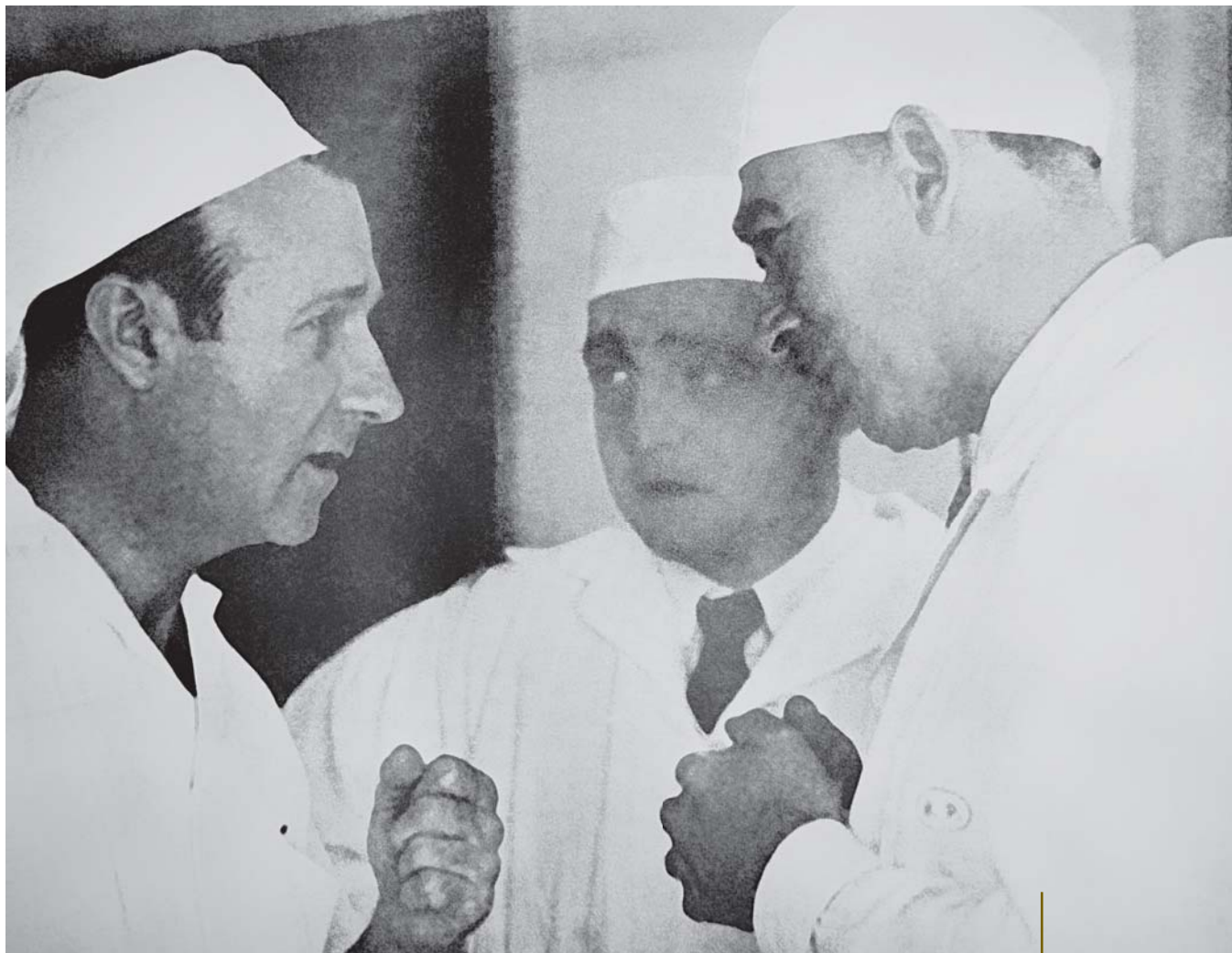
Talvez que, em breve, eu possa oferecer uma contribuição, já em trabalho, mostrando como é corrente o papel dos raios X, esclarecendo a diagnose etiológica, permitindo a classificação subsequente da variedade e quiçá ditando as normas terapêuticas em fase da histologia patológica da célula óssea cancerizada.

Ora, a eletrocirurgia com a sua técnica, com os fortes elementos com que age, com as prerrogativas de sua anatomia, afasta muita controvérsia, que embaraça sobretudo o período de observação.

Ela não é só a arma terapêutica, o é, sem favor ainda, arma diagnóstica.

A questão das fraturas espontâneas no câncer do osso, veio ainda mais complicar sua patologia, e ensombrar sua prognose.

A ela, outra se adiciona e, particularmente, dilucidando-a assim se expressa Mário Kroeff: “É fato novo, na cirurgia óssea, este de seqüestro, resultante da coagulação diatérmica, servir de prótese para manter a continuidade do esqueleto, e não há dele qualquer referência na literatura médica (Mário Kroeff, Op. Art. pág. 74). Neste particular o autor é de rara felicidade em sua explanação.



M

*Mário Kroeff enaltece o valor da
eletrocirurgia, já hoje largamente
difundida, entre nós*

Outro capítulo, ainda entre nós, em mãos singulares, qual os dos tumores dos centros nervosos, “não foi ventilado pelo autor, o que seja dito, não constitui uma falta”.

Nele a eletrocirurgia ocupa lugar de eminente prestígio, senão e sem exagero, de primeira mão.

Fui testemunha ocular, há pouco, em nossa viagem à Argentina, quanto fazem Manoel Balado e Ramon Carillo nos serviços do Hospital de Santa Lúcia e na Clínica José Arce.

Freqüentei com assiduidade e assisti a para cima de trinta operações, defendendo Balado a lipiodolagem cerebral prévia, com diagnose radiológica na localização dos ditos tumores.

No câncer da mama já me fiz partidário, sobretudo nos cânceres recidivantes das cicatrizes, da ablação total de toda a área, pelo bisturi elétrico, deixando a nu os músculos intercostais, fazendo a enxertia subsequente de Baum, com fragmentos da pele da coxa, e largas aplicações de radium, “Von Doellinger da Graça – Discussão do assunto na semana do Câncer – Academia Nacional de Medicina”.

O Sr. Mário Kroeff, neste particular, está em plena ordem do dia.

A técnica de Ward de que o autor a propósito faz citação (pág. 69), tem, mais do que no caso em apreço, larga aplicação na cirurgia, dos tumores cerebrais, e na hemostasia dos canais do díploe.

Não desejo, no entanto, finalizando, que me atribuam gestos de desconfiança, taxando-me de crítico benévolo que só profere exclamações de elogio.

De tais, pôs-se em guarda Horácio, na sua arte poética, quando diz a respeito: *Pulchre – bene recte*. Belo, muito bem, perfeitamente.

Ora, o Sr. Mário Kroeff é, além de um estudioso, um profissional sem egoísmo. Não concordo com ele, e tenho ao meu lado o prof. Keysser com suas dilatadas expressões de encômio ao bisturi elétrico, no câncer da língua. Aqui, como encômio ao bisturi elétrico, na mama, ninguém pode pretender asseverar que a cadeia ganglionar não foi tomada.

No câncer da língua e no da mama, há gânglios cancerinizados, mas impalpáveis.

Não há superioridade no bisturi, sob os métodos irradiantes.

Uns mais que nunca, completam os outros.

Os métodos modernos de implantação de agulhas de radium dentro da mama, estão oferecendo uma nova fase à observação do assunto.

É de crer que a larga absorção no domínio da boca deixa escapar com razão a Keysser a sua frase: *Die Ergebnisse des Chirurugischen Behandlung des Zungenkrebses sind wenig bedringend!!!* pág. 133 “Die Electro Chirurgie, Franz Keysser”.

Ilustrando-o com as suas sessões operatórias, o livro do Sr. Mário Kroeff é um mestre vivo, como dizia Ovídio.

A cura do câncer

A Nota - novembro de 1936

O câncer é um dos mais graves problemas nosológicos que preocupam a humanidade. Moléstia de etiologia ignota, parece que a traz consigo, embrionariamente, todo ser humano, fazendo-se apenas mister para sua eclosão, um traumatismo, uma rutura de pele, um golpe cortante, uma esfoladura qualquer. De dois meios dispõe a medicina contemporânea para atacar, às vezes, sem êxito, essa terrível enfermidade: a cirurgia e a radioterapia.

De 26 anos para cá, a eletrocirurgia veio abrir novos horizontes a essa ardente aspiração dos médicos, tantas vezes decepcionada. Hoje, em quase toda a Europa e América do Norte, emprega-se, com resultados satisfatórios, aquele método de exérese, que tem aqui no Brasil seu famoso campeão, o professor Mário Kroeff. Há mais de um decênio o estudioso dessa especialidade, o notável cirurgião, discípulo e continuador do Dr. Franz Keysser, de Berlim, acaba de publicar uma substancial monografia da matéria, intitulada “Tratamento do câncer pela eletrocirurgia”. O traba-

lho do Dr. Kroeff todo escrito com muita pureza de linguagem e apuro técnico, dá notícia de suas acumuladas conquistas nesta ainda mal conhecida proveniência da ciência médica.

O livro em foco, que a classe médica brasileira está recebendo com as mais honrosas deferências, expõe com muita clareza a debatida questão, ilustrando suas razões com oitenta e uma fotografias de casos clínicos deste professor. Figuram nesta estatística mais de quarenta enfermos, submetidos ao tratamento cirúrgico e nos quais ainda se não mostrou a recidiva, num período de quatro anos.

A prestigiosa revista “Medicamenta”, dirigida pelo Dr. Theofilo de Almeida, consagra o seu editorial deste mês ao livro momentoso do Dr. Mário Kroeff, fazendo-lhe os mais fervorosos encômios. Também, quando aqui estive o já mencionado Prof. Keysser, falando a um de nossos matutinos, assim se referiu a seu bem conceituado discípulo: “Mário Kroeff, no Rio de Janeiro, possui casos originais e, empregando de uma maneira geral, os métodos empregados por mim, tem concorrido para o aperfeiçoamento e difusão da eletrocirurgia, publicando trabalhos interessantes”.

O câncer e a eletrocirurgia

Em torno de um livro recente do Dr. Mário Kroeff

Uma conclusão animadora e uma advertência aos poderes públicos

O Globo - 15-12-1936

Entre os livros que nos são dirigidos diariamente, encontramos um que requer registro especial. Falamos do “Tratamento do câncer pela eletrocirurgia”, do Dr. Mário Kroeff, dado agora à publicidade.

Se bem que tenha vindo com o pedido expresso para que nenhuma nota fosse publicada em jornal leigo, não podemos nos furtar de tecer à margem desta obra alguns comentários que se nos parecem de interesse social.

Sem entrar na parte técnica do trabalho, que só na imprensa especializada poderá ser explanada, várias deduções se nos ocorrem da leitura desta obra, fundamentada nossa opinião com o que escrevem a respeito os colegas do especialista daqui e do estrangeiro.

A primeira conclusão, suficientemente animadora, é a de que nem todos os casos de câncer são incuráveis.

Possuímos de pouco tempo a esta parte, mais este meio de combate ao mal terrível – a cirurgia elétrica. Esta ataca-o, vantajosamente, por qualidades que lhe são próprias.

Mas, no sucesso desta arma, como de outra qualquer, vai muito do seu manejo. Indiscutivelmente, o aperfeiçoamento técnico é tudo e a especialização vale muito. É o próprio Dr. Mário Kroeff quem diz:

“O valor da eletrocirurgia está por certo diretamente ligado ao adestramento profissional. Não é à eletricidade, como também não é ao bisturi que se devem atribuir as boas estatísticas, porque o fato capital está na maneira de os conduzir nas operações. Os bons resultados dependem, certamente, da boa técnica”.

Pelo exposto, conclui-se que o emprego da eletricidade deve ser diferente do bisturi sangrento. Esta queima por simples contato e corta sem pressão.

Conclui-se ainda da documentação do trabalho, que a eletrocirurgia “amplia os limites de operabilidade do câncer.

“Alguns os doentes apresentados, já há longos anos curados, estavam, indiscutivelmente, perdidos para todos os outros recursos terapêuticos, quando se submeteram a exérese ou à destruição eletrocirúrgica de suas neoplasias”, diz também no prefácio um ilustre cirurgião.

Falta-nos, infelizmente, espaço para transcrever tudo o que a respeito dos trabalhos do destacado cirurgião patricio têm dito as sumidades nacionais e estrangeiras. Não nos furtaremos, contudo, a transcrever o seguinte:

“Criou um processo novo ao lado da técnica de Keysser”.

Bordier, a seu respeito, escreveu:

“É fato novo em cirurgia óssea, esse de que o seqüestro da coagulação diatérmica possa servir de prótese para conservar a continuidade do esqueleto”.

“É uma concepção nova na cirurgia dos ossos, bem estabelecida pelo Dr. Mário Kroeff”. (Archives d'électricité médicale. Paris, nov. 1935).

Ivanissevich, de Buenos Aires, lhe escreveu em carta:

“Creio que é esse o bom caminho. É preciso prosseguir. Keysser é um exemplo de decisão e de energia. “Supérelo Ud. em Brasil”.

Destacamos, enfim, mais um trecho do prefácio do livro em que diz o autor:

“Vindo agora novamente a público, julgamos que um mérito, ao menos, vos seja reconhecido: é o esforço que temos despendido para conseguir operar algumas centenas de cancerosos sem dispor de local onde os internar. Só temos conseguido operar, sempre em serviço alheio... obrigados a transportar os aparelhos para aqui e para ali e cuidar sozinhos dos doentes, depois de operados”.

Depois da leitura deste trabalho, chega-se também a esta triste conclusão: – em nosso meio os valores, em geral, se atrofiam, se diluem em esforços vãos, porque lhes faltam o material, os meios, os recursos para estudos dedicados, por onde possam se sobressair, na competição internacional.

O tratamento do câncer pela eletrocirurgia

Correio da Manhã – Rio, 16-12-1936

O professor Mário Kroeff, livre-docente de clínica cirúrgica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, é um estudioso das questões referentes ao tratamento do câncer, que ele acompanha há mais de dez anos, no domínio de sua especialidade.

Com a publicação agora de seu opúsculo, “Tratamento do câncer pela eletrocirurgia”, o conhecido médico expõe documentadamente os resultados de seu método operatório, cuja técnica é descrita com minúcias, acompanhada de fotografias elucidativas. Esse processo fora apresentado ao 1º Congresso Brasileiro do Câncer no ano passado, conforme tivemos ocasião de noticiar.

No trabalho que acaba de vir a lume, o Dr. Kroeff aborda em suas 140 páginas os casos mais variados e curiosos da intervenção eletrocirúrgica no câncer, focalizando nada menos de dezoito indicações em particular, algumas da maior gravidade e cujo êxito se tornou completo com o emprego do “bisturi não sangrento”.

Para se avaliar a importância deste trabalho, basta reproduzir as palavras com que ao mesmo se referiu o professor Bordier, de Lyon, ao dar conhecimento aos seus colegas franceses, do processo que, no Brasil vinha sendo executado pelo professor Mário Kroeff.

“A diatermocoagulação destrói e repara em seguida, sem mutilações; a própria ação diatérmica desempenha o papel de enxerto durante o processo de restauração óssea. É uma concepção nova da cirurgia dos ossos, bem estabelecida pelo doutor Mário Kroeff”.

Um grande benfeitor da humanidade

O professor Mário Kroeff e a cura do câncer

O Lábaro – Ubá, 20-12-1936

O câncer é um dos maiores inimigos da humanidade.

Verdadeiro flagelo – afirmou o notável professor Pietro de Turim, que, há pouco esteve na América do Sul.

Aliás, isto pode ser provado, facilmente, pelas estatísticas da Liga das Nações.

Com efeito, os dados do Departamento de Higiene impressionam seriamente pela relação vultosa de suas vítimas.

E assim, invadindo os quatro cantos do mundo, como vírus maldito, o câncer devasta os lares, enchendo-os de dor e de luto.

Diante dele, no entanto, não têm cruzado os braços os estadistas. E, muito menos, os homens de ciência. Pelo contrário, num combate titânico e dramático, criam-se instituições, abrem-se hospitais e constroem-se laboratórios especializados, como o de Basiléia, dirigido pelo grande cancerologista Blumenthal.

Infelizmente, no Brasil, o cruciante problema não tem sido, como devia ser, objeto de atenção dos governos. E o fato é tanto mais lamentável, quando se sabe que, aqui, sozinhos, sem o amparo oficial, se esfalfam em trabalhos penosos, no silêncio das salas de cirurgia, patricios eminentes.

É o caso, por exemplo, do professor Mário Kroeff.

Além de integrar, brilhantemente, o quadro do corpo docente da Universidade de Rio de Janeiro, é cirurgião da Santa Casa, da Caixa de Aposentadorias dos Marítimos e do Hospital Alemão.

Já estive na Europa inúmeras vezes, tendo ali efetuado várias intervenções cirúrgicas. Durante a Grande Guerra fez parte da Missão Médica Brasileira, chefiada pelo professor Nabuco de Gouveia.

Nesta ocasião, trabalhou ao lado de Sencert, que então assombrava os meios científicos do mundo com enxertos de nervos e vasos mortos.

Mais tarde, regressando ao Brasil, dedicou-se o professor Mário Kroeff, de corpo e alma, ao estudo do câncer.

A respeito da matéria em apreço realizou importantes pesquisas. Algumas delas, pelo seu valor, tiveram mesmo extraordinária repercussão no estrangeiro, merecendo, entre outras, referências honrosas de H. Bordier, de Lyon e Franz Keysser de Berlim.

Francamente notável a sua obra – “Tratamento do câncer pelo eletrocirurgia” – obra apresentada

ao Primeiro Congresso Brasileiro do Câncer, e que acaba de ser dada à publicidade num belo volume cheio de ilustrações e mapas elucidativos.

Vemos aí, narradas, de forma clara e elegante, numerosas intervenções cirúrgicas, para a cura do câncer, pelo processo da eletrocoagulação.

Referindo-se a este processo, disse Korvarshik: “Nenhum outro método existe para destruir tão largamente um tumor canceroso, como a coagulação. É lamentável que não tenha sido mais extensamente usada em laringologia, rinologia e ginecologia operatória”.

Aliás, Stefani, no Congresso de Cirurgia, em 1925, já havia afirmado: “A eletrocirurgia é, de fato, a quarta arma na luta contra o câncer, e não menos preciosa.

É justo salientar, agora aqui, o que tem realizado neste terreno, o professor Mário Kroeff.

Para tal vamos buscar a opinião abalizada do notável professor Roberto Freire, expandida na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Disse que teve a oportunidade de ver no Velho Continente diversos enxertos de nervos e vasos mortos, conservados em álcool. Em certa ocasião, perguntou a Sencert se poderia fazer idêntica coisa com os ossos.

Respondeu-lhe o sábio francês que tinha tentado isso, sem, no entanto, obter qualquer resultado. E, em seguida, acrescentou: “Ora, o Dr. Mário Kroeff obteve esse sucesso patente porque nós vimos os doentes e os resultados. Talvez a teoria seja a mesma e proporcionasse conseqüências satisfatórias por não se tratar de um osso estranho e por não ter sido o seqüestro resultante da coagulação, retirado da intimidade do osso vivo. Assim, não tendo havido nenhum deslocamento, este seqüestro, preso entre as extremidades vivas, serve de guia para a proliferação dos tecidos ósseos de um segmento ao outro. É este um dos pontos principais da conferência do Dr. Mário Kroeff e para ele chamo a atenção. Todos nós devemos vulgarizar esses estudos, de forma a se tornarem conhecidos, para o bem da humanidade e satisfação do Dr. Kroeff, vendo confirmados os resultados do seu processo.

Enaltecendo ainda a obra do grande cancerologista brasileiro, encontramos declarações muito honrosas de Carlos Botelho Junior, Mauriti Santos, Leão de Aquino, A. Austregésilo e Bordier, sendo que este ilustre cientista de Lyon escreveu a respeito do Dr. Mário Kroeff um luminoso artigo nos “Archives d’ Electricité Médicale et de Physiothérapie du Cancer”.

Ilustrando a presente nota, publicamos aqui um clichê onde aparece o eminente professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, operando uma senhora, tendo como auxiliar, nesta delicada intervenção cirúrgica, seu colega Dr. Aparício Varela Coelho.

Aliás, não foi essa a única em que atuou também o ilustre diretor da Faculdade Livre de Ubá. Não. Mas nas outras, realizadas na capital do país, sob os auspícios do Segundo Congresso Brasileiro do Câncer.

Quando estive em Minas, o Dr. Mário Kroeff assistiu a diversas operações do Dr. Aparício V. Coelho, realizadas no Hospital de S. João Batista de Rio Branco.

Numa entrevista concedida ao “Minas Jornal”, então, declarou o grande cancerologista: “O Dr. Aparício V. Coelho fez uma operação de catarata numa criança de meses, com rara habilidade e muita firmeza de mão. Rio Branco pode ser orgulhar de possuir um oculista que faz bem qualquer operação da especialidade; aliás, já o conhecia de nossa roda médica do Rio de Janeiro.

Aqui, no Hospital de Ubá, com o Dr. Aparício Coelho, o professor Kroeff realizou uma operação de câncer do braço direito, com amputação total.

Auxiliado, ainda, pelo Dr. Aparício Coelho, efetuou em Rio Branco, quatorze intervenções de alta cirurgia, todas com absoluto êxito.

Não houve excesso, pois, quando há pouco, afirmamos ser, no Brasil, o Dr. Mário Kroeff uma das maiores autoridades em cancerologia.

A sua obra é notável. Notável só não; altamente filantrópica, porque faz a humanidade menos sofredora e feliz.

A propósito de um livro

Prof. Ulysses Nonohay

Correio do Povo - 19-3-1937

Há poucos dias o nosso conterrâneo Mário Kroeff me ofereceu seu livro, recentemente publicado: “Tratamento do câncer pela Eletrocirurgia”.

Embora estranho às minhas especializações clínicas, eu não o li, mas devorei-o, encantado do magnífico panorama, prático e científico que ele descortina e orgulhoso de que o artista que a ciência criou, fosse do nosso Rio Grande e, mais que isso, o amigo, cuja vida profissional eu assistira desde o seu início.

Do tímido cirurgião de há pouco, venho encontrá-lo agora o Mestre em uma das mais brilhantes, mais arrojadas e mais fecundas terapêuticas contra o câncer: a eletrocirurgia.

Não posso esconder o prazer que o acaso me proporcionou de fazê-lo, antes de todos, conhecido da terra que nos foi berço e que ele ainda ama sobre todas.

O livro de Mário Kroeff, hoje Livre-Docente de Clínica Cirúrgica da Universidade, abre com algumas opiniões sobre a eletrocirurgia, foca, de forma sintética, os processos de terapêutica do câncer, dá generosamente a técnica da eletrocirurgia, apresenta documentadas com fotografias, todas suas observações magníficas de casos operados e, por fim, fecha, com umas conclusões, já possíveis, após uma experimentação que excede de 300 doentes.

Antes de tudo, interessa saber que no tratamento do câncer, enquanto a radioterapia não pode alcançar resultados, fora de certas formas de começo e em determinados tipos de tumores, a cirurgia sangrenta, a exérese simples a bisturi é quase sempre seguida de replantio das células cancerosas no campo operatório, ao passo que a eletrocoagulação não respeita qualquer processo de neoplasia e, destruindo facilmente o foco ma-

ligno pela coagulação dos tecidos e agindo em profundidade até certa distância, pelo efeito do calor sobre as células cancerosas, que são termolábeis, ela evita a recidiva local e se torna o mais seguro processo de cura radical. Nos casos avançados, dilata os limites de operabilidade do câncer. Acrescente-se que age sem sangue e sem determinar disseminação à distância; ter-se-á logo uma visão perfeita da sua importância e do futuro que lhe está reservado.

A afirmação mais brilhante da obra de Mário Kroeff está na série de observações que enchem seu livro com casos curados há vários anos e principalmente pela recomposição autoplástica das destruições provocadas pelo mal em seus doentes.

Neste ponto se revelou também um artista, re-fazendo quase ao natural as perdas de substâncias, com a cirurgia reparadora.

Para exemplo, está o caso de uma professora que apresentava um vasto sarcoma, de forma vegetante, tomando toda a mandíbula e recalcando os lábios para fora. Vendo-lhe a fotografia, não se compreende como poderia sequer tomar os alimentos, mesmo líquidos.

Pois bem! O tumor, que por todos os outros processos seria incurável, e traria em breve a morte à doente, foi erradicado completamente para se conservar sem reprodução até hoje, 5 anos depois da operação. Ainda mais, por um processo de sua autoria, ele aproveitou o próprio osso doente, depois de dissecado pela eletricidade e despojado o elemento maligno, para conservar a continuidade do arco mandibular e servir de prótese, desempenhando, ao mesmo tempo, o papel de enxerto.

Ao cabo de algumas semanas, quando retirou o seqüestro, já existia um osso novo por baixo para substituir o primeiro, sem deformar o paciente. Esta doente, hoje entregue ao exercício de suas

funções, conserva a fisionomia perfeitamente normal, tendo como lembrança apenas leve retração do lábio inferior.

Preferi esta, porque é a primeira da série, como poderia escolher qualquer outra, pois todas, sobre doentes fatalmente condenados, mostram à saciedade quanto é admirável o processo da cirurgia elétrica, ao serviço de um profissional de audácia, de decisão, de firmeza, de profunda cultura anatômica e científica.

Carlos Botelho Junior, uma das mais altas autoridades mundiais em cancerologia, diz o seguinte:

“É incontestável o valor da eletrocirurgia, quando manejada com perícia e ousadia conscienciosa de cirurgiões especializados como Keysser, na Alemanha, Kroeff, no Rio de Janeiro e Antonio Prudente, em São Paulo”.

Oscar Ivanissevich, de Buenos Aires, diz que “Keysser é um exemplo de decisão e de energia”. “Supérelo Usted en Brasil”.

Bordier, de Lyon, referindo-se ao processo de aproveitar o seqüestro da coagulação, no papel de prótese, pela primeira vez empregado por Mário Kroeff, diz que é “um fato novo em cirurgia óssea”; é uma concepção nova bem estabelecida por Mário Kroeff”.

Também as Revistas e as Sociedades Médicas daqui e de São Paulo exaltam a obra e o cirurgião, cujo livro motivou esta crítica.

Nestes poucos dias, o nosso patrício irá em visita aos seus.

Certamente, na Faculdade e na Sociedade de Medicina ele fará conferências e quiçá demonstrações práticas de eletrocirurgia. Será a merecida consagração de um dos mais legítimos expoentes da cirurgia nacional.

2 *Centro de cancerologia*

Centro de cancerologia59
Criação, destaque de verbas para a instalação do Pavilhão de Cancerologia, nomeações59
Inauguração do Centro de Cancerologia59
Luta contra o câncer (Discurso pronunciado por ocasião da inauguração do Centro de Cancerologia pelo Dr. Mário Kroeff, em 14 de maio de 1938)	59 a 66
Providências de ordem administrativa – transferência do Centro de Cancerologia para a Prefeitura do Distrito Federal67
Atribuições e finalidade do Centro de Cancerologia	68 e 69
Cessão ao Centro de Cancerologia de terrenos pertencentes à Fundação Oswaldo Cruz	70 a 76
Noticiário da Imprensa	77 a 105

Centro de cancerologia

Em 13 de janeiro de 1937, foi criado no Serviço de Assistência Hospitalar do Distrito Federal, o Centro de Cancerologia, destinado à profilaxia ao tratamento do câncer (Decreto-Lei nº 378, art. 52).



Em 1 de março de 1937, o Senhor Presidente da República autorizou o destaque de 200.000\$000, do selo de Educação e Saúde, para a construção do pavilhão especial do Centro de Cancerologia.



Em 29 de dezembro de 1937 foi aberto pelo Ministério da Educação e Saúde o crédito especial de 529.000\$000, sendo 410.000\$000 para a instalação do Pavilhão de Cancerologia (Decreto-Lei nº 22).



Em 30 de dezembro de 1937, pela portaria nº 158, o Ministro da Educação e Saúde resolveu designar o médico sanitарista, classe “K”, Dr. Mário Kroeff, para dirigir o Centro de Cancerologia do Serviço de Assistência Hospitalar do Distrito Federal.



Em 14 de maio de 1938, foi inaugurado pelo Presidente Getulio Vargas o Centro de Cancerologia, sendo Ministro da Educação e Saúde, o Dr. Gustavo Capanema e Diretor Geral do Departamento Nacional de Saúde, o Dr. João de Barros Barreto.

Luta contra o câncer

Discurso pronunciado por ocasião da inauguração do Centro de Cancerologia pelo Dr. Mário Kroeff, Diretor, em 14 de maio de 1938.

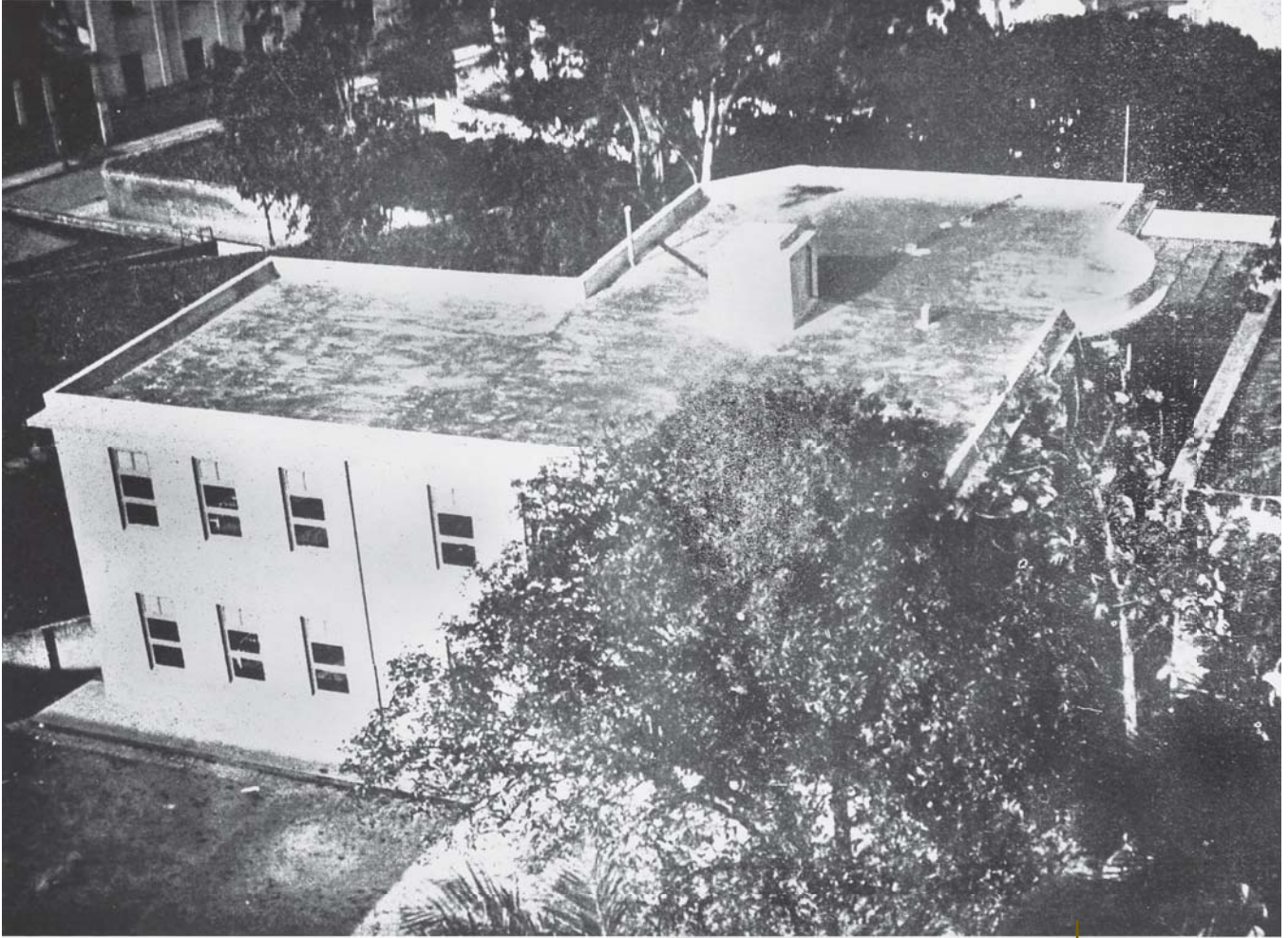
Ex.^{mo} Sr. Presidente da República; Ex.^{mo} Sr. Ministro da Educação e Saúde; Ex.^{mo} Sr. Prefeito do Distrito Federal; Ex.^{mo} Sr. Diretor do Departamento Nacional de Saúde; demais autoridades presentes; Ex.^{mas} Senhoras; meus Senhores:

Inaugurando-se hoje as atividades do Centro de Cancerologia, serviço criado pelo governo na Assistência Hospitalar do Distrito Federal, cumprenos a obrigação de apresentar aqueles que aqui virão trabalhar e manifestar de público as intenções de que se acham possuídos e ainda mais externar o programa traçado.

Preliminarmente, deveremos deixar bem claro o destino reservado a este Pavilhão. Ele não foi construído de certo para asilar enfermos incuráveis, que aqui venham tão somente para findar sua penosa existência.

Aos que não estiverem familiarizados com os progressos da terapêutica anticancerosa, isto talvez possa parecer uma verdade implacável.

A nossa profissão de fé, dentro deste pequeno Pavilhão, ergue-se em outro fundamento, porque sustenta o lema de que o câncer é curável, desde que tratado em tempo.



P

*Pavilhão do Centro de Cancerologia
anexo ao antigo Hospital Estácio de Sá*

Mas quais são e onde se encontram as armas de combate, estas já consagradas pela experiência e pelo tempo? A cirurgia, os raios X e o rádio?

Como preferi-las? Onde os técnicos para manobrá-las e os recursos financeiros para sua aquisição?

São essas tantas questões que compete atender, à frente deste Serviço, num plano geral de ação.

Armas e Colaboradores

A cirurgia, esta, inaugura-se hoje. Velha arma de todos os tempos, manejada um pouco por toda parte, ela exige dos seus manipuladores, toda vez que se propõe a extirpar o câncer radicalmente do organismo humano, além dos conhecimentos decorrentes da técnica moderna, uma cuidadosa especialização e perfeito adestramento profissional.

Requer até em muitos casos o uso da corrente elétrica para substituir o corte do bisturi comum pelo efeito dissociante da eletrocirurgia; troca as operações sangrentas por outras coagulantes para poder agir sem sangue e calafetar os vasos sanguíneos e linfáticos, à medida que os secciona, procura reduzir assim as probabilidades de recidiva, no local e à distância, por sementeira do campo operatório.

A serviço desta cirurgia, virá cooperar conosco desinteressadamente, com as atribuições de chefe de clínica, o Dr. Alberto Coutinho, Docente da Faculdade e ex-assistente do Professor Brandão Filho.

A radioterapia também terá em breve completadas as suas instalações e ao cabo de poucas semanas estará prestando serviços, dentro das indicações que lhe são próprias na terapêutica do câncer. O nosso aparelhamento consta de um "Stabili-Volt" da Fábrica Siemens e Reiniger, de Berlim, com 230 mil volts e 30 miliampères, possuindo duas hastes para poder tratar dois doentes num só tempo.

Segundo a opinião dos peritos ingleses, escandinavos e alemães, é este aparelho o melhor potencial no gênero, principalmente se forem usados os

dispositivos de Holfelder que acompanham esta nossa aquisição, tendentes a comprimir a zona afetada e aproximar os raios do foco doente.

A Bélgica, não obstante ser a campeã na curie-terapia, detentora que é da maior soma de rádio, extraído das suas minas do Congo africano, acaba de adquirir alguns aparelhos deste tipo, confirmando-se assim o acerto da nossa escolha.

A responsabilidade técnica desta máquina irradiante será confiada à experiência de Manuel de Abreu, que generosamente aceitou em prestar seus serviços a este Centro e contribuir para a formação de jovens técnicos, voluntários desta especialidade, justamente reconhecida como insalubre e perigosa. Contará como auxiliares os Drs. Nicola Caminha, Laurindo Quaresma, Evaristo Machado, profissionais já versados na radiologia.

Quanto ao radium, arma que constitui a ambição de todo serviço que se propõe a tratar o câncer, nós o teremos certamente para o bem dos doentes e para que se possa manter nesta instituição o nome de Centro de Cancerologia, isto é, com a conjugação dos três meios clássicos de tratamento.

Os recursos para a sua aquisição já foram sugeridos ao Sr. Ministro da Educação e Saúde e a proposta mereceu aprovação do Ex.^{mo} Sr. Presidente da República.

Foi convidado para chefiar a Seção de radioterapia o Dr. Eudoro Vilela, estagiário dos Institutos de Paris e profissional de grandes possibilidades, segundo as palavras de Regaud.

A quarta arma é, sem dúvida, constituída pelo Laboratório de Anatomia Patológica que, na cancerologia, desempenha o papel de verdadeiro sapor do terreno. Sem o microscópio, não é possível orientar-se conscienciosamente o tratamento do câncer. A campanha profilática não dispensa também o exame histológico para estabelecer o diagnóstico precoce ou precocíssimo.

Esta dependência do Centro de Cancerologia será entregue à proficiência de Amadeu Fialho, Docente da Faculdade, que articulará os nossos



O Presidente Getulio Vargas na visita inaugural ao Centro de Cancerologia, achando-se também entre os presentes o Dr. Gustavo Capanema, J. Barros Barreto e Mário Kroeff respectivamente, Ministro da Educação e Saúde, Diretor do D. N. de Saúde e Diretor do Centro de Cancerologia

trabalhos com os que desempenha no Laboratório de Patologia, do Departamento Nacional de Saúde, enquanto não dispusermos de um laboratório anexo ao Centro.

Também uma boa aparelhagem de radiodiagnóstico, sempre indispensável na elucidação clínica das neofomações que se estabelecem profundamente, faz parte das nossas instalações.

A clínica médica, aplicada à cancerologia, contará com os serviços prestimosos de José Júlio Vello da Silva, Docente da Faculdade e clínico por demais conhecido.

O Dr. Sérgio de Barros Azevedo, médico sanitário, ficará encarregado de estudar a epidemiologia do câncer e sua difusão entre nós. Incumbir-se-á ainda de articular os nossos serviços com os dos Centros de Saúde do Distrito Federal, para aproveitá-los dentro do sistema polivalente de dispensário, como postos de descobrimento do câncer, entre os portadores de outras doenças.

Outros jovens profissionais completarão o quadro dos colaboradores do Centro de Cancerologia: Drs. Luiz Carlos Oliveira Junior, Jorge Marsillac, Alberto Rodrigues e os estudantes Francisco Fialho e Cláudio de Barros Barreto.

Ao nosso corpo de enfermeiras, sob a chefia da Sra. Frida Ruhemann, ex-superiora de uma clínica hospitalar de Berlim, não se poderá negar, desde já espírito de sacrifício, pois que não recusam lidar com a mais apavorante das doenças, mediante recompensas pecuniárias insignificantes.

Orientação terapêutica

Na luta contra o câncer, inegavelmente, não é fácil dar preferência a uma das três referidas armas para desfechar o primeiro golpe, e mais difícil se torna ainda determinar o momento de uma ceder a vez à outra.

Se todos nós sentimos, como é justo, a paixão pelo instrumento de trabalho a que estamos habituados, aqui mais do que em qualquer outra profissão se impõe uma vigilante precaução para

que não se nos obscureça o discernimento clínico. Pode-se, é verdade, por um prodígio de técnica em cancerologia conseguir bons resultados com o emprego unilateral das armas, nunca se alcançando, porém, as percentagens de cura com processos combinados.

A maior soma de benefícios em tratamento, se auffer inegavelmente da colaboração amigável, da simbiose desapaixonada, entre o cirurgião, o radiologista, o radioterapeuta e o anatomopatologista. Os estudiosos da cancerologia sabem o quanto evoluem as técnicas usadas no tratamento dos tumores. É preciso entrar constantemente a examinar os resultados obtidos, rever as estatísticas pessoais e alheias, para que se possa preferir, escolher, modificar a forma de tratamento até então empregada, nas múltiplas localizações e várias modalidades histopatológicas dos tumores malignos.

Programa

Assim, a tática geral de uma campanha anticancerosa que caberia nos moldes de um verdadeiro Instituto de Câncer, não pode ser programada para este modesto Pavilhão.

Somos acanhados em face da grandeza da missão a cumprir. Mas este pequeno Hospital, pequenino mesmo, crescerá por certo pelos benefícios que há de prestar.

É a primeira pedra lançada, na construção do grande edifício; será o núcleo em torno do qual virão se juntar novas ampliações. Os trabalhadores desta casa serão, por certo, substituídos por outros de amanhã, dotados talvez de maiores aptidões.

Comprendemos bem que uma organização desta natureza, só pelo nome que traz, assume graves compromissos, até fora da nossa vida interna. Pesa-lhe a responsabilidade patriótica de manter acesa e profícua a colaboração internacional e corresponder no intercâmbio científico às suas congêneres estrangeiras.

No interesse da ciência, o câncer não é considerado doença comum ou trivial dos hospitais, mas

representa flagelo social que preocupa os estudiosos de todo o mundo e faz levantar Instituições grandiosas nos países civilizados, constituindo sempre motivo de competição internacional. Pode-se até mesmo assegurar que o grau de civilização de um povo traduz-se não só pela modernidade dos seus hospitais, mas, principalmente, pelo valor dos seus Institutos de investigações científicas.

A preocupação primacial do Centro de Cancerologia será, pois, a de elevar-se à altura de centro de estudo, de investigação, de ensino universitário, de produção médico-literária, ao lado do seu papel principal que é o de tratamento e assistência médica popular.

Enfim, o nosso programa, neste Serviço, poder-se-ia resumir em um só “item”:

Já que se considera o câncer curável num bom terço dos casos, cumpre-nos obter e aumentar mesmo esta percentagem clássica, se não for por meio de técnicas adequadas, seja então com tratamento precoce.

Em outras palavras: se os benefícios não puderem ser apreciados pelo êxito de conjugações terapêuticas acertadas, em condições de ampliar os limites de curabilidade dos casos avançados, sejam ao menos por meios terapêuticos oportunos, aplicados precocemente, em grande número de indivíduos portadores de lesões iniciais.

Cabe-nos, portanto, à margem das atribuições relativas ao tratamento propriamente dito, também a obrigação de realizar a tarefa da propaganda e do ensino, como complemento da faina terapêutica.

Compete-nos, pois, atrair ao tratamento precoce a maior soma possível de doentes; descobrir por todos os meios os casos que de ordinário passam despercebidos à negligência dos indiferentes; ensinar aos médicos, em curso de aperfeiçoamento, a surpreender o câncer, tendo sempre em mente a hipótese do mal, quando examinarem pacientes atacados de doença comum; ensinar aos profissionais que manipulam com o organismo humano, a pensar no câncer (dentistas, parteiras, massagistas); educar o grande público por meio de confe-

rências, publicações, lições pelo rádio, a se prevenir contra as lesões pré-cancerosas, procurando exame médico diante de certos sintomas, considerados suspeitos na clínica cancerológica.

Em suma, desde que os quarenta leitos de que dispomos sejam convenientemente aproveitados de modo a beneficiar o maior número de doentes, que abram vagas logo depois do tratamento, prestarão relevantes serviços na campanha anticancerosa.

Também o ambulatório poderá tornar-se um vasto meio de cura, melhor talvez do que a hospitalização, se atender grande massa de atacados de lesões incipientes.

Assim, pretendemos reservar a internação nas enfermarias, tão somente aos casos curáveis, a estes que nos pareçam ainda suscetíveis de uma terapêutica proveitosa.

Ao contrário, vencendo as nossas sensibilidades em face do sofrimento alheio, seremos obrigados a rejeitar os incuráveis para não prejudicar a utilidade deste serviço, sob o ponto de vista curativo.

Asilo para os incuráveis

Um asilo destinado a atenuar as penas dos desenganados, proporcionando-lhes uma morte suavizada com assistência afetiva na dor física e moral, há de surgir naturalmente à margem deste Centro, talvez pela iniciativa privada, que entre nós sempre encontra quem se compadeça dos náufragos da sorte.

O canceroso pobre constitui em nossa capital elemento indesejável às portas dos hospitais, porque as clínicas não dispõem de meios apropriados para seu tratamento. Nós mesmos rejeitamos vários doentes diariamente na Santa Casa, por falta de local onde os internar. E que esforço penoso temos despendido até aqui para conseguir operar, em serviço alheio, algumas centenas desses miseráveis.

No entanto, mais do que aqueles que nas ruas levantam as mãos à caridade pública, deve o canceroso merecer a comiseração dos corações generosos.

O pobre se contenta com uma migalha de pão: o canceroso sofre dores cruciantes que só em organizações especiais podem encontrar lenitivo.

Já de agora se nos confrange o sentimento ao pensar na recusa diária a tantos destes que em estado incurável, virão à nossa porta para voltar depois desesperançados.

E não se julgue que este nosso problema de assistência moral aos que não têm onde morrer, alquebrados pela dor, excede ao valor de uma esmola dos protegidos da fortuna.

Há entre nós modestas organizações hospitalares, privadas, que oferecem leitos mediante diárias insignificantes.

Por menos de meia dúzia de contos mensais, quem quisesse ter um gesto de caridade evangélica, encontraria hospitalização para 30 desses desengañados pela ciência, que não requerem mais do que assistência afetiva e alívio para o sofrimento.

Se as estatísticas mostram que desaparecem anualmente cerca de mil indivíduos vitimados pelo câncer no Distrito Federal, estes poucos leitos ocupados sucessivamente em virtude das vagas que se derem pelas mortes, prestariam serviço verdadeiramente humanitário e desafogariam também o Centro de Cancerologia, reservado especialmente para os casos passíveis de cura.

Quando nos dilatarmos para capacidade de grande Instituto, aspiração que há de se constituir realidade, então poderemos ampliar o âmbito da nossa ação e assistir melhor a todos os feridos do terrível mal.

Num plano geral de ação, não se deverá desprezar também o auxílio inestimável que pode prestar a Liga Brasileira de Combate ao Câncer e bem assim um “Serviço Social”, que se destine a proteger os cancerosos e suas famílias.

Agradecimentos

Terminando, deveremos acentuar que se a nossa capital acaba de ser dotada de um Centro de Cancerologia, foi graças principalmente à magnânima orientação do Chefe da Nação, Dr. Getulio Vargas, sempre atento aos problemas que dizem com a saúde do nosso povo e com as medidas de previdência social.

Também ao Sr. Ministro da Educação e Saúde, Dr. Gustavo Capanema, como ideador do serviço e defensor da necessidade de semelhante organização em prol dos necessitados, devem convergir todos os agradecimentos.

Entre tantas realizações meritórias, esta, pela sua significação e oportunidade, será um atestado objetivo de sua passagem pelo Ministério da Educação e Saúde.

Ao Diretor do Departamento Nacional de Saúde, Dr. Barros Barreto, muito devemos pelo auxílio vigoroso, pelo apoio inteligente com que nos amparou na organização deste Centro, instituição pela qual se vem batendo desde muito.

O Sr. Prefeito do Distrito Federal, Dr. Henrique Dodsworth, espírito sempre solícito a atender os problemas da nossa capital, também teve aqui a sua parcela de colaboração, mandando executar melhoramentos nos terrenos que circundam este Pavilhão, trabalhos que na realidade fogem às atribuições municipais.

A vós todos, que honrastes a inauguração dos serviços do Centro de Cancerologia com a vossa presença, os nossos efusivos agradecimentos pelo conforto e prestígio que viestes trazer a esta obra humanitária, demonstrando mais uma vez o interesse especial por tudo aquilo que diz respeito à elevação do nível médico-social do nosso país.



*Inauguração do Centro de Cancerologia,
em 15/05/1938*

Providências de ordem administrativa



Em 7 de julho de 1938, foi aberto pelo Ministério da Educação e Saúde o crédito especial de 150.000\$000 para atender as despesas de material de consumo e 21.760\$000 para diversas despesas (Decreto-Lei nº 539).



Em 9 de agosto de 1938 foi aprovada a tabela dos primeiros extranumerários e contratados para o Centro de Cancerologia.



Em 10 de dezembro de 1938, pelo Decreto-Lei nº 942, foi consignada no orçamento para 1939, verba própria para o Centro de Cancerologia.



Em 11 de janeiro de 1939, pelo Decreto-Lei nº 1.040, foi transferido o Centro de Cancerologia para a Prefeitura do Distrito Federal, conforme contrato celebrado entre a União e a Prefeitura aos três dias do mês de abril de 1939.

Atribuições e finalidades do Centro de Cancerologia

Novembro de 1938

“Sr. Presidente da Comissão de Eficiência do Ministério de Educação e Saúde

Em resposta a vosso esquema, solicitando informações sobre a Repartição a meu cargo, tenho a honra de comunicar-vos o seguinte:

I – Trata-se de um Serviço criado pelo § único do art. 58, da Lei nº 378, de 13 de janeiro de 1937, e destinado à profilaxia e ao tratamento do câncer.

II – O Centro de Cancerologia compreende uma seção técnica hospitalar e uma seção administrativa. A seção técnica abrange a cirurgia e a radioterapia. Dispõe para isso, de 3 enfermarias com capacidade total de 40 leitos, para ambos os sexos, e 1 ambulatório, tudo com as respectivas instalações: salas de cirurgia, de curativos, de esterilização e aparelho de radiodiagnóstico, e um aparelho de radioterapia, possuindo 2 hastes, para poder tratar 2 doentes ao mesmo tempo.

III – a) tratamento e profilaxia do câncer, nas seções mencionadas no item II: cirurgia, raios X e radium.

b) estudo da epidemiologia do câncer e sua difusão entre nós, assim como propaganda e ensino destinados a instruir os médicos e o grande público, a surpreender a doença em início de seu aparecimento, condição básica da curabilidade do mal.

IV – O Diretor superintende todo o serviço do Centro de Cancerologia tanto técnico como administrativo. Os chefes de serviço e demais

serventuários desempenham as funções técnicas ou administrativas que lhes são determinadas pelo Diretor.

V – Diretor-Médico sanitarista da classe K; Sub-Diretor e chefe do serviço de estatística e propaganda – médico sanitarista da classe K; Secretário – escriturário da classe D. Possui ainda, o seguinte pessoal extranumerário mensalista – 2 médicos de 5ª classe, 3 auxiliares técnicos de 5ª classe, 1 enfermeiro de 5ª classe, 4 enfermeiras ajudantes de 3ª classe e 2 enfermeiros ajudantes de 4ª classe; 7 diaristas – trabalhadores; contratados 1 sub-ajudante técnico de 2ª classe, 1 enfermeira de 5ª classe e 3 enfermeiros ajudantes de 3ª classe.

Este pessoal deve ser proximamente aumentado, com o desenvolvimento do serviço ora em início.

VI – Apesar de ainda não terem sido aplicadas, serão orientadas pelo regulamento do Hospital Estácio de Sá, pois este Centro ainda não o possui.

VII – Normais, de acordo com os estabelecimentos hospitalares do Governo.

VIII – É constituída pelo art. 11 da Lei 183 de 13 de janeiro de 1936 e pelo art. 30 e nº 48 da tabela A, do Decreto nº 1.137, de 7 de outubro de 1936.

IX – Regulamento do Hospital Estácio de Sá.

Atenciosas saudações

Mário Kroeff, Dr. Diretor



D

*Diretor, corpo clínico, enfermeiras e demais
funcionários do Centro de Cancerologia*

Cessão ao centro de cancerologia dos terrenos do Cais do Porto pertencentes à Fundação Oswaldo Cruz

(Ofícios sobre a transação)

Ministério da Educação e Saúde Pública

Diretoria de Assistência Hospitalar

Hospital Estácio de Sá

Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 1937

Ex^{mo} Sr. Professor Dr. Raul Leitão da Cunha.

D.D. Presidente da Comissão Pró-Estátua Oswaldo Cruz.

Tendo sido abandonada a idéia de perpetuar a memória de Oswaldo Cruz por meio da organização de um Serviço de Combate ao Câncer, ao qual seria dado seu nome, e, tendo ficado resolvido, ao invés da ereção de uma estátua em praça pública, que lembre à posteridade o culto ao grande sábio, tenho a honra de me dirigir a V. Ex.^a no sentido da possibilidade de ser, novamente, posto à disposição do Governo, o terreno existente à Praça Santo Cristo, e que fora doado à Fundação Oswaldo Cruz, já que não pôde ser aproveitado para o combate ao câncer.

Por outro lado, tendo o Governo criado recentemente o Centro de Cancerologia, que se acha em vias de instalação e prestes a ser inaugurado, justo será que aquela doação venha ainda a ter a mesma aplicação a que fora destinada.

Assim, como Diretor do Centro de Cancerologia, venho pleitear, junto à Comissão Pró-Estátua Oswaldo Cruz, a cessão daquele próprio, a fim de

ser aproveitado no plano de ação de combate ao câncer, ora iniciado pelo Governo.

Comprometendo-me a homenagear de qualquer forma nos serviços daquele Centro o nome do grande brasileiro, será deste modo, creditado em favor da Comissão, mais este feito pró-memória Oswaldo Cruz.

Aproveitando o ensejo para reiterar meus protestos de elevada estima e consideração, subscrevo-me.

a) Dr. Mário Kroeff

Diretor do Centro de Cancerologia



Comissão do Monumento à Memória de Oswaldo Cruz

Presidente

Prof. Dr. Raul Leitão da Cunha

Vogais

Dr. Egidio de Salles Guerra

Prof. Dr. Clementino Fraga

Conde Pereira Carneiro

Comdor. Cezar Augusto Bordallo

Rio de Janeiro, 21 de janeiro de 1938

“Ex^{mo} Sr. Dr. Mário Kroeff

Diretor do Centro de Cancerologia

Em referência à carta de 31 de dezembro último em aditamento à minha de 15 do corrente, apraz-me comunicar-lhe que a Comissão do Monumen-

to à Memória de Oswaldo Cruz, em sua sessão de anteontem, manifestou-se de acordo com o aproveitamento do terreno do Cais do Porto, no plano de ação de combate ao câncer, ora instituído pelo Governo, estabelecendo como condição ficar o nome de Oswaldo Cruz ligado à organização por este meio beneficiada.

Saudações cordiais.

a) Dr. Raul Leitão da Cunha

Reitor



Centro de Cancerologia

Rio de Janeiro, 23 de fevereiro de 1938

Sr. Diretor do Serviço de Assistência Hospitalar do Distrito Federal.

Tendo a comissão do Monumento à Memória de Oswaldo Cruz, conforme cartas juntas assinadas pelo seu Presidente, Prof. Raul Leitão da Cunha, cedido ao Centro de Cancerologia o terreno situado no Cais do Porto, à Praça Santo Cristo, constante da cópia da escritura anexa, do 7º ofício de notas – livro 447 – fls. 15, de 2 de maio de 1923, a fim de ser aproveitado no plano de combate ao câncer, ora iniciado no Serviço de Assistência Hospitalar do Distrito Federal, venho pedir a V. Ex.^a as necessárias providências no sentido de ser submetido à apreciação do Ex.^{mo} Sr. Presidente da República, o que passo a expor:

- a) – transferência da cessão feita à extinta Fundação Oswaldo Cruz, em favor do Centro de Cancerologia;
- b) – venda do referido próprio, em concorrência pública, feita pelo Domínio da União;
- c) – depósito do produto dessa venda no Banco do Brasil em nome do Centro de Cancerologia;
- d) – entrega dessa importância, por adiantamento em parcelas, ao Diretor do Centro de Cancerologia, com aprovação do Diretor do Departamento Nacional de Saúde;

e) – utilização do produto desta transação no plano de combate ao câncer, com aquisição de Radium e ampliação das instalações do Centro de Cancerologia, por proposta do respectivo Diretor e aprovação do Ministro de Educação e Saúde; considerando:

que a cessão anterior feita pela Fazenda Federal à Fundação Oswaldo Cruz destinava-se à organização de um Instituto de Câncer; que se cogita, na presente solicitação, de aproveitar o terreno com o mesmo objetivo, isto é, ampliar a capacidade de ação do Centro de Cancerologia destinado a atender ao tratamento dos cancerosos;

que a presente iniciativa significa obra de amparo social aos necessitados que não dispõem atualmente de meios de tratamento anticanceroso;

que o câncer, na verdade, representa um flagelo social que não pode ser descurado pelos poderes públicos;

que a medida proposta representa permuta de bem público, dentro da economia nacional.

Cordiais saudações,

Dr. Mário Kroeff

Diretor do Centro de Cancerologia



Exposição de motivos do diretor do S. N. C.

No processo nº 10.665/38, o diretor do Departamento Nacional de Saúde fez a seguinte exposição: “Sr. Ministro. Tenho presente o ofício nº 222, de 24 de fevereiro próximo findo, pelo qual o senhor diretor do Serviço de Assistência Hospitalar do Distrito Federal transmite a comunicação da comissão promotora do monumento à memória de Oswaldo Cruz, informando que a mesma cedeu ao Centro de Cancerologia o terreno situado à praça Santo Cristo, no Cais do Porto. Decorrentes dessa

cessão, parecem oportunas as medidas seguintes, propostas pelo diretor do Centro de Cancerologia, e que tenho a honra de submeter à consideração de V. Ex.^a:

- a) transferência, em favor do Centro de Cancerologia, da cessão do próprio em questão, feita pela Fazenda Nacional à extinta Fundação Oswaldo Cruz, com o objetivo de ser organizado um Instituto de Câncer;
- b) venda do referido próprio, em concorrência pública, feita pela Diretoria do Domínio da União.
- c) depósito do produto desta venda, no Banco do Brasil, em nome do Centro de Cancerologia;
- d) entrega dessa importância, por adiantamentos parcelados, a funcionários do referido Centro, para aquisição de radium e ampliação das instalações do mesmo Centro, mediante proposta do respectivo diretor e aprovação de V. Ex.^a

Em 3 de março de 1938 –

Barros Barreto

O Sr. Ministro proferiu a seguinte promoção. “De acordo 14-3-38. Em tempo: À consideração do Sr. Presidente. 18-3-38. – Capanema.”

O Sr. Presidente da República proferiu o seguinte despacho: “Aprovado. Em 21-3-38. – G. Vargas.”

Decreto-lei nº 469, de 4 de junho de 1938. (Não publicado). Autorizou a alienação do domínio útil dos lotes de terrenos nos 589, 590 e 596 a 614, do quarteirão 50 do Cais do Porto desta Capital de propriedade do Governo Federal.



O diretor do S. N. C. propõe a
permuta dos terrenos do Cais do Porto
– Praça Sto. Cristo com o próprio da
Praça Cruz Vermelha

Em 26 de janeiro de 1942

“Sr. Diretor do Departamento Nacional de Saúde.

Conforme entendimento que tive ocasião de estabelecer, pessoalmente, com o Sr. Prefeito do Distrito Federal e com o Sr. Ministro da Educação e Saúde, a respeito do aproveitamento de um próprio da Prefeitura do Distrito Federal, para ser nele construído o Instituto Nacional de Câncer, conforme prevê e projeta Decreto-Lei nº 3.643 do Serviço Nacional de Câncer, solicito vossas providências, no sentido de se concretizarem as conversações havidas e autorizadas, de um lado pelo Sr. Prefeito e do outro pelo Sr. Ministro.

Propus a aquisição, por compra, do terreno e obras iniciadas, constantes das fundações e estruturas de concreto armado que se elevam até o 4º andar, e sitas à Praça da Cruz Vermelha (morro do Senado). Este próprio pertence atualmente à Prefeitura no qual ela despendeu, segundo consta, 1.600 contos em obras e 300 contos na compra do terreno (avaliação antiga) .

Proponho o pagamento com o produto da venda dos terrenos da Praça Santo Cristo, doados ao Centro de Cancerologia pelo Decreto-Lei nº 469, de-4-6-1938 e revalidado pelo art. 5º do Decreto-Lei Nº 3.643 de 23-9-41 que criou o Serviço Nacional de Câncer (avaliado pelo Domínio da União em 2.779 contos como preço mínimo para concorrência pública).

Em se tratando de resolver problema de magna importância, tal como este de dar combate ao flagelo do câncer, que tanto interessa ao Ministério, em seu caráter de problema social, como à Prefeitura, no caráter de assistência pública municipal aos doentes afetados da terrível doença que, atualmente, vem lotando numa verdadeira pletera os hospitais gerais, penso que a solução, ora proposta, vem ao encontro das preocupações tanto Municipais como Federais, tendo-se em vista sempre em primeiro plano a Causa Pública.

Atenciosas saudações.

a) Mário Kroeff

Diretor



Cópia da informação prestada no processo em que o Sr. Ministro da Fazenda requisitou os terrenos do Cais do Porto para o Ministério da Guerra

Sr. Diretor Geral do Departamento Nacional de Saúde.

Em referência à presente Exposição de Motivos do Sr. Ministro da Fazenda (nº 1.597), peço licença para considerar o seguinte:

“Trata-se, no caso, da entrega ao Ministério da Guerra, dos lotes nos 589, 590 e 614, da área do Cais do Porto, pertencentes ao Serviço Nacional de Câncer.

Como é sabido, os referidos lotes foram incorporados por força do Decreto-lei nº 469, de 4 de junho de 1938, ao patrimônio do Centro de Cancerologia, posteriormente transformado em Serviço Nacional de Câncer. O Ministério da Educação pelo Processo nº 87.401, de 1942, entrou em entendimentos com a Prefeitura do Distrito Federal, a fim de realizar permuta dos referidos lotes de terra por um próprio municipal, situado à Praça Cruz Vermelha, para ser concretizado o objetivo governamental de dar uma sede condigna ao Serviço Nacional de Câncer, que, desalojado de suas instalações no Hospital Estácio de Sá, encontra-se atualmente em situação das mais críticas.

Com efeito, o Serviço Nacional de Câncer, criado sob tão bons auspícios pela patriótica visão do Ex.^{mo} Sr. Presidente da República, não obstante todas as vicissitudes, vinha prestando, em sua antiga instalação do Hospital Estácio de Sá, os mais assinalados serviços, no combate a um dos nossos maiores flagelos. Atualmente, encontra-se na iminência de ver completamente paralisadas as suas atividades, pois que o prédio em que se acha instalado provisoriamente, por arrendamento, aliás, já interdito pela Prefeitura, ameaça ruir; a capacidade hospitalar irrisória (20 leitos); as instalações

de raios X e os laboratórios, por falta de espaço, continuam desmontados e sujeitos a desgaste; o próprio radium, ora importado, permanece imobilizado, não havendo sequer pequena enfermaria para a sua aplicação clínica.

Desdobrando-se em esforços, procura o Serviço Nacional de Câncer, da melhor maneira possível, atender as dezenas de doentes que, diariamente, afluem a suas portas, lançando mão, apenas, de uma das armas de combate ao mal – a cirurgia elétrica – esta mesma, adaptada em condições precárias e em completo desacordo com as normas estabelecidas pela higiene hospitalar.

Assim, inútil se torna a nossa custosa aparelhagem e contraproducente o nosso programa de propaganda, já elaborado, pois seria atrair, em maior número, doentes que hoje permanecem na inconsciência do mal e aos quais pouco poderíamos oferecer, se nos viessem procurar.

O Serviço Nacional de Câncer não pode adiar as providências já orientadas no sentido de instalar-se, o mais breve possível, no próprio da Praça Cruz Vermelha, conforme foi reconhecido e aprovado pelo Sr. Presidente da República, na Exposição de Motivos do Ministério da Fazenda em 2 de fevereiro deste ano (Exposição de Motivos nº 209).

Não quero, nem tenho autoridade para discutir os motivos que teriam levado o Governo a ceder ao Ministro da Guerra, a título precário, os lotes de terreno do Cais do Porto, pertencentes ao Serviço Nacional de Câncer, e ora objeto de permuta com o próprio da Prefeitura. Peço, entretanto, vênua para ponderar que o combate ao câncer se enquadra perfeitamente no mesmo objetivo de defesa nacional, considerando que anualmente cerca de 20.000 brasileiros sucumbem ao peso dessa doença e 60.000 clamam por tratamento.

Por isso mesmo, já se torna premente a instalação da Sede central do Serviço Nacional de Câncer, órgão destinado a coordenar e orientar a campanha nacional que ora se esboça no país, contra o temível flagelo, numa perfeita consciência da ameaça constante.

Já é tempo de pôr-se em prática meios de defesa a um inimigo que silenciosa e traiçoeiramente vem fazendo mais vítimas do que as próprias trincheiras das Nações que anseiam pela solução de um problema, tão condizente com os interesses da saúde do seu povo e, quiçá, da própria humanidade.

A fim de satisfatoriamente solucionar o presente processo, duas hipóteses poderiam ser formuladas:

a) efetivação imediata da permuta entre os próprios da União e da Prefeitura, entregando-se por ato posterior ao Ministério da Guerra, a título precário, os lotes do Cais do Porto.

b) abertura por parte do Ministério da Fazenda, de um crédito extraordinário na importância de Cr\$ 3.106.672,00, a fim de indenizar a Prefeitura do valor do imóvel que lhe pertence, entregando-se em seguida o mesmo ao Serviço Nacional de Câncer para nele instalar sua sede.

São estas, Sr. Diretor, as considerações que julgo oportuno formular.

Em 1º de setembro de 1943

a) Mário Kroeff

Diretor do Serviço Nacional de Câncer

Parecer do diretor do S. N. C. sobre a pretensão do Ministério da Viação que requisitou os terrenos do Cais do Porto para a Repartição dos Correios

Rio de Janeiro, 3 de fevereiro de 1940

Ex.^{mo} Sr. Ministro da Educação e Saúde.

Em resposta à solicitação de V. Ex.^a constante da nota junta, tenho a satisfação de enviar o seguinte parecer:

Quando o Ex.^{mo} Sr. Presidente da República resolveu conceder autorização para venda dos terrenos da Praça Sto. Cristo em benefício do Centro de Cancerologia pelo Decreto 469, de 4 de junho de 1938, foi certamente por ter compreendido a necessidade de se empreender, entre nós, uma luta sistemática contra o câncer.

As primeiras providências neste sentido foram realizadas com a criação do Centro de Cancerologia sob auspiciosas promessas e aplausos gerais, porque, de fato, o câncer constitui problema Nacional e dos mais urgentes, tanto quanto os da febre amarela, lepra, tuberculose, malária e outros males sociais que já mereceram a atenção do Governo.

O produto da venda dos terrenos em apreço, seria destinado à aquisição de radium, arma indispensável em toda organização que se propõe a combater eficazmente o câncer.

Este custoso elemento de cura, imutável em seu valor, inesgotável em seus benefícios, passaria de geração em geração, como verdadeiro patrimônio nacional.

Por este recurso terapêutico clamam cerca de 60.000 doentes existentes no território nacional que, segundo estatísticas, correspondem a 20.000 vidas, perdidas, anualmente, pelo País.

O fato de os Serviços do Centro de Cancerologia terem passado à administração da Prefeitura Municipal, nem por isto fez com que o problema deixasse de ser nacional, nem significa que devem ficar ao abandono os outros brasileiros que vivem fora do Distrito Federal.

A idéia primitiva, concretizada no Decreto 469, permanece inalterada em sua essência, sem abandono da magna questão que deve ser atendida pela União, quer seja através de seus poderes municipais ou ministeriais.

O Brasil não pode ficar indiferente ante este flagelo social, que tem constituído motivo de aprensivas resoluções, em outros Países civilizados, a julgar-se pelo número e valor dos institutos e organizações existentes em toda parte e destinados ao estudo e tratamento do câncer.

O radium, na luta contra o câncer, é questão vital e sem ele estaremos sentenciados a contemplar impotentes uma multidão que acorre à Capital, provindo de todos os pontos do País, em busca de cura ou alívio para seus males.

Se o Departamento dos Correios e Telégrafos acha a área do terreno em apreço apropriada à construção de sua sede, não devemos pôr a isto objeção, uma vez que não seja também prejudicado o Serviço de Câncer, em suas justas aspirações.

Pedimos vênias para lembrar que o terreno poderá ser adquirido pelo Ministério da Viação, por compra direta ao Domínio da União, que já tem instruções a respeito pelo próprio Decreto 469.

Respeitosas saudações.

a) Dr. Mário Kroeff

Diretor



Solarium do Centro de Cancerologia

Noticiário da imprensa

Criado pelo governo um Centro de Cancerologia

Um novo instituto para o tratamento de câncer.

Correio da Manhã - 11-5-1938

Pelo Ministério da Educação e Saúde foi criado, no Serviço de Assistência Hospitalar, um Centro de Cancerologia, destinado ao tratamento e à profilaxia do câncer.

Tal iniciativa representa, sem dúvida, um grande passo para a solução, entre nós, do grave problema médico-social.

Para tanto foi construído nos terrenos do Hospital Estácio de Sá um pavilhão de cinco enfermarias, com capacidade para cinqüenta leitos e cujas instalações estão sendo ultimadas, devendo sua inauguração ser realizada por todo o corrente mês.

Percorremos o novo estabelecimento, verificando a perfeita instalação de suas diversas seções técnico-científicas, tais como as cirúrgicas, de radioterapia, de radiodiagnóstico, além de um serviço de ambulatório, para a descoberta dos casos novos.

Para dirigir esta nova instituição foi nomeado o professor Mário Kroeff, do Departamento Nacional de Saúde Pública, docente da Universidade do Brasil e profissional acatado como um dos mais notáveis cirurgiões e especialistas em assuntos de cancerologia, autor de numerosos trabalhos de repercussão nos meios científicos nacionais e estrangeiros.

Combate ao câncer

Será instalado, dentro de breves dias, o Centro de Cancerologia – O trabalho que vem realizando o seu Diretor Dr. Mário Kroeff.

A Noite - 3-1-1938

O tratamento do câncer vai, dentro de breves dias, apresentar uma nova fase com a inauguração, nesta capital, do Centro de Cancerologia, no Serviço de Assistência Hospitalar, e criado pelo Ministério da Educação e Saúde.

O Centro de Cancerologia, para cuja direção foi nomeado o professor Mário Kroeff, estará instalado num pavilhão especial, em vias de concluir e levantado nos terrenos do Hospital Estácio de Sá, contando com aparelhagem necessária, não somente de cirurgia como de raios X e radium, que compõem os três maiores recursos para o tratamento do terrível mal.

Esse novo serviço há muito que se fazia necessário na capital. Já se tratava da moléstia, é verdade, porém, não havia ainda um estabelecimento completo, em que se vissem reunidas aquelas três formas de tratamento.

Neste assunto se manifestou o professor Franz Keysser de Berlim, estranhando que, no Rio de Janeiro, ainda não existisse um Instituto ou mesmo uma seção hospitalar, onde se encontrassem centralizados, para combate ao câncer, ao lado da eletrocirurgia, também o radium e raios X.

Esta manhã fizemos uma ligeira visita ao Centro de Cancerologia, cuja inauguração, sabemos, deverá se realizar ainda este mês, com a presença do presidente da República e de outras autoridades.

O Dr. Mário Kroeff, que no momento ali se encontrava, prontificou-se, gentilmente, a nos acompanhar, fornecendo-nos esclarecimentos. O pavilhão em que funcionará a nova dependência do Ministério da Educação e Saúde teve sua construção feita com a verba de 200 contos de réis, apenas, mas mesmo assim apresenta, ao lado de um perfeito acabamento, uma divisão interna capaz de preencher inteiramente seus fins. Nele serão instalados 5 enfermarias, com capacidade para 50 leitos, para hospitalização dos doentes em tratamento cirúrgico; sala de radioterapia, seção para radium; sala para diagnóstico de raios X; ampla sala de cirurgia e esterilização e salas para ambulatórios.

De início, haverá um aparelho de raio X, apenas; na Argentina, estão montados oito estabelecimentos. Nos ambulatórios se fará, naturalmente, a procura dos casos novos, a fim de ser efetuado o tratamento precoce do câncer, base de toda profilaxia do terrível mal.

Este Serviço constituirá um verdadeiro centro de cancerologia, nos moldes dos que se vêem na França, onde se acham agregados, em colaboração eficiente, os três recursos já aludidos.

O professor Mário Kroeff, que irá dirigi-lo com a colaboração de assistentes em todos os departamentos, é cirurgião de nomeada, livre-docente de clínica cirúrgica da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, tendo feito publicações de importantes trabalhos sobre a matéria. Um destes logrou referência das maiores sumidades do Brasil e do estrangeiro. Levados ao conhecimento de vários médicos casos de câncer de que o professor Kroeff tem tratado, o professor H. Bordier, de Lyon que é uma das maiores sumidades contemporâneas, se manifestou entusiasmado com o tratamento eletrícocirúrgico combinado com um processo novo de diatermocoagulação empregado pelo nosso compatriota, que, depois de destruir

repara inteiramente todo o tecido, sem mutilação. Sobre isso, o professor Bordier disse tratar-se de uma nova concepção da cirurgia óssea, bem estabelecida pelo Dr. Mário Kroeff.

Por sua vez, o professor Adam, da Universidade de Budapest, lendo uma conferência sobre esses trabalhos, fez com que o governo húngaro concedesse ao professor Kroeff a Grã Cruz Hungria, por excelentes serviços prestados à causa da Humanidade.

Guerra de morte a um dos flagelos da humanidade

O Prof. Mário Kroeff fala ao "Globo" sobre o Centro de Cancerologia, que hoje será inaugurado pelo presidente da República.

O Globo, 14-5-1938, Rio

Com a presença do Sr. Presidente da República, será inaugurado hoje, às 17 horas, o Centro de Cancerologia. Tem caráter solene a instalação desse novo serviço, criado para Assistência Hospitalar do Distrito Federal, à qual comparecerá, também, o ministro Gustavo Capanema.

O GLOBO ouviu, hoje, o diretor do Centro, professor Mário Kroeff, que nos disse o seguinte:

O Centro de Cancerologia foi criado nos Serviços de Assistência Hospitalar e instalado num pavilhão anexo ao hospital Estácio de Sá.

Destinando-se ao tratamento do câncer, dispõe das principais armas consagradas no combate do terrível mal, que vêm a ser: a cirurgia, a eletrocirurgia, os raios X e radium.

A cirurgia inaugura-se amanhã. A radioterapia, ao cabo de poucas semanas terá completadas suas instalações. Quanto ao radium, já foi resolvida sua aquisição. Em breve, poderão os doentes do Centro de Cancerologia se aproveitar dos benefícios de regular quantidade deste prodigioso elemento de irradiação.

As instalações daquele pequeno pavilhão apresenta cunho de perfeição e conforto.



G

*Grupo de doentes internados no
Centro de Cancerologia*

A sala de operações, de esterilização, de expurgo dos operadores, foram arranjadas com esmero.

As cinco enfermarias, perfazendo a capacidade de 50 leitos, são amplas, claras, higiênicas, alegres e confortáveis.

A seção de radiodiagnóstico dispõe de boa aparelhagem.

Os dois primeiros andares do estabelecimento contam ainda com sala de curativos, secretaria com arquivo das fichas de exames, gabinete do diretor, sala dos médicos, depósitos para roupa, capa, cozinha, etc.

Nas partes baixas do edifício, foi construído um prolongamento para a seção de radioterapia. Este ao mesmo tempo, serve, por seu teto, de terraço aos doentes convalescentes; os dois primeiros andares encerraram aparelhagem e instalações para a terapêutica pelos raios X.

É um aparelho moderno dos melhores no gênero. Stabili-Volt da Fábrica Siemens e Reiniger, de Berlim, com 230 mil volts e 30 miliampères. Esta seção vai ser confiada à experiência de Manuel de Abreu, que se compromete a formar jovens técnicos nesta especialidade tão delicada, árdua e perigosa. Conta já como auxiliares: Evaristo Machado e Laurindo Quaresma, dois profissionais versados também na radiologia. Ao lado desta seção, achase o ambulatório, destinado a desempenhar papel importantíssimo num Serviço de Cancerologia.

Será o principal órgão de profilaxia do câncer, será o elemento de diagnóstico precoce e descobrimento dos casos de câncer, entre portadores de outras doenças; será o meio de tratamento, para grande massa de doentes com lesões iniciais, que não requeiram internação nas enfermarias.

O programa traçado

Na parte do programa traçado, o professor Mário Kroeff acentua o seguinte:

“Já que se considera o câncer curável, num bom terço dos casos, cumpre-me obter e aumentar mesmo esta percentagem clássica, se não for por

meio de técnicas adequadas, seja então com tratamento precoce.

Em outras palavras: se os benefícios que oferecemos não puderem ser apreciados pelo êxito de conjugações terapêuticas acertadas, em condições de ampliar os limites de curabilidade dos casos avançados, sejam, aos menos, por meios terapêuticos oportunos, aplicados precocemente, em grande numero de indivíduos atacados de lesões iniciais.

Cabe-nos, portanto, à margem das atribuições relativas ao tratamento propriamente dito, realizar a tarefa da propaganda e do ensino, como complemento da faina terapêutica.

Compete-nos, pois, atrair ao tratamento precoce, a maior soma possível de doentes; descobrir por todos os meios os casos que de ordinário passam despercebidos à negligência dos indiferentes; ensinar aos médicos, em cursos de aperfeiçoamento, a surpreender o câncer, tendo sempre em mente a hipótese do mal, quando examinarem pacientes atacados de doença comum; ensinar aos profissionais que manipulam com o organismo humano a pensar no câncer (dentistas, parteiras, massagistas); educar o grande público, por meio de conferências, publicações, lições pelo rádio, a se prevenir contra as lesões pré-cancerosas, procurando exame médico, diante de certos sintomas, considerados suspeitos na ciência cancerológica.

Ainda na parte do programa traçado, disse também que a preocupação do “Centro de Cancerologia” será, pois, a de elevar-se à altura de centro de estudo, de investigação, de ensino universitário, de produção médico-literária, ao lado de seu papel principal, que é o de tratamento e assistência médica popular.

A intenção será reservada, tão somente, aos casos suscetíveis de cura; àqueles que pareçam ainda dignos de uma terapêutica proveitosa.

Ao contrário, vencendo a sensibilidade em face do sofrimento alheio, serão rejeitados os incuráveis, para não prejudicarem a utilidade do serviço, sob o ponto de vista curativo.

Um asilo, destinado a atenuar as penas dos desenganados, proporcionando-lhes uma morte suavizada com assistência afetiva, na dor física e moral, há de surgir, naturalmente, à margem deste Centro, talvez por iniciativa privada, a qual entre nós, sempre encontra quem se compadeça dos naufragos da sorte.

Defendendo o povo contra a mais apavorante das doenças

Inauguram-se os primeiros serviços do Centro de Cancerologia.

Correio da Manhã, 15-5-1938

Com a presença do Sr. Presidente da República, Ministro Gustavo Capanema, Diretor do Departamento Nacional de Saúde, Chefes de serviço, Médicos, numerosos convidados, foi inaugurado o Centro de Cancerologia.

Depois de percorrer as várias dependências, examinando os aparelhos, detidamente, o Sr. Presidente Getulio Vargas foi saudado pelo Ministro da Educação.

Falou em seguida o professor Castro Araújo, diretor da Assistência Hospitalar do Distrito Federal, felicitando, em seu discurso, o Sr. Mário Kroeff, chefe do novo Instituto, e assinalando a presença do professor E. Rabelo, mestre em cancerologia. Depois de falar o Sr. Mário Kroeff, o professor Rabelo realizou uma interessante aula, declarando que a inauguração do Centro de Cancerologia marcava uma etapa de grande importância em nossa vida médico-social, assinalando ainda que dele se poderia esperar serviços inestimáveis porque o dirigiriam cientistas de mérito. Comentou ainda o professor Rabelo os trabalhos originais do Dr. Kroeff sobre eletrocirurgia aplicada no tratamento do câncer, afirmando que aquele especialista fora no Brasil o precursor do método.

O professor Mário Kroeff, em seu discurso, com o qual foi encerrada a festa, falando nas várias de-

pendências do Centro de Cancerologia e enaltecendo o valor de seus colaboradores, deteve-se em largas considerações sobre as armas de combate ao câncer, referindo-se com entusiasmo à eletrocirurgia, processo pelo qual tem predileção e em cuja aplicação se tornou especialista consumado.

Estudo e tratamento do câncer

O Prof. Mário Kroeff fala-nos acerca do último ato do governo, providenciando sobre a aquisição de radium

O Centro de Cancerologia e suas finalidades

Correio da Manhã - Rio, 14-6-1938

Em recente decreto-lei o Presidente da República autorizou a alienação de alguns lotes de terrenos da União, para que o produto da venda seja aplicado na aquisição de radium e para ampliar as instalações do Centro de Cancerologia.

Pareceu-nos interessante ouvir a esse respeito o professor Mário Kroeff, diretor do referido Centro, docente de cirurgia da Faculdade de Medicina, nome conhecido em nossos meios científicos por seus trabalhos, muitos dos quais repercutiram no exterior. Fomos encontrá-lo no Centro de Cancerologia, instituição recentemente inaugurada, obra sua, e que, não obstante ser nova, já presta inestimáveis serviços.

O Dr. Mário Kroeff atendeu-nos complacientemente. Pedimos que nos esclarecesse sobre o caso da venda dos terrenos da União, para adquirir radium. E o ilustre cientista nos disse:

– Se a atual iniciativa significa grande benevolência do Sr. Presidente Getulio Vargas, ela não deixa de representar, também, um gesto nobre de alguns brasileiros, a ela associados, generosamente. Começarei a história pelo princípio... Há alguns anos, em torno da idéia de perpetuar a memória de Oswaldo Cruz, reuniram-se alguns patriotas, criando-se então a Fundação “Oswaldo Cruz”. Venceu o alvitre de ser construído um hos-

pital, destinado expressamente ao estudo e tratamento do câncer, como o melhor meio de prolongar, através da posteridade, a grandiosidade da vida daquele grande sanitarista. Não podia ter sido mais acertada e generosa a intenção, pois que procurava atender a um dos mais prementes problemas sociais. Não faltou à iniciativa o apoio dos poderes públicos daquela época, nem tampouco o concurso de personalidades médicas e de outras profissões. Seria mesmo injusto não destacar entre os numerosos subscritos, o nome do Sr. Guilherme Guinle que, seguindo a mesma norma da família que é a de esclarecida filantropia, inspirando-se nos problemas vitais de nossa gente, fez a doação, da vultosa importância de 2.000 contos de réis. Cumpre ainda pôr em relevo os marcados e desinteressados esforços do Dr. Sales Guerra, presidente da referida Fundação.

– E o que foi obtido?

– Imprevistos obstáculos impossibilitaram que fosse executado o programa tão grandioso e tão digno da personalidade de Oswaldo Cruz. Obra notável e significativa pelos incalculáveis serviços médico-sociais, que viria prestar ao nosso povo, desprovido ainda de uma organização deste gênero.

Os organizadores da “Fundação” foram compelidos a abandonar a idéia e aproveitar o patrimônio existente para cultuar o nome do grande brasileiro na criação de um monumento em praça pública, como já consta dos editais de concorrência. Contudo, não foram esquecidos os nobres propósitos iniciais. Reconhecendo o alcance da grande obra científica e social, que está afeta ao Centro de Cancerologia, recentemente criado pela magnanimidade do governo atual, a extinta “Fundação Oswaldo Cruz”, ora transformada em Comissão do Monumento à memória do mesmo, presidida pelo professor Leitão da Cunha, cedeu àquele Centro um terreno no Cais do Porto, que havia sido doado à Fundação em 1923, com a condição expressa de ser o mesmo aproveitado no plano de combate ao câncer, projeto anterior dos promotores da “Fundação Oswaldo Cruz”. Nada mais justo, pois, que agora

o Centro de Cancerologia se firme no propósito de contribuir, por sua vez, para a veneração do nome de Oswaldo Cruz, cuja vida exemplar não somente será lembrada por nossa gente, mas também servirá de incentivo a todos quantos, entre nós, se votem ao exercício de qualquer ramo da medicina, seja no terreno propriamente científico, seja no médico-social. O decreto do Sr. Presidente estabelece que o produto da venda dos lotes transferidos, que orçará em cerca de 1.500 contos, seja aplicado na aquisição de radium e ampliação do Centro de Cancerologia. É escusado enaltecer essa providência, porque não se pode compreender a falta deste recurso essencial no tratamento em qualquer instituição anticancerosa. Dispondo do que se pretende adquirir e de eficientes instalações de raios X, aliás, já existentes, aumentando os leitos de cirurgia de 40 para 120, e ampliados os laboratórios de pesquisa, ficará o Centro de Cancerologia em condições de se equiparar a seus congêneres estrangeiros e a nossa capital estará dotada de um belo estabelecimento de combate ao câncer.

– Sua cooperação na vitória será grande... muito grande.

– Nossos sonhos estão se realizando... só nos resta repetir-lhe o que na inauguração do Centro de Cancerologia dissemos em discurso.

E que ao repórter é grato transcrever:

“Somos acanhados, em face da grandeza da missão a cumprir. Mas este pequeno hospital, pequenino mesmo, crescerá, por certo, pelos benefícios que há de prestar.

É a primeira pedra lançada na construção do grande hospital; será o núcleo em torno do qual virão juntar-se novas ampliações. Os trabalhadores desta casa serão, por certo, substituídos por outros de amanhã, dotados talvez de melhores aptidões.

Comprendemos bem que uma organização deste jaez, só pelo nome que traz, assume grandes compromissos, até fora de nossa vida interna. Pesam-nos a responsabilidade patriótica de mantermos acesa e profícua a colaboração internacio-

nal e corresponder ao intercâmbio científico com suas congêneres estrangeiras.

No interesse da ciência, o câncer não é considerado doença comum ou trivial dos hospitais, mas representa flagelo social que preocupa os estudiosos de todo o mundo. Este flagelo faz levantarem-se instituições grandiosas nos países civilizados e o combate a este mal constitui até motivo de competição internacional. Pode-se mesmo assegurar que o grau de civilização de um povo se traduz não só pela modernidade de seus hospitais, mas, principalmente, pelo valor de seus esforços em investigações científicas.

A preocupação do Centro de Cancerologia será, pois, a de elevar-se à altura de centro de investigação, de ensino universitário, de produção médico-literária, ao lado de seu papel principal que é o de tratamento e assistência médica popular”.

O problema do câncer entre nós

Em inatividade o Instituto recém-criado pelo governo – Providências que se impõem – Instalações modernas – Radium ainda não há – Uma visita do “Correio da Noite” ao anexo do Hospital Estácio de Sá

Correio da Noite -
Rio, 4 de agosto de 1938

O Correio da Noite teve oportunidade de focalizar, há dias, o problema do câncer entre nós, ouvindo, para isso, a palavra do Dr. Hugo Pinheiro Guimarães, em conferência que este cientista realizou na Casa do Estudante e, posteriormente, em entrevista, o ilustre Dr. Humberto Magalhães. Ambos os especialistas realçaram a situação de inferioridade do Brasil no combate ao terrível mal e mostraram a necessidade premente da aquisição de aparelhamento capaz de, se não puser termo aos cânceres, pelo menos curar algumas de suas abundantes variedades e diminuir, sensivelmente, o sofrimento dos considerados incuráveis, pelo radium ou pela roentgenterapia. O Dr. Humberto

Magalhães, que dedicou longos anos ao estudo do câncer, possui um processo terapêutico que vem revolucionando a ciência, tais os resultados obtidos por ele e outros clínicos nos hospitais e ambulatórios desta capital. O prof. Pinheiro Guimarães e H. Magalhães só tiveram palavras de elogio pela inauguração de um Instituto de Cancerologia no Rio de Janeiro, entregue pelo Presidente da República a direção do mesmo ao Dr. Mário Kroeff, um dos mais competentes cirurgiões patrióticos. Passaram-se, entretanto, várias semanas e a esperada ação do Instituto não se manifestou de nenhuma forma. Agora, uma carta de um nosso leitor, redigida nos seguintes termos, veio aclarar a situação. Diz a carta:

“Il.^{mo} Sr. Redator do “Correio da Noite” – Nesta Peça, se possível, a publicação das linhas abaixo, nas colunas de seu conceituado jornal:

Instituto de Cancerologia – Há mais de 2 meses foi inaugurado, com grande pompa e reclamo, com a presença do Sr. Presidente da República, num prédio anexo ao Hospital “Estácio de Sá”, o Instituto de Cancerologia, em boa hora entregue à direção do distinto e competente Dr. Mário Kroeff. Imediatamente, inúmeros foram os cancerosos que procuraram aquela casa no afã de encontrar lenitivo a seus males, tendo, entretanto, que voltar, desanimados com a notícia de que ainda não funcionava e tão cedo, talvez não funcionasse, por que não havia verba para o corpo médico, e o de enfermeiros. E mesmo, não obstante, de já haver indicação, não saíra ainda o decreto-lei de nomeações e instalação do referido Instituto. É desta forma que – completamente instalado e muito bem instalado – o Instituto de Cancerologia ainda não presta seus relevantes serviços à população sofredora do mal de câncer, por incúria injustificável do Sr. Ministro Capanema. – Grato pela publicação.

(ass.) José Rocha

Diante disso, procuramos ver, de perto, o que se passa naquele Instituto.

No Instituto de Cancerologia

Um carro nos levou, em poucos minutos, ao Hospital Estácio de Sá. O pavilhão do Instituto de Cancerologia, bem ao lado do Hospital, deu-nos logo uma impressão favorável. Atendidos pela Secretária do Dr. Mário Kroeff, declinamos nossa identidade e obtivemos permissão para visitar as instalações. Enfermarias muito bem montadas e uma sala de operações das mais modernas, encontramos ali.

Asseio absoluto. A inatividade, porém, veio provar a verdade das informações contidas na carta que recebemos. Arriscamos algumas perguntas ao encarregado, enquanto, solícito, nos mostrava todos os aparelhos.

– O Instituto não funciona ainda?

– Não, senhor.

E, depois de uma pausa, acrescentou:

– É que não saíram as nomeações do pessoal.

Estávamos satisfeitos. O Instituto inaugurado, sem médicos, sem enfermeiras, sem outros auxiliares capazes de dar cumprimento à elevada finalidade. Ao Dr. Mário Kroeff não cabia a culpa, certamente. São passados dois meses! Talvez o Sr. Gustavo Capanema se lembre, agora, das nomeações. Enquanto não as fizer, os doentes que acorrem ao Instituto terão de voltar sem qualquer assistência.

Criado o centro de cancerologia

Nos Serviços de Assistência Hospitalar do Distrito Federal.

Fala sobre a finalidade da nova Instituição o Dr. Mário Kroeff, diretor do Centro

A Nota - Rio, 1-12-1938

O Dr. Mário Kroeff, diretor do Centro de Cancerologia, forneceu ontem, à imprensa, interessantes detalhes sobre o que será a finalidade desse instituto, criado por decreto e subordinado aos serviços de assistência hospitalar no Distrito Federal.

Falando à imprensa, o Sr. Mário Kroeff focalizou todo um programa de alto alcance social, apelando para a colaboração dos jornalistas, no sentido de uma ampla propaganda educativa sobre o terrível mal que assola a humanidade.

Assim se expressou:

Propaganda - Tratamento Precoce

Se considerarmos que, depois de um certo estado de evolução, o câncer torna-se incurável pelos recursos atuais da terapêutica, conclui-se facilmente que a base de toda campanha consiste no tratamento precoce, aplicado ao maior número possível de doentes.

Encarando as estatísticas de um modo geral, o mal é curável num bom terço de casos.

Como o grande público nada sabe a respeito desta doença, cumpre-nos a tarefa de difundir largamente certas noções práticas de cancerologia por meio de conselhos pregados pelos muros, por meio de folhetos distribuídos a granel; em conferências populares, palestras pelo rádio, etc.. etc., para atrair os doentes a exame e tratamento.

Cabe-nos ensinar o que cada um deve conhecer a respeito do câncer, mostrar o valor da consulta médica imediata, diante de certas manifestações ou sinais clínicos considerados suspeitos e aconselhar o exame médico corporal sistemático, principalmente nas mulheres, realizado periodicamente até mesmo na ausência de qualquer suspeita, para que possa surpreender o câncer em seu início.

Ensinar o público, enfim, a se fazer examinar, a procurar o médico para se aconselhar, seja em clínica privada, seja em estabelecimentos oficiais.

A profilaxia do câncer fica sendo, assim, em última a análise, uma questão de propaganda. A imprensa poderá desempenhar relevante serviço educacional e sanitário, se quiser colaborar conosco, com o Centro de Cancerologia, onde se encontram agora reunidos os meios clássicos de tratamento para a grande massa popular.

O Centro de Cancerologia

Com a instalação do Centro de Cancerologia, o Ministério da Educação e Saúde Pública acaba de dotar a nossa população de preciosos elementos de cura – radium, raios X, cirurgia e eletrocirurgia.

O canceroso é doente especial, diferente destes outros doentes que enchem os hospitais, porque só em organizações tecnicamente aparelhadas, com profissionais especializados, pode encontrar a cura de seus males.

Portanto, o pobre estaria perdido, se não contasse com o amparo oficial.

Ao presidente Getulio Vargas, sempre magnânimo em atender aos problemas que se referem à saúde do nosso povo, com medidas de previdência social, deverão ser dirigidos os agradecimentos de todos aqueles que vierem a se utilizar dos serviços deste estabelecimento e também daqueles que se condoem do sofrimento alheio.

E prossegue:

Graças também à sua generosidade, o Decreto-lei 459, que recentemente concedeu uma vultosa quantia para elevar este pequeno Hospital à categoria de um verdadeiro Instituto de Câncer, com aquisição de radium, aumento de sua capacidade de internação e ampliações de seus laboratórios, de modo que o Centro poderá alargar seu âmbito de estudos e tratamento, multiplicando desta forma a soma de benefícios que há de prestar à nossa gente.

Asilo para incuráveis

Mas, ao lado da parte técnica relativa ao tratamento que deve ser executado por nosso Centro, existe um outro problema sério que nos assoberba e cuja solução se torna difícil, porque é de ordem econômica. Trata-se da questão dos incuráveis.

Se, como dissemos, o câncer é curável num terço dos casos, restam os dois terços que já nos chegam às mãos em estado lastimável.

Se, no Distrito Federal, morrem, por ano, cerca de mil indivíduos vitimados pelo câncer, calcula-se em três mil o número dos cancerosos existentes na capital. Daí é fácil de se avaliar o grande número que mensalmente vai ser rejeitado às portas de nosso pequeno Hospital, por falta de leitos vagos.

Atendendo que um sem número também chega do interior (morrem vinte mil anualmente no Brasil), as nossas enfermarias serão insuficientes para abrigar os que nos procuram em condições de operabilidade. Para os operáveis, tão somente, deve ser reservado o emprego de nossas caríssimas instalações.

Cogitamos construir um modesto pavilhão ou adaptar um imóvel com capacidade de cinquenta ou sessenta leitos para asilar os incuráveis, que não têm onde morrer, já alquebrados pelo sofrimento.

Em seguida, o diretor do Centro entra em apreciações de ordem e econômica, sobre a forma de financiamento dos serviços de assistência aos cancerosos indigentes, que necessitam de asilamento, fazendo um apelo à caridade pública.

Todos devem colaborar nesta obra de benemerência e fraternidade humana, auxiliando a proteger estes náufragos da sorte.

Falta, não fará, por certo, aos que têm saúde e gozam de conforto sob um teto farto, um donativo mensal de poucos mil réis, concedido em favor dos cancerosos, para minorar as dores que os torturam e oferecer um leito, onde possam morrer mais humanamente.

Associação de Assistência

Já contamos com vários elementos da nossa sociedade para organizar uma “Associação de Assistência aos Cancerosos”, cujos estatutos estão sendo elaborados. Aceitamos, neste sentido, também o auxílio de quantos quiserem trabalhar conosco.

Colaborando com o Centro de Cancerologia, a Associação encarregar-se-á de angariar donativos e promover a assistência material, afetiva e religiosa aos cancerosos em estado incurável.

O câncer, flagelo social

Eis por que o câncer deixa de ser doença comum e trivial dos hospitais, para constituir preocupação nacional dos povos civilizados e dos homens de ciência. Só na Europa ele faz perto de meio milhão de vítimas, anualmente.

Daí o vivo empenho por parte dos governos em dar combate a esse flagelo da humanidade, auxiliando, com Institutos aparelhados, os médicos que estudam e investigam, os médicos que põem em jogo as forças de sua inteligência e consumindo às vezes uma existência inteira dentro dos laboratórios, numa verdadeira dedicação profissional, conclui o Dr. Mário Kroeff.

Centro de Cancerologia

O próximo curso de radioterapia profunda

Correio da Manhã, 7-12-1938

Chegará amanhã o grande especialista em radioterapia, Dr. Weisswange, 1º assistente do professor Holfelder, da Clínica radiológica da Universidade de Frankfurt, hoje consagrada na especialidade como uma das maiores escolas do mundo, ante os resultados que tem obtido no combate ao câncer.

O Dr. Weisswange fará um curso prático de radioterapia profunda, de 8 a 18 do corrente, em espanhol, no Centro de Cancerologia, a convite de seu diretor, Dr. Mário Kroeff, e do chefe da seção de radioterapia daquele centro, Dr. Manuel de Abreu. O referido curso tem como finalidade estabelecer o intercâmbio cultural entre as escolas alemã e brasileira e apresentar, de modo completo, o aproveitamento, das instalações daquele estabelecimento, segundo as técnicas do grande mestre alemão.

Não visando o Centro de Cancerologia, na luta contra o câncer, apenas ao tratamento dos doen-

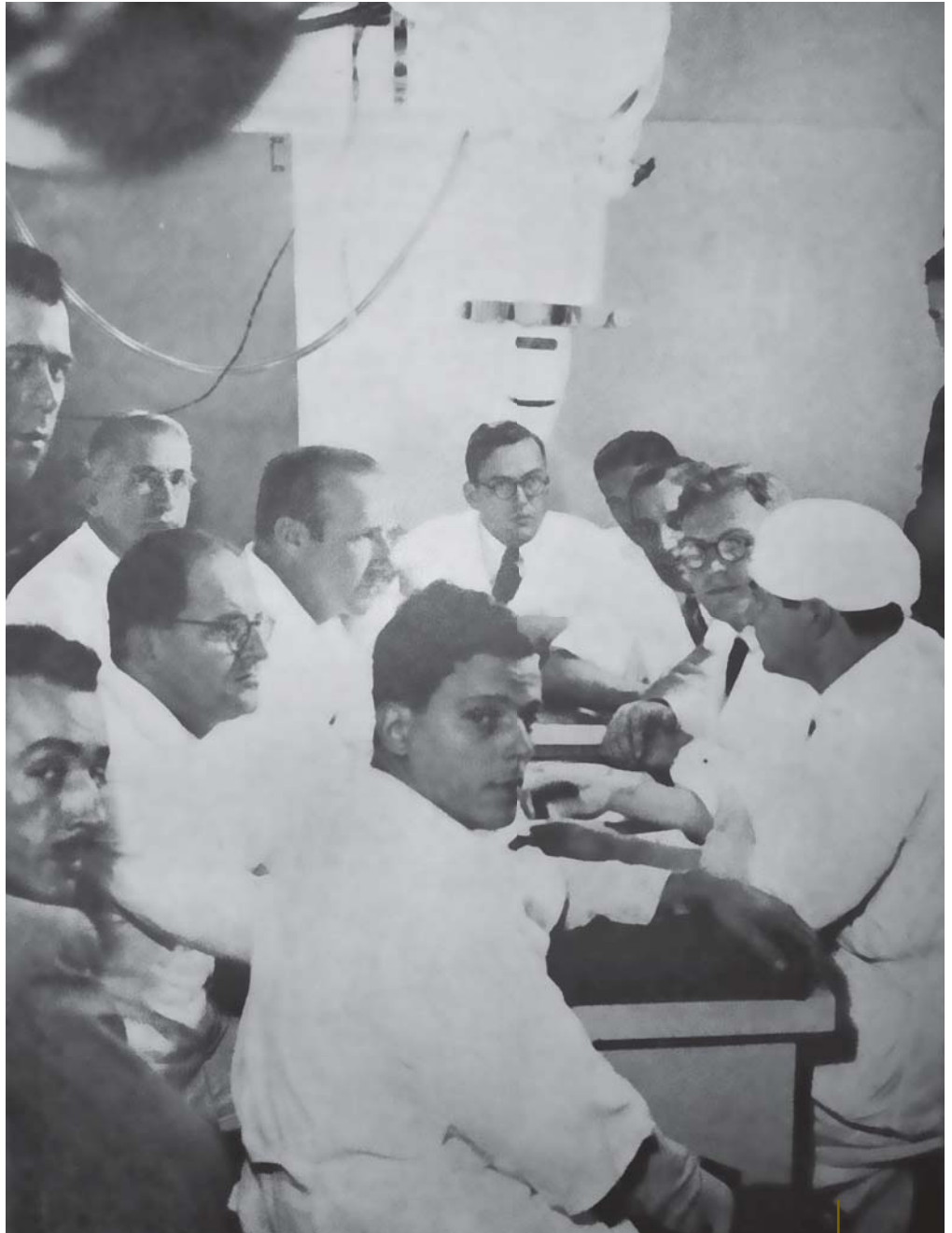
tes, mas à difusão de conhecimentos que tenham em mira o aperfeiçoamento de todos os meios empregados no combate ao câncer, franqueia também aos radiologistas que se interessarem pelo assunto, tomar parte no referido curso.

Os interessados deverão se dirigir previamente ao diretor do Centro de Cancerologia para a devida inscrição, que será gratuita.

Curso de aperfeiçoamento no Centro de Cancerologia

A chegada de um grande cientista alemão

Chegou hoje o grande especialista em radioterapia, Dr. W. Weisswange, 1º assistente do professor Holfelder, da Clínica Radiológica da Universidade de Frankfurt, hoje consagrada na especialidade, como uma das maiores escolas do mundo, ante os resultados que tem obtido no combate ao câncer. O Dr. W. Weisswange fará um curso prático de radioterapia profunda, de 8 a 18 do corrente, em espanhol, no Centro de Cancerologia, a convite do seu diretor, Dr. Mário Kroeff, e do chefe da Seção de Radioterapia daquele Centro, Dr. Manuel de Abreu. O referido curso tem como finalidade estabelecer o intercâmbio cultural entre as escolas alemã e brasileira e apresentar, de modo completo, o aproveitamento das instalações daquele estabelecimento, segundo as técnicas do grande mestre alemão. Não visando o Centro de Cancerologia, na luta contra o câncer, apenas ao tratamento dos doentes que acorrem a seus serviços, mas à difusão de conhecimentos que tenham em mira o aperfeiçoamento de todos os meios empregados de combate ao câncer, franqueia também aos radiologistas que se interessarem pelo assunto, tomar parte no referido curso. Os interessados deverão se dirigir previamente ao diretor do Centro de Cancerologia, para a devida inscrição, que será gratuita.



*Flagrante do Curso de Radioterapia realizado
no Centro de Cancerologia pelo Dr. Weisswange,
assistente do Professor H. Holfelder*

A radioterapia do câncer e a Escola de Frankfurt

Um curso de aperfeiçoamento pelo professor Weisswange, no Centro de Cancerologia

Correio da Manhã, 13-12-1938

Encontra-se entre nós, desde alguns dias, o eminente radiologista, professor W. Weisswange, que veio ao Rio de Janeiro a convite do diretor do Centro de Cancerologia, Dr. Mário Kroeff, e do chefe do laboratório de radioterapia, Dr. Manuel de Abreu.

O curso que este especialista está realizando tem despertado vivo interesse não só aos assistentes do estabelecimento, como entre diversos outros radiologistas, que estão acompanhando as demonstrações.

No local colhemos algumas informações, não só do especialista alemão, como dos Drs. Kroeff e Abreu.

Disse-nos o diretor do Centro, Dr. Kroeff:

– O Dr. Weisswange é a expressão mais moça e vigorosa da Escola de Frankfurt, criada e dirigida pelo grande professor Holfelder, que vem revolucionando, em parte, os velhos métodos de tratamento do câncer, pelas irradiações. Estou convencido que, na radioterapia do câncer, o grande sucesso depende, inegavelmente, da aparelhagem, mas o fator pessoal é também de capital importância. Tal como na cirurgia, a maneira de conduzir a arma empregada é tudo. Basta referir que existem atualmente três grandes Escolas acreditadas, que sustentam técnicas diferentes, procurando sobressair uma à outra, numa verdadeira competição de estatísticas e percentagens de cura: americana, francesa e alemã. Como cirurgião, sendo adepto naturalmente do tratamento do câncer pela extirpação do foco inicial, não deixo de reconhecer o valor das irradiações na luta contra o câncer, seja como complemento ou preparação do ato operatório, seja como único meio de cura, em certos casos.

E foi por dar valor a esta seção de nosso Centro, em boa hora confiada à experiência de Manuel de Abreu, que temos aqui presente um especialista alemão.

A seguir foi ouvido o Dr. Weisswange, que declarou:

– Venho da Argentina, onde estive para orientar alguns colegas na boa técnica da radioterapia e iniciá-los no manejo das modernas aparelhagens fabricadas pela Siemens de Berlim. As instalações, que ali foram feitas, são iguais às do Centro de Cancerologia, e, segundo me consta, as únicas até agora existentes na América do Sul, dentro de seu elevado potencial de intensidade e eficácia. Com aparelhos desta categoria, poder-se-á conseguir tudo o que a radioterapia for atualmente capaz de produzir no terreno da cancerologia. Pertencço inteiramente à Escola de Frankfurt, onde doutrina o meu mestre, professor H. Holfelder.

Esta constitui um verdadeiro padrão, no domínio da especialidade, tanto em nosso país como na Europa, sendo especialmente conhecida nos meios científicos escandinavos e anglo-saxões: apoiados em nossa experiência, somos partidários da amperagem elevada (15 MA) e da voltagem mediana (200 kV), que nos permitem, como manejo fácil, a aplicação de uma grande intensidade. A nosso ver, o rendimento desta aparelhagem oferece uma evidente superioridade sobre as demais. Penso que não existe comprovada vantagem no tratamento com voltagens mais elevadas, isto é, com raios mais penetrantes. Na verdade, o aumento da kilovoltagem (ondas mais curtas), não aumenta paralelamente a eletividade de absorção das células cancerosas, em relação às células normais do organismo, isto é, não determina uma ação eletiva sobre o tecido neoplásico. Os dispositivos de compressão imaginados pelo professor H. Holfelder, que fazem parte das instalações do Centro de Cancerologia, permitem aproximar o processo tumoral da superfície irradiada, ao mesmo tempo que afastar os tecidos sãos do feixe de irradiação. Consegue-se assim concentrar a dose no território doente, tornando-a mais intensa, mais eficaz



F

*Flagrante da visita da Sra. Darcy Vargas ao
Centro de Cancerologia*

e menos perigosa. Outro ponto essencial da nossa orientação, no domínio da radioterapia do câncer, consiste no funcionamento conveniente da dose, com o qual conseguimos aumentar consideravelmente a dose total e diminuir os danos produzidos na pele.

Antes de encerrarmos esta entrevista, procuramos também ouvir a opinião do Dr. Manuel de Abreu sobre a visita do mestre alemão, o qual assim falou:

– Devemos unicamente ao Dr. Mário Kroeff, diretor do Centro de Cancerologia, este movimento organizado contra o câncer, entre nós, e a acertada iniciativa de convidar o Dr. Weisswange para expor praticamente o estado atual da radioterapia na incomparável Escola de Frankfurt. O Dr. Weisswange é uma figura insinuante. Além de ser uma inteligência das mais claras e objetivas, tem um sincero e profundo sentimento de cordialidade para conosco. A Escola de Frankfurt, da qual eu já me aproximara há muito tempo, se caracteriza tecnicamente neste momento pela seguinte atitude:

1° – não considera o fenômeno da eletividade uma conseqüência de comprimento da onda;

2° – não emprega as voltagens muito elevadas, nem as filtragens consideráveis, que considera nocivas, pois envolvem na irradiação um extenso território do organismo, normal e patológico;

3° – não irradia os processos tumorais à grande distância, pelas mesmas razões;

4° – irradia à curta distância, empregando a compressão bem dirigida e os cruzamentos em geral de pouca profundidade, auxiliados por sacos de farinha de tamanho adequado;

5° – emprega raios de absorção relativamente rápida, cujo efeito mais intenso se circunscreve à zona patológica;

6° – fraciona a dose no espaço de 4 a 8 dias, numa curva de intensidade decrescente de modo a reforçar a ação eletiva sobre as células neoplásicas.

Eis em rápida síntese o pensamento que orienta a Escola de Frankfurt.

Holfelder construiu de tudo um sistema próprio, em que teoria e prática se harmonizam perfeitamente. E este sistema que o Dr. Weisswange tão claramente vem expondo no Centro de Cancerologia, explica, de modo convincente, suas estatísticas obtidas na cura do câncer pelos raios de Roentgen e publicadas recentemente.

Em torno do problema do câncer

Diário de Notícias, 10-2-1939

Calcula-se que morrem anualmente no Brasil 20.000 indivíduos vitimados pelo câncer. Cerca de mil no Rio de Janeiro, onde existem 3.000 cancerosos.

Encontraremos estes algarismos numa exposição feita há dias, coletivamente, aos representantes da imprensa, pelo Dr. Mário Kroeff, diretor do Centro de Cancerologia, que o Ministro da Educação e Saúde teve a excelente iniciativa de criar nos serviços de Assistência Hospitalar do Distrito Federal.

Funciona o Centro em pavilhão especial do Hospital Estácio de Sá e acha-se provido dos elementos de combate, até hoje reputados mais eficazes contra o morbo devastador: radium, raios X, cirurgia e eletrocirurgia.

Temos, enfim, um bom começo para a profilaxia do câncer; infelizmente, o número de enfermarias do pequeno pavilhão será insuficientíssimo, quando lhe baterem às portas os doentes da capital e os dos Estados próximos, que, freqüentemente, para aqui se transportam em busca de tratamento.

É verdade que um recente decreto-lei, conforme declarou Dr. Mário Kroeff, concedeu vultosa quantia para elevar o modesto hospital à categoria de um verdadeiro Instituto de Câncer, com aquisição de radium, aumento de sua capacidade ampliação de seus laboratórios, de modo a que o Centro de Estudo poderá alargar seu âmbito e tratamento, multiplicando, assim, a soma de benefícios que há de prestar à nossa gente.”

Mas o que se vai fazer e que, sem dúvida, é muito, se considerarmos a situação de que nunca cogitaram os poderes públicos de enfrentar as devastações do flagelo, não será ainda suficiente porque – explicou o diretor do Centro de Cancerologia – faz-se indispensável asilar os incuráveis que, representam 2/3 dos cancerosos, sendo, assim, necessário construir um pavilhão ou adaptar um imóvel com capacidade de 50 ou 60 leitos, para começar.

E como atender a este novo aspecto do problema? Apelando para os sentimentos de filantropia da coletividade, “por se tratar de uma questão moral e afetiva”, esta de “asilar os incuráveis”, e também para evitar que, partindo o auxílio do governo, tenha este de recorrer a novos impostos.

Cabe aqui uma observação: a soma exigida para os novos serviços poderia talvez sair das dotações do plano de obras, atendendo-se a que os problemas de saúde pública se compreendem entre os que mais requerem recursos avultados neste país.

Todavia, não quer isso dizer que a sociedade se retraia e deixe de cooperar na benemérita e humanitária faina, de lutar contra uma enfermidade que se propaga, assustadoramente, e atinge em suas células vitais a raça em formação.

É exatamente o que pede o Dr. Mário Kroeff à imprensa, e, por nossa parte, achando-nos irremediavelmente dispostos a entrar na campanha, não só para que nosso povo contribua materialmente para a obra do Centro de Cancerologia – o que se verifica, aliás, em todos os países, onde a consciência da coletividade não ignora o valor da defesa de uma causa, para defesa de todos – como também para induzir os padecentes, em condições de cura, ao tratamento precoce, isto é, para criar um ambiente de educação profilática, o que há de ser possível por meio de tenaz propaganda, na qual se empreguem todos os instrumentos que asseguram possibilidade de êxito.

Vai-se organizar uma Sociedade de Assistência aos Cancerosos, destinada justamente a coordenar os elementos desta propaganda e que, necessaria-

mente, há de reunir nas fileiras de seus combatentes o maior número de entusiastas, a começar – assim se espera – pelos homens de fortuna, os quais, a exemplo do que se verifica no estrangeiro, não hesitarão em associar-se, a fim de concorrer para uma tão sublime tarefa de solidariedade humana com o mais valioso dos contingentes: alguns grammas de radium, material caríssimo, que nunca será excessivo.

Em visita ao Centro de Cancerologia o Professor Paterson

A Noite, de 1-6-1942

As relações dos Estados Unidos com os países americanos estão cada vez mais se estreitando, unidas que se acham estas nações agora, mais do que nunca, pelas emergências atuais do mundo conflagrado.

O Comitê Interamericano, criado para estreitar as relações, tanto cordiais como no terreno da saúde, tem nos enviado vários representantes neste intercâmbio.

Ainda agora, o Sr. John Clark Paterson, diretor da Divisão de Relações Educacionais interamericanas, professor de História Latino-americana da Universidade Americana de Washington, da qual foi também reitor, e que se encontra em missão oficial no Brasil, visitou o Centro de Cancerologia.

O Professor John Paterson, que se fez acompanhar pela senhorita Beatriz Boanerges, funcionária do DASP, foi ali recebido pelo Diretor Dr. Mário Kroeff e pelos médicos e enfermeiros do estabelecimento, cujas dependências foram então meticulosamente percorridas.

Após a visita, o diretor da Divisão de Relações Educacionais Interamericanas assistiu à exibição de um filme de longa metragem sob o título “A luta contra o câncer na história da Medicina”, feito pelo Dr. Mário Kroeff, e que vai ser brevemente apresentado ao público.

Conselhos do Centro de Cancerologia

Correio da Manhã, 25-2-1939

O câncer é curável se for tratado a tempo.

As manifestações iniciais são discretas e variam com as múltiplas localizações que pode tomar a doença no corpo humano.

Desconfiai dos pequenos tumores cutâneos que tendem a aumentar ou que se ulceram (nódulos, verrugas, sinais); das ulcerações persistentes da língua ou dos lábios; dos endurecimentos da mama, mesmo indolores; de toda a perda sangüínea, mormente nas mulheres na época da menopausa; dos transtornos digestivos persistentes; das alterações permanentes da voz, etc., etc. Fazei-vos examinar.

O Centro de Cancerologia, serviço criado pelo governo na Assistência Hospitalar, atende para exame qualquer indivíduo atacado de lesão suspeita, aconselhando a terapêutica indicada. O tratamento no Centro fica reservado aos desprovido de meios. Rua Estácio de Sá, nº 20, das 8 às 10 horas.

A luta contra o câncer

Jornal do Brasil, 25-2-1939

O câncer é hoje um dos flagelos maiores da população brasileira. Em todas as estatísticas de mortalidade ele ocupa sempre um dos primeiros lugares, arruinando milhares de indivíduos, ceifando milhares de vidas preciosas.

A ciência, que até há pouco, nada podia contra a terrível enfermidade, hoje consegue curá-la, se for tratada ao tempo. Infelizmente, a ignorância da população no que se refere à moléstia, faz com que, em geral, os doentes só procurem tratamento quando o vírus do câncer já atingiu um grau de desenvolvimento tal contra o qual nada mais é possível fazer.

Portanto, há muito, impunha-se a realização de uma campanha de educação popular sobre o

câncer, mostrando seus perigos, seus sintomas, e ensinando o que o enfermo deve fazer assim que sinta as primeiras manifestações da moléstia.

É esta iniciativa, digna dos melhores elogios, que o Centro de Cancerologia, serviço criado pelo Governo na Assistência Hospitalar, vai levar a efeito, prestando à população relevante serviço. Convém que o público acompanhe esta campanha para, conhecendo o flagelo, melhor se defender dele.

No Rio um eminente cancerologista

A conferência do professor Max Cutler no Hospital Estácio de Sá.

A Noite, Rio, 17-3-1939

O eminente cancerologista norte-americano, Prof. Max Cutler, diretor do Instituto de Câncer de Chicago, que se encontra de passagem no Rio, fez, hoje, uma interessante conferência sobre sua especialização no Hospital Estácio de Sá, a convite do professor Leitão da Cunha, Reitor da Universidade do Brasil. No anfiteatro Anes Dias, que se achava repleto de médicos, assistentes e acadêmicos, o ilustre cientista foi apresentado pelo professor Hugo Pinheiro Guimarães, que, em rápidos traços, enalteceu os méritos do conferencista, mundialmente conhecido pelos seus trabalhos.

O professor Cutler depois de agradecer as referências à sua personalidade, discorreu longamente sobre os mais recentes progressos da ciência em relação ao diagnóstico e ao tratamento do câncer.

Referiu-se o conferencista sobre o tratamento do câncer pela radioterapia, pelos raios X e pela cirurgia.

No decorrer de sua palestra, informou que o Instituto de que é diretor, em Chicago, dispõe de 16 gramas de radium.

O conferencista, ao terminar, foi vivamente aplaudido.

Depois, o professor Cutler, que estava acompanhado de sua esposa, visitou as instalações do

Centro de Cancerologia deste Hospital, dirigido pelo professor Mário Kroeff, sendo ali recebido pelos Drs. Sérgio de Azevedo, Alberto Coutinho e outros médicos assistentes. Ao visitante foram mostradas as instalações e a seção de radioterapia. O professor Cutler se mostrou excelentemente impressionado com o aparelhamento e o progresso a que chegou o Brasil, em matéria de cancerologia.

Por fim, foi oferecido ao Prof. Cutler e senhora um lanche, durante o qual foram alvos de carinhosas manifestações de simpatia.

O Brasil empenhado na luta contra o câncer

Mário Kroeff e a sua obra – Visita ao Centro de Cancerologia, 40 internados – Roentgenterapia – O Museu de cera – 60 mil doentes entre nós – A iniciativa governamental – Resultados satisfatórios - Legiões de incuráveis – A idéia do Asilo – O apoio da Sr.^a Darcy Vargas, – Um apelo por intermédio do “Correio da Noite” – Programa educativo – Conselhos ao Público.

Correio da Noite, 23-6-1939

O câncer assume proporções de verdadeiro flagelo da humanidade e ocupa a atenção dos homens da ciência e dos governantes. De origem desconhecida, causa milhões de vítimas por ano, das quais cerca de vinte mil, só entre nós. O primeiro passo do governo, para impedir a marcha progressiva do mal, foi dado em meados de 1938, com a criação do Centro de Cancerologia. Esta iniciativa mereceu aplausos gerais do carioca e agora, com o reflexo dos trabalhos realizados em outros centros, onde a mortandade é maior ainda, se sente, em nosso meio, um profundo e humano interesse pela sorte dos infelizes atacados daquela doença. Ultimamente a Sr.^a Darcy Vargas visitou o Centro de Cancerologia e diante da situação aflitiva de muitos doentes que ali acorrem em busca de tratamento, doentes dos quais nem todos podem

ter acolhida porque o Serviço só recebe os casos dignos de uma terapêutica proveitosa, resolveu patrocinar e emprestar o seu valioso auxílio no sentido de ser dada maior amplitude a este estabelecimento oficial, organizando, principalmente, um abrigo adequado a acolher os incuráveis.

A luta nos Estados

Não só no Distrito Federal, mas também em outros Estados, cogita-se da organização de núcleos de tratamento e associações da luta contra o mal e de educação sanitária. Em São Paulo existe a Liga Paulista de Combate ao Câncer, a cuja frente está o Prof. Camargo e que tem como principais colaboradores Antonio Prudente, Oswaldo Portugal e Carlos Botelho Filho, autor da reação Botelho, mundialmente conhecida. Belo Horizonte possui o Instituto de Radium, onde trabalha o Prof. Borges da Costa. Moysés e Saint Pastous procuram atacar a terrível doença em Porto Alegre, enquanto que na Bahia, Humberto Magalhães, atualmente entre nós, deixou fundos vestígios de sua obra.

No Rio de Janeiro

No Rio de Janeiro, vários médicos se dedicam ao estudo e tratamento do câncer. Entre estes se destaca o professor Álvaro Osório de Almeida, que, com denodo e perseverança, no silêncio dos laboratórios, trabalha, em busca de um meio eficiente de ação geral para a cura do mal. Von Doellinger da Graça e sua esposa muito se têm esforçado neste sentido também.

Guilherme Guinle

Não podemos, falando de câncer, deixar de citar o nome do maior filantropo nacional, que já levou somas avultadas para reforçar a luta e custear estudos da doença – Guilherme Guinle. Além de auxiliar Osório de Almeida, ele deu mil contos para a antiga Fundação Oswaldo Cruz e organizou o Hospital da Fundação Gaffrée-Guinle.

Mário Kroeff

No terreno cirúrgico, a maior autoridade é o Prof. Mário Kroeff, diretor do Centro de Cancerologia e docente da Faculdade Nacional de Medicina. Seus trabalhos são universalmente conhecidos. Há muitos anos se dedica ao tratamento do câncer, especialmente pela eletrocirurgia, processo do qual foi, pode-se dizer, o introdutor no Brasil. Percorreu diversos centros médicos do mundo e colaborou com Keysser, — uma das maiores figuras da medicina alemã. No Rio de Janeiro como mestre que é, difunde os seus conhecimentos e conta com um valioso grupo de médicos, formando, deste modo, escola eletrocirúrgica de tratamento no câncer.

No Centro de Cancerologia

A divulgação dos trabalhos sobre o câncer se nos afigurou necessária e, como início dessa tarefa, julgamos interessante visitar o Centro de Cancerologia, instalado em pavilhão anexo ao hospital Estácio de Sá. Uma vez ali, nos fizemos anunciar, sendo logo recebidos pelo Prof. Kroeff.

Como tivesse de operar, no momento, uma doente, o ilustre cancerólogo nos apresentou ao Dr. Sérgio de Barros Azevedo, em cuja companhia percorremos as dependências do Centro.

O Museu de Cera

Amável e culto, o Dr. Sérgio Azevedo nos foi pondo a par da utilidade de cada um dos aparelhos. No pavimento superior, fomos ter ao museu de cera, organizado pelo professor Kroeff e feito por Baldassari Filho. O museu é uma verdadeira preciosidade e causou admiração ao Prof. Cutler, dos Estados Unidos, que na recente visita que fez ao Centro, confessou ser, de fato, obra primorosa e que servirá como elemento de ensino, de alto valor.

40 Internados

O número de leitos é de quarenta, sendo vinte e quatro para homens e dezesseis para mulheres.

O asseio em toda parte é absoluto. O sistema de registro e fichário constituirá, de futuro, um elemento de valor no estudo da doença.

Roentgenterapia

O Serviço de Roentgenterapia, situado na parte baixa e instalado de modo a isolar o operador, foi confiado à capacidade universalmente conhecida de Manuel de Abreu. No sentido de dar maior desenvolvimento a esta arma terapêutica, o Prof. Mário Kroeff teve ocasião de convidar, ultimamente, um distinto especialista que aqui esteve em colaboração, acertando detalhes técnicos de valor científico sobre o assunto, e recentemente postos em prática nos centros europeus.

Referimo-nos ao 1º assistente da clínica radiológica de Frankfurt — Wolf Weisswang, braço direito do conhecido mestre Holfelder, nome mundialmente consagrado. No momento em que ali entrávamos, os doutores Evaristo Machado e Osolando Machado, assistentes do Serviço, preparavam um doente que ia receber irradiações.

Morrem em maior número nos climas frios

Enquanto nos dirigíamos para o gabinete do Dr. Mário Kroeff, de volta de nossa visita, o Dr. Sérgio Azevedo informava que segundo um seu trabalho de verificação estatística, o câncer nos Estados frios como o Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina e São Paulo é mais freqüente que nos outros Estados de clima quente.

60 Mil Cancerosos no Brasil

O número anual de mortos em consequência de câncer é de vinte mil, no Brasil, e de quarente mil, na França. Como a proporção é sempre de três doentes para cada morto, conclui-se que no Brasil existem sessenta mil cancerosos.

A iniciativa governamental

O Dr. Kroeff acolheu-nos amavelmente e na longa palestra que conosco manteve declarou o seguinte:

— Até à criação do Centro de Cancerologia não havia nenhum estabelecimento especializado nesta capital para atender aos doentes atacados de câncer, a não ser a Seção de Dermatologia da Faculdade de Medicina, dirigida pelo prof. Eduardo Rabelo. Em julho do ano passado, o presidente Getulio Vargas, considerando a real importância desse problema, resolveu criar este Centro, hoje em pleno funcionamento e dotado da mais moderna aparelhagem de cirurgia e de radioterapia.

Resultados satisfatórios

Não obstante o pouco tempo de funcionamento, os resultados obtidos no domínio da profilaxia e do tratamento do câncer têm sido de tal natureza que o governo pensa em ampliar este Serviço, desenvolvendo novas seções como a de pesquisas experimentais e dando os necessários recursos para a aquisição de quantidade de radium necessária a um tratamento eficiente. Sobre isso, aliás, já existe um decreto-lei, o de nº 469.

Legiões de incuráveis

Diariamente, aflui a nosso Serviço grande número de doentes. Uns são curáveis e outros, já em período de incurabilidade.

Os primeiros têm entrada no Centro e se aproveitam de nossas caríssimas instalações. Quanto aos outros, somos obrigados a rejeitá-los, para que não se inutilizem os leitos de que dispomos e que podem ser, com vantagem, aproveitados em benefício daqueles que se acham ainda em condições de cura.

A idéia do Asilo

Os médicos do Centro de Cancerologia resolveram apelar para a caridade pública, com o objetivo de construir um asilo para os incuráveis, e não pronunciando, diariamente, dolorosa recusa de internações para tantos infelizes, necessitados de uma assistência que os alivie de suas dores e lhes ofereça conforto afetivo e religioso. O canceroso desamparado, em estado avançado de sua doença, constitui elemento indesejável às portas dos hospitais de nossa capital.

Um apelo aos corações generosos

Essa campanha conta com o auxílio de inúmeras damas de nossa sociedade, tendo à frente a senhora Darcy Vargas, e visa angariar meios para a construção, no Distrito Federal, do asilo. Diversas reuniões preparatórias já foram realizadas e na próxima segunda-feira, às 17h30min, no salão nobre da Associação dos Empregados no Comércio, será solenemente empossada a diretoria da Associação de Assistência aos Cancerosos Incuráveis. Aproveito a oportunidade para, por intermédio de seu jornal, lançar um apelo a todas as pessoas que se interessarem pelos problemas de assistência médico-social e que queiram dedicar algumas horas de sua vida espiritual em prol do sofrimento alheio, para comparecerem à reunião do dia 26.

Programa educativo

O programa do Centro, na luta contra o câncer, tem por lema educação, tratamento e asilo. Desta última parte já falamos. A educação resume-se na divulgação de conhecimentos úteis e que possam orientar o indivíduo a procurar os centros especializados, logo aos primeiros sinais da doença, porque todo o êxito da cura depende de um diagnóstico precoce.

A educação faz-se pela imprensa, pelo rádio, pela cinematografia, pela distribuição de folhetos e afixação de cartazes. Estender-se-á também aos dentistas, parteiras, massagistas e aos próprios médicos. Agora mesmo estou organizando e dirigindo a organização de um grande filme educativo, abordando todos os aspectos da doença, principalmente sob o ponto de vista diagnóstico e terapêutico.

Conselhos ao público

O Centro tem fornecido à imprensa um modelo de conselhos do teor que aqui damos: “O câncer é curável, se for tratado a tempo. As manifestações iniciais são discretas e variam com as múltiplas localizações que pode tomar a doença no corpo

humano. Desconfiai dos pequenos tumores cutâneos que tendem a aumentar ou que se ulceram (nódulos, verrugas, sinais); das ulcerações persistentes da língua ou dos lábios; dos endurecimentos da mama, mesmo indolores, na época da menopausa; dos transtornos digestivos persistentes, das alterações da voz, etc. Fazei-vos examinar. O centro de Cancerologia, serviço criado pelo governo na Assistência Hospitalar, atende, para exame, a qualquer indivíduo, atacado de lesão suspeita, aconselhando a terapêutica indicada. O tratamento no Centro fica reservado aos desprovidos de meios. Rua Estácio de Sá, 20, das 8 às 10 horas.

Foi ontem demoradamente visitado pela Sr^a. Darcy Vargas o Centro de Cancerologia anexo ao Hospital Estácio de Sá

Correio da Manhã Rio, 30-6-1939

Acompanhada de várias senhoras da nossa sociedade, a senhora DARCY VARGAS, esposa do presidente da República, visitou ontem o Centro de Cancerologia, anexo ao Hospital Estácio de Sá.

Foi recebida, à entrada, pelo Dr. Mário Kroeff, diretor do Instituto, presente todo o seu corpo clínico e enfermeiras, cuja superiora, D. Frida Ruman, fez entrega à esposa do Chefe da Nação, de um buquê de flores naturais, lembrança que a Sr^a. DARCY VARGAS agradeceu sorridente.

A seguir percorreu, em companhia do Dr. Mário Kroeff, as enfermarias do estabelecimento, que foi especialmente criado pelo governo para o tratamento do câncer, tendo ao pé de cada leito um gesto de carinho e para cada doente uma palavra de consolo.

A Sr^a. DARCY VARGAS deteve-se mais tempo na sala de espera do ambulatório, para contemplar a situação dos que ali ainda aguardavam o exame médico que confirmaria a natureza de sua doença, dando-lhes também a classificação de es-

tado curável ou incurável, conforme a localização do mal ou o adiantamento das lesões respectivas.

Os doentes curáveis têm livre entrada nas enfermarias, ao passo que os incuráveis são rejeitados.

No sentido de conseguir uma providência que minore a sorte destes últimos, os médicos do Centro de Cancerologia, tendo à frente o seu diretor, fizeram um apelo às visitantes, todas de sentimentos humanitários comprovados, para que emprestem seu apoio à idéia da construção de um asilo destinado a estes cancerosos.

Finda a visita, no decorrer da qual foi apreciada a limpeza e também a organização do Centro, as senhoras presentes resolveram emprestar sua solidariedade à obra para cuja realização pouco antes lhes tinha sido feito um apelo, bem como prestigiar a nova instituição denominada Associação de Assistência aos Cancerosos.

Ficou resolvido imediatamente que a presidente de honra da Associação será a D. DARCY VARGAS, cuja bondade tanto tem se revelado no auxílio que presta constantemente aos que sofrem, como o demonstra sua atuação eficiente em prol do Abrigo Redentor, da Casa do Pequeno Jornaleiro, etc.

Além da Sr^a. DARCY VARGAS, vimos ali as Sr^{as}. Armando de Alencar, Annes Dias, Lafayette F. da Silva, Gomes de Mattos, Maria Macedo, Ruth Gouvêa Leoni, senhorita Lucilia Souza Ribeiro e Drs. Castro Araújo e Plínio Gama.

Visitado ontem o Centro de Cancerologia

A construção de um Asilo para os incuráveis.

Correio da Manhã, 5-7-1939

A diretoria da Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos visitou ontem o Centro de Cancerologia, onde foi recebida pelo Prof. Mário Kroeff e demais médicos desta instituição hospitalar.

Depois de percorrer as várias dependências e enfermarias do Centro, em que tiveram ocasião de presenciar os resultados já obtidos no tratamento do câncer por este órgão de luta contra o grande mal, os membros da diretoria reuniram-se em sessão, para acertar medidas tendentes a levar a bom termo o seu principal objetivo, qual o de construir um asilo para os incuráveis.

De fato, os visitantes ficaram impressionados com a triste sorte dos doentes que ali chegam, em estado tão adiantado de lesões que, por isso mesmo, não podem ter entrada no hospital, pois o Centro de Cancerologia, na sua exígua capacidade, não pode acolher nem ao menos uma fração dos que para ele se dirigem, vindos do interior do país.

Nesta ocasião, o tesoureiro da instituição, Sr. Mário de Moraes Paiva, leu a relação das pessoas e instituições que fizeram donativos atingindo a soma de Cr\$ 165.720,00.

Além disto, comunicou o professor Mário Kroeff que, por iniciativa do Rotary Club, foi aberta uma campanha em prol do asilo, a que já concorreram os rotarianos Srs. Otavio da Rocha Miranda, com Cr\$ 10.000,00; J. Siqueira da Fonseca, com Cr\$ 10.000,00 e outros, com diversas importâncias; a oferta de um rádio tipo Predial, no valor de Cr\$ 1.500,00; de um quadro sobre a luta contra o câncer, de autoria da senhorita Dulce Alves de Souza, bem como o oferecimento do Sr. Álvaro de Teffé, para o registro gratuito da sociedade.

Inter infirmos

Carlos D. Fernandes

A Noite, 28-7-1939

Fui ver, mais de perto, o Centro de Cancerologia, que funciona no Hospital Estácio de Sá, este refúgio de caridade, que as mãos dadivosas do Presidente Getulio Vargas abriram às dores e aos desconsolos de nossa fila de enfermos, bem grande, por nosso mal.

Se bem que o câncer seja uma entidade mórbida, das mais freqüentes e temerosas, os nossos operosos médicos — voltados para outros setores também alarmantes de nossa nosografia, a envolver e tornar-se mais conhecida, com o crescimento da população e os quotidianos progressos da medicina — não se haviam a ela consagrado com intuito de especialização, cada vez mais precisa, para formação de competentes profissionais. Apenas uma decúria de cirurgiões volveu os olhos vigilantes para os casos iterativos, que se lhes apresentavam nas suas clínicas, nos hospitais. À frente desse grupo de beneméritos homens de ciência estava e está o prof. Mário Kroeff, a quem devemos estudos metódicos da matéria, dados à estampa, desde 15 anos, em verdadeiras monografias, ilustradas documentariamente, como é de preceito, em publicações dessa natureza.

Foi mesmo esta assinalada competência e a interação de seu clamor que moveram a solicitude do governo, determinando a criação do Centro de Cancerologia neste hospital, um dos preferidos do povo, pelo capricho da sua montagem e acessibilidade da sua situação em plena “urbs”, com serventia de muitos bondes.

Infelizmente, o Hospital Estácio de Sá, não obstante os seus 6 andares, seus pátios internos, a boa vontade de seus dirigentes, corpo médico e serventuários, já não tem campo para acudir a seus pretendentes. Quando chove, enchem-se os túneis, os corredores, os abrigos das biqueiras, onde os enfermos que chegam ficam molhados, à espera de sua vez. Como se vê, é um estado de cousas sem remédio porque resulta da insuficiência de espaço.

Quando chegamos, vinha também entrando o Dr. Mário Kroeff, em companhia de seu vivacíssimo pequeno Sérgio, que o pai extremoso didaticamente inicia naquelas agruras da profissão, para, em tempo, lhe consultar a preferência. Sérgio foi onde muito quis; o Dr. Kroeff vestiu seu avental asséptico, calçou as suas botas de linho branco, subiu para a sala operações; acompanharam-no os seus assistentes, um dos ilustres médicos uruguaios que nos visitam e a faina heróica começou.

Seriam nove horas da manhã; permanecemos em seu gabinete de diretor, bisbilhotamos as fotografias na “Campanha do câncer”, que guarnecem as paredes, sua mesa de trabalho. Lá estavam a ex.^{ma} Sr.^a. Darcy Vargas, sob cuja presidência se fundou a Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos, a receber das mãos da Superiora as rosas devidas à sua nímia e comovida piedade. Sobre a secretária, entre folhetos de sua lavra pertinentes à cancerologia, uma grande parte de seu belo discurso, proferido no ágape dos rotarianos, em homenagem a alguns dos médicos estrangeiros, vindos ao nosso frutuoso Congresso de Cirurgia. Fartei-me de suas lições exortativas, ali condensadas na mais perfeita e persuasiva síntese.

Ouvia-se, de onde em onde, um gemido nas contíguas enfermarias, o rumor das vozes e dos passos dos médicos, enfermeiros e serventes, na azáfama de todas as horas. Ia correndo o tempo e quando nos apercebemos do seu silencioso curso, eram 12 horas e meia.

Depois de mais de três horas de intensivo e continuado trabalho, descia, enfim, o Prof. Mário Kroeff, com a sua corte de bravos, ainda de aventais e máscaras, como um sinistro bando de farricocos.

Havia praticado quatro intervenções.

Esperavam-no os papéis do seu expediente, as tiras datilografadas do seu inacabado discurso.

Sem tirar botas nem capote, o Prof. magnífico, atarefado, entrou em outros afazeres, começou a dar providências para trabalhos complementares.

Senti-me, então, num grupo de velhos e bons amigos: o admirável, magnânimo, acolhedor Alberto Coutinho, o imediato de Mário Kroeff, seu amigo e discípulo bem logrado; o prestadio e afável Nelson Costa, que me arrancou, com a mais cativante suavidade um fragmento do queixo, para a devida análise; o expedito e jovial Vianna, com o seu tipo “Amigo Fritz”, que volvia, triunfante, da extirpação de um quisto uterino, ainda envergando sua indumentária cirúrgica.

Quando tornei ao gabinete do diretor do Centro de Cancerologia, tinha-se evaporado o homem apocalíptico, atraído pela voragem de outros deveres. Fiquei a invejar a grandeza, a utilidade, o labor daquela nobre vida dinâmica, que parece esquecida de si mesma, para atender as aflições e as dores do seu próximo.

— Quero-lhe mostrar a nossa cozinha, disse-me a Superiora, falando em perfeito português com um leve sotaque alemão.

Era efetivamente um brinco, pelo asseio metuculoso, pelas instalações mecânicas, pela abundância de ar e luz, a pequena cozinha do Centro, onde uma senhora brasileira, que Apicius invejaria para os seus bródios, manipula, com um simples ajudante, 100 refeições matinais, e outras tantas vesperais, provavelmente.

Entrementes falava-me a gentil Superiora da compungência que lhe causavam seus forçados pensionistas, da longanimidade de seu diretor, da insuficiência do grande hospital para albergar os que precisam dos seus leitos, da sua assistência. Só cancerosos tem-se atendido a mais de mil, no curto espaço de um ano, o que sobremodo ilustra as advertências e observações clínicas do Prof. Kroeff.

Já muito tinha eu visto, com os olhos do rosto e ainda mais com os da imaginação. Quando me retirava, meio aturdido, postei-me em frente a um elevador, que me não servia para descer. Veio ao encontro do meu engano, prodigalizando-me a sua benevolência, a doce enfermeira Luiza que tanto me serviu com atenções inesquecíveis no Sanatório Rio Comprido, do meu saudosíssimo amigo Dr. Crissiuma Filho. Foi uma surpresa e um prazer, que me fizeram culminar as múltiplas emoções daquele dia.

Encerrando agora esta descosida notícia sobre o Centro de Cancerologia que o Sr. Presidente da República instituiu, a piedade da sua gentil consorte patrocina e a abnegação do professor Mário Kroeff propete com os seus dedicados auxiliares, venho estender ambas as minhas mãos súplices à caridade pública, pedindo-lhe que se associe a essa grande

obra de compaixão, cooperando, com o que lhe for possível, para a obtenção de uns aparelhos médicos, de radium, um elemento precípuo, indispensável à cura do câncer de que ainda não dispõe o Centro de Cancerologia, para melhor e mais prontamente preencher a humanidade dos seus pios fins.

Vinte mil brasileiros morrem anualmente vítimas do câncer

Alastra-se assustadoramente pelo país este horrível mal. Um Centro de Cancerologia, com quarenta leitos apenas, para atender a milhares de doentes do Rio de Janeiro e dos Estados.

A reportagem do “Meio-Dia”, numa visita inesperada ao Hospital Estácio de Sá — “Horas de angústia” — “Falta de elementos materiais” — “Interessantes declarações do professor Mário Kroeff.”

Meio-Dia, 23-4-1940

O canceroso que entrou por nossa redação a dentro não tinha o aspecto de um ser humano. Era a dor ambulante. Em seu físico estampava-se o sofrimento e, em suas palavras, a revolta. Tudo isso foi fácil de compreender pelas primeiras palavras.

— Havia dois meses que perambulava pela Santa Casa, pela polícia e pela Saúde Pública para conseguir internar-se. Um câncer na perna exigia certo tratamento especial e, sem recursos, sem família, abandonado pelos amigos, o pobre homem era um revoltado.

Mas, que fazer? Seria de acreditar que, em nossa capital, não existisse uma casa para aquele infeliz condenado, onde ele pudesse receber socorro para seu sofrimento físico e moral?

Na Santa Casa de Misericórdia
— Uma dolorosa verdade.

Um médico ilustre, com quem ali conversamos, momentos antes de dar início à visita a sua enfermaria, depois do compromisso formal de não decli-

narmos seu nome, atirou-nos em cheio esta dolorosa notícia — o câncer vem tomando um incremento assustador em nossa capital, principalmente nos Estados do Sul e prossegue: — diariamente chegam aqui doentes que não podemos receber, por falta de espaço, e são recambiados para o hospital da Gamboa ou o vemos logo iniciar uma verdadeira via crucis, peregrinando de porta em porta, em nossos estabelecimentos hospitalares.

O assunto — disse-nos este ilustre profissional — só pode ser ventilado no Hospital Gaffrée Guinle com o Dr. Osório de Almeida ou com a maior autoridade que possuímos nesta matéria, que é o Dr. Mário Kroeff, diretor do Centro de Cancerologia, um exemplo de dedicação que vai até o sacrifício e dirige o único Pavilhão destinado a asilar cancerosos curáveis. Vale a pena fazer-lhe uma visita, como jornalista, que resultará talvez em benefício aos cancerosos de nosso país. Ali encontrará um grupo de médicos e cirurgiões com estranha dedicação, realizando curas, minorando sofrimento alheio, examinando, tratando, operando, aliviando as chagas da mais apavorante das doenças.

No Centro de Cancerologia

Fomos ao Centro. São 9 horas da manhã. Aquele pequeno hospital apresenta aspecto de grande movimentação.

Uniformizados, um grupo de médicos e enfermeiras entram nas diversas salas e saem delas, sobem e descem escadas. No pavimento térreo, algumas dezenas de homens e mulheres; uns, no interior, outros, do lado de fora porque o ambiente é acanhado, aguardam o momento de serem atendidos.

Não temos vaga!

Enquanto esperávamos ser recebidos pelo diretor Mário Kroeff, assistimos a quadros que conflagram o coração por mais duro e impiedoso que seja. Eram homens e mulheres cancerosos de várias categorias sociais que pediam um leito.

Lia-se, entretanto, na fisionomia dos médicos, a mágoa da resposta.

— Não há vaga, minha senhora. Todos os leitos estão ocupados. Tenha paciência.

Mesmo assim, examinava o estado do doente, para verificar se, de fato, o caso estava fora de qualquer possibilidade de cura e, dentre eles, uns recebiam sentença cruel.

Tarde demais!...

Estes são os condenados, por terem vindo tarde demais, à procura de socorro, à procura de médico logo ao primeiro sintoma do mal. Outros, talvez mais felizes, recebiam palavras cheias de esperanças. Mas internação, só quando houvesse vaga...

Estes são os que vão tendo entrada, nas vagas abertas, ao passo que os outros são rejeitados e ficam entregues à própria sorte, por falta de capacidade de instalações no Centro de Cancerologia.

Sinto dores horríveis! Quero ser operado!

Vimos um enfermo, um pobre homem que estendia um olhar de súplica ao médico dizendo: — “Doutor, não posso dormir. — Não importa morrer. — Quero ser internado e descansar de meu sofrimento. — As farmácias não vendem remédio contra minhas dores nem mesmo com receita médica! E não posso dormir sem injeções.

Na presença do Dr. Mário Kroeff —
A extensão do mal é alarmante

Neste momento, um funcionário leva-nos ao encontro de prof. Mário Kroeff. Em seu gabinete, cercado pelos doutores Sérgio Barros de Azevedo, Alberto Coutinho, Luiz Carlos de Oliveira Junior, Jorge Marsillac, Turíbio Braz e outros, trocam impressões sobre as operações realizadas, durante aquela manhã. Logo após, exposto o motivo de nossa visita, calmo e sereno, o ilustre cirurgião, que não sorri, respondeu-nos:

— O senhor faça as perguntas que quiser sobre o assunto e eu procurarei respondê-las.

— “Desejávamos saber se, de fato, tem aumentado o número de cancerosos em nosso país.

— “É difícil responder esta pergunta com precisão, porque não temos estatística. A julgar pelos dados demográficos sanitários, o Brasil não é um país que tenha a mortalidade pelo câncer tão elevada como outros, de situação geográfica diferente da nossa.

Enquanto no Distrito Federal a mortalidade é de 50 por cada 100 mil habitantes, anualmente, nos Estados Unidos, vai de 70 a 80 por cada 100 mil habitantes, isto é, quase o dobro da nossa mortalidade. Cumpre notar que nos Estados do sul, bem como no Uruguai e na Argentina, a mortalidade é maior do que a do Rio de Janeiro.

Alarmante - 60 mil cancerosos no Brasil

Prosseguindo, diz o prof. Kroeff:

— Falando em estatística, poderemos apresentar ao senhor alguns dados interessantes a respeito da extensão do mal entre nós.

Se morrem 50 doentes pelo câncer em cada 100 mil habitantes, teremos para 40 milhões de brasileiros 20 mil mortos anuais, em todo o país. Como a proporção é sempre de uma perda anual para cada 3 doentes, conclui-se que existem, em um dado momento, 60 mil cancerosos no Brasil.

O câncer na dianteira dos
agentes ceifadores de vidas

Continuando, diz prof. Kroeff:

— A julgar pela aparência, têm-se a impressão de que a doença está em progressão ascendente. Há mesmo quem diga que o câncer, se continuar assim, é capaz de ameaçar o futuro da humanidade. Para tranqüilidade dos espíritos mais pessimistas, poder-se-á interpretar esta progressão como simples aumento aparente, porquanto hoje há meios mais precisos de diagnóstico da doença, aliada a uma propaganda mais eficaz a respeito do mal, trazendo, como resultado, melhor conhecimento por parte dos profissionais que não atestam como causa-mortis outras enfermidades diferentes da verdadeira.

O câncer nos Estados Unidos

Os Estados Unidos, país de rigor nas estatísticas, proclamam uma afirmativa que causa alarma a quem não encara os fatos superficialmente.

As cifras demográficas registravam, em 1900, nas causas de mortes várias, um caso de câncer para 16 outras doenças. Em 1936, já foi de um para 10 outras doenças. Calcula-se que em 1950 será de um para cinco. Quer isto dizer que o câncer está tomando franca dianteira entre os agentes ceifadores da vida humana.

Tranqüilizando...

Mas, para tranqüilizar os que pensam poder o câncer ameaçar o futuro da humanidade ou a sua própria vida, podemos acrescentar que a razão talvez não esteja na progressão ou incremento do inimigo número 1 da humanidade, mas na redução de outras doenças que outrora figuravam nas estatísticas demográficas, devido ao progresso geral da medicina e das medidas higiênicas adotadas em todo o mundo.

Hoje, por exemplo, a varíola, o cólera, a peste bubônica não figuram como fatores de letalidade. A própria tuberculose, cujo agente causador e meios de prevenção vêm se tornando conhecidos pelo progresso da medicina, inegavelmente vai baixando seu índice de destruição.

Nesta altura, o ilustre cirurgião foi obrigado a interromper a palestra para dar início a uma operação. Pedimos licença para voltar em outro dia, com o que ele concordou.

No boletim do dia: 358 operações por ano

Casualmente, vimos sobre a mesa o Boletim do dia 6-4-40, onde se lia: “Operações marcadas, 3” – o que correspondia a 358 operações dentro de um ano de funcionamento. Como se vê, uma média de uma operação por dia.

Considerado hoje o maior flagelo social

O câncer é um problema nacional de urgente solução – Impotente o Centro de Cancerologia para atender aos inúmeros doentes, que ali vão em busca de tratamento, contra o mal traiçoeiro – O câncer é curável, se for tratado a tempo.

Meio-Dia, 25-4-1940

Interrompida nossa palestra pela necessidade de ser praticada uma operação, voltamos, no dia seguinte, ao Centro de Cancerologia, reduto dos abnegados combatentes do grande e apavorante mal!

Já agora, mais familiarizados, dirigimo-nos, diretamente, ao gabinete do Dr. Mário Kroeff, que, como sempre, se encontrava entre seus colegas.

Sobre a mesa havia um volumoso maço de anotações, em fichas bem colecionadas, em envelopes que, abertos, significavam para nós verdadeiros enigmas, enquanto que, para aqueles esforçados cientistas, constituíam um grande prazer. Revelam casos complicadíssimos de operações, em centenas de enfermos, já curados uns, e mortos outros, que, pelo adiantado de suas lesões, nada puderam conseguir.

Explicaram-nos que aquelas fichas eram a classificação de toda uma infinidade de tumores, tomando os nomes mais variados, conforme a sede em que se localizam, e conforme os tecidos à custa dos quais se desenvolvem.

O Centro de Cancerologia está em condições de atender aos cancerosos do País?

Esta foi a pergunta que fizemos ao Prof. Mário Kroeff e S.S^a. respondeu-nos logo:

– “Já foi um grande passo dado na luta contra o câncer, entre nós, a criação do Centro de Cancerologia pelo governo do eminente presidente Getulio Vargas. Até então, meu caro jornalista, nada havia a este respeito em nosso país ou mesmo na capi-

tal da República. Os cancerosos desamparados, à míngua de recursos, peregrinavam de porta em porta, em nossos hospitais e curtiam suas dores em bancos de salas de espera, sempre recusados como elementos indesejáveis, porque os médicos se consideravam impotentes para atendê-los, por falta absoluta de meios de tratamento”.

Diferente das outras doenças

– “Porque – continua – é preciso saber que o câncer é uma doença diferente da grande maioria das doenças, que podem ser plenamente atendidas por um profissional com receituário na mão. Aquela, só em estabelecimentos convenientemente aparelhados, com todos os recursos de que dispõe a medicina moderna, poderá ter tratamento satisfatório, o qual também requer especialização apurada ao lado de boa aparelhagem. As instalações são caríssimas, só mesmo podem ser custeadas ou adquiridas pelos governos, para amparo do doente pobre ou mesmo do remediado... O médico prático, por mais devotado que seja em socorrer aos necessitados que freqüentemente apelam para sua generosidade, nunca teria margem para atender, em sua clínica particular, esta espécie de doentes.”

Pequeno demais em face da tarefa a cumprir

“O CENTRO DE CANCEROLOGIA – prossegue Mário Kroeff – é de fato pequeno demais em face da enormidade da tarefa que lhe foi outorgada.

Temos apenas 40 leitos e um ambulatório, que se desdobra em esforço e dedicação, para atender ao mesmo número de doentes que diariamente apela para os recursos de que dispomos.

Estes, infelizmente, ainda são falhos porque, das três armas consagradas no combate ao câncer, dispomos apenas de duas: cirurgia e radioterapia. Falta-nos ainda o radium, precioso elemento na luta contra o câncer. Mas também o teremos, certamente, porque o governo nos prometeu auxiliar na aquisição deste valioso metal, tendo já exarado um decreto concernente ao caso.”

A criação de um Instituto de Câncer

“Há ainda uma promessa mais alentadora – disse-nos o nosso entrevistado – por parte dos poderes públicos – que é a criação de um grande Instituto de Câncer, suficientemente aparelhado, com os recursos necessários e com capacidade para receber a todos os doentes que recorram a seus serviços e que são os curáveis e os incuráveis.”

Aí terminou a palestra com o Prof. Kroeff.

Homenageado no Centro de Cancerologia o Dr. Roberto Duque Estrada

Correio da Manhã, 9-6-1940

O radiologista Dr. Roberto Duque Estrada foi homenageado no Centro de Cancerologia com a colocação de uma placa, com seu nome, na Seção de Radiodiagnóstico deste estabelecimento hospitalar.

Ao ato da inauguração da placa compareceram vários médicos, inclusive o professor Barcia, de Montevidéu, e ainda numerosos amigos e discípulos do homenageado.

Em nome do Centro falou o seu diretor, Dr. Mário Kroeff, cujas palavras foram as seguintes:

“Duque Estrada. Teus amigos e discípulos do Centro de Cancerologia, os admiradores do teu valor científico, da tua inteligência, da tua personalidade não poderiam ficar indiferentes às festas do teu jubileu profissional.

Se o Centro de Cancerologia tem dois representantes legítimos e diretos da tua técnica e da tua cultura que estão prestando serviços na Seção de Radiodiagnóstico, todos nós mais ou menos devemos a ti a base das noções adquiridas na radiologia, ramo da medicina em que sempre foste mestre eficiente e esclarecido, honesto e amigo.

A homenagem de hoje, após tantas outras que recebeste, é pequena, por certo, mas é sincera e imorredoura.”



O professor F. Keysser observa no Centro de Cancerologia os resultados da técnica eletrocirúrgica de que foi um dos pioneiros. Entre os presentes, Drs. Mário Kroeff e Lutero Vargas

Tal como os nomes de Oswaldo Cruz e Maurity Santos já são venerados por nós num culto diário e discreto, no trabalho das enfermarias, o teu nome amigo também, Duque Estrada, ficará conosco, gravado aqui, nos umbrais da porta desta modesta sala, como se fosse a tua própria pessoa a inspirar os nossos radiólogos, a esclarecer a nossa ação para bem dos doentes e para respeito dos que vierem depois de nós.”

Finda a solenidade, os presentes percorreram as dependências do Centro. Examinaram os doentes, verificaram os casos já tratados e detiveram-se, também, no estudo do sistema de registro e observações dos enfermos nas fichas da Seção de Radiodiagnóstico e de Radioterapia.

Terminada a visita, os presentes trocaram idéias sobre o que tinham visto, as quais serviram para louvar o esforço que representa o trabalho. É lamentável a falta de espaço com que lá se luta para atender a todas as necessidades da instituição.

No Centro de Cancerologia

A visita do professor Franz Keysser e do Dr. Lutero Vargas ao importante departamento do Ministério da Educação e Saúde – O Dr. Mário Kroeff pratica uma eletrocirurgia na presença do criador desse sistema operatório.

A Noite, 13-7-1940

Estiveram, pela manhã, no Centro de Cancerologia do Ministério da Educação e Saúde Pública, o professor Franz Keysser, famoso cancerologista alemão, que vem pela segunda vez ao Brasil, e o Dr. Lutero Vargas, que, em sua recente viagem à Europa, dedicou-se largamente ao estudo do problema.

Em companhia do Dr. Mário Kroeff, diretor daquele departamento, os ilustres visitantes percorreram as diversas dependências do Centro de Cancerologia, demorando-se em exame aos doentes.

Após a visita, saíram os doutores Keysser e Lutero Vargas, acompanhados dos médicos assistentes

do Centro, para o andar superior onde se acha instalada a sala de operações. Lá, assistiram ao Dr. Mário Kroeff operar um caso de blastoma do maxilar superior, empregando o sistema da eletrocirurgia.

Nesta operação, que decorreu brilhantemente, há um detalhe digno de registro. O sistema eletrocirúrgico foi criado pelo professor Keysser que, agora, assistiu a uma operação do seu continuador no Brasil, o Dr. Mário Kroeff, que é o introdutor deste método entre nós.

O professor Franz Keysser, com dissemos, forma entre os grandes nomes da cirurgia moderna, sendo o mais notável cancerologista alemão. Foi ele o mestre do Dr. Mário Kroeff, quando este médico brasileiro, após o seu curso na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, seguiu para Berlim onde freqüentou o curso de especialização do professor Keysser. Também o Dr. Lutero Vargas, em quem o ilustre cirurgião germânico tem um amigo dedicado e um discípulo inteligente, fez o curso do professor Keysser, em sua clínica e na cadeira que ilustra na Universidade de Berlim.

Como se comemorou o Natal no Centro de Cancerologia

Correio da Manhã, de 25-12-1940

O Natal das crianças, onde resplandece a alegria em cada olhar inocente e toda felicidade se resume na posse de um brinquedo, é bem diferente daquele que se passa nos hospitais, onde ninguém sabe o que vai no íntimo de cada enfermo minado por doença grave, ao contemplar o tremeluzir das chamas da árvore da natividade.

Na festa realizada, ontem, no Centro de Cancerologia, ouviram o coro e o canto dos hinos sagrados, ensaiados com os doentes e enfermeiras por músico exímio, o maestro Helmann, causando, certamente, profunda comoção a qualquer indivíduo por mais indiferente que seja para o sentimento de solidariedade humana. A nós, fez-nos

curvar ante o sofrimento alheio, considerando insignificantes os desgostos pessoais, em confronto com as penas de um canceroso.

Admiramos os doentes, um a um, com diversas formas do mal, ocorrendo a Deus, contritos, com a inconsciência do incurável e a esperança que os acompanha até os últimos alentos – a Salvação.

O Centro de Cancerologia é, na verdade, para todos, uma escola de resignação e de consolo, onde se aprende a praticar o bem e dar o alívio do remédio e da bondade.

Ali, presentes os médicos e professores do Hospital Estácio de Sá, foi pronunciada a seguinte oração pelo Diretor do Serviço, Dr. Mário Kroeff:

“Para os doentes.

Reunidos aqui, em torno desta árvore de Natal, para festejar a data do nascimento do menino Jesus, as nossas preces se elevam a Deus, irmanados no mesmo sentimento, cheias da mesma devoção e humildade, quer tenham nascido dos lábios dos doentes, quer dos médicos, quer das enfermeiras ou dos serventes.

E Nosso Senhor escutará todas elas, com a mesma infinita bondade, não importa sejam entoadas em cânticos e hinos sagrados, com vigor e saúde, ou sejam trazidas à nossa imaginação com a sentença do irremediável, negada a sabedoria e balbuciadas por lábios ressequidos de dor.

E lá do alto dos Céus, enviando a todos, Ele espalha igualmente os benefícios de suas bênçãos, onde quer que o homem esteja na Terra: na alegria do lar ou no leito de hospital.

Mesmo para os que têm dores e doenças, para as almas desalentadas por desventuras da vida, Ele reparte, sem injustiças, as penas e as recompensas divinas, a uns, quando chama na hora derradeira e a outros, quando cura, inspirando os médicos nas operações que praticam.

Que as luzes desta árvore iluminem com um brilho de alegria os olhos dos tristes, enchendo-os de esperanças... São nossos desejos.

E a nós, companheiros do Centro de Cancerologia, que a sorte desses tantos que definham a nossos olhos sirva de lembrança, quando tivermos nossas tristezas, a nós todos, que votamos passar a vida provando de perto com o sofrimento alheio, que a resignação de nossos doentes sirva também para nos ensinar, ainda mais, a amar o próximo, a tolerá-los nas horas de impaciência, aprendendo a dar o alívio do remédio e da bondade.

Que tudo nesta casa, quer no sorriso ou nas lágrimas, na cura ou doença, na sorte ou no insucesso, na vida ou na morte, seja tudo pela vontade de Deus.”

Depois, no intervalo das músicas sacras, falaram uma doente e um doente, em nome de seus colegas.

3 Serviço Nacional de Câncer

Sugestões para a criação de um Serviço Nacional de Câncer de âmbito nacional.	108 a 109
Exposição de motivos do Sr. Ministro da Educação e Saúde.	110
Decreto-lei nº 3.643 criando o Serviço Nacional de Câncer	111 a 113
Nomeação do Dr. Mário Kroeff para a direção do Serviço Nacional de Câncer	114
Criação da nova tabela de pessoal.	115
Proposta de transferência do S. N. C. para uma sede condigna (próprio da Prefeitura sito à Praça. Cruz Vermelha)	116 a 117
Corpo clínico do Serviço Nacional de Câncer	118
Entendimentos para a aquisição de radium para o Serviço Nacional de Câncer	119 a 122
Viagem do Diretor do S. N. C. aos EE. UU. para aquisição de radium	122
Nomeação do Diretor Substituto	123
Iminência de paralisação dos serviços com a entrega do Hospital Estácio de Sá à Polícia Militar	124
Sugestões relativas a uma nova sede (memorial ao Sr. Presidente da República)	125 a 126
Instalação provisória do S. N. C. num imóvel arrendado à Rua Conde de Lages n.º 54	127 a 128
Providências relativas à organização anticancerosa nos Estados e Plano do Combate ao Câncer	129 a 133
Cursos do S. N. C. – Curso de Samaritanas	134

Discurso do Dr. Sérgio de Azevedo, diretor substituto do S. N. C.	135 a 136
Discurso pronunciado pelo Dr. Alfredo Morais Coutinho, no banquete oferecido ao Dr. Mário Kroeff pelo seu regresso da América, em agosto de 1943, no Automóvel Club	137 a 138
Discurso do Dr. Mário Kroeff no banquete que lhe foi oferecido no Automóvel Club, em agosto de 1943	139 a 142
Memorial ao Sr. Presidente da República	143 a 145
Regimento do Serviço Nacional de Câncer	146 a 149
Serviços de câncer nos estados incorporados à Campanha Nacional contra o Câncer . .	150
Memorial ao Sr. Ministro da Educação sobre a necessidade da criação de um grande hospital-instituto	151 a 152
Informação do Serviço Nacional de Câncer a propósito da cessão da Fundação Gaffrée-Guinle ao Serviço Nacional de Câncer	153 a 156
Programa do Curso de Especialização do Câncer, realizado no Serviço Nacional de Câncer	157 a 160
Doação pela Prefeitura de uma sede ao Serviço Nacional de Câncer	161 a 162
Instalação do Serviço Nacional do Câncer, numa dependência do hospital da Fundação Gaffrée-Guinle por arrendamento	163
Noticiário de Imprensa	164 a 171
Numa homenagem prestada ao Professor Angel Roffo	172 a 174
Doou uma sede para o serviço de câncer	175 a 176
Transferido um hospital em construção para o Serviço Nacional de Câncer	177 a 178

Sugestões para a criação de um Serviço de Câncer de âmbito nacional

“Ex^{mo}. Sr. Getulio Vargas.

DD. Presidente da República.

Tendo V. Ex.^a, em recente Decreto-Lei, consentido na transferência do Centro de Cancerologia para os Serviços da Prefeitura do Distrito Federal, peço licença para fazer, por meio desta, algumas considerações, confiado no sentimento patriótico e humanitário de V. Ex.^a

Entre as realizações do Governo de V. Ex.^a, destaca-se, pela sua significação e oportunidade, o Centro de Cancerologia. Na verdade, a assistência aos cancerosos até então havia sido completamente descuidada pelos poderes públicos. Enquanto os outros países civilizados empenhavam-se no combate a este terrível flagelo da humanidade, numa verdadeira emulação internacional, estimulando os homens de laboratório e construindo grandes Institutos aparelhados de todos os recursos para o estudo e tratamento da mortífera doença, o Brasil desinteressava-se pelo magno problema.

O câncer enegrece nossas estatísticas de mortalidade com avultadas proporções. No Distrito Federal ele faz cerca de 1.000 vítimas por ano e no Brasil 20.000 (40 a 50 mortes anuais em cada 100.000 habitantes). Atendendo a que a relação é sempre de uma morte anual para cada três doentes, conclui-se que existem 60.000 cancerosos no território nacional. Considerando, ainda, que a cura do câncer é possível em um terço dos casos, desde que sejam tratados a tempo, com instalações apropriadas e técnicos especializados, pode-

-se facilmente avaliar as perdas de vidas que sofre o País, anualmente.

Foi certamente por compreender a importância deste problema que V. Ex.^a consentiu na criação do Centro de Cancerologia, primeiro núcleo para estudo e tratamento do câncer que estaria naturalmente destinado a se transformar em órgão oficial de campanha anticancerosa em todo o País, se não se efetuasse a sua transferência para os Serviços Municipais.

Figurando a profilaxia e o tratamento do câncer entre as capitais questões sanitárias do País, como o impaludismo, a lepra, a febre amarela, é imprescindível que esteja à sua frente um organismo centralizador do Governo Federal, destinado a estabelecer normas gerais de natureza teórica e prática, para orientar a campanha contra o câncer, promover a educação popular, formar técnicos, realizar cursos de expansão universitária e pugnar pela obtenção dos custosos aparelhamentos fisioterápicos, raios X, radium, etc. que, ao lado da cirurgia, constituem os recursos necessários à luta anticancerosa.

Foi ainda por avaliar o alcance nacional desta questão, que V. Ex.^a resolveu, pelo Decreto-Lei 469, de 4 de junho de 1938, aumentar as possibilidades do Centro de Cancerologia que já presta à população necessitada relevantes serviços, dentro de sua exígua capacidade, pelos esforços multiplicados dos que ali se dedicam ao combate do mal.

Com o produto da venda dos lotes de terreno do Cais do Porto, concedidos ao Centro de Cancerologia e avaliados pelo Domínio da União em mais de 2 mil contos será levantado um grande estabelecimento para estudo e tratamento do câncer o qual formará o Instituto Nacional de Cancerologia. Em grandiosa arquitetura, consentânea com o surto geral de urbanismo que se manifesta em nossa Capital, esse Instituto constituirá mais uma obra de relevo, criada pelo Estado Novo, capaz de nos recomendar aos olhos do estrangeiro.

Desde que possuímos os recursos necessários, destinados expressamente, por força de lei, “à aquisição de radium e ampliação das instalações do Centro de Cancerologia”, é justo que, ao governo Federal, caiba também o mérito de terminação desta obra benemérita, a um tempo científica e humanitária.

Julgando ter demonstrado a V. Ex.^a que o Centro de Cancerologia, ou o futuro Instituto Nacional de Cancerologia, estaria bem melhor sob o patrocínio direto de V. Ex.^a para poder superintender a campanha anticancerosa em todo o País, para chegar a ser órgão representativo da ciência brasileira, como é o Instituto Oswaldo Cruz, e também para demonstrar a legítima compreensão, por parte do Governo do Brasil, dos problemas médico-sociais que interessam ao país e também à humanidade, peço licença para sugerir a V. Ex.^a a criação de um grande Instituto Nacional de Cancerologia, com âmbito de ação mais amplo que o de um serviço Municipal.

Enquanto não se construir sua sede, poderá funcionar no atual Centro de Cancerologia.

Nestas condições, apraz-me facilitar qualquer trabalho neste sentido, apresentando as bases do Decreto-Lei que, no caso de V. Ex.^a reputar procedentes estas considerações, poderão ser aproveitadas ou modificadas:

- a) considerando que o câncer, tanto no Brasil como no estrangeiro, constitui flagelo social que deve ser combatido pelos Poderes Públicos;
- b) considerando que, a respeito do câncer, o Governo Federal deve assistência aos doentes

desamparados, porque só em instalações oficiais se poderão reunir os meios da cura, todos de custo elevado;

- c) considerando que o Centro de Cancerologia, com as dotações que já lhe foram concedidas pelo Decreto-Lei n. 469, de 4 de junho de 1938, poderá transformar-se em grande centro de tratamento, de estudo e de investigação científica;
- d) considerando que a campanha de profilaxia e tratamento do câncer deve abranger o país inteiro e possuir uma organização federal centralizadora de todas as atividades a respeito, destinadas a estabelecer normas gerais de natureza teórica e prática para orientar a luta contra o câncer, promover a educação popular, formar técnicos, realizar cursos de expansão universitária e propugnar pela obtenção do aparelhamento fisioterápico que, ao lado da cirurgia, constitui o recurso necessário à luta anticancerosa,

Resolve:

Artigo 1º — Fica criado o Instituto Nacional de Cancerologia.

Artigo 2º — As despesas com a construção e instalação da sua sede correrão à conta dos recursos a que se refere o Decreto-Lei nº 469, de 4 de junho de 1938.

Artigo 3º — Até a terminação das obras para construção de sua sede, o Instituto Nacional de Cancerologia funcionará no atual Centro de Cancerologia.

Artigo 4º — Revogam-se as disposições em contrário.

Confiando que os elevados propósitos e a esclarecida inteligência que sempre têm orientado as decisões de V. Ex.^a concordem com as presentes sugestões sobre o destino do Centro de Cancerologia, que foi criado sob os auspícios de V. Ex.^a com tão nobres finalidades, subscrevo-me respeitosamente.

(ass.) Dr. Mário Kroeff

Exposição de motivos do Sr. Ministro da Educação e Saúde, Dr. Gustavo Capanema

Sr. Presidente:

O câncer, que hoje se arrola entre os maiores males que infelicitam o gênero humano, é, em nosso país, doença que vai ganhando terreno e tomando caráter assustador.

O problema não está, entre nós, devidamente estudado. Calcula-se, todavia, em 60.000 o número de doentes existentes no território nacional. Exagerada ou não a cifra, o fato é que os casos são freqüentes nas clínicas hospitalares e nos consultórios médicos. E como a confirmação da doença é, em regra, tardia, os casos confirmados são quase todos casos fatais.

Impõe-se, pois, a organização de uma campanha nacional que busque investigar a natureza da doença e a sua incidência em nosso país, que realize uma propaganda vigorosa para o fim do esclarecimento popular relativamente à vantagem do diagnóstico precoce, como base de eficaz tratamento em grande número de casos, e que anime a montagem dos necessários serviços de ambulatório e de hospital, formadores de um adequado armamento anticanceroso.

Esta campanha deverá resultar da cooperação da administração pública em suas três ordens, a federal, a estadual e a municipal, com a iniciativa privada, que se tem revelado, em nosso meio, tão animosa e empreendedora nos diferentes setores do problema sanitário e assistencial.

Já realizou o governo de V. Ex.^a não faz muitos anos, um significativo serviço de combate ao câncer, que foi a criação do Centro de Cancerologia, anexo ao hospital Estácio de Sá, no Distrito Federal.

Que a mão patriótica e generosa de V. Ex.^a, que já instituiu tão proveitosa obra, inaugure agora empreendimento mais amplo, de significação nacional, a saber, a mobilização dos esforços públicos e da boa vontade particular, para a campanha contra o câncer.

Para presidir a realização dessa obra, faz-se mister a criação de um aparelho administrativo federal, o Serviço Nacional de Câncer, que é definido e configurado no incluso projeto de decreto-lei que tenho a honra de submeter à esclarecida apreciação de V. Ex.^a com os meus maiores protestos de estima, admiração e respeito.

a) Gustavo Capanema

Decreto-lei nº 3.643 de 2 de setembro de 1941, criando o Serviço Nacional de Câncer

Institui no Departamento Nacional de Saúde do Ministério da Educação e Saúde, o Serviço Nacional de Câncer e dá outras providências.

Diário Oficial de 25-9-1941

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o art. 180 da Constituição, decreta:

Art. 1º – Fica criado no Ministério da Educação e Saúde, como órgão integrante do Departamento Nacional de Saúde, o Serviço Nacional de Câncer.

Art. 2º – Ao Serviço Nacional de Câncer compete organizar, orientar e controlar, em todo o país, a campanha contra o câncer, a qual terá principalmente em mira a realização do seguinte:

- a) investigação sobre a etiologia, a epidemiologia, a profilaxia, o diagnóstico e a terapêutica da doença;
- b) execução das adequadas providências preventivas, de natureza individual e coletiva;
- c) propaganda interativa da prática dos exames periódicos de saúde para obtenção do diagnóstico precoce da doença;
- d) tratamento da doença e vigilância dos doentes após o tratamento;
- e) asilamento dos cancerosos necessitados de amparo.

Art. 3º – Incumbe ao Serviço Nacional de Câncer orientar e coordenar a ação das repartições estaduais e municipais, destinadas ao combate ao câncer e, bem assim, das instituições de iniciativa particular, que realizarem quaisquer atividades concernentes a esse problema, animando e auxiliando a criação e manutenção de dispensários, ambulatórios e hospitais ou centros de cancerologia e de outros serviços que tenham por finalidade a luta contra a doença.

Art. 4º – O Serviço Nacional de Câncer terá um centro de estudos e pesquisas destinado à realização direta dos trabalhos de que trata a alínea *a* do artigo 2º deste decreto-lei, bem como à coordenação dos trabalhos da mesma natureza, realizados pelos serviços estaduais, municipais e particulares.

§ 1º – O Centro referido no presente artigo editará uma revista científica de cancerologia, cooperará com as faculdades de medicina no ensino da cancerologia e ministrará cursos de especialização sobre essa matéria.

§ 2º – Enquanto não dispuser do centro de estudos e pesquisas mencionado no parágrafo anterior, o Serviço Nacional de Câncer ocupará e utilizará, para este efeito, funcionando autonomamente, o atual Centro de Cancerologia do Hospital Estácio de Sá do Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Essa utilização não deverá ultrapassar de seis meses.

Art. 5º – O produto da alienação dos bens de que trata o decreto-lei nº 469, de 4 de junho de 1938, destinar-se-á à construção e instalação do centro de estudos e pesquisas referido no artigo anterior.

Art. 6º – Fica criado, no Quadro Permanente (Q.P.) do Ministério da Educação e Saúde, o cargo em comissão de diretor, padrão N, do Serviço Nacional de Câncer.

Parágrafo único. A despesa decorrente deste artigo será atendida, no atual exercício, pelo saldo existente na conta-corrente do Q. P.

Art. 7º – Este decreto-lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1941, 120º da Independência e 53º da República.

Getulio Vargas

Gustavo Capanema

Vasco T. Leitão da Cunha

A. de Souza Costa



O diretor do S. N. C., Dr. Mário Kroeff, num grupo de seus assistentes, tendo à esquerda o Chefe da Seção de Organização e Controle, Dr. Sérgio Azevedo e à direita o Chefe de Clínica, Dr. Alberto Coutinho



Nomeação do Dr. Mário Kroeff

Em 30 de setembro de 1941, de acordo com o art. 14, item II do Decreto-Lei nº 1.713, de 28 de outubro de 1939, foi nomeado o Dr. Mário Kroeff para exercer o cargo em comissão de diretor do Serviço Nacional de Câncer.



Criação de nova tabela do pessoal

Em janeiro de 1942, foi criada nova tabela numérica de pessoal extranumerário, mensalista, contratado e diarista do Serviço de Câncer.

Proposta de transferência do S. N. C. para uma sede condigna

“Ex^{mo}. Sr. Presidente Dr. Getulio Vargas

Respeitosas saudações.

Contrariando as normas da hierarquia administrativa, tomo a liberdade de vir perante V. Ex.^a expor uma questão de interesse nacional.

Por circunstâncias fortuitas, vemos periclitara uma das mais úteis e beneméritas realizações do Governo de V. Ex.^a Trata-se do Centro de Cancerologia, tão auspiciosamente criado e inaugurado por V. Ex.^a, comprovando decisivamente o interesse pelos problemas médico-sociais do País.

E essa pequena célula de estudo e tratamento, pelos serviços prestados e pela aceitação do público desamparado, tão carecente do auxílio oficial, contra um dos mais temíveis morbos que afetam a humanidade de maneira ameaçadora, serviu também para demonstrar a necessidade de ser ampliado o seu raio de ação para além da Capital, o que foi reconhecido por V. Ex.^a no Decreto que recentemente criou o Serviço Nacional de Câncer e nas providências tomadas, com verba avultada, para dotar esse Serviço de uma das mais preciosas armas de combate: o radium.

Agora, com a entrega do Hospital Estácio de Sá à Polícia Militar, contamos com um prazo fixado e concedido pelo Comandante daquela corporação, Coronel Denys, para desocuparmos o Pavilhão do Centro de Cancerologia.

A fim de evitar qualquer interrupção na seqüência de nosso Serviço e o brusco e desumano abandono dos doentes em curso de tratamento,

apressamo-nos em encontrar um local apropriado à nova sede, não mais no Centro de Cancerologia, mas já no Instituto Nacional de Câncer, conforme dispõe o regimento do Serviço Nacional de Câncer, de pleno acordo com as nossas necessidades sociais e com os nossos foros de país civilizado, que encara de frente os mais urgentes problemas sanitários de seu povo.

De acordo com o Sr. Ministro da Educação e Saúde, a solução mais viável e mais rápida para atender à premência de uma mudança precipitada, nos pareceu a adaptação da estrutura em cimento armado, existente à PRAÇA CRUZ VERMELHA, que se presta perfeitamente ao fim a que destinamos. Esse próprio pertence à Prefeitura Municipal e ali se acha desde a administração Pedro Ernesto, sem aproveitamento, enfeando a cidade e denunciando planos fracassados.

Depois de entendimentos verbais havidos entre nós e o Sr. Prefeito, que tem demonstrado boa vontade em atender à nossa causa que é, na verdade, a da própria coletividade, foi proposta pelo Sr. Ministro da Educação a permuta daquele imóvel por um próprio federal, representado por terrenos do Cais do Porto, à Praça S.^{to} Cristo, e doados ao Centro de Cancerologia por decreto de V. Ex.^a São equivalentes estes imóveis, conforme avaliação feita pelo Domínio da União.

Com os projetos, plantas, orçamentos e especificações já realizados pela Divisão de Obras do Ministério da Educação, temos aguardado, apre-

ensivo, essa transação por parte do Sr. Prefeito, para podermos, com a devida autorização de V. Ex.^a, dar início às obras de adaptação e realizar a entrega do Pavilhão de Cancerologia do Hospital Estácio de Sá à Polícia Militar, com risco de paralisação de nossa obra, e de ser o material encostado em algum depósito.

Como o tempo urge em nosso caso e não permite delonga, vejo-me na obrigação de dar este esclarecimento e pedir o apoio do Supremo Chefe a esta obra meritória de V. Ex.^a Se ela fosse destruída, tanto afetaria os brios e os ideais de quem a

dirige, como prejudicaria cruelmente a inúmeros portadores do mal terrível, com desabono da causa pública.

Creia, Sr. Presidente, o que mais preocupa neste apelo é a desorganização duma obra patriótica e humanitária, muito mais do que a responsabilidade de Diretor, que me foi honrosamente delegada.

Confiando na esclarecida decisão de V. Ex.^a, subscrevo-me patricio admirador.

(ass.) Dr. Mário Kroeff

Diretor do Serviço Nacional de Câncer”



Corpo clínico do Serviço Nacional de Câncer

Diretor:

Dr. Mário Kroeff

Chefe do Serviço de Organização e Controle:

Dr. Sérgio Lima de Barros Azevedo

Chefe de clínica:

Dr. Alberto Lima de Moraes Coutinho

Assistentes:

Dr. Luiz C. de Oliveira Júnior

Dr. Jorge S. de Marsillac Motta

Dr. Egberto M. Penido Burnier

Dr. Osolando Judice Machado

Dr. João Bancroft Vianna

Dr. Evaristo M. Netto Júnior

Dr. Turibio Braz

Dr. Francisco Fialho

Dr. Moacyr A. dos Santos Silva

Dr. Antônio Pinto Vieira

Dr. Amador Corrêa Campos

Entendimentos para aquisição de radium para o S. N. C.

Rio de Janeiro, 27 de janeiro de 1942

“Sr. Walter Donnelly

Adido Comercial à Embaixada Americana.

Prezado Senhor:

A palestra que tivemos no Jockey Club, na presença do nosso amigo comum, Dr. Luiz Simões Lopes, animou-me a vir, por meio desta, perante V. S.^a, concretizar a idéia da aquisição de radium nos Estados Unidos da América do Norte, para ser empregado no tratamento dos cancerosos indigentes de meu País.

O Serviço Nacional de Câncer, recentemente criado por Decreto do Presidente Vargas, está incumbido de organizar a campanha contra o câncer no território brasileiro, em todos os seus aspectos: tratamento, educação sanitária popular, formação de técnicos, estudo e investigação científica. E minha situação na qualidade de Diretor, em face de tão grandes responsabilidades, como essa de resolver magnos problemas nacionais sem dispor dos meios necessários, é semelhante à de quem se defronta com inimigo temível, desarmado para a defesa e combate.

No Brasil, o câncer constitui, como aliás em toda a parte, um flagelo social, pois calcula-se em 20.000 as perdas anuais de vida e em 60.000 o número de portadores de lesões cancerosas, que clamam pelos meios de cura tão custosos nessa doença e inacessíveis aos desamparados, fora das instituições oficiais.

Até agora o Governo do Brasil não pôde dotar os principais centros populosos do País, nem a própria Capital, de Institutos destinados e aparelhados convenientemente para o tratamento do câncer, porque tem sido premido a atender outros problemas sanitários, sob forma de endemias, talvez mais urgentes e ameaçadoras.

Temos, para este ano, a primeira dotação orçamentária para aquisição de uma das mais preciosas armas de cura, que é o radium, esse precioso metal que hoje, pelas circunstâncias atuais da guerra, só pode ser obtido das mãos dos americanos. São 800:000\$000 ou 50.000 dólares ao câmbio oficial, verba que mal dá para adquirir um grama do custoso elemento terapêutico. Esse material destina-se ao primeiro Centro de tratamento da Capital e as providências para a sua compra, na América, já estão sendo tomadas. Só no futuro e parceladamente poder-se-á efetuar a compra de novas doses de radium, de modo a se poder dotar o País de Centros de tratamento necessários a uma campanha eficiente.

Pela nossa extensão territorial, torna-se indispensável a instalação de um centro anticanceroso, ao menos, em cada Capital dos vinte e um Estados do País, em condições de se poderem beneficiar desse meio de cura tantos infelizes cancerosos que, por toda parte, se vêem vítimas da cruel enfermidade, sem encontrar o consolo de um alívio ou a esperança de uma cura.

Eu, pessoalmente, como maior responsável pela sorte destes desventurados, acaricio a idéia da posse imediata dessa arma poderosa, para poder oferecê-la a todos os patricios que sofrem atualmente.

Alimento o sonho de uma doação da América ao Brasil, baseado nas inúmeras provas de solidariedade humana demonstradas pela filantropia americana. E não me acanho em solicitar, porque só merece louvores quem pede para dar aos necessitados.

Posso também assegurar que um gesto do Governo Americano, nesse sentido, valeria muito mais que qualquer outro movimento de boa vizinhança na amizade continental, porque os favores concedidos a quem se vê nas garras da dor, da doença ou da morte, jamais se podem esquecer de onde emanaram.

Simplesmente humanitário seria, pois, este gesto, que é tão próprio do feitio americano.

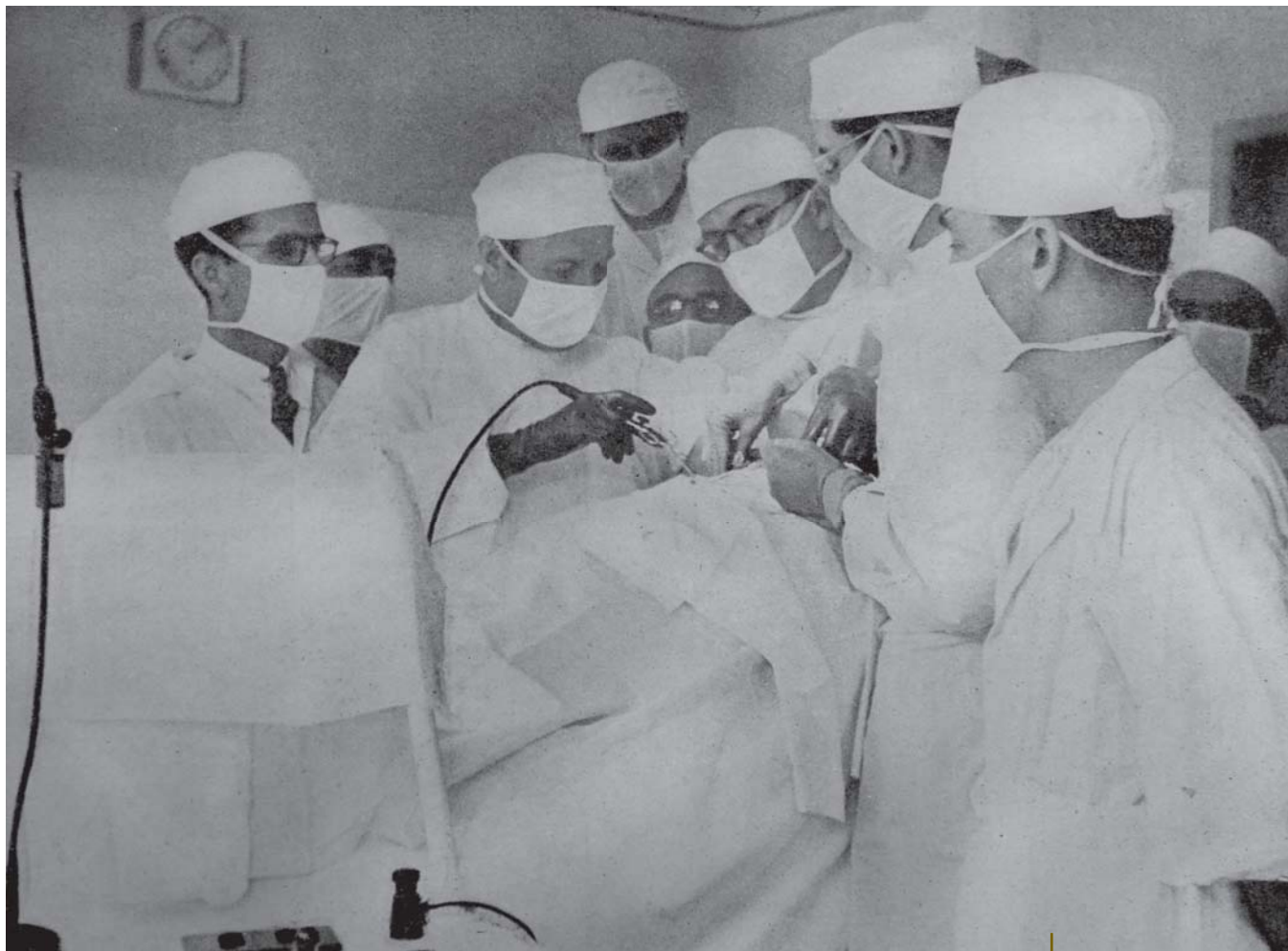
Devo ainda confessar que me animo a fazer esta exposição, porque há pouco mais de um ano estive nos Estados Unidos o Dr. Paulo Proença, que defendeu essa idéia nos meios americanos e encontrou boa vontade por parte do Diretor Geral da Saúde Pública — Dr. Thompson e de alguns senadores do Congresso Americano.

Com alta estima e consideração

a) Dr. Mário Kroeff

Diretor do Serviço Nacional de Câncer

Rua Uruguaiana, 104
Rio.”



D
*Durante uma intervenção eletrocirúrgica
no Serviço Nacional de Câncer*

Viagem do Dr. Mário Kroeff à América do Norte

Em 11 de junho de 1942, ante a exposição de motivos nº 1.123, o Sr. Presidente da República autorizou a ida do Dr. Mário Kroeff aos Estados Unidos da América do Norte, pelo prazo de 6 meses a fim de adquirir para o Serviço, 1 (um) grama de radium, sendo a referida estadia prorrogada por mais 6 meses.

Aquisição de radium para tratamento do câncer

Pelo Presidente da República, e de acordo com proposta submetida a S. Ex.^a pelo Ministério da Educação e Saúde, foi autorizada a ida do dr. Mário Kroeff, diretor do Serviço Nacional de Câncer, aos Estados Unidos, a fim de adquirir um grama de radium para os trabalhos clínicos daquele Serviço. O Departamento Administrativo do Serviço Público, ouvido a respeito, manifestara-se favorável à iniciativa.

Em consequência deste ato, foi expedido o seguinte decreto-lei:

Decreto-Lei nº 4.374 — de 15 de junho de 1942.*

Abre, ao Ministério da Educação e Saúde, o crédito especial de 60.000\$000 para pagamento das vantagens (Pessoal) que indica, sem aumento de despesa.

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 180 da Constituição, decreta:

Art. único. Fica aberto ao Ministério da Educação e Saúde o crédito especial de 60:000\$000 (sessenta contos de réis) para pagamento, no corrente exercício, da ajuda de custo de 750 dólares e da gratificação de representação mensal na mesma importância, no período de três meses, concedidas ao diretor do Serviço Nacional de Câncer, do Departamento Nacional de Saúde daquele Ministério, Dr. Mário Kroeff, que vai aos Estados Unidos da América do Norte em objeto de Serviço.

* Publicado no Diário Oficial de 17 de junho de 1942.



*N*omeação do Diretor Substituto

Em 13 de agosto de 1942, de acordo com o art. 4 do Decreto-Lei nº 1.713 de 28 de outubro de 1939, foi nomeado o médico sanitário, padrão K, Dr. Sérgio Lima de Barros Azevedo para exercer o cargo em comissão de Diretor do Serviço Nacional de Câncer, enquanto durar o impedimento do Dr. Mário Kroeff em sua missão aos Estados Unidos da América do Norte.

Iminência de paralisação do S. N. C.

Em 19 de outubro de 1942, por Aviso nº 553 Ministerial, tendo sido esgotado o prazo para a desocupação da parte do Hospital Estácio de Sá utilizada pelo Serviço Nacional de Câncer, foram recomendadas urgentes providências no sentido de serem removidos para local adequado, mediante acordo com a Prefeitura do Distrito Federal e com instituições particulares, subvencionadas ou não, ou com a Santa Casa de Misericórdia, os doentes ali internados, providenciando-se com igual urgência o arrolamento e a remoção de todo o material pertencente ao mesmo Serviço e que deverá ficar sob a guarda da Divisão de Material.



Em 24 de outubro do mesmo ano de 1942, ficou suspensa temporariamente a recomendação do Aviso 533, com referência à desocupação do Serviço localizado no Hospital, devendo continuar a funcionar no mesmo local até que fosse obtido outro ponto adequado para seu funcionamento, mediante ocupação de prédio disponível ou aluguel de prédio particular.

Sugestões de providências destinadas a normalizar o funcionamento do Serviço Nacional de Câncer

Memorial enviado ao Sr. Presidente da República em outubro de 1942, pelo Dr. Sérgio Azevedo – Diretor Substituto

O Serviço Nacional de Câncer, criado sob tão bons auspícios pela patriótica visão do Ex.^{mo} Sr. Presidente da República e que já vem prestando os mais assinalados serviços ao povo brasileiro no combate ao maior flagelo da humanidade – o câncer – encontra-se na iminência, de um momento para outro, de ver paralisadas suas atividades, deixando ao mais completo desamparo centenas de infelizes cancerosos, em virtude de estar quase no fim o prazo que lhe foi concedido pelo Ministério da Justiça, para continuar funcionando no Pavilhão anexo ao Hospital Estácio de Sá, hoje de posse da Polícia Militar.

Se bem que esteja pendente da assinatura do Ex.^{mo} Sr. Presidente da República a cessão de um próprio da Prefeitura do Distrito Federal ao S. N. C. para nele instalar definitivamente sua sede, necessitaria a mesma de ultimar sua construção e instalações, o que absorveria um prazo nunca inferior a dois anos, dada a situação atual de paralisação de todas as obras.

A idéia de arrendamento provisório de um imóvel, que não seja um estabelecimento hospitalar, não pode ser posta em prática por várias razões de ordem técnica, mesmo despendendo-se somas elevadas com obras de adaptação, que nunca atingiriam o fim colimado num Serviço especializado como o do Câncer, requerendo não só local apro-

priado, como instalações adequadas de radioterapia, eletrocirurgia, etc.

Uma oportunidade que se apresenta para resolver a título precário a situação, merecendo a atenção do Governo

Conhecendo a classe médica, de perto, a situação crítica em que se encontra o S. N. C., por diversos de seus representantes, foi, então, indicada a Casa de Saúde Alemã, Deustcher Frauenverein, sita à Rua Barão de Petrópolis, nº 2, como podendo solucionar o problema.

De fato, o Diretor interino do S.N.C. na ausência do Dr. Mário Kroeff, que se encontra na América do Norte para adquirir material de tratamento para o câncer, em visita à referida Casa de Saúde, teve ocasião de verificar que a mesma se presta, admiravelmente, com ligeiras adaptações, a essa finalidade.

De outro lado, a ineficiência dessa Instituição, no momento atual, é flagrante, pois a mesma se destina quase exclusivamente a servir à Colônia Alemã, recebendo hóspedes contribuintes para estação climática e de repouso e certa classe de gestantes, que poderiam, pelos seus recursos, encontrar em outras Casas de Saúde e Maternidade o mesmo conforto. Apenas ali existem, em local separado, algumas acomodações para asilar senhoras idosas, às quais o próprio Serviço de Câncer

poderia manter, enquanto não fossem encaminhadas a estabelecimentos para esse fim já existentes na Prefeitura (Asilo de Velhos).

A Deustcher Frauenverein, conhecida também como “Sociedade Beneficente de Senhoras Alemãs” – Associação Alemã de Senhoras”, procurou ultimamente pseudo-nacionalizar-se, apenas com o registro de novo título “Amparo feminino 1912”.

Não obstante terem seus responsáveis incluído na Diretoria nomes de senhoras brasileiras, não obstante procurarem iludir a boa fé de terceiros com listas de pessoas ali internadas, constando a maioria de nossa nacionalidade, não obstante propalarem que é uma Instituição destinada a socorrer a pobreza do bairro (?), não passam essas alegações de artifícios, para escapar à inevitável intervenção do Governo.

Assim sendo, solicita-se do ilustre Sr. Ministro da Justiça, que tem demonstrado a melhor vontade em solucionar o caso em questão, e ao qual se acham afetos os interesses dos súditos do Eixo, a requisição do estabelecimento hospitalar Deustcher Frauenverein, conhecido também pelo nome de “Amparo feminino 1912”, para o mesmo ser entregue ao Ministério da Educação e Saúde, com o fim de nele instalar, a título precário, o Serviço Nacional de Câncer, conservando-se apenas a parte destinada ao asilamento da velhice, enquanto não for a mesma transferida para Instituições governamentais já existentes.

Obriga-se, ainda, o Serviço Nacional de Câncer a transformar-se em hospital de sangue, quando assim o exigirem as condições determinadas pelo atual estado de guerra.

Instalação provisória do S. N. C. à Rua Conde de Lages

Em 14 de novembro de 1942, pelo Aviso nº 561, não tendo sido possível a cessão da Casa de Saúde Alemã ao S. N. C., foi arrendado o prédio particular, sito à Rua Conde de Lages, nº 54, empenhando-se, pela Divisão do Material do Ministério da Educação e Saúde, a importância de Cr\$ 4,500,00, para atender até o fim daquele ano o aluguel do imóvel, a partir de 16 de outubro, mediante locação mensal de Cr\$ 3.000,00.



S

*Sede provisória do Serviço Nacional de Câncer
à Rua Conde de Lages, nº 54*

Providências relativas à organização anticancerosa nos Estados e plano de combate ao câncer

Exposição do Dr. Sérgio Azevedo ao diretor do D. N. S. em 24 de novembro de 1942

À exceção do Distrito Federal onde se acha localizado o Serviço Nacional de Câncer com esfera de ação em todo o Brasil, já possuem um esboço de organização anticancerosa os seguintes Estados: São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, os quais podem desde já articular suas atividades com as do Serviço Nacional de Câncer, no sentido de um maior desenvolvimento de seu campo de ação e melhor coordenação de esforços, num eficiente plano de combate a este flagelo.

Em São Paulo existem duas organizações de iniciativa privada, *Fundação Arnaldo Vieira de Carvalho* e o *Hospital Matarazzo Humberto Primo*, as quais, possuindo uma regular quantidade de radium e outras armas necessárias ao tratamento do câncer, já vêm prestando relevantes serviços à população da capital.

Dada a situação econômica desse Estado, julgamos que o governo federal poderá entrar em entendimento com o respectivo serviço sanitário, a fim de ser instalado na capital, funcionando de modo autônomo ou ligado às organizações ali já existentes, um Centro anticanceroso, ao qual será reservado uma certa quota de radium para atender aos cancerosos indigentes, tudo dentro de um programa de coordenação a ser estabelecido pelo Serviço Nacional de Câncer.

No Rio Grande do Sul, deve-se entrar em acordo com o governo estadual no sentido de instalar, na capital ou nas principais cidades, centros anticancerosos que, de preferência anexados a hospitais gerais, completem o programa já traçado e em início de execução pela *Associação Médica de Combate ao Câncer do Rio Grande do Sul*, fornecendo-se à mesma todos os recursos necessários ao bom êxito de sua meritória campanha. Nesse Estado a tarefa será facilitada pelos elementos já existentes e de iniciativa desta Associação, tais como aparelhagens de radium, de roentgenterapia profunda, de eletrocirurgia, de histopatologia, de radiodiagnóstico, assim como de pessoal técnico.

De início, poderão ser articuladas as atividades em Porto Alegre, nas seções especializadas do Hospital Alemão, do Hospital São Francisco de Assis, da Santa Casa, da Beneficência Portuguesa, da Maternidade e Cirurgia São Manuel e bem assim de outras organizações e clínicas privadas, com as quais poderá o Serviço Nacional de Câncer contribuir ainda com uma certa quantidade de radium, para o tratamento dos cancerosos necessitados.

Em Minas Gerais funciona, desde há muito, em Belo Horizonte, o *Instituto de Radium*, uma das primeiras organizações de luta contra o câncer no país.

Dada a extensão territorial daquele Estado e sua população, necessário se torna a instalação de dois ou três centros anticancerosos dotados dos necessários armamentos terapêuticos, inclusive de radium.

Os referidos Centros poderão funcionar em ligação com Hospitais Gerais, aproveitando-se, por prévio acordo, as instalações já existentes e adaptando-as conforme as necessidades, aos ambulatórios e enfermarias especializadas a serem criadas.

Na Bahia, duas organizações na cidade de Salvador podem ser aproveitadas visando à centralização de um movimento na luta contra o câncer no Estado, a *Liga de Combate ao Câncer*, que já adquiriu um terreno para a construção de um Centro anticanceroso e o *Serviço de Radiologia*, anexo ao Hospital Sanatório Espanhol o qual em pleno funcionamento já dispõe de todas as armas para um eficiente combate ao câncer: aparelhagens de roentgenerapia profunda, de radium, de radiodiagnóstico e de anatomia patológica. Por meio de um acordo entre os governos estadual e federal, podem ser concedidos auxílios, não à só Liga de Combate ao Câncer para levar a efeito seus planos, inclusive uma quota de radium, como também ao Serviço de Radiologia, cuja obra é digna de todo o apoio.

Em Pernambuco, sabe-se da existência de duas organizações particulares, na capital, para o tratamento especializado do câncer: o *Instituto de Radium e Radiologia* e o *Instituto de Radioterapia*, as quais dispõem não só de radium e aparelhagem de roentgenerapia e radiodiagnóstico, como instalações de ambulatório e quartos particulares. Ao lado de um auxílio do governo federal a estas organizações, no sentido de um maior desenvolvimento de suas atividades, um entendimento poderá ser realizado com o Estado, tendo em vista a criação de dois centros anticancerosos anexados ao *Serviço de Assistência Hospitalar* e à *Santa Casa* de Recife, fornecendo-se ainda aos mesmos uma determinada quantidade de radium.

No Ceará, projeta-se a instalação, no Hospital Carlos Carneiro de Mendonça, de um Centro anticanceroso para o qual já foi reservada uma enfermaria com 42 leitos. A este Centro poderá ser concedido, pelo governo federal, o necessário auxílio

em radium e em outros elementos que se fizerem necessários a uma organização desse gênero.

Tais são, em linhas gerais, as providências a serem tomadas, em relação à primeira etapa de um programa de combate ao câncer em alguns Estados do país.

Plano Nacional de Combate ao Câncer

Relatório apresentado pelo Dr. Sérgio Azevedo ao Diretor do D. N. S. em 5 de janeiro de 1943

Um plano geral de luta contra o câncer deve abranger os seguintes itens:

- a) Profilaxia
- b) Tratamento
- c) Estudos e pesquisas.

a) A profilaxia compreenderá uma intensa campanha de propaganda e de educação, aliada a uma necessária ação médico-social.

A propaganda e educação, tendo em vista o *diagnóstico precoce* para tratamento precoce, será assim encarada:

1º Educação popular, consistindo na divulgação de conhecimentos úteis para a compreensão dos sintomas iniciais da doença, a fim de criar-se uma mentalidade popular de precaução contra o câncer. Deve-se insistir principalmente nos seguintes fatos:

existe a doença

há sinais reveladores

há meios de confirmar-se o diagnóstico pelo laboratório (biópsias)

há necessidade de exame médico imediato nos casos suspeitos e nos portadores de lesões pré-cancerosas

há necessidade de exames periódicos para surpreender o início da doença em certas localizações

há cura e tanto mais definitiva quanto mais precoce for o diagnóstico

a cura só poderá ser feita pela medicina e não pelo charlatanismo, o qual deve ser combatido.

Compete, pois, atrair a exame a maior soma possível de doentes, não só nas clínicas privadas, como nos Serviços especializados, para a conveniente triagem, sob o ponto de vista do diagnóstico precoce, envidando-se todos os esforços no sentido de esclarecer os casos que passam despercebidos à ignorância ou à negligência dos indiferentes.

Essa campanha de propaganda e educação far-se-á por intermédio de conferências, de impressos, conselhos na imprensa leiga, cartazes, palestras radiofônicas e filmes educativos.

2º *Educação dos profissionais não médicos*, tais como estudantes, dentistas, farmacêuticos, parteiras, enfermeiros, massagistas, sempre visando à questão de esclarecimento dos sinais precursores da doença, a fim de que nos casos considerados suspeitos sejam convenientemente encaminhados a exame médico. Esse item será realizado com vantagem através de organização de cursos, conferências e impressos.

3º *Educação dos médicos não especializados*: sob este ponto de vista serão ministrados aos médicos os conhecimentos relativos ao diagnóstico diferencial do câncer e à frequência da doença em seu aspecto primitivamente local, em todos os ramos da especialização médica, insistindo-se sempre na necessidade do diagnóstico precoce e para cujo esclarecimento será aconselhada a biópsia e outros exames complementares.

Será conseguido este fim só por meio de publicações especiais, dirigidas aos médicos, organizando-se artigos em jornais e revistas gerais de medicina, editando-se boletins e revistas especializadas, promovendo-se palestras radiofônicas e conferências ou exposições nas Sociedades Médicas, etc.

4º *Criação de cursos de aperfeiçoamento* não só para os que desejarem ingressar nos Serviços oficiais, como ainda para aqueles que queiram aperfeiçoar seus estudos no setor da cancerologia, estabelecendo-se a respeito uma cooperação estreita com as Faculdades de Medicina.

A fim de atender convenientemente às diversas questões atinentes ao problema da cancerologia, será ainda incentivada a formação de respectivos técnicos, facilitando-se por meio de bolsas de estudo sua especialização nos meios estrangeiros mais adiantados.

Paralelamente à campanha de propaganda e educação, deve funcionar uma de *Seção de Bioestatística*, organizada com os dados obtidos por meio de inquéritos e investigações nos centros médicos do país e organizações sanitárias estaduais, tendo principalmente em vista fatores que possam representar qualquer papel de importância na mortalidade e morbidade do câncer, a fim de serem afastados e removidos, por meio de adequadas medidas higiênicas de natureza individual, profissional e coletiva, todos os agentes reconhecidos como cancerígenos.

Outrossim, devem ser procedidos estudos e sugeridas medidas tendentes à proteção dos trabalhadores em radium e raios X.

À Seção de Propaganda e Educação compete ainda estimular a criação de Associações e Ligas interessadas na campanha do câncer, colaborando e estabelecendo intercâmbio com instituições públicas e privadas, assim como promovendo ou tomando parte em Congressos nacionais ou estrangeiros, de interesse para o Serviço.

Finalmente, será atribuição da Seção de Propaganda e Educação o combate sem tréguas ao charlatanismo, sob qualquer aspecto, adotando-se as medidas de repressão que se façam necessárias, de comum acordo com o Serviço Nacional de Fiscalização da Medicina.

A campanha de propaganda e educação tem, pois, como finalidade, atrair o maior número possível de suspeitos ao diagnóstico precoce e ao tratamento, tanto nas clínicas ou Instituições privadas, como nas organizações governamentais.

b) *Tratamento*. O tratamento do câncer, nas organizações quer governamentais, quer privadas, será realizado em Centros anticancerosos e Insti-

tutos, pelos meios atualmente reconhecidos pela ciência como os mais eficientes: raios X, Radium e Cirurgia elétrica.

Os Centros poderão ser autônomos ou anexados a Hospitais Gerais. Na primeira hipótese, os centros serão organismos dotados dos elementos essenciais ao diagnóstico e ao tratamento propriamente dito da doença, constando de um ambulatório para triagem dos casos, pequena enfermaria para internamento, aparelhagem de radiodiagnóstico, raios X, radium e cirurgia elétrica, ao lado de um laboratório de pesquisas clínicas e anatomia patológica.

Quando anexado a um Hospital Geral, que disponha de instalações cirúrgicas ou radioterápicas adequadas, poderá o organismo anticanceroso limitar-se ao seu papel de triagem e diagnóstico precoce, aproveitando-se das instalações hospitalares já existentes para o tratamento de cancerosos indigentes.

Em ambos os casos, serão exigidas do pessoal técnico lotado nesses Centros provas de capacidade para suas funções.

c) *Estudos e pesquisas.* Os Institutos terão um raio de ação muito mais amplo que os centros anticancerosos, pois ao lado das indispensáveis instalações e aparelhagem destinada ao diagnóstico, ao tratamento e à vigilância pós-tratamento do maior número possível de doentes, devem constituir um grande centro de ensino, estudos e pesquisas em torno dos problemas clínico-científicos referentes aos tumores malignos.

Assim é que a seção hospitalar, compreendendo os ambulatórios especializados, as enfermarias, as salas de operações, os laboratórios clínicos, as instalações de radium, de radiodiagnóstico, de radioterapia, de fisioterapia em geral, e as aparelhagens respectivas, funcionará em estreita harmonia e colaboração com a seção de pesquisas na parte que se refere à epidemiologia e aos estudos experimentais sobre a etiopatogenia, ao diagnóstico, à patologia comparada, à profilaxia e à terapêutica do câncer.

Para isso, deverá dispor essa Seção de um laboratório de anatomopatologia, incluindo biotérios e instalações para necrópsias, museus de peças, ao lado dos laboratórios de física, química, biologia e cancerologia experimental.

Oficinas para confecção de aparelhos para a aplicação de radium, salas e câmaras para fotografias e desenhos, microfotografias, filmagens, biblioteca, museu de peças, completarão uma organização desse gênero.

Finalmente, resta a questão dos cancerosos que, tendo chegado a um período avançado da doença, não encontraram até agora, por parte da ciência, os recursos terapêuticos eficientes à sua cura, mas que, nem por isto, deixam de merecer, dos governos e da iniciativa privada, a necessária assistência material e moral a que têm direito, por um imperativo humanitário.

Essa assistência poderá ser realizada em domicílio ou, de preferência, no caso dos desamparados, em abrigos e asilos, onde os doentes terão o conforto do amparo médico e religioso que certamente há de mitigar os seus atroz sofrimentos físicos e morais.

Particularizando: *um programa de ação nacional contra o câncer*, deve ser baseado nas normas ora traçadas, aliás consubstanciadas no Decreto-lei nº 3.643, de 23 de setembro de 1941, que instituiu no Departamento Nacional de Saúde, do Ministério de Educação e Saúde, o Serviço Nacional de Câncer, ao qual compete organizar, orientar e controlar, em todo o país, a Campanha contra o Câncer.

Ao lado de uma larga campanha de propaganda e educação, visando sempre ao diagnóstico precoce da doença, é fora de dúvida que devem correr paralelamente os meios de tratamento da doença. De que vale atrair o maior número possível de casos suspeitos para descobrir o câncer em sua fase inicial, quando são falhos os recursos terapêuticos?

Um inquérito preliminar, feito junto aos Serviços Sanitários Estaduais, mostra que tudo está por fazer.

Urgem, antes de mais nada, as necessárias providências no sentido de apressar a construção e a instalação, no Distrito Federal, do Instituto Central do Câncer, órgão mater de toda a luta anticancerosa no país.

Independentemente desta providência, o atual Serviço poderá desde já estudar um plano de instalação de Centros anticancerosos nas capitais e cidades mais importantes do país, de preferência anexos aos Hospitais Gerais. No Distrito Federal, em São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, onde já se encontram em funcionamento Centros autônomos de diagnóstico e tratamento, a tarefa torna-se mais fácil.

Nos Estados de Pernambuco e Bahia há um esboço de organização que deve ser aproveitado e desenvolvido. Nos demais Estados praticamente nada existe a respeito, não só sob o ponto de vista material como pessoal.

A quantidade de radium existente no país é ínfima, irrisória, as aparelhagens de radioterapia profunda são ainda muito insuficientes, as-

sim como precários são os meios de diagnóstico, por falta de laboratórios especializados, não havendo qualquer Centro de pesquisas e estudos, tão necessários a uma campanha dessa natureza. Por outro lado, é patente a falta de pessoal técnico especializado.

O Serviço Nacional de Câncer sugere o estabelecimento de convênios com os Estados, Municípios e organizações privadas no sentido das subvenções e auxílios que se fizerem necessários para a criação, aproveitamento ou manutenção dos organismos de luta anticancerosa, orientando e controlando os respectivos Serviços, estabelecendo normas gerais teóricas e práticas, facilitando o transporte de doentes ou de material de diagnóstico para os Centros mais adiantados.

De outro lado, esforçar-se-á para a distribuição equitativa de material de tratamento, como o radium, seja sob a forma de elemento, seja sob a forma de emanações (Radon), ao mesmo tempo que promoverá um intercâmbio científico necessário à formação de pessoal técnico habilitado.

Cursos do Serviço Nacional de Câncer

Curso de Anatomia Patológica

Em de junho de 1943 teve início no S. N. C. um curso de anatomia patológica, ministrado pelo Assistente Dr. Francisco Fialho.

As aulas revestiram-se de caráter essencialmente prático, constando de duas partes, versando a primeira sobre histologia normal e a segunda, sobre anatomia patológica dos blastomas.

Curso de Samaritanas

Foi realizado pelo Serviço Nacional de Câncer em outubro de 1942 e sob os auspícios da Sr^a. Getulio Vargas um curso para funcionárias do Ministério da Agricultura sobre noções de enfermagem.

Discurso do Dr. Sérgio de Azevedo, Diretor substituto do S. N. C., transmitindo o cargo ao titular

10 de julho de 1943

“Meu caro Kroeff:

Não é na qualidade formalística de Diretor substituto ao passar o cargo ao efetivo, que te dirijo neste momento a palavra.

Deixando de lado e para outra ocasião os relatórios, as prestações de contas, as ocorrências havidas no decorrer da gestão que me delegaste, quero apenas deixar agora falar a palavra dos sentimentos que nos enchem o coração, ao rever o companheiro que tantas saudades nos deixou.

Ao regressares ao convívio de teus amigos, membros, hoje, de uma mesma família, que são todos os assistentes e demais funcionários desta Casa, é a mim particularmente grato, representando o sentir comum, dar-te as boas vindas, acompanhadas de nossos mais fervorosos votos de reconhecimento ao bom Deus, não só pelo completo êxito da tua missão, como ainda por teres retornado a salvo, em tempo como estes, à companhia dos que te tributam sinceramente a maior estima.

Se a tua ausência foi longa, motivos não há, além dos sentimentais, para pô-los em reparo, pois todos sabemos que ela se fez necessária, em face de um

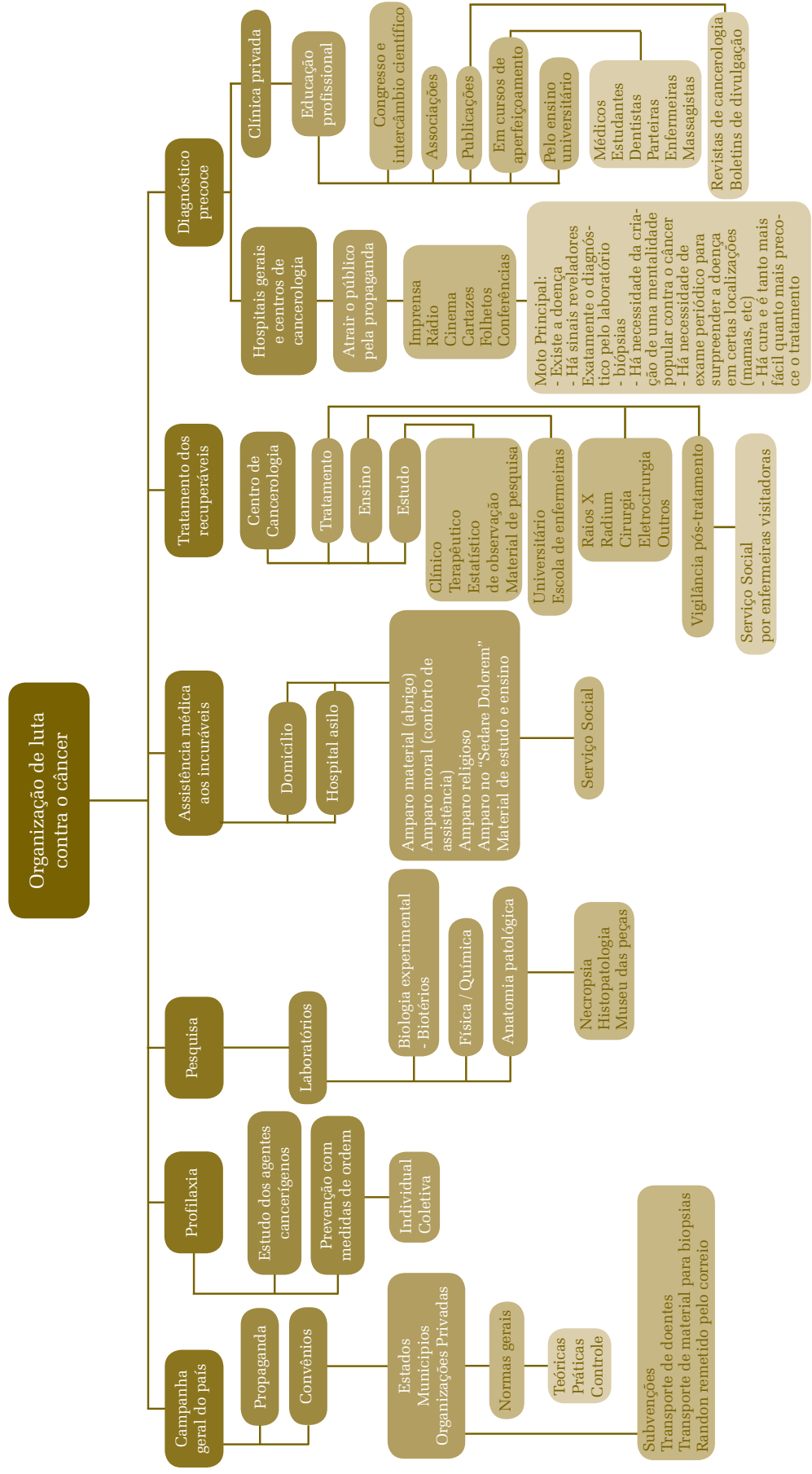
dever a cumprir, sem levar em conta o sacrifício de qualquer interesse de ordem pessoal.

Possuidor que és de uma tenacidade a toda prova, de inexcedível capacidade de trabalho, sabendo querer o que deseja, não medindo sacrifícios no enfrentar as dificuldades, cultivando um idealismo sadio, podes ter a certeza que ninguém melhor que tu saberia desempenhar com tanto brilho e patriotismo a tarefa que, em boa hora, os nossos poderes públicos houveram por bem te confiar.

Patriotismo sim, pois não em poucas ocasiões fizeste no estrangeiro realçar o nome do nosso País, levando a plagas amigas o fruto ainda que verde de nosso labor, de nossas esperanças, e para aqui trazendo novas sementes que, regadas com o saber de tua experiência, certamente hão de frutificar até a completa e necessária maturidade, num terreno que ora nos comprometemos a lavrar sem descanso e desfalecimentos, no objetivo comum de alcançarmos uma vitória que não será só nossa, mas sim da própria humanidade em seu justo anseio de libertar-se de um flagelo que tanto a tem afligido.

Sê bem-vindo à tua casa.”

Plano de Combate ao Câncer



Discurso pronunciado pelo Dr. Alfredo Morais Coutinho, no banquete oferecido ao Dr. Mário Kroeff pelo seu regresso da América, em agosto de 1943, no Automóvel Club

“Há poucos dias, um amigo, espírito probo mas intransigente, confessava só admitir as homenagens póstumas. Não era difícil retrucar-lhe que os pósteros quanto os contemporâneos podem cometer seus erros de apreciação, ou mesmo elaborar julgamentos tendenciosos, para exaltar ou diminuir os homens e sua obra. E, às vezes, o pronunciamento dos coevos assume o caráter de um dever cívico, uma obrigação moral indeclinável.

Não precisarei de justificar o ato congratulatório que ora consagramos a Mário Kroeff. Rejubilo-me, contudo, por ter sido indicado para intérprete dessa homenagem, sem pretender traduzir com arte o sentimento dos presentes. O que posso trazer são as impressões, de certo afetuosas, colhidas em longo e íntimo convívio, mas ainda, com a lealdade devida a todo ato público.

Eu bem conheço Mário Kroeff para poder aplicar-lhe essas palavras de Goethe: “Ditoso o homem que cedo compreende que há um problema de método, uma questão de perfeição técnica a resolver, mediante a serenidade e a cultura, para o enriquecimento de suas aptidões naturais”. Mário Kroeff é um desses homens ditosos. Não por haver desconhecido os óbices, os dissabores, as contrariedades, as inquietações, defrontadas por todo

labor construtivo. Mas por não haver traído a si mesmo, isto é, a sua grande vocação médica.

Um diploma não basta para fazer-se um médico. É um título de mero noviciado.

É preciso que o médico não só adquira a consciência da grandeza da dor, mas que a sinta, intensamente, em seu próprio ser. Que o coração se oprima e sua face se crispe, como fiel imagem do sofrimento alheio. Seu dever é sofrer, enquanto não trazer alívio ao que sofre.

Mas essa indispensável compaixão, essa profunda consonância afetiva do médico, não implica em aceitar a dor como necessário instrumento de elevação humana. Ele a combaterá sem tréguas, esperando torná-la, um dia, uma anomalia accidental. Mas para isso, deve identificar-se com ela, a fim de poder descobri-la em suas infinitas dissimulações.

Falem como quiserem os sado-masoquistas, mas o domínio da dor é a aspiração fundamental dos homens e será o paraíso terrestre. Cada dia mais consciente de seus recursos, eles prosseguem a marcha milenar, para alcançar a radiante plenitude desta grande esperança.

Louvamos em Mário Kroeff uma esclarecida vocação médica, alimentando-se nas fontes autênticas do saber e dos frutos de uma rica experiência pessoal para encarar, com denodo e segurança, um dos mais angustiantes problemas da medicina social. Tornou-se um mestre, criando novas técnicas cirúrgicas, que se universalizam, e formando, em sua especialidade, uma das mais jovens e galhardas escolas. E toda essa notável e benemérita obra, de estilo tão pessoal que a outros teria custado tempestades de gestos e palavras, brotou de sua bela e inalterável placidez. Ai! dos agitados que não suspeitam a formidável energia oculta destas almas serenas.

Em toda a parte, nas confusas circunstâncias atuais, os conhecimentos e recursos técnicos da medicina moderna estão muito longe do seu pleno rendimento. Por múltiplos fatores que seria importuno enumerar, a humanidade acha-se privada da maior parte de suas grandiosas disponibilidades. Fala-se de uma crise médica, relativa às condições econômicas da profissão. É uma triste realidade. Mas se visarmos a um plano superior, onde se encontrem os mais vitais interesses da coletividade, iremos descobrir não uma crise, mas uma tragédia médica. É a persistência anticientífica de numerosos males orgânicos, com as inevitáveis consequências econômicas e morais, que não continuariam, por muito tempo, a corromper a existência humana, em face de uma mobilização metódica e integral da medicina. Evoquemos Oswaldo Cruz, extinguindo, em poucos meses, a degradante praga, entretida por séculos de rotina.

Prisioneira de prejudiciais tutelas, inacessível à compreensão geral graças à vastidão e complexi-

dade de sua doutrina, forçada à contemporização contrária à sua índole intervencionista, à medicina falta liberdade de ação para corresponder plenamente a seu destino social.

Eis a magnitude do mais urgente problema de nossos dias. Não só aqui, mas em quase toda a superfície da Terra existem grandes núcleos de gente em tal estado de degradação orgânica, que poderiam ser considerados uma subumanidade. Isso, quando a previsão científica de novas condições de vida favoráveis à expansão de nossas potencialidades, libertando as energias espirituais, nos faz acreditar que o advento do super-homem não é aspiração quimérica.

O médico vê na pobreza a mais grave das doenças crônicas e muitas vezes hereditária. Fonte de imensas penas, a pobreza é a principal condição de agravamento de todos os sofrimentos físicos e morais. Não raro, em face dela, sente-se o médico desarmado. Flagelo máximo da humanidade, a pobreza não pode deixar de constituir o problema fundamental da medicina.

Aqui nos achamos, precisamente, para consagrar um desses confiantes servidores da grande causa. Pregando e agindo, em todos os momentos ele vem demonstrando a sua fé nos poderes da medicina, em um terreno ingrato e semeado de nefandos pessimismos. Louvemos de preferência aqueles que aceitaram as mais duras tarefas e, desprezando os caminhos de veludo, procuram nos campos de urzes as sementes do porvir.

Em honra a Mário Kroeff, pelos nobres títulos que tanto dignificam a sua vida e a sua obra, ergamos a nossa taça”.

Discurso do Dr. Mário Kroeff no banquete que lhe foi oferecido no Automóvel Club, em agosto de 1943

“Meus colegas, meus amigos:

Agradeço-lhes desde já, nesta festa, a escolha de seu intérprete. A rica personalidade de Moraes Coutinho, por assim dizer, polivalente, ao interpretar a alma de cada um, pelas suas palavras e pela sua inteligência, é capaz de estabelecer os mais belos laços espirituais entre um grupo de amigos.

Muito me agradaria recordar múltiplos episódios que nós dois vivemos juntos, na longa história da nossa crescente amizade.

Como colega de turma, tenho acompanhado sua vida através dos bancos acadêmicos, nos museus de arte da velha Europa, na Escola Nacional de Belas Artes, como professor de anatomia artística e na Missão Militar, durante a Grande Guerra.

De uma feita, quando nos achávamos nas paragens africanas, a caminho de um “front” povoado de imprevistos, pude sentir a sua arte de conciliar os problemas, aparentemente opostos em nossa vida: servir ao mesmo tempo à guerra, ao sonho e ao amor. Ao despedir-se das algerianas, nada pôde dizer comovido o então jovem e garboso oficial do Exército Brasileiro, sempre fluente nas palavras, certamente por ter de marchar para um destino incerto, que as trincheiras sempre trazem.

A este dileto amigo, devo agradecer as palavras de amizade agora proferidas. Aos outros, colegas e amigos, eu quero também confessar que me toca profundamente esta reunião cordial, alegrada até com presença feminina.

Por mais trivial que possa parecer um almoço, é sempre possível animá-lo de intenções e sentimentos que lhe emprestem um sentido especial. Tal como agora acontece, numerosos amigos meus, demonstrando sua estima e seu afeto, conseguiram inserir em minha vida um acontecimento que será decerto inesquecível.

Sei que há almoços inspirados por outros pretextos e com finalidades diferentes. A uns presidem meramente o instinto gastronômico, a tentação dos pratos saborosos e as promessas embriagadoras dos vinhos capitosos.

Outros não passam de encontros de astutos *business-men*, de onde alguns convivas, menos esportos, podem sair com a digestão perturbada, ou pior, com o senso mercantil turvado pela libação, intencionalmente preparada.

Nos almoços protocolares, de atitudes e fórmulas contrafeitas, a ânsia dos convivas é terminar o mais cedo possível, embora com a fome insaciada.

Em assunto de almoços, eu me julgaria imensamente ingrato à hospitalidade americana se, neste momento, não pusesse em especial relevo os encantadores almoços com que me distinguiram os colegas de diversos meios médicos e universitários da grande nação americana.

Na Universidade de Harvard, a mais famosa dos Estados Unidos, onde o nosso sábio Carlos Chagas recebeu o título de doutor “*honoris causa*”, tive o prazer de sentar-me à mesa de professores, a convite de seu Reitor.

Guardo indelével impressão de um jantar a mim oferecido, em Chicago, pelos diretores do Colégio Americano de Cirurgiões.

Em Rochester, antiga residência de Charles Mayo, fundador da famosa Clínica Mayo, que é hoje a expressão máxima dos seus recursos e pela perfeita cooperação profissional, tive a honra de receber do célebre Balfour, presidente daquela instituição, convite para um almoço.

Idênticas demonstrações dessa fidalga hospitalidade ianque tive com um jantar em Filadélfia, promovido por Chevalier-Jackson, professor da Temple University e membro da nossa Ordem do Cruzeiro.

Também pela Academia de Medicina de New York e pelo Memorial Hospital fui obsequiado com almoços de cordialidade.

Tocou-me especialmente a homenagem prestada, conjuntamente, em Washington, pela União Pan-Americana e pelo Clube Médico, ao Dr. Rafael Fernandes, ex-interventor do R. G. do Norte, ao Dr. Fernandez Manero, ministro de Saúde Pública do México e a este modesto representante da medicina brasileira.

O encanto da reunião foi exaltado por uma dessas habituais gentilezas mexicanas, com o fato de me ter sido delegada pelo notável cientista da pátria asteca a honra de agradecer àquela manifestação de cordialidade continental.

Embora devendo reconhecer que, nesses privilegiados momentos, minha pessoa valia por seu título de cidadania brasileira, as homenagens recebidas não deixaram por isso de constituir gratas e duradouras impressões e fecundos ensinamentos para a cultura dos ideais pan-americanistas, em todos os setores de nossa atividade. É no terreno tão profundamente humano da medicina e nesses encontros de profissionais que se formam os mais sólidos laços de cooperação e perfeita harmonia de ideais e de propósitos, no interesse da vida humana e de sua dignificação.

Nesse campo, a experiência já tem demonstrado que as reuniões, congressos, visitas e jornadas médicas sul-americanas, num leal intercâmbio científico, contribuíram para consolidar, em um plano elevado da política de boa vizinhança, os sentimentos e princípios da cordialidade continental, tão necessários para a realização de nossos destinos históricos.

Particularmente, não são os médicos os que mais viajam, indagando o que se passa pelo mundo, dentro das paredes dos laboratórios e dos hospitais?

Já pelo próprio exercício da profissão, os médicos habitam-se a cultivar o sentimento de solidariedade humana. Aos homens da ciência médica, não só interessam a higidez do homem, a perfeição da raça, os magnos problemas de saúde pública, mas despertam especial preocupação os doentes, os fracos, os humildes e os abandonados.

Confesso ter voltado da América do Norte impressionado com o altruísmo do povo americano e com o espírito de cooperação que reina entre a classe médica, obrigando as atitudes individualistas, ainda tão arraigadas em nosso meio, a inclinarem-se em favor de propósitos mais gerais, como o são os da saúde humana e dos princípios científicos, elevando-se assim o nível da ética profissional.

Nas habituais reuniões hospitalares, realizadas cada semana pelo corpo médico, pude admirar a completa ausência de susceptibilidades pessoais: quando se atendem às vantagens exclusivas de um doente, este passava das mãos de um especialista para as de outro, por decisão da maioria dos profissionais. A medicina moderna, onde quer que ela se exerça, tem que se integrar nessas normas, tornadas obrigatórias pelos seus progressos teóricos, os quais só poderão ser devidamente aproveitados pela atuação convergente de vários especialistas, adestrados no manejo da complexa aparelhagem da semiologia moderna.

Já se foi o tempo em que a medicina era exercida com uma receita passada sobre o joelho do

médico, que se inspirava na tomada do pulso ou na inspeção da fâcies do doente. Hoje tudo tende para confirmação do laboratório ou para a visualização das lesões por meio da endoscopia.

A educação do povo americano levou a aceitar essas medidas até mesmo na ausência de sintomas, para descobrir algum mal incipiente ou dissimulado no organismo humano.

O exemplo dessa vitória da medicina, exercida com os recursos materiais para a realização de um perfeito diagnóstico e tratamento, e dentro do espírito de cooperação de especialistas, é a Clínica Mayo, verdadeiro expoente da medicina norte-americana, que atrai, diariamente, à pequena Rochester, situada no longínquo middle-West, gente não só do país, mas de todo os recantos do mundo.

E o fato mais surpreendente é que entre os mil e tantos indivíduos que ali comparecem cada dia, um terço se decidiu àquela peregrinação com o objetivo de proceder a um *chek-up*, isto é, uma preventiva revisão do corpo humano. Não me cabe agora fazer a apologia da medicina, depois de haver, em rápidas palavras, mostrado seu prestígio e sua vasta atuação na vida americana. Esses exemplos são suficientes para consagrar o grandioso papel reservado à profissão médica na vida coletiva, sejam quais forem os seus problemas, na paz ou na guerra.

Poderia citar um simples exemplo do poder da ciência médica.

A média de vida americana, que algum tempo atrás era de 35 anos, hoje, atingiu a 62, para os homens, e 64, para as mulheres. Isto significa que, naquele país, o gênero humano vive muito mais do que outrora. Morre-se muito menos por doenças evitáveis. É o progresso da ciência, em proveito da coletividade, para fazer o mundo mais isento do perigo, mostrando que a comunidade pode, dentro de

certos limites, determinar sua própria mortalidade.

A medicina tornou-se o companheiro inseparável do progresso, na tecnologia, para o conforto e bem-estar coletivo. Se assim é no terreno das atividades materiais, no mundo moral, mais alto ainda se coloca a medicina, que consegue pairar acima dos mais ásperos antagonismos humanos.

Eis por que o símbolo da Cruz Vermelha, que é a imagem de sua presença, no momento em que o mundo assiste à derrocada dos direitos humanos, este pedaço de pano branco, com a cruz estampada no centro, é a única força moral, a que ainda se obriga o respeito dos beligerantes. Isto significa que a medicina nunca poderá ser tolhida em sua consagrada missão de servir o bem, a saúde, a vida e a humanidade.

Meus senhores:

Desvanece-me sobremodo ter sido essa festa de amigos e colegas prestigiada pelo Instituto Brasil México (cujo ilustre presidente, coronel Costa Neto, dá-me a honra de sua presença).

Ao Excelentíssimo Sr. Embaixador do México, Don José Maria Dávila, presidente de honra desse grêmio de aproximação mexicano-brasileira, devo um especial agradecimento, prestando ao mesmo tempo merecida homenagem ao excepcional brilho e elevação de espírito com que esse ilustre diplomata vem colaborando na obra de cordialidade e de perfeita compreensão de nossas pátrias.

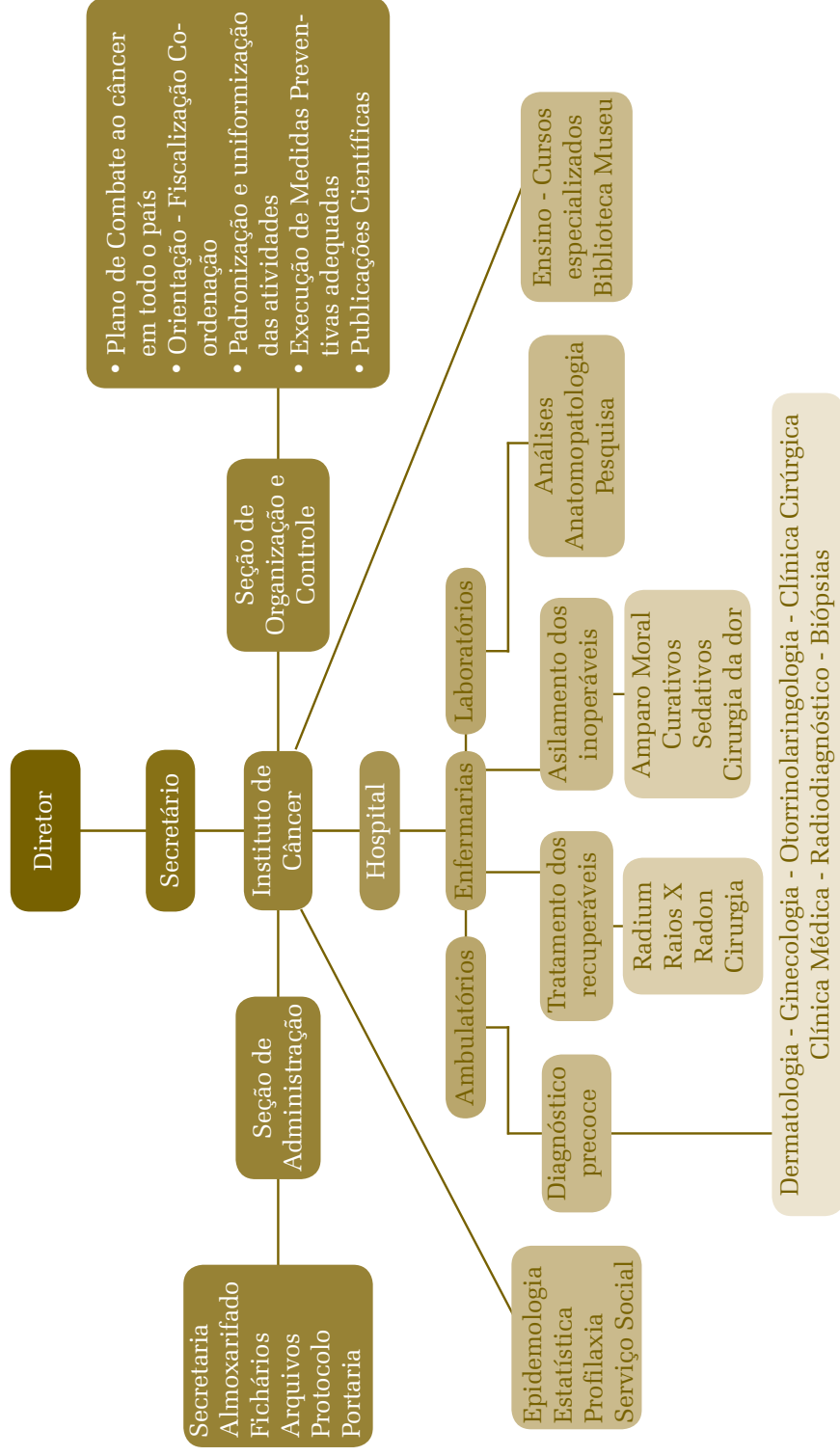
A todos os presentes meus agradecimentos.

Devo, pois, um especial agradecimento aos dirigentes desse grêmio de aproximação mexicano-brasileira, que, com elevado espírito de pan-americanista, vem colaborando na obra de cordialidade e de perfeita compreensão das duas pátrias.

E aos meus colegas e amigos, senhores e senhoras, declaro-me sinceramente agradecido.

Ministério da Educação e Saúde

Departamento Nacional de Saúde Serviço Nacional de Câncer



Esquema da Organização do Serviço Nacional de Câncer

*M*emorial ao Sr. Presidente da República

Solicitando entrega imediata do próprio da Prefeitura à Praça Cruz Vermelha ao S. N. C.

Em 10 de agosto de 1943

Ex^{mo} Sr. Dr. Getulio Vargas, DD. Presidente da República.

Peço vênia para me dirigir diretamente a V. Ex^a., premido pela necessidade em solver urgente assunto do Serviço Nacional de Câncer.

Tendo V. Ex^a., em despacho de fevereiro do corrente ano, no processo 87 401-42, aprovado a Exposição de Motivos do Ministério da Fazenda, no sentido de ser efetivada a permuta de lotes de terrenos sitos no Cais do Porto e pertencentes ao antigo Centro de Cancerologia por um próprio da Prefeitura, constante de uma estrutura em cimento a armado, sito à Praça da Cruz Vermelha, para nele ser instalada a sede do Serviço Nacional de Câncer com o seu projetado Instituto-hospital, e tendo o processo transitado pelas seções do Ministério da Fazenda e da Prefeitura, sempre com pareceres favoráveis à dita transação, venho solicitar de V. Ex^a. uma ordenação direta, a fim de que a referida estrutura da Praça da Cruz Vermelha seja entregue ao Serviço Nacional de Câncer, a título provisório, independente da ultimação do processo em andamento, porquanto a situação da atual sede do referido Serviço, onde se acham internados os nossos doentes, é das mais críticas, ameaçando ruir, com imprevisíveis conseqüências de ordem pessoal e material, como já é do conhecimento das autoridades superiores.

Já que foi aprovada a transação por V. Ex^a., após demorados estudos dos órgãos subordinados aos Ministérios da Educação, Fazenda e Prefeitura do Distrito Federal, julgo não haver inconveniência na posse imediata do próprio em questão por parte do Serviço Nacional de Câncer, aguardando-se sem atropelos a legitimação da permuta em causa.

Na certeza de que V. Ex^a. haverá por bem aprovar esta sugestão,

Atenciosamente,

Servidor, patrício

(ass.) Dr. Mário Kroeff.

Criação das "Reuniões Médicas" do Serviço Nacional de Câncer

Outubro de 1943

Pelo presente ficam organizadas as Reuniões Médicas do Serviço Nacional de Câncer, obedecendo ao seguinte:

Regimento Interno

Art. 1º – As Reuniões Médicas funcionarão na Sede do Serviço Nacional de Câncer.

Art. 2º – O Presidente das sessões será o Diretor do Serviço Nacional de Câncer, eventualmente substituído pelo Chefe do Serviço de Organização e Controle ou pelo Chefe de Clínica.

Art. 3º – Serão membros das Reuniões Médicas todos os médicos do Serviço Nacional de Câncer.

Parágrafo único – poderão ser também membros das Reuniões Médicas pessoas de competência científica comprovada, que, embora estranhas às atividades internas do Serviço Nacional de Câncer, queiram a elas emprestar colaboração.

Art. 4º – É obrigatória a presença às sessões de todos os Assistentes do Serviço.

Art. 5º – Compete às Reuniões Médicas do Serviço Nacional de Câncer organizar reuniões quinzenais, a fim de serem realizadas comunicações, conferências, apresentações e discussões de casos dignos de interesse.

§ 1º – As reuniões constarão de duas partes: a primeira, de expediente, onde serão tratados assuntos de ordem geral e a segunda, de ordem do dia.

§ 2º – As inscrições a figurar na ordem do dia deverão ser feitas com 20 dias de antecedência.

§ 3º – Em cada sessão, usarão da palavra os membros previamente inscritos, no máximo 2 para as comunicações e 3 para os casos pró-diagnose.

§ 4º – As comunicações serão, de preferência, referentes às observações do Serviço Nacional de Câncer, podendo, no entanto, serem trazidas de outros serviços, desde que interessem à especialidade.

§ 5º – A exceção das conferências, para as quais não haverá tempo limitado, as comunicações e observações de casos terão o limite máximo de 20 minutos.

§ 6º – Os comentários sobre comunicações e apresentações só poderão ser feitas em tempo não superior a 5 minutos.

Art. 6º – As Reuniões Médicas realizarão cursos, conferências e palestras na própria sede do Serviço Nacional de Câncer ou em associações científicas, instituições didáticas, públicas ou particulares, tendo como objetivo a luta contra o câncer.

Parágrafo único – O número de comunicações e o valor dos trabalhos apresentados pelo pessoal técnico do Serviço Nacional de Câncer constituirão motivos de merecimento para promoções.

Secretaria do Serviço Nacional de Câncer, 13 de outubro de 1943.

(ass.) Dr. Mário Kroeff, diretor.

Exposição de motivos do DASP propondo a aprovação do regimento interno do S.N.C.

Diário Oficial, 6-7-1944

Nº 1.662 – Em 26-6-1944 – Excelentíssimo Senhor Presidente da República.

A partir da reorganização do Departamento Nacional de Saúde do Ministério da Educação e Saúde, em 1941, este Departamento vem cuidando sistematicamente da colaboração dos regimentos de todos os serviços que integram aquele órgão.

2. O Departamento Nacional de Saúde, que vem colaborando ativamente neste sentido, submeteu a este Departamento, para os necessários estudos, um projeto de regimento para o Serviço Nacional de Câncer, no qual estava prevista para este órgão a seguinte estrutura:

Instituto de Câncer

Seção de Organização de Combate ao Câncer

Seção de Administração.

3. Examinado o assunto, foi sentida a necessidade de se introduzirem no projeto algumas alterações cujo objetivo era não só uma melhor sistematização da matéria regimentar, como a distribuição mais homogênea dos campos de trabalho das unidades integrantes do Serviço.

4. E assim é que algumas atividades do Instituto foram transferidas para a Seção de Organização de Combate ao Câncer, ampliando-se ainda a competência desta, com atribuir-lhe explicitamente o estudo do plano de combate ao câncer em todo o país.

5. Em conseqüência, passaria esta Seção a exercer uma função mais efetiva do controle, e melhor se lhe ajustaria, portanto, a denominação de Seção de Organização e Controle, por ser a mais expressiva das atribuições realmente reservadas à Seção.

6. Cabe ressaltar que, dotada desta Seção de Organização e Controle, a estrutura do Serviço Nacional de Câncer se aproxima da que vai sendo dada, de modo sistemático, aos outros serviços do Departamento Nacional de Saúde, e na qual aparece uma unidade de pesquisa de organização e controle.

7. Dessa forma, o Serviço Nacional de Câncer passaria a constituir-se de:

Instituto de Câncer

Seção de Organização e Controle

Sessão de Administração.

8. No sentido dessas alterações, e ouvida a Comissão de Eficiência do Ministério, este Departamento elaborou um substitutivo ao projeto inicial, enviando-o ao Ex.^{mo} Sr. Ministro da Educação e Saúde, para que opinasse a respeito, tendo S. Ex.^a. se manifestado de acordo com as referidas alterações.

9. Nestas condições, este Departamento submete à superior consideração de V. Ex.^a. o anexo projeto de regimento para o Serviço Nacional de Câncer, acompanhado do projeto de decreto que o aprovaria.

Aproveito a oportunidade para renovar a V. Ex.^a os protestos do meu mais profundo respeito.
– Luiz Simões Lopes, presidente.

Sim.

Getulio Vargas.

(Assinado Decreto nº 15.971, em 4-7-1944).

Regimento do Serviço Nacional de Câncer

Decreto-Lei 15 971 de 4-7-1944

Capítulo I

Da finalidade

Art.1º – O Serviço Nacional de Câncer (S. N. C.), órgão integrante do Departamento Nacional de Saúde (D. N. S.), tem por finalidade organizar o combate ao câncer em todo o país, planejando, para isto, os respectivos serviços, constituindo-se em elemento orientador, coordenador e fiscalizador das atividades das organizações públicas e privadas, empenhadas na luta contra a doença, prestando-lhes a possível assistência material e técnica, e incumbindo-se da parte de execução que, no programa fixado, couber ao Governo Federal.

Parágrafo único – As atividades do S. N. C. serão exercidas diretamente pelo respectivo Serviço ou por intermédio das Delegacias Federais de Saúde, quando solicitadas pelo Diretor do S. N. C. com aprovação do Diretor Geral do D. N. S.

Capítulo II

Da organização

Art. 2º – O S.N.C. compreende:

Instituto de Câncer (I.C.)

Seção de Organização e Controle (S.O.C.)

Seção de Administração (S.A.).

Parágrafo único – O I.C. disporá, para as suas finalidades, de laboratórios, enfermarias e ambulatórios.

Art. 3º – O I.C. e o S.O.C. serão chefiados por funcionários da carreira de Médico Sanitarista, indicados pelo Diretor do S.N.C. e designados pelo Diretor Geral do D. N. S., ou por técnicos em cancerologia para esse fim contratados.

Art. 4º – A S.A. terá um chefe escolhido e designado pelo Diretor Geral do Serviço, mediante aprovação do Diretor Geral do D.N.S.

Art. 5º – O Diretor terá um Secretário por ele designado.

Art. 6º – Os órgãos que integram o S.N.C. funcionarão perfeitamente coordenados, em regime de mútua colaboração, sob a orientação do Diretor.

Capítulo III

Da competência dos órgãos

Art. 7º – Ao I.C. compete:

I – realizar estudos e pesquisas sobre a epidemiologia, profilaxia, diagnóstico e tratamento do câncer, inclusive no campo da anatomia patológica, da física biológica, da química, da biologia, da sorologia e do câncer experimental;

II – cooperar com o Serviço Federal de Bioestatística no levantamento, em todo o país, da morbidade e mortalidade pelo câncer;

III – cooperar no ensino da cancerologia, em cursos não só para estudantes, como para médicos, dentistas, parteiras, enfermeiras e outros profissionais.

Art. 8º – À S.O.C. compete:

I – estudar o plano de combate ao câncer em todo o país;

II – orientar, coordenar e fiscalizar as organizações oficiais e privadas incumbidas da luta contra o câncer em todo o país;

III – procurar padronizar e uniformizar as atividades e os trabalhos de organizações oficiais e privadas incumbidas da luta contra o câncer em todo o país, respeitando, porém, as suas características regionais;

IV – opinar nos processos de subvenção federal a instituições de assistência e profilaxia do câncer e fiscalizar o cumprimento das exigências feitas pelo poder competente;

V – organizar e manter atualizados o registro de todas as atividades oficiais ou particulares relativas ao problema do câncer e o cadastro dos estabelecimentos delas incumbidos;

VI – fazer executar as medidas preventivas adequadas, de natureza individual e coletiva para a luta contra o câncer;

VII – elaborar e manter sempre atualizadas resenhas técnicas que digam respeito à execução dos trabalhos concernentes à luta contra o câncer, divulgando, documentalmente e com exatidão novas aquisições científicas, tornando claras as possibilidades de sua aplicação prática e os resultados obtidos com essa aplicação;

VIII – promover, pelos meios usuais, em cooperação com o Serviço Nacional de Educação Sanitária, campanhas de propaganda e educação sanitária que digam respeito ao câncer.

IX – editar uma Revista Científica de Cancerologia;

X – animar a criação de associações, incentivar a realização de conferências e congressos de cancerologia e manter o intercâmbio com instituições análogas nacionais e estrangeiras.

Art. 9º – À S.A. compete promover as medidas preliminares necessárias à administração de pes-

soal, material, orçamento e comunicações, a cargo do Serviço da Administração do D.N.S., com o qual deverá funcionar perfeitamente articulado, observando as normas e métodos de trabalho prescritos pelo mesmo.

Capítulo IV

Das atribuições do pessoal

Art. 10 – Ao Diretor incumbe:

I – orientar e coordenar as atividades do Serviço;

II – despachar, pessoalmente, com o Diretor Geral do D. N. S.;

III – baixar portarias, instruções e ordens de serviço;

IV – comunicar-se, diretamente, sempre que o interesse do serviço o exigir, com quaisquer autoridades públicas, exceto com os Ministros de Estado, caso em que deverá fazê-lo por intermédio do Diretor Geral do D. N. S.;

V – submeter, anualmente, ao Diretor Geral do D. N. S. o plano de trabalhos do Serviço;

VI – apresentar, anualmente, ao Diretor Geral do D. N. S. relatório sobre as atividades do Serviço;

VII – propor ao Diretor Geral do D. N. S. as providências necessárias ao aperfeiçoamento do serviço;

VIII – reunir, periodicamente, os Chefes dos diversos órgãos para discutir e assentar providências relativas ao serviço e comparecer às reuniões para as quais seja convocado pelo diretor Geral do D. N.S.;

IX – promover reuniões dos Chefes de serviços oficiais e de instituições particulares empenhadas na luta contra o câncer;

X – opinar em todos os assuntos relativos às atividades da repartição, dependentes de solução de autoridades superiores e resolver os demais, ouvidos os órgãos que compõem o Serviço;

XI – organizar, conforme as necessidades do serviço, turmas de trabalho com horário especial;

XII – determinar ou autorizar a execução de serviço externo;

XIII – manter estreita colaboração com os demais órgãos do D. N. S.;

XIV – admitir e dispensar, na forma da legislação, o pessoal extranumerário;

XV – designar o seu Secretário e o Chefe da S. A. e propor ao Diretor Geral do D. N. S. a designação do Chefe do I. C. e da S.O.C.;

XVI – movimentar, de acordo com a conveniência do serviço, o pessoal lotado, propondo a designação de funcionários para serviço transitório junto às Delegacias Federais de Saúde, repartições sanitárias estaduais e instituições ou organizações privadas;

XVII – expedir boletins de merecimento dos funcionários que lhes forem diretamente subordinados;

XVIII – organizar e alterar a escala de férias do pessoal que lhes for diretamente subordinado e aprovar a dos demais servidores;

XIX – elogiar e aplicar penas disciplinares, inclusive a de suspensão até 15 dias, aos servidores lotados no Serviço e propor ao Diretor Geral do D. N. S. a aplicação de penalidade que exceder de sua alçada;

XX – determinar a instauração de processo administrativo;

XXI – antecipar ou prorrogar o período normal de trabalho; e

XXII – inspecionar, pessoalmente, pelo menos uma vez por ano, e mandar inspecionar, com a frequência necessária os serviços executados fora da sede e as atividades das organizações oficiais e particulares existentes no país e relacionadas com o problema do câncer.

Art. 11 – Aos chefes de Seção do S.O.C. e do I. C. incumbe:

I – dirigir e fiscalizar os trabalhos do respectivo setor;

II – distribuir os trabalhos ao pessoal que lhes for subordinado;

III – orientar a execução dos trabalhos e manter a coordenação entre os elementos componentes do respectivo setor, determinando as normas e meta dos que se fizerem aconselháveis;

IV – despachar, pessoalmente, com o Diretor do Serviço;

V – apresentar, mensalmente, ao diretor, um boletim dos trabalhos do respectivo setor, e, anualmente, um relatório dos trabalhos realizados, em andamento e planejados;

VI – propor ao Diretor medidas convenientes à boa execução dos trabalhos;

VII – responder às consultas que lhes forem feitas por intermédio do Diretor, sobre assuntos que se relacionem com as suas atribuições;

VIII – contribuir para as publicações do Serviço com trabalhos que expressem as atividades do órgão a seu cargo;

IX – distribuir o pessoal, de acordo com a conveniência do serviço;

X – expedir boletins de merecimento dos funcionários que lhes forem imediatamente subordinados;

XI – organizar e submeter à aprovação do Diretor a escala de férias do pessoal que lhes for subordinado, bem como as alterações subsequentes;

XII – aplicar as penas de advertência e repreensão aos seus subordinados, e propor ao Diretor a aplicação de penalidade que escape à sua alçada; e

XIII – velar pela disciplina e manutenção do silêncio nos recintos de trabalho.

Art. 12 – Ao Secretário incumbe:

I – atender às pessoas que desejarem comunicar-se com o Diretor, encaminhando-as ou dando a este conhecimento do assunto a tratar;

II – representar o Diretor, quando para isso designado; e

III – redigir a correspondência pessoal do Diretor.

Art. 13 – Aos demais servidores, sem funções específicas neste regimento, incumbe executar os trabalhos que lhes forem determinados pelos seus superiores imediatos.

Capítulo V

Da lotação

Art. 14 – O S. N .C. terá a lotação aprovada em decreto.

Parágrafo único – Além dos funcionários constantes da lotação, o Serviço poderá ter pessoal extranumerário.

Capítulo VI

Do horário

Art. 15 – O horário normal de trabalho será fixado pelo Diretor, respeitado o número de horas semanais ou mensais estabelecidas para o Serviço Público Civil.

Art. 16 – O horário do pessoal designado para serviço externo será estabelecido de acordo com as exigências dos trabalhos, observado o mínimo de horas semanais ou mensais estabelecido para o Serviço Público Civil.

Art. 17 – O Diretor do S. N. C. não fica sujeito a ponto, devendo, porém, observar o horário fixado.

Capítulo VII

Das substituições

Art. 18 – Serão substituídos automaticamente, em suas faltas e impedimentos eventuais, até 30 dias:

I – O Diretor, por um dos Chefes de Seção ou do I. C., de sua indicação e designado pelo Diretor Geral do D. N. S.;

II – os Chefes de Seção do I. C., por servidores designados pelo Diretor, mediante indicação do respectivo chefe.

Parágrafo único – Haverá sempre servidores previamente designados para as substituições de que trata este artigo.

Capítulo VIII

Disposições gerais

Art. 19 – Mediante instruções do respectivo chefe, as Seções poderão desdobrar-se em turmas.

Art. 20 – Nenhum servidor poderá fazer publicações e conferências, ou dar entrevistas sobre assuntos que se relacionem com a organização e as atividades do Serviço, sem autorização escrita do Diretor.

Art. 21 – A juízo do Diretor, poderão ser incluídos em publicações do S. N. C. trabalhos relevantes de técnicos estranhos ao mesmo, quando se referirem a assuntos relacionados com as suas atividades.

Art. 22 – Trabalhos realizados no S. N. C. poderão ser publicados em revistas científicas nacionais ou estrangeiras, desde que tenham como único subtítulo a expressão “Trabalho do Serviço Nacional de Câncer” – Brasil e a publicação tenha sido autorizada pelo Diretor.

Art. 23 – O pessoal do Serviço é obrigado a trabalhar em qualquer ponto do território nacional, para onde for designado e sob o regime de tempo integral, quando assim o exigirem as necessidades do serviço e a critério do Diretor do S. N. C.

Art. 24 – São os técnicos obrigados a relatar, resumidamente, em diários, suas atividades e bem assim as ocorrências de interesse do serviço, enviando-as, semanalmente, aos seus respectivos chefes, que as submeterão, quando as julgarem oportunas, à apreciação do Diretor do S. N. C.

Rio de Janeiro, 4 de julho de 1944. Gustavo Capanema.

Funções gratificadas no Serviço Nacional de Câncer

Decreto-lei nº 6.913, de 29 de setembro de 1944 – cria as funções gratificadas de Chefe do Instituto de Câncer, Chefe da Seção de Organização e Controle, Chefe da Seção de Administração e Secretaria do Diretor.

Serviços de câncer nos Estados incorporados à Campanha Nacional contra o Câncer

Sociedade Médica de Combate ao Câncer no Rio Grande do Sul

Decreto-lei nº 4.975, de 19 de novembro de 1942
– declara incorporada à Campanha Nacional contra o Câncer a Sociedade Médica de Combate ao Câncer no Rio Grande do Sul.

Associação Paulista de Combate ao Câncer

Decreto-lei nº 5.889, de 19 de outubro de 1943.
Declara incorporada à Campanha Nacional Contra o Câncer a A.P. de Combate de Câncer.

Liga Bahiana Contra o Câncer

Decreto-lei nº 6.525, de 24 de maio de 1944
– declara incorporada à Campanha Nacional Contra o Câncer a Liga Bahiana Contra o Câncer.

Instituto de Radium de Belo Horizonte

Decreto-lei nº 6.829, de 26 de agosto de 1944
– declara incorporado à Campanha Nacional Contra o Câncer o Instituto de Radium do Estado de Minas Gerais.

Memorial ao Sr. Ministro da Educação sobre a necessidade da criação de um grande hospital-instituto

Exposição de Motivos do Dr. Mário Kroeff

Junho de 1944

O problema do câncer, desde há muito, vem por toda parte preocupando os homens de ciência e de governo, em face da ameaça que representa para a coletividade.

As nações civilizadas, ciosas dos seus problemas médico-sociais, não têm poupado esforços em defesa de seu povo, contra esse temível flagelo, que a todos pode acometer, sem distinção de raça, sexo, idade e condição social.

Em toda parte procura-se contra ele levantar uma barreira defensiva por medidas governamentais, por dedicações filantrópicas, por doação dos afortunados, Ligas e Fundações, pela luz da ciência e pelo trabalho porfiado.

Na verdade, o câncer enfileira-se entre as maiores causas de mortalidade humana, tais como a tuberculose, a cuja dianteira já se coloca em alguns países.

No Brasil, as estatísticas demografo-sanitárias demonstram que, no Distrito Federal, o câncer ceifa 1.000 vidas anualmente e, no território nacional, cerca de 20.000. Considerando que a proporção é sempre de uma morte anual para três doentes, teremos no país uma quota permanente de 60.000 afetados de câncer. Sabendo-se que pelos tratamentos modernos se pode curar o câncer em número assaz apreciável de casos, é fácil calcular-se as perdas de vida que se dão em todo o país, por falta de uma campanha organizada e sistematicamente dotada dos meios mais eficientes de tratamento.

Não poderíamos, em nossos foros de país civilizado, permanecer indiferentes ao magno problema, à ameaça e a essa inquietação que se percebe na consciência popular, surdo clamor contra um perigo sempre presente, pessoal, familiar e coletivo.

Aliás, o governo, bem compreendendo o alcance de uma campanha dessa natureza e a falta que se fazia notar entre nós de uma organização anticancerosa, criara o Centro de Cancerologia, pequeno núcleo de tratamento, anexo ao Hospital Estácio de Sá.

Verificou-se desde logo que sua capacidade era insuficiente para atender às necessidades do Distrito Federal. Daí resultou uma verdadeira disputa de vagas no pequeno hospital, entre os doentes desta capital e os que acorriam do interior, atraídos pela esperança de cura, que lhes poderia oferecer, na capital, um órgão oficial. Estes do interior vinham, muitas vezes, desprovidos dos meios indispensáveis ao retorno, quando constatada a impossibilidade de lhes ser feita qualquer terapêutica eficaz, por falta de instalações e meios apropriados à cura.

Bem avisado, portanto, andou o governo, criando o Serviço Nacional de Câncer, organização de amplitude muito maior do que a existente, dotando essa nova entidade administrativa de um âmbito de ação amplo e de caráter nacional, capaz de atender aos necessitados de todo o nosso território. Nesse sentido, coordenaria esforços, unificando o programa de ação e auxiliando todas as iniciativas particulares que se empenham no combate ao câncer.

O Decreto vai mais longe. Visa não só a esse problema de assistência médica aos necessitados, que só em organizações oficiais, por seu elevado custo de montagem, poderão encontrar os meios de cura, como também à parte de pesquisas e de estudos experimentais, a respeito da doença, para esclarecimento das causas, diagnóstico e tratamento, questão de palpitante atualidade e sempre presente, não apenas na cogitação dos homens de ciência, como na dos poderes públicos, responsáveis pelos destinos da humanidade.

É preciso, pois, dotar o país de Institutos, Centros, Postos de diagnóstico e tratamento, aparelhados dos recursos de cura já consagrados pela experiência, tais como a eletrocirurgia, radium e os Raios de Roentgen, articulados numa vasta campanha de educação popular e de formação técnico-profissional.

No orçamento vigente já figura a verba de Cr\$ 800.000,00, destinada à aquisição de radium para o Serviço Nacional de Câncer, um dos preciosos elementos de cura, cuja falta se fazia sentir entre nós.

E esse numerário acaba de ser transferido para a Delegacia Fiscal de Nova York a fim de ser efetuada a compra de um grama do precioso elemento terapêutico, fracionado em tubos e agulhas de miligramas, que formarão centenas de unidades terapêuticas.

Ao lado dessa providência, em obra de tal relevância, torna-se indispensável, também, a aquisição de copioso material de laboratório, e outros recursos necessários à investigação científica, tendo-se em mira o estudo da doença, quanto à incógnita do mal, de modo a procurar-se uma solução mais fácil e radical do problema, que tão de perto interessa à coletividade.

Concretizando o programa, dentro de um plano preestabelecido para execução progressiva e parcelada, o Serviço Nacional de Câncer vem pugnar pela instalação de um grande Hospital-Instituto, no Distrito Federal, de onde irradiará suas atividades a todo o território nacional.

Esse grande Hospital constitui objeto do plano que ora submetemos à apreciação de V. Ex^a., pedindo providências imediatas à sua execução.

Informação do Serviço Nacional de Câncer a propósito da cessão da Fundação Gaffrée-Guinle ao Serviço Nacional de Câncer

Deve-se atender a três questões de capital importância na presente transação:

- a) necessidade de proporcionar ao Serviço Nacional de Câncer sede condigna;
- b) vantagens econômicas advindas da presente transação;
- c) não interrupção do Serviço de profilaxia da sífilis e doenças venéreas.

Instalação do Instituto Nacional de Câncer

É óbvio encarecer a premente necessidade da criação, dentro do Serviço Nacional de Câncer, do Instituto Nacional de Câncer, para atender não só ao estudo e à pesquisa científica, como ainda ao tratamento especializado dos afetados da doença.

Na verdade, não poderá por muito tempo continuar o S. N. de Câncer na situação precária em que se encontra, à Rua Conde de Lages nº 54, em prédio velho, adaptado, sem condições de higiene hospitalar, ameaçando ruir, como aliás, já aconteceu, em tempos de enxurradas. Com a exígua capacidade de 14 leitos para internação, com os aparelhos de radioterapia desmontados e com o próprio radium adquirido recentemente nos Estados Unidos sem o devido aproveitamento por falta de espaço, acha-se o S.N.C. provisoriamente instalado, aguardando solução apropriada.

A necessidade de uma sede condigna para o S.N.C. é medida que se impõe com certa urgência, dada a importância do magno problema, e a massa de serviço resultante da afluência cada vez maior dos necessitados, às portas do nosso acahado Hospital.

Cumprido dotar o Brasil de um Instituto-Hospital à altura dos nossos foros de país civilizado, de modo a poder cooperar com as demais nações na solução do problema que tão de perto interessa à humanidade. Será modelo de organização entre nós, no ditar normas de natureza técnica e administrativa aos seus congêneres nos Estados.

Só assim se alcançarão os objetivos da Campanha Nacional Contra o Câncer, movimento que já se esboça na consciência pública e nas providências de iniciativa privada, organizadas em Ligas, Sociedades e Associações regionais, todas dignas do apoio governamental.

É preciso considerar que, no Brasil, segundo estatísticas, existem permanentemente 60 mil portadores de lesões cancerosas, sendo que destes, 20.000 sucumbem anualmente ao peso do mal. No Distrito Federal, a cifra de morbidade atinge a 3.000, sendo que metade destes, certamente, carece dos recursos de um serviço público, tecnicamente aparelhado.

Assim, a aquisição do Hospital Gaffrée-Guinle viria resolver, de imediato, o problema da instalação do Instituto Nacional de Câncer.

Vantagens econômicas advindas da presente transação

Trata-se de bens móveis e imóveis do mais alto valor, se considerarmos as áreas de terreno, as construções e as instalações ali existentes, não só do Hospital propriamente dito, como ainda dos oito ambulatórios antivenéreos disseminados pela cidade.

Segundo os dados apresentados, a soma despendida para esse fim pela Fundação Gaffrée-Guinle, há 23 anos, orçou em Cr\$ 22.000.000,00.

É todo um patrimônio que se pretende transferir à União por Cr\$ 15.000.000,00.

Inegavelmente, na época atual, a proposta representa verdadeira doação de inestimável valia, duplamente superior à que se vai despende.

Ainda mais, é idéia do Conselho Administrativo da Fundação Gaffrée-Guinle empregar o produto da presente transação em obra de benemerência médico-social no país.

Não haverá interrupção do Serviço Antivenéreo

Não haverá solução de continuidade do serviço de profilaxia da sífilis e das doenças venéreas. Constando o patrimônio da Fundação Gaffrée-Guinle de um hospital central e de 8 ambulatórios, o S. N. C. ocupará o Hospital, ficando reservados à campanha antivenérea os ambulatórios que se acham fora do perímetro do hospital e distribuídos pela cidade.

A profilaxia da sífilis que vinha sendo realizada pela Fundação Gaffrée-Guinle, mediante subvenção municipal de um milhão de cruzeiros anuais, poderá agora ser praticada pelo governo, por conta própria, sob sua direta orientação técnica, através de seus órgãos competentes, federais ou municipais.

Em nada altera a situação, porquanto era exclusivamente através dos ambulatórios que se vi-

nha fazendo a campanha antivenérea. O hospital sempre esteve entregue a outros fins de assistência médica geral, em contratos com instituições de caráter privado (marítimos, ferroviários, etc.) exercendo, assim, funções de uma verdadeira "Casa de Saúde". Nunca foram utilizados os seus vastos laboratórios e há várias enfermarias que nunca foram inauguradas.

Se assim entender o governo, os 8 dispensários, destinados ao serviço antivenéreo, poderão passar à Prefeitura do D. F., em ato posterior à presente transação.

Situação do pessoal da Fundação Gaffrée-Guinle

Quanto ao pessoal remunerado da F. G. G., poderá ser aproveitado como diarista. Os que trabalham no Hospital (Irmãs de caridade, enfermeiras e serventes, etc.) serão admitidos pelo serviço Nacional de Câncer; os que servem nos Ambulatórios da cidade serão aproveitados pela reorganização do Serviço Antivenéreo.

Documentos anexos

Resumo das atividades do Serviço Nacional de Câncer desde a fundação do antigo Centro de Cancerologia (1938-1939) até dezembro de 1943	
Doentes que compareceram ao Serviço . . .	5.158
Não confirmados	2.211
Rejeitados por incuráveis	671
Rejeitados por falta de espaço	440
Matriculados no Ambulatório	703
Internados nas Enfermarias.	1.133
Intervenções cirúrgicas	1.253
Biópsias	1.247
Autópsias	142
Exames microscópicos de peças cirúrgicas	842
Curativos	22.379
Injeções	4.448

Doentes atendidos pela Roentgenterapia profunda	1.476
Radioscopias	469
Radiografias	3.088

Outras atividades do Serviço Nacional de Câncer

No setor educacional:

- Elaboração de um filme educativo de 2.000 metros de extensão com os próprios elementos do Serviço, sobre a “história da medicina” e a “luta contra o câncer”, exibido no Distrito Federal, Bahia, São Paulo e Rio Grande do Sul. Este mesmo filme foi exibido nos Estados Unidos com versão falada em inglês.
- Organização de um museu educativo com peças em cera, reproduzindo tipos de lesão cancerosa e peças anatômicas.
- Publicação de artigos de especialidades na imprensa leiga, em linguagem popular.
- Distribuição de folhetos e cartazes, despertando a atenção do público sobre os perigos do câncer e sobre os meios de defesa.
- Realização de palestras semanais educativas radiofônicas pela Rádio do Ministério da Educação e Rádio Nacional.

No setor científico:

- Transmissão radiofônica pela “Hora Médica” de conferências educativas para os médicos, realizadas pelos Assistentes do Serviço.
- Comunicações a Sociedades Médicas dos estudos e casos mais importantes observados no Serviço.
- Participação do corpo clínico do Serviço, em Congressos realizados no país.
- Intercâmbio nacional e estrangeiro por meio de conferências e demonstrações nas capitais e cidades do interior e nos Estados Unidos, pelo Diretor do Serviço.
- Publicação de trabalhos científicos pelos médicos do Serviço, em Revistas Médicas es-

pecializadas nacionais e estrangeiras.

- Realização de cursos de extensão universitária na Faculdade de Odontologia.
- Ministração de conhecimentos da especialidade a médicos que voluntariamente frequentam o Serviço.
- Estudos de levantamento de estatísticas demografo-sanitárias sobre câncer em todo o território nacional.

No setor de assistência:

- Criação da *Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos*, iniciativa dos médicos do Serviço Nacional de Câncer, destinada a amparar os doentes incuráveis.
- Aquisição pela referida Associação de uma propriedade na Penha, e adaptada em Asilo dos Incuráveis, com perspectiva de maiores ampliações pelas recentes doações dos srs. Almeida Gonzaga Junior, José Martinelli e pela dedicação da sua Presidente de Honra. – Ex.^{ma} Sr^a. Darcy Vargas.

Aquisição de radium para o Serviço Nacional de Câncer

Por despacho do Sr. Presidente, fui comissionado para adquirir nos Estados Unidos o radium necessário ao Serviço Nacional de Câncer.

A verba disponível pelo orçamento de 1943 para esse fim era de Cr\$ 800.000,00. Descontadas as despesas de viagem que foram orçadas em Cr\$ 60.000,00, transferiu-se à Delegacia do Tesouro Brasileiro em Nova York a verba de Cr\$ 740.000,00, posta à minha disposição.

Essa soma correspondia ao preço de um grama de radium, segundo a sua cotação comercial (dólares \$ 31.000,00).

As negociações procedidas nos Estados Unidos desenvolveram-se favoravelmente. Solicitei a assistência do Departamento de Estado, em Washington (Lend and Lease) para estabelecer um preço especial ao Brasil.

Convertido o mil réis em dólar ao câmbio oficial, e graças à redução conseguida junto aos fornecedores pelo governo americano, foram adquiridos 2 gramas, um sob a forma de sulfato, dividido em tubos e agulhas e o outro, sob a forma de brometo, para ser usado em solução num aparelho de Radon (radium emanção).

O custo total do radium foi de dólares \$48,189.57, afora o aparelho de radon, cujo custo orçou, em dólares, 14,000.00.

O radium, elemento importante, já se acha em uso no Serviço Nacional de Câncer e o aparelho de Radon, chegado pelo vapor “Tiradentes”, está na Alfândega, aguardando despacho. Pelo seu complicado mecanismo, não pode ser instalado em sede provisória, por isso aguardará ulterior deliberação, a fim de ser montado em local definitivo.

Durante a minha estada nos Estados Unidos, aproveitei a oportunidade para acompanhar os serviços do “Memorial Hospital” em Nova York, em todos os seus departamentos, a fim de poder aplicar em nosso Serviço as mais modernas técnicas de diagnóstico e radioterapia.

Além disso, visitei outras organizações anticancerosas, não só em Nova York (Rockefeller Institute, Medical Center, Bellevue Hospital – Asilo para incuráveis – American Association for Central of Cancer), como também em Boston, Filadélfia, Chicago (Veterans Institute), Rochester (Mayo Clinic), Washington (National Institute of Cancer).

Tive oportunidade de realizar conferências em vários centros médicos (Temple University, de Filadélfia, a convite do seu diretor, Chevalier

Jackson), em Nova York, na Academia Nacional de Medicina, e em Chicago, mostrando os resultados colhidos com os processos usados em nosso Serviço, mormente em relação à eletrocirurgia no tratamento do câncer.

Em Nova York exibi um filme sobre a “luta contra o câncer”, elaborado pelo nosso Serviço, que foi motivo de elogiosos comentários por parte não só dos técnicos que assistiram a ele, bem como dos representantes da imprensa.

Tive ensejo de irradiar, para o Brasil, impressões sobre a “Organização da luta contra o câncer nos Estados Unidos”, “ensino médico” e “organização hospitalar americana”.

Sob o ponto de vista técnico, as minhas impressões sobre a “luta contra o câncer nos Estados Unidos” foram condensadas numa conferência realizada no Colégio de Cirurgiões e em várias palestras aos assistentes nas “Reuniões Médicas do Serviço Nacional de Câncer”.

Ainda mais, tive ocasião, durante minha permanência na América do Norte, de receber, em nome do Sr. Embaixador V. Martins Pereira, a medalha Walter Rees, oferecida ao Ex.^{mo} Sr. Gustavo Capanema, Ministro da Educação e Saúde, pela “American Society of Tropical Medicine”, na reunião anual da mesma, realizada em Richmond, Virginia. Agradecendo, fiz um apanhado das realizações do Brasil em relação à Saúde Pública na Revista da Sociedade.

(ass.) Dr. Mário Kroeff,

Diretor do S. N. C.

Programa do Curso de Especialização do Câncer, realizado no Serviço Nacional de Câncer

(Setembro a dezembro de 1945)

Matéria teórico-prática e prática:	Professor
Etiopatogenia do câncer	Sérgio Azevedo
Exérese ganglionar cervical (prática)	Mário Kroeff e Jorge Marsillac
Introdução à patologia dos tumores.	Amadeu Fialho
Câncer da pele	J. Ramos e Silva
Composição da matéria	Osolando Machado
Radiopuntura em câncer do cavum (prática)	Mário Kroeff
Câncer do lábio	Luiz Carlos de Oliveira Junior
Mecanismo de produção dos raios X	Osolando Machado
Prática da biópsia	Mário Kroeff e Turíbio Braz
Blastomas benignos – Conceito, evolução, complicações	Amadeu Fialho
Câncer da mucosa bucal.	Luiz Carlos de Oliveira Junior
Radium. Radioatividade.	Osolando Machado
Tiroidectomia (prática)	Turíbio Braz
Câncer da língua.	Luiz Carlos de Oliveira Junior
Ação das irradiações sobre as células e tecidos.	Osolando Machado
Biópsias (prática)	Turíbio Braz
Câncer da faringe e esôfago	Jorge Marsillac
Amputação do pênis.	Egberto Penido Burnier
Esvaziamento ganglionar cervical (prática)	Mário Kroeff
Blastomas benignos (patologia)	Amadeu Fialho e Francisco Fialho
Esofagoscopia (prática)	Georges da Silva
Câncer do estômago	Mário Kroeff
Dosimetria (irradiações)	Osolando Machado
Aplicação do radium em câncer do útero (prática)	Mário Kroeff e Osolando Machado
Biópsia. Sua importância e sua técnica.	Amadeu Fialho e Francisco Fialho
Exame radiológico do câncer do estômago	Evaristo Machado Neto
Laringectomia (prática)	Georges Silva
Tratamento dos epitelomas pela radioterapia	Osolando Machado

Câncer do cólon, reto e ânus	Jorge Marsillac
Câncer das vias aéreas superiores (radioterapia)	Osolando Machado
Mastectomia (prática)	Mário Kroeff e Alberto Coutinho
Ressecção do maxilar superior (prática)	Alberto Coutinho
Blastomas malignos. Marcha, evolução, terminação (patologia)	Amadeu Fialho
Câncer dos testículos	E. Penido Burnier
Mastectomia (prática)	Alberto Coutinho
Ressecção eletrotérmica do maxilar (prática)	Mário Kroeff
Tumores malignos (patologia)	Amadeu Fialho e Francisco Fialho
Câncer do pênis	E. Penido Burnier
Radioterapia do câncer da boca	Osolando Machado
Câncer da bexiga.	J. Bancroft Vianna
Radioterapia do câncer da laringe e faringe.	Osolando Machado
Radiopuntura em comissura labial (prática)	Mário Kroeff e Georges Silva
Traqueostomia (prática)	Georges Silva
Classificação dos tumores (patologia).	Amadeu Fialho
Câncer do rim	J. Bancroft Vianna
Radioterapia dos tumores da traquéia, brônquios, pulmão e mediastino	Osolando Machado
Exérese ganglionar supraclavicular (prática)	Mário Kroeff e J. B. Vianna
Ressecção endoscópica da próstata (prática)	Paulo de Albuquerque
Classificação dos tumores (continuação)	Amadeu Fialho
Câncer do aparelho genital feminino	Mário Kroeff
Radioterapia dos tumores do aparelho digestivo	Osolando Machado
Tiroidectomia (prática)	Turíbio Braz
Câncer da próstata	Paulo de Albuquerque
Amputação da perna (prática).	Jorge Marsillac
Emasculação (prática)	J. B. Vianna
Histologia do câncer da pele	Amadeu Fialho
Câncer do corpo do útero	Mário Kroeff
Mastectomia (prática)	Mário Kroeff
Radioterapia dos cânceres ósseos	Osolando Machado
Ressecção de cisto do maxilar superior (prática)	Alberto Coutinho
Tumores da pele (patologia)	Amadeu Fialho
Câncer do ovário.	Mário Kroeff
Radioterapia do câncer da mama	Osolando Machado
Esvaziamento ganglionar cervical (prática)	Turíbio Braz
Câncer do fígado.	Sinval Lins
Tipos de aparelho de roentgenterapia.	Osolando Machado
Tumor abdominal (prática)	Mário Kroeff
Tumores da pele e da boca (patologia)	Amadeu Fialho
Câncer das vias biliares	Sinval Lins
Tumor da pele. Sua diferenciação (patologia).	Amadeu Fialho

Ressecção do maxilar superior (prática)	Mário Kroeff
Câncer da cavidade bucal (patologia)	Francisco Fialho
Câncer do pâncreas	Sinval Lins
Radioterapia	Jorge Marsillac
Exérese ganglionar inguinal (prática)	J. B. Vianna
Câncer do pulmão	Moacyr Santos Silva
Radioterapia dos tumores do aparelho geniturinário.	Osolando Machado
Ressecção da língua Exérese ganglionar inguinal (prática).	Mário Kroeff
Parotidectomia (prática)	Mário Kroeff
Mastectomia (prática)	Alberto Coutinho
Câncer da laringe	Georges Silva
Câncer da faringe e do esôfago (patologia)	Amadeu Fialho e Francisco Fialho
Câncer e outros tumores gástricos (patologia)	Amadeu Fialho
Câncer da pleura, mediastino e tumores de Pancost	Moacyr Santos Silva
Tumores do estômago (patologia)	Amadeu Fialho e Francisco Fialho
Tumores intestinais (patologia)	Amadeu Fialho
Exérese ganglionar inguinal (prática)	Alberto Coutinho
Câncer do aparelho respiratório (patologia)	Francisco Fialho
Câncer da mama	Alberto Coutinho
Tumores da mama (patologia)	Francisco Fialho
Tratamento do câncer da mama.	Mário Kroeff
Radioterapia em geral	Osolando Machado
Desarticulação coxofemural (prática)	Mário Kroeff e Jorge Marsillac
Câncer da mama (prática)	Alberto Coutinho
Tumores das glândulas salivares dos músculos estriados (patologia)	Amadeu Fialho
Radiopuntura do tumor da mama (prática)	Mário Kroeff
Tumores dos órgãos hematopoiéticos, leucemia – D. de Hodgkin (patologia)	Francisco Fialho
Curieterapia do câncer do útero.	Osolando Machado
Retículo-sarcomas (patologia)	Francisco Fialho
Ressecção do maxilar superior (prática)	Alberto Coutinho
Histerectomia vaginal (prática)	Mário Kroeff
Câncer dos ossos (patologia)	Amadeu Fialho
Câncer da tireóide	Turíbio Braz
Mastectomia (prática)	Luiz Carlos de Oliveira Junior
Câncer das glândulas salivares	E. Penido Burnier
Radioterapia dos tumores do corpo uterino e anexos	Osolando Machado
Histopatologia dos tumores ósseos	Amadeu Fialho
Câncer dos ossos.	Mário Kroeff
Retoscopia (prática)	Jorge Marsillac
Histopatologia do câncer ósseo	Amadeu Fialho
Câncer dos maxilares	Alberto Coutinho
Ressecção de tumor do canal lacrimal (prática)	Mário Kroeff e Penido Burnier

Tumor do sinus maxilar	Alberto Coutinho
Tumores do ovário (patologia).	Amadeu Fialho
Embriologia do aparelho geniturinário	Francisco Fialho
Tumores ósseos (patologia)	Francisco Fialho
Amputação da coxa (prática)	Alberto Coutinho
Tumores cerebrais	Austregésilo Fialho
Tumores cerebrais	José Ribeiro Portugal
Tumores do ovário (patologia).	Amadeu Fialho e Francisco Fialho
Tumores do testículo (patologia)	Amadeu Fialho
Eletrocirurgia no tratamento do câncer	Mário Kroeff
Profilaxia do câncer	Sérgio Azevedo
Organização da luta contra o câncer	Mário Kroeff

Doação pela Prefeitura de uma sede ao Serviço Nacional de Câncer

Decreto-Lei n. 8.824 – de 24 de janeiro de 1946 – Diário Oficial de 26 de janeiro de 1946, pág. 1.332 (Seção I)

Autoriza o Prefeito do Distrito Federal a transferir, gratuitamente, ao Patrimônio da União, para o fim especial de instalação do Serviço Nacional de Câncer, o domínio pleno do imóvel que menciona, com as benfeitorias existentes, e dá outras providências.

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 180 da Constituição e nos termos do art. 31 do Decreto-lei nº 96, de 22 de dezembro de 1937, e

Considerando que o câncer constitui flagelo que deve ser combatido em todos os seus aspectos médico-sociais;

Considerando que o problema do câncer, embora de âmbito federal, não pode deixar de interessar à própria vida dos municípios;

Considerando que no Distrito Federal, a mortalidade pelo câncer avulta de modo alarmante, não dispondo a Capital da República, até a presente data, de hospital especializado para atender aos portadores desse mal;

Considerando que à Prefeitura do Distrito Federal cumpre tomar medidas que dizem respeito à assistência médico-hospitalar de seus habitantes, quando desamparados;

Considerando que os hospitais da Prefeitura do Distrito Federal, não dispondo dos custosos recursos da moderna terapêutica do câncer, cumprirão

melhor sua precípua finalidade se contarem com um Instituto para onde possam transferir doentes dessa espécie;

Considerando que aos poderes públicos cabe a tarefa de organizar e executar medidas adequadas à luta contra o câncer, não só criando um organismo aparelhado de todos os recursos de prevenção, tratamento e pesquisa, mas também dotando os centros populosos de asilos puramente assistenciais;

Considerando a conveniência de favorecer a solução do problema do câncer no Brasil por uma convergência de esforços entre os poderes federais e locais;

Considerando a existência de um edifício municipal em construção paralisada há alguns anos e que se prestaria a receber a instalação do Serviço Nacional de Câncer;

Decreta:

Art.1º – Fica o Prefeito do Distrito Federal autorizado a transferir, gratuitamente, ao Patrimônio da União os dois terrenos contíguos, situados nesta cidade, na Praça Vieira Souto, entre a Rua Carlos Sampaio e a Avenida Henrique Valadares, sobre os quais se começou a construir um edifício, e adquirido um deles diretamente pela Prefeitura, por permuta com a Fazenda Nacional, segundo escritura pública de 22 de janeiro de 1935, lavrada em notas do Tabelião do 10º Ofício, L. nº 420, a fls. 1, transcrita no Registro de Imóveis do Segundo Ofício, em 26 de abril de 1936, no L. nº 3-AL, sob o número de ordem 4.555, págs. 117,

sendo ele constituído pelo lotes n^{os}. 111, 112, 113 da Avenida Henrique Valadares e n^{os}. 117, 118, 119 e 120 da Praça Vieira Souto, na freguesia de Santo Antônio; e o segundo, adquirido em nome da Assistência Médico-Cirúrgica dos Empregados Municipais, da Anglo-Mexican Petroleum Company, por escritura pública de 18 de março de 1935, em notas do Tabelião do 17^o Ofício, L. n^o 161, a fls. 83 e constituído pelos lotes n^{os}. 114, 115 e 116 da Esplanada do Senado, freguesia de Santo Antônio, no ângulo formado pela Avenida Henrique Valadares com a Praça Vieira Souto; e transcrita no Registro de Imóveis do Segundo Ofício, em 28 de maio de 1935, no L. 3-AK, sob o número de ordem 3-872, a págs. 64, e com os dois referidos terrenos, o arcabouço do edifício, com todas as benfeitorias existentes, imóveis transferidos para a administração direta da prefeitura do Distrito Federal, pelo decreto municipal n^o 6.963 de 3 de abril de 1941.

Art. 2^o – Os imóveis, objeto da presente transferência, serão utilizados, exclusivamente, para instalação do Serviço Nacional de Câncer, ou entidade em que este se transformar.

Art. 3^o – No Serviço do Patrimônio da União assinar-se-á o contrato de efetivação da transferência dos imóveis referidos no Art. 1^o, com as benfeitorias existentes, lavrado em livro da repartição e que valerá como escritura pública, para efeito de transcrição no Registro de Imóveis competente.

Parágrafo único – O contrato será isento de qualquer imposto de selo e sua transcrição no Registro de Imóveis competente far-se-á gratuitamente.

Art. 4^o – O Serviço Nacional de Câncer obriga-se a hospitalizar, permanentemente, até um máximo de cinquenta (50) doentes, enviados pelos hospitais da Prefeitura do Distrito Federal.

Art. 5^o – O domínio pleno dos imóveis mencionados no Art. 1^o reverterá ao Patrimônio da Pre-

feitura do Distrito Federal, se a União não der aos citados terrenos e benfeitorias existentes, dentro do prazo de três (3) anos, a utilização prevista no Art. 2^o deste Decreto-Lei, e, ainda neste caso, a reversão será acompanhada de todas as futuras construções que se incorporarem ao solo.

Art. 6^o – A União Federal assume até a importância de Cr\$ 723.838,70 (setecentos e vinte três mil, oitocentos e trinta e oito cruzeiros e setenta centavos), a responsabilidade porventura decorrente de contrato de construção lavrado entre a Companhia Industrial Construtora do Rio de Janeiro S. A. e a Associação Médico-Cirúrgica dos Empregados Municipais, objeto de ação ordinária de indenização, que correu contra a Prefeitura do Distrito Federal, no Juízo de Direito da 2^a Vara da Fazenda Pública, Cartório do 2^o Ofício e se acha no Tribunal de Apelação, em grau de recurso.

§ 1^o – A partir da publicação deste Decreto-Lei, competirá à União Federal, por seus representantes legais, prosseguir na referida ação promovendo a decisão do recurso pelo Supremo Tribunal Federal.

§ 2^o – À União cumprirá a execução do julgado definitivo porventura proferido ou o pagamento do que resultar da liquidação amigável se preferir entrar em entendimento direto com a Companhia reclamante, e vier a considerá-la com direito a qualquer indenização.

Art. 7^o – Este Decreto-Lei entrará em vigor na data da sua publicação.

Art. 8^o – Revogam-se as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 24 de janeiro, de 1946, 125^o da Independência e 58^o da República.

José Linhares.

Raul Leitão da Cunha.

J. Pires do Rio.

Instalação do Serviço Nacional de Câncer, numa dependência do hospital da Fundação Gaffrée-Guinle por arrendamento

Atendendo à precariedade das condições atuais de instalação do Serviço Nacional de Câncer, o atual Governo, em julho de 1946, concordou em conceder o crédito de Cr\$ 400.000,00 para as obras de adaptação de uma dependência do Hospital Gaffrée-Guinle para aí ser provisoriamente instalado o Serviço, que despenderá semestralmente, com a locação, a importância de Cr\$ 300.000,00.

Noticiário da imprensa

Todos receberão tratamento

Como falou à Noite, sobre as finalidades do futuro Instituto Brasileiro de Oncologia, o Dr. Doellinger da Graça – Ouvido também o Dr. Mário Kroeff.

A Noite – Rio, 24-9-1941

O presidente da República recebeu, anteontem, no Palácio do Catete, os membros da comissão organizadora do Instituto Brasileiro de Oncologia, iniciativa particular que se deve ao espírito generoso da Sr^a. Mathilde Rodrigues Von Doellinger da Graça.

O Dr. Firmino Von Doellinger da Graça, esposo da doadora e instituidora, é o orientador médico do I. B. O., formando os Srs. Comendador Paulo Felisberto Peixoto da Fonseca, Antonio Ferreira França Filho, Romero Estellita e coronel Aristarco Pessoa, entre os seus principais beneméritos.

A Sr^a. Von Doellinger da Graça doou ao novel Instituto trezentos miligramas de rádio, no valor de 300 contos de réis e abriu a subscrição com a importância de 10 contos, subscrição esta que já está em 50 contos de réis.

Procuramos hoje ouvir o Dr. Doellinger da Graça, que nos declarou o seguinte:

– O Instituto Brasileiro de Oncologia da Escola de Medicina e Cirurgia é uma iniciativa de caráter particular que veio ao encontro do pensamento governamental, criando, em todo o país, o serviço de câncer. Só posso ter palavras de louvor para mais esta grande realização do presidente Getulio Vargas.

A cooperação com o governo

Os membros da comissão que foi ao Catete – continua – solicitar apoio moral e material do eminente chefe de Estado tiveram a alegria de ouvir do Presidente Vargas as expressões de estímulo e simpatia pelo nosso movimento. Quero afirmar, pois, nessa oportunidade, a disposição de que nos encontramos de colaborar, como particulares, na campanha oficial contra o câncer, que será orientada por um cientista de grande valor, o Dr. Mário Kroeff.

As finalidades do Instituto

Das finalidades imediatas do Instituto – diz, em prosseguimento, – cumpre destacar as seguintes: trataremos, sem distinção de classe ou de credo, todo indivíduo portador de lesões cancerosas ou moléstias paracancerosas; ministraremos o ensino do câncer aos alunos da Escola de Medicina e Cirurgia; promoveremos conferências públicas de caráter educacional sobre o câncer; manteremos cursos de extensão universitária versando o magno problema médico.

Não há muito, o próprio Dr. Doellinger da Graça professou um curso de câncer, de vinte lições, que teve a colaboração dos Srs. Clementino Fraga, Hugo Pinheiro Guimarães e Alfredo Monteiro.

O apoio governamental

Informou-nos ainda o Dr. Doellinger da Graça que o presidente da República declarou a isen-

ção de impostos para todo o material destinado ao Instituto Brasileiro de Oncologia, até 1942, que está chegando dos Estados Unidos.

– É a demonstração eloqüente de que o presidente Getúlio Vargas prestigia a nossa obra, o que muito nos desvanece e estimula.

A pedra fundamental

Terminada a sua entrevista, disse-nos o Dr. Firmino Von Doellinger da Graça:

– A pedra fundamental do I. B. O. será lançada junto ao edifício da Escola de Medicina e Cirurgia, no próximo dia 14 de dezembro, coincidindo a solenidade com o aniversário natalício do Comendador Paulo Felisberto Peixoto da Fonseca, grande benemérito de tantas instituições brasileiras, e que tem sido, ao nosso lado, um entusiástico cruzado da campanha contra o câncer.

Expressiva explanação feita à noite pelo Dr. Mário Kroeff – o que representa o flagelo do câncer

Também o Dr. Mário Kroeff, Diretor do Centro de Cancerologia e uma das mais conhecidas autoridades no assunto, foi procurado pela nossa reportagem. No seu gabinete daquela dependência do Hospital Estácio de Sá, declarou-nos, a propósito da criação do Serviço Nacional de Cancerologia:

Esta era uma medida que se impunha em nosso meio, dada a necessidade de se encarar o problema do câncer dentro das normas que estão sendo adotadas por quase todos os países civilizados, em face desse flagelo social que hoje se enfileira ao lado das maiores causas de mortandade, tal como a tuberculose, a cuja dianteira se coloca, mesmo em certos países.

O problema do câncer está de fato preocupando os homens de ciência, que não podem aquilatar até que grau de ameaça ele representa para o futuro da humanidade. No mundo, nem se pode calcular as perdas de vida causadas pelo câncer,

podendo-se apenas afirmar que, num ano, ele ceifa meio milhão de vidas, em média, ou seja, tanto quanto os canhões puderam destruir em igual período em algumas das maiores guerras de nossos tempos.

Tendo-se em vista a estatística demografo-sanitária do Distrito Federal, isto é, uma média de mil mortes anuais para nossa população de dois milhões, ou, ainda, 50 mortos em cada 100.000 habitantes, pode-se calcular que no Brasil haja 20.000 mortes por ano.

Considerando ainda que a proporção é sempre de uma morte anual para cada três doentes, teremos, no país, 60.000 doentes de câncer. Sabendo-se, pois, que, pelos tratamentos modernos, se pode curar o câncer, num número assaz apreciável de casos, é fácil calcular-se as perdas de vida que se dão em todo o país, por falta de uma campanha organizada e sistemática, dotada dos meios mais eficientes de tratamento.

O significado real da providência

Prosseguindo, disse o diretor do Centro de Cancerologia:

– O governo bem compreendeu o alcance de uma campanha contra o câncer, que se fazia notar entre nós, e criou para isso o Centro de Cancerologia, anexo ao Hospital Estácio de Sá, cuja direção nos foi confiada.

Verificou-se logo, entretanto, que sua capacidade era insuficiente para atender às necessidades do Distrito Federal e os doentes afluíam a nosso serviço, atraídos pela esperança que lhes poderia oferecer um órgão oficial. Daí resultou uma verdadeira disputa de vagas em nosso pequeno Hospital de tratamento, verificada entre os doentes desta capital e os que acorriam do interior, entre estes muitos sem os meios indispensáveis à sua volta, quando considerada a impossibilidade de lhes ser feita qualquer terapêutica eficaz ou por falta de meios para a sua hospitalização, sob o ponto de vista de amparo material.

Bem avisado, portanto, andou o governo, criando uma organização de amplitude muito maior do que a atual, dotando essa nova entidade administrativa de um âmbito de ação amplo e de caráter nacional, capaz de atender aos necessitados de todo o nosso território. Nesse sentido ela irá coordenar esforços, unificando o programa de ação e auxiliando todas as iniciativas particulares que se empenhem no combate ao câncer.

O decreto vai mais longe, visando não só a esse problema de assistência médica aos necessitados, que só em organizações oficiais, por seu elevado custo de montagem, poderão encontrar os meios de cura, como também à parte das pesquisas e dos estudos experimentais a respeito da doença, para esclarecimento de causa, diagnóstico e tratamento, questão de palpitante atualidade não apenas na cogitação dos homens de ciência, como na dos poderes públicos responsáveis pelo destino da humanidade.

Plano de ação do Serviço Nacional de Câncer

É necessária a criação de uma verdadeira consciência popular de prevenção contra o câncer, diz-nos o Dr. Mário Kroeff.

Correio da Manhã, 8-10-1941

Procurando o Dr. Mário Kroeff no Centro de Cancerologia, onde está instalado, provisoriamente, o Serviço Nacional de Câncer, recentemente criado pelo governo, atendeu-nos o seu ilustre diretor, fornecendo-nos, em interessante entrevista, um esboço do programa.

– O problema que nos foi confiado, em virtude da criação do Serviço Nacional de Câncer, é complexo demais, para ser atacado de uma vez em todos os seus aspectos. Num país da extensão territorial do nosso, onde o grau de cultura popular não é dos melhores, os meios de comunicação precários e os recursos financeiros escassos, as condições de

campanha são bem diversas daquelas que se observam em certas nações européias, entre as quais se destacam a Bélgica, Suécia, Portugal e mesmo a Inglaterra, Alemanha e França, que se tornaram pioneiras de uma rede bem articulada, sob o ponto de vista da organização anticancerosa.

Problema nacional

Não resta dúvida que o câncer constitui problema nacional que deve ser enfrentado numa conjugação de esforços entre os governos, a classe médica e o público, movidos todos pelos naturais sentimentos de solidariedade humana. Até há bem pouco tempo, tínhamos descurado esse magno problema médico-social, em contraste com o que têm feito, neste particular, todas as outras nações civilizadas. A justificativa da demora talvez residisse na necessidade de se atender a outras questões sanitárias, peculiares a nosso meio, e que não existem naqueles países europeus, com a mesma gravidade, tais como a lepra, a febre amarela, a malária, a ancilostomose, etc. Além disso, são de fato enormes as dificuldades que encerra uma campanha bem orientada contra o câncer, pois que a verdadeira natureza da doença ainda permanece desconhecida, revestindo-se o mal, por isso mesmo, de um aspecto mais apavorante e ameaçador que os demais flagelos sociais, de profilaxia já conhecida e comprovada.

Assim, a campanha contra a lepra resume-se no isolamento dos doentes para evitar o contágio; a da febre amarela e a do impaludismo, no combate ao mosquito, agente transmissor; a da peste, na destruição dos ratos e das pulgas; a da tuberculose, na guerra ao micróbio responsável e defesa do terreno receptível. No câncer tudo se complica pela sua etiologia desconhecida. No estado atual de nossos conhecimentos, as campanhas contra o câncer são orientadas no sentido de oferecer ao grande público os meios de tratamento precoce, realizado por técnicos experimentados, com aparelhagem adequada.

Tratamento precoce e educação popular

Para atingir-se a esse objetivo é preciso instruir o povo, a fim de que se consiga o diagnóstico precoce da doença, isto é, descoberta do maior número possível de indivíduos portadores de lesões iniciais. É preciso, também, formar técnicos no tratamento do câncer e despertar, no médico clínico, a preocupação não só de descobrir a doença, quando incipiente, mas toda vez que examinar seus clientes com outras quaisquer manifestações mórbidas, como até mesmo a de aconselhar o exame periódico. É preciso ainda dotar o país de institutos, centros e postos de diagnóstico e tratamento, aparelhados dos recursos de cura já consagrados, tais como a eletrocirurgia, o radium, os raios X. Vê-se, pois, que o problema se articula numa cadeia de três elos, em perfeita entrosagem: doente, médico e aparelhagem.

Em outras palavras, isto vem a ser: campanha de educação popular, realizada por todos os meios: formação cultural dos médicos, nas escolas e nos cursos de aperfeiçoamento técnicos e, por fim, medidas de ordem econômica para se prover assistência aos afetados, quer sejam ainda recuperáveis pelo tratamento, quer já estejam incuráveis.

Quanto mais se analisa a questão, mais aparecem as dificuldades. A doença é insidiosa e discreta em suas manifestações iniciais, raramente alertando o indivíduo, nesta fase, com dores ou outros quaisquer sinais e nem sempre fornecendo, mesmo ao próprio médico, elementos para estabelecer o diagnóstico num simples exame clínico. É necessária, pois, a criação de uma verdadeira consciência popular de prevenção contra o câncer, campanha tão grande quanto a da alfabetização nacional.

Papel do médico prático

Os médicos de bairro ou da província, em contato mais direto com os doentes e que já tenham conhecimento da existência de instalações adequadas ao diagnóstico exato, com provas radiológicas e exames de laboratório, bem como do respectivo

tratamento especializado para onde possam, sem constrangimento, encaminhar os seus pacientes, terão sua tarefa simplificada e a sua consciência profissional tranqüila. Se os médicos, muitas vezes, são acusados de negligência, imprevidência, incompetência em descobrir o mal, ou ma fé em tratar, inadequadamente, os seus doentes, é, certamente, por terem reconhecido, até então, a inutilidade de qualquer providência, dada a inexistência de centros aparelhados para o devido tratamento, quer nas cidades mais próximas, quer nas capitais ou na própria metrópole da República.

De nada valeria descobrir o inimigo, se não contássemos com armas para atacá-lo. Estou certo de que a boa ética profissional há de corroborar na campanha e, os nossos médicos do interior, uma vez criados os centros anticancerosos, farão por descobrir a doença e encaminhar seus clientes a real diagnóstico e a bom tratamento. A própria propaganda terá sua oportunidade, uma vez instalados os primeiros serviços.

Institutos e Centros de Cancerologia

Cumprido, pois, dotar as capitais dos Estados e as principais cidades do país, de centros e postos de diagnóstico e tratamento, articulando-se nessa ação o Serviço Nacional de Câncer com as iniciativas privadas e estaduais. Tudo isso que acabamos de referir, constitui uma das faces da campanha, o seu aspecto de assistência propriamente dita. Neste particular, de acordo com nossas leis sociais, emanadas do governo do presidente Vargas, que visam dar assistência médica a todo indivíduo que trabalha, por meio das Caixas e Institutos de Aposentadorias e Pensões, chegaremos a uma situação em que a classe propriamente desamparada, sem a adequada assistência, carecendo de amparo direto dos poderes públicos, será insignificante. Nesse sentido, ao Serviço Nacional de Câncer compete articular-se com todas as organizações que exercerem atividades nesse setor: Caixas, Ligas e Associações, a fim de se promover, da melhor forma, a profilaxia e tratamento.

Pesquisa científica

Ao lado dessa assistência, em obra de tal relevância, torna-se indispensável também a pesquisa científica, com os seus laboratórios dotados dos recursos necessários à investigação, tendo-se em mira o estudo da doença, para desvendar a incógnita do mal, de modo a se contribuir para uma solução mais fácil e radical do problema que tão de perto interessa à humanidade.

Concretizando o programa, o Serviço Nacional de Câncer, dentro de um plano préestabelecido para execução progressiva, pugnará pela instalação de um grande Hospital-Instituto no Distrito Federal, de onde irradiará suas atividades para todo o território nacional. Antes de terminar, concluiu o Dr. Mário Kroeff, deve se enaltecer, na concretização desta obra, a iniciativa do Ministro Gustavo Capanema, secundada pela do Diretor do Departamento Nacional de Saúde, Dr. Barros Barreto.

Quase morreram no desabamento

Momento de pânico na Rua Conde de Lages.

Caiu o prédio em que estava instalado o Almojarifado do Serviço Nacional de Câncer – Nenhuma vítima.

A Noite – Rio, 20-1-1943

Ocorreu pela manhã, na Rua Conde de Lages, um desabamento espetacular que, só por milagre, não teve trágicas conseqüências. O fato que foi motivo de pânico deu-se no Serviço Nacional de Câncer, localizado no número 54 daquela via pública, onde residem famílias.

No local

Avisada do desabamento, a reportagem de “A Noite” para ali se dirigiu, tendo tido ocasião de se avistar com o Dr. Sérgio de Azevedo, Chefe do Serviço e Abner Ayres Castro Silva, bem como com a enfermeira-chefe, senhorita Guilhermina Monteiro, os quais foram logo nos informando

que não havia, felizmente, vítimas a lamentar. E o Dr. Sérgio de Azevedo, que já havia tomado as providências, passou-nos a relatar o desabamento, dizendo-nos que o mesmo se dera com o almoxarifado do S.N.C. ali instalado há pouco tempo, pois, como é sabido, esse serviço funcionava no Hospital Estácio de Sá. O almoxarifado do S. N. C., em sua queda, atingira os números 56 e 58 bem como parte do 54, pois ficava esta seção daquela Repartição do Ministério da Educação e Saúde em plano inferior ao térreo, sendo que o Hospital e demais serviços nos demais andares, para os quais há um elevador.

Construído em 1909

O prédio 54 fora construído em 1909. Há dias o Secretário do S. N. C., Sr. Octacilio Rodrigues Ferreira, comunicou ao inventariante do prédio que o mesmo não oferecia segurança, achando-se ameaçado.

A ação da enfermeira-chefe

Nos prédios 56 e 58, vizinhos ao 54, residiam várias famílias, inclusive, crianças. Momentos antes do desabamento, os moradores foram avisados do perigo iminente pela enfermeira-chefe do S. N. C. que as fez abandonar as casas. Além disso, a dedicada moça carregou com várias crianças do 58, pondo-as imediatamente a salvo, com risco da própria vida.

As crianças bem como os demais moradores dos prédios 56 e 58 foram recolhidos ao S. N. C. onde estão sendo tratados carinhosamente. Todos se mostram gratos ao aviso da enfermeira-chefe e às providências do pessoal daquela seção do M. E. S, o que os livrou de ficarem sob os escombros do desabamento.

Ameaçam ruir – A polícia

Os prédios 56 e 58 poderão ruir de um instante para outro. Prevendo isso, as autoridades do 5º Distrito, que ali compareceram representadas pelo comissário Conceição, isolaram as vizinhanças dos mesmos. Essa autoridade, além de outras providências, solicitou a presença dos técnicos da D. G. I. para o exame de praxe no local do desabamento.



*Aspecto do curso de especialização de
câncer realizado no S. N. C., vendo-se
entre os presentes os professores Amadeu
Fialho, Mário Kroeff e Alberto Coutinho*

Vários doentes internados no S. N. C

No Serviço Nacional de Câncer funciona também um hospital, onde se acham internados vários doentes. Não houve alteração ali, graças às providências do corpo médico e do pessoal de enfermagem que procurou tranquilizar a todos. De fato, o maior perigo ameaçara os moradores dos prédios 56 e 58.

Feliz por se ter salvo com seus dois filhos

Entre os moradores dos prédios 56 e 58, a reportagem teve ocasião de ouvir a senhoria do prédio 58, Madame Maria Ruiz, e a Senhora Georgina Barbosa, sua inquilina, que ali reside juntamente com seus dois filhinhos, Braz e Celia, de 12 e 13 anos, respectivamente. A senhora Georgina Barbosa, passados os angustiosos momentos, declarou-nos, então, que se julgava muito feliz por se ter salvo com seus pequenos.

Foi um susto medonho que tivemos – disse-nos ela – mas aqui estamos sãos, graças a Deus.



Assistência aos cancerosos

Correio da Manhã, 16-9-1943

Havia, no Hospital Estácio de Sá, um serviço de assistência a cancerosos, extensivo a outros doentes necessitados. As aplicações de raios X, que ali eram feitas, serviam a numerosos doentes, que assim procuravam suavizar suas desditas. Embora com sacrifício, pois os aparelhos estavam localizados no alto do morro, onde aquele Hospital foi construído, os enfermos compareciam regularmente para o tratamento que lhes era ministrado. Há cerca de um ano, porém, modificou-se a finalidade do referido Hospital e os aparelhos de raios X foram transportados para a Rua Visconde de Paranaguá, subida da Lapa, para Santa Teresa, numa outra altitude, situação muito pouco adequada à debilidade de enfermos.

Pior ainda: nunca mais, até hoje, voltaram a funcionar. Muitos dos infelizes que se socorriam daquele meio para minorar o sofrer, já terão sucumbido à míngua de tratamento. Os aparelhos, entretanto, continuam desmontados, com a agravante de os funcionários estarem sem ter o que fazer, ainda que recebendo os respectivos vencimentos, funcionários encarregados daquele utilíssimo serviço de assistência aos menos protegidos pela sorte.



Natal de 1943 no S.N.C.

Discurso do Dr. Mário Kroeff

“Desde que Cristo passou pelo mundo, dando exemplo de humildade, ensinando a amar ao próximo e pregando a caridade, os povos cristãos comemoram o dia da natividade com festivas reuniões, sempre cheias de luz, de presentes e de toda sorte de manifestações de cordialidade humana.

Um são de pura alegria, onde a alma inocente das crianças transparece num sorriso de felicidade pela posse de um brinquedo.

Noutras, o tremeluzir das lâmpadas do Natal, que trazem aos nossos olhos a imagem de Cristo em toda a sua resignação, nem sempre consegue serenar a alma dos tristes.

Hoje, nós também nos reunimos aqui, em torno desta árvore simbólica, para iluminar de fé cristã o olhar entristecido dos que sofrem.

Neste teto da dor, nos habituamos nos dias sucessivos do perpassar dum ano, a consolar, aliviar, amparar e, às vezes, até mesmo a usar palavra enganadora para não desfazer as esperanças daqueles que já estão perdidos.

É o mais nobre sentimento que possui a alma humana: o da piedade, o de se condoer da sorte dos que se vão deste mundo um pouco antes de nós.

O encanto da vida reside simplesmente no amor ao próximo e nos anelos de felicidade, com multiformes matizes de sentimentos.

Façamos, pois, da alegria alheia, a nossa própria felicidade.

A todos, eu desejo um alegre Natal.”



Natal no Serviço Nacional de Câncer em 1944

Como acontece anualmente, realizou-se a festa de Natal no Hospital da Rua Conde de Lages, onde tem sede o Serviço Nacional de Câncer.

Falou o Dr. Mário Kroeff perante numerosa assistência composta de doentes, médicos, enfermeiras e visitantes.

“Todos os anos, desde a fundação do nosso Serviço, vimos nos reunindo, na época do Natal, em torno de uma árvore iluminada que é o símbolo da cristandade, da solidariedade humana e do amor ao próximo.

Tornou-se um hábito entre nós, proporcionar a esses que estão sob a égide protetora desta casa, esperança e talvez o fugaz esquecimento de seus males, ao receber um presente.

Esta casa tem sido, para todos nós, uma escola de grandes ensinamentos morais e materiais.

Nela aprendemos a amar o próximo, mais do que quaisquer outros, onde quer que os acasos da vida os levem a exercer profissão. Assistir ao sofrimento alheio ensina a ser condescendente. Nela também cultivamos o coleguismo no trabalho, o amor à profissão, à medicina, lutando num dos

setores de maior interesse à curiosidade humana. Até mesmo a arte nos apaixona, quando, na prática cirúrgica, procuramos recompor os defeitos corporais, causados pela doença.

Aqui, o material acumulado e a documentação registrada têm sido motivo para aumentar nossa ânsia de progresso, o desejo de organizar, produzir e publicar.

Deixaremos obra condigna de ser ampliada pelos que vierem depois, mas principalmente gravada indelével com o marco de nossa passagem, de nosso esforço e de nossa fé.

As condições materiais de nosso ambiente, escasso de recursos, de conforto, de espaço e dos mais elementares requisitos de higiene hospitalar, serviram para enrijar a nossa fibra de trabalho, sem esmorecimento, na esperança de dias melhores. Talvez estejam aí as razões pelas quais nasceram as promessas do Governo, confiante certamente em nossa devoção ao cumprimento do dever.

Estará compensado todo o nosso sacrifício, se obtivermos, como presente de Natal, um hospital mais condigno do Serviço Nacional de Câncer.”

A Legião Brasileira de Assistência fez-se representar pela Senhora Camila Furtado Alves, exaltando a obra meritória dos que mourejam naquele hospital, sempre animados de fé inquebrantável e confiantes na vitória da ciência contra o mal temível.

Transmitiu uma mensagem da Senhora Darcy Sarmanho Vargas àqueles médicos que abraçaram a causa dos cancerosos, cujas desdita lhe comove profundamente mais que a de qualquer outro sofredor.

Numa homenagem prestada ao Professor Angel Roffo

Como falou o Dr. Mário Kroeff

Correio da Manhã, 19-10-1945

Continua a ser muito homenageado pelo nosso mundo científico o professor Angel Roffo, Diretor do Instituto de Medicina Experimental para Estudo e Tratamento do Câncer de Buenos Aires.

O Dr. Mário Kroeff, Diretor do Serviço Nacional de Câncer, saudando o cientista argentino no almoço que os médicos do Serviço lhe ofereceram, ressaltou a personalidade inconfundível em toda a América Latina, pelos seus trabalhos na experimentação, na investigação científica, nos diversos setores de medicina aplicada ao câncer e na prevenção deste flagelo.

Eis, na íntegra, o discurso do cancerologista patricio:

Senhor Prof. Angel Roffo.

À semelhança dessas reuniões íntimas e cordiais em que os membros de uma família sentam-se à mesa para festejar um acontecimento grato a todos, sob a presidência de seu mais graduado representante, hoje aqui se encontram os médicos do Serviço Nacional de Câncer para render homenagem àquele a quem todos consideram o mestre comum.

De fato, na experimentação, na investigação científica, nos diversos setores da medicina aplicada ao câncer, na prevenção deste flagelo, a personalidade de Roffo avulta inconfundível em toda a América Latina.

Quem de passagem por Buenos Aires visita o Instituto de Medicina Experimental para Estudo e Tratamento do Câncer, sente-se deveras empolgado ante o monumento científico que ali se levanta.

Quando se considera o número de doentes que nele se abriga, o valor das obras realizadas, o volume dos trabalhos projetados, a variedade dos temas focalizados, a paciência beneditina nos assuntos estudados, a importância das questões suscitadas, a multiplicidade de meios empregados no combate a tão nefasta doença, o alcance das medidas de ordem social relacionadas com a cura e prevenção do câncer, tem-se logo a medida do gênio criador de tão grandiosa instituição, uma das mais altas expressões da cultura sul-americana.

Tudo isso, senhores, gira pela orientação de um só homem, de uma só cabeça, de um só coração, de um só pulso firme a ditar a organização, a ordem e a disciplina.

Exultantes e confortadoras emoções nascem no ânimo do visitante ao contato daqueles iluminados pesquisadores, em cujos semblantes transparecem a confiança no êxito de seus abnegados esforços e a esperança de que deles virão um dia com as descobertas iminentes, os decisivos recursos tão ansiosamente almejados pelo gênero humano.

Nesta empolgante fase que a medicina atravessa, objetivando elevar a humanidade a nível de vida mais feliz, no qual as doenças e as dores físicas e morais sejam diminuídas, cabe incontestavelmente à cancerologia uma das mais importantes tarefas.

É para nós sumamente grato, Sr. Prof. Roffo, poder proclamar nesta íntima reunião que a vossa escola, pelos excepcionais títulos já alcançados, ocupa uma posição de vanguarda nessa gloriosa cruzada da medicina contemporânea.

Essa situação privilegiada, que tamanhos benefícios já tem proporcionado ao povo de vossa pátria, é para nós motivo de exemplo e justo incentivo tanto mais quanto sabemos que para o desenvolvimento dessa grandiosa obra convergiram, no afã dos mais nobres sentimentos cívicos, não só os homens de ciência, mas também os poderes públicos e o reconhecido espírito de filantropia dos vossos compatriotas.

Roffo, através da obra do Instituto de Medicina Experimental, contribuiu para enobrecer a Argentina no conceito das Repúblicas irmãs e enaltecer a ciência médica sul-americana aos olhos do mundo civilizado.

Seus trabalhos são universalmente conhecidos e seu nome constitui uma glória deste continente.

Nós, cancerologistas brasileiros, nutridos de ideais de cultura e fraternidade humana, compartilhamos das vitórias científicas da Argentina e da glória de um de seus mais sábios cidadãos.



F
*Festa de Natal dedicada aos doentes do
Centro de Cancerologia*

Doou uma sede para o Serviço de Câncer

Homenageado o ex-Prefeito Philadelpho de Azevedo

Correio da Manhã, 9-2-1946

O ex-Prefeito Philadelpho de Azevedo doou um próprio municipal para sede do Serviço Nacional de Câncer, prestando, assim, um auxílio inestimável, que foi reconhecido numa homenagem que lhe prestaram os que se dedicam àquela especialidade entre nós.

Coube ao Dr. Mário Kroeff, Diretor do Serviço Nacional de Câncer, no almoço oferecido no restaurante da A. B. I. àquele ex-Prefeito do Distrito Federal, pronunciar o seguinte discurso:

“Sr. Ministro Philadelpho de Azevedo – No rápido tempo em que estivestes à frente da administração desta cidade, na qualidade de seu Prefeito, graças a um espontâneo gesto de grande altruísmo, pudestes resgatar um dos mais desabonadores débitos de nossos governantes, em face dos graves problemas sanitários que nos afligem.

Doando ao Serviço Nacional de Câncer um próprio da Municipalidade para permitir àquele Serviço ter sede condigna e adequada a seu programa científico e assistencial, prestastes à coletividade, ao mesmo tempo, dois consideráveis benefícios.

Tirastes de chocante abandono, à praça da Cruz Vermelha, a já avançada construção de um edifício hospitalar, arcabouço esquecido e inacabado em uma cidade que clama diariamente diante da escassez de leitos para atender seus doentes e de outro lado possibilitastes a um Serviço da

mais alta importância médico-social sair de sua prolongada estagnação, num velho casarão à Rua Conde de Lages, de todo inadequada aos mais modestos propósitos de uma atividade técnica hospitalar, destinada aos estudos experimentais e ao tratamento do câncer.

Somente inquebrantável sentimento de responsabilidade profissional e sincero compromisso com tarefa de tal magnitude realizam o propósito de não se desertar ante o desconforto dos cotidianos contratempos e mesmo das amargas decepções burocráticas do nosso meio!

Só acendrado amor à medicina torna possível aos que labutam no Serviço Nacional de Câncer manter nível técnico e conservar elevado o padrão ético-profissional para atender, em espaço exíguo, o maior número possível de doentes da multidão dos que nos procuram. E quantos não perdem, aos nossos próprios olhos, a oportunidade de salvação que lhes podia ser facultada?

Tal situação é um triste índice do desinteresse ou incompreensão dos poderes públicos brasileiros relativamente a uma questão sanitária que os governos bem orientados colocam, hoje em dia, em primeiro plano.

Que nos baste citar o exemplo dos Estados Unidos que, mobilizando grandes recursos financeiros, instalam Institutos dotados da mais completa aparelhagem, aprimoram a instrução de seus técnicos e penetram a fundo no assunto por meio de rigorosa investigação laboratorial e estatística,

dando aos problemas suas tremendas proporções porque sabem que se acham em jogo os mais sérios interesses vitais de sua população, exposta a ter mais de cento e sessenta mil de seus membros ceifados anualmente pelo câncer, isto é, mais de seis pessoas por hora.

E na inconsciência poucos se afligem entre nós ao saber que o nosso povo, já com uma média de vida das mais baixas, minado por inúmeras endemias, também paga ao câncer o pesado tributo de vinte mil vidas por ano.

Eis, senhores, um dos grandes problemas nacionais, por assim dizer, desamparado.

Graças à doação feita em vossa curta e fecunda passagem na suprema administração desta cidade, podem hoje abrir-se à Campanha Nacional Contra o Câncer, mais amplas perspectivas, que serão agora certamente amparadas pelo digno Di-

retor do Departamento Nacional de Saúde e esclarecido Ministro da Educação e Saúde.

A esta nova fase, verdadeiramente promissora, ficará ligado de modo indelével o nome de Philadelpho de Azevedo, dignificado com o justo título de nos haver efetivamente dotado das condições reais e concretas para o desenvolvimento progressivo das nossas atividades.

Para os médicos aqui presentes nesta singela homenagem, assim como para todos aqueles que sentem na sua essência os profundos interesses da felicidade humana, os serviços que a nosso povo prestastes são tão merecedores de glorificação quanto os que, agora no alto tribunal internacional de Haia, a que fostes conduzido para honra de nossa Pátria, certamente advirão de vosso grande saber jurídico em favor da justiça dos povos e do progresso geral da humanidade.

Transferido um hospital em construção para o Serviço Nacional de Câncer

Correio da Manhã - 27-1-1946

Por um Decreto-Lei, o Presidente da República autorizou a Prefeitura a ceder o terreno e o arcabouço do futuro hospital em construção na praça da Cruz Vermelha ao Serviço Nacional de Câncer, que ali instalara um nosocômio exclusivamente destinado aos portadores do terrível mal. Ainda pelo mesmo ato, a União assume a responsabilidade do pagamento da quantia de Cr\$ 723.838,70 que foi em quanto ficou a construção parcial e cuja ação judicial se encontra no Tribunal de Apelação.

O problema do câncer

Correio da Manhã, 25-2-1946

A respeito do tópico há dias publicado nesta folha sobre o problema do câncer, recebemos do doutor Mário Kroeff, Diretor do Serviço Nacional de Câncer, a seguinte carta:

“Há poucos dias o “Correio da Manhã” deu uma nota sobre este palpitante problema, que vem interessando profundamente os homens de ciência e preocupando os dirigentes das nações civilizadas que se sentem responsáveis pelos destinos de sua população. Acertadamente dizia o suelto: “Entre os países civilizados, existe hoje uma verdadeira emulação na maneira como se encara o problema do câncer, sob seus múltiplos aspectos: estudo da enfermidade, experiência, assistência efetiva e proveitosa aos doentes capazes de aproveitá-la e,

finalmente, amparo, caridoso e humano, àqueles que já não se possam beneficiar da terapêutica. No Rio, os desgraçados portadores de câncer, cada dia mais numerosos, peregrinam de hospital em hospital, e nada se pode fazer por eles, a não ser os casos operáveis e, geralmente, em clínicas que se ocupam de outros problemas, o que é um erro... Não temos assistência para eles; não temos centros de estudo, que hoje se multiplicam pelo mundo, e dos quais a Argentina pode oferecer-nos modelos. Não temos nada. Em matéria de câncer, no Rio de Janeiro, é tudo raso e desolador!

À Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos cumpre responder que não é bem assim. Se é verdade que não estamos convenientemente aparelhados para atender aos afetados, há iniciativas de um lado e outro em prol de uma campanha contra a terrível doença. O Serviço Nacional de Câncer, instalado provisoriamente à Rua Conde de Lages, se bem que em prédio inadequado às suas finalidades, atende a uma multidão de enfermos que ali acode diariamente, em busca da cura ou lenitivo para seus males, e um grupo de cancerologistas luta com as três armas hoje em dia consagradas pela medicina moderna: radium, raios X e cirurgia. O governo prometeu atender às necessidades daquele importante setor de sanidade pública e, para isso, a Prefeitura, na vigência do ex-Prefeito Philadelpho de Azevedo, concedeu à União um próprio à praça da Cruz Vermelha para ali ser construída a sede de um grande Instituto de Câncer.

O Dr. Osorio de Almeida mantém, no Hospital Gaffrée-Guinle, uma seção, onde o grande cientista patrício atende aos doentes que o procuram. Ainda mais, por iniciativa dos médicos do Serviço Nacional de Câncer foi instalado um Asilo na Penha Circular, à Rua Magé, 326, tel. 30-3121, para acolher aos que se vêem desamparados nos últimos períodos da doença, quando a medicina já reconhece baldados seus esforços para a cura.

Ali, esses infelizes encontram o conforto moral de terem pensadas suas chagas, e aliviadas suas dores, experimentando a agradável sensa-

ção de se sentirem assistidos pela medicina, em sua humanitária missão de amparar o corpo sem desfalecer o moral.

A Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos procura ampliar sua Casa que é pequena e pobre, e protegida por bem poucos ainda, com modestas mensalidades. A cooperação eficiente dos nossos concidadãos, por espírito de solidariedade humana, há de transformar aquela pequena célula de caridade em um grande hospital para, de portas abertas, receber todas as vítimas da terrível enfermidade”.

4 *Instituições de amparo e assistência aos cancerosos*

Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos	180
Estatutos	180 a 187
Noticiário da Imprensa	188 a 217
Fundação Martinelli	218
Estatutos	219 a 221
Noticiário da Imprensa	222 a 225

Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos

A Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos – A.B.A.C. – nasceu da idéia de criar-se uma instituição destinada a amparar os cancerosos indigentes que, pela extensão da doença, se tornaram incuráveis. Com o fim de não deixar ao abandono estes infelizes que não encontram abrigo nos hospitais gerais, o Dr. Mário Kroeff e seus colaboradores resolveram fundar a A.B.A.C., reunindo elementos de nossa sociedade para a campanha em prol da construção de um Asilo.

Fundada em 27 de junho de 1939, a A.B.A.C. tratou de angariar os meios necessários para este empreendimento, recebendo logo apoio por parte da Ex.^{ma} Sr.^a. Darcy Sarmanho Vargas e dos Srs. Antonio de Almeida Gonzaga e José Martinelli, os quais, pelos vultosos donativos, mereceram o título de grandes beneméritos.

Com os recursos obtidos, foi adquirida uma pequena propriedade à Rua Magé, 326, na Circular-Penha, a qual foi modestamente adaptada para servir de Asilo, e cuja inauguração foi feita em 1º de fevereiro de 1944.

Estatutos da Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos

Capítulo I

Da denominação, fins e Sede

Art. 1º – É constituída, pelos presentes estatutos, a “Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos, sociedade civil, com sede e foro nesta capital.

Art. 2º – A sociedade tem por fim:

- a) – organizar, sob o ponto de vista material, médico e moral, a assistência aos doentes de câncer, que se acharem necessitados de seu amparo;
- b) – colaborar, como pessoa jurídica de direito privado, com o “Centro de Cancerologia”, na forma que for convenionada, assumindo, principalmente, o encargo de asilar os cancerosos incuráveis (ou de longa cura) em estabelecimento apropriado, que se denominará.

Parágrafo único – Ao lado do amparo material e do conforto afetivo e religioso, a sociedade terá por objetivo minorar o sofrimento dos cancerosos, ministrando-lhes os meios terapêuticos adequados, curativos ou calmantes.

Capítulo II

Dos Sócios, seus direitos e deveres

Art. 3º – A A.B.A.C. compõe-se de sócios das seguintes categorias:

- a) – fundadores;
- b) – contribuintes;
- c) – beneméritos;
- d) – grandes beneméritos;
- e) – remidos;
- f) – honorários.

Art. 4º – São sócios:

- a) – “fundadores” – os que assinem a ata de instalação;

b) – “contribuintes” – os que concorram mensalmente com quantia não inferior a Cr\$ 3,00, nem superior a Cr\$ 20,00;

c) – “beneméritos” – os que concorram mensalmente com quantia não inferior a Cr\$ 50,00, nem superior a Cr\$ 100,00;

d) – “grandes beneméritos” – os que façam doativo igual ou superior a Cr\$ 10.000,00, em uma ou até dez prestações;

e) – “remidos” – os que contribuam com a quantia de Cr\$ 5.000,00, numa só prestação, ou proponham 20 beneméritos, com entradas realizadas até seis meses;

f) – “honorários” – os que tenham prestado serviços gratuitos, ou feito donativos, e bem assim os que, por qualidades pessoais, se tornem dignos de tal distinção, a juízo da Diretoria.

Art. 5º – Em casos excepcionais, pode ser conferido pelo Conselho, mediante proposta da Diretoria, o título, de Presidente de Honra a associados ou pessoas de prestígio social que tenham prestado relevantes serviços à instituição.

Parágrafo único – Os títulos honoríficos de que trata este artigo conferem aos seus portadores todos os direitos sociais, sem a obrigação de qualquer contribuição pecuniária.

Art. 6º – A admissão em qualquer das categorias referidas no art. 4º realizar-se-á mediante proposta de um associado e aprovação da Diretoria.

§ 1º – Da proposta constarão os seguintes requisitos: nome por extenso, nacionalidade, estado civil, residência, e indicação da quantia com que contribua o proposto e do local de cobrança.

§ 2º – Podem ser propostas, em representação de instituições de classe, sindicato e sociedades civis, religiosas, pias, morais, científicas ou literárias, de associações de utilidade pública e de fundações, as pessoas designadas pelas mesmas entidades, pelo prazo que a estas convier, e que gozarão de todos os direitos adiante enumerados.

Art. 7º – São direitos dos sócios de qualquer categoria, desde que estejam quites ou dispensados de contribuição, nos termos dos artigos anteriores:

a) – tomar parte e votar nas assembléias gerais;

b) – ser votado pelo Conselho Administrativo para os cargos que vagarem, em seu quadro, e para os da Diretoria e Conselho Fiscal (art. 24); ou designado pela Diretoria para o exercício de comissões especiais (art. 27);

c) – requerer a convocação da assembléia geral, com o número exigido no art. 13, letra c;

d) – freqüentar a sede e suas dependências e visitar as instalações dos serviços mantidos pela sociedade;

e) – pedir informações à Diretoria e representar a ela ou ao Conselho Administrativo sobre os serviços e interesses sociais.

Art.8º – São deveres dos sócios:

a) – efetuar o pagamento de suas contribuições, quando exigíveis (art. 4º, letras *b, c, d e e*);

b) – desempenhar-se das funções previstas no art. 7º, letra *b*, se aceita a comissão ou o cargo;

c) – acatar as deliberações dos órgãos administrativos, e zelar pela ordem dos trabalhos internos e reputação dos serviços sociais.

Art 9º – Perdem-se a qualidade e os direitos de sócio:

a) – pela demissão regularmente solicitada e deferida;

b) – pelo não-pagamento das contribuições de qualquer natureza, a que esteja obrigado, ou por infração gravíssima dos deveres sociais, a juízo do Conselho Administrativo, precedendo oferecimento de defesa ou recurso do prazo que o mesmo Conselho fixar para o dito fim, conforme comunicação ao interessado.

Art. 10 – Suspendem-se os direitos de sócio por infração *grave* dos deveres enumerados no art. 8º, a juízo do Conselho Administrativo, observado, para o respectivo processo, o disposto no artigo art.9º *in fine*.



Cerimônia de fundação da Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos, vendo-se o Dr. Mário Kroeff pronunciando um discurso sobre o importante ato, ante a presença da Sr.^a Darcy Vargas e de numeroso e seletto auditório

Capítulo III

Dos órgãos e administração da Sociedade

Art. 11 – São órgãos da sociedade, dentro da competência adiante definida:

- a) – a Assembléia Geral;
- b) – a Diretoria composta de 14 membros; Presidente de Honra, Presidente, 1º e 2º Vice-Prezidenten, Diretor Técnico, Consultor Jurídico, Consultor Eclesiástico, Consultor Arquiteto, Secretário Geral, 1º Secretário, 2º Secretário, 1º Tesoureiro, 2º Tesoureiro, Procurador;
- c) – o Conselho Administrativo, composto de 90 membros;
- d) – o Conselho Fiscal, composto de 3 membros.

Capítulo IV

Da Assembléia Geral

Art. 12 – À Assembléia Geral, composta dos sócios de todas as categorias, compete:

- a) – autorizar a alienação ou permuta de bens imóveis;
- b) – deliberar sobre a dissolução da sociedade, se se tornar impossível a realização de seus fins;
- c) – designar, no caso da alínea antecedente, a sociedade a que, entre as congêneres, se destine o patrimônio social (art. 34, parágrafo único).

Art. 13 – A Assembléia Geral pode ser convocada:

- a) – pela Diretoria;
- b) – pelo Conselho Administrativo;
- c) – por um terço do total dos sócios.

Capítulo V

Da Diretoria

Art. 14 – À Diretoria, eleita por três anos (art. 24, letra a), compete, como órgão executivo:

- a) – estabelecer o plano geral de gestão dos serviços e interesses sociais;
- b) – orientar a propaganda da sociedade e dos seus intuitos;

c) – representar aos poderes públicos, sugerindo medidas administrativas ou solicitando a decretação de leis federais, estaduais e municipais concernentes à proteção aos cancerosos;

d) – resolver, ouvido o Conselho, os casos omissos nestes estatutos;

e) – distribuir, entre os diversos serviços, os recursos angariados pela sociedade;

f) – elaborar e expedir, *ad referendum* do Conselho Administrativo, os regulamentos dos serviços, e zelar pela sua exata observância;

g) – promover acordos com os poderes públicos, para a realização de serviços referentes à natureza e aos fins da sociedade;

h) – promover, com prévia aquiescência do Conselho Administrativo, acordos com as entidades congêneres, que queiram cooperar com a sociedade na realização dos seus objetivos;

i) – elaborar projeto de reforma dos estatutos, e promover a mesma reforma em reunião conjunta com o Conselho (art. 24. letra f, e art. 33);

j) – gerir o patrimônio e ter sob a guarda do Tesoureiro os bens e valores;

k) – elaborar com o Conselho Administrativo, em sessão conjunta, o regimento interno da administração;

l) – organizar anualmente, até 31 de março, o relatório e o balanço, acompanhado das respectivas contas, relativas ao ano anterior, submetendo-os ao exame do Conselho Fiscal e à aprovação do Conselho Administrativo;

m) – praticar os demais atos previstos nestes estatutos.

Art. 15 — As deliberações da Diretoria serão tomadas por maioria de votos dos presentes.

§ 1º – o Presidente terá, além do voto de qualidade, o de desempate.

§ 2º – Na falta, ausência ou impedimento de qualquer membro da Diretoria, será automática a respectiva substituição (art. 20).

Art. 16 – Ao Presidente compete:

- a) – representar a sociedade ativa, passiva, judicial e extrajudicialmente;
- b) – convocar as sessões da Diretoria, do Conselho Administrativo e da Assembléia Geral, e dirigir os respectivos trabalhos;
- c) – assinar com o Tesoureiro os atos que importem em responsabilidade de deliberação ou movimento de fundos;
- d) – ser o supremo órgão executivo das resoluções ou determinações da Diretoria;
- e) – praticar, *ad referendum* da Diretoria, os atos administrativos, que, por sua urgência, não possam ser oportunamente considerados em sessões daquela;
- f) – nomear os membros das comissões especiais (art. 27);
- g) – nomear, suspender, licenciar e dispensar qualquer funcionário e fixar os respectivos vencimentos ou percentagens.

Art. 17 – Ao Diretor Técnico compete:

- a) – assistir a Diretoria em todos os assuntos de competência desta;
- b) – dirigir os serviços de assistência médica;
- c) – substituir o Presidente na ausência dos Vice-Presidentes.

Art. 18 – Ao Secretário Geral compete:

- a) – dirigir e fiscalizar todos os trabalhos da Secretaria;
- b) – indicar ao Presidente, os auxiliares que se tornarem necessários aos serviços a seu cargo;
- c) – ter sob sua guarda os livros da Secretaria, notadamente o do registro de sócios;
- d) – assinar, conjuntamente com o Presidente, convites a pessoas gradas e representações às autoridades públicas;
- e) – assinar a correspondência da Diretoria;
- f) – apresentar ao Presidente, até 15 de março, o relatório do movimento da sociedade referente ao ano anterior;
- g) – redigir ou mandar redigir, assinar e ler as

atas das Assembléias Gerais e da Diretoria.

Parágrafo único – O Secretário Geral pode delegar, ao 1º e 2º, quaisquer atribuições das alíneas e e g.

Art. 19 – Ao 1º Tesoureiro compete:

- a) – ter sob sua guarda e responsabilidade os bens e valores sociais;
- b) – receber as contribuições, donativos, benefícios, subvenções, e, em geral, todas as rendas ordinárias, extraordinárias ou eventuais que pertencerem à sociedade e assinar os respectivos recibos;
- c) efetuar o pagamento das despesas autorizadas, visadas pelo Presidente;
- d) – dirigir e fiscalizar os trabalhos da Tesouraria, zelando pela regularidade da respectiva escrituração;
- e) – apresentar mensalmente o balancete da Caixa do mês anterior e, anualmente, as contas e Balanço Geral, com a necessária antecedência, para anexá-los ao Relatório da Diretoria;
- f) indicar ao Presidente os nomes dos auxiliares necessários ao Serviço da Tesouraria e propor a substituição ou dispensa dos mesmos;
- g) – assinar, conjuntamente com o Presidente, recibos ou cheques para a movimentação de fundos junto a Bancos, Caixas Econômicas e outros estabelecimentos (art. 16, letra c).

Art. 20 – Aos Vice-Presidentes, aos 1º e 2º Secretários e ao 2º Tesoureiro compete substituir, respectivamente, nas faltas e impedimentos, o Presidente, o Secretário Geral e o 1º Tesoureiro.

Art. 21 – Aos Consultores Jurídico, Eclesiástico e Arquiteto compete, dentro de suas especialidades, opinar sobre os assuntos que lhes forem sujeitos pelo Presidente, pelo Conselho Administrativo ou pela Assembléia Geral.

Parágrafo único – Não será obrigatória a sua presença às reuniões da Diretoria, salvo quando nela se tratar, mediante prévia participação, de assunto relacionado com a sua especialidade.

Art. 22 – Ao Procurador compete:

- a) – zelar pela boa conservação de imóveis, móveis e utensílios;
- b) – representar a sociedade, quando autorizado pelo Presidente, nos casos não compreendidos no art. 16 letra *a*.

Capítulo VI

Do Conselho Administrativo

Art. 23 – O Conselho Administrativo, composto na forma do art. 11, letra *c*, se renovará, em um terço de seu quadro, de 2 em 2 anos.

§ 1º – Os membros componentes do 1º Conselho serão nomeados pela Diretoria, entre pessoas de distinção que se interessem pelos problemas de assistência e possam empenhar-se na realização dos fins sociais.

§ 2º – As vagas verificadas por qualquer motivo ou pela renovação do quadro, serão preenchidas por eleição do próprio Conselho, ao qual incumbe atender aos requisitos mencionados no parágrafo anterior.

Art. 24 – Compete ao Conselho:

- a) – eleger a Diretoria e o Conselho Fiscal (art. 14 – art. 26);
- b) – eleger e empossar os seus novos membros na forma do artigo antecedente;
- c) – emitir parecer sobre:
 - I) – questões que interessem à sociedade;
 - II) – aplicação do patrimônio (art. 30) e aceitação de donativos, herança ou legados sujeitos a encargos;
 - III) – casos omissos nos estatutos. (art. 14, letra *d*);
 - IV) – acordos com entidades congêneres (art. 14, letra *h*).
- d) – aprovar:
 - I) o relatório e o balanço da Diretoria (artigo 14, letra *l*);
 - II) os regulamentos dos serviços expedidos pela Diretoria (art. 14, letra *f*).

e) – elaborar, em reunião conjunta com a Diretoria, o regimento interno da administração (art. 14, letra *k*);

f) – reformar os estatutos, na forma do art. 14, letra *i* e do art. 33;

g) – sugerir à Diretoria providências e medidas, no interesse social.

Art. 25 – O Conselho reunir-se-á mediante convocação do Presidente da sociedade (art. 16, letra *b*).

§ 1º – As sessões do Conselho se realizarão com a presença da metade e mais um de seus membros componentes, em primeira convocação, e com qualquer número, na segunda.

§ 2º – A mesa diretora dos trabalhos será formada pelo Presidente da sociedade e por dois secretários, que este escolher entre os membros do Conselho.

§ 3º – As decisões, tomadas por maioria de votos dos presentes, constarão de atas, por estes assinadas.

§ 4º – O Presidente, além do voto de qualidade, terá o de desempate.

Capítulo VII

Do Conselho Fiscal

Art. 26 – Ao Conselho Fiscal, composto de três membros, eleitos pelo Conselho Administrativo (art. 24, letra *a*), compete dar parecer sobre as contas anuais e atos da administração econômica da sociedade.

Capítulo VIII

Das Comissões especiais

Art. 27 – O Presidente poderá constituir, como órgãos auxiliares de Diretoria, Comissões de Propaganda e Beneficência, e outras que lhe parecerem necessárias.

Parágrafo único – As Comissões poderão criar, em diversos bairros da cidade do Rio de Janeiro, uma ou mais subcomissões que atendam aos objetivos de sua competência.

Capítulo IX

Do patrimônio e manutenção da sociedade

Art. 28 – O patrimônio é constituído por legados, doações e subvenções destinados, com aquele caráter, à sociedade.

Art. 29 – A manutenção da sede, dos estabelecimentos e dos serviços e as despesas de conservação do patrimônio serão custeadas pela receita das contribuições dos sócios, pelo rendimento dos bens, pelas subvenções que concederem os governos federal, estaduais e municipais, corporações ou sociedades, e por legados ou doações para aquele fim.

Parágrafo único – O saldo de um exercício constitui fundo auxiliar para as despesas do exercício seguinte, podendo-se instituir um fundo de reserva para pesquisas e estudos especiais.

Art. 30 – A Diretoria, ouvido o Conselho Administrativo, resolverá sobre os legados e doações que devam ser aplicados ao custeio dos serviços e, bem assim, sobre os que tenham de ser convertidos em bens patrimoniais, tendo em consideração a vontade dos doadores e o interesse da sociedade.

Capítulo X

Disposições gerais

Art. 31 – São gratuitos os cargos da Diretoria, dos Conselhos e das comissões especiais.

Art. 32 – Os sócios não respondem pessoal e subsidiariamente pelas obrigações sociais.

Art. 33 – Os presentes estatutos poderão ser re-

formados pela maioria absoluta dos membros do Conselho Administrativo e da Diretoria, em sessão conjunta.

§ 1º – Cabe a iniciativa da reforma à Diretoria (art. 14) ou a um terço de membros do Conselho Administrativo.

§ 2º – Só se ultimar a reforma, se for igualmente aprovada em segunda reunião conjunta daqueles órgãos, após o decurso de dois meses a contar da primeira deliberação.

Art. 34 – A duração da sociedade será por tempo indeterminado e se extinguirá, na forma do art. 12, letra *b*, se a dissolução for deliberada pela Assembléia Geral.

Parágrafo único – Neste caso, se destinará o seu patrimônio a uma sociedade de assistência, que tenha sede nesta capital, e seja designada por aquela Assembléia.

Capítulo XI

Disposições transitórias

Art. 35 – Os sócios fundadores elegerão, na Assembléia Consultiva, os membros da primeira Diretoria e do primeiro Conselho Fiscal, os quais exercerão o seu mandato até 30 de abril de 1942, podendo ser reeleitos.

Art. 36 – A Diretoria dará posse aos membros do primeiro Conselho Administrativo (art. 23 § 1º).

Os presentes Estatutos foram aprovados pela

Assembléia Geral realizada em 27 de junho de 1939 e também registrados sob o n° de ordem 1.388 no Livro A n° 2, do Registro de Títulos e Documentos do Distrito Federal – 1° Ofício (Cartório Teffé).



Diretoria

Presidente de Honra

Senhora Darcy Vargas;

Presidente efetivo

Dr. Edmundo da Luz Pinto;

1° Vice-Presidente

Senhora Jovita Silva Pinto;

2° Vice-Presidente

Senhora German Fogliani Machado;

Diretor técnico

Dr. Mário Kroeff;

Consultor jurídico

Dr. Prado Kelly;

Consultor Eclesiástico

Padre Leovegildo Franca;

Consultor Arquiteto

Dr. Dulphe Pinheiro Machado;

Secretário Geral

Dr. José Gomes de Mattos;

1° Secretário

Senhora Ruth Gouvêa Leoni;

2° Secretário

Dr. Sérgio de Barros Azevedo;

1° Tesoureiro

Dr. Mario de Moraes Paiva;

2° Tesoureiro

Senhora Berbert de Castro;

Procurador

Dr. Flavio Meira Penna.

Conselho fiscal

Dr. J. Batista Canto; Dr. Pedro Camargo; Dr. Vicente de Faria Coelho.

Noticiário da imprensa

Para que os perdidos tenham onde morrer entre dores e chagas

O professor Mário Kroeff, procurando executar obra de alta benemerência, expôs o plano de assistência aos cancerosos incuráveis

Correio da Manhã, dezembro de 1938

Somente em frases breves e pálidas poderíamos descrever a impressão profundíssima, que de inopino assalta a quem tiver a desventura de passar pelo leito de um canceroso.

A depressão moral – é o que resulta, sem exagero, da observação – avanta-se quando se constata que os desenganados, os que mais padecem, quando atingidos por uma desproteção total da sorte, na miséria, enfim, não possuem um teto protetor, onde fossem encontrar não o conforto físico, que esse lhes foi negado pela mais cruel desdita, mas o reduzido bem-estar moral, que só pode ser dado pelos grandes e sensíveis corações.

Para estes partem, agora, os primeiro apelos.

Foi lançada a pedra angular de uma obra que se ampliará, mercê das almas caridosas.

A propaganda como agente profilático

O professor Mário Kroeff expôs o plano que elaborou, para execução de uma campanha tenaz contra o câncer.

À proporção que eram percorridas as enfermarias do Centro de Cancerologia, o Sr. Mário Kroeff explicava o programa que delineara.

Deixemo-lo falar:

– Pedimos, sobretudo, a colaboração da imprensa na campanha contra o câncer, ora iniciada pelo governo com a criação do Centro de Cancerologia, nos Serviços de Assistência Hospitalar do Distrito Federal.

O papel da imprensa pode ser, neste sentido, de capital importância.

Se considerarmos que, depois de um certo estado de sua evolução, o câncer se torna incurável pelos recursos atuais da terapêutica, conclui-se, facilmente, que a base de toda a campanha consiste no tratamento precoce, aplicado ao maior número possível de doentes.

Encarando as estatísticas de um modo geral, o mal é curável num bom terço de casos. Como o grande público nada sabe a respeito dessa doença, cumpre-nos a tarefa de difundir largamente certas noções práticas de cancerologia, por meio de conselhos e pequenas notícias publicadas em jornais, em cartazes sugestivos, pregados pelos muros, em folhetos, distribuídos a granel; em conferências populares; em palestras pelo rádio, etc., para atrair os doentes a exame e tratamento. Cabe-nos ensinar o que cada um deve conhecer a respeito do câncer, mostrar o valor da consulta médica imediata diante de certas manifestações ou sinais clínicos

considerados suspeitos, e aconselhar até mesmo o exame médico corporal sistemático, principalmente nas mulheres, realizado periodicamente na ausência de qualquer suspeita, para que possa surpreender o câncer em seu início. Ensinar o público, enfim, a se fazer examinar, a procurar o médico para aconselhar-se, seja em clinica privada, seja em estabelecimentos oficiais.

A profilaxia do câncer fica sendo, assim, em última análise, uma questão de propaganda. A imprensa poderá desempenhar relevante serviço educacional e sanitário, se quiser colaborar conosco, com o Centro de Cancerologia, onde se encontram, agora, reunidos os meios clássicos de tratamento para a grande massa popular.

Sem isso, de nada valeria descobrir o inimigo, pois que não tínhamos as armas de combate contra este terrível mal.

Com a instalação do Centro de Cancerologia, o Ministro da Educação e Saúde acaba de dotar a nossa população de preciosos elementos de cura: radium, raios X, cirurgia e eletrocirurgia.

O canceroso é doente especial, diferente desses outros todos que encham os hospitais, porque só em organizações tecnicamente aparelhadas, com profissionais especializados no assunto, pode encontrar a cura de seus males. Nesse particular, o pobre estaria perdido, se não contasse com o amparo oficial.

Ao Presidente Getulio Vargas, sempre magnânimo em atender aos problemas que dizem respeito à saúde de nosso povo com medidas de previdência social, deverão ser dirigidos os agradecimentos de todos quantos vierem a utilizar-se dos serviços deste estabelecimento, e também daqueles que se condoem do sofrimento alheio.

Graças também à sua generosidade, o Decreto-Lei nº 469, que recentemente concedeu uma vultosa quantia para elevar este pequeno hospital à categoria de um verdadeiro Instituto de Câncer, com aquisição de radium, aumento de sua capacidade para internação e para ampliar os laborató-

rios, multiplicando, assim, a soma dos benefícios que há de prestar à nossa gente.

O problema dos incuráveis

– Mas, ao lado da parte técnica relativa ao tratamento, que deve ser executado por nosso Centro, existe um outro problema sério, que nos assoberba, e cuja solução se torna difícil porque é de ordem econômica. Trata-se da questão dos incuráveis.

Se, como dissemos, o câncer é curável num terço dos casos, restam dois terços, que já nos chegam às mãos em estados lastimáveis.

Se, no Distrito Federal, morrem por ano cerca de mil indivíduos vitimados pelo câncer, calcula-se em três mil o número dos cancerosos existentes na capital. Daí é fácil avaliar-se a multidão que mensalmente vai ser rejeitada às portas de nosso pequeno hospital, por falta de leitos vagos.

Atendendo a que um sem número chega também do interior (morrem 20.000 anualmente no Brasil), nossas enfermarias serão insuficientes para abrigar os que nos procuram em condições de operabilidade. Para os operáveis, tão somente, deve ser reservado o emprego de nossas caríssimas instalações. Cogitamos construir um modesto pavilhão ou adaptar um imóvel com capacidade de 50 ou 60 leitos para asilar os incuráveis, que não têm onde morrer, alquebrados pelo sofrimento.

São cenas pungentes e diárias que se passam às portas de nosso pequeno hospital e que nos confrangem o coração, tanto mais quanto nossas recusas parecem lhes desfazer as últimas ilusões, deixando-os voltar por certo ainda mais desesperançados.

Desumano é deixar ao abandono esses incuráveis, embora seja inútil o emprego de meios de cura. O canceroso sofre mais que qualquer outro enfermo quando se aproxima lentamente o termo de sua desventura: tem dores e tem chagas.

Apelo à caridade pública

– Para assistir à curta existência dos que já não têm cura, pretendemos apelar para a caridade

pública. Como se trata de questão moral e afetiva esta de asilar os inoperáveis, deixamos ao povo o cuidado de contribuir, diretamente. Que cada coração bem formado não fuja aos imperativos da generosidade.

Nós, os médicos, mais que quaisquer que exerçam outras profissões, já repartimos, com os que sofrem, muito de nosso esforço, de nosso carinho, compartilhando também, às vezes, de suas penas. Se não curamos todos os doentes, sempre nos desvelamos por encontrar alívio, aprendendo até a mentir para consolar.

Todos devem colaborar nesta obra de benemerência e fraternidade humanas, auxiliando a proteger esses naufragos da sorte. Falta não fará, por certo, aos que têm saúde e gozam de conforto sob um teto e fartura à mesa, um donativo mensal de poucos mil réis, concedido em favor dos cancerosos para minorar as dores que os torturam, e oferecer um leito onde possam morrer mais humanamente.

Já contamos com vários elementos de nossa sociedade para a organização de uma Associação de Assistência aos Cancerosos, cujos estatutos estão sendo elaborados.

Associação para angariar donativos, auxílio de todos quantos quiserem trabalhar conosco.

Colaborando com o “Centro de Cancerologia”, encarregar-se-á a Associação não só de angariar donativos, como de promover a assistência material, afetiva e religiosa aos cancerosos em estado incurável.

Acolher um canceroso para tratamento é obra social e obrigação precípua da medicina; cercá-lo de um ambiente de conforto é dever de humanidade. Levantar-lhe, porém, o espírito, criando atmosfera de esperança e consolo religioso, é tarefa de caridade evangélica. Nós seremos simples intermediários nesta santa missão; e quem dá, tanto mais se enobrece, quanto maior for a necessidade de quem recebe. A filantropia enaltece o espírito e embeleza a vida dos que a praticam. Também a oração e as bênçãos da igreja dão forças às almas combalidas e sofredoras, assim como a enfermeira, que com suas mãos piedosas, alivia aos chagados.

Enfim, não há espírito humano insensível ante um doente de câncer, não só pela idéia que logo traz de um destino fatal, como pela soma de dores físicas e morais que o mal acarreta.

Flagelo social

– O câncer, desnecessário é repetir, deixa de ser doença comum e trivial dos hospitais, para constituir preocupação nacional dos povos civilizados e dos homens de ciência. Só na Europa, ele faz perto de meio milhão de vítimas, anualmente.

Daí o vivo empenho por parte dos governos em dar combate a esse flagelo da humanidade, auxiliando, com institutos aparelhados, os médicos que estudam e investigam, pondo em jogo as forças de sua inteligência e consumindo, às vezes, uma existência inteira dentro dos laboratórios, numa verdadeira campanha profissional.

Enquanto as vocações privilegiadas do gênio humano não descobrirem as causas do mal ou um agente terapêutico de ação geral ou específica, a medicina continuará, firmemente, empenhada em destruir as manifestações suspeitas, bem como as lesões cancerosas iniciais, antes de se transformarem em núcleo de difusão maligna.

Empreitada ingrata e penosa é certamente a solução radical do problema. Entre decepções e fracassos, só poderá triunfar quem levar consigo perseverança, vontade e fé inabalável, qualidades que dignificam o espírito humano.



Luta contra o câncer

Tratar os curáveis e asilar os incuráveis

Correio da Manhã - Rio, 14-5-1939

Convocado pelo professor Mário Kroeff, reuniu-se ontem, no Centro de Cancerologia, um grupo de senhoras e senhoritas de nosso meio social.

Procurando identificar-se com o sofrimento dos que se internam em busca de cura para a sua enfer-

midade e alívio para os seus males, aquelas damas ali melhor puderam avaliar a extensão das penas alheias e por isso mesmo sentiram-se mais animadas para trabalhar em benefício dos sofredores.

Nessa reunião foram discutidos os estatutos de uma nova sociedade que, dentro em breve, se porá em campo sob a denominação de Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos.

De fato, a falta de uma instituição de amparo aos cancerosos, de há muito se faz sentir entre as campanhas de caridade pública.

Inegavelmente a generosidade de nossa gente já tem contribuído, e não pouco, sempre na medida de suas possibilidades, para minorar a angústia de tuberculosos, leprosos, cegos, anormais, menores abandonados e órfãos.

Quanto aos cancerosos, nada se tem feito, por ora. No entanto, ainda mais dignos se tornam eles de nosso carinho, porque têm chagas e têm dores.

No Centro de Cancerologia, criado pelo governo para a profilaxia e tratamento do câncer e competentemente dirigido pelo professor Mário Kroeff, só têm entrada os portadores de lesões que ainda se acham em período de cura. Mas, como é avultada a proporção dos que afluem em estado de incurabilidade àquele estabelecimento, torna-se imprescindível a organização de um asilo para abrigar os desenganados pela ciência, proporcionando também ao incurável um pouco de conforto, no término de sua penosa existência.

Com esse objetivo, as senhoras presentes e outras, que já se manifestaram solidárias com a humanitária causa, irão propugnar em favor da nova associação, de cujos estatutos transcrevemos alguns tópicos:

“Art. 1º – A Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos tem por finalidade organizar, sob o ponto de vista material, médico e moral, a assistência aos doentes de câncer que se acharem necessitados de seu amparo.

Art. 2º – Considerando-se órgão autônomo, procurará, contudo, colaborar com o Centro de

Cancerologia, a fim de auxiliar a ação deste, principalmente tomando a si o encargo de asilar os cancerosos incuráveis.

Art. 3º – Ao lado do amparo material e do conforto afetivo e religioso, a Fundação tem, sobretudo, em vista, minorar as dores de que sofrem os cancerosos incuráveis, ministrando-lhes os meios terapêuticos adequados, curativos ou calmantes, estes muitas vezes inacessíveis fora de um serviço apropriado.”



Um asilo para os cancerosos incuráveis

O Globo - 20-6-1939

Na Sociedade Sul-Rio-Grandense, reuniu-se, ontem, um grupo de senhoras de nossa sociedade, para ouvir a exposição do prof. Mário Kroeff, Diretor do Centro de Cancerologia, sobre a idéia de se construir um asilo para cancerosos incuráveis. Neste asilo, que terá capacidade para cem leitos, e será entregue a uma ordem religiosa que o administrará, terão entrada todos os doentes, cujo estado não permita qualquer esperança de cura. Receberão eles, assim, assistência médico-material e também o conforto da religião. As senhoras presentes hipotecaram seu apoio incondicional a esta campanha de alta significação social e resolveram trabalhar no sentido de realizar a humanitária iniciativa. Ficou decidido que no dia 26, às 17 horas e 30 minutos, será realizada na Associação dos Empregados no Comércio, uma grande assembléia de instalação e posse da nova diretoria e do respectivo conselho da Associação de Assistência aos Cancerosos, à qual comparecerá a Srª. Darcy Vargas, que prometeu prestigiar e patrocinar a campanha. À reunião de ontem, compareceram numerosas damas de nossa elite, entre as quais a Srª. Mendonça Lima, viúva Irineu Marinho, Srª. Rodrigo São Paulo, Srª. Jovita Silva Pinto, Sras. Iracema Garcia Braga, Carmen Siqueira, Gervasio Seabra, Berbert de Castro e Carmen Landin, além de diversos médicos.



Câncer vítima, anualmente, no Rio acerca de mil pessoas

Cogita-se da fundação da Sociedade de Assistência aos Cancerosos Incuráveis

Correio Paulistano, 27-6-1939

Rio, – 26 (De nossa sucursal, pelo telefone) – Vitimadas pelo câncer, sucumbem, anualmente, cerca de mil pessoas no Distrito Federal. A maior parte delas é composta de indigentes, e desde logo, tal índice convida a uma conclusão: perecem, em maior número, aqueles a quem a míngua de recursos priva de cuidados indispensáveis para o combate ao mal. A campanha necessária contra o flagelo se apresenta, assim, de início, com um imperativo de assistência aos enfermos menos amparados. A essa condição já vem atendendo a administração federal, dentro das possibilidades orçamentárias referentes à saúde pública, com o Centro de Cancerologia, mantido pelo governo para tratamento dos que, atacados de câncer, ainda apresentam esperanças de cura.

Movimenta-se, agora, uma campanha visando atender o caso dos que já não tenham esperanças de cura. Pretende a iniciativa, a fundação da Associação de Assistência aos Cancerosos Incuráveis e à construção de um asilo para os mesmos.

A campanha será presidida pela Sr^a. Darcy Vargas, esposa do Presidente da República. É mais uma humanitária iniciativa, do maior significado para a coletividade, a que irá a ilustre dama ligar seu nome. E a seu alto prestígio acrescenta-se o de uma numerosa representação de nossos melhores círculos científicos e sociais.



O maior conforto para os mais infelizes

A Noite, 29-6-1939

Atendendo a convite do diretor do Centro de Cancerologia, a Sr^a. Darcy Vargas, esposa do presidente da República, esteve hoje no Hospital Estácio de Sá, para visitar o pavilhão em que funciona aquela instituição. A ilustre visitante foi recebida à entrada do Centro de Cancerologia pelo seu diretor, Dr. Mário Kroeff, e por todo o corpo clínico e enfermeiras, assim como por numerosas damas de nossa melhor sociedade ali presentes. À porta, D. Frida Rubman, superiora, fez entrega a D. Darcy Vargas de um buquê de flores naturais.

Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos

Encaminhando-se à sala do Diretor, D. Darcy Vargas examinou, na companhia do Dr. Mário Kroeff, os estatutos da Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos, que se cogita de criar ainda este ano, possivelmente no corrente mês, nesta capital, por iniciativa pessoal do diretor daquele instituto, com o patrocínio do Centro de Cancerosos.

Ao mesmo tempo, também foram vistos os planos para a construção de um abrigo destinado a acolher os cancerosos incuráveis.

Justificando esse propósito, o Dr. Mário Kroeff teve ensejo de expor à esposa do chefe do governo a situação desses infelizes, esclarecendo que, diariamente, procuram o hospital de 10 a 12 doentes, vítimas do câncer, dos quais um terço, em média, apresenta situação curável. Os restantes dois ter-

ços ficam abandonados, devido à necessidade de não ocupar os poucos leitos do Centro senão com os curáveis.

Um abrigo para os incuráveis

O projeto, em linhas gerais, compreenderá um grande edifício com capacidade para 100 doentes, distribuídos em várias enfermarias.

Possuirá o abrigo, ademais, uma capela, salas de administração, refeitórios, cozinha, lavanderia e outras divisões indispensáveis a seu fim.

No pavimento superior será localizada a clausura para as irmãs de caridade, que tomarão conta dos enfermos.

D. Darcy Vargas mostrou-se vivamente interessada por ambos os planos – a Associação e o Abrigo para os cancerosos incuráveis – procurando obter maiores informes do que lhe foi dito, inclusive quanto à localização provável do segundo.

O Dr. Mário Kroeff respondeu-lhe que, à falta de um terreno próprio, possivelmente se conseguiria fazer a construção na área do Hospital São Sebastião, no Caju – mas, – esclareceu – tudo dependia de serem obtidos os fundos indispensáveis.

Sorrindo, atalhou D. Darcy Vargas:

– É melhor arranjar logo o terreno e iniciar as obras do abrigo. O dinheiro aparecerá, por certo...

Iniciou-se, a seguir, a visita, por uma das enfermarias destinadas aos doentes do sexo masculino.

Quando assomou à porta da mesma, D. Darcy Vargas foi saudada por um dos doentes, já operado e em convalescença, no que foi acompanhado pelos demais.

O professor Kroeff encaminhou a inspeção por diferentes partes, para terminar na sala de radioterapia, onde um grande aparelho, o único no Rio de Janeiro, com dois braços, dirigia seus raios elétricos sobre os enfermos, que se socorriam do ambulatório, numa média de 40 a 50 diários.



Convite dos médicos do centro de cancerologia para fundação da A.B.A.C.

Os médicos do Centro de Cancerologia têm a honra de convidar V. Ex^a. a tomar parte na reunião que se realizará no salão nobre da Associação dos Empregados no Comércio, à Avenida Rio Branco 118-1º andar, no dia 27 de junho, às 17 horas e 30 minutos e que terá por fim fundar uma Sociedade de Assistência aos Cancerosos Incuráveis.

Esperando poder contar com a colaboração de V. Ex^a. nesta iniciativa de pura significação humanitária, que será presidida pela Ex.^{ma} Sr^a. Darcy Vargas, desde já agradecemos.

Pelos colegas, Mário Kroeff, – Diretor do Centro de Cancerologia, Rua Estácio de Sá, 20.



Na sociedade Sul-Rio-Grandense, em reunião à qual comparecem muitas damas de nossa sociedade, o Dr. Mário Kroeff faz uma exposição sobre a idéia de construir-se um asilo para os cancerosos desamparados



Colaboradores atuais desta iniciativa

Senhoras

Anne Dias
 Armando Alencar
 Arthur dos Anjos
 Benjamin Vargas
 Berbert de Castro
 Carmen Amoroso Hermany
 Carmen Siqueira
 Carmen Landin
 Corina Fereira Vianna Barbedo
 Dolabella Portela
 Dulphe Pinheiro Machado
 Fernando Seguiuer
 General Isauro Reguera
 General Benicio da Silva
 Gervasio Seabra
 Glorinha Frontin Muniz Freire
 Henrich Kunning
 Irineu Marinho
 Iracema Garcia Braga
 Ilka Labarte
 José Carneiro Machado
 Jesuino de Albuquerque
 José Pires Rabello
 Jovita Silva Pinto
 Juvenal Murtinho
 Lourdes Gomes de Mattos
 Maria Athenais Macêdo
 Mario Pareto
 Ministro Barros Barreto
 Ministro Oswaldo Aranha
 Ministro Mendonça Lima
 Miguel Calmon Vianna
 Nininha Laport

Rodrigo São Paulo
 Ruth Gouveia Leoni
 Renaut Lage
 Regina Lafayete da Silva
 Wanda Veiga Wilberg

Senhoritas

Lucilia Souza Ribeiro
 Lia Veiga
 Olga Costa Leite
 Edy Alves Pereira

Senhores

Dr. Adalberto Aranha
 Dr. Amadeu Fialho
 Dr. Arminio Fraga
 Dr. Antonio Leite Correia
 Dr. Benjamin Reis Junior
 Carlos Bayma de Oliveira
 Dr. Celso Kelly
 Dr. Chermont de Brito
 Dr. Cypriano Lage
 Dr. Edmundo da Luz Pinto
 Dr. Elmano Cardin
 Dr. Francisco de Sá Antunes
 Flavio Meira Penna
 Dr. Heitor Beltrão
 Dr. Herbert Moses
 Henrique Arieta
 Dr. José Baptista Canto
 Dr. João Pinheiro
 Dr. Jorge Kanitz
 Dr. J. Gomes de Mattos
 Dr. Luiz Simões Lopes
 Dr. Luiz Aranha
 Dr. Luiz Vergara
 Dr. Manuel de Abreu
 Dr. Manoel Ferreira Guimarães

Dr. Manoel Mendes Campos
Dr. Mário Moraes Paiva
Dr. Mattos Pimenta
Dr. Nabuco de Gouveia
Dr. Oscar Argollo
Dr. Octavio Pinto Guedes
Dr. Plinio Costa Gama
Dr. Prado Kelly
Padre Leovegildo Franca
Pedro Camargo
Dr. Philadelpho de Azevedo
Dr. Paulo Proença
Dr. Rodolpho Josetti
Dr. Raphael Galvão
Dr. Sebastião Leão
Dr. Sérgio Barros de Azevedo
Dr. Salgado Filho
Dr. Tigre de Oliveira



Terão um asilo os cancerosos incuráveis

Iniciou-se ontem a execução da obra de benemerência e fraternidade humana

Correio da Manhã, 28-6-1939

A Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos tem por fim organizar, sob o ponto de vista material, médico e moral, a assistência aos doentes do câncer que se acharem necessitados de amparo. A nova e benemerita instituição colaborará com o Centro de Cancerologia, assumindo, principalmente, o encargo de asilar os doentes incuráveis em estabelecimento apropriado. Ao lado ainda do amparo material e do conforto afetivo e religioso, a novel sociedade terá por objetivo minorar o sofrimento dos cancerosos incuráveis, mi-

nistrando-lhes os meios terapêuticos adequados.

A Associação foi fundada ontem, partindo a iniciativa de grandes e nobres corações. Um grupo de damas da nossa sociedade executou a idéia, que encontrou o mais decidido apoio por parte dos que se preocupam pelos que são recusados, às portas dos hospitais, quando colhidos por mal incurável e quase sempre fatal.

A reunião de instalação foi presidida pela Sr^a. Darcy Vargas, participando da mesa ainda o desembargador Saboia Lima, o professor Mário Kroeff, as senhoras Oswaldo Aranha, Mendonça Lima e Irineu Marinho, os Srs. Mário de Moraes Paiva, Prado Kelly e padre Leovegildo Franca.

Figuras de realce de nossos círculos sociais, médicos, enfermeiras e numerosos convidados assistiram à solenidade.

Teve a cerimônia início com o discurso que o professor Mário Kroeff pronunciou, para expor os motivos da reunião. Declarou o orador, de início, que entre os problemas médico-sociais que, pela sua importância, atraem a atenção de nossa gente, figura, indiscutivelmente, o do câncer.

Em nossas estatísticas – prosseguiu – ele aparece entre os altos coeficientes de mortalidade, vindo pouco abaixo da tuberculose, justamente considerada a mais mortífera das doenças humanas.

Mais de mil óbitos, anualmente, no Distrito Federal, correm por conta do câncer. Atendendo a que a proporção é sempre de uma morte anual para cada três portadores de lesões cancerosas, pode-se calcular em três mil o número de doentes existentes nesta cidade, e, em sessenta mil, no território nacional. Sabe-se que só na Europa, perto de meio milhão de vítimas anuais paga com a vida o tributo a esse mal. Não será, pois, exageração afirmar que mais de um milhão e meio de seres humanos são, anualmente, arrebatados pelo câncer.

Esta nefasta doença, equiparando-se aos grandes flagelos sociais, com tendência cada vez mais extensiva, parece comprometer até o futuro da humanidade, em sua aspiração de atingir um ní-

vel de sanidade cada vez mais perfeito.

O professor Kroeff expôs então, em breve histórico, o que entre nós se tem feito, tanto sob o ponto de vista de assistência, como de previdência, no tocante à profilaxia e ao tratamento do câncer, citou os relevantes serviços prestados pelo Centro de Cancerologia. Assinalou, a essa altura, que os cancerosos já perdidos perante a ciência, são, por força das circunstâncias, rejeitados, a fim de não ocuparem os leitos destinados àqueles ainda suscetíveis de cura. Essa dolorosa seleção – acentuou – feita entre gente torturada pelo mesmo sofrimento, confrange, certamente, o coração de quem se vê forçado a praticá-la. Os rejeitados, ao perceberem que sobre si recai a sentença de um mal irremediável, eles que haviam procurado o nosso estabelecimento, como o melhor instalado e onde os pobres encontrariam abrigo, voltam ainda mais desesperançados do que quando para ali se dirigiram, alguns meio trôpegos e outros carregados nos braços de pessoas amigas.

Para não deixar ao abandono estes desafortunados, que constituem metade dos casos que ali vão, nós, os médicos do Centro de Cancerologia, convocamos a presente Assembléia para solicitar a colaboração de todos, em prol de uma solução adequada à assistência desses náufragos da sorte.

Tornou-se urgente – continuou – a construção de um asilo, para acolher os cancerosos incuráveis, proporcionando-lhes um ambiente adequado e os recursos necessários para atenuar seus padecimentos físicos e morais.

Como se trata de obra moral e afetiva, esta a de proporcionar ao incurável o alívio e um pouco de conforto, ela cabe melhor à iniciativa particular do que aos poderes públicos.

O orador explicou, em seguida, que no asilo que se pretende construir, terão os doentes lenitivo para suas dores e os indispensáveis curativos diários, que, além de lhes dar o grato sentimento de não

se acharem abandonados, encobrirão o aspecto de suas lesões, a eles próprios desagradáveis, trazendo-lhes a impressão de asseio e relativo bem-estar. Ao lado dessa assistência de ordem médica, haverá outra, não menos meritória, de amparo moral e religioso, a cargo de pessoas, que, por vocação ou por pertencerem a organizações religiosas, queiram dedicar suas horas de ação espiritual, em benefício desses desenganados de todas as esperanças terrestres. Se o ambiente do asilo ou a piedade das Irmãs fizerem renascer a esperança terrena ou celeste nesses atribulados, ter-se-á realizado a mais sublime e sacrossanta de todas as missões.

Concluiu o professor Mário Kroeff sua oração por apelar para que todos colaborem nesta obra de benemerência e fraternidade humana.

Após o discurso do diretor do Centro de Cancerologia, o desembargador Saboia Lima submeteu à discussão os estatutos da Associação, que foram aprovados e rubricados pelos membros da mesa. Foi em seguida eleita a diretoria, cabendo a presidência de honra à Sr^a. Darcy Vargas. O orientador dos trabalhos agradeceu o comparecimento dos que participaram da instalação da sociedade e dirigiu algumas palavras em torno da iniciativa. Antes, porém, de declarar encerrada a sessão, concedeu, novamente, a palavra ao sr. Mário Kroeff, que adiantou já possuir em caixa a Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos, doze contos de réis doados pelos Institutos do Café e do Alcool e Açúcar. Declarou ainda que a sociedade tinha em seu poder um quadro representando a luta contra o câncer e pintado pela senhorita Dulce Alves de Souza. Terminou por assinalar que outro donativo será obtido com a renda global de três noites de festas nos cassinos Icaraí e Urca.

Encerrada a sessão, sob prolongadas palmas, deixou o recinto a Sr^a. Darcy Vargas, acompanhada até a porta por uma comissão de senhoras.





*Aspecto da assistência ao ato solene da fundação
da Associação Brasileira de Assistência aos
Cancerosos, realizada no salão nobre da Associação
dos Empregados no Comércio*

Instalada a Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos

O Diário, Belo Horizonte 28-6-1939

Na presidência dessa instituição a Sr^a. Darcy Vargas – Aclamada a primeira diretoria, com a participação do Rev^{mo}. Monsenhor Leovegildo Franca.

Rio, 27 (SPES - Pelo telefone) – A Sr^a. Darcy Vargas tem o seu nome ligado a mais de uma importante e piedosa obra de caridade. A ilustre dama foi aclamada, hoje, Presidente de Honra da Sociedade Brasileira de Assistência aos Cancerosos. Essa Associação, que reúne os elementos de maior destaque de nossa sociedade, vai construir, nesta capital, um grande e moderno asilo, para abrigar os cancerosos incuráveis.

A reunião para fundação da referida sociedade realizou-se na Associação dos Empregados no Comércio.

O prof. Kroeff, logo após a chegada da Sr^a. Darcy Vargas, convidou-a a assumir a presidência dos trabalhos. Ocuparam lugar à mesa os Srs. Desembargador Saboia Lima, Rev^{mo}. Mons. Leovegildo Franca, e Srs. Moraes de Paiva, Braduchelli e as Sr^{as}. Jovita Silva Pinto, Germana Carneiro Machado, Rute Leone e a viúva Irineu Marinho.

Nessa ocasião, o prof. Mário Kroeff proferiu um discurso, mostrando a importância do câncer entre os problemas médico-sociais do Brasil, encarecendo a necessidade da construção de um asilo para acolher os cancerosos incuráveis, proporcionando-lhes ambiente adequado e recursos necessários a atenuar seus padecimentos físicos e morais.

Como se trata de obra moral e afetiva, disse o orador, esta de proporcionar ao incurável o alívio e um pouco de conforto, ela cabe antes à iniciativa particular do que aos poderes públicos. Tratar dos cancerosos é dever precípua da medicina e o nosso governo já providenciou a criação de um Centro de Cancerologia. Cercar, porém, os irremediáveis de uma atmosfera de afeição e consolo espiritu-

al, soerguendo mesmo as esperanças perdidas, é obra de caridade evangélica. A um doente que se encontra minado pelo mal terrível, as bênçãos da Igreja dão forças à alma combalida, tal como a enfermeira traz, com suas mãos piedosas, o alívio para as chagas.

Finalizando, faz um apelo para que todos contribuam para esta obra que é de amparo social e caridade cristã.

Após, foram lidos e aprovados os estatutos e aclamada a seguinte diretoria:

Presidente de Honra, Sr^a. D. Darcy Vargas; Presidente, Dr. Edmundo da Luz Pinto; Primeira Vice-Presidente, Sr^a. Jovita Silva Pinto; Segunda Vice-Presidente, Sr^a. Germana Carneiro Machado; Diretor-Técnico, Dr. Mário Kroeff; Consultor Jurídico, Dr. Prado Kelly; Assistente Eclesiástico, Rev^{mo}. Monsenhor Leovegildo Franca; Consultor Arquiteto, Dr. Dulphe Pinheiro Machado; Secretário Geral, Dr. J. Gomes de Matos; Primeiro Secretário, Sr^a. Ruth Gouvêa Leone, Segundo Secretário, Dr. Barros de Azevedo; Primeiro Tesoureiro, Dr. Mário Moraes Paiva; Segundo Tesoureiro, Dr. B. de Castro; Procurador, Dr. Flávio Penna. Encerrada a sessão, a assembléia aprovou uma moção de apreço e simpatia à Sr^a. Darcy Vargas, pelas relevantes obras de caridade que patrocina nesta capital e agradecimento ao amparo que deu à campanha dos cancerosos.



Discurso do Dr. Mário Kroeff na Associação dos Empregados no Comércio por ocasião da fundação da A.B.A.C.

27-6-1939

Dentre os problemas médico-sociais que, pela sua importância, atraem a atenção de nossa gente, figura indiscutivelmente o do câncer.

Em nossas estatísticas, ele aparece entre os altos coeficientes de mortalidade, vindo pouco abaixo da tuberculose, justamente considerada a mais mortífera das doenças humanas.

Mais de mil óbitos, anualmente, no Distrito Federal, ocorrem por conta do câncer.

Atendendo que a proporção é sempre de um morto anual para cada três portadores de lesões cancerosas, pode-se calcular em três mil o número de doentes existentes nesta cidade, e, em sessenta mil, no território nacional.

Sabe-se que só na Europa, perto de meio milhão de vítimas, anualmente, paga com a vida tributo a este mal. Não será, pois, exagero afirmar que mais de um milhão e meio de seres humanos, são anualmente, arrebatados pelo câncer.

Esta nefasta doença, equiparando-se aos grandes flagelos sociais, com tendência cada vez mais extensiva, parece comprometer até o futuro da humanidade, em sua aspiração de atingir um nível de sanidade cada vez mais perfeito.

Em nobre emulação profissional, os homens de ciência acham-se empenhados na descoberta das causas misteriosas deste mal sorrateiro. E os governos dos países civilizados não regateiam auxílio, fornecendo-lhes os meios de pesquisas e investigações em institutos e laboratórios, aparelhados de todos os recursos.

Uma luta sem tréguas trava-se entre a geração atual e o morbus terrível que ceifa, indistintamente e sem piedade, indivíduos de qualquer raça ou condição social. Se, muitas vezes, surpreende o homem na plenitude de sua vida, habitualmente o fere na velhice, quando tanto carece de existência tranqüila.

Infelizmente, nem as próprias crianças são poupadas, sendo notórios até casos de recém-nascidos, portadores de lesões cancerosas.

O Governo do Presidente Getulio Vargas, vivamente empenhado em atender os problemas que se referem à saúde de nosso povo, tanto sob o ponto de vista de assistência, como de previdência, criou recentemente o Centro de Cancerologia,

destinado à profilaxia e ao tratamento do câncer.

Esse órgão de tratamento já presta, dentro de sua exígua capacidade, relevantes serviços aos cancerosos desamparados de nossa metrópole.

A afluência dos que ali procuram tratamento cresce cada vez mais. Uns bem avisados nos chegam ao primeiro alarme, quando apenas se manifestam os sintomas iniciais de uma lesão suspeita e, por isso mesmo, em período mais favorável à cura.

Outros, por negligência ou ignorância, vêm ao nosso Centro em estado lastimável, já com lesões grandemente avançadas e, portanto, fora de qualquer possibilidade de cura, pelos métodos até hoje conhecidos da medicina.

Os primeiros são pressurosamente internados nas enfermarias, para o devido tratamento, quer pela cirurgia ou eletrocirurgia, quer pelas irradiações. Esta é a verdadeira finalidade do Centro de Cancerologia, que merece ficar bem definida. Ali precisamente reside nossa oportunidade de fazer o bem empregando os recursos profissionais no tratamento dos casos curáveis e trabalhando pelo progresso científico, no terreno da cancerologia. Ali, cumpre-se o principal objetivo do Governo, em relação à cura e à previdência social.

Quanto aos outros já perdidos perante a Ciência, são rejeitados, a fim de não ocuparem os leitos, destinados àqueles ainda suscetíveis de cura.

Esta dolorosa seleção, feita entre gente torturada pelo mesmo sofrimento, confrange, certamente, o coração de quem se vê forçado a praticá-la.

Os rejeitados, ao perceberem que sobre si recai a sentença de um mal irremediável, eles que haviam procurado nosso estabelecimento, como o melhor instalado e onde os pobres encontrariam abrigo, voltam ainda mais desesperançados do que quando para ali se dirigiram, alguns meio trôpegos e outros carregados nos braços de pessoas amigas.

Para não deixarmos ao abandono esses desafortunados, que constituem metade dos casos que ali vão, nós, os médicos do Centro de Cancerologia, convocamos a presente Assembléia, para solicitar-

mos a colaboração de todos, em prol de uma solução adequada à assistência destes náufragos da sorte.

Torna-se urgente a construção de um asilo para acolher os cancerosos incuráveis, proporcionando-lhes um ambiente adequado e os recursos necessários a seus males físicos e morais.



Assistência aos cancerosos

Como vem sendo recebida a campanha patrocinada por D. Darcy Vargas e o grande réveillon em benefício, no Icaraí.

A Batalha, 1-7-1939

Repercutiu, da maneira mais simpática, a notícia da fundação da “Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos” que tem à frente a figura altamente prestigiosa da Sr^a. Darcy Vargas, esposa do Presidente da República. As pessoas atacadas dessa doença e em estado incurável não têm um asilo onde se abrigar, porquanto o Centro de Cancerologia, mantido pelo Governo, se destina ao tratamento dos que apresentam ainda condições de cura e mal dá para o elevado número destes. A Associação agora fundada visa recolher os incuráveis, dar-lhes o alívio de uma assistência médica e moral, levando-lhes o conforto espiritual necessário.

Daí a necessidade imperiosa de construir, imediatamente, um abrigo, com a maior capacidade possível, de vez que, só no Distrito Federal, morrem mil cancerosos por ano. Apenas se divulgou a razão dessa nobre campanha, inúmeros têm sido os oferecimentos de auxílio, mostrando quanto é generoso o coração brasileiro.

Entre esses oferecimentos, consta o do Cassino Icaraí. Devendo inaugurar, no dia 8, sábado, o majestoso prédio do Hotel do Cassino Icaraí, a direção dessa casa destinou toda a renda do réveillon de inauguração à obra de assistência aos cancerosos, realizando, por sua conta, todas as despesas, para

que o resultado seja totalmente revertido em favor daqueles doentes. A diretoria, que tem como Presidente de Honra D. Darcy Vargas; como Presidente, o Embaixador Edmundo da Luz Pinto e como Primeiro Vice-Presidente, a Sra. Américo Silva Pinto, está empenhando seus melhores esforços para o êxito dessa primeira festa de caridade. Os números de arte da noite, o jantar-ceia, a novidade das instalações que se inauguram, constituem atrativos seguros da grande noite do dia 8 de julho.



Assistência permanente aos doentes incuráveis

Organiza-se uma nova instituição médico-social, destinada a amparar os cancerosos.

O Globo, 4-7-1939

O Centro de Cancerologia, sob a direção do professor Mário Kroeff, empenhado como está numa intensa campanha contra o câncer, doença que preocupa cada vez mais a atenção de nossos cientistas pelo crescente aumento entre nós, reuniu elementos de nossa sociedade para expor-lhes um interessante plano de assistência aos cancerosos incuráveis. O serviço ora existente destina-se a atender somente aos doentes passíveis de cura, pelos métodos atuais: cirurgia, eletrocirurgia e irradiações.

– Se bem que duas terças partes dos casos que nos procuram, disse o Dr. Mário Kroeff, encontram-se em período avançado da doença, sem probabilidade de cura, nem por isso devemos abandoná-los à própria sorte. É um dever de humanidade proporcionar, a esses infelizes, pelo menos um alívio a suas dores físicas e um consolo a seus sofrimentos morais, pois o canceroso é um doente que, pela natureza dos terríveis sintomas que apresenta, não pode permanecer em abandono. Em casa, não encontrará recursos de que necessita, para lenitivo das dores, hipnóticos e sedativos, nem os curativos para as suas chagas.

Festival do Cassino Icaraí em benefício dos cancerosos

8-7-1939

A comissão, adiante assinada, com o objetivo de construir um asilo destinado a acolher os cancerosos incuráveis e filiados ao Centro de Cancerologia, pede a colaboração de V. Ex^a. para esta obra humanitária e profundamente piedosa.

Devendo realizar-se, por ocasião da inauguração do HOTEL E CASSINO ICARAÍ, um révellion nos grandes salões do seu GRILL, e tendo sido destinada a renda total dessa noite à Campanha em prol do Asilo, a Comissão espera poder contar com a presença de V. Ex^a. cujos sentimentos de generosidade a autorizam a enviar os ingressos juntos.



A comissão

Senhoras

Annes Dias
Armando Alencar
Arthur dos Anjos
Benjamin Vargas
Berbert de Castro
Carmen Amoroso Hermany
Carmen Siqueira
Carmen Landin
Corina Ferreira Vianna Barbedo
Dolabella Portela
Dulphe Pinheiro Machado
Fernando Seguíer
General Isauro Reguera
General Benicio da Silva
Gervasio Seabra
Glorinha Frontin Muniz Freire
Henrich Kunning

Irineu Marinho
Iracema Garcia Braga
Ilka Labarte
José Carneiro Machado
Jesuino de Albuquerque
Jose Pires Rabello
Jovita Silva Pinto
Juvenal Murtinho
Lourdes Gomes de Mattos
Maria Athenais Macêdo
Mario Pareto
Ministro Barros Barreto
Ministro Oswaldo Aranha
Ministro Mendonça Lima.
Miguel Calmon Vianna
Nininha Laport
Rodrigo São Paulo
Ruth Gouveia Leoni
Renaut Lage
Regina Lafayete da Silva
Wanda Veiga Wilberg

Senhoritas

Lucilia Souza Ribeiro
Lia Veiga
Olga Costa Leite
Edy Alves Pereira

Senhores

Dr. Adalberto Aranha
Dr. Amadeu Fialho
Dr. Arminio Fraga
Dr. Antonio Leite Correia
Dr. Benjamin Reis Junior
Carlos Bayma de Oliveira
Dr. Celso Kelly
Dr. Chermont de Brito
Dr. Cypriano Lage

Dr. Edmundo da Luz Pinto
 Dr Elmano Cardin
 Dr. Francisco de Sá Antunes
 Flavio Meira Penna
 Dr. Heitor Beltrão
 Dr. Herbert Moses
 Henrique Arieta
 Dr. J. Baptista Canto
 Dr. João Pinheiro
 Dr. Jorge Kanitz
 Dr. J. Gomes Mattos
 Dr. Luiz Simões Lopes
 Dr. Luiz Aranha
 Dr. Luiz Vergara
 Dr. Manuel de Abreu
 Dr. Manoel Ferreira Guimarães
 Dr. Manoel Mendes Campos
 Dr. Mário Mores Paiva
 Dr. Mário Kroeff
 Dr. Mattos Pimenta
 Dr. Nabuco de Gouveia
 Dr. Oscar Argollo
 Dr. Octavio Pinto Guedes
 Dr. Plinio Costa Gama
 Dr. Prado Kelly
 Pedro Camargo
 Dr. Philadelpho de Azevedo
 Dr. Paulo Proença
 Dr. Rodolpho Josetti
 Dr. Raphael Galvão
 Dr. Sebastião Leão
 Dr. Sérgio Barros de Azevedo
 Dr. Salgado Filho
 Dr. Tigre de Oliveira



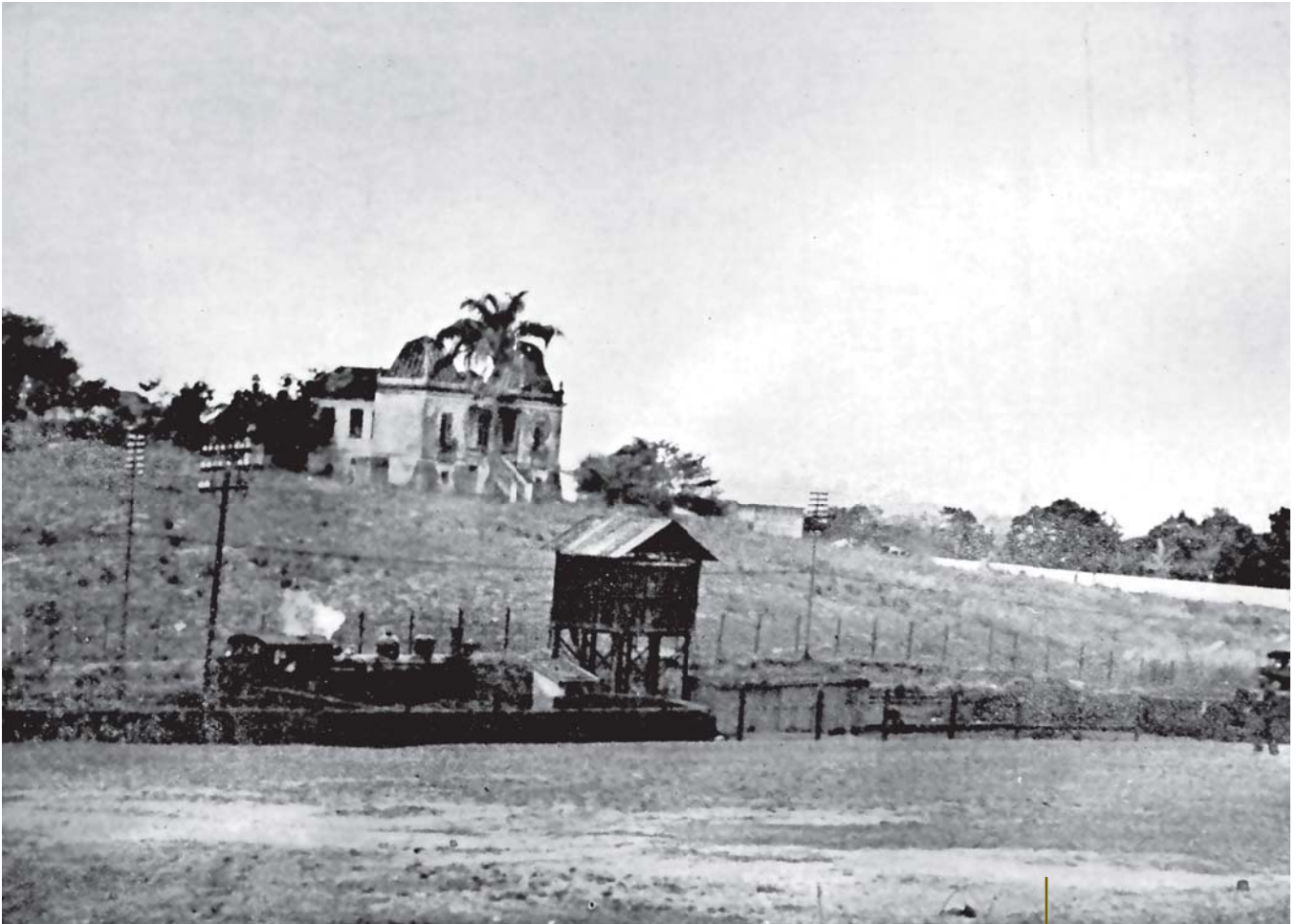
“A cruzada da esperança”

Carlos D. Fernandes

A Noite, 9-7-1939

Os juízos superficiais que emiti em meu despretensioso artigo “Campanha do Câncer” – derivam-se de meu conceito leigo desta terrível enfermidade, a quem pagamos o pesado tributo de mais de mil vidas humanas, só no Distrito Federal. Agora, podendo ler o excelente discurso, proferido pelo Dr. Mário Kroeff, na reunião ocorrida no salão da Associação dos Empregados no Comércio, para fundação da Sociedade Brasileira de Assistência aos Cancerosos, capacito-me de que minhas espantadas afirmativas estão muito aquém da tremenda realidade que aquele provector cientista vem estudando há mais de cinco lustros, com acurado empenho e entusiasmo filantrópico.

Embora recrute suas vítimas em todas as camadas sociais de todos os países, essa horrível moléstia não é de natureza a oferecer vantagens a seus especialistas. Assim, pois, o Sr. Dr. Mário Kroeff só se tem consagrado a tais penosas observações, no interesse impessoal de socorrer a espécie humana, servindo simultaneamente aos humanitários fins da ciência médica. Essa gratuidade de seus altos préstimos aureola de rara benemerência seu esforço, sua tenacidade, sua abnegação, conjugados no sentido de minorar os males humanos, prodigalizando suas luzes a quantos delas precisem, naquela aflitiva emergência. Por isso mesmo é que, transpondo os limites da sua clínica e docência cirúrgica, o Prof. Mário Kroeff, secundando o arguto pensamento do Ex^{mo}. Sr. Dr. Getulio Vargas, se pôs às ordens para o coadjuvar na recente fundação do Centro de Cancerologia, sábia medida do Governo, pela qual podemos medir o raio do perigo que nos trabalha *intra muros*.



*Asilo da Associação Brasileira de Assistência
aos Cancerosos, sito na Rua Magé 326, na Penha*

Sempre dominado por esses sentimentos de altruísmo, o prof. Mário Kroeff dispôs-se à imediata fundação daquela entidade pia, que, acertadamente, colocou sob os auspícios da Exma. Sr.^a Getulio Vargas.

Foi mesmo essa ilustre Dama quem presidiu à prefalada sessão, na qual se fez ouvir o prof. Mário Kroeff, expondo, com clareza e competência, o problema do câncer, na plenitude de seus horrendos e impressionantes consecutórios. Aludindo à pavorosa letalidade dessa espécie nosológica, assim nos fala o autorizado mestre:

Atendendo a que a proporção é sempre de uma morte anual para cada três portadores de lesões cancerosas, pode-se calcular em 3 mil o número de doentes existentes nesta cidade, e em 60 mil, no território nacional.

Sabe-se que só na Europa, perto de meio milhão de vítimas anuais paga com a vida o tributo a este mal. Não será, pois, exagero afirmar que mais de um milhão e meio de seres humanos são anualmente arrebatados pelo câncer.

Esta nefasta doença, equiparando-se aos grandes flagelos sociais, com tendência cada vez mais extensiva, parece comprometer até o futuro da humanidade, em sua aspiração de atingir um nível de sanidade cada vez mais perfeito.

Em nobre emulação profissional, os homens de ciência acham-se empenhados na descoberta das causas misteriosas deste mal sorrateiro. E os governos dos países civilizados não regateiam auxílios, fornecendo-lhes os meios de pesquisas e investigações, em institutos e laboratórios aparelhados de todos os recursos.

Referindo-se, mais além, à exigüidade do Centro de Cancerologia, cuja vigência veio, em boa hora, demonstrar o enorme encargo que suportamos de tais enfermos, o Prof. Kroeff, que não é um temperamento hiperbólico, assim nos traceja o quadro desta infanda realidade.

Este órgão de tratamento (o Centro) já presta, dentro de sua exígua capacidade, relevantes serviços aos cancerosos desamparados de nossa metrópole.

A afluência dos que ali procuram tratamento cresce cada vez mais.

Uns, bem avisados, nos chegam ao primeiro alarme, quando apenas se manifestam os sintomas iniciais de uma lesão suspeita, e, por isso mesmo em período mais favorável à cura.

Outros, por negligência ou ignorância, vêm ter ao nosso Centro em estado lastimável, já com lesões grandemente avançadas e, portanto, fora de qualquer possibilidade de cura, pelos métodos até hoje conhecidos da medicina.

Os primeiros, são pressurosamente internados nas enfermarias, para o devido tratamento, quer pela cirurgia ou eletrocirurgia, quer pelas irradiações. Esta é a verdadeira finalidade do Centro de Cancerologia, que merece ficar bem definida. Ali precisamente reside nossa oportunidade de fazer o bem, empregando os recursos profissionais no tratamento dos casos curáveis e trabalhando pelo progresso científico no terreno da cancerologia. Ali, cumpre-se o principal objetivo do Governo em relação à cura e à previdência social.

Não podia ficar mais bem definida a ação do governo nesta urgente campanha de salvar os cancerosos curáveis, salvando, assim, de uma perdição mais ou menos iminente, vidas preciosas, que restauradas, poderão trazer ao país a eficiência de seu trabalho. Há, entretanto, a oposta falange compungente dos incuráveis, que fora inominável dureza abandonar à consumação de um tão comovente destino. Quer-me parecer que o sodalício a que preside a enternecida simpatia da Exma. Sr.^a Getulio Vargas se destina exclusivamente a estes pobres doentes desenganados, aos quais devemos, por isso mesmo, escancarar as portas da Esperança. Assim é que o art. 2º do Estatuto se concebe por estes termos, nos quais se descobre aquela finalidade:

Art. 2º – A sociedade tem por fim:

a) organizar, sob o ponto de vista material médico e moral, a assistência aos doentes de câncer, que se acharem necessitados de seu amparo;

b) colaborar, como pessoa jurídica de direito privado, com o “Centro de Cancerologia”, na forma que for convencionada, assumindo principalmente, o encargo de asilar os cancerosos incuráveis em estabelecimento apropriado, que se denominará...

Parágrafo único – Ao lado do amparo material e do conforto afetivo e religioso, a sociedade terá por objetivo minorar o sofrimento dos cancerosos incuráveis, ministrando-lhes os meios terapêuticos adequados, curativos ou calmantes.

Como se vê da letra (b) do citado art, ainda não está assentada a denominação do futuro estabelecimento, para cujas despesas já o Cassino de Icaraí trouxe a sua brilhante, generosa cooperação.

Em certa altura de seu belo discurso, o Prof. Mário Kroeff assim define sua presença de “meneur” nesta “Cruzada da Esperança”, em cujas fileiras se deverão alistar todos aqueles que um feroz egoísmo não empederniu, em face das compungentes dores humanas. Deixando, por um momento, a fria mas tocante austeridade dos raciocínios científicos, o Professor Kroeff dá largas à sensibilidade de seu bem formado coração e de seu afetuoso caráter, nestes termos sobremodo comunicativos:

Os médicos, levados pela profissão a privarem continuamente com o sofrimento humano, assistem com os olhos e também às vezes com o coração, mais do que outros quaisquer, a estes quadros tristes das misérias do mundo.

Os acasos da vida nos conduziram a conviver mais de perto, diariamente, com as vítimas desse mal terrível, que num desespero de causa, vêm ter ao nosso Serviço. Eis por que, parte, hoje, de nós o apelo de misericórdia.

Os que têm alegria, porque gozam saúde sob um teto familiar e fartura na mesa, não recusarão, por certo, um donativo mensal de poucos mil réis, concedidos em favor dos cancerosos, para minorar as dores que os torturam, e oferecer um leito onde possam morrer mais humanamente.

Que os corações bem formados não fujam aos imperativos da generosidade.

A filantropia enaltece o espírito e embeleza a vida dos que a praticam.

Nós seremos simples intermediários nesta santa missão; quem dá é que se enobrece e tanto mais, quanto maior for a necessidade de quem recebe.

Foi para o desempenho desta obra benemérita, que convocamos todos os que, hoje, aqui, nos honram com sua presença.

Tais são as causas sentimentais, as bases científicas, os imperativos de conservação nacional, os deveres de piedade humana que se englobam nesta auspiciosa “Cruzada da Esperança”, que uma tão grata e gentil senhora patrocina, estendendo seu prestígio intrínseco à útil e ardorosa iniciativa de um de nossos mais notáveis cirurgiões e doutos especialistas.

De modo algum, será possível que uma lembrança tão caridosa deixe de medrar e estender sobre nosso país seus enormes e improrrogáveis benefícios, por minguar de uma generosidade que, para o caso, sabemos congênita, em todos os brasileiros e hóspedes nossos, aqui vindos e fixados por estas afinidades morais. Já temos o bom exemplo do cassino de Icaraí, e que outros, certamente, seguirão escrevendo, assim, na história de nossa assistência social uma de suas páginas imperecíveis pela grandeza espiritual.

Apoio do Sr. J. Martinelli à campanha contra o câncer

Rio de Janeiro, dezembro de 1941.

Ex.^{mo} Sr. Comendador J. Martinelli

Respeitosas saudações

Agradeço a missiva, datada de 2 de novembro, p. passado, pela qual V. Exa. me faz árbitro da aplicação dos favores concedidos aos cancerosos.

Os gestos filantrópicos de V. Exa., colocando à disposição do Diretor do Serviço Nacional de Câncer tão valiosa doação, destinada a auxiliar a campanha contra o câncer, em hora iniciada pelo Governo, é desses que jamais se apagam da gratidão pública.

Com efeito, não poderiam ter melhor destino os fundos, nobremente distribuídos, e que servirão para perpetuar o nome de V. Exa. como benfeitor da humanidade.

Doença, insidiosa, traiçoeira, que entre suas vítimas não distingue sexo, idade, raça, nem categoria social, o câncer constitui flagelo dos mais apavorantes e por isso mesmo tem merecido em todos os países civilizados especial atenção por parte dos Governos e dos homens dotados de fortuna e de sentimentos de humanidade.

Pode ter a certeza, Sr. Comendador, de que sob qualquer aspecto da luta contra o câncer e onde quer que sejam distribuídos os frutos da grandiosa dádiva de V. Exa., incalculáveis serão os benefícios prestados aos infelizes cancerosos, que curtem dores da doença atroz que lhes corrói o corpo e lhes confrange a alma, com a idéia do irremediável, muita vez por falta dos custosos meios de

cura. Contam-se aos milhares os desamparados que anseiam por um meio de alívio.

Bem haja os homens que sabem ganhar para repartir! Quem dá aos que sofrem deve sentir a alma enobrecida e tanto mais quanto maior for a necessidade dos recebem.

Respeito a maneira de ser aplicada a doação, tomo a liberdade e de apresentar algumas sugestões das quais V. Exa. poderá escolher a que mais aprover.

a) Aquisição de radium, precioso elemento de cura, para ser distribuído eqüitativamente, aos Estados da União. Serviria para estimular a criação de órgãos de tratamento em todo o País.

b) Instalação de um pequeno instituto de pesquisa, do qual poderiam surgir estudos de valor, sobre as origens do câncer e seu tratamento.

c) Instalação de um centro de tratamento dotado de todos os recursos modernos, para atender aos recuperáveis.

d) Fundação de um asilo destinado a acolher os cancerosos desamparados, já sem esperanças de cura, com o fim de minorar-lhes os sofrimentos físicos e morais, quer no sedativo da morfina, na cirurgia da dor ou no conforto religioso.

Qualquer dessas realizações poderá concretizar-se com menos de 2 mil contos.

Como preito de justiça e homenagem ao doador, estou certo de que os doentes beneficiados hão de ligar o nome de Martinelli à nobre iniciativa.

Subscrevo-me com estima e admiração.

(ass.) Mário Kroeff.”



Aspecto da entrada principal do Asilo da Penha, vendo-se, além de um grupo de doentes, o corpo de enfermagem e funcionários que ali trabalham

Há cura para os cancerosos

O que importa é que sejam atendidos a tempo – Grandes institutos criados em vários países para a luta contra o mal – Asilo para os doentes do Brasil – Numa colina da Penha com todas as instalações necessárias – Como falou ao *A Noite* o Sr. Mário Kroeff

A Noite, 21-8-1943

Mais uma iniciativa humanitária se concretiza: a Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos vai ter o seu asilo.

O asilo se instalará na Penha, numa propriedade disposta sobre uma colina, a fim de abrigar os cancerosos tidos hoje como incuráveis, enquanto o Serviço Nacional de Câncer continuará a atender aos doentes cujas lesões ainda são passíveis de cura.

A respeito dessa nobre realização, fomos ouvir o Dr. Mário Kroeff, Diretor-Técnico do novo asilo.

Para os que não têm possibilidade de cura

“Na luta contra o câncer” – disse-nos Dr. Mário Kroeff – “uma apreciável percentagem de doentes já pode alcançar a cura pelos meios atuais de tratamento recomendados pela ciência médica. Isso, naturalmente, na condição de serem atendidos a tempo. Sob esta orientação, as nações civilizadas têm criado grandiosos institutos destinados à cura dos afetados e à pesquisa sobre as origens do mal. Acontece, porém, que grande é o número dos que, por negligência, ignorância ou receio infundado, recorrem demasiado tarde aos benefícios da medicina. Esta percentagem avulta entre nós, dadas as circunstâncias da extensão territorial, à escassez dos meios de transporte e à falta de centros especializados, no País, para diagnóstico e tratamento da doença. Às portas do Serviço Nacional de Câncer, provisoriamente instalado na Rua Conde de Lages, 54, diariamente aflui uma legião de doentes que vai à busca dos recursos que o Governo ali instalou para atender aos desamparados. Metade, infelizmente chega tarde, já fora de qualquer pos-

sibilidade de cura pelo avançado das lesões. Diante desses infelizes, confrange-se-nos o coração, na hora de recusa de um abrigo, desfazendo-lhes as esperanças com a nossa negativa. Seria furtar uma chance aos curáveis, em troca de acolhida aos desengañados, com a subsequente paralisação de toda aquela custosa maquinaria de tratamento.

Para contornar o problema, foi dado, ontem, um passo concreto na iniciativa de se atender à situação aflitiva destes que não dispõem de meios para aliviar suas penas, nem para pensar suas chagas, nem mesmo um vislumbre de torna-viagem, em que poderiam contar com o afeto dos que lhes são caros, no suavizar das dores, já que foram frustrados os meios de salvação. A Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos torna realidade a sua humanitária adaptação, lavrando agora, no Tabelião Werneck, a escritura de aquisição de uma propriedade, situada na Penha, com terreno de 11 mil m², disposta numa colina, com prédio ainda aproveitável para instalação de um abrigo, destinado a asilar os cancerosos, tidos hoje como incuráveis.

Esta instituição, de iniciativa particular, conseguiu angariar no espaço de dois anos, os fundos necessários para essa compra e contar, a mais com o auxílio de um benemérito, o Dr. Antônio de Almeida Gonzaga Junior, que contribuiu com valioso donativo de 100 mil cruzeiros para completar essa aquisição. Os promotores de tão nobre iniciativa, tendo à frente a excelsa figura da Sr.^a Darcy Vargas, a Sr.^a Jovita Silva Pinto e os Srs. Edmundo da Luz Pinto e Mário Kroeff, respectivamente Presidente e Diretor-Técnico do asilo, ao lado de outros esforçados colaboradores, esperam contar com a reconhecida generosidade do público para custear a manutenção do asilo e ampliar sua atual capacidade, construindo pequenos pavilhões esparsos pelo vasto terreno, que transformará em colina da dor e da misericórdia, estando na fachada o nome dos seus maiores benfeitores. Reunindo-se a estes, a Associação encomendou mais quatro. Foi pedida a colaboração do Horto Florestal no sentido de ser feito um plano de arborização e ajardinamento.

A sede provisória da Associação de Assistência aos Cancerosos encontra-se na Rua Conde de Lages, 54, telefone 42-5836, para receber as adesões a esta obra de solidariedade humana.



Apelo dirigido à Legião Brasileira de Assistência

“Ex.^{mo} Sr. Presidente da Legião Brasileira de Assistência:

Dezembro de 1943

A Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos, Sociedade Civil, com sede e foro nesta Capital, cujos estatutos foram aprovados pela Assembléia Geral, realizada em 27 de junho de 1939 e também registrada sob o número de ordem 1388, no Livro A nº 2 do Registro de Títulos e Documentos do Distrito Federal, 1º ofício, vem à presença de V. Sa. de acordo com as conversações anteriores entre a Diretoria da referida Associação e a Exma. Sr.^a Dona Darcy Vargas, expor o que se segue:

É do conhecimento geral que o câncer é um grande flagelo, cujas cifras de mortalidade são cada vez mais progressivas e assustadoras!

Os infelizes cancerosos, em período de adiantada evolução da doença têm, na Capital da República, um estabelecimento próprio para abrigá-lo, para lhes minorar os sofrimentos físicos e morais.

O próprio Serviço Nacional de Câncer não dispõe, presentemente, de instalações para estes casos adiantados. Não seria justo, também, que em detrimento dos que ainda se acham em período de curabilidade, fossem lhes tomar os leitos, os inoperáveis, portanto, incuráveis. A tarefa ingente do Serviço Nacional de Câncer é salvar os que, mais previdentes, cedo apelaram para seus recursos.

Portanto, como declarou a Sr.^a Presidente dessa Casa que só auxiliaria a Campanha de um asilo quando esta já fosse realidade, é agora chegado o momento de agir.

A ABAC adquirirá seu asilo, negociação esta praticamente resolvida.

Assim sendo, espera a ABAC que as promessas da LBA sejam concretizadas no sentido do seu pronto auxílio a esta humanitária obra, de acordo com o programa e a orientação da benemérita Instituição.

Nestes termos: E. D. – (ass.) Edmundo da Luz Pinto – Presidente.”



Assistência aos cancerosos desamparados

Inaugura-se o Asilo da Penha

Do noticiário dos jornais
- 31 de janeiro de 1944

A propósito da inauguração do ASILO DA PENHA, amanhã, 1º de fevereiro, na Rua Magé, 326, fomos ouvir o Dr. Mário Kroeff, Diretor do Serviço Nacional de Câncer e um dos promotores dessa humanitária Instituição, o qual nos prestou as seguintes informações:

Destina-se este estabelecimento, de iniciativa particular, a acolher os cancerosos que, pelo adiantado de suas lesões, não podem ser recebidos nos hospitais gerais, nem mesmo no Serviço Nacional de Câncer.

Com a falta de leitos, existente entre nós, o canceroso inoperável, ante as chagas que apresenta e a idéia do irremediável, tornou-se verdadeiramente um doente indesejável nos meios hospitalares. Daí a imperiosa necessidade de se criar um ambiente apropriado, misto de medicina e devoção.

Em nosso Asilo, esses infelizes terão lenitivo para suas dores e os indispensáveis curativos diários, que lhes darão, ao menos, o grato sentimento de não se acharem abandonados. Encoberto o aspecto desagradável de suas lesões e reconfortados

com presença do médico, encontrarão, por certo estes infelizes um relativo bem-estar, sentindo refeitas as esperanças.

Ao lado de assistência de ordem médica, haverá outra não menos meritória: amparo afetivo e religioso, a cargo de pessoas que, por vocação ou por pertencerem a ordens religiosas, queiram dedicar suas horas de ação espiritual em benefício dos desesperançados.

Tudo, dentro da idéia de se fazer renascer esperanças terrenas e celestes a estes atribulados, que se sentem presas do terrível mal.

Organização de iniciativa privada, a instituição visa colaborar com o Serviço Nacional de Câncer e com os poderes públicos, tomando a si o encargo de asilar os que se acham fora das possibilidades da terapêutica curativa, desafogando a superlotação existente, nos hospitais gerais.

A idéia partiu de todos nós que temos a atividade profissional vinculada pelo contato diário com essas criaturas que nos procuram e são rejeitadas às portas dos hospitais.

É um problema de coração que toca, profundamente, a todo aquele que for dado assistir.

Foram os médicos do antigo centro de oncologia que fundaram em 1939 a Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos em memorável Assembléia da qual participou a Exma. Sr.^a, Darcy Vargas, eleita Presidente de Honra; a diretoria, que muito tem trabalhado conosco, para a constituição do Asilo, ficou assim constituída:

Presidente: Edmundo da Luz Pinto;

1º Vice-Presidente: Jovita Silva Pinto;

2º Vice-Presidente: Iracema Garcia Braga;

Diretor-Técnico: Dr. Mário Kroeff;

Secretário-Geral: Dr. Sérgio Azevedo;

2ª Secretária: Sr.^aRuth Gouvêa Leoni; e

Tesoureiros: Dr. Mário Paiva e Sr.^a Berbert Castro.

Com fundos angariados do público à custa de contribuições mensais, entre os quais contamos al-

gumas doações importantes, a ABAC adquiriu na Penha Circular um terreno de 11 mil m², com um prédio que foi adaptado em Asilo.

Merece destaque a cooperação do Sr. Antonio de Almeida Gonzaga Junior, que nos concedeu para essa aquisição, o auxílio de cem mil cruzeiros.

Inestimável tem sido também o apoio moral e material, dispensados a esta obra, pela sua Presidente de Honra, Sr.^a Darcy Vargas, justamente tida como a “madrinha dos cancerosos”.

A semente foi lançada e a idéia torna-se realidade. Nova era promissora de maiores projetos abriu-se há pouco dias para nós com a grandiosa doação do Comendador Martinelli.

Outros gestos de generosidade virão certamente após este, pois a filantropia enobrece o espírito e embeleza a vida dos que a praticam.



Inaugurado mais um hospital para cancerosos

Para atender aos enfermos da Penha Circular – Presentes representantes da Sr.^a Darcy Vargas, do Ministro da Educação, do Prefeito do Distrito Federal

A Noite, 1-2-1944

Com a presença de representantes da Sr.^a Darcy Vargas, do Ministro da Educação e do Prefeito do Distrito Federal, do Sr. José Martinelli, do Sr. Edmundo da Luz do Pinto e de várias outras personalidades, realizou-se hoje a inauguração de um novo hospital, para cancerosos, situado na Penha Circular. O novo hospital é uma casa de tamanho regular, e pode atender, satisfatoriamente, aos cancerosos. Atualmente, ela tem capacidade para atender a cerca de 15 leitos. Futuramente será construída uma ampliação do hospital.

A solenidade iniciou-se com a palavra do Dr. Mário Kroeff. Em seguida fez uso da palavra a Sr.^a Camila Furtado Alves, que representou a Sr.^a

Darcy Vargas no ato. Inicialmente, disse que estava ali para representar a Sr.^a Darcy Vargas por meio de suas mais inequívocas demonstrações de bondade e solidariedade para com a dor alheia. Assegurou, em seguida, que a Primeira-Dama do país prometera amparar o novo hospital, como de resto já vinha fazendo com outros. E finalizando, após historiar os serviços prestados pela Sr.^a Darcy Vargas em benefício dos que sofrem, desejou que pudesse aquela casa corresponder às altas finalidades para as quais fora criada.

Foi o seguinte o discurso proferido pelo Dr. Mário Kroeff:

“O câncer, angustiante problema da humanidade, a todos traz em continua inquietação. Ceifando vidas aos milhares, até agora conserva oculto o seu modo de destruir o ser humano, a sua preferência na escolha das vítimas e o motivo de sua crueldade no extinguir uma vida.

Eis por que o público procura noções sobre a doença e deseja instruir-se sobre os meios de defesa; os homens de ciência consomem uma existência na faina dos laboratórios; as sociedades médicas tomam atitudes em face de um perigo iminente; os homens de fortuna fazem doações para combater o flagelo; os Governos, na responsabilidade de orientar os destinos dos povos criam institutos para estudo da doença e amparo das vítimas do mal; enfim, os técnicos aperfeiçoam as máquinas de cura; a cirurgia esmera-se nos processos de erradicar a doença; todos convictos de que, nesta luta sem tréguas, a vitória há de caber à perseverança humana.

Infelizmente, pela nossa extensão territorial e precariedade de meios de transporte, pelo baixo nível econômico de nossa gente, pelo analfabetismo reinante entre muitos, enorme é o número dos afetados que só tardiamente apelam para os recursos da medicina, quando estas já se tomaram impotentes pelo adiantado das lesões. No entanto, desumano seria deixar ao abandono estes miseráveis, embora inútil seja o emprego dos meios de cura. O canceroso, mais que qualquer outro enfermo, sofre quando se aproxima o termo de sua

desventurada existência: tem dores e tem chagas.

Daí, surge para nós um problema de coração, misto de sentimento e medicina. Ligado pelo exercício profissional e pelo cargo que ocupamos, à sorte dos inoperáveis, rejeitados aqui e ali, às portas dos hospitais, cumpria-nos o dever de proporcionar a estes infelizes um ambiente no qual pudessem encontrar assistência de ordem médica e afetiva.

Foi assim que nasceu a Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos, iniciativa dos médicos do antigo Centro de Cancerologia, logo apoiada por elementos de escól da nossa sociedade que constituem sua diretoria.

E nossa humanitária aspiração concretiza-se hoje com a inauguração deste Asilo, semente de uma obra fadada a crescer e prestar inestimáveis serviços à causa dos cancerosos desamparados. Assistir os doentes para reintegrá-los, recuperados, na economia nacional é dever precípua do Estado, mas asilar os perdidos para lhes dar assistência afetiva e religiosa cabe a todos nós, pelo sentimento de solidariedade humana.

Nós seremos simples intermediários; quem dá é que se enobrece e tanto mais quanto maior for a necessidade dos que recebem.

Os médicos, mais que quaisquer outros que exerçam outras profissões, já repartem com os que sofrem muito de seu esforço e de seu carinho, compartilhando também, às vezes, de suas penas.

Todos devem colaborar nesta obra de benemerência e fraternidade humana, auxiliando a proteger estes náufragos da sorte.

A filantropia enaltece o espírito e embeleza a vida dos que a praticam.

Acolher um canceroso para cercá-lo de um ambiente de conforto é dever de humanidade: levantar-lhe o espírito, criando atmosfera de esperança e consolo religioso é tarefa de caridade evangélica.

Aqui, ante os que sofrem, é preciso realçar os nomes de três grandes benfeitores desta obra nobilitante: a Exma. Sr.^a Darcy Vargas, cujo carinhoso interesse para com as vítimas do mal terrível, tor-

nou-se “madrinha dos cancerosos”; o Sr. Antônio de Almeida Gonzaga Junior, que espontaneamente concorreu para aquisição desta propriedade com importância superior a 100 mil cruzeiros; e, finalmente, o Sr. Martinelli, que, num gesto de louvável filantropia, acaba de pôr à disposição do Governo a vultosa doação de 5 milhões de cruzeiros a título de cooperação, na obra que se realiza, aqui e em São Paulo, para assistência aos cancerosos.

Ao terminar devemos ainda agradecer ao Sr. Edmundo da Luz Pinto, às Sras. Jovita Silva Pinto, Iracema Garcia Braga, Ruth Gouvêia Leoni, Camila Furtado Alves, e aos Srs. Sérgio Barros de Azevedo, Mário de Moraes Paiva, Prado Kelly e tantos outros que vêm colaborando nesta obra de piedade cristã.

Prazam aos céus que se ampliem os tetos acolhedores desta casa, que se abram livremente as suas portas para receber os que sofrem.

Estes são os votos que formulamos ao dar entrada ao primeiro enfermo.”



A felicidade e a dor

“Aqueles que têm passado pela vida alheios aos mais leves sofrimento deveriam visitar esta instituição para saber aceitar com tolerância e resignação os reveses da vida e experimentar a suave satisfação que nos traz a prática do bem” – como falou o Dr. Mário Kroeff no Asilo da Penha para Cancerosos.

A Noite, 2-2-1945

Comemorando a passagem do 1º aniversário de sua fundação, realizou-se no Asilo da Penha para Cancerosos, na Rua Magé, 326, expressiva solenidade. Foi inaugurado ali o retrato do Dr. Mário Kroeff, Diretor-Técnico da Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos, e, com justiça considerado um dos grandes benfeitores daquela instituição. O ilustre especialista brasileiro é, ainda, Diretor do Serviço Nacional de Câncer.

Em nome das “patronesses” e da diretoria da Associação, a Sr.^a Camila Furtado Alves falou, enaltecendo os benefícios que à Instituição vêm proporcionando o Dr. Mário Kroeff, assistindo com zelo e devotamento todos que não têm recursos próprios, para aliviar seus sofrimentos. A oradora transmitiu, também, uma mensagem da Sr.^a Darcy Vargas, hipotecando o conforto de seu apoio àquela obra meritória em prol dos cancerosos. A ilustre dama, como se sabe, vem prestando relevantes serviços à Instituição.

Como falou o Dr. Mário Kroeff

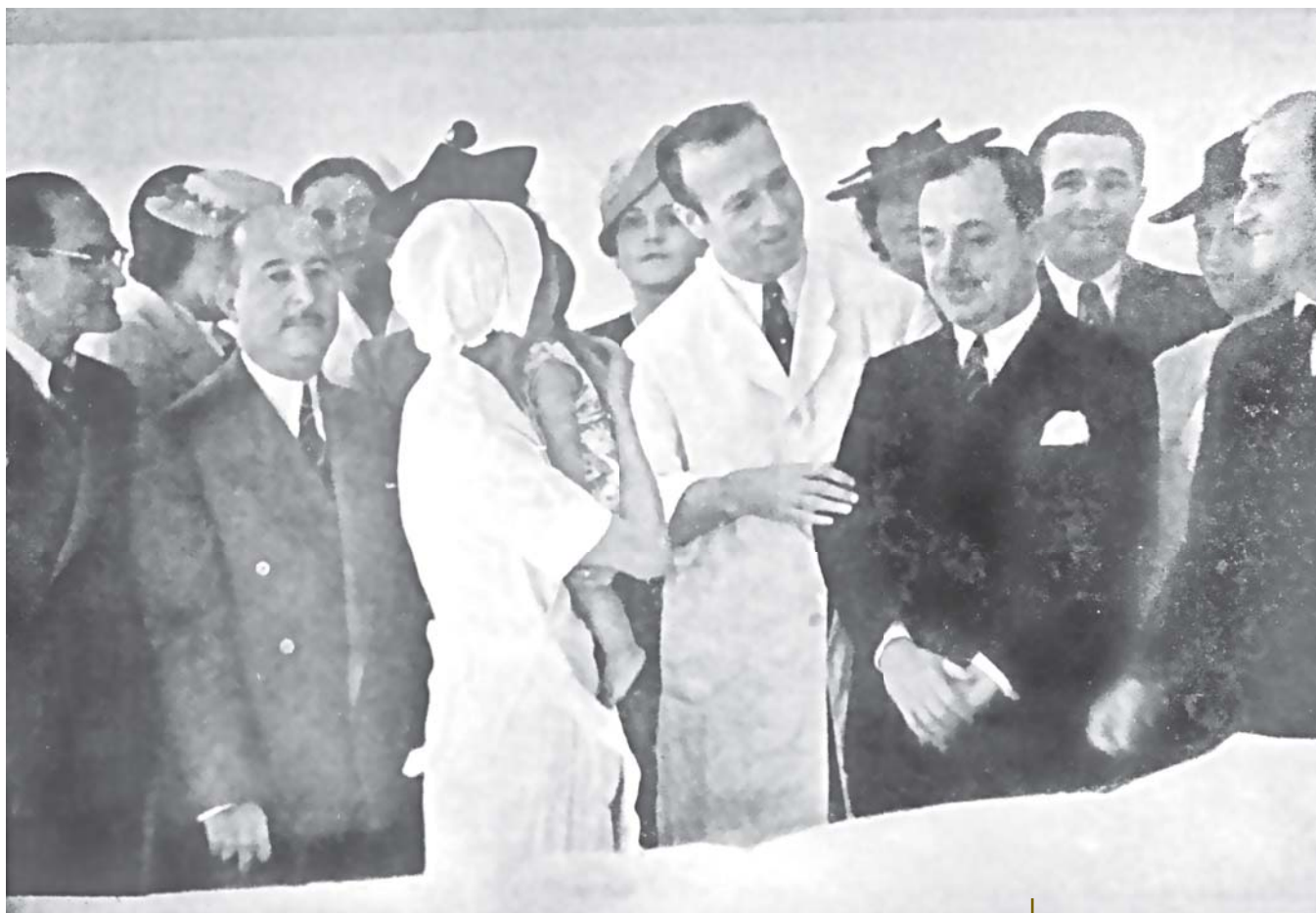
Agradecendo a homenagem que era prestada, o Dr. Mário Kroeff pronunciou o seguinte discurso:

“Faz hoje precisamente um ano que inauguramos este Asilo, dando entrada a algumas criaturas minadas pela doença. Eram doentes rejeitados às portas dos hospitais pelo adiantado de suas lesões. Apela-ram tarde demais para os recursos da medicina.

Ante aquele espetáculo do irremediável, profunda emoção nos invadiu, de súbito, o íntimo da alma e, alguns dentre os presentes àquela cerimônia, não contiveram as lágrimas, num misto de piedade e, por certo, de consciência de um dever cumprido na colaboração em obra tão humanitária.

Esta casa, este local de recolhimento, custou à Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos cinco anos de constantes apelos à caridade pública, angariando, aqui e ali, pequenos donativos que perfizeram a soma necessária às bases fundamentais do bem. A semente está lançada e, a Instituição há de perdurar, no transcorrer dos anos, pela sua nobre finalidade. Será mantida pelos que vierem depois de nós, animados da mesma comiseração, para aqueles que não têm leito, onde terminar penosa existência.

O médico e a enfermeira que lidam com os cancerosos não só adquirem a consciência da intensidade da dor, como a sentem também de outra forma, em seu próprio ser. O coração oprime-se como reflexo do sofrimento alheio! E a conseqüência é



M
Membros da Associação Brasileira de
Assistência aos Cancerosos visitam o Centro de
Cancerologia, vendo-se o Dr. Edmundo da Luz
Pinto, Dona Jovita da Silva Pinto, Mário de Moraes
Paiva e Mário Kroeff, respectivamente presidente,
vice-presidente, tesoureiro e diretor-técnico.

sentir, enquanto não der alívio ao que sofre. Entretanto essa natural compaixão do médico não implica aceitar a dor, como necessário instrumento de elevação espiritual. Ele a combaterá sem tréguas, com os progressos da medicina, esperando algum dia torná-la anomalia acidental da vida humana.

Felizes não são aqueles que têm as mãos cheias de ouro e o coração vazio de sentimento!

São os que, no esplendor da vida material, não deixam de espalhar a doçura do amor, o bálsamo da estima, o consolo da fraternidade!

São os que têm os olhos voltados para o mundo dos que sofrem, minorando as suas penas!

Se todos pudessem compreender o profundo sentido da palavra piedade – esta que dá pão ao pobre, a mão ao cego, consolo ao triste, carinho ao órfão, remédio ao enfermo – a vida seria mais digna de ser vivida!

Se os homens soubessem transformar em esmola o supérfluo de sua fortuna acumulada, haveria mais esperança e mais fé nos destinos do mundo e menos sofrimento a oprimir o coração da humanidade, atormentada por dores físicas e morais.

Aqueles que têm passado pela vida, alheios ao mais leve sofrimento, deveriam visitar esta instituição, para saber aceitar com tolerância e resignação os reveses da vida e experimentar a suave satisfação que nos traz a prática do bem.

Ao encontro de nossos ideais já se adiantaram alguns filantropos: Darcy Sarmanho Vargas, J. Almeida Gonzaga e José Martinelli. Aos dois primeiros muito devemos na aquisição desta propriedade. A Martinelli à sua espontânea e regular contribuição para as despesas de manutenção deste Asilo. Prazam aos céus que se concretize sua promessa de ampliar esta obra de modo que as portas desta casa fiquem generosamente abertas para receber as vítimas do câncer, quando necessitadas de um teto acolhedor, ou quando não puderem ser recebidas no Serviço Nacional de Câncer, por inoperabilidade de suas lesões.

Num ano de existência, por aqui passaram 83 doentes, tendo falecido 63.

Foram feitos 1.724 curativos, aplicados 4.792 injeções diversas e levadas a efeito 26 pequenas intervenções cirúrgicas.

Terminando, quero consignar em nome da Associação Brasileira aos Cancerosos, sincera gratidão pelos favores recebidos, formulando votos para que outros benfeitores se congreguem no sentido de se levar avante esta campanha em prol do canceroso que sofre desamparado, à margem do conforto da medicina.



Memorial dirigido ao Sr. Prefeito do Distrito Federal

Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos

Asilo: Rua Magé, 326 – Penha

Rio de Janeiro, 14 de junho de 1945.

“Ex.^{mo} Sr. Prefeito do Distrito Federal.

A Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos, sociedade civil com sede e foro nesta Capital, registrada sob o nº 1.388 no Livro nº 2 do Registro de Títulos e Documentos do Distrito Federal – 7º Ofício (Cartório Teffé), e que tem por finalidade precípua colaborar com os poderes públicos federais e municipais no asilamento de cancerosos, incuráveis, vêm à presença de V. Exa., pelo seu diretor-técnico, abaixo assinado, pleitear uma subvenção por parte da Prefeitura do Distrito Federal, pelas seguintes razões:

- a) mantêm por conta própria um asilo nesta cidade, na Rua Magé, 326, Penha Circular, com 29 cancerosos, custeado até agora pela caridade pública;
- b) os asilados nessa Instituição são todos doentes incuráveis do Distrito Federal, que os hospitais gerais e serviços especializados, não só municipais como federais, recusam receber;
- c) é o único órgão no Distrito Federal, que abriga e ampara doentes dessa natureza;

d) não raro, vê-se na contingência de não poder atender maior número de doentes, por falta de necessário espaço;

e) pretende ampliar a sua capacidade, aumentando o número de leitos.

Assim sendo, de acordo com o art. 29 dos referidos Estatutos, solicito-lhe seja concedida à subvenção que for arbitrada, como de Justiça.

Nestes termos: Pede Deferimento. – (ass.) Dr. Mário Kroeff – diretor-técnico.”



Solicitando novos recursos da Legião Brasileira de Assistência

Em 1º de julho de 1945.

Exma. Sr.^a Darcy Vargas,

D. D. Presidente da Legião Brasileira de Assistência:

Em nome da Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos, vimos pela presente expor a V. Exa. a situação em que se encontra o Asilo mantido por esta instituição de caridade.

Como é do conhecimento público, mantemos na Rua Magé, 326, na Penha Circular, um Asilo para abrigar os cancerosos que se sentem ao desamparo, quando vítimas da cruel enfermidade.

Têm vivido até agora exclusivamente à custa da caridade pública e da contribuição de um pequeno número de associados que, com óbolos mensais, atendem às despesas de manutenção.

Este modesto estabelecimento, sendo o único no gênero em nossa Capital, é acanhado em face da multidão de necessitados que diariamente solicita internação. E os pedidos de amparo e de alívio por parte dos que sofrem desse mal, sem meios de remediá-la, são tantos, tão prementes e aflitivos, que nos achamos na obrigação de ampliar a capacidade daquela pequena célula de caridade a fim de não nos sentirmos, nós mesmos, na triste contingência de negar um teto aos que batem à nossa porta.

Desejamos, pois, solicitar da Legião Brasileira de Assistência, por intermédio da bondade de V. Exa., um auxílio para obra da Associação Brasileira de Assistência aos cancerosos, cujo alcance médico-social é desnecessário encarecer.

Com o maior respeito, subscrevemo-nos:

(ass.) Dr. Edmundo da Luz Pinto – Presidente;

(ass) Dr. Mário Kroeff – Diretor-Técnico; e

(v) Dr. Sérgio B. Azevedo – Secretário.”



Circular da ABAC angariando donativos para o Asilo

Agosto de 1945

“Ex.^{mo} Sr.

Nesta.

Pelos seus diretores infra-assinados, a Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos, sociedade civil, com sede e foro nesta Capital, registrada sob o nº 1.388, no Registro de Títulos e Documentos do Distrito Federal – 1º Ofício, vêm à presença de V. Sa. expor o seguinte:

Como é do conhecimento público, o câncer tornou-se em nossos dias um flagelo, cujas cifras de mortalidade são progressivas e assustadoras, atacando os indivíduos sem distinção de sexo, raça ou condição social.

O Serviço Nacional de Câncer destina-se aos doentes ainda passíveis de cura. Aqueles, porém, que, pelo adiantado de suas lesões, tornaram-se incuráveis, são comumente rejeitados pelos hospitais gerais, ficando ao desamparo, sem um acolhedor, sem um remédio que lhes possa acalmar as dores, sem alguém que lhes pense as chagas, sem o conforto, enfim, de se sentirem assistidos pela medicina.

Foi em face dessa situação e diante das súplicas de uma multidão de necessitados, que a Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos criou

à Rua Magé, 326, na Penha Circular, um Asilo, para abrigar e assistir a estes infelizes.

Apesar de sua pobreza, aquele Asilo tem prestado reais benefícios aos que, na desventura, dele se socorrem. E os pedidos de internação por parte dos que sofrem desse mal, sem dispor dos meios de remediá-lo, são tantos, tão prementes e aflitivos, que nos achamos na obrigação de ampliar a capacidade daquela pequena célula de caridade, construindo novos pavilhões, a fim de não nos sentirmos, nós mesmos, na triste contingência de negar em teto aos que nos batem à porta.

Assim, solicitamos da bondade de V. Sa. uma contribuição para esta obra de caridade e de tão elevados propósitos médico-sociais.

Desde já agradecidos, subscrevem-se:

Dr. Edmundo da Luz Pinto – Presidente;

Dr. Mário Kroeff – Diretor-Técnico;

Dr. Sérgio de Barros Azevedo – Secretário; e

Dr. Mário de Moraes Paiva – Tesoureiro.

N.B.: O boletim junto, depois de preenchido, de acordo com a generosidade de V. Sa. poderá ser remetido para a Rua Conde de Lages, 54, Serviço Nacional de Câncer – a/c Dr. Mário Kroeff –, a fim de que possamos mandar receber a contribuição de V. S.^a, mediante recibo passado pelo tesoureiro da Associação, Dr. Mário de Moraes Paiva.”

Fundação Martinelli

Secundando a obra de amparo e assistência da ABAC, o Sr. José Martinelli, que passou a custear as despesas de manutenção do Asilo da Penha, desde sua inauguração, resolveu fundar, em 21 de maio de 1945, uma instituição que terá seu nome e certamente virá a prestar os mais assinalados serviços, na luta contra o câncer, em nosso país.

Assim é que destinou, desde logo, a importância de 5 milhões para as primeiras atividades, tendo adquirido uma vasta área no quilômetro 35, da Estrada Rio-Petrópolis, a fim de ser construído um estabelecimento com a necessária capacidade para atender aos cancerosos que afluem à nossa Capital, em busca de alívio para seus males.

Ata da reunião realizada em 21 de maio do ano de 1946 para deliberar sobre a construção de uma sociedade ou fundação destinada a auxiliar a ação do Governo dos Estados Unidos do Brasil na luta contra o câncer.

Reuniram-se, no dia 21 de maio do ano de 1945, às 15 horas, numa das salas da Legião Brasileira de Assistência, os abaixo assinados, com o fim de deliberarem sobre a constituição de uma fundação, destinada a auxiliar a ação do Governo, na luta contra o câncer.

Foi aclamada presidente da sessão a Sr.^a Darcy Sarmanho Vargas, que convidou, para secretário o Dr. Mário Kroeff, diretor do Serviço Nacional de Câncer, e, para fazer parte da mesma, o Sr. José Martinelli.

Aberta a sessão, tomou a palavra o Sr. José Martinelli, para comunicar aos presentes que havia convidado alguns amigos para participarem daquela reunião, pois tem o propósito de secundar a ação do Governo na luta contra o câncer, estimulando, auxiliando e procurando desenvolver as obras e as instituições que se ocupam do estudo, da profilaxia e do tratamento desta doença, no território nacional.

Declarou, ainda, que daquele instante em diante punha à disposição da Fundação, que constitui objeto da presente reunião, a importância de 5 milhões de cruzeiros (Cr\$ 5.000.000,00) para as primeiras atividades, acrescentando que deseja completar esses fundos, com outras doações, de maneira que se possa dar à Instituição os meios de manter-se por conta própria, assumindo, assim, caráter de perpetuidade.

A Sr.^a Darcy Sarmanho Vargas teve palavras de louvor a esse ato de tamanha benemerência, agradecendo em nome dos doentes que venham a ser beneficiados com o gesto humanitário do Sr. José Martinelli.

Usou da palavra o Dr. Mário Kroeff, enaltecendo o significado da presente reunião e o valor da obra fundada pelo grande benemérito que, espontaneamente, vem cooperar com o Governo no combate a tão nefasto flagelo. Campanha sistemática e eficiente, contra o câncer, em país da extensão territorial do nosso, assume tal vulto que não

poderá prescindir da cooperação dos homens de fortuna, dotados de sentimentos de solidariedade humana. Propôs que a presente instituição tivesse o nome de Fundação Martinelli, o que foi aceito unanimemente.

Foram, então, elaborados e aprovados os estatutos, que vão transcritos no final desta ata.

Sob os aplausos da assistência, foi encerrada a sessão, ficando encarregados os Drs. Edmundo da Luz Pinto, Mário de Moraes Paiva e Edmundo Barreto Pinto, de promoverem as medidas necessárias à legalização da Fundação Martinelli”, ora constituída.

A presente ata, depois de lida e posta em discussão, foi aprovada, sendo, então, assinada por todos os presentes.

Estatutos da Fundação Martinelli

Capítulo I

Denominação, sede e fins da Fundação

Art. 1º – A Fundação Martinelli, com sede na cidade do Rio de Janeiro, instituída por escritura pública, devidamente inscrita no Registro Civil das Pessoas Jurídicas, tem por fim:

- a) auxiliar a ação do Governo da República na luta contra o câncer, em todo o território nacional, nos termos do que for convencionado, com as autoridades federais, e especialmente secundar a ação do Serviço Nacional de Câncer, nos setores que lhe são próprios, e estimulando, auxiliando e procurando desenvolver as obras e instituições que se ocupam do estudo, da profilaxia e do tratamento da mesma doença;
- b) criar, onde se façam necessárias, instituições semelhantes às referidas na alínea precedente *in fine*;
- c) divulgar, mediante propaganda sistemática, em todas as classes da população, o conhecimento dos perigos do câncer e dos meios mais apropriados de prevenção e cura;

d) difundir, na classe médica, o progresso mais recente da ciência e cooperar no ensino relativo à cancerologia dentro e fora das universidades, assim como custear bolsas de estudo no estrangeiro em assuntos de cancerologia; e

e) contribuir para a criação de obras de assistência aos doentes que careçam de amparo e asilamento.

Parágrafo único – As iniciativas previstas neste artigo só serão executadas depois que os respectivos planos ou projetos, em suas diretrizes gerais, tenham sido submetidos a parecer do Serviço Nacional de Câncer e aprovados pelo Conselho Consultivo e Administrativo da Fundação.

Capítulo II

Da Administração

Art. 2º – A Fundação Martinelli é gerida por um Conselho Administrativo de três membros: o Diretor do Serviço Nacional de Câncer ou seu substituto legal, um especialista de notória competência e um representante dos fundadores, ambos designados por estes, os quais designarão também os membros da Comissão Fiscal.

§ 1º – Os dois membros do Conselho Administrativo e os da Comissão Fiscal exercerão o mandato por quatro anos, reconduzível por mais e sucessivos períodos, a juízo dos designantes.

§ 2º – A presidência do conselho será exercida por um dos representantes dos fundadores.

Art. 3º – São atribuições do Conselho Administrativo:

- I – gerir os negócios da Fundação e superintender os respectivos serviços, nomear, licenciar, aposentar e demitir o pessoal necessário, observando o disposto na alínea IV;
- II – promover iniciativas úteis aos fins da Fundação e deliberar sobre elas, com audiência, quando necessária, do Conselho Consultivo;
- III – elaborar o seu regimento interno e os regulamentos dos serviços a cargo da Fundação e zelar por sua exata observância;

IV – nomear, suspender e demitir os diretores dos hospitais que se organizarem e, por proposta destes, o pessoal técnico e administrativo dos mesmos hospitais;

V – aceitar doações, legado e heranças;

VI – organizar a tabela das taxas pelos serviços dos estabelecimentos da Fundação;

VII – organizar o relatório e o orçamento anual da receita e despesa, para submetê-los à apreciação do Conselho Construtivo, consoante o art. 7º e deles dar conhecimento à administração federal;

VIII – resolver os casos omissos e as dúvidas suscitadas na interpretação e aplicação destes estatutos, ouvido o Conselho Consultivo; e

IX – fornecer às autoridades as informações que forem pedidas para o cumprimento do art. 26 do Código Civil.

Art. 4º – O Conselho Administrativo reunir-se-á ordinariamente uma vez por mês e, extraordinariamente, quando convocado pelo presidente.

Art. 5º – Ao presidente do Conselho Administrativo incumbe representar a Fundação ativa e passivamente, judicial e extrajudicialmente, e construir mandatário, quando necessário.

Art. 6º – À Comissão Fiscal, que será composta de três membros efetivos e três suplentes, compete dar parecer sobre as contas anuais e atos de administração econômica da Fundação (art. 3º, item VII), podendo examinar os livros e documentos da Tesouraria.

Parágrafo único – Cumpre ainda à Comissão Fiscal comunicar ao presidente do Conselho Consultivo as faltas que observar no exercício de suas funções.

Capítulo III

Do Conselho Consultivo

Art. 7º – O Conselho Consultivo é composto de 5 membros, com as funções estabelecidas no art.

7º, fazendo parte integrante do mesmo, o diretor do Departamento de Saúde.

§ 1º – Os primeiros membros serão designados pelos fundadores, com mandato por tempo indeterminado.

§ 2º – As vagas que ocorrerem por motivo de falecimento, renúncia ou falta a cinco sessões consecutivas serão preenchidas por eleição do Conselho Consultivo, além das previstas nestes Estatutos.

Art. 8º – São atribuições do Conselho Consultivo, além das previstas nestes Estatutos:

I – sugerir as medidas que julgar úteis aos fins da fundação;

II – aprovar o relatório e o orçamento da receita e despesas anuais, organizados na forma do art. 3º, VII;

III – dar parecer sobre: a) a aplicação do patrimônio; b) a aceitação de doações, legados ou heranças com encargos; e c) quaisquer assuntos submetidos a seu juízo.

Art. 9º – O Conselho Consultivo elegerá o presidente, dentro de seus membros, o qual terá mandato por quatro anos, podendo ser reeleito.

Parágrafo único – Ao presidente incumbirá, além da direção dos trabalhos, a representação do Conselho, no intervalo de suas reuniões.

Art. 10º – O Conselho Consultivo se reunirá trimestralmente, mediante aviso do seu presidente, a quem compete ainda convocar sessões extraordinárias.

Capítulo IV

Art. 11 – O patrimônio da Fundação será inicialmente constituído pela doação de Cr\$ 5.000.000,00 (5 milhões de cruzeiros), efetuados pelo Sr. Martinelli, depositados em nome da Fundação Martinelli no Banco Soc. Martinelli, sendo a metade em títulos da Dívida Pública.

Capítulo V

Disposições Gerais

Art. 12 – Os membros do Conselho Administrativo da Comissão Fiscal e do Conselho Consultivo não respondem direta ou subsidiariamente para com terceiros pelas obrigações contraídas em nome da Fundação.

Art. 13 – São fundadores os que assinarem a ata de instalação da Fundação.

Art. 14 – A Fundação não tem prazo para sua existência. De acordo com os seus fins, tem o caráter de perpetuidade.

Art. 15 – Nos casos do art. 3º do Código Civil, o patrimônio da Fundação será incorporado em

outra fundação, que se proponha a fins iguais ou semelhantes a que for designada em reunião conjunta dos Conselhos Administrativo e Consultivo.

Parágrafo único – A deliberação relativa à impossibilidade da manutenção da Fundação e à incorporação do seu patrimônio a outra, será tomada por maioria de votos, presente, no mínimo, três membros do Conselho Consultivo e dois do Conselho Administrativo e dois da Comissão Fiscal.

Art. 16 – Os presentes estatutos poderão ser reformados por maioria absoluta de votos dos membros dos Conselhos Administrativo e Consultivo, em sessão conjunta.

Parágrafo único – A reforma somente entrará vigor depois de aprovada pela autoridade competente.

Noticiário da imprensa

A Fundação Martinelli

Uma grande obra na luta contra o câncer em nosso País

Correio da Manhã, Rio, 22-5-1945

Reuniram-se, na Legião Brasileira de Assistência, a convite do Sr. José Martinelli, elementos de nossa sociedade, com o fim de deliberarem sobre a constituição de uma entidade destinada a auxiliar o Governo na luta contra o câncer.

Aclamada presidente da sessão, a Sr.^a Darcy Sarmanho Vargas convidou para secretário o Dr. Mário Kroeff, Diretor do Serviço Nacional do Câncer. Usou da palavra o Sr. José Martinelli para comunicar aos presentes achar-se no propósito de criar uma Fundação, destinada a secundar a ação do Serviço Nacional de Câncer, nos setores que lhe são próprios.

Declarou ainda que punha à disposição da instituição a importância de 5 milhões de cruzeiros, para as primeiras atividades, prometendo efetuar novas doações a fim de que ela possa manter-se por conta própria, com assegurado caráter de perpetuidade.

A Sr.^a Darcy Sarmanho Vargas teve palavras de louvor ao gesto de benemerência.

O Dr. Mário Kroeff, por sua vez, enaltecendo o significado da reunião, ressaltou o valor dessa contribuição, afirmando que campanha eficiente

e sistemática contra tão terrível flagelo, em país da extensão territorial do nosso, não poderá prescindir da cooperação de homens de fortuna, dotados de sentimento de humanidade.

Foram, então, aprovados os estatutos da Fundação Martinelli, cujo fim principal é:

- a) auxiliar a ação do Governo da República na luta contra o câncer em todo o território nacional, nos termos do que for convencionado com as autoridades federais, e especialmente secundar a ação do Serviço Nacional de Câncer, nos setores que lhe são próprios, estimulando e procurando desenvolver as obras e instituições que se ocupam do estudo, da profilaxia e do tratamento da mesma doença;
- b) criar, onde se façam necessárias instituições semelhantes às referidas na alínea precedente *in fine*;
- c) divulgar, mediante propaganda sistemática, em todas as classes da população, noções fundamentais sobre os perigos do câncer e sobre os meios mais apropriados de prevenção e cura;
- d) difundir na classe médica os progressos mais recentes da ciência e cooperar no ensino relativo à cancerologia, dentro e fora das universidades, assim como custear bolsas de estudo no estrangeiro em assunto de cancerologia; e
- e) contribuir para a criação de obras de assistência aos doentes que careçam de amparo e asilamento.

A Fundação Martinelli será gerida por um Conselho de três membros: o Diretor do Serviço Nacional do Câncer ou seu substituto legal; um especialista e um representante dos fundadores, ambos indicados por estes. A Diretoria ficou assim constituída: Sr. José Martinelli, Dr. Mário Kroeff e Dr. Sérgio Barros de Azevedo.

O Patrimônio da Fundação será inicialmente de Cr\$ 5.000.000,00 e um terreno, na Estrada Rio-Petrópolis, já adquirido pelo Sr. José Martinelli.



Obra de altíssimo cunho social e humanitário

Instalada, nesta capital, uma fundação, destinada ao amparo de cancerosos – Construção, breve, de um hospital-asilo – Aberta à concorrência para os respectivos projetos – Para iniciar o patrimônio da instituição, o Sr. José Martinelli doou um terreno e 5 milhões de cruzeiros – Fala ao A Noite, o Sr. Mário Kroeff, Diretor do Serviço Nacional de Câncer.

A Noite, Rio, 22-5-1945

Lançaram-se, ontem, nesta Capital, as bases de uma instituição de fins os mais úteis e humanitários: o tratamento, assistência e hospitalização de doentes cancerosos.

Ao ato, que se realizou no gabinete da Sr.^a Darcy Sarmanho Vargas, presidente da Legião Brasileira de Assistência, compareceram destacados elementos da sociedade carioca, a convite do Sr. José Martinelli. Abrindo a reunião, o Dr. Mário Kroeff, diretor do Serviço Nacional de Câncer, pronunciou as seguintes palavras:

“O Sr. José Martinelli convidou alguns amigos, para colaborar numa Fundação, destinada a auxiliar a ação do governo, na luta contra o câncer.

Em se tratando de obra de tão elevados propósitos de humanidade, pois visa à assistência aos desamparados, nada mais justo do que fosse es-

colhida a LBA (Legião Brasileira de Assistência) para a sede da sua primeira reunião, em respeitosa homenagem aos reconhecidos méritos da grande legionária e ao muito que tem feito, pela causa dos deserdados da sorte.”

Todos foram unânimes em concordar que a primeira reunião fosse realizada sob a presidência de Dona Darcy Vargas.

A Sr.^a Darcy Vargas convidou, então, o Sr. José Martinelli para fazer parte da mesa e o Sr. Dr. Mário Kroeff, Diretor do Serviço Nacional de Câncer, para servir como secretário.

Em seguida, foi dada a palavra ao Sr. José Martinelli, o qual declarou que resolvera criar esta Fundação, pondo desde logo à disposição da mesma a importância de 5 milhões de cruzeiros, para as primeiras atividades, prometendo efetuar novas doações, a fim de se poder imprimir a organização o caráter de perpetuidade, mantendo-se com recursos próprios.

Falou, ainda, o Dr. Mário Kroeff.

“É desnecessário enaltecer o significado desta reunião e a importância do gesto de filantropia do Sr. José Martinelli.

A luta contra o câncer em um país de extensão territorial como nosso encerra tais dificuldades técnicas, educacionais e econômicas, que não pode ficar exclusivamente sob o oneroso encargo dos poderes públicos. Para ser levado a efeito, em toda a sua plenitude, entre nós, não pode ser dispensada a cooperação dos homens de fortuna, dotados do sentimento de humanidade.”

Foram, então, aprovados os estatutos e nomeada a Comissão Administrativa que ficou constituída dos Srs. José Martinelli, Mário Kroeff e Sérgio Barros de Azevedo.

A construção de um asilo-hospital

Ainda na reunião de ontem, ficou deliberado abrir-se concorrência pública para elaboração dos projetos destinados à construção de um asilo-hospital, com capacidade para cem leitos, sendo um



terço destes para contribuintes em quartos particulares ou apartamentos. Este hospital tem por fim principal abrigar aqueles que deixaram evoluir demasiado suas lesões, fugindo às possibilidades terapêuticas de que dispõe a medicina moderna. Desenvolvendo um programa de assistência e asilamento aos incuráveis, virá, certamente, a ação da “Fundação Martinelli” descongestionar os hospitais gerais desta Capital, que vivem em constante plethora, com doentes cancerosos, para os quais já pouco ou nada se tem a oferecer, devido ao seu estado adiantado de doença.

O Sr. José Martinelli pretende instituir prêmios para os melhores projetos apresentados à concorrência.

Fala ao *A Noite* o Dr. Mário Kroeff

Em rápidas palavras trocadas com a nossa reportagem, o Dr. Mário Kroeff, Diretor do Serviço Nacional de Câncer, pôs em destaque a importância da obra que se vai empreender.

Tudo que se fizer em prol da campanha contra o câncer, em qualquer de seus aspectos, será ainda pouco, tal o vulto dos encargos que o flagelo acarreta, mormente entre nós, onde o nível de educação do povo é baixo, em relação aos males sociais, para atrair ao diagnóstico precoce a grande massa dos portadores de lesão incipiente, e onde os meios de transporte dificultam qualquer idéia de tratamento oportuno.

Mas a principal dificuldade nossa, prossegue o Dr. Mário Kroeff, está na própria falta de meios de tratamento adequado, visto como, no momento, dispomos de acanhadas instalações para o Serviço Nacional do Câncer. Devo salientar, contudo, que o Governo muito se interessa por este magno problema, que tem sido objeto de séria cogitação de todos os países civilizados, e nos prometeu, mesmo, para breve, oferecer instalação condigna para o Serviço Nacional de Câncer.

Luta contra o câncer

Jornal do Brasil, Rio, 26-5-1945

A iniciativa particular com um espírito de solidariedade humana, que honra nosso povo, assume um lugar de relevo na luta contra o câncer. A ação do Governo, não obstante a solução do problema, dadas a importância e a complexidade da questão, é motivo para que associações se criem e se fundam, no sentido de, paralelamente, colaborar com as autoridades, no combate à enfermidade e na obra de assistência aos desvalidos.

Agora mesmo, funda-se, no Rio de Janeiro, mais uma instituição, destinada ao estudo da terrível moléstia e de socorro aos enfermos pobres. O capitalista que concorreu com os fundos necessários à sua organização confiou-a ao Dr. Mário Kroeff, que vem fazendo da campanha contra o câncer um verdadeiro apostolado.

O interessante, e por isso mesmo, mais digno de louvores, é que o programa da nova Fundação não se limitará a Capital da República, mas estender-se-á a todos os Estados, em um programa, que, dia a dia, se completara e aperfeiçoará.

A iniciativa é digna dos maiores aplausos. O câncer é hoje uma das enfermidades mais disseminadas. A sua cura é relativamente fácil quando em princípio o mal. Oferecer elementos de cura e restabelecimento dos doentes é permitir que se integrem novamente na comunidade sadia, tornando-se úteis ao país.



A Fundação Martinelli e a Santa Casa de Porto Alegre

(Cópia de correspondência)

“Rio de Janeiro, 24 de abril de 1945.

Ilmo. Sr. Arquimedes Fortini, D. D. Provedor da Santa Casa de Porto Alegre – Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

Senhor Fortini:

Por ocasião de minha recente visita a Porto Alegre, tive oportunidade de conversar com V. Sa. a propósito da precária situação, na Santa Casa, dos afetados de câncer, que deixaram adiantar demasiado suas lesões, fugindo, assim, as possibilidade de cura de que dispõe a medicina moderna.

O relato de V. Sa. a respeito comove, certamente, todo aquele que possuir qualquer parcela de sentimento, em face do sofrimento alheio.

Foi nesse estado de espírito que cumpri a promessa de procurar o Sr. Comendador José Martinelli, que já se tornou um benemérito pelas doações feitas ao Asilo da Associação de Assistência aos Cancerosos, entidade particular, fundada nesta Capital, por nossa iniciativa, para atender à triste situação dos incuráveis, ao sentirem-se abandonados.

Aquele filantropo acaba de elaborar conosco os estatutos da Fundação Martinelli, com os neces-

sários recursos para auxiliar o Governo na luta contra o câncer em todo o território nacional, devendo, naturalmente, o primeiro núcleo a estabelecido no Distrito Federal.

Acordamos, entretanto, em auxiliar, desde logo, sua abnegação, como Provedor da Santa Casa de Porto Alegre.

Nessas condições, estou encarregado de comunicar a V. Sa. que a Fundação Martinelli está disposta a construir um pavilhão nos próprios da Santa Casa, expressamente destinado a acolher os cancerosos incuráveis e desamparados.

De minha parte, sugiro a fundação de uma Sociedade, similar à nossa, ABAC, para angariar, em apelo à caridade pública, os fundos necessários ao complemento dessa obra humanitária.

Ninguém melhor que V. Sa. está indicado a tomar a dianteira de semelhante empresa, dadas as suas qualidades de filantropo conhecido e jornalista acatado, com largos círculos de simpatia e amizade em nossa terra.

As primeiras providências a respeito, conforme desejo do doador, devem referir-se à remessa do projeto e plantas do futuro Asilo.

Em correspondência ulterior, poderemos concertar as medidas atinentes ao cumprimento da presente doação.

Sem mais, subscrevo-me,

Am^o At^o e Ador.

(ass.) Dr. Mário Kroeff.”

5 *Pelas corporações científicas*

Sociedades Médicas 227 a 233
Academias 234 a 245
Congressos 246 a 259
Faculdades Médicas 260 a 274

Sociedades médicas

Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro

A eletrocirurgia de Franz Keysser

Foi brilhante a conferência do grande cientista alemão

4 de novembro de 1931

Procedente do Prata, com escalas por Santos e São Paulo, encontra-se entre nós, desde alguns dias, o ilustre Prof. Franz Keysser, um dos mais abalizados mestres da cirurgia alemã.

O conhecido cientista acaba de participar das “jornadas médicas” realizadas em Buenos Aires, para as quais foi especialmente convidado e, onde teve ocasião de receber uma das maiores consagrações portenha. Agora, de regresso à sua pátria, quis visitar novamente o Brasil, onde conta com a amizade e admiração de vários discípulos seus, antigos assistentes da clínica de que é chefe, no centro de Berlim.

Franz Keysser é o professor e o maior propagandista da eletrocirurgia, que ele pratica com o mais absoluto sucesso no “Vincenz Krankenhaus” na capital alemã. Seu método operatório, chamado de bisturi elétrico, revolucionou os meios cirúrgicos do mundo inteiro, invocando sobre sua pessoa a notoriedade devida aos grandes pioneiros da medicina.

A princípio, sua inovação foi combatida fortemente, mesmo em Berlim, onde a celeuma chegou a tal ponto que se organizou um grupo compacto de inimigos da eletrocirurgia, tida como processo ineficaz no tratamento dos cânceres e tumores. A demonstração científica dos magníficos resultados obtidos, pelo emérito professor, dissipou as dúvidas até então existentes e ele, hoje, é recebido com aplausos nas douradas academias de sua terra. Bordier e Heitz Boyeux, na França; Wried e Kusching, na América do Norte; e a maioria dos cirurgiões de Estocolmo praticam seu método operatório com grande êxito.

Entre nós, a eletrocirurgia conta com adeptos entusiastas, entre eles o Dr. Prudente de Moraes Filho; o Dr. A. Camargo, em São Paulo; e o Dr. Mário Kroeff, no Rio de Janeiro. Todos eles frequentaram os serviços cirúrgicos do Prof. Keysser, em Berlim, e aqui estão colhendo resultados animadores e dignos de registro.

A permanência do Prof. Keysser, nesta Capital, é assaz diminuta: hoje mesmo, a bordo do “Cap. Arcona” deverá V. Exa. embarcar de regresso a seu país.

Aproveitando sua ligeira estada aqui, a Sociedade de Medicina e Cirurgia convidou-o para visitar sua sede e fazer uma dissertação a propósito da eletrocirurgia, ao que acedeu amavelmente, anunciando como tema de sua conferência “Os progressos e os resultados da eletrocirurgia”.

Às 20 horas de ontem, estava repleto o salão da Sociedade de Medicina e Cirurgia, na Avenida Mem de Sá.

Presentes o Prof. Brandão Filho, o Dr. Mário Kroeff, o Prof. Juliano Moreira, os Drs. Rolando Monteiro, Lafayette de Barros, Alfredo Monteiro, o Prof. Eduardo Rabelo e outros grandes vultos da medicina nacional, assumiu a presidência da sessão o Prof. A. Austregésilo, que deu a palavra ao Prof. Alfredo Monteiro. Este em ligeiro discurso, em francês, saudou o ilustre visitante dizendo da satisfação que experimentavam seus colegas brasileiros ao recebê-lo no seio daquela douta associação onde seu nome era acatado com respeito, e seus conhecimentos propalados com admiração.

Tomou, depois, a palavra o Prof. Keysser, que fez o histórico da eletrocoagulação, citando o nome dos grandes cirurgiões que têm tratado do assunto, entre eles os Drs. Kroeff, Rosado e Pitanga, no Rio de Janeiro. Explanou, minuciosamente, seu método, falando sobre o bisturi elétrico, aparelhado com lâmpadas; sobre a eletrocoagulação, em que a diatermia assume papel de relevância; e sobre a curetagem elétrica, empregada com sucesso nas lesões superficiais. Fez demorado estudo da técnica sobre a qual disserta. Suas referências são documentadas por projeções, em que se vêem os diversos instrumentos em plena atividade; o bisturi puntiforme, a faca, a haste, a chapa, o rolete, o bisturi bipolar etc.

O câncer é o processo mórbido em que mais facilmente se evidencia o triunfo da eletrocoagulação. Quando todos os outros meios de exérese falham na extirpação completa e definitiva das diversas modalidades cancerosas, a cirurgia elétrica se impõe e jamais claudica. A habilidade cirúrgica do ilustre Prof. Keysser é comprovada por um minucioso filme em que se vê a ablação de um câncer do ouvido esquerdo, já tratado com insucesso pela cirurgia comum e irradiações. Operado pelo processo elétrico, o paciente ficou radicalmente curado.

O cientista berlinense insiste sobre as vantagens de seu método, entre as quais apontou a ausência de evasões sanguíneas no campo operatório, pois a eletrocoagulação garante a imediata

hemóstase; a absoluta assepsia, promovida pela destruição dos tecidos especialmente junto aos focos de acentuada purulência.

A eletrocirurgia é a intervenção ideal para os tecidos parenquimatosos. Órgãos internos podem ser por ela beneficiados, como seja o bócio, na doença de Basedow. Consegue eliminar órgãos sãos. Os grandes tumores inoperáveis, com quatro ou cinco anos de persistência, são extirpados com absoluto sucesso pelo bisturi elétrico.

A arma mais eficaz contra o câncer é a eletrocirurgia, afirma o Prof. Keysser. E passa a relatar, acompanhado por documentação fotográfica, projetada na tela, os inúmeros casos em que foi chamado a intervir em sua clínica de Berlim, obtendo brilhante êxito.

A assistência entusiasma-se ante a visão das maravilhosas curas. Cerca de 32 casos passam pela tela: sarcoma orbitário, em que se fez a ablação total do globo ocular; carcinoma inoperável da orelha esquerda com destruição do ouvido médio; epitelioma da língua, o qual foi extirpado podendo o doente, dois anos após, falar e comer perfeitamente bem; carcinoma da mama; tumor do reto; epitelioma das glândulas de Bartholin; sarcoma da parótida, morrendo o paciente dois anos depois em conseqüência de uma infecção purulenta da vesícula biliar.

Explanando um caso de tumor misto da parótida, o professor Franz Keysser justifica-se da paralisção do nervo facial. Verificada, em seguida, a operação, por ter sido feito o corte desde a parte posterior da mandíbula, achando-se o facial aprisionado pelo tumor. E cita também o caso de um câncer orbitário, operado com êxito, havendo, entretanto, o paciente falecido um ano depois; feita a autopsia, verificou-se a inexistência de metástases; o paciente falecera de uma tuberculose generalizada, mas não de câncer.

Por fim, agradecendo a atenção com que era ouvido pela douta assembléia, o conferencista deu por terminada sua erudita dissertação.

O Prof. Keysser foi aplaudido vivamente pelos presentes, tendo o Prof. Austregésilo, em seguida, encerrado a sessão.

Visitando a Santa Casa

Ontem pela manhã, o Prof. Franz Keysser esteve na Santa Casa de Misericórdia, em visita aos serviços cirúrgicos do Prof. Brandão Filho.

O cirurgião alemão apreciou, grandemente, a nova sala de operações e teve palavras de elogio ao visitar a seção de radiodiagnósticos, anexa àquela. O Prof. Brandão Filho e seus assistentes convidaram o ilustre visitante a percorrer as enfermarias e outras dependências do edifício, fornecendo todos os informes necessários.

O Prof. Franz Keysser, como se sabe, não é apenas o grande propugnador da eletrocirurgia, mas também um dos mais hábeis cultuadores da cirurgia comum. Assim é que em Berlim, segundo nos foi relatado, por um de seus discípulos, o Prof. Keysser assombrou os meios médicos quando, em 1929, no hospital em que é chefe, operou uma doente de apendicite fazendo uma incisão de apenas dois centímetros.



Quinzena médica do sindicato médico brasileiro

A eletrocoagulação na terapêutica anticancerosa. Surpreendentes resultados obtidos pelo Prof. Mário Kroeff

Comunicação de 1932

Sob os auspícios do Sindicato Médico Brasileiro, que organizou a “Quinzena Médica” vêm se realizando nesta Capital, desde 7 do corrente, como é do domínio público, uma série de conferências, sessões operatórias e demonstrações práticas nos hospitais, ambulatórios e clínicas privadas, destinadas aos médicos do interior e também a profissionais da Capital.

Feliz idéia esta de se concentrarem os maiores de nossa medicina em duas semanas de intensiva atividade, para demonstrar aos práticos que labutam em meios afastados dos centros científicos, as últimas aquisições no terreno da cirurgia do laboratório e das diversas especialidades.

Entre as várias demonstrações de especial interesse, cita a que realizou, na Santa Casa, o Prof. Mário Kroeff, que figurava na lista dos técnicos selecionados, pelo Sindicato Médico.

Diante de numerosa assistência que acudiu à sessão anunciada, ávida de verificar pessoalmente o que tem conseguido nestes últimos tempos, na terapêutica anticancerosa, a eletrocoagulação, nova arma que dispõe a cirurgia contra este terrível flagelo social.

O Prof. Kroeff, livre docente de clínica cirúrgica de nossa Faculdade, operou com o bisturi elétrico, no pavilhão de operações, diversos doentes de câncer, com surpreendente sucesso e grande interesse por parte dos numerosos médicos, acadêmicos ou simples curiosos que ali acorreram para assistir à exposição feita, pelo conhecido cirurgião patricio. Apresentou ainda o Prof. Kroeff diversos doentes, operados pelo novo método de cirurgia elétrica, alguns já há vários anos com estado de cura aparente, sem o menor vestígio de recaída.

Tratando-se de um assunto para o qual todo o mundo científico hoje volta os olhos, tão precários têm sido os meios de combate a este flagelo, desejou o jornal *O Globo* assistir também a importante posição, para dela dar notícia a seus leitores. O assunto realmente é de tal relevância, que dispensa encarecimento, bastando para assim julgá-lo, que se tenha presente o número apavorante de enfermos do terrível mal, que só nos Estados Unidos ascende a centenas de milhares, anualmente, e que se reproduz também de modo alarmante em nossas clínicas.

A exposição do Prof. Kroeff, que foi feita com a proficiência que todos lhe reconhecem, deixou, em resumo, no espírito dos assistentes, a convicção de um processo seguro na terapêutica anticance-

rosa e a esperança para os enfermos da insidiosa moléstia de um lenitivo a seus até então irremediáveis males, contra os quais, os cientistas do universo estão empregando a tenacidade humana de todos os imagináveis recursos de combate.



Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro

Uma comunicação do Dr. Mário Kroeff sobre diatermocirurgia

Março de 1940

Sob a presidência do Prof. Maurity Santos, secretariado pelos Drs. Volta Baptista Franco e Dirceu C. de Menezes, reuniu-se ontem, em sessão ordinária, a Sociedade de Medicina e Cirurgia.

No expediente, o presidente comunica que o Dr. Rolando Monteiro ofereceu à biblioteca da Sociedade o seu novo livro intitulado *Partenologia*, trabalho laureado recentemente, pela Academia Nacional de Medicina, com medalha de ouro, prêmio “Mme. Durocher”. Diz algumas palavras sobre o valor do trabalho oferecido e seu autor, e termina agradecendo a oferta feita à Sociedade.

O Dr. Castro Barreto fala sobre a pobreza de nossas bibliotecas, pedindo a interferência da Sociedade a fim de que seja intensificado o intercâmbio literário.

O presidente congratula-se com a casa, pela presença do Prof. Carlos Botelho Filho, convidando-o a tomar assento à mesa e fazendo referências elogiosas à sua pessoa.

Passando à ordem do dia, foi dada a palavra ao Dr. Carneiro Aryosa, que fez uma comunicação sobre “Uremia mental e traumatismos gerais”.

A seguir, é dada a palavra ao Dr. Mário Kroeff, que fala sobre “Alguns casos de tumores ósseos, tratados pela diatermia cirúrgica”. O orador começa, estudando os princípios gerais da cirurgia do câncer, abordando comentários a respeito da recidiva,

semeadura do campo operatório, adenopatia cancerosa e mutilação, chegando à conclusão de que o cirurgião, em se tratando de câncer, não pode ser conservador e precisa não ter medo de mutilar, a fim de que possa conseguir algum resultado positivo.

Entra, a seguir, no estudo da diatermocirurgia, dos tumores ósseos, realçando o valor da diatermia que pode queimar totalmente um osso, recurso de que se tem valido nos tumores justa-ósseos. Abre um capítulo sobre ressecção sem osteotomia, dizendo que é uma osteotomia provisória, com ressecção tardia, ou, então, uma ressecção óssea diatérmica segmentar, sem osteotomia imediata, e considera fato novo em cirurgia este do seqüestro da coagulação servir de prótese, para manter a continuidade do esqueleto. Fala depois sobre a reparação óssea, sobre o seqüestro no papel de enxerto, mostrando que a diatermia destrói e consegue compor sem mutilação, pois que o seqüestro desempenha o papel de enxerto na reparação óssea, o que considera, também, fato novo na cirurgia óssea.

Tece comentários a respeito dos enxertos ósseos e a recomposição das substâncias perdidas, em conseqüência da coagulação e termina sua interessante palestra, projetando uma longa série de fotografias, de casos operados pela diatermocirurgia com resultados surpreendentes.

Os Drs. Aresky Amorim, Souza Pinto, Walde- mar Paixão e Maurity Santos fazem largos comentários sobre o assunto, referindo-se de maneira elogiosa à conduta do Dr. Mário Kroeff.

Devido ao adiantado da hora, foi em seguida suspensa a sessão.

Estiveram presentes os Profs. Maurity Santos e Carlos Botelho Filho e os Drs. Aresky Amorim, Mário Kroeff, Carneiro Ayrosa, Volta Baptista Franco, Rolando Monteiro, W. Paixão, Dirceu C. de Menezes, Aureliano Brandão, Jorge de Santa Anna, L. Quaresma, Gilberto Peixoto, Jorge Jabour, Peregrino Junior, Castro Barreto, Souza Pinto, Cabral de Almeida, Theófilo de Almeida, Abél de Oliveira, Jorio Salgado, Cumplido de Sant’Anna, Guarany Souza, Manuel de Abreu, Jorge Romero e Augusto Costallat.



Escola Paulista de Medicina

O tratamento do câncer pela eletrocirurgia

Tal foi o tema da conferência de ontem, na Escola Paulista de Medicina, a diatermocoagulação destrói e recompõe, afirmou o Prof. Mário Kroeff, na sua palestra

Folha da Manhã, 11-3-1934

A conferência realizada ontem à noite, na Escola Paulista de Medicina, pelo Prof. Mário Kroeff, livre docente de clínica cirúrgica na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro constituiu uma notável palestra científica sobre o moderno tratamento dos tumores ósseo pela eletrocirurgia.

Sendo o câncer ainda hoje uma das enfermidades mais flageladoras da humanidade, tem por isso mesmo mobilizado, na tarefa incansável e nobre de seu tratamento, estudiosos médicos mundiais.

O Dr. Mário Kroeff é um deles. Desde estudante se dedicou ao estudo especializado do câncer e nesta obra incansável prossegue ainda hoje, quando já não é simplesmente um médico, mas um professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, da cadeira de clínica cirúrgica, onde ensina com proficiência, depois de brilhante curso, no qual se viu premiado com justiça; entre muitas teses apresentadas, inseriu seu conhecidíssimo trabalho sobre “Diatermocoagulação no tratamento do câncer”.

Não é demais que se diga aqui, já que tratamos de sua personalidade, que este ilustre patricio foi, entre nós, o primeiro médico que pôs em execução na clínica a diatermocoagulação no tratamento do câncer. E, fê-lo, de pronto, com extraordinário sucesso, o que foi razão suficiente para que visse seu nome modesto projetar-se com mais amplitude em meios médicos do País e fora deste.

Porque se tratando de um cientista de méritos incontestáveis é que a Escola Paulista de Medicina convidou o Dr. Mário Kroeff para prosseguir

na série de conferências científicas, que ela instituíra já há algum tempo.

Conferência do Dr. Mário Kroeff

O conferencista não fez uma conferência, mas deu uma autêntica aula de diatermocoagulação a todas as pessoas que compareceram, ontem, à Escola Paulista de Medicina; e não foram poucas nem com menos prestígio que o conferencista as pessoas presentes.

De início, para ilustrar sua palestra, o Prof. Mário Kroeff fez passar na tela do anfiteatro, onde se realizou sua conferência, uma série de aspectos impressionantes de tratamento do câncer pela eletrocirurgia, casos verificados em sua clínica na Santa Casa e que ele, orador, já levava ao conhecimento da douta assembléia que é a Sociedade Brasileira de Medicina do Rio de Janeiro.

Após estas projeções, o Dr. Mário Kroeff passou a discorrer sobre as diferentes espécies do câncer ósseo, suas características, aplicação da cirurgia nos mesmos, e deteve-se em exposições detalhadas sobre princípios gerais da eletrocirurgia, para esmiuçar a recidiva cancerosa e a sementeira do campo operatório.

Na opinião do conferencista, a termocoagulação torna impróprio o campo à sementeira.

A seguir, é a mutilação que merece referências do orador. Acha o Dr. Mário Kroeff que o profissional médico não deve se cingir à rotina, mas que precisa ampliar sua ação o máximo possível, para não deixar elementos malignos na região operada. O tratamento do câncer pela diatermia, em geral, e a cirurgia aplicada nos tumores ósseos também são tratados pelo conferencista, que alude ao tratamento da reação óssea sem a osteotomia.

Trata-se de um processo novo, conseguido pela diatermocoagulação, que serve de prótese para manter a continuidade do esqueleto.

Em lugar de osteotomia clássica e sangrenta com a extirpação óssea imediata, total ou parcial, a diatermia ataca “in loco” a porção afetada, coagulando o esqueleto, sem provocar a horrorosa extirpação óssea.

O Dr. Mário Kroeff, referiu-se depois ao seqüestro resultante da coagulação óssea no papel de enxerto para reparar a perda de substancia, explicando que a diatermocoagulação é capaz de destruir e recompor-se sem a mutilação que deforma.

Encerrando sua palpitante conferência sobre tão oportuno assunto, o conferencista reporta-se a casos palpitantes de sua clínica cirúrgica, casos de mais de dois e cinco anos de doença nos quais, entretanto, a diatermocoagulação fez milagres sem a recidiva ou reprodução.



Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro

O problema do câncer em torno de uma conferência do Sr. Mário Kroeff

3-9-1934

O câncer constitui ainda um grande problema, que desde longo tempo tem desafiado os estudiosos do mundo inteiro.

Entre nós, não se descurou esta magna questão, que recebe o apoio exclusivo, da iniciativa privada. E apesar das dificuldades e dos poucos recursos materiais, de nosso meio, têm alguns cientistas abnegados lhe dedicado esforços até excepcionais da inteligência.

Nessa escassez de meios científicos para estudo, é justo salientar, assim, a ação benemerita do Sr. Eduardo Guinle, facilitando meios aos estudiosos.

Agora mesmo está o Sr. Guilherme Guinle comparando com sua fortuna pesquisas científicas no Brasil a respeito do câncer e da lepra, que nos enchem de esperanças.

Mas, no combate ao grande mal, um novo método se apresenta com credenciais de certo valor, pelo que lemos do noticiário sobre uma comunicação feita pelo Sr. Mário Kroeff à Sociedade de Medicina e Cirurgia.

É a diatermocoagulação, cirurgia armada de eletricidade, que se propõe a curar os tumores malignos, por meio da coagulação.

A conferência do Sr. Kroeff parece que foi de alto valor científico, documentada minuciosamente com casos operados por S. Sa., pois os resultados muito impressionaram a assistência, tendo o presidente daquela agremiação declarado mesmo que “a sua conferência seria digna de figurar nos mais cultos meios estrangeiros, como expressão da ciência brasileira.”

O jornal *O Globo*, interessado em ouvir sobre o fato a opinião de um verdadeiro técnico do assunto, foi procurar no silêncio de seu laboratório da “Fundação Gaffrée-Guinle” o Sr. Carlos Botelho Junior, que há, longos anos, se dedica a pesquisas biológicas sobre o tratamento do câncer, com rara abnegação, e que já tem seu nome, universalmente, ligado a uma reação de diagnóstico.

Esquivou-se, entretanto o Sr. Botelho a fazer quaisquer esclarecimentos sobre seus atuais estudos pessoais. Diante, porém, de nossa insistência e de termos alegado o grande interesse que, entre nós, o assunto está despertando, já que nomes de cientistas patricios se inscrevem entre os mais distintos da medicina universal no combate ao terrível flagelo, conseguiu o Sr. Botelho dizer algo a respeito, embora se restringisse à conferência do Prof. Kroeff, a que, então, fizemos referência. Falou-nos assim o Sr. Carlos Botelho Junior:

“Assisti ontem com o máximo interesse à conferência do Sr. Mário Kroeff, na Sociedade de Medicina e Cirurgia. De algum tempo, venho admirando os crescentes e férteis resultados da eletrocirurgia, esta poderosa arma contra o câncer, pelo que me tem sido dado a acompanhar em congressos mundiais. Tive ocasião de tomar conhecimento, há três anos, dos belos trabalhos do Dr. Kroeff, aqui no Rio de Janeiro, e, ontem, folguei muito em verificar que eles estão em franco progresso.

De fato, a diatermocoagulação incontestavelmente já ultrapassou o âmbito da cirurgia clássica, tive mesmo a impressão pelos casos de câncer do tipo dos que ontem nos foram apresentados,

alguns operados há mais de três anos, de que os limites de operabilidade pela própria eletrocirurgia estão sendo ampliados pelo Sr. Kroeff, graças a sua técnica cada vez mais aperfeiçoada.”



Escola Paulista de Medicina

“A diatermocoagulação nos tumores ósseos”

Em interessante conferência, o Prof. Mário Kroeff expõe a superioridade da diatermocoagulação na cirurgia óssea

Diário de S. Paulo, 11-11-1934

O prof. Mário Kroeff veio especialmente do Rio de Janeiro para uma conferência, que se realizou ontem à noite na Escola Paulista de Medicina em torno da “Diatermocoagulação nos tumores ósseos”. A palestra do Dr. Mário Kroeff, que é livre docente da clínica cirúrgica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, prendeu vivamente a atenção dos ouvintes, já pela importância do assunto, dada a impressionante clareza com que o mesmo foi tratado.

A exposição da matéria começou por uma série de projeções cinematográficas, relativas a vários casos de tumores ósseos, tratados há dois, três e até cinco anos, sem que em nenhum deles se tenha manifestado até agora a recidiva. Foram estes doentes há um mês apresentados à Sociedade de Medicina, do Rio de Janeiro.

As observações, do Prof. Kroeff, sobre a diatermocoagulação, feitas na clínica do Prof. Brandão Filho, datam de 1927 e constituem as primeiras que a tal respeito figuram entre nós e que foi objeto, em 1920, de sua tese de concurso para livre docente.

Depois de passadas, na tela, as projeções, acompanhadas cada uma delas de minuciosas e claras explicações, o conferencista estuda casos de tumores ósseos, em que obteve resultados que são inteiramente novos. Focaliza, de modo geral, a cirurgia do câncer, as recidivas da moléstia e a sementeira, isto é, contágio no campo operatório, concluindo que, pela diatermocoagulação, o meio coagulado se torna inteiramente desfavoráveis à sementeira. A propósito da mutilação, resultante das intervenções, acha que o profissional não pode ser conservador. A fim de evitar que permaneçam elementos malignos na região operada, deverá agir o mais largamente possível. Fala, após, sobre o tratamento do câncer pela diatermia, em geral, da diatermocoagulação aplicada aos tumores ósseos.

Ressecção óssea sem osteotomia

Uma das partes mais interessantes da conferência do Prof. Kroeff foi a que tratou da ressecção óssea sem osteotomia. Por esse processo, conseguido com o emprego da diatermocoagulação na cirurgia óssea, o “seqüestro” da coagulação serve de prótese para conservar continuidade do esqueleto, enquanto se processa a formação de novo tecido ósseo.

Explica o conferencista a superioridade deste processo sobre o da osteotomia clássica sangrenta, em que se pratica a extirpação óssea imediata. Expõe, ainda, de modo muito claro, o papel como enxerto do “seqüestro” resultante da coagulação óssea e resultando na reparação da perda de substância. Desta maneira, a diatermocoagulação destrói e recompõe o tecido, sem causar sua mutilação.

O Prof. Mário Kroeff, ao concluir a brilhante conferência, foi vivamente felicitado pelo diretor da Escola, Dr. Otávio Carvalho, e pelos médicos e acadêmicos de medicina, ali presentes.

Academia Nacional de Medicina

A cirurgia elétrica do câncer

Uma conferência do Dr. Mário Kroeff

Correio da Manhã, 3-10-1935

A convite da Academia Nacional de Medicina, o Prof. Mário Kroeff, livre docente da Faculdade de Medicina, realizará hoje, na sessão semanal daquele douro cenáculo uma conferência, que terá início às 9 horas da noite, e dissertar sobre o tratamento do câncer pela cirurgia elétrica.

Os trabalhos do Dr. Mário Kroeff, sobre este assunto, são dignos de nota. Ainda no ano passado, conforme tivemos ocasião de noticiar, realizou ele em São Paulo, a convite da Escola Paulista de Medicina, uma interessante exposição sobre a “Diatermocoagulação no câncer dos ossos”, demonstrando o quanto a humanidade podia esperar de tais processos terapêuticos, no combate a uma enfermidade, até há pouco tempo julgada incurável.

Vai agora o ilustre cirurgião apresentar novos resultados de sua admirável técnica, no manejo da agulha elétrica.

Sua conferência será acompanhada de projeções luminosas. Serão também apresentados, à Academia, vários doentes tratados por aquele processo.

Academia Nacional de Medicina

A cura do câncer pela eletrocirurgia

Conferência do Dr. Mário Kroeff

4-10-1935

Na Academia Nacional de Medicina, realizou ontem à noite sua anunciada conferência sobre o tratamento do câncer pela eletrocirurgia o Prof. Mário Kroeff, livre docente de clínica cirúrgica da Faculdade.

O conferencista começou dizendo que maior incentivo não podia esperar do que a oportunidade de falar a respeito de suas experiências perante aquela assembléia.

Depois projetou fotografias de casos avançados de câncer que foram tratados pela cirurgia elétrica e que se acham completamente cicatrizados há vários anos; uns com dois, três e até sete anos, sem o menor vestígio, de reprodução do mal.

À medida que projetava, ia explicando quais as vantagens da agulha elétrica sobre o bisturi sangrento.

Prova que a eletrocoagulação operando sem sangue, ao mesmo tempo, que corta pela carbonização um tumor, esteriliza o foco, fechando, laqueando, automaticamente, os vasos sanguíneos e linfáticos.

Além de destruir, no local, todos os núcleos de reprodução do mal, a coagulação torna o meio impróprio à proliferação das sementes com as quais o operador possa contaminar o campo operatório, durante os diversos atos da operação.

Apresentou casos de tumores ósseos em que obtém a diatermia resultados originais, fatos novos que vêm modificar os processos clássicos de cirurgia óssea.

Depois de destruir, pela eletricidade, um segmento ósseo, atacado por processo canceroso em toda a circunferência, consegue recompor o eixo ósseo sem ressecção, sem mutilação.

O próprio osso, dessecado, serve de prótese.

Intervém na face, no maxilar, na órbita, no crânio, mesmo em casas de abertura, com exposição de meninge, e logo mostra a fotografia dos próprios doentes com a cicatrização perfeita. Referiu-se ao câncer da mama, do útero etc.

E, para comprovar, exhibe ali mesmo uma série de doentes que levou para serem examinados por seus colegas.

Como a terapêutica do câncer exige largas destruições, com mutilações, decisivas, o Dr. Kroeff apresenta também, uma série de recomposições plásticas que praticou, refazendo nariz, lábios etc.

Verdadeiros trabalhos de escultura com enxerto humano.

Comentaram os trabalhos do Dr. Kroeff os acadêmicos: Leão de Aquino, Roberto Freire e Antônio Austregésilo, que elogiaram os trabalhos e admiraram os resultados que acabavam de presenciar.



Academia Nacional de Medicina

Posse do Dr. Mário Kroeff

Jornal do Commercio, 18-7-1940

Realizou-se ontem na Academia Nacional de Medicina, sob a presidência do Prof. Aluizio de

Castro, a cerimônia da posse do novo acadêmico Dr. Mário Kroeff.

Em nome da Academia, saudou o novo acadêmico o Prof. Brandão Filho, que concluiu sua oração, com as seguintes palavras:

“Contribuindo para a criação do Centro de Cancerologia, Mário Kroeff já prestou um grande serviço social ao país, ligando seu nome a luta contra o câncer, entre nós.

Mas sua dedicação ao trabalho e seu interesse pelo estudo do câncer não se restringem aos problemas de ordem científica; além do tratamento, que pratica, quando ainda é possível, preocupa-se, por sentimento de humanidade, com a sorte dos incuráveis, com o amparo devido aos perdidos.

Fundou, com o apoio de altas figuras de destaque social, a Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos, para a construção de um asilo, destinado a atenuar as penas dos desenganados, proporcionando-lhes uma morte suavizada pelo conforto afetivo, na dor física e moral.

O cirurgião, que tem o arrojo das grandes operações, quando procura salvar os que estão no limiar das possibilidades de cura, possui também coração sensível ante o espetáculo dos que se acham, irremediavelmente, perdidos.

Por esse motivo, meus senhores, considero Mário Kroeff um colega ilustre, digno e altruísta – justo motivo e orgulho da classe a que pertencemos.

Ao ingressar na Academia Nacional de Medicina, a mais alta agremiação científica do Brasil, estou certo, de que Mário Kroeff irá dignificá-la, com o fulgor de sua inteligência privilegiada e com o concurso do seu devotamento à causa Ciência.

Seja, portanto, bem-vindo.”

Agradecendo sua escolha para a Academia, Dr. Mário Kroeff proferiu o seguinte discurso:

“Sr. Presidente, minhas senhoras, Srs. Acadêmicos e meus senhores.

Não sei bem, nesta hora de emoção, qual meu maior motivo de orgulho: se é ser aceito entre os pares da Academia Nacional de Medicina, trans-

por seus umbrais, pela mão de mestre ilustre, ou substituir neste cenáculo, figura proeminente na medicina brasileira, o Prof. Abreu Fialho.

Na verdade, os fados nem sempre nos concedem alegria acumuladas ou sucessivas.

A maior aspiração dos homens, integrados na comunhão social de amor e perfeição, reside em seus sucessos profissionais, qualquer que seja a carreira que tiverem abraçado, como: operário, soldado ou intelectual.

Esta Academia representa para a classe médica do País mais alta distinção que, pelo seu elevado prestígio, distancia o acesso para muitos receosos de não poderem corresponder ao valor de seus membros. É um título por todos ambicionado, mas cuja conquista nem todos têm ânimo de aspirar, por intermédio de suas próprias forças.

Na vida social, raros são os que não têm a inclinação natural de diminuir seu próprio valor, esquivando-se de pleitear recompensas almeçadas.

As honrarias e situação de destaque são prêmios, que nos vêm pelas mãos de outrem, cabendo-nos apenas fazer por merecê-los, com o auxílio da inteligência e da elevação dos sentimentos.

Na riqueza intelectual, a boa filosofia ensina olhar para frente, sem se deixar extasiar diante do produzido, para poder divisar o caminho que ainda vai percorrer.

A mim, foram os amigos que facilitaram a entrada nesta casa, para onde venho entre alegre e receoso de não poder ombrear com as competições intelectuais desta ilustre agremiação.

Se Brandão Filho foi generoso em enaltecer as qualidades do discípulo, há de permitir que manifeste também minha dívida na formação médico-cirurgião que possuo.

A minha técnica até hoje ainda é a sua. Se foi modificada nos detalhes, conservada ficou em sua essência. É dele o mesmo hábito de pouco confiar no ajudante, sendo o operador quem executa quase tudo no ato cirúrgico. É a mesma a maneira de pinçar e ligar os vasos, o uso da tesoura, como ins-

trumento principal, que tanto corta, como afasta e dissocia os tecidos. Uma enfermeira instrumentadora e material simples e reduzido. Manobras rápidas, sem a preocupação de tempo. Este conjunto de condutas técnicas, realçado por particularidades pessoais inimitáveis, nos gestos e atitudes, constitui a originalidade de seu método.

Mas se os discípulos guardam, fielmente, às vezes, o conjunto da técnica, a tática operatória obedece, por certo, aos temperamentos que conservam sua feição peculiar, conferindo personalidade aos cirurgiões.

Tenho procurado imprimir, no Centro de Cancerologia, as lições aprendidas na Escola Brandão Filho. Imito-lhe o regime de trabalho, a disciplina, a ordem e a hierarquia, gravados no subconsciente, durante minha passagem pela Santa Casa.

Brandão Filho, na cirurgia nacional, teve a virtude de formar uma Escola, de traços tipicamente brasileiros, já de sobejo, confirmados pelos mais ilustres representantes da cirurgia de outros países que nos têm visitado. Soube educar uma plêiade de cirurgiões jovens, que hoje podem se nivelar com os maiores do estrangeiro. Mesmos os maiores entres nós, de formação independente, deixam entrever a influência da Escola Cirúrgica, nascida na 23ª Enfermaria da Santa Casa, com Brandão Filho, continuador de Álvaro Ramos e Daniel de Almeida.

Quantas vezes não me ocorre ainda hoje nos momentos difíceis na cirurgia do câncer a conduta serena e oportuna do mestre esclarecido. E não se diga que a cancerologia dispensa o saber e a experiência adquiridos na prática de cirurgia geral. O câncer, não poupando nenhum órgão ou tecido do corpo humano, impõe ao cancerologista, antes de tudo, o fácil traquejo da cirurgia geral, para poder alcançar resultado cabal inegavelmente mais difícil do que a simples remoção de uma afecção benigna.

Outrora, a falta de conduta cirúrgica, sem condições de assepsia e anestesia, fez com que o tratamento operatório do câncer sofresse retardamento em sua evolução.

E nos tempos modernos foi a falta de especialização dos que fazem a cirurgia geral, sem atender aos preceitos da cancerologia, que impediu o progresso do mesmo tratamento cujo ponto culminante acaba de ser agora atingido, com o advento da eletrocirurgia.

Aos cancerologistas, cumpre até mesmo possuir um adestramento superior ao requerido pela cirurgia geral, a fim de poder remover a lesão de qualquer região do corpo humano, imbuído de uma mentalidade obstinada e afeita aos imperativos das operações radicais, que procuram destruir o mal, em suas mais escondidas e traiçoeiras expansões.

Foi com o valioso cabedal, adquirido na cirurgia geral, que, por conta própria, no Serviço Brandão Filho, enveredei por esse novo caminho, até então inexplorado em nosso meio – a eletrocirurgia –, que hoje representa a arma de minha maior especialização no tratamento do câncer.

A respeito deste recurso terapêutico, que reputo da mais alta importância, na luta contra o câncer, achava-me, a princípio, meio divorciado do mestre. Agora, porém, para orgulho e satisfação minha, vejo, que ele com a sua grande perspicácia reconhece o valor e mesmo prestigia o método eletroterapêutico usado largamente no Centro de Cancerologia.

O outro compromisso hoje, assumido, não está certamente também na altura de minhas forças; substituir José Antônio de Abreu Fialho, no lugar que ocupava nesta Academia. Médico dos mais eminentes, mestre ilustre na especialidade que exercia, Abreu Fialho foi também escritor primoroso, profundo nos conceitos e apurado no estilo. Sua obra notável e sua produção científica colocaram-no entre os mais acatados tratadistas da oftalmologia contemporânea. Sua bagagem literária é tão rica e brilhante, quanto a que acumulou na medicina.

Deixou para mais de uma centena de produções, sob forma de conferências, artigos, discursos, onde se revela apaixonado cultor do vernáculo, fecundo nas idéias e elegante na forma.

Não foram, apenas, estas as virtudes que o notabilizaram. Dele, também eram as qualidades de fino “causeur”, fonte radiosa de estima e simpatia.

Enfim, a cortesia de seu trato, a educação de suas maneiras, a importância do porte e o respeito natural que emanava de sua própria personalidade inspiravam esta admiração que se deve às pessoas de alta linhagem, e, ainda mais, esta confiança que os homens transmitem aos circunstantes, quando imbuídos, eles próprios, da certeza de suas palavras.

Merece também destaque na personalidade de Abreu Fialho seu amor à profissão, quer na cátedra, a que deu o melhor de seus esforços, quer na clínica, a qual sempre se dedicou com afeição.

Sua atuação como diretor da Faculdade de Medicina foi das mais eficientes. Dedicou-se de maneira exemplar às múltiplas obrigações exigidas pelo cargo, remodelou todas os serviços clínicos da Faculdade; criou novas seções, tais como a de cirurgia experimental, o laboratório central de pesquisas etc.

Homem de ação e de luta, como foi de gabinete e de estudos, conquistou títulos honoríficos, do mais alto valor, e atingiu às culminâncias da medicina brasileira.

Permiti agora, Srs. Acadêmicos, nesta hora de ajustar as dívidas do coração, que eu consigne nesta tribuna a estima e gratidão que voto a uma personalidade destacada na cirurgia nacional: – Augusto Costallat.

A ele também devo imenso por ter aberto, livremente, sua clínica na Santa Casa, que servi vários anos, aproveitando seus ensinamentos e desfrutando sua confiança e bondade, sem par.

Agora, Srs. Acadêmicos, ao terminar esta singela oração, não poderia fazê-lo sem ter palavras de agradecimento a todos vós, pelo crédito concedido a minha pessoa, quando tão generosamente aceitastes a indicação de meu nome, candidato a uma vaga, nesta augusta agremiação.

De minha parte, resta envidar o melhor de meus esforços, para corresponder à confiança demonstrada, procurando dignificar-me entre os meus pares e enaltecer ainda mais, se possível, o prestígio desta Academia.”

Ambas as orações foram longamente aplaudidas.

Além dos membros da Academia, assistiram à cerimônia numerosos médicos e estudantes.



Academia Nacional de Medicina

Discurso do Prof. Brandão Filho na recepção do Dr. Mário Kroeff

Boletim da sessão de 18 de julho de 1940

Sessão em 18 de julho de 1940

Ordem do dia

Presidente: Dr. Aloysio de Castro.

Secretários: Drs. Roberto Freire e Pitanga Santos.

O Sr. Presidente: “Achando-se na ante-sala o Dr. Mário Kroeff, que vêm tomar posse como membro-titular, designo para recebê-lo os Drs. Roberto Freire, João Marinho e Barbosa Vianna.”

(Sob prolongada salva de palmas, dá entrada no recinto da Academia o Dr. Mário Kroeff).

O Sr. Presidente: “Meu nobre colega, Dr. Mário Kroeff: a vossa carreira científica e o brilho do vosso exercício profissional têm despertado entre os vossos colegas justa admiração. A obra benemérita a que vós tendes consagrado nos últimos anos e o combate ao câncer revelam de vossa parte não só grande ardor científico, mas grandeza de alma.

Ao Centro que devotadamente diriges no Hospital Estácio de Sá – hospital que representa entre nós um grande foco de irradiação da cultura médica – está destinado o grande porvir e o vosso nome ilustre tem aí a mais bela consagração.

É com viva admiração pelos vossos méritos que vos entrego o colar simbólico da Academia.”

O Dr. Brandão Filho: “Pela primeira vez subo a esta tribuna para dar as boas-vindas a um novo acadêmico. Não que me tenham faltado discípulos e amigos aqui ingressados durante os meus longos anos de convivência nesta casa.

Não foi, por certo, também a indiferença ante as manifestações de solidariedade prestadas a companheiros que se distinguiram, nem tão pouco porque me faltassem sentimentos de coleguismo, para com os que na vida abraçaram a mesma profissão, muito menos pela ausência de sensibilidade para com as festas acadêmicas, ou ainda, o desinteresse pela mais augusta agremiação do país.

Sempre julguei que se impunha um orador fluente, para realçar com a sua palavra fácil, o brilho desejado em tais solenidades.

Mário Kroeff não foi da mesma opinião, e assim se explica a minha presença nesta festa. Ela serve, também, para testemunhar que compartilho das alegrias desta casa, que me orgulho de pertencer ao número de seus membros e que me sinto feliz em assistir a incorporação de um novo par, digno e ilustre por todos os títulos.

Com palavras meigas, de afeto e admiração, recebo hoje Mário Kroeff, que, como assistente da 1ª cadeira da clínica cirúrgica da Faculdade, deu provas de grande merecimento e alto valor profissional.

Ao ingressar em meu serviço da Santa Casa, recém-chegado de uma viagem de estudos à Europa, vinha exuberante de aprendizagens e pleno de teorias. Se bem que indeciso ainda na atuação prática, deixava antever o grande cirurgião que se esboçava. Nomeado por mim assistente-adjunto, passou logo ao posto de encarregado de um setor de enfermagem e, sem demora, ao de chefe de uma ala de doentes, como é de velha praxe em meu Serviço do Hospital da Misericórdia.

Por essa ocasião, e a propósito da promoção rápida de Mário Kroeff, preterindo outros colegas mais antigos, tive ensejo de fazer sentir a todos os assistentes que, para mim, a antiguidade não constituía direito adquirido ao julgar valores, mas que estes

eu só aquilatava pela capacidade, grau de cultura e inteligência, dedicação e amor ao trabalho.

Foi em meu Serviço, em 1927, que se fizeram entre nós, as primeiras aplicações de eletrocoagulação contra o câncer, pela mão de Mário Kroeff, com aparelho que trouxera da Europa.

Após o êxito da 1ª intervenção executada em um doente da 17ª Enfermaria, portador de um cancroide da face, Mário Kroeff prosseguiu, intervindo em outros casos mais extensos, para se tornar o pioneiro do método entre nós.

Mas não foi sem trilhar penoso caminho que atingiu a situação de evidência que hoje desfruta no conceito de seus pares. Perseverante e incansável, aceitava o encargo do tratamento dos cancerosos da Santa Casa, operando, por favor, em todos os serviços, às vezes, pelas salas de curativo, sem auxiliares capazes, quase só, contando com o desconforto, a indiferença e até com a oposição dos descrentes, que viam em suas tentativas um esforço inútil. Mas a força de vontade tornava-o indiferente até mesmo à revolta passiva dos serviçais, pela permanência de um canceroso no hospital, doente tido como indesejável, mas que, a Santa Casa, sempre acolhedora, costuma abrigar, transitoriamente, para adiar uma situação precária.

Fazia ele próprio os curativos após as operações, procurando sempre documentar cada caso e, o que era mais árduo ainda, transportava e reconduzia, pelos ombros dos serventes, a sua pesada aparelhagem eletrotérmica, depois de ter servido a um doente, para ser usada em outros no consultório.

Trabalhador infatigável, que não esmorece ante as mais árduas dificuldades, juntou, com o tempo, largo cabedal de experiência e observação, conseguindo colecionar vários casos de cura com que fez suas primeiras publicações, difundindo o emprego do método eletrotérmico entre nós.

Seu primeiro trabalho, com o qual concorreu ao título de livre docente de clínica cirúrgica da Faculdade, em 1939 – Diatermocoagulação no tratamento do câncer –, é o resultado do labor de

seus dois primeiros anos, dedicados aos doentes de câncer.

Daí, a carreira profissional de Mário Kroeff fez-se rapidamente, tendo-se sobressaído principalmente na cancerologia, sobre o que publicou vários trabalhos de real valor.

Tornou-se perito em autoplastias, especialidade que requer não só técnica precisa, como engenho e capacidade criadora, por ter sido obrigado tantas e tantas vezes a recompor as destruições causadas pela doença em que se especializara.

No 1º Congresso Brasileiro de Câncer, realizado em 1936, apresentou volumoso trabalho de alto valor científico: “Tratamento do câncer pela eletrocirurgia”.

Merece destaque um processo seu, original, de tratar os tumores da mandíbula pela eletrocoagulação. Em vez de praticar a ressecção total ou parcial do maxilar, presa do tumor, como o faz a cirurgia clássica, ele destrói pelo método em apreço, não só a formação tumoral, como também a parte afetada do órgão, provocando necrose óssea, às vezes de largo segmento mandibular. Em lugar de ressecar esta porção destruída do referido osso, ele deixa propositadamente o seqüestro no local, mantendo a continuidade do eixo do maxilar.

No fim de algumas semanas, às vezes dois meses, o seqüestro da coagulação diatérmica podia ser luxado facilmente com uma pinça, porque já desempenhara o papel de molde para a recomposição do osso afetado. Este processo é como disse original. Bordier de Lyon reconhece sua autoria em artigo publicado expressamente sobre o assunto nos “Archives d’Électricité Médicale et Physiotherapie du Cancer”, em 1935, quando disse: “É um fato novo da cirurgia dos ossos, este de seqüestro da coagulação diatérmica poder servir de prótese para conservar a continuidade do esqueleto. É uma concepção nova na cirurgia dos ossos bem estabelecida pelo Dr. Mário Kroeff.”

Novamente Bordier, em 1937, na 7ª edição de sua obra “Diathermie et diathermotherapie”, ba-

seia todo um capítulo sobre os trabalhos de Mário Kroeff. Assim se refere o mestre francês: “Este capítulo, pequeno pelo número de páginas, maior pelo seu alcance prático, destina-se principalmente aos cirurgiões. A diatermia cirúrgica presta serviço tanto no câncer da file e das mucosas como no câncer dos ossos. Foi Mário Kroeff, do Rio de Janeiro, quem teve a iniciativa de atacar esses cânceres (dos ossos) pela diatermocirurgia, da qual ele conhece bem os recursos.” Mais adiante acrescenta: “A diatermia cirúrgica nas mãos deste hábil cirurgião conseguiu modificar alguns pontos da técnica cirúrgica do câncer.”

Por aí se vê que Mário Kroeff já contribuiu também para tornar conhecida no estrangeiro a ciência médica brasileira.

Possui mesmo títulos honoríficos e condecorações recebidas do estrangeiro por seus trabalhos científicos e por serviços prestados à causa da humanidade.

Mas não foi somente na cancerologia e na arte autoplástica que Mário Kroeff se sobressaiu. Também no domínio da arteriografia há idéias originais. Além de um trabalho completo, elaborado sobre “Exploração arterial e arteriografia, como meio de diagnóstico”, publicou um outro sobre “Aneurismografia e arteriografia retrógrada.” Imaginou e executou um processo de explorar as artérias fazendo o líquido contraste, injetado na luz do vaso, subir contra a corrente, em vez de descer a favor, como é usual.

A ação de Mário Kroeff não fez sentir somente no meio científico, mas estendeu-se também ao domínio médico-social, criando um Serviço destinado à luta contra o câncer: o Centro de Cancerologia, primeiro núcleo oficial anticanceroso entre nós.

Creio que o Governo se decida a amparar esta realização para pôr em proveito dos desamparados os benefícios da técnica e do entusiasmo de Mário Kroeff.

Até então, o Brasil não tinha tomado esta iniciativa, colocando-se em condições de inferioridade, em confronto com os outros países civili-

zados, que organizaram, desde há muito, grandes institutos de combates e estudo do câncer. Basta acentuar, dentre outros, os nossos vizinhos da Argentina e do Uruguai.

Para se julgar qual a messe de benefícios que o Centro de Cancerologia, verdadeiro hospital em miniatura, núcleo de organização modelar, está fadado a prestar à nossa gente, considerem-se, por um momento, a capacidade de trabalho e a eficiência de seu diretor, recordando a sua atuação em favor dos cancerosos, no tempo em que militava na Santa Casa, pelos Serviços alheios.

Bem haja as promessas do Governo, quando declara pretender ampliar as possibilidades do Centro de Cancerologia dotando-o de outras armas, além das que hoje possui, para enquadrá-lo nas funções de um verdadeiro instituto, com raio de ação muito mais amplo.

Contribuindo para criação do Centro de Cancerologia, Mário Kroeff já prestou um grande serviço ao País, ligando o seu nome à luta contra o câncer entre nós.

Mas sua dedicação ao trabalho e seu interesse pelo estudo do câncer não se restringem aos problemas de ordem científica. Além do tratamento, que pratica quando ainda é possível, preocupa-se, por sentimentos de humanidade, com a sorte dos incuráveis, com o amparo devido aos perdidos.

Fundou com o apoio de altas figuras de destaque social a Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos, para a construção de um asilo, destinado a atenuar as penas dos desenganados, proporcionando-lhes uma morte suavizada com o conforto afetivo, na dor física e moral.

O cirurgião que tem, assim, o arrojo das grandes operações, quando procura salvar os que estão no limiar das possibilidades, possui coração sensível ante o espetáculo dos que sofrem sem remédio e dos que se acham irremediavelmente perdidos.

Por esses motivos, meus senhores, considero Mário Kroeff, um colega ilustre, digno e altruísta – justo motivo de orgulho da classe a que pertencemos.

Ao ingressar na Academia Nacional de Medicina Nacional, a mais alta agremiação científica do Brasil, estou certo de que Mário Kroeff irá dignificá-la com o fulgor de sua inteligência privilegiada e com o concurso de seu devotamento à causa da Ciência.

Seja, portanto, bem-vindo.”



Sociedade Médica da Bahia A luta contra o câncer

Quatro professores vão fazer conferências científicas na Bahia

O Globo, 18-10-1940

A convite da Faculdade de Medicina da Bahia e da Liga Baiana contra o Câncer, seguem, amanhã, sábado, para Salvador, os Profs. Mário Kroeff, Diretor do Centro de Cancerologia; Alberto Coutinho, Chefe da Clínica daquele Centro; Moraes Coutinho, da Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina; e Octávio de Carvalho, professor da Escola Paulista de Medicina, que ali vão realizar conferências científicas e demonstrações práticas nos hospitais, sobre o tratamento do câncer, pela eletrocirurgia.

Tendo em vista, ainda, a educação sanitária do grande público em relação à profilaxia do câncer, será exibido um filme, de longa-metragem, elaborado pelo Centro de Cancerologia e editado pela Filмотeca Cultural, sobre a luta contra o câncer e a história da medicina.

Esse filme visa transmitir noções precisas, indispensáveis à boa orientação, não só dos médicos, como da população em geral, numa luta eficaz contra a difusão daquele flagelo social.

Luta contra o câncer

Conferências na Bahia por especialistas do Rio

Correio da Manhã, 19-10-1940

No combate às doenças sociais que afligem a humanidade, entre as quais se destaca o câncer, como a mais terrível, há inegavelmente, por toda parte, certa inquietação e um movimento geral de defesa por parte dos homens de ciência e governos, dos países civilizados.

Criam-se grandes institutos de pesquisas e tratamento, hospitais, asilo, ligas e fundações de todo o gênero, visando acolher e tratar as doentes pelos processos mais eficientes de que dispõe atualmente a Ciência.

Entre nós, já se começa a compreender o alcance de uma campanha bem orientada e dirigida pelos poderes públicos, pois que só em instalações adequadas e com educação sanitária popular difundida se poderão conseguir resultados favoráveis contra o traçoeiro inimigo.

No Distrito Federal, o governo prometeu ampliar a capacidade de ação do Centro de Cancerologia, este pequeno núcleo de trabalho, que já tão bons serviços tem prestado a nossos infortunados enfermos. É desnecessário encarecer a necessidade de dotar a Capital de uma organização condigna, para enfrentar o flagelo, cujo número de vítimas parece cada vez mais assustador, a ponto de constituir, de fato, um sério problema de assistência médico-social.

Em São Paulo acaba de ser criado o Instituto de Câncer.

Esta providência governamental alia assim seus esforços aos de outras organizações privadas, que se achavam empenhadas na penosa campanha, tais como a Fundação Arnaldo Vieira de Carvalho e o Hospital Matarazzo, Humberto Primo, que são possuidores de radium, esse precioso elemento de cura em doses apreciáveis.

Em Belo Horizonte o Instituto de Rádio continua prestando bons serviços. Em Recife esboça-se também um movimento neste sentido, encabeçado pelo Dr. Caldas Bivar.

Na Bahia foi, recentemente, criada a Liga Baiana contra o Câncer, tendo à frente o Prof. Aristides Maltez, e já recebeu apoio de interventor Landulfo Alves.

Atendendo a que, na luta contra o câncer, um dos fatores principais de êxito consiste na educação sanitária, tanto popular como profissional, a fim de que haja um melhor conhecimento da doença e conseqüente maior desvelo de tratamento, feito precocemente, a Liga Baiana contra o Câncer e a Faculdade de Medicina acabam de convidar o diretor do Centro de Cancerologia, Dr. Mário Kroeff, e o chefe de clínica do mesmo, Dr. Alberto Coutinho, para em visita àquela cidade realizar conferências científicas, sobre o câncer, e demonstrações práticas nos hospitais, visando divulgar as modernas aquisições no domínio do tratamento do câncer pela cirurgia.

Seguem também amanhã, os Profs. Octávio de Carvalho, que abordará a questão de diagnóstico precoce do câncer do estômago; e Moraes Coutinho, que falará sobre assunto de sua especialidade.

Será exibido ali um filme educativo, elaborado pelo Centro de Cancerologia e editado pela Filmoteca Cultura, sobre a luta contra o câncer, que é a história da própria medicina e da civilização. Esse filme, praticamente educativo, visa transmitir noções precisas e fartamente documentadas, indispensáveis à boa orientação não só dos médicos como da população em geral, numa luta eficaz contra a difusão daquele flagelo social.

A visita de cientistas ilustres

Diário de Notícias, Bahia, 20-10-1940

No prosseguimento do programa que se traçou – de combate decisivo e sem tréguas à terrível entidade mórbida –, a Liga Baiana contra o Câncer por seu presidente, Prof. Aristides Maltez, convidou o Dr. Mário Kroeff, eminente cancerólogo, docente da Faculdade Nacional de Medicina e fundador-presidente do Centro de Cancerologia, do Rio de Janeiro, a fazer-nos uma visita de intercâmbio científico, em que se estreitassem os laços e se unificassem as vistas dos que mourejam nos setores idealistas do bem público.

Aquiescendo ao convite, Dr. Mário Kroeff chegará a esta capital, amanhã, 21, acompanhado de brilhante comitiva, composta dos nomes eminentes de Octávio Carvalho, professor da Faculdade de Medicina de São Paulo; Alberto Coutinho, chefe de clínica e docente da Faculdade Nacional de Medicina, Alfredo Moraes Coutinho, docente e assistente da clínica psiquiátrica do Prof. Henrique Roxo.

Serão hóspedes oficiais do Governo do Estado e farão conferências autorizadas, versando sobre os seguintes temas: “Tratamento do câncer pela eletrocirurgia”, ilustrada com projeções; “Auto-plástica complementar no tratamento do câncer cirúrgico”, pelo Dr. Mário Kroeff; Câncer da mama – diagnóstico e tratamento” (matéria para projeção), Dr. Alberto Coutinho; “Síndromes alérgicas”, Prof. Octávio Carvalho; e “Higiene mental”, Dr. Alfredo M. Coutinho.

Assuntos outros relevantes serão focalizados, cujo programa oportunamente se divulgará, inclusive a projeção em um dos cinemas da cidade de um filme, elaborado pelo Dr. Mário Kroeff – *A luta contra o câncer* –, já filmado em São Paulo e consagrado pelas opiniões elogiosas de atacados cientistas sul-americanos.

As classes médica e acadêmica e o povo em geral, e, particularmente, as autoridades e a imprensa estão sendo de antemão, convidados.



Tratamento precoce

O tratamento precoce é a base da profilaxia anticancerosa

Fala ao Estado da Bahia o Prof. Mário Kroeff – Quatro cientistas patricios realizarão conferências na Bahia – Programa da semana de propaganda

Estado da Bahia, Bahia, 21-10-1942

Coube ao Estado da Bahia, há dias passados, a primazia de noticiar, em entrevista concedida pelo Prof. Aristides Maltez, a visita que seria feita à Bahia pelo ilustre cancerologista Prof. Mário Kroeff. Hoje, está plenamente confirmado o nosso “furo”.

Pelo vapor nacional “Itapé”, chegou o diretor do Centro de Cancerologia do Rio de Janeiro, acompanhado de seu chefe de clínica, Dr. Alberto Coutinho, do Prof. Octavio de Carvalho, diretor da Escola Paulista de Medicina e do Dr. Moraes Coutinho, assistente do Prof. Henrique Roxo na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, representante brasileiro de higiene mental.

Procuramos ouvi-lo no Palace Hotel, onde se acha hospedado em companhia de sua comitiva.

Encontramo-lo lá, cercado de professores baianos.

Gentilíssimo, o prof. Kroeff, solicitado para uma entrevista, prontamente atendeu-nos e disse:

Um futuro digno

Fomos convidados, pela Liga Baiana contra o Câncer e pela Faculdade de Medicina deste Estado. Estou satisfeito pela oportunidade que tenho em ver a Bahia e visitar suas organizações médicas, em particular, a Liga, que está sob a orientação do Prof. Maltez e de prestimosos elementos da sociedade baiana, tendo também todo o apoio da parte do interventor Landulpho Alves. Estou certo de que a Liga, assim prestigiada, terá um futuro digno do Brasil; já posso antever os inestimáveis serviços que ela vai prestar aos infelizes enfermos deste nefasto flagelo.

Continuando disse:

É idéia dos organizadores da Liga o estabelecimento de coordenação da mesma com os Centros de Cancerologia da Capital do País e de todos os outros que se venham a fundar em outros Estados, a fim de que haja entre elas as mesmas normas de ação, principalmente, sob o ponto de vista da educação sanitária, do grande público, que é o único meio de levar o maior número possível, de doentes a diagnóstico precoce e, portanto, a tratamento precoce, base de toda profilaxia anticancerosa.

Demonstrações Práticas

Finalizando, declarou o Prof. Kroeff:

Eu e meus companheiros vamos realizar demonstrações práticas nos hospitais baianos.

Terei oportunidade de mostrar o emprego da eletrocirurgia no tratamento do câncer. Permaneceremos aqui até o dia 30, quando regressaremos, em avião da Panair.

Programa

O programa organizado para a estada dos cientistas patricios entre nós é o seguinte:

Dia 23 – Às 14 horas, visitas ao Pronto-Socorro e ao Hospital das Clínicas.

Dia 23 – Às 20 horas – Sessão solene da Liga Baiana contra o Câncer, no Instituto Geográfico e Histórico para recepção do Dr. Mário Kroeff e sua comitiva. Falará o Prof. Aristides Maltez apresentando-os, seguindo-se à saudação oficial pela Dra. Cora Pedreira, 1ª secretária da Liga.

Conferência do Dr. Mário Kroeff sob o tema “Tratamento do câncer pela eletrocirurgia”, ilustrada com projeções.

Dia 24 – Pela manhã, sessão cirúrgica no Hospital Santa Isabel. À tarde, livre. Às 20 horas, conferência do Dr. Alberto Coutinho, no Anfiteatro Alfredo Brito, da Faculdade de Medicina, sobre “Câncer de mama, seu diagnóstico e tratamento”.

Dia 25 – Sessão operatória no Hospital Santa Isabel. Almoço no Rotary Club. Lançamento da pedra fundamental do Centro de Cancerologia da Bahia, com a presença do interventor, Arcebispo Primax, autoridades e o povo. Às 20 horas, sessão no Palácio da Saúde Pública, presidida pelo Dr. César Araújo. Conferência do Dr. Moraes Coutinho sobre “O Problema psicológico da compreensão mútua”.

Dia 26 – Às 20 horas, sessão na Sociedade de Medicina da Bahia, presidida pelo Prof. Eduardo Moraes, versando a mesma sobre “Úlceras gastroduodenais” pelo Dr. Octávio Carvalho.

Dia 27 – Às 10 horas, sessão na Sociedade Médica dos Hospitais sob a presidência do Dr. Octávio Garcez de Aguiar. Conferência do Prof. Octávio Carvalho sobre Síndromes alérgicas” e do Prof. Mário Kroeff sobre “Autoplastias complementares do tratamento do câncer cirúrgico”.

Às 18 horas, chá dançante no Ginásio Carneiro Ribeiro.

Dia 28 – Visita à Feira Sant’Ana e à Barragem de Bananeiras.

Dia 29 – Visitas ao Lobato, Rio do Cabre e “Leprosário de Águas Claras”. Jantar de despedida.

Um filme.

Durante esses dias de propaganda da luta contra o câncer, será exibido num dos cinemas locais o filme educativo – “*A história da medicina e a luta contra o câncer*”.



Um filme sobre “a história da medicina”

Iniciam-se hoje as conferências sobre o câncer

A Tarde, Bahia, 21-10-1940

A embaixada de médicos da Capital do País e de São Paulo ora entre nós, para realizar conferências a convite da Liga Baiana contra o Câncer,

visitou ontem o Hospital das Clínicas e Pronto-Socorro. À meia-noite, acompanhados do presidente e secretários da Liga, Drs. Aristides Maltez e Antonio Maltez, os Drs. Mário Kroeff, Octavio Carvalho, Alberto Coutinho e Alfredo Moraes Coutinho estiveram em visita no Aclamação, ao Sr. Landulpho Alves.

Na noite de hoje, às 20h30, haverá recepção no Instituto Histórico, onde se iniciam as conferências, já anunciadas.

No dia 25, sexta-feira; às 8h30, será exibido no Cinema Liceu o filme educativo “*A história da medicina e a luta contra o câncer*”, para o que estão sendo convidados médicos e estudantes das escolas superiores, especialmente os de medicina, para assistirem.

A entrada será franca.

Às 11 horas, logo que for terminada a projeção, a comitiva rumará para Brotas, onde na Chácara Boa Sorte será lançada a pedra fundamental do Instituto a ser brevemente construído na Bahia.



Ofensiva da ciência brasileira contra o câncer

Conferências, na Bahia, de especialistas no assunto – O Centro de Cancerologia e suas atividades – Um asilo para cancerosos, no Rio

A Tarde, Bahia, 22-10-1940

Chegaram ontem a essa capital, proveniente do Rio de Janeiro; a convite da Liga Baiana contra o Câncer, uma embaixada de médicos da Capital do País e de São Paulo, que realizarão conferências entre nós. Preside-a o Dr. Mário Kroeff, diretor e fundador do Centro de Cancerologia, que se fez acompanhar do Dr. Octávio Carvalho, professor da Escola Paulista de Medicina, Dr. Alfredo Moraes Coutinho,

assistente e livre docente da Faculdade de Medicina, e do Dr. Alberto Coutinho, assistente e livre docente de clínica cirúrgica da Faculdade de São Paulo.

Pela manhã de hoje, estivemos no Palace Hotel, onde se encontram hospedados os cientistas patrióticos, com os quais mantivemos cordial palestra.

O Centro de Cancerologia, e o órgão oficial do Governo, na Capital da República, de combate ao câncer, datando sua fundação de dois anos, apenas. Entretanto, já são relevantes seus serviços. É o mesmo dotado de ótimas instalações cirúrgicas e de eficiente aparelhagem de radioterapia.

Ao lado de sua organização, foi criada ainda a Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos, que tem por principal objetivo acolher e asilar os doentes que pelo adiantado estado de suas lesões não podem ser recebidos pelo Centro.

Esta Associação conta com o apoio de elementos da sociedade carioca, tendo como presidente de honra a Sr.^a Darcy Vargas. Associação de caráter privado, são valiosos os auxílios que ela vem recebendo da generosidade brasileira.

O Dr. Kroeff disse-nos contar dentro em breve com a construção de um asilo para os cancerosos.

Nessa capital, além de demonstrações práticas no Hospital S. Isabel, fará exposições de filmes científicos, elaborados pelo Centro de Cancerologia e editados pela filmoteca cultural, e serão realizadas as seguintes conferências: pelo Dr. Mário Kroeff, sobre “Tratamento do câncer cirúrgico”; pelo Dr. Octávio Carvalho, sobre o “Diagnóstico precoce de câncer do estômago” e “Síndromes alérgicas”; dr. Morais Coutinho, sobre “O problema psicológico de compreensão mútua”; e o Dr. Alberto Coutinho, que tem como tema da sua conferência: “Câncer da mama, diagnóstico e tratamento”.

Congressos

Primeiro Congresso Brasileiro de Câncer

O programa para as sessões de hoje

29-11-1935

Está marcado para hoje o seguinte programa das atividades do 1º Congresso Brasileiro de Câncer, que se instalou domingo último, nesta capital, sob o patrocínio da Sociedade de Medicina e Cirurgia e sob a presidência do Dr. Maurithy.

As 8h30 da manhã – Sessão cirúrgica no Hospital Alemão, pelo Dr. Mário Kroeff, constante das seguintes operações:

1. Eletrocoagulação de tumor da mandíbula.
2. Amputação da mama, por câncer, com bisturi elétrico.
3. Faringotomia lateral para coagulação de tumor da epiglote.

Às 8 horas da noite – Sessão (2ª sessão) – da “Seção de clínica”.

Leitura do relatório oficial: “Câncer em clínica” – relator: Prof. Eduardo Rabêlo. Discussão.

Comunicações:

- a) Prof. Ozório de Almeida – “Tratamento do câncer pelo oxigênio”.
- b) Dr. Renato Machado – “Câncer do bloco nasofacial”.
- c) Dr. Athayde Pereira (São Paulo) – “Clínica do câncer da bexiga”.

d) Dr. Pitanga Santos – “Tratamento do câncer do reto”.

e) Dr. Antonio Prudente (São Paulo) – “Eletrocirurgia e cirurgia de reparação no tratamento operatório das neoplasias malignas”.

f) Dr. Fernando Ellis Ribeiro – “Câncer da mama”.

g) Dr. Ary Miranda – “Câncer do pulmão”.

h) Dr. Cruz Lima – “Neoplasma do sistema reticuloendotelial”.

i) Dr. Waldemar Berardinelli – “Câncer e constituição”.

Na reunião, de hoje, do Congresso deverá ser lida a comunicação do Dr. Raul Pontual sobre câncer do esôfago e do estômago.



Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro

A conferência do Sr. Paulino Longo, de São Paulo – As comunicações dos Srs. Mário Kroeff e Clovis Salgado

Jornal do Commercio, 5-8-1936

Presente grande número de membros, realizou-se ontem, sob a presidência do Prof. Helion Póvoa, a sessão semanal da Sociedade de Medicina e Cirurgia.

Iniciando os trabalhos, o Sr. presidente deu a palavra ao Sr. Paulino Longo, enviado pela Associação Paulista de Medicina, a fim de manter o intercâmbio médico-cultural entre Rio de Janeiro e São Paulo.

O Dr. Paulino Longo faz uma conferência sobre as paralisias periódicas familiares de Wespball, das quais teve oportunidade de observar três casos, há cerca de 10 anos, juntamente com o professor Vampré.

Depois de fazer um resumo das observações que são as primeiras registradas no Brasil, chama-se a atenção para os assuntos culminantes da entidade clínica em apreço, a saber: paralisia periódica transitória, caráter hereditário, perturbações da excitabilidade elétrica do músculo e do nervo durante a crise. Faz um “*mise au point*” do assunto que constitui um dos pontos obscuros da neurologia. Ressalta a grande raridade de tais casos, orçando em 400 a estatística mundial. Demonstra a grande riqueza da sintomatologia clínica em contraste com a verdadeira ignorância no que concerne à etiopatogenia da entidade mórbida. Acena para as variadíssimas doutrinas patogênicas, defendendo a teoria de Guillain e Barré, ou seja, a intoxicação intermitente do sistema nervoso – produzida por um tóxico de origem endógena. Faz alguns comentários sobre os múltiplos tratamentos aventados, todos eles ineficazes nesta moléstia, que se não é grave quanto à vida, é, no entanto rebelde a toda a medicação.

Propõe a radioterapia dos centros medulares correspondentes às raízes dos membros correspondentes.

Convidado pelo presidente da Sociedade a comentar a comunicação do Dr. Paulino Longo, o Dr. Aluizio Marques diz que, representando os neurologistas presentes, se revestia da autoridade que lhe foi conferida para dizer com satisfação que a qualquer dos colegas, como a ele, a comunicação do Dr. Longo só se apresentava merecedora de louvores, qualquer comentário feito em torno só poderá visar elogios. Todos ouviram a palestra do colega paulista com o máximo de atenção e nela tiveram muito que aprender. O Dr. Longo, dentro de exato espírito científico, só trouxe à Sociedade fatos indiscutíveis, desprezou quaisquer das

questões discutíveis, ali apenas aliou os pontos de fisiopatologia que mais se prestam à aceitação. Disse mais o Dr. Aluizio Marques, que o Dr. Longo trazendo para o nosso meio um assunto completamente inédito, jamais estudado nos centros nacionais, como seja a paralisia periódica familiar, homenageou o meio neurológico do Rio de Janeiro com um trabalho que foi motivo de estudos do Prof. Vampré e dele, com a exposição do qual colheram o mais real proveito.

Em seguida, o Dr. Mário Kroeff falou sobre dois casos de autoplastia cutânea.

O primeiro caso foi o de um doente apanhado por um trem, que teve esmagamento do calcanhar, com exposição óssea. Para permitir a marcha com apoio do pé sobre o solo, foi feito um enxerto autoplástico, à custa de pele, retirada da panturrilha do lado oposto, para reconstituir um forro suficientemente espesso na planta do pé doente.

O retalho feito pelo processo tubular aderiu perfeitamente, facultando ao acidentado a marcha normal.

O segundo caso referiu-se a um caso de câncer da face, que foi tratado pela eletrocirurgia com destruição completa do nariz.

O Dr. Mário Kroeff, à custa de um retalho de pele, retirado da testa do doente, recompôs o nariz do paciente, em condições apresentáveis, apresentando-se o portador visivelmente satisfeito diante do auditório da Sociedade com o resultado das operações, a que foi submetido.

A comunicação do Dr. Mário Kroeff causou geral agrado à Sociedade e foi comentada auspiciosamente.

Vários colegas felicitaram-no mesmo, tecendo referencia às recomposições que faz em seus doentes quando a cirurgia do câncer lhe obriga a largas destruições, pois que é um grande adepto do tratamento do câncer pela cirurgia elétrica.

Finalmente o Sr. Clóvis Salgado comunicou um caso de sua clínica privada, em que se observou, pela simples queda sobre uma cadeira, uma contusão herniária tão grave que uma operação se fez necessária ao cabo de quatro dias.

Trata-se de uma velha hérnia inguinal em um homem de 68 anos de idade. No dia do acidente, estava sem a funda protetora. O choque de uma das pontas da cadeira foi direto sobre o intestino que nestes casos jaz sob a pele. O ponto machucado entrou em esfacelo e caiu ao quarto dia, perfurando o intestino.

A operação consistiu em cortar a porção do intestino doente e restabelecer a continuidade do órgão, por meio de uma sutura término-terminal. O resultado foi excelente.

Termina o autor salientando o interesse da rara ocorrência, que constitui mais uma razão para a cura cirúrgica das hérnias, em tempo oportuno.



Sociedade de Medicina de Porto Alegre

Tratamento do câncer pela eletrocirurgia

Conferência do Prof. Mário Kroeff

Correio do Povo, 4-4-1937

Sob a presidência do professor Guerra Blessmann, reuniu-se a Sociedade de Cirurgia, para a Conferência do Dr. Mário Kroeff, que se achava anunciada e que devia se realizar no Salão Nobre da Faculdade Medicina.

O presidente, ao abrir a sessão, teceu elogiosas referências à personalidade do conferencista e ao valor do trabalho, que realiza sobre o câncer, assunto em que tornou especialista consumado, hoje acatado no país e também no estrangeiro, onde suas publicações já são lidas, comentadas, com franco entusiasmo.

O Prof. Guerra Blessmann declarou que teve ocasião de ouvir, de uma das maiores sumidades, a respeito do tratamento do câncer pela cirurgia elétrica, o Prof. Franz Keysser, de Berlim, e asseverou que neste ramo de ataque ao câncer, nada de novo teria a oferecer, seus ouvintes, no Rio de

Janeiro, pois, que Mário Kroeff havia se tornado uma autoridade no assunto.

O presidente disse ainda que a Sociedade se orgulhava de receber o Prof. Mário Kroeff, para realizar sua conferência, porque reconhecia o valor do patricio ilustre e a importância da documentação, que traria ao tratamento deste mal traiçoeiro, que zomba de todos os esforços da ciência médica.

Dada a palavra ao Dr. Mário Kroeff, esse começou agradecendo as referências elogiosas do ilustrado presidente e declarou que sentia uma das mais agradáveis emoções: voltar à sua terra natal depois de longa ausência e ser recebido por motivo profissional numa assembléia de patricios, amigos e de velhos mestres, daquela mesma Escola que lhe orientara os primeiros passos de estudante indeciso.

Passando logo ao assunto, fez projetar uma centena de figuras, as mais variadas, de casos seus operados pela eletrocirurgia, a propósito de cada uma detinha-se em esclarecimentos, mostrando as vantagens da cirurgia elétrica sobre o bisturi comum e a radioterapia. Aqui, eram tipos de cânceres que resistiram ao radium e foram debelados pela eletricidade. Ali, já se apresentaram circunstâncias mórbidas, onde a cirurgia comum seria incapaz de extirpar os tumores malignos, sem evitar a recidiva local.

Confrontando as armas de que dispõe a terapêutica atual do câncer, ele declara, demonstra e assevera que nenhuma sobrepuja a eletrocirurgia, quando manejada por mãos especializadas.

Insiste sobre o fato de que no processo da electrocoagulação, o operador deve, principalmente, procurar a remoção de toda a neoplasia com suas raízes e não confiar, demasiadamente, no efeito da corrente sobre a infiltração cancerosa e na ação do calor sobre as células malignas, se bem que sejam menos resistentes do que os tecidos normais.

Repete que, a respeito do câncer, não deve o operador se preocupar com as mutilações, porque é o único meio de erradicar completamente o mal,



quando este ultrapassar a fase do início, cabendo depois o profissional reparar os danos causados, pela extirpação da doença.

Na cirurgia do câncer, já que ele nem sempre se pode dispensar de provocar largas destruições, deve o cancerologista se exercitar na recomposição plástica de perdas de substância.

Apresenta aí, então, o Dr. Mário Kroeff, belos casos de autoplasia, executados alguns por técnica sua.

São lábios, nariz, bochecha e queixos reparados quase ao natural.

Admirou, sobretudo, um processo originalmente seu de se aproveitarem os ossos atacados pelo câncer para servir de enxerto na reparação das deformações do esqueleto.

O próprio osso, depois de despojado do elemento maligno serve de prótese para manter a continuidade do esqueleto e uma vez eliminado já houve tempo para que o processo natural da osteogênese refizesse o osso destruído, necrosado pela eletricidade.

Sobre essa técnica que demonstrou cabalmente, com vários casos bem-sucedidos, foi comentado na França por Bordier que reconheceu nele uma “concepção nova bem estabelecida pelo autor”.

Por fim, foram passadas duas fitas cinematográficas, de operações praticadas pelo conferencista, com o bisturi elétrico, que mostraram claramente a técnica em seu campo de ação.

A conferência deixou a impressão unânime de especialização médica, não só na parte técnica da eletrocirurgia que conseguiu resultados surpreendentes, como na parte plástica sobre que trouxe verdadeiras surpresas, sob o ponto do vista artístico.

Ao terminar a sessão, o presidente depois de se congratular com a Sociedade pela brilhante conferência que acabava de ouvir teceu ainda comentários a respeito, dizendo que se, de fato, a eletrocirurgia constitui uma arma valiosa no combate ao câncer, seus maiores sucessos, entretanto, dependem de uma especialização aprimorada e de um adestramento peculiar ao cirurgião.

Sociedade de Medicina de Porto Alegre

Reabertura dos trabalhos – Cruzada de educação sanitária – Conferência do Dr. Mário Kroeff

Correio do Povo, 4-4-1937

Conforme havíamos previamente anunciado, a Sociedade de Medicina reabriu, anteontem à noite em sua sede, suas sessões anuais.

Mau grado o tempo chuvoso, a primeira reunião da Sociedade no corrente ano foi grandemente concorrida. Contribuiu para esta afluência a conferência do eminente cirurgião Dr. Mário Kroeff sobre “Arteriografia retrógrada” (método do autor).

Aberta a sessão pelo Prof. Mário Totta e depois de lida e aprovada o ata da última reunião do findo, o secretário-geral, Dr. João Lisbôa de Azevedo, procedeu à leitura do relatório.

Fala o Dr. Mário Totta.

Terminada a leitura deste trabalho, que causou ótima impressão, o professor Mário Totta tomou a palavra para referir-se à iniciativa que tomara de promover a alteração dos estatutos, no sentido de a Sociedade não ficar circunscrita, apenas, ao cultivo da medicina entre os médicos, como estabeleciam os estatutos antigos, mas que tornasse mais ampla sua finalidade, colaborando também nos problemas de medicina social, numa tarefa de humanidade e de altruísmo. Meu escopo, neste particular, afirmou o professor Mário Totta, é pôr em contato direto a Sociedade de Medicina com a coletividade, numa grande cruzada de educação sanitária.

Referiu, então, aquele presidente que para realizar seu ideal já se entendera com a Sociedade Farroupilha no sentido de ser semanalmente, em dia e hora fixados, irradiada uma conferência médica, exclusivamente educativa. Estas conferências serão feitas em estilo acessível a todos os espíritos

e terão a duração máxima de dez minutos, para realizarem integralmente a sua finalidade.

Em seguida, o Dr. Mário Totta, tendo prestado contas da sua gestão, referente ao ano findo, convidou o Prof. Florêncio Ygartura a assumir a direção dos trabalhos. Por sua vez, este último clínico cedeu a cadeira de presidência ao professor Mário Totta, de novo empossado no cargo. Prolongada salva de palmas partida de toda a assistência courou esse ato de posse.

Fala o Presidente

Levantou-se a seguir o Prof. Mário Totta que, vivamente sensibilizado, agradeceu mais essa expressão de homenagem de seus colegas.

Disse que guardava, imperecível e vivaz, a deslumbradora impressão de grandiosa e imerecida reverência feita a sua pessoa, no ato de sua reeleição. Ainda soavam aos ouvidos as palavras de generoso louvor com que o distinguiu, como intérprete de seus colegas, seu eminente confrade e prezadíssimo amigo professor Aurelio Py. Esta afirmação de bondade continuava ainda agora no rumor dos aplausos que na brilhante oração acabava de fazer outro eminente confrade e grande amigo: professor Ygartura. Acentuou que as duas direções na Sociedade tinham sido generosamente julgadas. A Sociedade de Medicina continuou apenas, de forma edificante, o fio de suas tradições brilhantíssimas.

Vivemos num meio científico que cada vez mais se aprimora e se torna mais culto; num meio em que todos os profissionais, por exigências do ambiente, por amor ao próprio nome, pela exata compreensão de seu papel social e dos deveres que o pergaminho lhes impôs, busca no estudo, com afã crescentemente redobrado, adquirir, em maior soma, os frutos ótimos que a ciência, esmeradamente cultivada em todos seus setores e orientada em seus novos rumos, prodigamente oferece.

Daí este último ano social exuberante de atividade fecunda. Daí a série de sessões que ficaram memoráveis pela força do estímulo e pelo brilho extenso de sua projeção cultural. A imponência

dessa parada de intelectualidade coube tão-somente aos próprios artífices da obra grandiosa. Fostes vós, falou o professor Mário Totta, que com o concurso de vossos trabalhos magníficos, com a demonstração de vossa cultura, com a colaboração de vossa inteligência, com o prestígio de vossa assistência em nossas reuniões, fostes vós que fizestes luzir o ano social que findou.

Sereis vós ainda, confio cegamente, que fareis resplandecer, pela continuidade de vossos esforço nobre e profícuo, o ano social que hoje iniciamos.

Com a mesma emoção e o mesmo reconhecimento com que, neste instante, vos agradeço as demonstrações de consideração e de afeto que acabais de me dar e que tanto me desvanecem, agradecerei esta colaboração sobre a qual assentam como em pedestal maciço, a grandeza, da Sociedade de Medicina e os brasões de cultura da nossa classe”.

A oração do Prof. Mário Totta recebeu prolongada salva de palmas.

Em seguida foi concedida a palavra do Dr. Mário Kroeff, que dissertou sobre “arteriografia retrógrada” (método original).

Conferência do Dr. Mário Kroeff

O conferencista iniciou o seu trabalho dizendo:

Escolho este assunto – arteriografia retrógrada – na intenção de vos apresentar talvez alguma coisa nova, pois que se trata de um processo de exploração arterial que venho ensaiando, ultimamente, e sobre o qual os colegas da Capital me reconheceram prioridade.

Antes, porém, de abordar esta tese, eu queria mostrar aos ilustrados colegas desta douta assembléia algumas das chapas obtidas pelo processo comum da arteriografia descendente, que torna visível aos raios X um segmento de artéria enquanto se injeta uma substância opaca na luz do canal sanguíneo, a favor da corrente.

Meu processo é diferente: o líquido contraste sobe, contra a corrente arterial, desenhando o vaso retrogradamente.

É preciso repetir que nas doenças das artérias para elucidação diagnóstica não há processo de exploração arterial que se compare à arteriografia.

Ela mostra o aspecto das lesões processadas nos vasos, esclarece se há obliteração de luz arterial, e se esta é completa ou não, ou se trata de simples espasmo arterial, sem abstenção vascular.

Apointa a sede exata do obstáculo no tronco arterial, indicando o tipo de operação a ser praticada. Se direta sobre o vaso, se indireta sobre os nervos simpáticos ou se radical com a amputação.

É um método de propedêutica objetivo, destinado a revolucionar alguns de nossos conhecimentos, trazendo revelações verdadeiramente sugestiva nas chapas radiográficas.

A medicina tende, em nossos dias, a fugir dos sinais propedêuticos falazes, para procurar provas reais de indicação terapêuticas, principalmente quando esta for de ordem cirúrgica.

Ao lado dos sinais clínicos, ela exige pesquisas de laboratório de toda a ordem e provas radiográficas das mais aperfeiçoadas.

Como meio de diagnóstico, chega-se a introduzir substâncias opacas no canal raquidiano, nas trompas e no cérebro, para que possam ser radiografadas (ventriculografia com ar e com torotrast). Nas artérias com mais forte razão, pode-se também injetar um líquido para contrastá-la sem prejuízo, porque este se dilui e se elimina rapidamente, levado pela corrente circulatória.

E assim, por meio da circulação, uma série imensa de problemas médicos poderão ser estudados convenientemente, tanto nos membros, como no abdome e no encéfalo.

A arteriografia deve ter emprego mais amplo, surpreender os estados mórbidos iniciais, antes do aparecimento das gangrenas.

Pelo estudo de um arteriograma, que mostre toda a rede circulatória, de uma região, desde o tronco arterial até as arteríolas, pode-se diferenciar facilmente o que é normal do que deve ser patológico.

Aí se detém o Dr. Mário Kroeff em largas considerações a respeito dos estados mórbidos, onde a arteriografia tem sua indicação propedêutica.

Gangrenas, estados asfíxicos, arteriosclerose, doença de Raynaud, síndrome de Raynaud, paralisia isquêmica, aneurisma, lesões ósseas, tumores etc.

Depois projeta o conferencista, na tela, uma série de chapas as mais variadas, sobre arteriografia descendente, tecendo a propósito de cada uma delas comentários interessantes.

Confronta o aspecto dos arteriogramas na doença de Léo Buerger, na arteriosclerose, mostra vários tipos de obliteração arterial e diversas formas de circulação colateral, desenvolvidas por supência irrigatória.

Demonstra as vantagens da arteriografia, como meio de diagnóstico. Fala sobre a cirurgia arterial, principalmente, do simpático periarterial, perineural e abdominal, estabelecendo confrontos.

Chega, enfim, ao processo de sua autoria – arteriografia retrógrada –, mostrando belos casos, nos quais seu emprego veio trazer informações propedêuticas de alto valor.

Explica sua técnica, provando ser mais simples do que a da arteriografia descendente.

Mostra, por fim, outras chapas obtidas com seu processo, em casos de aneurismas da base do pescoço, em que nem sempre é simples firmar o diagnóstico sobre o vaso causador do aneurisma.

Por meio de uma injeção praticada na subclávia, torna-se fácil radiografar os vasos da base do coração estabelecendo diagnóstico positivo, se trata-se de aneurisma da crossa da aorta ou dos vasos que da mesma têm origem; tronco-brânquio-cefálico, carótida e subclávia.

Com este recurso, muitos desses casos passam ao domínio da cirurgia, em lugar de permanecerem, sem proveito, na terapêutica paliativa.

Termina depois, fazendo, outras considerações, sobre o processo da arteriografia.

“Em caso de gangrena poderá mostrar até matices de patologia, processada na transição da vitali-

dade, onde o sangue estanca por falta de contração das artérias, já em pleno tecido da necrobiose.

Ainda aqui, a circulação arterial, base fundamental para a vida das regiões do corpo humano, uma vez gravada com detalhes de fina estrutura, será capaz de revelar o mecanismo de certos fenômenos biológicos, cujo estudo no vivo, deve ser, por certo, bem diferente do que for praticado no morto.

Assim, novos horizontes se abrem ao processo da contrasteação das artérias, quer descendente, quer retrógrada, se nós o estudamos em minúcias, aperfeiçoando-o cada vez mais, porque pode desvendar os escaninhos onde vivem os tecidos.

A arteriografia é digna, pois, de nossos estudos.”

A magnífica conferência do Dr. Mário Kroeff foi vivamente aplaudida por toda a assistência. O Prof. Mário Totta, traduzindo a sua impressão pessoal e a do auditório, felicitou a Sociedade, pelo concurso brilhantismo que havia dado àquela sessão o eminente cirurgião que atualmente se acha entre nós.

Referiu-se à importância e ao vulto desse notável trabalho que acabava de extasiar nosso meio médico e que reafirmava, de modo eloqüente, os créditos de cultura que fizeram do nome do Dr. Mário Kroeff um alto valor, que honra a ciência médica brasileira e que, com foros de incontestada autoridade, era, da mesma forma, acatado nos centros científicos estrangeiros.

Em seguida, pede a palavra o Prof. Saint-Pastous, que elogiou o alto valor do trabalho que acabava de ser apresentado pelo Dr. Mário Kroeff.



Casa do Dentista Brasileiro

Câncer, flagelo social

Como falou, o diretor do Centro de Cancerologia

A Noite, 15-6-1939

Realizou-se ontem, na Casa do Dentista Brasileiro, uma sessão ordinária, sob a presidência do Sr. Jorge Kanitz.

Usou da palavra o Prof. Mário Kroeff, conhecido especialista, que dedica o melhor dos seus esforços no tratamento do câncer, aliado ao cientista ilustre, Prof. Abreu Fialho.

O conferencista, que é diretor do Centro de Cancerologia, falou, longamente sobre o “Tratamento do câncer”, fazendo um estudo retrospectivo da doença e sua evolução, assim como de sua história no campo da medicina.

Começou explicando o que era o câncer e as suas causas, demonstrou o horror que este mal sempre causou à humanidade, provocando o temor dos povos e o desespero dos doentes. Lembrou que as estatísticas ainda são benignas para nosso país; a Europa, em que a higiene é bem mais cuidada que a nossa, apresenta uma proporção, muitas vezes maior, sendo mesmo “um flagelo social”, segundo suas expressões. Depois de fazer o histórico do conceito médico-social do terrível mal, estudou-o detidamente, mostrando que ele “consiste na proliferação anárquica de certas células de nosso organismo”, que se rebelam contra o tecido celular, classificando-o em: câncer local e geral, passa a mostrar a revolução produzida entre virulência das células doentes e a reação do organismo.

Demonstra a época própria para tratamento, especialmente em sua fase inicial, quando avultam as possibilidades de êxito. Em seguida, estuda a cirurgia mostrando a ineficácia do bisturi e a felicidade do bisturi elétrico, da radioterapia, discorrendo sobre as escolas que tratam da doença pelo emprego do radium.

Dirigindo-se à classe odontológica, analisou especialmente os cânceres de boca, mostrando sua grande quantidade, alegando que, dentro de 317 casos tratados no Centro, 68 foram bucais.

Em seguida, buscando ilustrar sua preleção, exibiu um filme sobre o assunto, mostrando interessantes casos de sua especialidade clínica.

Estiveram presentes os representantes das classes médica e odontológica, assim como inúmeros facultativos da capital.



O êxito do II Congresso Brasileiro e Americano de Cirurgia

Cordialidade e intercâmbio científico

O Globo, Rio, 20-7-1939

Além de sua finalidade principal, que é colher conclusões em favor da medicina e da humanidade, têm os congressos científicos a vantagem de estreitar, pela cordialidade, as relações individuais entre os profissionais, das mais diversas nacionalidades, bem como as de estabelecer o intercâmbio cultural entre os países. O II Congresso Brasileiro e Americano de Cirurgia, que ora se realiza nesta capital, está cooperando nesta aproximação, pelo intenso convívio dos congressistas, quer nos hospitais e salas de operações, quer nas conferências e debates científicos.

Assim, vimos num grupo o Sr. Jayme Poggi, presidente do Congresso, o professor argentino José Maria Jorge, Sr. Mário Kroeff e o professor uruguaio Carlos Butler, logo após uma sessão operatória realizada no Centro de Cancerologia.

Ontem ali foram praticadas duas amputações de mama, com o bisturi elétrico, uma pelo Dr. Gerardo Caprio, cirurgião uruguaio, e outra pelo Dr. Mário Kroeff, diretor do Centro de Cancerologia, onde pudemos notar a presença do Dr. Alberto Baraldi, presidente do próximo Congresso Argentino de Cirurgia, que, de passagem para a Europa, esteve em visita àquele Instituto de Câncer. Amanhã, sexta-feira, entre as várias atividades hospitalares a serem realizadas nos diversos serviços de cirurgia desta Capital, está marcada uma sessão operatória, em que tomarão parte o Dr. Caprio e os cirurgiões daquele estabelecimento.



II Congresso Brasileiro de Cirurgia

Onde uma frase se desmente – Um grande cirurgião que opera em pijama – Unânime elogio da organização hospitalar brasileira e de seu melhoramento nos dois últimos anos – De Pasteur até o Dr. Gudin.

Labor de aproximação americanista

Correio da Manhã, 20-7-1939

Inaugurado solenemente, em 16 do corrente, o II Congresso Brasileiro e Americano de Cirurgia será encerrado hoje, com a recepção que o Ministro do Exterior oferece aos congressistas, no Itamaraty. Ninguém melhor do que os 12 médicos argentinos e uruguaio, que dele participaram, para fazer o balanço do certame.

O Dr. Butler, chefe da delegação médica uruguaia, também é senador em seu país, diretor do Instituto de Radiologia e do Centro de Estudos e Luta contra o Câncer. Com um paciente labor de um quarto de século, o Dr. Butler lembra uma frase aplicável a Genebra, a conferência de Evian e a muitos outros certamente esplendidamente fracassados: “Se se quer fazer nada, faça-se um congresso...”

Entretanto, o ilustre radiologista uruguaio acredita que o Congresso de Cirurgiões significa exceção admirável da frase pessimista.

“Conseguiu-se uma efetiva aproximação das classes médias dos quatro países e fixaram-se normas importantíssimas de caráter médico, especialmente em dois temas profundamente estudados: a construção e organização hospitalar moderna, e o câncer da mama.”

O Dr. Butler fala de sua difícil especialidade. “Não há, fora da insegura paz mundial, flagelo mais terrível do que o câncer.” O tema foi desenvolvido, na sessão do Congresso, pelo radiólogo uruguaio e pelos Profs. Pinheiro Guimarães e Cello que o estudaram em seu aspecto cirúrgico.

“Fixamos normas para lutar contra esta localização do câncer e para o eficaz tratamento deste importante e gravíssimo problema médico-social... Desde 1914, dirijo o Instituto do Câncer em Montevideu, pois o Uruguai se empenha, ativamente, na luta contra o câncer. O governo votou, agora, meio milhão de pesos para construir o novo edifício do Instituto, que já conta com quatro gramas de radium, quantidade não alcançada por nenhum país sul-americano e por muito poucos europeus. E dispomos também de completa instalações de radioterapia, laboratório e hospitalização. Visitei o Centro de Cancerologia, que dirige aqui o Prof. Mário Kroeff e o considero como a base do grande centro contra o câncer que Rio de Janeiro precisa ter. A organização é perfeita, mas é necessário que o Estado lhe forneça os meios úteis para o êxito na luta empreendida contra o terrível mal.

O Dr. Butler regressará a Montevideu no próximo dia 26 a bordo do “Uruguai”. É o único médico uruguaio que possui única condecoração de seu país: – a “Medalha de Abnegación” –, prêmio de um quarto de século de incansáveis trabalhos de radiólogo. As mãos do Dr Butler, queimadas pelo radium, já foram operadas. Fala pouco, pausadamente, dando às palavras um sentido emocional. Um tanto asceta, mas, anteontem na Academia Nacional de Medicina, comentou, sentidamente, sua profunda admiração por esta grande asceta que foi Madame Curie. Há nele como um mundo escondido, lírico e dramático, onde se oculta a verdade difícil. Madame Curie, diz ele, em quem a natureza se vingou porque lhe descobrira o mistério, e, comentou, ainda, as 150 flores, naturais de 150 sábios, perfumando a tumba da grande mulher, em homenagem de última despedida...

“Admiro a organização dos hospitais do Brasil ainda mais por saber que o Governo se preocupa com seu melhoramento, e não esqueço minha impressão da sala do Dr. Gudin que, a meu juízo, completa grande obra de Pasteur. A esterilização completa e perfeita pela combinação formol-amoniaco que todos admiramos, inclusive os delegados, os argentinos.”

Silêncio. As duas mãos que se moviam, mostrando os efeitos das radiações, lembrando um proletário manual e a insistência sincera, quanto à importância do Congresso...

“...que facilitou o entendimento dos homens representativos da medicina brasileira, uruguaia, argentina e paraguaia, para resolver os problemas médico-social que, a meu ver, ocupam o primeiro lugar como preocupação dos homens de ciência e dos homens públicas”, diz o Dr. Butler.



Esforços da ciência e do coração contra a morte

Impressionantes as demonstrações do programa de hoje do II Congresso Brasileiro e Americano de Cirurgia

O Globo, 18-7-1939

No Serviço de Cancerologia, do Prof. Mário Kroeff, anexo ao Hospital Estácio de Sá, realizaram-se hoje várias demonstrações cirúrgicas constantes do programa das sessões práticas do II Congresso Brasileiro e Americano de Cirurgia.

Inicialmente, o Prof. Mário Kroeff praticou a eletrocoagulação de um blastema do maxilar inferior, ilustrando a intervenção com palavras explicativas do caso operado, ao mesmo tempo em que demonstrava a sua técnica, determinando os motivos e as razões da modalidade operatória.

O Prof. Mário Kroeff foi auxiliado pelo seu assistente, Dr. Jorge Marsillac, sendo paciente o internado Valentim Resuno, portador de um tumor na região maxilar inferior.

Grande número de congressistas, entre os quais os Profs. Buttler e Caprio, da delegação uruguaia, Capello, da Argentina, e outros assistiram à demonstração, que foi coroada de pleno êxito.

O Prof. Buttler, chefe da delegação, fez uma exposição de sua técnica operatória, referindo-se ligeiramente à significação, no sentido dos bene-



fícios decorrentes para a humanidade, da realização de tão recente certamente científico.

Além de um cirurgião dos mais notáveis do continente, o Prof. Buttler é daqueles homens que, à força de um contato diário com as misérias humanas, tornou-se, na tribuna parlamentar, um denodado e sincero representante do povo uruguaio.

Em seu discurso de abertura do Congresso, como tivemos ocasião de salientar, o Prof. Buttler com palavras altamente elucidativas falou de seu significado e de seu sentido.

Disse que, ao mesmo tempo em que em outras regiões da terra os homens se reúnem para a luta contra a vida, naquele momento as mais ilustres figuras do mundo médico do continente americano se congregavam, com objetivos contrários: a luta contra a morte.

Acrescentava ainda o ilustre cirurgião e parlamentar que esta circunstância só podia servir de orgulho para os sul-americanos.

Foi neste ambiente de solidariedade e de vistas voltadas para o bem-estar da humanidade, que tiveram lugar as exposições operatórias no Serviço de Cancerologia do Prof. Mário Kroeff.

Nesta ocasião, os jornalistas que ali compareceram tiveram oportunidade de percorrer, demoradamente, as várias dependências do Serviço de Cancerologia.

Orientados pela enfermeira-chefe Frida Ruhemann, os representantes dos jornais cariocas puderam formular uma idéia da luta contra o câncer, entre nós, ao mesmo tempo em que constataram as verdadeiras proporções da terrível enfermidade.

Espírito de verdadeira missionária, Frida Ruhemann é, sem dúvida, possuidora de um temperamento especial só encontrado em circunstâncias particularmente difíceis.

A impressão recolhida nesta visita é das que não se esquecem com o correr dos tempos.

Fixando alguns aspectos do Congresso de Cirurgia

Como falou o Prof. Carlos Buttler

Agosto de 1939

Considero que foi um certame realizado, com êxito, dentro da maior cordialidade e resultados práticos indiscutíveis. Os temas apresentados e debatidos sobre a “Organização hospitalar, cancerologia e cirurgia” tiveram tal importância que por si só justificaram a realização do certame. De fato, foram assentadas normas para o futuro. Outro ponto interessante que os congressistas se esmeraram em sua execução foi o aspecto objetivo das demonstrações hospitalares realizadas, pelas quais se podem apreciar os profissionais em seus valores positivos e os técnicos, em sua atuação.

Constatamos a competência e habilidade não só dos cirurgiões brasileiros, como também as dos estrangeiros que tiveram oportunidade de fazer demonstrações. Verificamos, assim, que a cirurgia sul-americana já se encontra no mesmo nível dos centros europeus, não deixando de apresentar também seus métodos originais. Digno de todos os elogios é o sistema de assepsia integral imaginado e realizado por Mauricio Gudin.

Em matéria de câncer, assunto que acompanhei de perto, porque diz mais com minha especialidade profissional, tenho a destacar o Centro de Cancerologia, dirigido pela competência do Dr. Mário Kroeff.

É um núcleo de luta contra o câncer, muito bem organizado e, pela orientação que lhe imprime seu diretor, está fadado a grandes realizações e destinado a prestar serviços inestimáveis à população deste grande país. A película, a que tive oportunidade de assistir, demonstra a capacidade



*Os membros do 2º Congresso Brasileiro e
Americano de Cirurgia, visitam o Centro de
Cancerologia*

dos que trabalham neste Centro. Documentadas com fatos impressionantes está reservado à cinematografia papel importante não só na formação de técnicos como na educação do povo. Obra deste gênero, sendo da mais alta finalidade, merece o apoio dos poderes públicos, no sentido de lhe serem fornecidos os meios necessários de luta contra tão terrível inimigo da humanidade.

Finalizando, quero manifestar meu reconhecimento pelas gentilezas recebidas, deste povo hospitaleiro e especialmente da comissão diretora do Congresso em cuja frente se acha a simpática e dinâmica figura de Jayme Poggi, presidente do importante certame. Não posso também deixar de enumerar, entre as homenagens recebidas, o acolhimento cordial do ilustre homem de ciência e de letras Aloísio de Castro, há um tempo artista e diplomata e grande amigo de meu país.



Os trabalhos do I Congresso de Ginecologia e Obstetrícia

As operações realizadas hoje, pela manhã, no Hospital Estácio de Sá

Meio Dia, 11-9-1940

Prosseguiram hoje os trabalhos do I Congresso de Ginecologia e Obstetrícia, tendo-se realizado pela manhã importantes operações cirúrgicas nas quais tomaram parte membros do congresso, inclusive os Professores argentinos Laucano e Lastra.

Essas operações realizaram-se no Hospital Estácio de Sá, que se achava repleto de médicos e cirurgiões.

As primeiras operações foram praticadas pelo Prof. Castro Araújo com o concurso dos cirurgiões: Pedro da Cunha Junior, Pires Albuquerque, Deoclécio Dantas, Jorge Silva e Sylvio d'Avila. Essas operações, em número de sete, tiveram lugar no Serviço Castro Araújo.

No Serviço Arnaldo Moraes

No pavilhão onde se acha instalado o Serviço Arnaldo Moraes teve lugar duas importantes operações praticadas pelo Prof. Arnaldo Moraes, chefe do Serviço, auxiliado pelos Drs. Alvaro Salles, Oswaldo Lemos. A primeira sobre histerectomia total vaginal, e a segunda, uma operação ginecológica.

No Centro de Cancerologia

Em seguida, os membros do Congresso se dirigiram ao Centro de Cancerologia onde o Prof. Mário Kroeff procedeu a uma extração de mama em uma cancerosa.

Terminadas as operações, foi oferecido um café aos delegados, tendo o Prof. Lucano manifestado sua excelente impressão pela perícia e segurança com que os nossos cirurgiões praticaram as operações e principalmente pelo êxito obtido em todas elas.



II Congresso Brasileiro e Americano de Cirurgia

Promovido pelo Colégio Brasileiro de Cirurgiões, com apoio do Governo dos Estados Unidos do Brasil, e realizado de 22 a 28 de julho de 1939, na cidade do Rio de Janeiro, sob a presidência do Prof. Jayme Paggi

Trecho do discurso do presidente do congresso Câncer da mama é outro tema oficial deste Congresso.

São seus relatores: o Prof. Carlos Buttler, diretor do Instituto de Radiologia de Montevideu e seus ilustres colaboradores Profs. Carlos Maria Dominguez e Geraldo Cáprio, os quais nos vão trazer o fruto brilhante de sua grande experiência no assunto.

O relator brasileiro é o Dr. Ugo Pinheiro Guimarães, destacado professor da Faculdade Nacional de Medicina, desta Capital.

Em 1927, o jovem professor brasileiro fez demorado

estágio na Fundação Rockefeller, dos Estados Unidos.

Trabalhou durante dois anos com os eminentes cancerólogos James Ewing, Bloodgood, Cutler e Park. Em Nova York e Baltimore (John's Hopkins Hospital), fez conferências sobre cancerologia, tendo também trabalhado no Memorial Hospital de Nova York, um dos mais notáveis centros de cancerologia.

Trabalhou ainda, sucessivamente, em Londres, com Sir Lenthal Cheatle; em Berlim, com Blumenthal; e em Paris, com Lacassagne e Régaud.

De regresso à nossa terra, Ugo Pinheiro Guimarães organizou o projeto da Liga Brasileira contra o Câncer, e na Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil faz proveitoso curso de extensão sobre o câncer, tendo realizado doze conferências.

Problema médico-social, o câncer é um dos pesadelos da humanidade, companheiro sinistro da tuberculose e da sífilis. É a moléstia da idade madura. Nem por isto se lhe podai perdoar sua ronda cruel, porque ceifa as vidas dos que se recolhem ao lar, depois de uma jornada longa e trabalhosa, na idade em que todo sonho se resume em ver encaminhada e feliz a prole que constituiu!

Afecção de oneroso e difícil combate, o Governo do eminente Presidente Getulio Vargas fundou o primeiro Centro de Cancerologia, funcionando no Hospital do Estácio de Sá, sob a competência indiscutível de nosso colega Dr. Mário Kroeff. Embora seja, por enquanto um centro pequeno, é o primeiro passo para realizações de maior vulto, exemplo a ser imitado pelo Brasil afora, máxime, neste momento, em que a Sr.^a Darcy Vargas se colocou à frente de obra tão piedosa a dilatar-lhe o âmbito de ação.



Recebidos na reunião de ontem os
Profs. Carlos Butler e Mário Kroeff
– iniciada uma subscrição para o
Hospital de Cancerosos

Correio da Noite, 29-7-1939

O Rotary Club realizou ontem uma sessão movimentada com a presença de dois convidados de honra: os Profs. Carlos Butler, diretor do Instituto de Radiologia de Montevideu, e Mário Kroeff, diretor do Centro de Cancerologia desta Capital.

Essa reunião foi presidida pelo Ministro Barros Barreto, nela tomando parte 170 rotarianos.

Falou, em primeiro lugar, o Sr. Octavio Rocha Miranda, sobre os deveres do rotariano.

O Prof. Mário Kroeff fez a apresentação do Prof. Carlos Butler, dizendo ser ele um dos maiores cancerólogos da América do Sul, consagrando todo seu labor, de mais de 30 anos, em benefício das vítimas do terrível mal.

Se Madame Curie tornou-se benfeitora da humanidade com a descoberta do radium, benfeitores são também os que têm de aplicá-lo, de acordo com os preceitos da genial cientista da França.

Bem mereceu ela a “Medalha de Abnegação” concedida pelo governo do Uruguai, e a distinção da Bélgica, país do radium, que achando, por bem, doar certa quantidade deste precioso agente de cura, fê-lo a Mme. Curie, a Bergonier e ao Prof. Butler.

O Prof. Kroeff concluiu, exaltando a iniciativa do Governo do Presidente Getulio Vargas, que criou, recentemente, o Centro de Cancerologia.

Agradecendo, o Prof. Carlos Butler teve ocasião de falar sobre o problema do câncer, que é o mais importante, o mais universal e o mais urgente.

Todos devem dar apoio a essa campanha, fazendo propaganda por todos os meios: pelo rádio, pela imprensa etc.

Elogiou o Instituto de Cancerologia do Rio, entregue, concluiu o Prof. Butler, à direção do Prof. Mário Kroeff, em quem o Brasil muito pode confiar pelo seu talento, cultura e dedicação ao trabalho.

Falou, por último, o Sr. Siqueira Silva da Fonsêca, que saudou o Prof. Butler e lançou a idéia de ser dada pelo Rotary Club uma contribuição para construção do Hospital de Cancerosos.

O Sr. Silva da Fonsêca iniciou a subscrição com a importância de 10 mil cruzeiros, tendo sido feita outra doação da mesma importância.



No ROTARY CLUBE, o Dr. Mário Kroeff, tendo à sua esquerda o Prof. Carlos Butler, exalta os méritos do mestre uruguaio.

Faculdades médicas

Liga Baiana contra o Câncer

Discurso proferido pela Dra. Cora Pedreira

Autoridades excelentíssimas, presentes a esta solenidade. Ex.^{mo} Sr. Dr. Mário Kroeff e ilustres membros de sua comitiva, que nos honrais com as vossas presenças

Minhas senhoras.

Meus senhores.

Iluminam-se, de quando em quando, os pórticos desta casa; rangem-lhe os velhos gonzos, franqueiam-se-lhe as portas do santuário, onde a lâmpada acesa do presente mantém o culto do passado de um povo, que alicerçou o edifício da nação brasileira. Mas não se cuida de transformar o livro que temos aberto no coração, senão de escrever-se mais uma página memorável, em sua história repassada de lutas e de anseios – o que vale dizer, de sacrifícios e de esperanças. Quantos de vós, senhores, já não vistes celebradas solenidades como esta? Ressaltam no quadro de nossas lembranças os matizes que coloriam em todos os tempos, as telas imortais das congratulações altruístas; ressoam, em nossos ouvidos, as vozes tangidas através dos séculos, do mais alto campanário das aspirações humanas: solidariedade e fraternidade – inspirando doutrinas, fundamentando religiões, presidindo sistemas. Príncipes que abdicam das púrpuras e dos ouropêis, arrastando prosélitos;

plebeus revestidos de nobreza e honrarias, conduzindo massas; filósofos seduzindo povos e criando escolas, pregoeiros todos do ideal de amor e caridade, pedestal de suas conquistas, escudo de suas vitórias.

Foi esta a história que a humanidade veio urdindo no tear dos séculos, entre paradas episódicas de desfalecimentos, ora prevalecendo o conceito do “*hominis lupus homini*”, na deflagração de ódios momentâneos ou nas alucinações e pesadelos que soem acometer o gênero humano, dolorosas experiências que deixam cicatrizes indelévels na face dos povos, mas logo passadas, ressurge vigoroso e retemperado de sinceridade o desejo maior e mais forte de amarmo-nos uns aos outros, cada vez, mais.

Considerando o paralelismo inevitável que se nos antolha: os campos do velho Continente, purpurados de sangue e varridos pelo ciclone impiedoso da destruição, cerceando os princípios basilares das sociedades constituídas, subvertendo a ordem, assoalhando a dor, soprando a desgraça indiferentemente nas tendas dos vencidos e nos arraiais dos vencedores, e, a placidez dos nossos dias, transcorridos sob o pálio esmeralda das esperanças, que nos anima, de paz e de trabalho, serão poucas as palavras congratulatórias ao ideal que nos convocou e nos uniu neste instante, exíguo o sândalo e a mirra dos louvores evolucionados do incensário de nossa gratidão aos pioneiros de campanhas de caridades, harmonia e patriotismo que, como esta, demarcam linhas impagáveis no

roteiro dos tempos, irmanando homens, coordenando princípios, consolidando sociedades, capazes de transmudarem os desviados e os descrentes, por isso que elas são os agentes catalíticos de todas as reações humanas.

Na Bahia já se tem feito, à larga, a semeadura do bem, e farta vêm sendo a colheita.

O lázaro coberto de ápodos, estigmatizado, afastado e temido, desde épocas remotas como a velha enfermidade que o atingiu, chorou a amargura infinda da repulsa que inspirava, até que se operou o milagre do lar que ele não tinha, do convívio em comunidade que lhe negavam, da assistência e do consolo. Ao mendigo que estendia a mão na via pública, fez-se a esmola do “pão certo de cada dia”, o teto e o carinho que o destino lhe recusou. Os que não vêm palmilharam vacilantes as ruas da cidade, gastando a esmo energias inaproveitadas – párias forçados da sociedade (por uma condição física) – e se construiu o Instituto dos Cegos, onde o trabalho é a luz dos dias que eles já podem utilizar. Não faltou ajuda ao tuberculoso e nem se negou auxílio à pobre mulher, na hora que a natureza lhe dá a fortuna de ser mãe. E assim aos poucos se foi secando, na pedra das calçadas, a lágrima dos desventurados sem pão e sem teto e silenciando a queixa dos atingidos pela doença. Há, contudo, gemidos que se não consolaram e desgraças não remediadas, nos recantos onde a dor campeia e o sofrimento impera, na rudeza dos golpes decisivos e na tortura de uma angústia, sem alívio. E da contemplação de tamanha desdita, surgiu no espírito dos médicos baianos – a idéia de organizarem a Liga Baiana contra o Câncer, sociedade de combate ao maior dos males descuidados em nossa terra: à frente, a figura notável do Prof. Aristides Maltez, imediatamente secundada por Antonio Maltez, predestinados para as grandes obras, artistas privilegiados, que aliam, ao exímio manejo de armas que a ciência lhes faculta, a maestria de um sábio tirocínio sobre o grandeza de coração, que espiritualiza a tarefa mecânica do bisturi, operando por su-

tilezas da ação, milagres que a razão não ensina, mas o coração executa. Dignos lhe são o bronze e o mármore, onde se vai plasmar e modelar a obra da concepção grandiosa de seu espírito, a que o sopro divino de suas inspirações empresta ânimo e promete vida duradoura.

Não faltou o apoio do governo presente, Ex.^{mo} Sr. Dr. Landulpho Alves, que, no cumprimento de seu mandato, está sempre obediente aos imperativos das necessidades públicas, mesmo prestigian-do iniciativas particulares e de tal modo identificou-se com nossa causa, que das promessas feitas sobredestaca-se eloqüentemente realizada a aquisição da Chácara Boa Sorte, onde será lançada a pedra fundamental do Centro de Cancerologia da Bahia. Os demais poderes públicos, a Igreja inclusive – fiel ao seu mandamento de amor ao próximo –, emprestam colaboração definida ao programa que nós traçamos.

Espontânea e sincera veio-nos à cooperação das senhoras patrícias, vanguardistas de todas as obras sociais de nossa terra, desde a libertação dos primeiros escravos da Bahia feita por listas de sua iniciativa, sob a inspiração dos versos imortais de Castro Alves, até às justas de nossos dias. Homens de classes estranhas ao meio médica, na compreensão perfeita de que só a cooperação íntima entre todas as classes assegura a eficiência dos esforços despendidos, não regatearam aplausos, formando conosco a legião de ataque. E assim desencadeou-se a luta contra a “anarquia celular”, que infringe as leis biológicas, multiplicando-se desordenadamente as células, fora das sanções orgânicas, em franco desrespeito às regras que a natureza traçou, mas cresce e prolifera por outro lado, o ânimo combativo, nas dádivas generosas que o traduzem e nos propósitos que o revelam – reverdecer perene da filantropia baiana, exuberante e pródiga como tudo o que a natureza nos dotou.

“O problema atual do câncer é uma questão de organização, urgindo especializar médicos e educar o povo” – foi conclusão de certa conferência pronunciada em Córdoba, noção aceita em todos

os centros de defesa coletiva contra a agressão dos blastomas malignos que vem perfazendo cifras de tão alta mortalidade e ocupando os primeiros lugares nos obituários do mundo: mais de 100 mil anualmente nos Estados Unidos; orçando entre 40 mil da França e na Itália; cobrando pesado tributo na Alemanha e Inglaterra; 15 mil na Argentina; e, segundo estimativa do Dr. Mário Kroeff, 20 óbitos anuais entre 60 mil doentes no Brasil. Doença de todas as classes, predominando embora no seio das mais favorecidas, fere o homem, vencendo-o quase sempre, em plena maturidade de suas energias produtivas, no meridiano da trajetória vital, roubando ao trabalho e subtraindo ao progresso econômico e social dos povos, talvez os seus mais sólidos esteiros, os baluartes de sua complexa armadura.

Acreditamos que a persistência do conceito de incurabilidade do câncer resulte do retardamento de conclusões definitivas no campo das pesquisas, variando o enunciado do problema com as épocas e as escolas. Encarada como doença incurável, procrastinou-se talvez ao fervor combativo. Considerada depois como doença local, culminou o uso da cirurgia, até que, mais tarde, as exéreses cirúrgicas se aliaram aos agentes físicos: roentgenoterapia, curieterapia, eletrocoagulação, já na fase chamada de migração, evidência dos processos de disseminação e metástase.

O plano que norteia a Liga Baiana contra o Câncer repousa:

1º) Na criação de um Centro aparelhado, com ambulatórios e enfermarias – seções de cura, ensaios e pesquisas abrigo de incuráveis tanto mais infelizes, quanto mais carecidos de piedade e de amparo. Será a obra do auxílio e do esforço coletivo e perpetuará o maior monumento à causa da saúde do homem.

2º) Intensificação da campanha educativa do povo, inteirando-o do valor do diagnóstico precoce, da necessidade de procurar cedo o médico, ao primeiro sintoma suspeito, citados como exemplo os pequenos nódulos endurecidos, que não doem e não molestam, mas transmudam-se

rapidamente em grandes chagas irremediáveis, como se uma fraga caída instantaneamente em uma seara de ambulatórios e enfermarias – seções e destruidor. Prevenindo-o contra as substâncias consideradas cancerígenas: alcatrão e derivados, produtos da desintegração do petróleo, o fumo e o café – objeto de estudo particularizados do Prof. Angelo Roffo, no Instituto de Pesquisas Experimentais referentes ao Câncer, em Buenos Aires, cujas conclusões confirmam a sua equação: terreno + irritação = CA.

3º) Promoção da formação de técnicos e da vulgarização de conhecimentos especializados, entre as classes médicas e acadêmicas.

Aí estão, Ex.^{mo} Sr. Dr. Mário Kroeff e ilustres doutores visitantes, as linhas básicas de nosso programa, que o presente delinea e o futuro põe em prática.

Ex.^{mo} Dr. Mário Kroeff: falamos a mesma linguagem da sinceridade, pregamos o mesmo evangelho de amor e de caridade, afagamos as mesmas esperanças, queremos, porém, exalta-nos mais ainda, ao calor de vossos entusiasmos de batalhador vitorioso, que já feriu os pés nas urzes do caminho que trilhamos, mas aplainadas as primeiras dificuldades, chegou incólume à objetivação de seus ideais.

Transmiti-nos as experiências, que realizou o vosso tirocínio de fundador e presidente do Centro de Cancerologia do Rio de Janeiro, as conclusões que o labor meditado vos legou, e surgiremos deste certame de vistas unificadas sobre a finalidade que nos induziu à luta árdua e tal qual grandiosa.

O eco de vossos trabalhos científicos chegou até nós através das publicações sobre arteriografia, eletrocoagulação etc., entre outras monografias sobejamente conhecidas, e mais, sobretudo, a têmpera de intrépido realizador de uma idéia e mentor das hostes contra o “morbus terribilis”, fator considerável de letalidade no Brasil, cabendo-vos acertada, a frase de Rui Barbosa sobre Castro Alves: “Felizes, abençoados e grandes os que podem ser um dos raios desta alvorada.”

Senhores visitantes, pisai confiantes o solo baiano, percorrei seus templos e contemplai seus monumentos, penetrai fraternalmente o lar que vos abre o que já é vosso, e, por entre as alegrias cantantes desta reunião de cordialidade e confraternização científica, senti e vede triunfantes os princípios que nos setores da ciência ou em qualquer domínio da humana atividade aproximam e irmanam os homens: trabalho, cooperação, solidariedade – lábaro de todas as vitórias.



Faculdade de Medicina da Bahia

Campanha contra o câncer

A impressionante conferência do Prof. Mário Kroeff – As próximas palestras do Prof. Otávio Carvalho

Imparcial, Bahia, 25-10-1940

Realizou-se, ontem, na Faculdade de Medicina, a conferência, ansiosamente esperada, do Prof. Mário Kroeff, diretor do Centro de Cancerologia do Rio de Janeiro, vanguardeiro no Brasil da luta contra o terrível flagelo.

Durante mais de uma hora o ilustre visitante, perante um numeroso auditório, no qual se viam as figuras mais representativas da classe médica baiana, dissertou com proficiência sobre o “Tratamento do câncer pela eletrocirurgia”, método de que é pioneiro, pois o vem empregando no Brasil desde 1927. A palestra do grande cancerólogo brasileiro foi ilustrada com farta documentação, representada por duas centenas de projeções, todas sobre casos de sua clínica, em sua maioria, curada há mais de sete, até dez anos.

Esta conferência constituiu um verdadeiro acontecimento, impressionando, profundamente, o auditório.

Fez a apresentação do Prof. Kroeff, em palavras de grande cordialidade, o Prof. Aristides Maltez, presidente da Liga Baiana contra o Câncer.

A convite dos Profs. Fernando S. Paulo, Armando Tavares e Adriano Pondé e sob o patrocínio de nossas sociedades médicas, o Prof. Otávio Carvalho, fundador da Escola Paulista de Medicina e seu primeiro diretor – estabelecimento que possui anexo um excelente hospital com 800 leitos –, terá oportunidade de fazer no Hospital Santa Izabel, às 10 horas da manhã de sábado (dia 26), domingo (dia 27) e terça-feira (dia 29), três palestras subordinadas aos seguintes temas: Síndromes alérgicas, Úlceras gastroduodenais e Apendicites.

Nessas conferências, o eminente cientista patricio externará conceitos próprios. De referência às “Úlceras gastroduodenais”, focalizará o estado atual do problema médico-cirúrgico destas afecções e o tratamento por método de sua autoria. Quanto às “Apendicites”, aludirá ao sinal paraumbilical esquerdo, que hoje traz seu nome: sinal Otávio de Carvalho, denominação proposta pela Academia Nacional de Medicina, elemento prope-dêutico este que se manifesta positivo em 70 por cento dos casos de apendicite.

Hoje, às 11 horas, será o batimento de 1ª pedra do Instituto do Câncer em terrenos da Chácara Boa Sorte, adquirido pelo Interventor Federal para esse fim.

Antes, às 9h30, no Cinema Liceu, será projetado um filme elaborado pelo professor Mário Kroeff, intitulado “Luta contra o câncer”. A entrada será franca.



Liga Baiana contra o câncer

A campanha contra o câncer

Cidade do Salvador, Bahia, 29-10-1940

Falando no Instituto Histórico, pronunciou o Prof. Mário Kroeff o seguinte discurso:

Ex.^{mo} Sr. Presidente da Liga Baiana contra o Câncer – Sr. representante do Ex.^{mo} Sr. Interventor Federal – Minhas senhoras e meus senhores:

Conhecendo as nobres tradições da hospitalidade baiana, não poderia deixar de prever que,



*Um grupo de participantes do 2º
Congresso Brasileiro e Americano de
Cirurgia, percorre as dependências do
Centro de Cancerologia*

neste momento de tão alta significação médico-social, elas seriam, dignamente, representadas. Quero, contudo, inicialmente, declarar minha formal oposição a qualquer relevo atribuído a minha própria pessoa, para ver nesta solenidade unicamente a consagração brilhante dos objetivos comuns que nos congregam fraternamente na cruzada contra o câncer.

As palavras do Prof. Aristides Maltez tão laudatórias e repassadas dos melhores sentimentos, cujas raízes mergulham no terreno comum, em que lançamos a boa semente, traduzem mais a generosidade de sua alma do que a vaidade de meus méritos e de minha modesta obra. Reconheço, porém, que suas palavras ficarão gravadas em meu ânimo, como um incentivo e como um apoio de incontestável autoridade à orientação dada a meus trabalhos no terreno estritamente técnico do tratamento e da profilaxia do câncer e na organização das obras sociais complementares.

Das expressões proferidas pela dedicada e esclarecida Secretaria da Liga Baiana contra o Câncer, deduzo que essa novel instituição andou bem inspirada, investindo a mulher em funções de tanta relevância.

A Dra. Cora Pedreira e a digníssima presidente do Conselho de Proteção, Exma. Sr.^a Sylvia de Carvalho Tourinho, são representantes legítimas destes inesgotáveis tesouros de bondade, compaixão, dedicação sem reservas, sem as quais uma obra tão árdua, complexa e de exigências excepcionais não teria possibilidade de viver e prosperar. Solicito que os meus queridos companheiros de cruzada, dando ainda a esta reunião o caráter de festa coletiva, me outorguem a atribuição de proclamar, nesta hora, o valor de cooperação destas representantes da legião feminina, já tão coberta das mais legítimas glórias, nesta campanha que se integra, sem metáfora, nas grandes campanhas de salvação nacional.

Duas instituições de caridade para assistência aos cancerosos, universalmente admiradas, foram criadas por mãos femininas. Uma é a obra do Cal-

vário, com sede em Paris e irradiada por toda a França, fundada por Madame Garnier, tendo por finalidade acolher os incuráveis, dando-lhes todo o alívio médico possível e amparo espiritual. A outra, na América do Norte, sendo hoje a mais vasta e completa organização anticancerosa do mundo – o Memorial Hospital –, teve o seu berço humilde, num pequeno pavilhão de madeira que mais uma vez recebeu o calor fecundante e cheio de inesgotável fé de uma mulher. E não poderia ter outra origem, como acontece com as obras congêneres, criadas, entretidas e santificadas pela presença da mulher. Meu interesse pelo problema do câncer nasceu, naturalmente, de minha carreira cirúrgica, no convívio dos cancerosos, hospitalizados na Santa Casa do Rio de Janeiro, que não mereciam cuidados especiais. Eram como asilados, não suscitando qualquer iniciativa, no sentido de se descobrir uma solução mais individualizada, para tais casos, acentuada pelo ceticismo existente a respeito de seu tratamento.

Foram assim, a partir desta circunstância, estrelando-se duas ordens de interesse: a da elucidação científica dos diversos problemas da cancerologia e a profunda compaixão aumentada pelo contato cotidiano com aqueles grandes sofredores.

Programa do Câncer

Mas ao falar em câncer, permiti-me aproveitar a ocasião, para dizer-vos algumas palavras sobre o problema que temos diante de nós.

A humanidade assiste, com olhos atônitos e coração apreensivo, à marcha lenta, mas progressiva deste mal traiçoeiro. Nefasto por sua ação; misterioso em sua origem; inexorável em sua evolução. Os efeitos destruidores não respeitam nem classe social, nem raça, nem mesmo idade. Se, muitas vezes, surpreende o homem na plenitude da vida, habitualmente fere-o na velhice, tão carente de tranqüilidade. Não poupa nem crianças pois se conhecem até casos de recém-nascidos, atacados de lesões cancerosas.

Ainda há pouco tive oportunidade de operar uma linda menina, cuja lesão inicial se revelara pela radiografia já oito dias após o nascimento. Tão tênues eram os membros de seu braço que foram cortados com uma simples tesoura.

No Distrito Federal, mais de mil óbitos, anualmente, ocorrem por conta do câncer. Atendendo a que a proporção é sempre de uma morte anual para cada três atacados de lesões cancerosas, pode-se calcular em 3 mil o número de doentes existentes na Capital do País, e, em 60 mil, no território nacional.

Se julgarmos pelas estatísticas, verifica-se fato mais grave ainda.

Tomando a dianteira nos coeficientes de mortalidade humana, a doença mostra tendência progressiva.

“A América do Norte, ciosa do futuro do seu povo, proclama que no obituário exista, em 1900, uma morte por câncer, entre 16 de outras moléstias. Hoje, aquela percentagem mortuária já é de 1 caso de câncer para 10 de outras causas de morte. E está calculada, que será, em 1960, de 1 para 5.

Nesta situação não podemos prever aonde iremos se esta progressão continuar. Dir-se-ia mesmo que a aspiração humana, a um nível de sanidade, cada vez mais perfeita, está ameaçada pelo câncer. Sem se conhecer o inimigo, o combate é difícil, e a vitória é incerta.

Por isso, os homens de ciência, estes que consagram a existência, inteira ao trabalho dos laboratórios, estudam, perscrutam, investigam o mal pelos seus estragos, mas a incógnita continua. Apesar de os grandes progressos realizados em vários setores da medicina muito haverá ainda, para esclarecer, pois que a doença diz bem de perto com a própria essência da vida, em seus fenômenos íntimos de crescimento e reprodução celular.

Para a ciência, o câncer consiste numa desarmonia do crescimento da célula. Em vez destes pequenos elementos fundamentais, que se denominam células e que formam a estrutura de nosso organismo, seguirem sua multiplicação normal e ordenada, reproduzindo-os com sistematização, dá-se,

num determinado ponto do corpo humano, uma anomalia inexplicável, pela qual a proliferação celular se torna desordenada e acelerada. As células recém-formadas tornam-se agressivas às outras células do organismo. Daí a proliferação e a anarquia passam a se estender, pouco a pouco, numa invasão lenta e progressiva, por continuidade e também por difusão circulatória, sanguínea e linfática.

A região invadida se tumefaz, e o tumor canceroso está formado.

Nos animais de laboratório, pode-se provocar, artificialmente em um determinado ponto, a formação do câncer, atritando a pele repetidas vezes, com certas substâncias, chamadas cancerígenas, tais como o alcatrão, a anilina, a fuligem etc. Estas experiências vieram provar que o câncer não é infeccioso, mas que na gênese da doença a irritação continuada, de qualquer natureza, representa papel de mais alta importância.

Contra esse temível inimigo, a geração atual empenha-se na luta sem trégua, empregando armas cada vez mais aperfeiçoadas.

Tendo em vista que, em sua formação, o câncer tem uma fase puramente local, compreende-se a necessidade do diagnóstico precoce para tratamento eficaz. No estado atual de nossos conhecimentos, o êxito de toda campanha contra o câncer reside no tratamento, mas tratamento realizado precocemente.

É preciso surpreendê-lo na fase inicial, em seu nascedouro, para interceptar-lhe a marcha e obstar-lhe a evolução. Se no início, em 5 casos curam-se 4, verifica-se completamente o contrário nos períodos avançados. Talvez, nem 1 sobre 5.

Para que possa haver tratamento precoce, necessário se toma a educação popular, pela difusão de conhecimentos relativos à doença. A profilaxia do câncer fica assim reduzida em última análise a uma questão de propaganda.

Como núcleo inicial de luta contra o câncer, entre nós, o Governo do Presidente Getulio Vargas, em sua alta e humana compreensão dos problemas médico-sociais, criou o Centro de Cancerolo-

gia, cuja direção nos está confiada. Não contando ainda dois anos de vida ativa, os serviços realizados já são apreciáveis.

A capacidade de nosso Hospital é ainda pequena para poder atender a todos os necessitados.

A afluência dos que ali procuram tratamento cresce cada vez mais. Uns, bem avisados nos chegam ao primeiro alarme, quando apenas se manifestam os sintomas iniciais de uma lesão suspeita e, por isso mesmo, em período mais favorável à cura.

Outros, por negligência ou ignorância, vêm ter ao nosso Centro em estado lastimável, já com lesões grandemente avançadas e, portanto, fora de qualquer probabilidade de cura pelos métodos até hoje conhecidos da medicina.

Os primeiros são pressurosamente internados nas enfermarias para o devido tratamento, quer pela cirurgia ou eletrocirurgia, quer pelas irradiações.

Quanto aos outros já perdidos perante a ciência, são rejeitados, a fim de não ocuparem os leitos destinados àqueles ainda em estado de curabilidade.

Essa dolorosa seleção feita entre gente torturada pelo mesmo sofrimento confrange certamente o coração de quem se vê forçado a praticá-la.

Os rejeitados, ao perceberem que sobre si recai a sentença de um mal irremediável, eles que haviam procurado nosso estabelecimento como o melhor instalado e onde os pobres encontrariam abrigo, voltam ainda mais desesperançados do que quando para ali se dirigiam, alguns meio trôpegos e outros carregados nos braços de pessoas amigas.

Para não deixar ao abandono estes desafortunados, que constituem metade dos casos que ali vão, nós, os médicos do Centro de Cancerologia, convocamos pessoas para tratar da construção de um asilo, destinado aos incuráveis, proporcionando-lhes alívio e um pouco de conforto.

No apelo aos sentimentos de caridade cristã, não tardaram em vir ao nosso encontro numerosos representantes das diversas classes e categorias sociais do Rio de Janeiro. Foi assim criada a Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos,

entidade privada que tem por fim colaborar com o Centro de Cancerologia e prestar a devida assistência aos incuráveis. Essa Associação conta, como presidente de honra, com a Sr.^a Darcy Vargas, a quem presto, neste momento, e penso assim interpretar os sentimentos unânimes dos presentes, as nossas mais profundas e respeitadas homenagens, pelo seu verdadeiro e inconfundível sentimento de compaixão e piedade em face dos que sofrem.

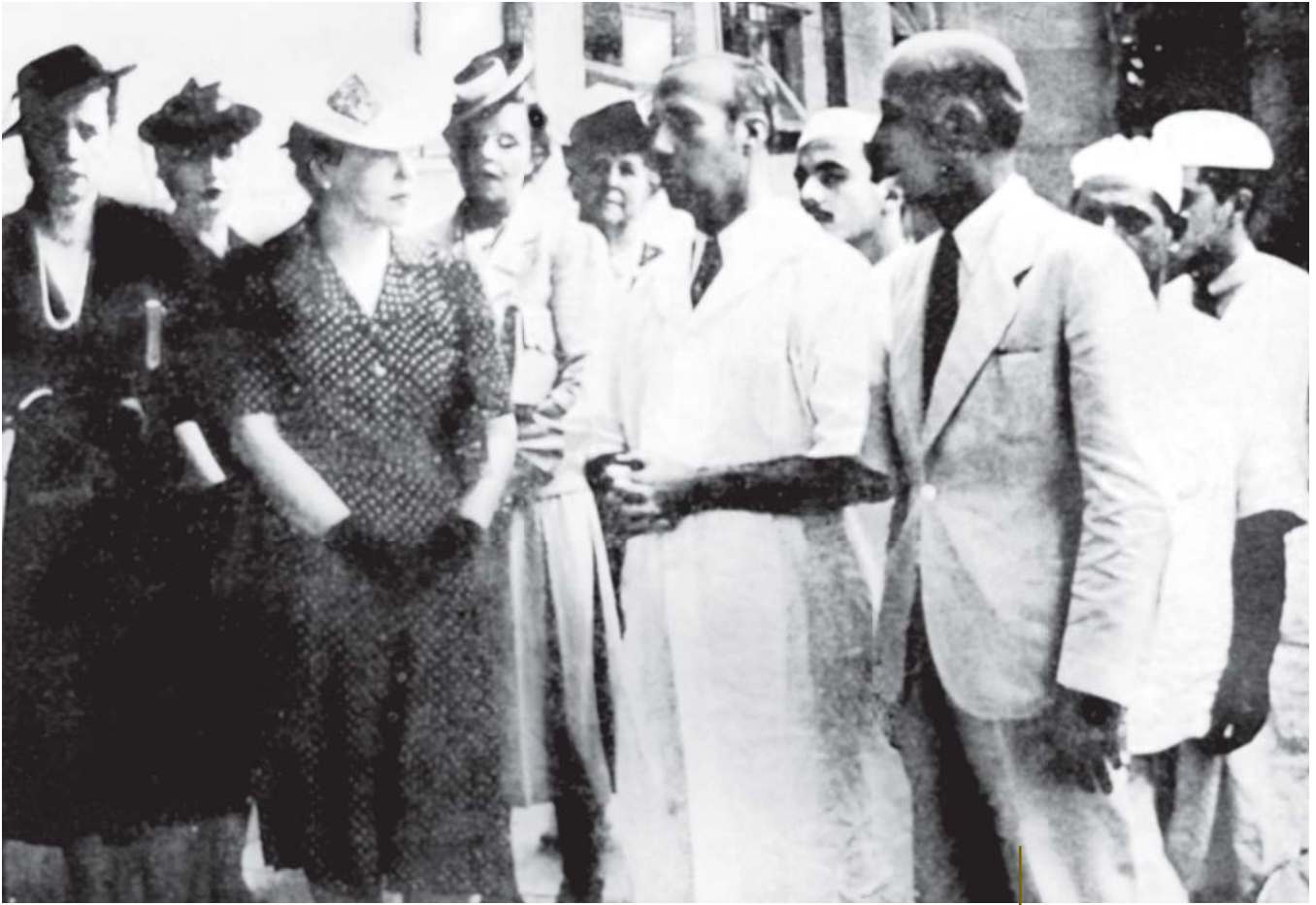
O ideal seria reduzir pela educação o número de incuráveis. Baixar de 50 para 5 e até menos. Mas, no momento o problema se complica num país imenso como o nosso. É que as notícias divulgadas para propaganda do Centro de Cancerologia espalham pelo interior do País a informação da existência de um órgão oficial de tratamento na Capital da República e trazem para ali enfermos das mais longínquas paragens.

Estes infelizes, pelo avançado das lesões, em vez de bálsamo salutar que vislumbraram durante a jornada, recebem a desdita cruel de uma recusa.

Aí, então, outra tragédia começa. Numa triste peregrinação, rejeitados aqui e acolá, exaustos de forças, esgotados em seus míseros recursos, estranhos ao meio de um centro populoso, não têm sequer onde terminar sua dolorosa “via-crúcis”.

Eis, senhoras e senhores, a real situação em que se encontra no Rio de Janeiro a campanha contra o câncer, que tão auspiciosamente começa a ser empreendida nesta cidade do Salvador, tão cheia de encantos e tradições, pela Liga Baiana contra o Câncer, tendo à frente Aristides Maltez, Sylvia de Carvalho Tourinho e contando com o apoio e colaboração valiosa do Sr. Interventor federal, que acaba de doar extensa área de terreno, onde se vai, em breve, erigir o grande monumento que será a expressão inconfundível ao tratamento do bem, da abnegação.

Mas esta situação em breve vai mudar, pois que o Governo pretende criar o Instituto Nacional de Cancerologia, para o que já foi doado um terreno no valor de 2 mil contos, que deve ser vendido e o produto aplicado na construção do grande Instituto, órgão oficial e orientador de toda a campanha no país.



*O diretor do Centro de Cancerologia,
solicita a cooperação da Sr.^a Darcy
Vargas em prol da obra dos cancerosos
desamparados*

Estou autorizado por S. Exa., o Sr. Ministro Gustavo Capanema, a informar que as providências do Governo federal não se restringirão à assistência, exclusiva aos cancerosos residentes no Distrito Federal. Pretende estender a ação governamental a todo o território nacional, auxiliando, por meio de subvenção a iniciativa privada e cooperando com os Governos estaduais desejosos de empreender campanha de combate aos nossos diversos males sociais.

A Liga Baiana contra o Câncer, fundada sobre os auspícios de reputados técnicos, membros notáveis do corpo médico e devotados elementos da sociedade baiana, está fadada a ocupar um lugar de destaque na organização nacional de luta contra o câncer, constituindo assim mais um edificante exemplo de solidariedade humana, mas tradições filantrópicas desta generosa terra.

Em fim, senhoras e senhores, prestigiar a Liga Baiana contra o Câncer é fazer obra de benemerência e solidariedade humana.

Em meu nome e no de meus companheiros, agradeço o esplendor desta solenidade, índice da grandeza de vossos sentimentos de generosidade, na qual só posso ver não a homenagem pessoal, mas a demonstração de perfeita afinidade de ideais e propósitos construtivos que vos irmanam.

Faculdade de Medicina de Buenos Aires



Conferências do Dr. Mário Kroeff em Buenos Aires

Correio da Manhã, 18-4-1941

BUENOS AIRES – 18 – (U.P.) - Sob o tema de “A luta contra o câncer na história da medicina”, realizou hoje uma conferência o diretor do Instituto de Cancerologia do Rio de Janeiro, Dr. Mário Kroeff .

Assistiram à conferência, o decano e demais autoridades da Faculdade, e o orador foi apresentado pelo Dr. Alexandre Cebalos. A conferência teve caráter histórico e científico, e constituiu uma magnífica exposição de todas as formas de luta contra esse terrível mal.



En medicina disertata hoy Doctor Kroeff

Sobre el Cancer
La Nacion, 19-4-1941

Esta tarde, en el anfiteatro de la escuela práctica de la Facultad de Medicina, el director del Instituto de Cancerologia de Rio de Janeiro y profesor libre de clínica médica de la Facultad de Medicina de esa ciudad, doctor Mário Kroeff, dió una conferencia sobre el tema “La lucha contra el cáncer en la historia de la medicina.”

La conferencia

La disertación fué ilustrada con proyecciones y dos cintas cinematográficas. En la primera parte de la conferencia, el doctor Kroeff explicó la evolución del conocimiento humano respecto a la enfermedad, comenzando por la medicina en Egipto, Grecia, Roma, pasando luego a la Edad Media y las distintas etapas históricas, hasta llegar a nuestros días; explicó los descubrimientos, tales como os microbios, a esterilización, a anestesia, la asepsia, y demás conquistas de la ciencia médica.

En la segunda parte de la disertación trató evolución de la medicina en la lucha contra el cáncer, la forma de hacer los diagnósticos del cáncer precoz, fase para un tratamiento eficaz, considerando después las distintas teorías, sistemas y formas de lucha contra el cáncer en la actualidad.

A la conferencia assistieron el decano de la Facultad, doctor Palacios Costa, y demás autoridades de los establecimientos oficiales e incorporados.



Universitarias

Ciências Médicas

Hoy se realizarán los comícios estudiantiles

De acuerdo con la convocatoria establecida por el estatuto universitario, hoy, de 8 a 12, los alumnos de las escuelas de medicina, odontología, de farmacia y del doctorado de farmacia, procederán a renovar su representación ante el consejo directivo de la Facultad.

Se procederá, como em los años anteriores, a elegir un delegado titular y un substituto por cada una de las escuelas, y sólo podrán voltar los alumnos empadronados. El voto es secreto y obligatorio.

Tendrán solamente acceso al local de la Facultad los votantes y las fiscales de cada lista.

El acto electoral será presidido por el decano, doctor Nicanor Palacios Costa.

Fueron exhibitas varias películas científicas

Con la presencia del decano, doctor Palacios Costa; el secretario, doctor José Egues y numerosos profesores y alumnos, el dr. Mário Kroeff, director del Centro Anticanceroso de Rio de Janeiro, presentó um “film” de largo metraje, sobre historia de la medicina y algunos aspectos de cómo se practica la lucha contra el câncer en su país.

En varias películas, habladas en português, el ilustre visitante recogió la evolución del concepto médico através de las distintas épocas. Las fotografías son de una gran nitidez y la presentación, por su calidad y el material que ha servido para prepararla, sale del marco de las películas científicas comunes.

Hizo la presentación del dr. Kroeff, el professor dr. Alejandro Ceballos, quien senaló algunos de las rasgos destacados del cancerólogo brasilenno.

La exhibición, que g.e prolongó durante casi dos horas, fué seguida con visible interés por los asistentes, quienes aplaudieron, además, el saluto cordial del dr. Kroeff.



Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro

Curso de cancerologia

Direção: Dr. Mário Kroeff

Outubro de 1941

Foi cumprido o seguinte programa:

1. Estado atual do problema do câncer – Ugo Pinheiro Guimarães.
2. Etiologia do câncer – Sérgio Azevedo.
3. Câncer da pele – Ramos e Silva.
4. Anatomia patológica dos tumores ósseos – Amadeu Fialho.
5. Câncer da mama – Alberto Coutinho.
6. Câncer da laringe – David Sanson.
7. Neoplasma do pulmão – Otávio de Carvalho.
8. Tratamento do câncer – Ozório de Almeida.
9. Tratamento pela eletrocirurgia – Mário Kroeff.
10. Radioterapia do câncer – Manuel de Abreu.
11. Câncer do estômago – Anes Dias.



Sociedade Americana de Medicina Tropical Richmond – Estados Unidos, América do Norte

Agraciado o Ministro Capanema

“Vida e saúde”

Fevereiro de 1943

O Governo brasileiro, na pessoa de um de seus ministros de Estado, acaba de receber dos Estados Unidos mais uma significativa distinção que representa, antes de tudo, um reconhecimento do mundo científico norte americano à ação do poder

público, em favor de melhores condições de saúde e de assistência de nosso País. Na reunião anual da Sociedade Americana de Medicina Tropical, foi conferida a medalha que constitui sua mais elevada distinção ao Ministro Gustavo Capanema, em sinal de reconhecimento do mundo científico americano e, em particular, dos mestres da medicina tropical, pela grande campanha sanitária realizada por nosso Governo para a debelação da febre amarela e da malária, e contra o *Anophelis gambiae* no nordeste do Brasil.

Essa medalha, que é uma homenagem conferida aos mais ilustres vultos da medicina americana, só foi concedida, até hoje, cinco vezes. A primeira, ao próprio cientista em honra de quem foi criada; a segunda, à benemérita Fundação Rockefeller; a terceira e a quarta, a dois dos maiores nomes da medicina da América do Norte; e agora, a quinta vez, ao Ministro brasileiro a quem o Presidente Getulio Vargas confiou a gestão da pasta da Educação e Saúde Pública de nosso país.

A medalha foi entregue ao Dr. Mário Kroeff, diretor do Instituto Nacional de Câncer, que se encontra nos Estados Unidos em missão especial. Nesta ocasião, proferiu o Dr. Mário Kroeff significativo discurso, que mereceu aplausos de todos os membros da douta Sociedade Americana de Medicina Tropical.

Depois de haver discorrido sobre a obra de Oswaldo Cruz e sobre a benemérita ação da Fundação Rockefeller, terminando, disse o ilustre médico brasileiro:

“O Ministro Gustavo Capanema, à frente dos negócios da Educação e Saúde do Brasil, é um abnegado da causa pública e personifica os ideais do Governo atual de meu país. O Presidente Getulio Vargas presta especial atenção aos assuntos da Saúde Pública e reserva, a cada ano, a maior parte dos orçamentos da União para acudir a educação do país, criando serviços especiais para fazer frente aos problemas sanitários sempre difí-

ceis entre nós, pela vastidão dos territórios e pelas suas condições climatéricas.

No Governo do Presidente Getulio Vargas e do Ministro da Educação e Saúde Pública Gustavo Capanema, o Brasil desenvolveu um imenso programa de saneamento rural contra suas principais endemias. Merecem menção especial as vultosas obras hidráulicas, de drenagem e de expurgo que estão sendo atualmente executadas contra a malária, nas imensas planícies da Baixada Fluminense, e a eficiente campanha contra o *Anophelis gambiae*, este nefasto veículo da malária que, importado da África do Norte, se espalhou pelo nordeste do Brasil, ganhando grande extensões.

São, muitos os leprosários construídos, compreendendo colônias, asilos e hospitais, para enfrentar o problema da lepra. O número de hospitais, sanatórios e abrigos destinados ao isolamento e ao tratamento da tuberculose cresceu enormemente nestes últimos anos. A campanha contra a peste continua sempre ativa para extinguir alguns remanescentes da praga e impedir sua infestação.

O problema alimentar tão pouco foi descuidado. O trabalho contra a febre amarela é bem conhecido. O programa de educação sanitária tem sido realizado pelos meios mais modernos de difusão cultural. Todos os programas da saúde têm sido encarados pelo Governo do Presidente Getulio Vargas e seu Ministro de Educação e Saúde Pública.

Em nome do Ministro Gustavo Capanema e de meu Governo, agradeço a honrosa distinção ora conferida pela conceituada Sociedade Americana de Medicina Tropical.”

Neste gesto expressivo, mais uma vez se demonstra que os Estados Unidos, sempre animados pelos nobres sentimentos de solidariedade humana, participam, com o Brasil, do mesmo ideal de saúde e a perfeição, confirmando a nossa eterna aliança da causa da liberdade e do bem-estar coletivo.



Medalha Walter Reed oferecida ao Ministro Capanema

Embaixador dos Estados Unidos do Brasil
Washington, em 16 de novembro de 1942.

Senhor Ministro,

Com referência ao meu telegrama nº 799, tenho a honra de passar às mãos de V. Exa. cópia do discurso, pronunciado pelo Dr. Mário Kroeff, em Richmond por ocasião da entrega da Medalha Walter Reed, oferecida a S. Exa., Ministro Gustavo Capanema, pela American Society of Tropical Medicine.

Especial significação representa esta homenagem ao Brasil e a seu Ministro da Educação, em vista da importância desta distinção, conferida à Fundação Rockefeller, em 1936; a William B. Castle em 1939; a Herbert C. Clark em 1940; e a Carlos J. Finlay em 1942; instituição e nomes estes da mais alta expressão na cultura e atividades médicas tropicais.

Aproveito a oportunidade para renovar a V. Exa. os prospectos da minha respeitosa consideração.

(ass.) Carlos Martins e Souza.

A V. Exa. o Senhor Dr. Oswaldo Aranha, Ministro de Estado das Relações Exteriores.

Embaixador Washington, 738 483. 1 (22) 1942/
Anexo

Discurso pronunciado pelo Dr. Mário Kroeff, em Richmond, na ocasião da entrega da Medalha Walter Reed, oferecida a V. Exa. o Ministro Gustavo Capanema, pela American Society of Tropical Medicine

A American Society of Tropical Medicine, conferindo a Medalha Walter Reed ao Dr. Gustavo Capanema, Ministro da Educação e Saúde Pública do Brasil, presta uma homenagem a um trabalhador em assuntos de saúde pública, a um homem que representa uma idéia de trabalho e de ação no

terreno da medicina tropical, todo um programa de Governo em relação à saúde de sua gente.

Este ato não deixa assim de ser uma atenção da América ao Brasil.

Nós sabemos muito bem o que representa em méritos a Medalha Walter Reed, nome que forma um símbolo em relação ao bem público.

Na verdade, foi através desse filho da América que a humanidade se beneficiou de uma de suas maiores descobertas, a transmissibilidade da febre amarela pelo mosquito; chave esplendida que veio abrir novos horizontes, no importante problema sanitário para este e para outros continentes.

A febre amarela, naquela época, constituía para América Central e para a América do Sul um de seus maiores flagelos.

No Brasil ela grassava sob forma epidêmica e assustadoramente dizimava as populações dos principais portos: Santos, Rio de Janeiro, Bahia, Recife, Pará e outros.

Oswaldo Cruz, pondo em prática, em 1900, o “Havanese Method”, de Finlay, que acabava de ser criado pela Comissão Americana Reed-Finlay-Corgas, combatendo o mosquito agente intermediário na transmissão da doença, prometeu exterminar o tifo amarelo do Rio de Janeiro.

De fato, no curto prazo estipulado de uma campanha bem dirigida, o porto do Rio de Janeiro estava saneado, livre da tétrica praga, sempre constante sobre a vida pacífica de sua gente. E a florescente cidade achava-se de novo, livre e aberta a seus visitantes, sem mais constituir perigo para a navegação internacional. Era a vitória de uma idéia da medicina tropical americana, a que Oswaldo Cruz, o perfeito executor do método, acabava de dar comprovação prática e cabal.

Daí a América, numa estreita aliança de idéias e propósitos, passou a colaborar com o Brasil, na solução de outros magnos problemas sanitários, levada por nobres sentimentos de solidariedade humana.

A infatigável colaboração da Fundação Rockefeller, em nosso País, no combate a várias endemias:

primeiro à verminose, depois à malária, e, enfim, à febre amarela, durante vários anos, criou no coração do povo brasileiro imorredoura gratidão.

O Governo brasileiro bem reconheceu o valor dos serviços prestados neste setor, condecorando recentemente o Dr. Fred L. Soper, com a Cruz de Mérito do Cruzeiro do Sul ao deixar o Brasil depois de 25 anos de intenso labor, em prol da causa pública. E a campanha realizada fez do Brasil a melhor escola de febre amarela do mundo, onde médicos de toda parte vão colher ensinamentos da experiência e da pesquisa.

Da escola criada no Rio de Janeiro, pela Cooperativa Yellow Fever Service, mantida conjuntamente pelo Governo do Brasil e pela Divisão Internacional de Saúde de Fundação Rockefeller, o mundo científico teve conhecimento de que, além do *Aedes aegypti*, outras espécies de mosquitos podem ser transmissores, e de que, além do homem, podem ser hospedeiros muitos animais silvestres, dando assim outro aspecto ao magno problema. A grande diferença entre a febre amarela urbana e a febre amarela silvestre está em que na variedade urbana a transmissão se dá dentro e nos arredores das habitações e tudo depende do ciclo homem-Aegypti-homem – ao passo que na forma silvestre, adquirida geralmente fora das habitações, ela depende de um ciclo de infecção em que nem sempre o homem, nem o Aegypti-mosquito são partes essenciais. O controle, portanto, da doença já não constituía mais uma simples questão de desinfecção urbana, mas se achava intimamente ligado à vida das vastas florestas sul-americanas, mostrando, assim, a enormidade do problema.

Agora ainda bem recentemente, as emergências por que atravessa o mundo levaram a América de novo a se aliar conosco, pondo as suas reservas econômicas a serviço do saneamento das imensas florestas do Amazonas no interesse do comércio comum e da defesa continental. E Nelson Rockefeller, interpretando bem o seu papel de Coordenador de Negócios Interamericanos, soube prestar a esta causa, apoio decisivo, dedi-

cando até recursos pessoais em favor da vida do sertanejo amazonense.

O Brasil por sua vez, através de todas as campanhas sanitárias, em que se viu forçado a realizar, tem oferecido ao mundo científico alguma experiência e alguma contribuição de valor. E isso bem traduzem as obras de seus principais autores no terreno da medicina tropical.

Oswaldo Cruz, grande orientador e pesquisador, criou uma verdadeira escola de patologia tropical em Manguinhos, conhecida mais tarde pelo nome de Instituto Oswaldo Cruz.

Carlos Chagas, seu sucessor imediato no mesmo Instituto, descobriu em 1909 que o *Tripanosoma cruzi* – uma nova espécie – era o agente da tripanossomíase americana. Demonstrou também que o transmissor era espécie de seneso-triatoma.

Autor de estudos completos sobre a nova entidade mórbida, conhecida depois com o nome de moléstia de Chagas, estudou as suas formas clínicas, as lesões patológicas, as características dos depositários do vírus, tanto no organismo humano e animal como no mundo exterior.

Elucidou o ciclo completo do agente etiológico e a vida do transmissor. Esses trabalhos valeram-lhe o prêmio Schaudin, pois que foram reconhecidos como a melhor obra apresentada na época, sobre microbiologia.

Como entomologista, Chagas descobriu novas espécies de anophelinos, ampliando nosso conhecimento sobre a epidemiologia da malária e sua profilaxia. Foi o primeiro a proclamar, em 1905, o valor da infecção domiciliar da malária, noção importante nas campanhas antipalúdicas a serem realizadas nos pequenos núcleos de habitações rurais dentro das selvas, fato que vêm a propósito hoje citar, quando se cogita de saneamento de esparsos conglomerados de vida, nas vastas regiões do Amazonas.

Carlos Chagas, para citar apenas as honorarias da América, recebeu, em 1920, o grau de doutor *honoris causa* pela Universidade de Harvard.

Na mesma escola, do Instituto Oswaldo Cruz, colaboraram outros profissionais brasileiros que trouxeram valiosa contribuição no terreno da medicina tropical: Cardoso Fontes, Adolfo Lutz, Henrique Aragão, Rocha Lima Vital Brasil, Miguel Ozório, Magarino Torres, Travassos, Rabello etc.

O Ministro Gustavo Capanema, à frente dos negócios da Educação e Saúde Pública do Brasil é um abnegado da causa pública e personifica as idéias do Governo atual de meu País. O Presidente Getulio Vargas dispensa especial atenção aos assuntos de saúde pública e reserva a cada ano a maior parte do orçamento da União, para os fins de educação e saúde, criando serviços especiais para fazer frente a seus problemas sanitários, sempre difíceis entre nós, pela vastidão do território e pelas condições climáticas.

No Governo do Presidente Vargas e com a gestão Capanema, o Brasil desenvolveu imenso programa de saneamento rural contra suas principais endemias. Merecem menção especial as vultosas obras hidráulicas, de drenagem e expurgo, que estão sendo atualmente executadas contra a malária nas imensas planícies da Baixada Fluminense, e a eficiente campanha realizada contra o *Anopheles gambiae*, esse nefasto vetor da malária que, importado da África, se espalhou pelo nordeste do Brasil, difundindo graves epidemias. São muitos os lepro-sários construídos, compreendendo colônias, asilos e hospitais, para enfrentar o problema da lepra. O número de hospitais, sanatórios e abrigos destinados ao tratamento e isolamento de tuberculosos

cresceu enormemente nestes últimos anos. A campanha contra a peste continua sempre ativa para extinguir algum remanescente da praga e impedir a sua importação. O problema alimentar também não foi descurado. O vulto dos trabalhos contra a febre amarela é bem conhecido.

O programa de educação sanitária tem sido realizado pelos meios modernos de difusão cultural. Todo um programa de saúde pública tem sido encarado pelo Ministro Capanema, com o apoio do Presidente e com o auxílio técnico do diretor do Departamento Nacional de Saúde, Dr. João de Barros Barreto.

Quero referir também que foi neste Governo que se criou o Serviço Nacional de Câncer, com sede no Rio de Janeiro e com raio de ação sobre todo o território nacional, para tratamento, educação e controle do câncer. Em função deste Serviço, que tenho a honra de dirigir, acho-me atualmente na América adquirindo os meios necessários ao combate do flagelo social e colhendo experiência para melhor servir ao meu país.

Assim, eu agradeço, em nome do Ministro Capanema e de meu Governo, a honrosa distinção ora conferida pela conceituada American Society of Tropical Medicine.

E a América, neste seu gesto elegante, mais uma vez demonstra que, sempre animada pelos nobres sentimentos de solidariedade humana, participa com o Brasil do mesmo ideal de saúde e perfeição confirmando a nossa eterna aliança na causa da liberdade ao bem estar coletivo.

6 Entrevistas relativas ao combate contra o câncer

Charlatanismo ou verdade?	276 a 279
Os grandes inimigos da população carioca	280 a 281
O fumo é uma das causas do câncer que anualmente mata 20 mil pessoas no Brasil	282 e 284
Considerado hoje o câncer o maior flagelo social, o câncer é um problema nacional de urgente solução	285 a 289
O povo precisa saber que o câncer, no início, é curável	290 a 292
Paralisa a ação do câncer	293 a 294
Franz Keysser	295 a 296
Um grama de radium para o Serviço Nacional de Câncer	297
O câncer - um problema da medicina moderna	298 a 300
Aiming for freedom from cancer	301 a 306
A ciência em benefício da vida humana – século xx era do progresso – – longevidade norte americana – 46 mil curas de câncer – boa imigração para melhorar a massa brasileira	307 a 311
A cura do câncer já não é um mistério	312 a 313
Um ensino médico perfeito e uma ótima organização hospitalar	314 a 315
Dois gramas de radium durarão milhares de anos	316 a 321
Não deixam vítimas para o câncer	322 a 323
Problema do câncer	324 a 327
A luta contra o câncer	328 a 329
Morrem no Brasil 20 mil cancerosos por ano	330 a 332
A energia atômica na guerra contra o câncer	333 a 334
A influência do sol na origem do câncer	335 a 336
Inimigo oculto, insidioso, de causa ignorada	337
Curamos câncer, cem por cento, gratuitamente	338 a 340

Charlatanismo ou verdade?

Assuero é um mistificador ou um prodígio, ou simplesmente um médico que descobriu a pólvora?

Fala-nos a respeito o Dr. Mário Kroeff – Brilhante comunicação ao atual Congresso Médico

Trinta curas de câncer pela eletrocoagulação

○ Paiz, 6-7-1929

A hora em que procuramos falar ao ilustre cirurgião e urologista, Dr. Mário Kroeff, não era, infelizmente, a mais própria, considerando-se as ocupações ctidianas que lhe preenchem suas 14 horas de indefectível atividade profissional. Tomava o dr. Mário Kroeff seu automóvel com destino à Tijuca e quis, com sua gentileza, que o acompanhássemos nesta ligeira excursão.

Declarado nosso desígnio de ouvi-lo a propósito do toque de Assuero, ainda em plena atualidade pelo elastério que lhe imprimem, praticando-o, alguns médicos desta Capital e dos Estados, não guardou reservas protocolares o nosso entrevistado e disse-nos francamente o seu parecer sobre o momentoso assunto.

“Sabe-se, geralmente, que foi um médico francês o inventor deste discutível sistema terapêutico; logo, teve seu nome e do Dr. Assuero, o toque do trigêmeo nasal, a que se atribuem tantas curas e maravilhosas. A mim mesmo em direto e freqüente contato com a anatomia do corpo humano, pela minha qualidade de cirurgião, que repugna acreditar na cura de certas as paralisias fundamentalmente insanáveis.

Assim, por exemplo, um tabético, um hemiplégico não podem jamais recuperar o restabelecimento dos órgãos lesados, pois que a destruição de certos tecidos nervosos impossibilita esta regeneração. É mister distinguir as paralisias, que são muitas e se apresentam sob diversos aspetos.

Umhas tantas dentre elas, as anorgânicas, que soem derivar de estados auto-sugestivos dos enfermos, podem-se curar pelo toque do trigêmeo nasal, um perfeito reflexo, provocado pela cauterização.

As outras, provenientes de lesão grave do sistema nervoso, mostram-se, em geral, rebeldes à própria medicação específica.

Logo, não é admissível que o Dr. Assuero restabeleça paralíticos e restaure aleijados, como tem apregoadado a imprensa de seu país, com uma versatilidade só explicável por ignorância da matéria.”

Neste ponto da sua corrente exposição, interrompemos o nosso interlocutor:

Acredita o Dr. Kroeff na boa fé, na seriedade científica do taumaturgo de S. Sebastian?

“Não; não me quer parecer que o Dr. Assuero colime os interesses da ciência, com diminuição dos males da humanidade. Os seus precedentes autorizam-me este juízo.

Médico de província, mais ou menos obscuro, fazendo clínica ambulante pelas praias balneárias, tomou ele o “seu sistema” aos rinoterapeutas, que praticam dia a dia o toque do trigêmeo, sem terem em vista a cura da paralisia.



Conhecendo os notórios estudos de Bordier e orientado pelas experiências destes últimos especialistas, foi fácil ao Dr. Assuero inculcar-se inventor de uma novidade, que já existia, há mais de 20 anos.

Obtidos os primeiros êxitos, com uma grande percentagem de malogros, apregoou a imprensa os resultados espantosos do ‘toque de Assuero’, fazendo veículo de uma inverdade, de um absurdo científico. Tanto é admissível este raciocínio, que o veio confirmar o próprio Dr. Assuero, fugindo aos romeiros de S. Sebastian, ávidos de sua ciência, inabalavelmente confiantes na eficácia de seu prodigioso poder. E assim receoso da vindita dos logrados e da falência de seu método, encobriu-se, pela fuga, o charlatão.”

Fez uma pausa o Dr. Mário Kroeff e encaixou-nos a oportunidade de o felicitar-mos pela sua comunicação ao Congresso Médico, ora aqui reunido, sobre a cura do câncer pelo processo da eletrocoagulação. Não pôde, o conceituado cirurgião, dissimular seu entusiasmo por tão felizes resultados de seus estudos destes últimos anos. Referiu-nos, então, seu empenho pela debelação desta terrível moléstia, que é ainda, um enigma para a medicina. Aplicando ao tratamento do câncer a eletroterapia, tem o Dr. Mário Kroeff obtido os melhores frutos, com o restabelecimento de 30 enfermos, todos fotografados, antes e depois do tratamento empreendido. Esse número de curas, todas sem recidiva de três anos a esta parte, justifica certamente a sua confiança nesta terapêutica apenas iniciada entre nós.

Foi este o tema interessantíssimo de sua comunicação ao Congresso Médico, ilustrada e documentada de projeções cinematográficas e lida pelo mesmo autor, perante uma douta assembléia de médicos nacionais e estrangeiros.

Chegamos, nesse ínterim, ao destino do Dr. Mário Kroeff, que era a residência de um de seus clientes.

Agradecemos-lhe a urbanidade de seu acolhimento, renovando-lhe os parabéns pelo sucesso de seu útil e humanitário trabalho.

O tratamento do câncer

Fala sobre esse assunto o Prof. Mário Kroeff, da Universidade do Rio de Janeiro – Amanhã, esse professor fará uma conferência na Faculdade de Medicina

Correio do Povo, Porto Alegre, 4-4-1937

Como já dissemos, encontra-se em Porto Alegre, o Dr. Mário Kroeff, conhecido cirurgião e cancerologista que veio em visita à sua terra natal depois de vários anos de ausência.

É ele livre docente de clínica cirúrgica da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, tendo prestado serviços nos Hospitais da Grande Guerra. Foi assistente do Prof. Brandão Filho, é médico da Saúde Pública da Capital da República e serve como cirurgião na Santa Casa e na Caixa de Aposentadorias e Pensões dos Marítimos.

Os trabalhos que tem escrito sobre o câncer são notáveis, tendo a imprensa nacional e estrangeira os comentado favoravelmente, recolhidos neles fatos originais obtidos por meio da cirurgia elétrica, arma que ele maneja com maestria, e na qual se tornou especialista consumado.

Uma breve palestra

Fomos encontrá-lo na Santa Casa, ontem pela manhã, escolhendo entre os cancerosos aqueles que vão ser beneficiados com a sua técnica, para demonstrar a seus colegas as vantagens da cirurgia elétrica, no tratamento do câncer.

Interrogado pelo *Correio do Povo* a respeito de sua conferência de sexta-feira, disse:

“ É a pergunta mais difícil que o Sr. me apresenta, esta de responder o que é o câncer.

A medicina até hoje não sabe se o câncer é uma doença parasitária ou constitucional. Tudo leva a crer que não seja infecciosa. As instituições filantrópicas custeiam estudos, e cientistas do mundo inteiro consomem existências, dentro dos laboratórios, à procu-

ra da causa deste mal que flagela a humanidade, sem que até hoje se tenha encontrado sua origem.”

Tratamento

Sobre o tratamento?

“Também a respeito do tratamento não foi ainda descoberta uma substância de ação geral específica, idealizada por todos.

As armas de que dispomos atualmente na luta contra o câncer, são bem conhecidas: cirurgia, eletrocirurgia, radium e raios X. A questão principal é a maneira de empregá-las. A técnica é tudo. Os bons resultados advêm da boa prática.

Em qualquer ofício é sempre necessário o adestramento profissional. Sou um adepto fervoroso da cirurgia elétrica e é com ela que venho trabalhando, há mais de dez anos, procurando sempre um aperfeiçoamento aprimorado.

De todas estas quatro armas referidas, a eletrocoagulação é, sem dúvida, a mais simples, menos técnica que qualquer uma das outras. O radium e os raios X, em mãos destreinadas, constituem uma arma de dois gumes. Absolutamente não lhes nego o valor, mas a radioterapia tem hoje suas indicações perfeitamente limitadas. Há cânceres que se curam com o radium, mas há, também, uma grande classe deles que resiste às irradiações.”

As vantagens da cirurgia elétrica

Mas quais as vantagens da cirurgia elétrica?

“Em primeiro lugar, é inegável que a exérese, a extirpação cirúrgica, possa curar o câncer no início. Entre o bisturi comum e o bisturi elétrico, porém, a grande diferença provém do fato que nos ensina a patologia do câncer e que é o seguinte: o câncer é a célula. A célula cancerosa reproduz o tumor no local ou a distância. Na cirurgia do câncer, praticada a bisturi comum, o escolho mais freqüente é a reprodução do mal, logo após a operação, por sementeira do campo operatório. Com a eletrocirurgia, a agulha elétrica, ao mesmo tempo

em que corta, também esteriliza a linha de incisão, coagulando os tecidos e fechando os vasos sanguíneos e linfáticos, para operar sem sangue e evitar a disseminação da semente maligna, quer no campo operatório, quer na corrente sanguínea. Nos casos incipientes, ela é de simplicidade a toda prova: a ponta de uma agulha, acionada pela corrente, coagula a lesão cancerosa, o foco inicial destruindo o elemento maligno, sem grandes aparatos cirúrgicos.”

Uma tese

“Defendi no I Congresso Brasileiro de Câncer uma tese na qual pregava a difusão do processo da eletrocoagulação às mãos dos médicos práticos, para os casos iniciais. Num país como o nosso, pobre, sem meios de comunicações, a grande maioria dos doentes portadores das pequenas lesões, no “hinterland” brasileiro, não poderá contar senão com os recursos ao alcance do médico regional.

O eletródio é capaz de destruir com facilidade, mesmo em mãos pouco afeitas, pequenas lesões que se não forem tratadas se transformarão em irremediáveis casos.

Nos casos avançados, ela dilata os limites de operabilidade do câncer, extirpando os grandes tumores e as suas raízes, com maior facilidade do que o bisturi sangrento, porque destrói as sementes *in loco*, antes de removê-las. Separa e extirpa o câncer, por meio de uma verdadeira curetagem elétrica e esterilizante, conseguindo, às vezes, curas surpreendentes em casos já condenados pelos outros recursos terapêuticos.

O processo ideal de tratamento é sem dúvida o de todas as combinações das armas referidas num centro de cancerologia, onde umas completam a ação das outras.

A eletrocirurgia incontestavelmente ocupará lugar de destaque.

Se for para contar com uma só delas, eu pego numa e dou as outras – como diz o gaúcho.”

A conferência

Mas a conferência?

“Pode prevenir em seu jornal, a meus prezados colegas, que não vou caceteá-los com várias resmas de papel. Prometo não ler e falar pouco. O tema é: Tratamento do câncer pela eletrocirurgia.”

Sexta-feira pela manhã, às 8 horas, o Dr. Kroeff fará demonstrações práticas de eletrocirurgia, operando casos de câncer internados na Enfermaria do Dr. Moisés Menezes. Estas intervenções serão praticadas na sala de operações do Serviço de Mulheres da Santa Casa.

Os grandes inimigos da população carioca

O Prof. Mário Kroeff mostra a urgente necessidade de uma campanha sistemática contra o terrível flagelo social que é o câncer

Jornal do Brasil, 2-12-1938

Na manhã de ontem, o Prof. Mário Kroeff, diretor do Centro de Cancerologia, dos Serviços de Assistência Hospitalar do Distrito Federal, reuniu grande número de jornalistas. Depois de lhes mostrar todas as instalações do pavilhão em que, no Hospital Estácio de Sá, funciona esse Serviço, o ilustre cancerologista assim falou à imprensa:

Reuni os jornalistas numa entrevista coletiva para pedir a colaboração da imprensa na campanha contra o câncer ora iniciada pelo Governo com a criação do Centro de Cancerologia, nos Serviços de Assistência Hospitalar do Distrito Federal.

O papel da imprensa pode ser neste sentido de capital importância. Senão, vejamos:

Propaganda - Tratamento precoce

Se considerarmos que, depois de um certo estado de sua evolução, o câncer, torna-se incurável pelos recursos atuais de terapêutica, concluiu-se, facilmente, que a base de toda a campanha consiste no tratamento precoce aplicado ao maior número possível de doentes.

Encarando as estatísticas de modo geral, o mal é curável num bom terço dos casos.

Como o grande público nada sabe a respeito desta doença, cumpre-nos a tarefa de difundir

largamente certas noções práticas de cancerologia, por meios de conselhos e pequenas notícias publicadas em jornais, em cartazes sugestivos, pregados pelos muros, em folhetos distribuídos a granel, em conferências populares, em palestras pelo rádio etc., para, assim, atrair os doentes a exame e tratamento.

Cabe-nos ensinar o que cada um deve conhecer a respeito do câncer, mostrar o valor da consulta médica imediata diante de certas manifestações ou sinais clínicos considerados suspeitos, aconselhar o exame médico corporal sistemático, principalmente nas mulheres, e realizado periodicamente, na ausência mesmo de qualquer suspeita, para que possa surpreender o câncer em seu início.

Ensinar o público, enfim, a se fazer examinar, a procurar o médico para se aconselhar, seja em clínica privada, seja em estabelecimentos oficiais.

A profilaxia do câncer fica sendo assim, em última análise, uma questão de propaganda. A imprensa poderá desempenhar relevantes serviços educacional e sanitário, se quiser colaborar conosco, com o Centro de Cancerologia, onde se encontram, agora, reunidos, os meios clássicos de tratamento para a grande massa popular.

De nada valeria descobrir o inimigo, se não tivéssemos as armas de combate contra este terrível mal. Com a instalação do Centro de Cancerologia, o Ministério da Educação e Saúde acaba de dotar a nossa população de preciosos elementos de cura: radium, raios X, cirurgias e eletrocirurgia.

O canceroso é doente especial; diferente destes outros doentes que enchem os hospitais, porque só em organizações tecnicamente aparelhadas, com profissionais especializados no assunto, pode encontrar a cura de seus males.

Portanto, o pobre estaria perdido se não contasse com o amparo oficial.

O Decreto-Lei 469 recentemente concedeu uma vultosa quantia para elevar este pequeno hospital à categoria de um verdadeiro Instituto de Câncer, com aquisição de radium, aumento de sua capacidade de internação e ampliação de seus laboratórios, de modo que o Centro poderá alargar seu âmbito de estudos e tratamento, multiplicando, dessa forma, a soma de benefícios que há de prestar à nossa gente.

Mas, ao lado da parte técnica relativa ao tratamento que deve ser executado por nosso Centro, existe um outro problema sério, que nos assoberba e cuja solução se torna difícil, porque é de ordem econômica. Trata-se da questão dos incuráveis.

Se, como dissemos, o câncer é curável num terço de casos, restam dois terços que já nos chegam às mãos em estados lastimáveis.

Se, no Distrito Federal, morrem por ano cerca de mil indivíduos vitimados por câncer, calcula-se em 3 mil o número dos cancerosos existentes na capital. Daí é fácil se avaliar o grande número de doentes que mensalmente vão ser rejeitados às portas de nosso pequeno hospital, por falta de leitos vagos.

Atendendo a um sem-número que chega também do interior (morrem 20 mil anualmente no Brasil), as enfermarias serão insuficientes para abrigar os que nos procuram em condições de operabilidade. Para os operáveis, tão-somente, deve ser reservado o emprego de nossas caríssimas instalações.

Cogitamos construir um modesto pavilhão ou adaptar um imóvel com capacidade de 50 ou 60

leitos, para asilar os incuráveis, que não têm onde morrer, alquebrados pelo sofrimento!

Para assistir a curta existência dos que já não têm cura, pretendemos apelar para a caridade pública.

Como se trata de questão moral e afetiva, que é asilar os incuráveis, deixamos ao povo a faculdade de contribuir, diretamente. Não pediremos ao Governo, que concederia, naturalmente, este financiamento, à custa de novos impostos, retirando em compensação aos doadores o consolo da esmola. Que cada um dê na medida de sua generosidade.

Nós, os médicos, mais que quaisquer que exerçam outras profissões, já repartimos com os que sofrem muito de nosso esforço, de nosso carinho, compartilhando também, às vezes, de suas penas. Se não curamos todos os doentes, sempre nos desvelamos para lhes dar alívio, aprendendo até a mentir para consolar.

Todos devem colaborar nesta obra de benemerência e fraternidade humana, auxiliando a proteger esses naufragos da sorte.

Já contamos com vários elementos de nossa sociedade para organizar uma Associação de Assistência aos Cancerosos, cujos estatutos estão sendo elaborados. Aceitaremos, neste sentido, também o auxílio de quantos quiserem trabalhar conosco.

Colaborando com o Centro de Cancerologia, a Associação encarregar-se-á de angariar donativos e promover a assistência material, afetiva e religiosa dos cancerosos em estado incurável.

Acolher um canceroso para tratamento é obra social e obrigação precípua da medicina; cercá-lo de um ambiente de conforto é dever da humanidade; mas levantar-lhe o espírito, criando atmosfera de esperança e consolo religioso é tarefa de caridade evangélica.

O fumo é uma das causas do câncer que anualmente mata 20 mil pessoas no Brasil

A Tarde, Rio, 11-5-1939

Centro de Cancerologia

Nos Estados Unidos, o câncer mata 12 mil mulheres anualmente.

Aqui, no Distrito Federal, a mortalidade por câncer atingiu nestes dez últimos anos a 8.376 pessoas, sendo que 1.678 morreram de câncer genital. Durante a nossa reportagem no Centro de Cancerologia, o Dr. Mário Kroeff disse que está empenhado numa campanha pela exibição de cartazes colocados nos pontos de concorrência das classes menos abastadas, aconselhando as mulheres a procurarem os ambulatórios de ginecologia, onde serão convenientemente tratadas das lesões deixadas pelo parto, pelo aborto, pela infecção, a fim de evitarem o aparecimento de câncer, doença que, no início, e quando ainda é curável, não traz nenhum sintoma aparente e só o médico especialista pode encontrar. O mesmo conselho é extensivo às mulheres que tenham atingido os 40 anos de idade, para que se submetam periodicamente a exame especializado, a fim de que no caso de câncer seja tratada no começo.

Defenda-se do câncer

Vimos um cartaz de propaganda anticancerosa com os seguintes dizeres:

“O câncer do útero vem causando um número sempre crescente de vítimas.”

Sendo um mal que só pode ser tratado com vantagem quando no início, é aconselhável que todas

as mulheres acometidas de corrimentos, hemorragias ou mesmo insignificantes perdas sanguíneas, assim como as que tiveram filhos, abortos ou inflamações, procurem os consultórios especializados para tratamento, pois que, nos casos supra, existem, com freqüência, doenças do útero que favorecem o aparecimento do câncer.

O ambulatório e a clínica ginecológica do Hospital Miguel Couto estão equipados com aparelhagem moderna e pessoal técnico adestrado no diagnóstico desta terrível doença.

Um grama de radium por 640 contos

Recentemente, o Decreto-Lei 469 concedeu uma vultosa quantia para elevar o Centro à categoria de um verdadeiro Instituto de Câncer, com a aquisição de radium, aumentando sua capacidade de intervenção e ampliações de seus laboratórios, de modo a fartamente poder servir de Centro, multiplicando, assim, a semente de benefícios que há de prestar à nossa gente.

O Dr. Mário Kroeff declarou:

Um grama de radium nos custará 640 contos. É caro, mas é preciso. Os elementos de cura são o radium, raios X, cirurgia e eletrocirurgia. O canceroso é doente especial, diferente destes outros todos que enchem os hospitais, porque só em organizações tecnicamente aparelhadas com profissionais especializados no assunto, ele pode encontrar a cura dos seus males. Ao Presidente Getulio Vargas, sempre magnânimo no atender aos problemas que dizem com a saúde do nosso

povo, e com as medidas de previdência social, deverão ser dirigidos os agradecimentos de todos quantos se utilizam dos serviços deste estabelecimento e também daqueles que se condoem do sofrimento alheio.

Fala o Diretor do Ambulatório

O Dr. Turibio Braz, Diretor do Ambulatório, palestra com a nossa reportagem, dizendo que a maior soma de benefícios em tratamento se aufere inegavelmente da colaboração amigável, da simbiose desapaixonada entre o cirurgião, o radiologista, o radioterapeuta e o anatomopatologista. O Dr. Turibio Braz declarou:

O Ambulatório separa os doentes cancerosos dos não cancerosos. Os cancerosos são logo classificados em curáveis e incuráveis. Uma enfermaria no Hospital da Gamboa recebe os incuráveis. São apenas 20 leitos. A questão dos incuráveis é um problema difícil. No Brasil morrem anualmente 20 mil vítimas de câncer. As nossas enfermarias são insuficientes para abrigar os que nos procuram em condições de operabilidade. Para os operáveis, tão-somente, reservamos o emprego de nossas caríssimas instalações.

Para a cura do câncer dispomos de meios cirúrgicos e das irradiações: radium e raios X. A cirurgia é ainda a mais usada. Ainda não possuímos melhor arma de que dispomos para a cura do câncer. No Brasil, o radium e os aparelhos de terapia profunda são escassos. Nem todo câncer é sensível às irradiações.

A cirurgia cura maior número de casos do que o radium, mas exige dos seus manipuladores, toda vez que se propõem a extirpar o câncer radicalmente do organismo humano, além dos conhecimentos decorrentes da técnica moderna, uma cuidadosa especialização e adestramento profissional. A cirurgia requer até em muitos casos o uso da corrente elétrica, para substituir o corte do bisturi comum, pelo efeito dissociante da

eletrocirurgia; troca as operações sangrentas por outras coagulantes para poder agir sem sangue e calafetar os vasos sanguíneos e linfáticos à medida que os secciona, procurando reduzir, assim, as probabilidades de recidiva, no local e a distância, por sementeira do campo operatório.

Um aparelho de 230 contos

O Diretor do Ambulatório mostrou-nos as salas de radioterapia. E, apontando um aparelho complicadíssimo, disse: Este é um "Stabile-Volt" da fábrica Siemens e Reiniger, de Berlim, com 230 mil volts e 20 mil ampéres. Possui duas hastes para poder tratar dois doentes num só tempo. É o mais potente da América do Sul. É construído segundo o Prof. Holfelder e custou 230 contos. Cento e cinquenta doentes freqüentam esta seção numa média de 20 por dia. No Ambulatório estão registrados 202 cancerosos. Na enfermaria há 18 leitos para homens e 18 para mulheres.

Museu de cera

Visitamos o museu de modelos feitos em cera que o Centro está organizando. Os modelos são feitos pelo escultor ceroplástico e desenhista anatómico, Baldissara Filho, que apresentam os aspectos clínicos das principais formas de câncer nas suas várias localizações no corpo humano. O museu já tem uma coleção bem numerosa, verdadeiras perfeições artísticas, que causa admiração a todos os estrangeiros que visitam aquele estabelecimento. Ao lado destas "moulages", feitas em cera, com todos os detalhes das lesões, o Centro de Cancerologia está também colecionando peças anatômicas conservadas em líquidos apropriados, de modo a poder mostrar objetivamente como pode se assestar em várias localizações do organismo humano. São localizações pulmonares, intestinais, hepáticas e até do coração.

O câncer, naturalmente, só pode surpreender o coração na fase de agonia.

O perigo do fumo

Agora é o Dr. Kroeff quem fala:

O tratamento do canceroso é sempre um problema árduo porque é preciso diferenciar os pacientes: os que podem fazer um tratamento rápido e os que têm de ocupar inevitavelmente o leito. Os doentes são classificados em três grupos:

1º. Doentes com tumores não evoluídos e que se beneficiam com a cirurgia e a eletrocirurgia. São numerosos e têm as suas localizações tumorais na mama, útero, vulva, laringe, estômago, reto etc.

2º. Cancerosos com tumores que se beneficiam com um tratamento fisioterápico: radium ou radioterapia. Cancerosos da pele, lábio, língua, útero etc., em geral, inoperáveis.

3º. Estado muito avançado e que são em maior número, de tratamento paliativo, psicoterapia.

Pelas estatísticas do Centro, observa-se que a pele é a localização mais freqüente. Em segundo lugar, vem a localização da boca e vias respiratórias, atri-

buídas ao fumo. Segue-se a mama, depois o útero. Quanto ao fator idade, conclui-se que o câncer ataca a mama geralmente entre 41 e 51 anos; câncer da boca, 51 a 60; pele, entre 61 e 70; e câncer da laringe, na idade da plenitude do homem, 41 a 50 anos. Sexo, predomínio do homem sobre a mulher.

Causa do mal

O diretor do Centro de Cancerologia disse ainda que enquanto as vocações privilegiadas do gênio humano não descobrirem as causas do mal ou um agente terapêutico de ação geral ou específica, a medicina continuará firmemente empenhada em destruir as manifestações suspeitas, bem como as lesões cancerosas iniciais, antes de se transformarem em núcleo de difusão maligna.

E, finalizando:

Empreitada ingrata e penosa é certamente a solução radical do problema. Entre decepções e fracassos, só poderá triunfar quem levar a fé inabalável, qualidade que dignifica o espírito humano.

Considerado hoje o maior flagelo social, o câncer é um problema nacional de urgente solução

Impotente o Centro de Cancerologia para atender aos inúmeros doentes que ali vão à busca de cura ao mal traiçoeiro – O câncer é curável se for tratado a tempo

Meio Dia, 23-4-1940

Interrompida nossa palestra pela necessidade de ser praticada uma operação, voltamos no dia seguinte ao Centro dos abnegados combatentes do grande e apavorante mal.

Já agora mais familiarizados, dirigimo-nos diretamente ao gabinete do Dr. Mário Kroeff, que, como sempre, se encontrava entre seus colegas.

Sobre a mesa havia um volumoso maço de anotações, bem colecionadas em envelopes. Abertos, significavam para nós verdadeiros enigmas, enquanto que para aqueles abnegados cientistas constituíam um grande prazer, revendo casos complicadíssimos de operações em centenas de enfermos, já curados uns, e mortos outros, pelo adiantado do mal.

Explicaram-nos que era a classificação de toda uma infinidade de tumores, tomando nomes os mais variados, conforme a sede que toma a doença no corpo humano e conforme os tecidos à custa dos quais eles se desenvolvem.

O Centro de Cancerologia está em condições de atender a cancerosos do país?

Essa foi a pergunta que fizemos ao prof. Mário Kroeff e V. Sa. respondeu-nos logo:

“Já foi um grande passo dado na luta contra o câncer entre nós a criação do Centro de Cancerologia pelo Governo do Eminentíssimo Getúlio Vargas. Até então, meu caro jornalista, nada havia a esse respeito em nosso País ou na Capital da República. Os cancerosos, desamparados, à míngua de recursos, peregrinavam de porta em porta, em nossos hospitais, e curtiavam suas dores num banco de sala de espera, sempre recusados como elemento indesejável, porque os médicos se consideravam impotentes para atendê-los, por falta absoluta de meios de tratamento.”

Diferente das outras doenças

“Porque é preciso saber que o câncer é uma doença diferente da grande maioria das outras doenças que podem ser plenamente atendidas por um profissional com receituário na mão. Só em estabelecimentos convenientemente aparelhados, com todos os recursos de que dispõe a medicina moderna, pode-se curar esta doença que também requer especialização apurada ao lado da boa aparelhagem. E estas instalações, caríssimas, mesmo poderão ser custeadas ou adquiridas pelos governos para o amparo do doente pobre ou mesmo do remediado... O médico prático, por mais devotado que seja a socorrer aos necessitados que freqüentemente apelam para sua generosidade, nunca teria margem para atender em sua clínica particular esta espécie de doentes.”

Pequeno demais em face da tarefa a cumprir

“O Centro de Cancerologia” – prossegue o Prof. Kroeff – “é de tato pequeno demais em face da enormidade da tarefa que lhe foi atribuída.

Tenho apenas 40 leitos e um ambulatório, que se desdobra em esforços e dedicação para atender a multidão que, diariamente, apela para os recursos de que dispomos.

Esses, infelizmente, ainda são falhos, porque, das três armas consagradas no combate ao câncer, dispomos apenas de duas: cirurgia e radioterapia. Falta-nos ainda o radium, precioso elemento na luta contra o câncer. Este teremos, certamente, porquanto o Governo prometeu nos auxiliar na aquisição desse valioso metal, tendo já exarado um decreto neste sentido.”

A criação de um Instituto de Câncer

“Há, ainda uma promessa mais alentadora” – disse-nos o nosso entrevistado – “esta, por parte dos poderes públicos, que é a criação de um grande Instituto de Câncer suficientemente aparelhado, com todos os recursos e com capacidade para receber todos os doentes que recorrem a seus serviços, isto é, curáveis e incuráveis.”

Aí terminou a palestra com o Prof. Kroeff.



Seria uma grande descoberta para a humanidade

A fixação do roteiro do câncer, anunciado nos Estados Unidos, resolveria dos maiores problemas da cirurgia moderna.

Como se manifesta sobre a sensacional notícia o Prof. Mário Kroeff, Diretor do Centro de Cancerologia.

O Globo, Rio, 12-2-1941

Dentro da azafama de médicos que entram nos laboratórios e saem deles e das enfermarias

do Centro de Cancerologia no Hospital Estácio de Sá, foi difícil encontrar o Dr. Mário Kroeff, Diretor desse Departamento. Doentes chegavam, alguns sozinhos, outros acompanhados, em busca dos benefícios da ciência. Muitos procuravam os ambulatórios e as enfermarias, para as intervenções cirúrgicas. Outros, a Seção de Radioterapia, a fim de se submeterem à ação dos raios. Em muitos rostos, o repórter pôde ler o desespero dos incuráveis. O adiantado das lesões impossibilitava a intervenção.

Deve ser difícil a tarefa de seleção entre aqueles que ainda podem e aqueles que não podem mais obter resultados da medicina.

Um empregado nos indaga.

– Quer falar com o Dr. Kroeff?

– Precisamente, respondemos.

Um médico, de avental impecavelmente branco, vem a nosso encontro. É ele quem dia e noite, orienta todos os esforços daquele Centro, para salvar centenas de vidas. Mas, entremos rapidamente no assunto. Levava-nos à sua presença um telegrama referente à descoberta, nos Estados Unidos, de uma nova técnica clínico-cirúrgica para a localização e remoção dos tecidos cancerosos.

Terrível flagelo

“Há, sim, este telegrama” – disse-nos V. Sa. – “sobre o novo processo clínico-cirúrgico, experimentado no tratamento do câncer, por dois cientistas americanos da Universidade de Wisconsin.

Não podemos dar muito crédito a estas notícias telegráficas que surgem, continuamente de toda a parte do mundo, anunciando experiências e resultados concludentes, sobre a cura e origem ao câncer.

São, em geral, interpretações de leigos otimistas que, como agentes telegráficos, se apressam a espalhar pelo mundo as novas a respeito do magno problema do câncer que tanto interessa e preocupa a humanidade. Isto traduz bem a apreensão em que vivem as coletividades, sob a ameaça do inimigo número um, atroz e traiçoeiro, fazendo

vítimas, aqui e ali entre parentes e amigos, como espectro sinistro...

Enquanto que na sífilis, tubérculo, lepra e outros males sociais já se conhecem os agentes causadores do mal, no câncer continua a incógnita. Esta notícia demonstra, também, que por toda parte, homens de ciência se dedicam ao estudo da doença pesquisando por todos os meios às causas do mal e consagrando, às vezes, uma existência inteira, dentro dos laboratórios, no mais nobre e elevado altruísmo de aperfeiçoar as armas de combate ao terrível flagelo. Mas, estou certo de que um dia há de surgir a notícia verdadeira, anunciando mais uma vitória da ciência, porquanto diante das estatísticas, cada vez, mais assustadoras e dos coeficientes de letalidade também sempre elevados, os governos dos países civilizados estão empreendendo campanha tenaz e eficiente, dotando os institutos de câncer de todos os recursos para estudo e tratamento da doença, sempre auxiliados por doações de grandes beneméritas em favor dos problemas médico-sociais, para combate dos males que afligem a humanidade.”

O roteiro do câncer

“Conforme despacho telegráfico, os autores das experiências de New Haven, Drs. Mochs e M. F. Guyer usaram uma pasta de zinco clorídrico aplicada sobre áreas cancerosas, procurando determinar, segura e precisamente, toda a porção afetada pelo mal, para só, então, ser extirpada, ou destruída cirurgicamente. Não tenho elementos para julgar se é isso que pretendem exatamente os autores. No entanto, não creio que este método possa dar resultado na prática. Se, de fato, houvesse um meio de determinar previamente a zona de infiltração cancerosa, à maneira do que fazem os corantes eletivos, colorindo os tecidos doentes no meio dos tecidos sãos, seria realmente um grande melhoramento na cirurgia do câncer. Neste sentido já se emprega o azul de metileno para demarcar os longos trajetos fistulosos a serem extirpa-

dos cirurgicamente, evitando, assim, que se perca o roteiro na confusão do sangue no operatório. Para se compreender o alcance da notícia, é preciso que se saiba que o tratamento cirúrgico do câncer se baseia na idéia de que no início é uma doença local, a qual deve ser extirpada completamente, com todas as raízes que possam mais tarde reproduzir. Por isso é que se recomenda tratar o câncer, precocemente, em sua fase inicial, antes de se ter infiltrado nos tecidos vizinhos.”

Obra radical

“Deixada a doença entregue à sua própria evolução, ela acaba por estender raízes e infiltrações que estabelecem conexões com órgãos vizinhos e cuja separação se torna difícil e muitas vezes impraticável. Não basta a simples separação daquilo que é doente do que está ainda são. É preciso entrar pelo lado são, abrir caminho por fora da zona doente, cortar, enfim, um tecido normal, reconhecendo e fugindo da orla de infiltração não só aparente como também da que já se supõe invadida, invisivelmente, pelas células cancerosas, que constituem as sementes de formação do câncer. Sabe-se que, em torno de uma lesão cancerosa, ao lado da infiltração aparente dos tecidos pela doença, existe uma outra zona de infiltração microscópica, portanto invisível, que o cirurgião deve presumir, para abrangê-la também em sua extirpação, se quiser fazer obra radical. Daí advêm todas as dificuldades da cirurgia do câncer, principalmente, quando se esbarra com localizações que tocam em órgãos vitais que não podem lesados.

Assim, se o processo anunciado pelos americanos conseguisse demarcar, previamente, tudo quanto o cirurgião devesse abranger em sua extirpação ou destruição, tomaria o ato cirúrgico mais fácil, mais exato, dispensando essa prática que adquirem os olhos dos cirurgiões experimentados e afeitos a reconhecer o que é bom do que é ruim, quando lhes é confiada uma vida, que fica à mercê da ponta do escalpelo ou do eletrotérmico.



Combate ao câncer em Buenos Aires e Montevideu

Impressões da visita do Dr. Mário Kroeff aos dois importantes Centros da América do Sul

Correio da Manhã, 27-4-1941

Regressando de sua viagem de estudos ao Rio da Prata, o Prof. Mário Kroeff, diretor do Centro de Cancerologia, transmite suas observações sobre o palpitante problema do câncer, fornecendo alguns tópicos resumidos e de interesse geral, retirados do relatório que deve apresentar à Secretaria Geral de Saúde e Assistência.

“Passei um mês em Buenos Aires, vivido intensamente, entre hospitais, laboratórios, salas de operações e sociedades médicas. O objetivo principal da minha viagem foi estudar a organização da luta contra o câncer em Montevideu e Buenos Aires. Como centro principal de trabalho na cancerologia Argentina, está o Instituto de Medicina Experimental para Estudo e Tratamento do Câncer, sob a sábia direção do Prof. Angelo Roffo. Ali o problema é atacado em seus múltiplos aspectos, desde o tratamento que visa curar e assistir os indivíduos afetados do mal, com as armas de que dispõe atualmente a medicina, até os esplêndidos laboratórios de pesquisa e investigações científicas, onde se procuram as causas e a mecanização da doença, em busca de um agente curativo de ação geral e específica. Desempenha papel importante também a propaganda, feita a “larga manu” e por todos os meios para atrair ao diagnóstico precoce, o maior número de indivíduos nos primeiros períodos da doença, sabido como é que a base de toda campanha contra o câncer está no tratamento precoce, “único fator de curabilidade da doença”. Roffo conseguiu pela propaganda aumentar grandemente os casos com lesões iniciais que se apresentaram ao Instituto. De 6% com um mês de doença em 1930 passou para 60 em 1940.

A escola de “nurses” e um corpo de enfermeiras visitadoras constituem um verdadeiro exército de salvação.

Todos esses recursos de tratamento são ali valiosos e manejados por mãos eficientes. Aparelhos de radioterapia de 200 mil volts, iguais aos do Centro de Cancerologia, fazem a grande massa do tratamento pelos raios X. outros, de alta voltagem e de custo que sobe a centenas de contos de réis, com 400 a 800 mil volts, estão sendo utilizados pelo Dr. Ângelo Horto Jr., principalmente na irradiação dos cânceres de tórax, pulmão e esôfago. O radium, esse poderoso metal cujo valor ascende a mais de 600 contos de réis o grama, é também empregado em larga escala. Vários doentes ali se beneficiam com seus efeitos, subdirigidos como são, em doses de poucos miligramas.

Também a emanção do radium existente no Instituto nas horas de repouso é captada para ser usada sob a forma de Radon, cujas doses para uma aplicação, já vão fixas e determinadas.

Para a cirurgia dispõe o Instituto de 300 leitos. O encarregado da seção Dr. Felipe Carranza não dispensa a eletrocirurgia com a aparelhagem de Keysser igual à nossa do Centro de Cancerologia, aplicada na boa técnica, segundo a escola do grande mestre alemão. As suas estatísticas no câncer do reto, mama e útero mostram resultados francamente superiores aos que são com o bisturi comum.

Estudos, verdadeiramente interessantes, sobre a produção do câncer artificial em animais são realizados nos laboratórios de pessoas do Instituto pelo seu eminente diretor. Repetindo as experiências já realizadas anteriormente por cientistas japoneses sobre a produção do câncer na orelha dos coelhos com alcatrão e por destilação do petróleo, isolou do tabaco uma substância da mesma composição com a qual também produz o câncer na orelha do coelho. Da combustão de um quilo de cigarros ele obtém 120 gramas. de uma resina cancerígena. Ainda mais, a fuligem das chaminés, produz a mesma substância cancerígena para os animais. Fato mais extraordinário ainda e de

grande interesse social isolou também do ar que se respira nas ruas de Buenos Aires uma poeira resultante da combustão do petróleo dos motores de ônibus e automóveis, e, desta substância fuliginosa, separou um alcatrão da mesma composição que os anteriores e também de ação cancerígena para os animais de laboratórios, quer por inalação, dando câncer no pulmão; quer pela ação cutânea, dando o câncer da pele; quer por ingestão, dando câncer no estômago dos ratos. No cinema Opera da Calle Corriente um filtro exaustor do ar, dando 1.800 m³ por minuto, reduziu em 46 horas 1.500 gramas. de resíduo carbonoso, donde se extraiu um azeite mineral produtor de câncer. Acredita-se que o aumento do câncer pulmonar cada vez mais sensível na cidade de Buenos Aires – felizmente muito menos entre nós – seja atribuído às emanações dos motores de automóveis que ali trafegam continuamente em número superior a 130 mil.

Penso que bem avisado andou o secretário de Saúde e Assistência, Dr. Jesuíno de Albuquerque, tomando providências, para que seja obrigatório, entre nós, o uso de filtros nos casos de escape dos ônibus, para evitar as descargas de fumaça que freqüentemente, infestam o ar respirado pelos transeuntes, considerado cancerígeno e nocivo à saúde.

Além do serviço do Roffo, visitei o grande Instituto de Radiologia para Radiodiagnóstico e Radioterapia, do qual é diretor o Dr. Villalegui. Freqüentei também vários serviços de cirurgia: Alejandro Ceballos que segui mais de perto para acompanhar a cirurgia pulmonar, Delfort Valle, da cirurgia gástrica; José Jorge, irmãos Finochietto e Arce, na cirurgia plástica. E para dar uma idéia do material e do movimento hospitalar portenhos, basta informar que o Serviço de Arce havia mar-

cado para só amanhã 24 operações a serem praticadas, concomitantemente, em seis salas. Da lista constavam um caso de câncer de pulmão e outro de esôfago. Por aí se deduz certamente como são amplos os hospitais argentinos e abundante o seu material operatório. A repetição, trazendo a prática e a experiência, fez naturalmente o aperfeiçoamento que se nota na cirurgia argentina.

Quanto a mim tratei de fazer o possível, no meio médico, como diretor de nosso pequeno Centro de Cancerologia. Fiz uma palestra sobre a luta contra o câncer, com exibição de um filme de longa-metragem, falado e sincronizado, elaborado pelo Centro de Cancerologia e que foi muito apreciado pela numerosa assistência que o aplaudia constantemente. Essa composta de estudantes, médicos e de quase todos os professores da faculdade, inclusive o Decano, Dr. Palacios Costa.

Em Montevideu visitei também o Instituto da Radiologia, dirigido pela proficiência de Carlos Butler. Não obstante suas proporções muito menores, conta com as armas: radium, raios X, a cirurgia. Trabalha-se eficientemente, com ótima organização e bom resultado prático de estudo e de assistência para doentes. Gerardo Caprio, cirurgião do Instituto é também um grande apologista da eletrocirurgia no tratamento do câncer.

Presenciando essas belas iniciativas de luta nos países vizinhos contra um dos mais temíveis flagelos da humanidade, não podemos deixar de nos alegrar com a ação do Secretário de Saúde, Dr. Jesuíno de Albuquerque, no sentido da criação de um grande Instituto, entre nós, em colaboração com organizações americanas e forças filantrópicas nacionais que promanam de uma conhecida família brasileira, sempre interessada na solução de nobres problemas médico-sociais.

O povo precisa saber que o câncer, no início, é curável

O Dr. Mário Kroeff faz interessantes revelações sobre alguns aspectos da campanha que será desenvolvida pelo Serviço Nacional de Câncer

A Manhã, Rio, 17-10-1941

A Sociedade de Medicina e Cirurgia organizou, em combinação com o Dr. Mário Kroeff, chefe do Serviço Nacional de Câncer, recentemente criado, um curso de aperfeiçoamento em que os nossos maiores cancerólogos dissertarão sobre os aspectos gerais e particulares do problema do câncer.

Tivemos oportunidade de assistir à primeira aula, ministrada pelo Dr. Ugo Pinheiro Guimarães, no auditório do Hospital Estácio de Sá (Pavilhão Anes Dias). E, após a aula-conferência que, seja dito de passagem, foi para nós uma revelação de como já são grandes os conhecimentos a respeito desta doença que tem arrebatado, assim como a guerra e a peste, tantos milhões de vidas, procuramos o Dr. Mário Kroeff e lhe pedimos uma síntese da campanha que será desenvolvida no país pelo Serviço Nacional do Câncer (S. N. C.). Não obstante haver-se recusado, alegando ter falado à imprensa tantas vezes nos últimos tempos, insistimos contrapondo o argumento de que se tratava de causas novas e que sobretudo interessariam ao grande público.

E, assim, ontem, palestramos com o reputado cientista, que logo afirmando tratar-se de problema complexo, complexíssimo, em todos os seus aspectos, o que terá de enfrentar o Serviço Nacional de Câncer.

Profilaxia

Cuidará ele, larga e precipuamente, da profilaxia e fará, para isso, movimentada propaganda no sentido de se estabelecer o diagnóstico precoce como base da campanha – propaganda junto ao povo, apelos. Falar ao povo continuamente, tocá-lo os sentidos e a alma através da imprensa e do rádio, do cinema e do cartaz vistoso, do folheto e da palestra acessível. O problema entrosa-se aí com o da incultura das massas, e a palavra do médico terá de atingir “a última simplicidade” no apaixonado objetivo de criar consciências de interesse e alertas relativamente ao câncer.

Fazer que o povo saiba que esta neoformação maligna, que é o câncer, é curável ainda no início; mas que, já em segundo grau, diminuem-se as possibilidades de cura e que uma maior evolução tumoral determinará infalivelmente a morte.

Tendo ainda em mente o fato de que o câncer é mais comum em plena maturidade e na velhice, o S. N. C. diligenciará para que depois dos 40 anos de idade – a despeito de ser essa a idade em que um filósofo amável diz que a vida começa –, todos periodicamente se submetam a um minucioso exame de saúde.

Sintomas

A conversa vai rumando para o capítulo fascinante da sintomatologia e do diagnóstico.

Quais os sintomas do tumor maligno?

“É aqui que a propaganda terá que se estender aos médicos, aos médicos não especializados em cancerologia, a fim de que, em sua clínica, busquem surpreender a neoplasia em seu início e falhe deste modo o despistamento que quase sempre ocorre.

O diagnóstico é menos difícil quando se trata da pele: uma verruga sangrando, uma ferida que não cicatriza podem alarmar, são sintomas quase claros de câncer. Ao passo que descobrir o mal quando está localizado num órgão interno exige do médico acurada paciência e tática. Uma pessoa madura, por exemplo, que começa a emagrecer e padece de tosse contínua pode parecer atacada de uma bronquite, e estarem, contudo, células cancerosas proliferando em um de seus pulmões. Outro exemplo: perturbações gástricas podem ser tomadas por dispepsia, e tratar-se já, no entanto, da presença insidiosa do câncer no estômago.

Por tudo isso, o S. N. C. procurará obter, através de artigos em revistas científicas, de conferências e cursos, a cooperação dos médicos, de todos os médicos, e até das profissões chamadas paramédicas – os dentistas, as parteiras, os enfermeiros, as massagistas –, tendo em vista que o câncer não poupa nenhuma região do organismo, todos serão cabalmente instruídos porquanto se trata de desencadear uma luta sem tréguas, baseada no culto da ciência e no amor da humanidade.”

Substâncias cancerígenas

E vai-se chegando à grande incógnita: a verdadeira causa do câncer, ainda desconhecida.

Afirmando que é o “quid” do problema é a máxima preocupação dos cancerólogos do mundo, o Dr. Mário Kroeff, afirma igualmente que a ciência conhece já, todavia, vários fatores do câncer. Cita o alcatrão e seus derivados, os óleos pesados, a parafina, e, a propósito, declara que o S. N. C. operará junto às indústrias que lidam com essas substâncias, visando proteger o operário e fazer uma medicina preventiva do câncer profissional.

Dentro ainda do ângulo das causas, conta que se chegou à conclusão por experiências feitas nos

laboratórios de que os hormônios do ovário, a foliculina, injetada em camundongos provocava o aparecimento de câncer nas mamas e que, por conseguinte, somente dentro do critério terapêutico, devem ser usadas injeções destes hormônios, semelhantes que são eles aos elementos cancerígenos do alcatrão.

Aparelhos e técnicos

O S. N. C. terá que ampliar as suas instalações, que são caríssimas – diz o Dr. Kroeff, afirmando ainda que não bastam os serviços de cirurgia convenientemente aparelhados. É, necessário o radium, tão precioso e tão caro que uma só o grama custa mil contos. Os aparelhos de raios X, por sua vez, são de elevado preço e são precisos vários, uns de 300, outros de 800 contos. Urge, também, a organização de um amplo serviço de cirurgia reparadora, para recompor os estragos produzidos pelo câncer extirpado.

O S. N. C., sendo um serviço novo, não possui um número suficiente de técnicos. Formá-los é outra questão de vital importância. Tanto para o tratamento como para a pesquisa.

Na pesquisa, então – afirma o nosso entrevistado –, é que se tornam de todo indispensáveis os fatores vocação, talento e capacidade de renúncia. Teremos que mandar jovens médicos aperfeiçoar-se no estrangeiro para que se tornem técnicos na pesquisa, no tratamento e nas reparações pós-trabalho.

Visita

Cirurgia reparadora? Reparções pós-trabalho? Pois, neste pavilhão do Hospital Estácio de Sá (Centro de Cancerologia, onde, provisoriamente, funciona o S. N. C.), já o Dr. Kroeff faz tudo isto, o que é único no país e raro talvez no continente.

Acompanhados pelo Dr. Sérgio de Azevedo, ilustre assistente do chefe do Serviço Nacional de Câncer, passamos agora pelas enfermarias. Lá está um ancião de 70 anos de idade que sofreu operação de câncer no nariz e apresenta um enxerto de pele da testa na região destruída.

Os incuráveis

De volta ao gabinete do Dr. Mário Kroeff, encontramos-lo examinando um novo doente idoso, um pobre trabalhador com câncer na boca, fala pastosa e feia, incurável?

Depois de ter ele saído, acompanhado da enfermeira, o eminente cancerólogo refere-se à face mais penosa da questão, que é precisamente o drama dos incuráveis, cujo número constitui mais da metade dos que ali buscam tratamento. E os que fazem são os pobres.

E fala num asilo onde eles pudessem morrer abrigados da miséria nos últimos dias e cercados de assistência em seus sofrimentos – tarefa de vulto, por demais pesada para ser exclusivamente cumprida pelos poderes públicos e que reclama a compreensão humana, o auxílio franco e a solidariedade de todos os brasileiros.



Vimos, também, o ambulatório, o fichário copioso e detalhado, os dois braços dos raios X, e, no museu, cortes de cérebros imersos no álcool, glândulas e vísceras cancerosas em exposição.

Paralisa a ação do câncer

Correio da Manhã, 29-10-1941

A propósito de uma notícia divulgada há dias e oriunda do Canadá, anunciando a descoberta de um produto de “ação paralisante sobre o câncer”, fomos ouvir o Dr. Mário Kroeff, Diretor do Serviço Nacional de Câncer, que nos atendeu no Centro de Cancerologia, do Hospital Estácio de Sá, dizendo:

“Sim, agora que vamos, com a criação do Serviço Nacional de Câncer, entrar numa campanha de propaganda e educação popular, acho bom aproveitar desde já a ocasião e a boa vontade de seu jornal em bem servir o público, para fazer algumas considerações a respeito de certos remédios que prometem a cura do câncer. Há, inegavelmente, necessidade de pôr os interessados e as próprias vítimas de certos males crônicos ou tidos como incuráveis a par de tudo que a ciência médica possa produzir em seu benefício. Os verdadeiros remédios, os meios eficientes de cura, nascidos da ciência, aparecem logo com a sanção das sociedades médicas e com a devida provação do controle oficial. Outras notícias, porém, surgem de fontes pouco autorizadas, com promessas radicais. Graças à predisposição do espírito, público, em aceitar as informações confortadoras em face dos males de cura difícil, tais notícias são acolhidas em geral com otimismo. Não raro, trata-se da divulgação, apressada, de pesquisas profissionais realizadas nos laboratórios científicos de cancerologia e desvirtuadas pelos agentes telegráficos, que exageram os resultados, colhidos pelos homens de

ciência, em geral, indiferentes à publicidade e obcecados unicamente pela idéia de ligar seu nome a qualquer descoberta útil à humanidade.

Infelizmente, as conseqüências destas levianidades, ao anunciar experiências médicas, sem a devida confirmação, não se limitam a despertar esperanças vãs, mas produzem no espírito público uma perigosa desorientação, capaz até de desviar os doentes do verdadeiro caminho de sua cura. No caso do câncer, ao terem conhecimento destes supostos métodos de cura, poucos indivíduos, por si só ou premidos pela insistência de nefastos conselheiros, terão ânimo suficiente para se conformarem com a opinião e esclarecimentos fornecidos pelo seu médico assistente, único em condições de poder fazer apreciação dos métodos, verdadeiramente científicos. Mais necessário ainda se torna trazer o público permanentemente de sobreaviso contra um outro tipo de publicações, cujo estilo não consegue dissimular sua índole mercantil, para quem é conhecedor do assunto. Infelizmente elas encontram entre nós um meio fácil de difusão e próspero para sua aquiescência sem o menor espírito de crítica.

Além da perda de tempo tão precioso no tratamento do câncer, os doentes são muitas vezes levados a despendar, com sacrifício, seus poucos recursos, com processos enganadores comprometendo mesmo entre os mais incultos, as necessidades vitais de subsistência. É de notar que os falsos remédios têm como principais características a clandestinidade e seu alto preço.

Os bons produtos não se furtam ao debate dos meios médicos, nem recuam em transitar pelo caminho competente da fiscalização oficial da Saúde Pública, para a venda franca. É preciso, pois, que se propague por todo os meios e em todas as camadas sociais que os métodos universalmente consagrados na cura do câncer são, no momento

atual, o radium, os raios X e a cirurgia, hoje aperfeiçoada com o advento da eletrocirurgia. Quanto ao “Ensol” enunciado no telegrama referido, basta declarar que o *Journal of American Medical Association*, de junho de 1941, faz os mais desfavoráveis comentários sobre aquele produto, referindo até vários casos de morte atribuídos a ele.”

Franz Keysser

Correio da Manhã, 22-2-1942

Pela oração do Prof. Ivanissevich, que só agora acabo de receber, tive conhecimento da morte do Prof. Franz Keysser, ocorrida em Buenos Aires, a 26 de janeiro findo.

Keysser foi, de fato, por sua obra um dos grandes benfeitores da humanidade em nossos dias. Era considerado um dos mais completos cirurgiões da atualidade, quer se tivesse em vista suas criações de ordem técnica, quer se apreciassem suas extraordinárias qualidades pessoais: habilidade, engenho, arrojo e ampla visão do problema cirúrgico em todos seus aspectos e em todas as regiões do corpo humano. Na moderna cirurgia do câncer, sua posição foi de verdadeiro pioneiro. Deu o exemplo da conduta operatória radical para extirpação completa da doença, atacando o câncer com a amplitude e a coragem que o tratamento cirúrgico exige. Mas o Prof. Keysser não encarnava uma coragem obstinada, pois tinha a permanente preocupação de aperfeiçoar as armas de combate.

Foi por suas mãos que o novo método de cura pela eletrocirurgia entrou em seu verdadeiro rumo, proporcionando resultados inesperados, graças ao aperfeiçoamento que introduziu na aparelhagem eletrotérmica e às técnicas criadas ou renovadas por ele. O tratamento do câncer com a eletrocirurgia elevou de muito as percentagens de cura, de modo geral, e tornou-se operável uma grande categoria de tumores malignos considerados, até então, intratáveis pela cirurgia comum. O expoente da neuroci-

rurgia, Cushing, célebre operador norte-americano, escreveu a propósito da obra de Keysser:

Tenho a segurança de que o método promete ser uma das mais importantes contribuições à técnica cirúrgica da presente geração. Como sustentava Lister, “os cirurgiões em geral tardam em aceitar novos métodos e muito tempo se passará até que a eletrocirurgia seja reconhecida em todo seu valor e aproveitada em todo seu alcance”.

O professor Arce, de Buenos Aires, prefaciando o último livro de Keysser, *Manual de eletrocirurgia*, escreveu:

“Estou convencido de que a eletrotomia acabará por substituir o bisturi. É questão de educação e prática, ou, em outras palavras, de tempo.”

O mestre deixou à humanidade os benefícios de uma vida laboriosa e eficiente, não só na variedade e riqueza de sua obra escrita, como nos ensinamentos em vários centros científicos do mundo, através conferências, demonstrações práticas e exemplos decisivos.

Visitou o Brasil várias vezes, deixando sempre os pródigos resultados de sua grande experiência e de sua inesgotável vocação de mestre, já conhecida de todos aqueles que tiveram a ventura de se aproximar de sua generosa e acolhedora personalidade, no Hospital que dirigia em Berlim. Desse estágio saíram numerosos discípulos que hoje em várias regiões de nosso país põem em prática as lições recebidas do mestre com inestimáveis benefícios para nossa gente.

O Centro de Cancerologia, onde teve ocasião de operar, guarda da sua personalidade traços indelévels, não só pelas lições proferidas, como pela aparelhagem que legou à ciência médica.

O Governo brasileiro, por sugestão nossa, houve por bem reconhecer o mérito de Franz Keysser, conferindo-lhe as insígnias de oficial da Ordem do Cruzeiro. Por ironia da sorte, o incansável batalhador sucumbiu à doença que combatera com tanto valor e devotamento.

Mas, ao verificar a sua própria situação, não se abalaram suas convicções científicas, nem sua força moral.

Serenamente firmou o diagnóstico de seu mal e a indicação terapêutica que julgou adequada.

E a mesma coragem com que sempre procurou da terrível doença levou-o a se fazer operar de modo radical exigindo a extirpação total do pulmão afetado, qualquer que fosse o risco, e venceu etapa, firmando esperanças na cirurgia do câncer pulmonar. Sucumbiu meses depois de ter estado em convalescença no Brasil.

Como homem, era de inalterável serenidade no convívio social mas, quando operava, o sentimento de responsabilidade pela vida que lhe era entregue o fazia extremamente exigente para com seus auxiliares. Intransigente e inflexível em suas

idéias sociais, ariano sem preconceito racial, abriu mão de todas as situações prestigiosas e regalias que o nazismo lhe ofereceu emigrando da Alemanha em plena guerra, em busca de um clima mais propício à sua tranqüilidade de espírito e à sua saúde, já afetada.

E termino agora com a oração de Ivanissevich:

“Se apagaron las luces de sus ojos celestes

Ya no veremos su alma através de esa luz

La noche se ha cerrado. Silêncio!

Se levanta otra cruz!

Es la cruz que las manos hicieron al unirse

Es la cruz que condujo suas ansias hacia el bien

Es la cruz del recuerdo

Esa la cruz de belém!

Maestro: en tus ojos claros hemos visto tu alma

En tu palabra recia desbordaba el amor

Triunfaste en la vida con el candor de um
niño

Nos diste siempre afeto. Hoy el primer dolor!

Por eso hemos vivido la ansiedad de tu ocaso

Por eso hemos rezado por tu liberacion

Y allegar resignados a tu noche serena

Decimos en silêncio la mejor oracion!

Mário Kroeff

Um grama de radium para o Serviço Nacional de Câncer

Fala-nos sobre o objetivo de sua viagem aos Estados Unidos, o Dr. Mário Kroeff

O Globo, 8-7-1942

Seguirá hoje, às 6h30, por avião, para os Estados Unidos, o Dr. Mário Kroeff, diretor do Serviço Nacional de Câncer.

O conhecido cancerologista brasileiro falou-nos, ontem, sobre os objetivos de sua viagem, que se prende à organização do Instituto do Câncer, conforme prevê o recente decreto do Governo que criou o Serviço Nacional de Câncer.

Um grama de radium por 800 contos

“Ficarei nos Estados Unidos mais ou menos dois meses” – disse-nos o Dr. Mário Kroeff, a fim de completar nossos recursos para a luta eficiente contra o terrível flagelo social. O Governo concedeu-nos o crédito de 800 contos de réis, equivalente ao custo de um grama de radium. Na América do Norte, comprarei esse metal precioso, que destrói com suas emanações prodigiosas as células malignas que proliferam numa determinada parte do corpo humano, para formação de tumores.”

O transporte do precioso metal

“O grama de radium – continuou o Dr. Mário Kroeff – será dividido em tubos e agulhas de miligramas, que representam pequenas doses, perfazendo, no todo, material suficiente para o tratamento ao mesmo tempo, de mais de 50 doentes, sempre renovados interminavelmente. O poder de irradiação de um grama de radium é enorme e capaz de prejudicar as pessoas que estacionarem

próximo de seu campo de radioatividade. Para evitar queimaduras de funesta gravidade, conduzirei o material em caixas apropriadas feitas de chumbo, com grande espessura, que têm a propriedade de interceptar a ação radioativa do radium.”

Será empregado também na clínica particular


“O radium que trarei dos Estados Unidos” – prosseguiu o nosso entrevistado – “será vendido com certificado oficial, passando pelo United States Bureau of Standards, de Washington. Sua pureza será verificada por meio de delicados processos elétricos.

São necessários alguns milhares de toneladas do minério radioativo para se poder apurar, por processos químicos complicados, um só grama de radium, que, entretanto, levará 1.580 anos para se reduzir à metade, pois sua radioatividade é, pode-se dizer, eterna. Dessa forma, pretendemos também alugar o radium a clínicas privadas, para não ficar sem aproveitamento qualquer parcela de tão preciosa fonte e irradiação.”

Laboratórios à semelhança dos da América do Norte

Finalizando suas declarações, o Dr. Mário Kroeff falou-nos sobre seus projetos referentes ao Instituto do Câncer.

“Nos Estados Unidos visitarei os modernos laboratórios de pesquisas, para, então, orientar meus planos relativos à instalação de nosso Instituto do Câncer; ainda, estudaremos o melhor meio de fornecer uma equipe de técnicos investigadores, para o estudo da terrível doença.”



O câncer – um problema da medicina moderna

“O segredo da cura está no fator tempo” – Uma campanha de propaganda contra o câncer – Fala à reportagem de A Manhã o Sr. Sérgio Azevedo

A Manhã, 22-1-1943

Dentre os problemas médicos sociais da maior atualidade, em qualquer parte do mundo, o câncer figura, sem dúvida, em primeiro plano. Doença que não poupa raça, sexo, idade, clima ou condição social, e merece um combate sem tréguas por todos os meios ao alcance da ciência e da filantropia. E na campanha contra o terrível mal, um dos pontos mais objetivos é aquele que diz respeito à propaganda. Não é com o fito de sensacionalismo que certas verdades devem ser ditas em torno deste flagelo. Muito ao contrário, uma exposição pública, no sentido de alertar os espíritos e esclarecer certos aspectos da doença, é da maior utilidade sob o ponto de vista da sua profilaxia, isto é, dos métodos de evitar, cortar as desastrosas conseqüências da referida enfermidade. Não foi outro o nosso intuito ao visitar o Serviço Nacional de Câncer e palestrar por alguns momentos com o seu diretor interino, o Dr. Sérgio Azevedo.

O fator propaganda no combate ao câncer

Ao focalizarmos este lado da visita, o nosso entrevistado assim se externou:

“Em verdade, o senhor está tocando em um dos três grandes setores de nossa missão, setor cuja chave está em atrair a atenção do público e dos médicos para o diagnóstico precoce da doen-

ça, pois, como é sabido, o câncer é curável no início de suas manifestações. Podemos afirmar que se todos se convencessem desta realidade o mal figuraria nas estatísticas demografo-sanitárias com um coeficiente de mortalidade desprezível. O segredo da sua cura está no fator tempo: quanto mais cedo a doença é reconhecida ou diagnosticada, mais depressa e mais facilmente é ela curável. Insistindo sempre nesta tecla, estamos procedendo a uma campanha através do rádio, da imprensa, do cinema e da cátedra, ora falando para o público, e neste caso apresentando o problema de maneira a ser compreendido pelos mais alheios ao assunto, ora dirigindo-nos aos médicos e estudantes e aí focalizando mais profundamente as diversas fases do mal e sua terapêutica.”

Lembramos ao nosso entrevistado que foi uma palestra transmitida pelo microfone da rádio do Ministério da Educação que nos suscitou a idéia da entrevista, e o Dr. Sérgio Azevedo adianta-nos que semanalmente aquela transmissora irradia duas palestras no gênero, uma dirigida para o público e outra para os médicos.

Três grandes setores

Linhas acima, quando fala na campanha de propaganda contra o câncer, o Dr. Sérgio de Azevedo se refere “a três grandes setores de nossa missão”. Perguntamos agora quais os dois outros “grandes setores”. E o diretor interino do Serviço Nacional de Câncer explica-nos:

“O setor médico e o setor da assistência. O primeiro e mais importante consiste no tratamento da enfermidade, visando à cura completa. Infelizmente nem todos dele podem beneficiar-se e isso por diversas causas, das quais a principal é a convicção que se enraizou no espírito do público e até mesmo em um grande número de médicos, de que todo o esforço neste sentido é debalde. Outra grande dificuldade com que nos deparamos é a das grandes despesas que requer o tratamento dos cancerosos, exigindo da parte do doente e dos que os cercam grandes sacrifícios, e dos médicos uma vigilância assídua, que em regiões longínquas nem sempre pode ser feita. Tais obstáculos, no entanto, podem ser removidos; de um lado pela demonstração clara de que o câncer quando reconhecido a tempo é curável; de outro, pelo decidido empenho do Governo em criar uma organização anticancerosa, com âmbito de ação em todo o País – o Serviço Nacional de Câncer, do Ministério da Educação e Saúde.

“Naturalmente um plano de tal natureza, requerendo esforços sobre-humanos e grandes somas de dinheiro, só poderá ser realizado por etapas, principalmente num país de imensa extensão territorial, como o nosso, de núcleos demográficos os mais esparsos e sem uma rede de comunicações ainda não à altura de suas necessidades. Não obstante isso, em pouco tempo muito se tem feito.

Balanço de um ano de atividade

E quais as realizações de importância que nos pode adiantar?

À nossa pergunta, o Dr. Sérgio de Azevedo mostra-nos vários quadros estatísticos que são uma síntese do intenso trabalho do Serviço Nacional de Câncer (S. N. C.). Por eles verificarmos que, em 1942, apresentaram-se ao Serviço 1.120 doentes dos quais, 522 tiveram diagnóstico não confirmado imediatamente; 103 apresentavam-se em estado incurável; 170 foram internados imediatamente nas enfermarias; 287 foram internados para tratamento no ambulatório; e 38 foram reinternados.

As referidas estatísticas são bem desfalcadas, não nos sendo assim possível apresentá-las aqui. Mas assinalaremos que foram realizadas no ambulatório 6.996 curativos e praticados 571 injeções. Na seção de eletrocirurgia procedeu-se ainda a 271 intervenções cirúrgicas.

Porém não fica aqui a síntese das atividades do Serviço Nacional de Câncer no decorrer do último ano. Segundo nos adiantou o seu diretor interino, tudo indica que muito breve o Serviço contará com um prédio amplo e adequado, perfeitamente capaz de satisfazer seu complexo programa hospitalar. Por iniciativa do diretor efetivo do S. N. C., Dr. Mário Kroeff, presentemente em missão nos Estados Unidos, foi apresentado ao Prefeito do Distrito Federal um projeto propondo a permuta, com a Prefeitura, de um terreno de propriedade do S. N. C., pelo prédio destinado à Associação Médico-Cirúrgica dos Funcionários Municipais, prédio cujas obras se acham paralisadas. Tal projeto foi já apresentado à sanção do Presidente da República, que o encaminhou ao Ministério da Fazenda, para o devido parecer, que se espera ser favorável, dados os grandes benefícios que irá proporcionar. Feita a transferência, pleitear-se-á abertura dos créditos indispensáveis à conclusão das obras e imediata instalação da mais moderna aparelhagem médica, a fim de se poder concretizar um vasto plano de ação em todo o País.

O lado filantrópico da campanha anticâncer

Até aqui o nosso entrevistado vinha dissertando sobre a assistência médica aos cancerosos que apresentam esperança de cura. Vinha abordando o “segundo grande setor” do S. N. C.. Referimos, então, ao “terceiro grande setor”.

“Na profilaxia do câncer” – esclarece-nos o Dr. Sérgio de Azevedo –, “há dois campos distintos. Um, como já disse, que abrange os doentes curáveis; outro, que se prende à assistência aos cancerosos incuráveis. Este último ponto é mais um ramo da filantropia que de medicina propriamente dita. De fato, quando uma doença não oferece

esperança alguma de cura, o médico passou a ser coadjuvado pelo filantropo. Ele continua ainda ao lado do enfermo, mas grande parte da missão cabe ao assistente humanitário, que movimenta todos os recursos no sentido de prestar o socorro moral ao doente desenganado. É este o motivo por que nos países mais adiantados parte da iniciativa particular, das grandes almas a assistência aos leprosos, aos cancerosos e às vítimas de outras doenças ainda não dominadas por completo pela ciência.

A missão Rockefeller é um grande exemplo. Entre nós, no terreno do câncer, a primeira organização desse gênero é a Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos. Iniciativa do Dr. Má-

rio Kroeff e seus colaboradores no S. N. C., que será dentro em breve uma realidade, pois conta com o decidido apoio da Legião Brasileira de Assistência, sob cujos auspícios se procede a um movimento, orientado pelo Dr. Alberto Coutinho, do corpo médico do S. N. C., e pelas samaritanas, do Ministério da Educação, no sentido de se fundar um asilo-hospital destinado aos cancerosos incuráveis. O andamento do plano está já em vias de obter resultados práticos. Assim, esses pobres seres que passam por sofrimentos os mais atrozes, desprovidos de todos os recursos, poderão contar com um teto que é um sedante para os seus padecimentos” – concluiu o diretor interino do Serviço Nacional de Câncer.



“*Aiming for freedom from cancer*”

By Doctor Mário Kroeff, Director of National Cancer Service of Brasil

February, 1943

Ladies and Gentlemen:

I wish to express my gratitude to the Tudor City Unit of American Women's Voluntary Services for affording me the honor of speaking to you tonight. I hope that I shall be able to contribute to the eagerness of the American people, to see, to hear, and to learn all that possible.

The programs already arranged by this group show their sympathy and understanding of the public desire for national and international unity. Their efforts are far-reaching, because they will result in bringing to light many facts that were heretofore unknown, or little understood, about each of those nations united with us for the common cause of peace.

I have read much about inter-American collaboration – promoting good-will and friendship, but tonight I am really participating in it.

Perhaps, because I am a doctor, I realize more vividly the ever-increasing need for this cooperation and friendship. No town, of city and certainly no nation can be built if its builders are not happy. And no one is happy unless he is healthy.

Tonight is BRAZIL NIGHT, and being a Brazilian, I will to tell you a few things about my country – especially its progress in the field of health

brought me to this country. I came seeking better ways and means of making life worth living.

As Director of the National Service for the Control of Cancer in Brazil, no one realizes better than I that cancer is one of the deadliest enemies of all mankind.

In fact, cancer is an ever-present enemy. It may strike at any moment, endangering the lives of our parents, our children, our friends and – indeed anyone of us here tonight. It is a problem which calls for the cooperation of everyone. The rich as well as the poor, the educated and the uneducated, all must realize the menace of this disease. No one must believe he is immune. Unless society collaborates and accepts the advice of the medical profession, there shall be no law, no campaign, no effective way to attack cancer.

We have learned to fight, and conquer, typhoid fever by purifying water, vaccination will prevent smallpox, and we have learned to fight the mosquito for the prevention of malaria. But we have also learned that our fight against cancer is far more difficult.

The simplest means of prevention is for each person to submit to a through periodic physical examination. Thus, the physician will be able to detect and eliminate any minor growth before it has a chance to develop and cause trouble. The breast and genital organs of women usually are affected by the disease. In men, the mouth and stomach are most generally affected.

Here in the United States cancer causes 150,000 deaths each year. It is second only to heart disease, which causes 360,000 deaths yearly. But we must not overlook that tuberculosis, which was once considered extremely deadly, is now number 6 on the death list, causing 61,000 deaths annually. This is only because people have taken advantage of the preventive measures offered by the medical profession.

It has been noted that cancer usually affects those of mature age 35 or after. Its cure and prevention is, briefly, the problem first in the minds of men of science, the medical profession, and the government. These are all responsible for the welfare of mankind.

But we must not of cancer as a modern problem. It has been known throughout the ages. In fact, the Egyptian recognized its existence, and they, too, asked the question, "What is the reason for pain and sickness on earth?" Therefore, if cancer was already known for thousands of years before Christ, a natural question is, "How is it that human intelligence has not conquered this disease?" The answer is this: The people of the past lived through thousands of years of myths and superstitions. They believed in the influence of the stars over the destiny of man and his ailments. Their treatments were prayers, fetishes, and tokens of all kinds. The patient was never touched nor seen.

The Egyptians believed in reincarnation of the soul. Therefore, they were experts in the art of preserving the corps. They put the mummy in a solid case which bore an inscription of the life of the dead.

As a part of the funeral, the corps was supplied with many kinds of food and utensils. These were for use during the long journey through the unknown world. The rich adorned their dead with jewels so that they be enjoyed when the soul was resurrected in its new body.

The jewels of King Tut, Cleopatra, and of the Pharaohs, were not of much use to their respec-

tive owners, because the archeologists disturbed their sleep. However, the jewels and other recovered objects demand a huge price on the market today. They are valued for their history and also because many believe they are good luck charms. Thus, we are forced to admit that even today, superstition prevails.

For thousands and thousands of years before Christ the healing of the sick was in the hands of Priests who consulted only their religions beliefs for cures. The Greeks were the first to liberate man from the occult forces and open Way for medicine as such.

Hippocrates was the first to examine the sick, to observe nature and to study the various diseases. His writings laid the foundation for the medical profession and were the best work until the last century. He studied the anatomy only in monkey. He did not know that blood circulation existed and believed that the arteries were for circulation of air which entered our body through breathing.

Anesthesia was not known and he treated his patients with hot irons and applied boiling oil over the wound. There were no abdominal operations. Herbs were used to cure cancer. Until the Renaissance no real accomplishments began.

Guttenberg's press was an invaluable discovery, because it brought to many, what only a few had been privileged to know from the manuscript. This was the beginning of the spreading of the knowledge through the printed word.

Next it must be remember that the first microscope was very simple in the middle of the 19th Century. Pasteur discovered the microbes and demonstrated need for sterilization of instruments before operations. Then, Morton, a dentist of Boston, made the great discovery of general anesthesia, permitting operations without pain.

In the Museum, at Harvard University, I saw the mask used to administer ether for the first time. And in the same roam where this demonstration was held in the Massachusetts General Hospital, I saw many other examples of what sur-

gery was at that time. Yet, by taking a few steps into another room, modern surgery, with all its advantages and facilities for curing and eliminating pains, can be found.

It is only within the last 50 years that x-ray was discovered. Up until that time, we may well understand that it was next to impossible to properly diagnose disorders of the internal organ.

It was not before 1911, that Madam Curie isolated from the earth the precious therapeutic metal – radium.

We can see that the greatest discoveries of medical science have been made only within the last century or so. The progress made during the past 30 years is tremendous. Hardly a single day passes without some contribution to enrich our knowledge.

Today we have the advantages of perfected apparatus which enables the physician to confirm his diagnosis, because he sees directly the internal lesions by means of the bronchoscope, gastroscope, rectoscope and cystoscope.

Today, we talk about vitamins vaccines, hormones, sulfa, drugs, electrocardiogram, and all kinds of laboratory tests. The surgeon today works an atmosphere of safety. His patient feels no pain, and runs no risk of infection. Should life begin to fail, blood transfusions are performed – and it is the same blood plasma which assures new life, that is being sent by plane to save the lives of our fighting men in the line of fire.

The modern hospital inspires confidence and affords every comfort. In the past, it was the temples and houses of worship that received the sick, the incurables, and those with contagious diseases.

As to cancer, remarkable progress has been made. Indeed, it is safe to say that if it is discovered and properly treated in the early stages – cancer is curable. The three weapons of defense against this dreaded disease are continually being perfected – they are (1) the use of radium, (2) the x-ray and (3) surgery. As the technique improves, the statistics improve also.

In the laboratories, technicians have learned to produce cancer artificially by means of chemical substances. Rats, rabbits, and mice are the subjects. By irritating the skin of these animals with certain coal tar products, we can form a cancer of the skin; by giving them something to swallow, a cancer of the stomach; and by allowing them to breathe a certain substance, cancer at the lungs. Thus we are enabled to study the growth from its very start and in all its various stages.

Countless men and women are spending their lives within the silent walls of laboratories. They are ever struggling to uncover the cause and discover the reason for this evil which has plagued mankind throughout the ages. And it is this persistent, courageous struggle that will one day bring victory – a victory may be brought forth at any moment.

The accomplishments attained in the United States have been remarkable. American research workers have attacked the disease from every possible angle and, because they have worked tirelessly and eagerly, they have produced definite results.

I will not mention names, but great scientists are studying, in the various centers of research in the United States, the artificial growth of cancer in small animals and the composition of the chemicals producing it. They compare the composition of the product which causes cancer with the common substances used in our diet, and even with the vitamins. They observe the likeness of this definite chemical formula with that of various substances circulating through the human body.

A relationship of cause and effect between the sexual hormones has been found. Certain cancerous action is blamed on the bile, secreted by the liver; the cholesterine, and other organic matter constantly being discharged within the body.

Your nation is working on a full-time basis on the cancer problem. You have the force good will to work, the eagerness to know. You are a philanthropic people, willing to cooperate and having

government support and well-established medical societies.

There are here numerous, adequately-equipped research institutions and many hospitals for the treatment of cancer. The public has been educated about the disease by the American Society for the Control of Cancer. As many as 225,000 women have already volunteered with the Women's Field Army, to teach the masses. They are truly heroic soldiers, fighting a real battle – and a winning one. Theirs are the thousands of voices which speak, explain and advise. They are the pioneers spreading knowledge to those who, in turn, will teach others.

The American College of Surgeons has registered 36,000 cases of persons cured of cancer. In each case more than 5 years have passed without a recurrence of any growth. This proves that cancer can be cured if treated in its early stages.

Is it, therefore, any wonder that all mankind looks hopefully to the United States for the radical solution of this problem? Our progress in this direction gives us the certainty that very soon we shall have won another freedom – the freedom from cancer. Mankind struggles for this freedom.

In Brazil, the problem of cancer presents itself with the same intensity and reacts in exactly the same way. We, too, are able to save one-third of the affected one when treatment is given in time.

But the problem itself is far more complex, due to the conditions of the country. We know only too well that it requires expensive apparatus to facilitate its cure, and skilled technicians, well-trained, to handle it properly.

Immediate action is a prime factor in the cure of cancer, but an early diagnosis means education of the public. Such a campaign of education means much work, especially when an entire population must be taught the full significance of the problem.

Just as in the United States, the higher and more educated classes in Brazil have always co-

operated with every effort made to provide for better living through better health. However, our greatest problem is among the lower class.

Because of the illiteracy among this group, it is almost impossible to spread knowledge through printed matter. The vast distances and lack of modern facilities for travel is another hindrance.

Radio could be, and is, a remarkable help. But its use in Brazil is limited, because it is most difficult to furnish electricity to all remote corners of a country larger than the United States.

Ignorance and poverty among many make it very difficult to combat disease. The United States, more than any other nation, is successfully overcoming this handicap.

The poor in the United States are provided with good sanitation, medical aid, and treatment for major diseases, largely because of voluntary financial contributions.

But in Brazil the picture is different. As a matter of fact, throughout the rest of the American medical care and hospitalization of the poor have always been burdens on the government.

President Vargas has often stressed the three fundamental problems as being sanitation, education and colonization. No previous government in Brazil has ever delved so deeply into these problems, and no government has made as much progress toward their solution, regardless of such obstacles ranging from lack of public funds to the climatic conditions and vastness of the land.

Indeed, Brazil is still a land for the pioneer – but only the modern pioneer; the type who sets out to subdue the wildest kind of nature by the use of all modern machinery – and the type who desires to promote good health and a good clean way of living.

The task that we Brazilians have been facing for centuries has sometimes defied all the ingenuity and ability of man. But we have kept on going a head according to our capabilities. We are planning and working in every field which welds

a country into a nation, and places that nation in the sphere of the highest degree of civilization.

In the field of health alone, Brazil has showed her perseverance and determination to keep her frontiers open, and her people free from epidemics. Yellow fever disappeared. The attack against bubonic plague, typhoid fever, and smallpox are outstanding examples of this determination.

Although malaria has been greatly reduced, it still persists in certain sections. But, as we gradually advance, this foe loses ground. Malaria always surrenders to modern civilization.

Only a short time ago, Brazil was faced with a new and terrible menace. It was a deadly species of malaria brought from Africa by means of the transatlantic air service, flying from Dakar to Natal. It spread rapidly in the northeast. The disease, carried by mosquito, to fight.

However, with the aid of the Rockefeller Foundation, our government was able to cope with the situation and exterminate the evil.

For this extensive campaign, which represented the safety of the entire Western Hemisphere, the Secretary of Education and Public Health of Brazil, Doctor Gustavo Capanema, was awarded the Walter Reed Medal by the American Society of Tropical Medicine.

I had the honor of receiving, in behalf of Doctor Capanema, this medal, which is a great American symbol of humanitarian service rendered for the welfare of the people.

As to cancer, I personally face the responsibility which my government has been fit to put upon my shoulders as Director of the National Service for the Control of Cancer.

The first essential need for the attack against this is to establish a well-organized chain of specialized health centers throughout the country, like those existing in the United States.

Here, there are 153,000 deaths from cancer a year; in Brazil, 20,000. Today, 400,000 persons are

affected by cancer in the United States; in Brazil the number is about 60,000.

Here, you have 370 clinics. In Brazil we have only 6. Although it has been established that cancer is curable when attacked in time, we face, in Brazil, the acute problem of early treatment. It is, of course, difficult to treat all the cases, but to do it early is 18 more difficult yet.

Innumerable sufferers come to us too late for treatment. To admit them to our hospitals would be to deprive other patients of having a better chance for cure and survival.

Should an incurable be admitted, there would be little use for expensive apparatus. Thus, we face the problem of what to do with these unfortunates. Most of them come to us from far away and have no means of support.

Can we say "no" and turn them away? Surely you can understand how it must be for even the most hardest among us to know that we cannot help these people who come to us so full of hope, with every faith that they, too may be relieved.

In seeking a solution, I appealed to the charity of the people, and it was through the ready cooperation and generous aid of several distinguished Brazilian women, that I was soon able to organize the Brazilian Society for Aid to the Cancer Incurables. An asylum will be established to serve beside the Institute and the Hospital of Cancer of Rio de Janeiro. Madame Vargas, the first lady of our country, is the honorary president of this organization. She helped all the charitable work in Brazil. Through the generosity of one our supporters we have been given a house for this purpose. It will be inaugurated at my arrival in Brazil.

The sole aim of this Society is to bring relief to these unfortunates, to help them suffer a little less even though there is no hope for cure. This is the sentimental aspect of the cancer problem in Brazil. It touches me as much as the scientific phase. I understand the interest of the American women to ask about the suffering of peoples beyond the borders of the United States of justify

their eagerness to encourage such gatherings as this one tonight.


There is much talk about the fight for democracy. Medicine, in its daily application, its art, its science, and its campaign, is one of the best forms of democracy. It is more than that. It is truly Christianity. The Red Cross nurse, rendering service irrespective of race, color, or creed, is perhaps the best example of unselfish mankind. They know that although man may vary in external physical appearance, habits, race, and beliefs, he is made from the same matter; his pains and sufferings are one. Indeed, the surgeon knows that when he cuts the skin of the man, be it black or white, the same red blood will always flow. For the Red Cross all human beings suffer alike.

The noblest gesture of humanity is performed by the nurse as she bends anxiously over a wounded soldier, concerned only with helping him, and not with the uniform he is wearing and the country he is fighting for.

Even the laws of war become weaker when they face the wounded who has surrendered through suffering. Today only one moral power still flows over the wrecking of our ideals of fraternity and respect for human rights. In this delirium of cruelty, hate, and destruction, the only symbol that impresses the obstinate is this piece of cloth with a red cross on it.

I believe there is no flag more beautiful or more inspiring than the flag of the Red Cross because it serves both in war and in peace. It is an international symbol of help. It means relief not only to the victors, but to the defeated. It means reconstruction where there has been devastation – health where there has been sickness. It is the true symbol of mercy that flies throughout the world.

And it is my sincere hope that one day this flag will wave as the symbol that the nations of the world have joined together in fraternal peace. I believe it should wave not only where suffering and misery is, but where there is a union of peace and of good-will.



A ciência em benefício da vida humana - século XX era do progresso - longevidade norte-americana - 46 mil curas de câncer - boa imigração para melhorar a massa brasileira

Mário Kroeff

Correio da Manhã, 27-2-1943

Quem visita os Estados Unidos e tem ocasião de sentir o padrão de vida norte-americana, vê-se forçosamente tomado de admiração. De um lado sua vertiginosa produção industrial e sua riquíssima lavoura, capazes de abastecer o mundo; e, de outro, suas realizações no terreno da saúde e da educação do povo.

Ímpeto de patriotismo há de despertar em qualquer um a idéia de transportar para sua terra aquisições de progresso, aplicadas em favor de seu país e do bem-estar coletivo.

Quem viaja sente melhor a perspectiva da pátria no conjunto panorâmico das nações. Dentro da floresta, o homem fica ofuscado pela ramagem; só de longe pode distinguir o perfil das árvores.

O exemplo dado com o progresso pelos povos de outras terras e o conceito em que é tido o Brasil no concerto das Nações, nos trazem, as mais das vezes, movimentos de inquietação e conseqüente desejo de renovação.

Quantas vezes ouvimos ou lemos, no estrangeiro, comentários como estes que nos levam a considerar as nossas condições econômicas: “Um

dos efeitos das guerras tem sido a generalização do uso das máquinas. Toda nação inteligente quer ter máquinas de sua própria fabricação, porque se comprovou que um país sem poder industrial fica desprovido de recursos em tempos de guerra até mesmo sendo neutro. Por outro lado, os povos que produzem, apenas, alimentos e matérias-primas para exportação e trocam-nas por mercadorias manufaturadas tendem a se tornarem presas de estado econômico inferior, com baixo padrão de vida.”

Fatores vários, entretanto, impedem os povos de sair do círculo vicioso: pobreza, ignorância e doença.

Agora, que as Nações Unidas discutem os planos de após-guerra, para, num sentido de equidade, melhorar as condições dos povos que ainda conservam baixo padrão de vida, devemos pensar no sertanejo das palhoças, no habitante dos mocambos, no flagelado do Nordeste e nas favelas da Capital. Hoje, que se distribuem vitaminas para ensinar ao brasileiro o bom regime alimentar e que se gastam milhares com o saneamento da Amazônia, do Vale do Rio Doce, da Baixada Fluminense e de outras zonas rurais, onde se assentaram campos de aviação como sinal de progresso, pensemos no que falta realizar, quanto à saúde, à educação e às condições econômicas da nossa gente.

Já seria incentivar a criação de escolas pelo Brasil o simples fato de considerarmos, por momento, nossa elevada percentagem de analfabetismo em confronto com a América, onde o ensino obrigatório fez baixar o índice a 5%, e este mesmo preenchido por doentes e estrangeiros. Simples coeficientes podem mostrar, bem claro, as condições da sanidade americana e o valor da medicina quando posta em favor das coletividades.

A média da vida nos Estados Unidos, que há um século era menor de 40 anos de idade, hoje subiu a 64, entre as mulheres, e 62, entre os homens. Isso significa que, naquele país, o gênero humano vive muito mais do que outrora. Morre-se muito menos por doenças evitáveis. É a medicina, controlando o meio ambiente, para prolongar a vida do homem. É o progresso da ciência, em proveito da coletividade, para fazer o mundo mais isento de perigos.

Em 25 anos, de 1910 a 1935, a média de vida aumentou de 14 anos de idade, o que representou 30% de melhoras. Isso significa a adaptação progressiva da vida americana à luz da moderna ciência sanitária.

Essa melhora não adveio de uma causa única, de uma ação esporádica, mas resultou de um esforço contínuo em favor do bem público e de campanhas sistemáticas, contra as doenças e males sociais. Em cada setor de luta pela saúde do homem, ganharam terreno as medidas sanitárias municipais e federais, sempre amparadas pela valiosa cooperação das sociedades médicas, que tomam atitude e participativa, eficientemente, em todo o movimento de propaganda e educação popular. Um destaque especial mereceu a Associação Médica e o Colégio Americano de Cirurgiões, que têm tomado papel saliente na Organização da rede hospitalar, na melhora do ensino médico, no progresso da medicina e na própria vida do país.

Assim, atribuiu-se à pasteurização do leite, grande parte da redução da mortalidade infantil por tuberculose, febre tifóide e distúrbios alimentares (diarréia e enterite). O soro antidiftérico e

posteriormente a antitoxina fizeram diminuir, enormemente, as causas de morte por difteria.

A tuberculose pulmonar abrandou-se ante as campanhas bem orientadas. Era a primeira doença nos coeficientes de mortalidade, em 1911. Cedendo lugar a outras causas de morte, figura hoje em quinto lugar. A peste branca, que, em 1911, contava 242 vítimas em cada 100 habitantes, passou a fazer 56, em 1935, e 40, em 1942.

Em muitos setores de atividade sanitária, ganharam a infância, a adolescência e a juventude.

Para a idade madura, as conquistas já foram tão vultosas. Conta-se no exemplo a descoberta da insulina que prolongou a existência dos diabéticos, fazendo-os levar vida normal e ativa.

A cirurgia fez progressos notáveis praticando operações que outrora eram impossíveis. Os progressos da anestesia e transfusão de sangue melhoraram as condições operatórias em 50%. Para dar um exemplo, basta citar as estatísticas sobre recessão de estômago que davam 25% de mortes operatórias e hoje baixaram a 0,7%. Os diagnósticos de agora são mais exatos e feitos sob o controle dos raios X, o que não acontecia, há 40 anos. Os exames de laboratório e a visualização direta das lesões por meio de aparelhos apropriados (broncoscopia, gastroscopia, retoscopia, cistoscopia) substituíram, em grande parte, o ouvido na prática da medicina, feita nos hospitais de hoje, que cobre a América do Norte, em uma rede imensa de 6.200 estabelecimentos, com 1.200.000 camas.

Os soros, as vacinas, o neosalvarsan, os hormônios, as sulfanilamidas e recentemente a penicilina ampliaram o campo da medicina, nestes últimos anos. A higiene das habitações, a iluminação e o aquecimento contribuíram para melhora do estado sanitário da população americana. A faina comercial e industrial passou a ser realizada em ambiente mais limpo, arejado e protegido contra os acidentes. O dia de trabalho mais curto, com folgas maiores, permitiu vida mais sadia, portas afora. As férias anuais, se não foram reguladas por lei, tiveram o consenso geral dos empregadores.

O uso do automóvel levou o americano a introduzir em sua vida o hábito de desfrutar a natureza e aproveitar os “weekends” para revigorar o organismo ao ar livre. (Nos Estados Unidos há, um carro para cada cinco habitantes.) O regime alimentar vem sendo feito de modo consciente pelo povo, graças às campanhas estabelecidas constantemente pela radiodifusão e notícias dos jornais. Todos têm a idéia de uma ração alimentar completa, inclusive do fator vitaminas.

Pode-se dizer que não há subnutrição latente, tão comum nos país atrasados. Isso se evidencia logo na excelência dos dentes e robustez orgânica da gente que vive nos Estados Unidos.

Quanto ao câncer, a preocupação chega à fobia e toda gente acode ao médico, em face de qualquer sintoma suspeito. Mesmo na ausência de qualquer manifestação, fazem-se examinar periodicamente. Ficou assentado que o mês de abril deve ser reservado ao câncer. Pensar no câncer é mandar proceder a uma revisão no organismo, tendo-se em vista a descoberta de lesões iniciais que podem passar despercebidas, por muito tempo, eis a mentalidade que domina a presente geração. E foi assim que o Colégio Americano de Cirurgiões conseguiu registrar em pouco tempo mil casos de cura persistente, com mais de cinco anos de confirmação.

A propaganda neste sentido, feita espontaneamente pelas estações de rádio, é enorme. A medicina preventiva só poderá oferecer benefícios máximos quando a população inteira consultar regularmente o médico, não só para tratamento de doenças, como também para conselhos sobre a saúde.

Assim se poderá assegurar a descoberta automática do início da enfermidade, especialmente de certas doenças, tais como o câncer, sífilis, tuberculose, insuficiências do coração, endurecimento das artérias, degeneração dos rins, hipertensão arterial, que agem todas de modo tão apreciável na mortalidade atual.

A perfeição na saúde individual e coletiva só pode ser alcançada com a medicina preventiva através da educação. E a saúde representa o fiel da balança na evolução social de um povo. Não haverá progresso, nem conforto, nem bem-estar coletivo, onde campear doença.

Para dar uma idéia de transformação verificada no obituário americano nos últimos anos, basta citar o quadro a seguir, que é bem expressivo. As dez principais causas de morte aparecem na seguinte ordem:

1911

1. Tuberculose
2. Doenças do coração
3. Pneumonia
4. Nefrites
5. Acidente
6. Hemorragia cerebral
7. Câncer
7. Difteria
9. Enterite
10. Tifo

1935

1. Doenças do coração
2. Câncer
3. Pneumonia
4. Nefrites
5. Tuberculose
6. Hemorragia cerebral
7. Acidentes
8. Angina do peito
9. Diabetes
10. Apendicite

A tuberculose, que estava em primeiro, baixou ao quinto, e o câncer, do sétimo subiu para o segundo lugar.

A tuberculose ceifa vidas na América, em proporções dez vezes menores do que entre nós. Em cada 100 mil habitantes, 350 mortes por ano em algumas capitais brasileiras, contra 40 dos americanos. Lembro-me que o coeficiente de Recife vai a 424 mortes anuais por 100 mil habitantes.

O câncer mata duas vezes mais do que entre nós. Em cada 100 mil habitantes, temos 50 contra 106 dos americanos. Isso não significa que a doença seja aqui menos mortífera, porque não há razão para tal.

É que na América do Sul, muitas outras causas de morte ainda estão reduzindo a espécie humana antes de atingir a idade do câncer que é dos 35 anos em diante. Em nosso hemisfério, a mortalidade infantil é ainda assustadora, a verminose alastra-se, a tuberculose dizima a adolescência, a sífilis está espalhada e a malária devasta populações. Segundo Orlando de Góes, 25% da população brasileira têm malária. Poder-se-ia dizer que na América do Sul a gente morre no caminho antes de chegar à idade do câncer.

Com a descoberta da sulfanilamida, também a pneumonia passou a recuar. Em 1938, ela fazia 79 vítimas em 100 mil habitantes, ao passo que caiu a 35 em 1942. O porquê de as doenças do coração levarem a dianteira no obituário americano encontra explicação, justamente, no fato do maior número de indivíduos subsistirem aos riscos da doença evitáveis e atingirem a idade máxima, para morrer do coração ou pelo rim, enfraquecidos pelo desgaste, pela esclerose ou pela velhice.

E esse coeficiente tende a crescer cada vez mais com o progresso científico porque reatará sempre por se descobrir o sonhado “elixir de longa vida”.

Diante dessas considerações e dos dados estatísticos que exprimem a verdade, chega-se à conclusão de que a comunidade pode, dentro de certos limites, determinar sua própria mortalidade. Pondo-se em prática medidas de higiene, aten-

dendo-se às prescrições da medicina preventiva e aproveitando-se os recursos da ciência médica, para combater os males sociais, a vida do homem pode ser prolongada. Para que uma Nação possa aspirar o ideal de perfeição da saúde e na raça, precisa primeiro combater a ignorância, fonte principal da doença e da miséria.

Muitos países do continente americano defrontam-se ainda com o problema do analfabetismo. Há uma multidão que vive à margem de uma elite civilizada. Para integrar na economia nacional o peso morto dos que não produzem por doença, ignorância ou indolência, será preciso sanear e educar. Educação e sanidade trazem produção, e esta combate à pobreza.

Não resta dúvida de que no problema sanitário, é capital a natureza do meio em que são implantadas as medidas de higiene. Representam fator da mais alta importância a raça que constitui o povo, o nível social em que vive e a cultura que desfruta.

As próprias estatísticas americanas mostram que os mestiços são menos resistentes, mais doentes e indolentes e ignorantes.

Entre os *colored* (pretos e mulatos), a tuberculose é cinco vezes maior, e a sífilis, dez vezes mais difundida, do que entre os brancos.

Dizem que a adaptação da raça negra à vista do progresso se faz lentamente, um pouco a cada geração. Há quem comente que a transição foi brusca para a sua capacidade mental. Da barbaria africana, através do cativo, passou diretamente o preto ao nível do branco, que conta por séculos o atavismo de cultura. No Brasil, infelizmente, campanha educacional sempre representa trabalho redobrado toda vez que se pretende elevar as massas à compreensão dos magnos problemas da saúde. Embora sanear e educar tenha constituído a partir de 1930 as pedras angulares da reconstrução nacional, obra a que vem se dedicando com sabedoria e patriotismo o nosso Governo, o povo brasileiro ainda muito tem que evoluir na educação e saúde para

atingir o vigor e longevidade americana. Por mais intensos que sejam os esforços e por maior que sejam as verbas reservadas a estes grandes problemas nacionais – educação e sanidade –, enorme é ainda a tarefa que temos a cumprir. Ainda por várias gerações, trabalho porfiado tem de afrontar as condições desfavoráveis do clima e da extensão territorial, da malária que campeia nos sertões bravios, da verminose que infesta o litoral, do analfabetismo que ainda domina em larga escala e da pobreza que constitui o nosso maior flagelo.

Na América Central e na do Sul ainda existe uma multidão que vive à margem da civilização, com baixo padrão de vida, constituindo, por assim dizer, uma subumanidade.

Nosso solo não é feito só de planícies abertas aos pioneiros, mas de montanhas e sertões agrestes que dificultam o transporte e a colonização. As nossas estradas custam esforço triplicado e às vezes verdadeiros arrojos de engenharia.

A reconstrução nacional, iniciada pelo Presidente Getulio Vargas, terá na boa imigração do pós-guerra o meio mais rápido de aumentar e melhorar a massa brasileira, a exemplo do que fez a América do Norte.

Só assim o nosso País poderá acelerar a marcha do progresso que hoje procura, desenvolver para sair da situação de exportador de matérias-primas. Aí, então, o surto industrial que ora se manifesta tornará a nossa independência econômica uma verdadeira renascença brasileira.

A cura do câncer já não é um mistério

O Dr. Sérgio de Azevedo pretende retificar o que foi dito por A Notícia

A Notícia – Rio, 24-3-1943

Do Departamento de Imprensa e Propaganda recebemos a seguinte carta:

“Ilmo. Sr. diretor de A NOTÍCIA – Cumprimentos. – É com prazer que remetemos, incluso, esclarecimentos sobre o editorial, “A cura do câncer já não é um mistério”, publicado em vosso jornal de 19 de março corrente, os quais nos foram fornecidos pelo Sr. diretor interino do Serviço Nacional do Câncer, Dr. Sérgio Azevedo.

Rogamos a gentileza da publicação dos referidos esclarecimentos e antecipamos agradecimentos. – T. Sampaio Mililac – Chefe do SCI – Rio, 22 de março de 1943.

“Serviço Nacional de Câncer – Em 22 de março de 1943. Ex^{mo}. Sr. diretor de *A Notícia* – Tendo sido nominalmente citado como diretor interino do Serviço Nacional de Câncer, em editorial sob epígrafe ‘A cura do câncer já não é um mistério’, em vosso jornal de 19-3-1943, solicito, de acordo com as normas estabelecidas pelas leis que regulam o exercício da imprensa entre nós, a publicação, na íntegra, sob a mesma epígrafe e no mesmo local, a título de retificação e esclarecimento que se fazem necessários, a resposta seguinte:

O citado editorial inicia suas considerações, dizendo ele que o “Diretor interino do Serviço Nacional de Câncer fez há pouco declarações sobre o que

se realiza contra o terrível mal. Fez considerações, ofereceu dados, disse que o segredo reside no fator tempo e que a cura só é possível quando a moléstia é diagnosticada a tempo.” Até aí, muito bem.

Em seguida comenta: “Mas não apresentou nenhum dado concreto de tais casos.” A este respeito, não vale a pena a quem parece estar com visível “partie-pris” no caso alinhar aqui intermináveis estatísticas sobre os casos de cura do câncer, perfeitamente comprovadas, seguidos durante longos períodos de tempo, pelas maiores autoridades mundiais no assunto, casos de cura estes, somente conseguidos com as 3 armas, isoladamente ou em associação, que reconhece a ciência, até agora, com as únicas capazes de preencher essa finalidade: CIRURGIA, RAIOS X e RADIUM.

Para resumir, basta dizer que o COLÉGIO AMERICANO DE CIRURGIÕES, uma das maiores entidades científicas no mundo inteiro, mantém, para estudos da doença, um registro de doentes curados, que já atinge a cifra de 36 mil casos confirmados de cura persistentes, com documentação remetida pelos hospitais legalmente aprovados.

Em breve subirá a 100 mil se lembrarmos que o registro data de alguns anos apenas,. Isso sem falar nas estatísticas dos demais países e da existência de um célebre clube, fundado em Nova York em 1938, pelos curados de câncer, testemunhas vivas que servem para mostrar aos descrentes e pessimistas, aos cegos, aos derrotistas, o valor dos métodos que de há muito tendo saído da especu-

lação científica para o campo positivo da cura são empregados no combate ao câncer.

Afirmar, capciosamente, pois ante a prova irrefutável dos fatos que a radioterapia é uma “experimentação” e que a “cirurgia” não vai além, na grande maioria dos casos, de estropiar ou mutilar os enfermos, na boca dos leigos, um conceito desculpável pela ignorância que encerra; na dos médicos não especializados, falta de conhecimentos sobre a matéria; na dos que se dizem cancerologistas: verdadeira heresia científica!

Quanto ao trecho do articulista referente à “simplista e melancólica conclusão a que chegou aquele funcionário (diretor interino do Serviço Nacional de Câncer),” no sentido de fundar-se um “asilos-hospital, destinado aos cancerosos incuráveis”, acha-se o referido trecho completamente deturpado em seu sentido, pois esta não foi, em verdade, a “conclusão” a que chegamos, a propósito da terapêutica do câncer, sempre eficiente quando tratado a tempo.

Salientamos, sim, a necessidade da criação de tais asilos, pela filantropia de nossa gente, como um complemento indispensável à campanha da assistência aos cancerosos, que, por incúria, ignorância ou, o que é mais grave e mesmo criminoso, pelo longo tempo perdido em falsas promessas de cura, chegam aos serviços especializados demasiado tarde, para se aproveitar das armas terapêuticas, com que se beneficiam os mais cautelosos e previdentes.

O que não se compreende e é lastimável, sob todos os pontos de vista nesse editorial, é a visível preocupação do jornalista em procurar deprimir nossas instituições e métodos científicos já consagrados, para num absurdo contraste, focalizar a “descoberta” ou “invento” de um processo de cura, de autoria de um médico português não habilitado a exercer clínica em nosso País. Se se tratasse, realmente, de um método novo, credenciado por uma documentação científica honesta, todos nós,

estudiosos da especialidade, gratíssimos ficaríamos pela alvissareira informação, pois, teríamos a acrescentar aos meios atuais de tratamento mais uma preciosa arma de combate ao terrível flagelo.

Para atingir esse ideal é que continuam a serem feitas as mais laboriosas pesquisas no trabalho silencioso dos laboratórios.

No caso em questão, não temos a menor dúvida em pôr novamente à disposição deste médico todas as instalações do Serviço Nacional de Câncer para aplicação em nossos enfermos deste seu novo processo, como, aliás, o fizemos, há cerca de um ano por sugestão do diretor efetivo deste Serviço, Dr. Mário Kroeff, quando o referido médico ali se apresentou, expondo um processo de cura, que não sabemos se é o mesmo agora noticiado.

Caso se relacione este meio terapêutico a um produto comercial, sem nenhuma base científica cujas virtudes excelsas são apregoadas e aconselhadas pelo profissional português, é melhor não perdermos nosso precioso tempo, dando por definitivamente encerrado este caso que já motivou um justificado protesto de nossa classe médica, por intermédio de um de seus mais autorizados órgãos, a Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, acompanhado logo em seguida de uma enérgica ação repressora por parte do Serviço Nacional de Fiscalização da Medicina, que se fazia necessária, ante as afirmativas descabidas nas bulas de propaganda do referido produto, contrárias às normas da ética profissional e científica.

Essa, Sr. Jornalista, é a verdade nua e crua dos fatos e que precisa ser dita e proclamada em alto e bom som para o conhecimento daqueles que, mesmo estranhos a nosso meio, desejam sincera e honestamente, em correspondência aos princípios de nossa hospitalidade, cooperar conosco em problemas como esse que, sendo da ordem coletiva, pairam muito acima de quaisquer competições pessoais. – De V. Sa. patricio atento obrigado.

(Ass.) Sérgio Azevedo – Diretor interino.

Um ensino médico perfeito e uma ótima organização hospitalar

Impressões do Dr. Mário Kroeff sobre a Medicina Iaque Hospitalar – Escola – Um ano de pesquisas

A Tarde, Salvador, 22-1-1943

Após uma permanência de cerca de um ano nos Estados Unidos, em missão do Instituto Nacional de Câncer, do qual é diretor, regressou ao Rio de Janeiro, tendo transitado pela Bahia, o Dr. Mário Kroeff.

Na terra do Tio Sam, o médico patrício foi incumbido de adquirir material para aparelhamento do Hospital dos Funcionários Públicos da República.

O Dr. Kroeff regressou entusiasmado com a organização hospitalar norte-americana e transmitiu suas impressões à imprensa, ressaltando o valor do serviço que lá se encontra.

Controle rigoroso

E disse:

“O elevado padrão de cultura da classe médica americana deve-se, em grande parte, à iniciativa privada e pode-se afirmar que o aperfeiçoamento do ensino a par das boas instalações hospitalares é pelo interesse que a Associação Médica Americana tem dedicado ao progresso da medicina. A Associação Médica adotou, como princípio, que todos os atos do serviço médico, em qualquer aspecto da medicina, deverão ficar sob o controle da profissão médica, de vez que nenhum outro organismo ou indivíduo está apto a exercer esta “função”. Assim, as Escolas de Medicina são controladas, rigorosamente, pela Associação Médica,

que resolve sobre os métodos de ensino, orientação, programas e reformas a serem adotadas. Eleva-se a 72 o número de universidades filiadas à Associação, sendo 1 do Canadá. Na fase hospitalar do curso médico, os estudantes são distribuídos, para estagiar, por toda a rede de hospitais reconhecidos ou aprovados pela Associação, conforme as regras existentes e a conveniência de intercâmbio de alunos entre os diversos Estados. O curso médico é dividido em duas fases fundamentais. Uma puramente universitária, na qual se estudam as cadeiras básicas, nos laboratórios e anfiteatros. Essa fase universitária dura quatro anos. A outra, a parte clínica, é a dos hospitais, onde os estudantes estagiam obrigatoriamente, tomando parte nos trabalhos de cirurgia e medicina. Para os médicos práticos, basta um ano de vida hospitalar, se forem aprovados pelo National Board of Examination. Para os que pretenderem usar o título de especialista ou cirurgião, com o direito de exercer determinada disciplina em toda sua plenitude, o estágio, antes de poderem clinicar, é de cinco anos. Estes internos moram nos hospitais e prestam serviço “full-time”, num período de 12 horas, com vigilância efetiva sobre os doentes na ausência dos médicos responsáveis e, sendo obrigados a perfazer, no mínimo, 400 operações, sob o controle e com assistência superior.

Terminado esse curso, fazem exame de suficiência no National Board of Examination, a fim de que possam usar o título ambicionado. A neurocirurgia exige sete anos de tirocínio hospitalar,

depois de terminado o curso médico. O ensino é essencialmente prático, e o estudante executa por suas próprias mãos todas as provas de laboratório e anfiteatro. É na clínica hospitalar e no exame dos doentes que faz sua aprendizagem. Pode-se dizer que não há estudante que complete o curso médico sem passar por um crivo de provas e obrigações, por um programa escolar completo, executado praticamente. Não há mais as grandes classes teóricas do ensino antigo, professorado da tribuna com exercícios de oratória. O curso tende para as demonstrações objetivas, com peças, projeções, quadros e desenhos, sendo que a cinematografia, animada ou colorida, absorve grande parte dos métodos de educação americana. Nos meios de diagnóstico, a argúcia clínica de ausculta e da palpação vai cedendo terreno aos dados positivos, às análises de laboratório e aos meios físicos, em que a endoscopia, os raios X, o eletrocardiograma e encefalograma assumem papel cada vez mais importante. A inspeção endoscópica direta da árvore brônquica, do canal esofágico, de toda a parede gástrica, com aparelhos aperfeiçoadíssimos, já entrou na prática corrente. Assim também a peritoneoscopia e a torascopia já trazem ao clínico informações positivas, pela visão direta, evitando intervenções exploradoras.”

Hospital-Escola

Ainda, entre outras declarações, o Dr. Mário “Kroeff disse: “Os hospitais reconhecidos tomaram definitivamente o caráter de hospital-escola, no sentido funcional da assistência médica, sem perder absolutamente sua finalidade humanitária.

São encarados primordialmente pela Associação Médica e corpo dirigente, como um instrumento de estudo para a ciência médica e de aperfeiçoamento para a cirurgia. Também os filantropos leigos já consideram, nas suas doações, esse primeiro requisito primordial das instituições hospitalares, tão nobres quanto o outro, de prestar assistência aos enfermos. A seleção dos jovens candidatos aos estudos da medicina não é feita apenas sob o ponto de vista técnico e intelectual.

Os fatores morais e pessoais inerentes ao candidato entram na soma dos valores. Assisti, na Universidade de Harvard, ao interrogatório cerrado pelo qual passam os candidatos ao realizarem um “test” de qualidades morais para serem escolhidos os melhores, entre todos, os portadores de notas excelentes no período preparatório. Sendo a matrícula anual, no curso médico desse estabelecimento, limitada a 175 alunos, é forçado à rejeição de mais de três quartos dos candidatos, sempre em número superior a 8 mil. Os “tests” compreendem a soma de notas dadas pelo examinador sobre o caráter do candidato, sua força de vontade, suas maneiras, suas qualidades de líder, de controle das emoções e sobre se possui um programa definido para a distribuição de seu tempo e de sua energia. É uma forma bem típica de julgar os indivíduos, e nenhum aluno se matricula em qualquer escola, quer preparatória, quer superior, sem se defrontar com alguns dos professores para o julgamento do candidato, em relação ao ambiente social em que vai ingressar. A tendência geral é de restringir o ensino da medicina, cada vez mais, a uma elite social escolhida entre os valores pessoais morais e intelectuais da gente americana. Reduzir a quantidade e melhorar a qualidade.

Dois gramas de radium durarão milhares de anos

O que representa para as vítimas do câncer no Brasil a preciosa aquisição que acaba de ser feita nos Estados Unidos

O Globo, Rio, 27-7-1943

A ação do miraculoso metal desde as descobertas do casal Curie aos nossos dias. – Em nova e interessante palestra com *O Globo*, o Dr. Mário Kroeff fala sobre a sua importância e aplicação terapêutica.

Há dias, numa palpitante entrevista, o Dr. Mário Kroeff, diretor do Instituto Nacional de Cancerologia, de regresso dos Estados Unidos, falou ao *O Globo* sobre a preciosíssima aquisição que fez, em nome do Governo brasileiro, comprando na grande nação aliada, dois gramas de radium. Em outro encontro com V. Sa., conseguimos novos informes a respeito, e estes, igualmente palpitantes, se não mesmo, mais populares, pois que, através deles, poderá o nosso público avaliar a importância do radium e o que representa, para a medicina brasileira e, especialmente, para as vítimas do câncer, aquela compra. O Sr. Mário Kroeff aproveitou sua estada na América do Norte para uma intensiva e eficiente propaganda do nosso país, mostrando particularmente, como já nos adiantamos em matéria de cancerologia e, em geral, em medicina, clínica e cirurgia.

Para milênios!

Foi assim que S. Sa. iniciou sua nova palestra conosco:

“Já falamos anteriormente sobre a compra e podemos agora dizer algumas palavras sobre as propriedades físicas do radium, a título de educação popular. O radium faz parte dos corpos radioativos destes que emitem raios constantemente, em todos os sentidos como matéria fosforescente, como um foco de luz, como uma metralhadora em bombardeio incessante. E as suas irradiações têm efeito especial sobre o organismo humano e são usadas largamente na cura do câncer. Conforme a dose, vai desde a irradiação, queimadura, atrofia, até a destruição dos tecidos. Curioso é que nada sentimos com o seu contato, no primeiro momento. Pode-se dizer, é uma substância fria que queima silenciosamente, por simples aproximação. Tal como o sol só nos demonstra a sua queimadura no fim de algumas horas, assim o radium denota os seus efeitos dias depois. Os seus raios podem atravessar a pele humana, ir até ao interior dos nossos tecidos e agir profundamente sobre os ossos, as vísceras, as glândulas, os tumores, mesmo quando situados dentro da cavidade abdominal. A olho nu, não se percebe o secreto poder desse metal, descoberto por Madame Curie. Aparece como um pozinho esbranquiçado e brilhante. Na câmara escura, com boa adaptação visual, pode-se distinguir uma aura de luz esverdeada. A sua irradiação impressiona as chapas fotográficas, com uma auréola esbranquiçada, em torno da matéria radiante e resplandecente. Como corpo radioativo, está continuamente desintegrando a sua molécula e desdobrando-se em átomos, que são projetados a

certa distância. Daí a sua ação. Saltam aos milhares, como sistema de cargas elétricas. Certos raios são corpusculares carregados de eletricidade negativa, que os físicos chamam de elétrons. Segundo os cálculos, um grama de radium leva 1.580 anos para se reduzir à metade. A nossa compra, pois, pode ser considerada perpétua e representa um patrimônio introduzido no País, para uso das gerações sofredoras, enquanto a ciência não descobrir outro meio de tratar o câncer.”

○ radium na medicina

“A ação do radium na medicina é prodigiosa. No câncer externo, é capaz de curar sem quase deixar cicatriz. Internamente, a sua radiação, penetrando através dos tecidos normais que constituem a estrutura do corpo humano, pode destruir isoladamente as células malignas que formam o câncer, sem lesar as células normais, sempre mais resistentes à sua ação. O radium age, assim, diferentemente do processo cirúrgico, que procura extirpar o câncer, as suas raízes e os tecidos vizinhos, onde está assentado o tumor.

Para aplicação na medicina, o radium é dividido em pequenas doses de miligramas contidas em recipientes hermeticamente fechados. É mesmo por miligramas-hora que se calcula a dosagem empregada em cada caso médico. Usam-se comumente tubos e agulhas de platina, com paredes finíssimas, de 1 a meio milímetro de espessura, para conter o radium – elemento, que serve, assim fechado, de um doente a outro, sem perder o seu valor curativo. A platina é escolhida especialmente para esse fim, por ter grande poder na filtragem de determinados raios que são nocivos, sem possuir particular efeito terapêutico. Esta deixa passar uns e intercepta outros. Há, no radium, três tipos de raios, com propriedades física e biológica diferentes: alfa, beta e gama. Se uns servem a determinado fim, já não se prestam a outro. Na filtragem desses elementos, usam-se geralmente chumbo, platina, alumínio, cobre e borracha. A aplicação médica é feita, ora por contato direto

com a lesão, como no câncer do útero, da pele; ora guardando distância de vários centímetros; ou, então, por emprego intersticial, introduzindo-se as agulhas de radium nos tecidos doentes, como se faz no câncer da língua.”

De onde provém o radium?

“O radium é isolado da terra, onde se acha diluído em combinação com outras substâncias. Foi o casal Curie que o descobriu. Em dezembro de 1898, apresentaram à Academia de Ciências de Paris a primeira comunicação sobre o descobrimento de um novo corpo radioativo. As substâncias radioativas despertavam, na época, um grande interesse científico, porque abriam novo campo ao estudo da matéria, do átomo e da sua composição interna. Só em 1911 é que Madame Curie conseguiu isolar o metal quimicamente puro. Ela trabalhava com minério da Boêmia, terra muito pobre em radium. Era preciso várias toneladas para se extraírem alguns traços de radium por processos químicos complicados. Isso custou-lhe um labor insano e uma fé inquebrantável. Pobre, num laboratório desprovido de recursos, lutando com a indiferença do meio e até com oposição, essa mulher excepcional levou 12 anos para completar os estudos do marido. Polonesa de origem, francesa por casamento, foi glorificada no estrangeiro; tal como os trabalhos de Pasteur receberam a primeira consagração na Inglaterra. Durante muito tempo se trabalhou com esse minério da Boêmia. Depois, nos Estados Unidos, exploraram-se as minas de Utah e Colorado, chegando a América a controlar a produção mundial de radium em 1922. Mais tarde, descobriram-se no Congo Belga minas mais ricas que as americanas, passando a Bélgica a dominar o mercado. O preço caiu do nível proibitivo em que se conservava. A cotação oscilava em torno de 60 mil dólares a grama. Ultimamente, entrou no mercado o Canadá, com a exploração de minas riquíssimas, descobertas às margens do Great Lake, lá quase nas regiões polares. O minério do Canadá tem 20 por mil de radium, enquanto as minas de Colorado têm 0,20 e as do Katango, no Congo Belga, 8, em cada tonelada de terra radífera.

Hoje, só se pode adquirir o radium em três fontes do Continente americano. No representante das minas do Colorado, que é a Vitro Manufacturing Co., de Pittsburgh; no Eldorado Gold Mines Ltd., do Canadá; ou na Radium Chemical Corporation, de Nova York, que ficou com todo o estoque de radium da Bélgica, transferido para os Estados Unidos, antes da invasão. Esta Companhia, por acordos comerciais, só pode vender nos Estados Unidos. E aí ficam essas noções sobre o radium, que o público deve ler a título de curiosidade e educação, sobre um aos dos meios de cura do câncer.”



Miligramas invisíveis de vida e de morte!

Retirado dos seus pesados e espessos invólucros de chumbo, o radium que custou a vir dos Estados Unidos para o Brasil

O Globo, Rio, 13-8-1943

Não há muitos dias, divulgamos, pela palavra do Dr. Mário Kroeff, a palpitante história dos dois gramas de radium que S. Sa. adquirira nos Estados Unidos para o Serviço Nacional de Câncer. Os leitores estão lembrados da verdadeira odisséia que foi o transporte destes dois gramas do precioso metal que Madame Curie conseguiu isolar, abrindo, com ele, um campo até então vedado à cura de certas moléstias: o câncer em particular. Essa ínfima parcela de radium que, entretanto, nunca mais se esgotará, acaba de ser desembarcada nos Armazéns da Alfândega dos aviões da Aerovia Brasil, e onde se encontrava desde sua chegada sendo agora trazido para o Serviço Nacional de Câncer. Sabedores disso, fomos até a sede provisória do Instituto, na rua Conde de Lages, 54, e ali o Dr. Mário Kroeff, acentuando mais uma

vez as dificuldades de transporte, referiu que, se não fora a Companhia Aerovia Brasil, não saberia como contornar as dificuldades que encontrou para remeter esta encomenda da América para o Brasil. Indicou a seguir, seu assistente, Dr. Oso-lando Machado, para nos acompanhar, dando ele maiores explicações sobre o radium e nos mostrando os 19 volumes, em cilindros de chumbo, de duas polegadas de espessura, contendo, cada um deles, 100 miligramas do precioso metal. Inúmeros são os doentes que esperam por este meio salvador, sabido que certos casos da doença são do domínio da cirurgia; outros dos raios X e outros só do radium. Naquele núcleo de luta contra o câncer, encontramos os médicos desdobrando-se num ambiente acanhado, no afã de aliviar e curar seus doentes, todos esperançados na ampliação do serviço, que o Governo pretende fazer.

Diante dos dois gramas de radium que vieram da América – Na posse do preciosíssimo metal, o Instituto Nacional de Câncer – A força imensa que não se vê

O repórter, com um curiosidade fácil de compreender, penetrou no Instituto Nacional de Câncer, na esperança de ver o precioso metal, que tantos milagres tem produzido – o radium. E foi o Dr. Mário Kroeff quem, com um sorriso complacente, nos tirou a ilusão. “Nós não veríamos o radium. Veríamos, sim, os tubinhos de dois centímetros de comprimento e com um diâmetro da grossura do grafite dos lápis comuns, dentro dos quais, miligramas de radium são contidos. Com esses tubos e com essas agulhas, de acordo com os casos, é que o radium será aplicado” – explica-nos o Dr. Mário Kroeff. Vê-lo, como desejávamos, era impossível... E nos conformamos em olhar apenas, porque fomos proibidos de tocar naquelas agulhas e naqueles tubinhos, dentro dos quais estão encerrados miligramas de vida e morte.



Os hospitais nos Estados Unidos

Pelo Dr. Mário Kroeff

A Noite, 6-10-1943

Os hospitais americanos sofreram, nestes últimos anos, uma transformação radical.

O Colégio Americano de Cirurgiões estabeleceu novas bases, para a remodelação do regime hospitalar. Em 1920, foi nomeada uma comissão, para estudar não só o padrão das Escolas de Medicina em todo o país, como também o padrão de serviços médicos prestados aos doentes, nos hospitais.

Depois de vários anos de estudos, a comissão apresentou uma classificação das Escolas de Medicina, conforme a categoria de suas instalações e o padrão do ensino ministrado, bem como propôs uma reforma na organização dos hospitais dentro de moldes novos, de acordo com o progresso que a medicina tem feito nesses últimos tempos.

Foi, então, elaborado um código para os hospitais e um regimento interno, considerado como indispensável ao bom funcionamento das instituições, que se destinam a prestar assistência médica.

A reforma, conhecida com o nome de “standardização hospitalar”, visa criar uma certa doutrina na vida hospitalar e médica, nos honorários; nas relações dos doentes com os médicos; nos princípios de assistência médica, nos cuidados de enfermagem e, na existência do material necessário regular ao exercício da profissão.

Assim, quanto à instalação, o código exige uma certa aparelhagem, considerada indispensável ao diagnóstico e tratamento das doenças, de acordo com a medicina moderna. Requer laboratórios, suficientemente equipados para as análises clínicas, gabinetes de raios X e tudo mais que se relacione com o exercício da profissão. A previsão vai desde a disposição do material para as intervenções de urgência, até a seção de anatomia patológica para confirmação.

Todo hospital, ao receber doentes, deve estar apto a funcionar eficientemente, sem faltas, nem deslizos, pois são vidas que se entregam à instituição, confiantes e desprevenidas.

Já se foi o tempo em que a medicina era feita com uma receita, passada sobre o joelho e tirada da fâcies do doente por impressão sumária, ou pela tomada do pulso. Hoje tudo tende para a confirmação pelo laboratório ou pela máquina.

E a uniformização não se realizou por iniciativa governamental, mas pela força moral dos que pretendem seguir o ritmo do aperfeiçoamento, simples orgulho de poder ostentar, como os demais, o diploma de hospital aprovado pelo Colégio Americano de Cirurgiões. E hoje, 93% dos hospitais dos Estados Unidos e Canadá obedecem a um regime uniforme, no qual o serviço se desenvolve dentro de uma rotina estabelecida, com deveres e obrigações e em que o material é farto e preparado previamente, para dispensar qualquer esforço descontínuo por parte dos médicos e das enfermeiras.

Além dos requisitos de instalação material, a principal exigência da padronização americana recaiu sobre a maneira de se registrar o serviço médico. Não há ordens verbais. Tudo deve ficar escrito, desde a situação financeira dos doentes, exames procedidos para diagnóstico e tratamento, o resultado operatório, o exame histológico das peças cirúrgicas, as condições da alta ou o resultado da autópsia, até o relatório diário das enfermeiras, sobre cada doente, considerado quanto à inspeção regular do Colégio Americano de Cirurgiões, informações de alto valor.

A passagem de um doente não só deve ficar documentada no arquivo para interesse do indivíduo e do hospital, mas para que sirva também de meio de estudo das doenças e fins estatísticos, e forneça dados para a investigação clínica que sempre corrobora para o bem da coletividade.

Quanto ao serviço técnico, a padronização impõe também obrigações severas. Há ordens escritas para cada departamento hospitalar. Assim, são

regras para o serviço de dietética de esterilização, anestesia, transfusão de sangue, enfermagem, cuidados pós e pré-operatórios, serviço social etc., que não podem ser explanadas numa palestra.

O princípio mais interessante introduzido no regime hospitalar americano foi o hábito das reuniões semanais realizadas pelo corpo médico, para discussão dos casos duvidosos e das “causas mortis” mal esclarecidas, para revisão do trabalho científico, para a troca de idéias e principalmente aprendizagem que sempre advém do convívio dos profissionais.

A estas reuniões, que são obrigatórias, deve comparecer todo o corpo médico. Estas reuniões do corpo médico, os tais “meetings of the staff”, tão falados na vida hospitalar, apresentam alto valor prático, científico e moral. Lucram os jovens médicos, pelo curso de “post graduate” a que assistem constantemente; os mestres, pela emulação que experimentam em conservar sempre viva a sua cultura e digno o posto de mando entre os seus pares; o estudante, pela fonte de estudo e pelo hábito das assembléias que vai adquirindo ao participar de tais conclaves, com relatórios e informações sobre os casos apresentados; o doente, pela garantia de ter seu caso ventilado por vários profissionais, cada qual em seu setor; com a sua experiência nesta ou naquela especialidade; o hospital, pelo controle que faz de seu serviço através do próprio corpo médico; a administração por ficar a par do trabalho científico e se dar conta de que sua instituição não está seguindo fora dos moldes comuns de uma boa organização; a comunidade, por perceber que está assegurado serviço médico condigno, caso venha a necessitar.

Essas reuniões traduzem bem claro o espírito de cooperação da medicina americana. Realizam-se sempre numa atmosfera da maior cordialidade, onde não se distingue o magister, senão pela segurança de seus conceitos, claros, positivos, pessoais.

Não há atitudes oratórias e ninguém se acanha em declarar que não sabe quando não tem opinião pessoal, para explicar sem subterfúgios. Eis um

traço característico do trabalho americano: especialistas dentro da especialidade. Aí, a principal razão para o sistema da cooperação, quer seja na medicina ou em qualquer outra atividade profissional. Não confiam naqueles que tudo pretendem saber, fora da especialidade.

O que deve ser um hospital moderno

O hospital moderno converteu-se em órgão da salubridade do povo. Os meios de cura, evoluindo, a par e passo, com descobertas da ciência médica e do progresso, em geral, fizeram do hospital seu principal instrumento. O hospital perdeu o caráter de simples alojamento de doentes crônicos, incuráveis ou moribundos, como no passado, para transformar-se num lugar de repouso, em caso de qualquer doença. E não é moldado só para cura e prevenção, mas também para estudo e aperfeiçoamento da medicina.

O hospital não impressiona mais como lugar onde se ia para morrer, quando perdidas as esperanças. Hoje todos os procuram, como ambiente agradável e repousante, quando o corpo se sente enfraquecido pela doença, ou quando se deseja passar uma revisão no motor humano, para descobrir qualquer mal incipiente. Por suas altas funções, o hospital desfruta a mesma influência social na vida moderna, que exercem a escola e a igreja.

É tal o papel que desempenha no cuidado da saúde e na vida de um povo, que se pode avaliar seu grau de civilização, pelo nível dos estabelecimentos hospitalares.

Para o médico, o hospital deve constituir um pouco do orgulho da classe, em confronto com outras profissões, em que se orientou a inteligência humana. É o seu atelier. O material e o ambiente representam a idéia, o valor da medicina na vida moderna, à arte cirúrgica a recompor o ser humano, o poder da ciência sempre em luta com a dor e a doença.

O ambiente de antanho, que cheirava a remédio e inspirava receio, pelo imprevisto e austeridade arquitetônica, hoje procura serenar o ânimo do recém-chegado, com a impressão de conforto, am-

paro e plena assistência. Desde o mobiliário, até a pintura tudo deve ser levado em conta, no efeito psíquico que acaso possa causar a organismos esgotados. Fato curioso na evolução social: o que era moderno em arquitetura de hospital, por ser diferente no aspecto do domicílio, hoje passou a ser antiquado. Não deve haver grandes mudanças no espírito do doente. A impressão do ambiente deve predominar pela higiene e limpeza, a transparecer no material e na alvura do linho, que usam os profissionais. A limpeza, no meio hospitalar, dá ao doente, sensação de garantia e proteção.

O hospital moderno deve ainda atender a certas delicadezas sentimentais que influem, sobretudo, na cura. Uma atmosfera tranqüila, sem ruídos, sem surpresas, é salutar aos que estão exaustos.

O estímulo material e mental que exercem as árvores e o céu sereno sobre os organismos debilitados e convalescentes é digno de nota. A presença da enfermeira, sempre bondosa, nessa faina de piedade, que a mulher possui em alto grau, não pode ser regateada.

O esmero no arranjo dê um local adequado à vida frágil dos recém-nascidos; a proteção contra os impulsos suicidas de pacientes, atacados de febre e delírio!

Mas, o hospital moderno, dotado de todos os requisitos materiais para a execução do serviço médico, não poderia descuidar o aspecto moral que deve ser dispensado aos que se acham inválidos ou debilitados, temporariamente. Não perdeu também sua feição caritativa, tão exaltada outrora, na ausência dos meios positivos de salvação.

Enfim, na prestação do que se chama serviço médico, neste tráfico de saúde e da vida humana, não pode o hospital moderno esquecer o lugar reservado ao sublime sentimento, que se chama misericórdia.

O médico e a enfermeira, ao lidarem com a alma humana, mais de perto que quaisquer outros, aprendem a transigir com os que sofrem dor física e moral, ansiedade e temor, tédio e depressão, pudor e vergonha.

Não deixam vítimas para o câncer

Fala o Prof Mário Kroeff sobre os índices de mortalidade

Folha Carioca, 10-1-1944

A propósito dos dados divulgados no dia 7 último pela *Folha Carioca* sobre a contribuição do câncer para os índices de mortalidade, procuramos ouvir o Prof. Mário Kroeff, diretor do Centro de Cancerologia e palavra das mais autorizadas no assunto.

Se consultarmos as estatísticas nacionais e norte-americanas – disse-nos –, verificaremos que há de fato, um aumento na mortalidade por câncer, tanto aqui quanto lá, sendo que nós ainda não atingimos o grau de mortalidade tão elevado. No Brasil, de modo geral, morre-se duas vezes menos por câncer do que nos Estados Unidos, isto é, temos 50 óbitos em cada 100 mil habitantes enquanto que a América do Norte tem 106. Nós, há 20 anos atrás, tínhamos uma média de 45 e agora, em 1941, temos uma média de 70 para cada grupo de 100 mil homens. Na América, mais ou menos a mesma coisa: de 86, o índice se elevou a 116. Essa diferença é, apenas, aparente, porque não há razão para que o câncer seja mais mortífero lá do que aqui. É questão de meios de diagnóstico, perfeição de estatística, de um lado, e do outro, uma questão da idade que as populações atingem lá e aqui. Esclareço: o câncer é, sabidamente, uma doença da idade madura e 95% dos casos aparecem depois dos 35 anos. O progresso em geral e, sobre-

tudo o progresso da ciência, conseguiram modificar o ambiente em que vive o povo americano, afastando dos coeficientes de mortalidade uma série de doenças evitáveis – varíola, febre tifóide, pneumonia, tuberculose, malária, febre amarela etc. – que ainda predominam nos países de standard de vida baixa, elevando, assim, a longevidade de sua população. Há um século, o homem da América vivia, em média 35 anos. Hoje, graças aos nossos recursos de profilaxia e tratamento das doenças, esta média atinge 62 anos de idade no sexo masculino e 64 anos de idade no sexo feminino.

Morre-se no caminho

O Dr. Mário Kroeff prossegue:

A causa nº 1 do obituário americano são as doenças do coração, seguindo-lhes o câncer. Em terceiro lugar, hemorragia cerebral e, em quarto, nefrite. Por aí se vê que estão na frente, como os quatro maiores ceifadores de vidas, doenças ligadas à esclerose, à degeneração do coração e vasos, à velhice, enfim. Sendo o câncer uma doença constitucional que também se poderia classificar de degeneração, explica-se que ele se enquadre entre estes quatro coeficientes que levam a dianteira nas “causas mortis” nos países sul-americanos, uma série de outras doenças que ainda não conseguimos debelar está influenciando nos obituários e dizimando a massa humana.

Numa palavra: morre-se no caminho, antes de atingir a idade do câncer. A nossa vida regula pela metade da que atinge o povo americano. Nos países civilizados, morre-se mais de câncer porque se vive mais. Como argumento, temos o caso da tuberculose. A peste branca ocupava o primeiro lugar no obituário e hoje passou para o quinto. Os 242 óbitos por 100 mil habitantes, em 1911, baixaram para 400 no ano de 1942. Entre nós, ela ainda

está em primeiro lugar e lembro-me das estatísticas de Recife, nas quais figuram 424 óbitos anuais para o mesmo grupo de habitantes, ou seja, dez vezes mais. A malária, por sua vez, afirma o Sr. Hildebrando de Góes – infesta um quarto da população brasileira. Só aí já estão alguns dos motivos porque certa percentagem de nossa população deixa de morrer de câncer, dando um alto índice de comparação.

*P*roblema do câncer

Mário Kroeff, diretor do Serviço Nacional de Câncer

Correio da Manhã, 5-11-1944

Câncer, Flagelo Social

O câncer constitui ameaça premente entre nós. Pode surgir inesperadamente, a cada momento, atacando a saúde e a vida de nossos pais, de nossos irmãos, de nossos filhos, de qualquer um de nós. Segundo as estatísticas, em cada oito homens adultos, um será atacado. Entre as mulheres, um pouco mais: em sete, uma pagará tributo ao mal terrível.

É problema que exige a colaboração de todos nós: cultos e incultos, casados e solteiros, egoístas e altruístas. Mesmo os que não forem dotados de sentimento de humanidade em face do sofrimento alheio devem pensar no câncer por defesa própria.

Se cada um, de per si, não tomar os cuidados necessários, não atender às medidas que a medicina recomenda, não haverá lei, nem decreto, nem campanha capaz de dar combate eficiente a este flagelo, que aos milhares está devastando a humanidade.

Não se pode combater esta doença com medidas gerais, a exemplo do que se faz contra a febre tifóide, pela higienização das águas; contra a varíola, pela vacinação; contra a malária, pelo ataque ao mosquito transmissor.

No câncer, é o exame corporal de cada indivíduo para surpreender-se o tumor em formação. A campanha está sempre pendente da iniciativa de cada um para se fazer examinar, a si, aos membros de sua família e às pessoas que lhe são caras.

As mulheres, por exemplo, têm dois órgãos que pagam ao mal, tributo enorme. São as mamas e os órgãos genitais. Esses órgãos devem ser examinados, de tempo em tempo, mesma na ausência de qualquer sintoma. Os homens, em compensação, pagam pelo câncer do estômago e da boca.

Nos Estados Unidos, o câncer faz 153 mil vítimas anuais. Aparece nos obituários em segundo lugar, logo abaixo das doenças do coração, que levam a dianteira com 360 mil mortes por ano. A própria tuberculose vem em sexto lugar com 62 mil vítimas, porque lá baixou do alto nível em que se achava com as medidas de prevenção, postas em prática pela ciência médica. A pneumonia já diminuiu com o uso da sulfanilamida.

O câncer não distingue nem cor, nem raça, nem categoria social. Tanto ataca o branco como o preto, o rico como o pobre. Tem certa preferência, é verdade, pelos indivíduos de idade madura, com mais de 35 anos.

Em rápido esboço, eis o problema que tanto está preocupando os homens da ciência, as sociedades médicas e os governos, responsáveis pelos destinos dos povos.

Não é de hoje essa preocupação. Vem de longa data.

Câncer na Antiguidade e a evolução da medicina. – Os assírios e os egípcios já pensavam no câncer. Desde tempos remotos que paira essa inquietação no espírito humano. Há uma pergunta, dentro de nós, que sempre fica sem resposta: “Qual a razão das dores e das doenças sobre a Terra?”

Mas, se o câncer é conhecido, há milênios, como revelam radiografias feitas sobre ossos de múmias do Egito, vêm ao nosso pensamento também motivos para outra indagação: por que a inteligência humana ainda não debelou esse mal terrível?

É que os povos do passado viveram num mundo de mitos e superstições, acreditando na influência dos astros sobre os destinos dos homens. Pretendiam curar as doenças com rezas, feitiços e talismãs de toda sorte, não tocando sequer nos doentes.

Os egípcios, por exemplo, acreditavam na reencarnação da alma e por isso se esmeravam na arte de conservar os cadáveres. As múmias eram guardadas em sólidos sarcófagos que traziam inscrições sobre a vida do morto e do mal que o vitimara. Faziam parte do funeral utensílios e alimentos para serem usados durante a longa viagem do morto, através de um mundo desconhecido. Os abastados juntavam jóias e adereços para enfeitar o corpo do defunto, quando este acordasse de seu sono transitório e ressurgisse em nova encarnação.

As jóias de Tutancâmon, de Cleópatra e dos faraós não tiveram, entretanto, ocasião de servir em nenhuma ressurreição. Será por que os escavadores dos museus andaram violando o sono dos túmulos?

Em compensação, esses objetos alcançaram preços elevados no mercado de hoje, por seu valor histórico, por sua tradição e, também, por sua qualidade especial de *porte-bonheur*. Por que não confessar que a gente de hoje é ainda meio supersticiosa?

A arte de curar, durante os séculos do passado, esteve entregue aos sacerdotes e intimamente ligada à religião. Não havia propriamente medicina. Foram os gregos os fundadores de medicina, libertando o homem das forças ocultas que agiam

durante o sono, sem tocar no corpo dos doentes. Os princípios gerais da medicina nasceram com Hipócrates. Ele foi o primeiro a examinar os doentes, observar a natureza e estudar as várias doenças, escrevendo uma obra célebre que se tornou oráculo dos médicos do passado, desde Cristo até a nossa época.

Hipócrates pode ser considerado um dos maiores gênios produzidos pela humanidade, mas estudou anatomia nos macacos e operava sem anestesia, contendo os doentes pela força. Dando a beber uma simples infusão de papoulas, praticava cirurgia a ferro em brasa e punha óleo fervente sobre as feridas operatórias para estancar as hemorragias.

Naquela época, não se conhecia a esterilização. Não se praticavam operações sobre o ventre, porque morriam de peritonite todos os doentes. Outra razão estava na falta de conhecimento sobre os órgãos da cavidade abdominal.

A circulação do sangue era desconhecida. Pensavam nossos antepassados que as artérias serviam para dar passagem ao ar que entrava no corpo pela respiração.

O câncer era tratado com ervas, sangria e purgativos. Neste atraso, os antigos não poderiam certamente descobrir as causas das doenças.

E assim se passou longo período de estagnação do pensamento humano, através de toda a Idade Média. Por má compreensão de seus dirigentes, a Igreja combatia qualquer idéia de renovação, proibindo até o estudo da anatomia a dissecação dos cadáveres.

Surgindo a Renascença, um espírito novo encheu a época de esperanças e descobertas científicas. A imprensa de Gutenberg contribuiu imenso para difundir os conhecimentos, que, até então, eram apanágios de um pequeno grupo de leitores de manuscritos. Os livros desde então espalharam-se pelo mundo.

Apareceu o microscópio em meados do século passado. Pasteur descobriu os micróbios e pregou

a esterilização dos instrumentos que servem nas operações. Morton, um dentista de Boston, descobriu a anestesia geral em 1846. No museu da Harvard University ainda está a máscara que serviu para dar o éter em *anima nobile* pela primeira vez.

A demonstração pública do inventor americano, ante a estupefação dos doutores daquela época, permitiu operar sem dor e sem gritos.

E a mesma sala, já de aspecto arcaico, ainda ali está no Massachussets General Hospital. Aquele anfiteatro traz à imaginação do visitante o espetáculo da cirurgia de outrora, em confronto com a serenidade reinante no ambiente operatório de hoje, já revestido de todo o respeito pelo sofrimento humano e cercado de todos os recursos da medicina moderna.

A descoberta dos raios X não tem 50 anos. Antes dela, os diagnósticos eram falhos, mormente nas doenças internas, pode-se bem compreender. Madame Curie descobriu o radium, há bem pouco. Foi em 1911 que ela isolou da terra esse precioso metal empregado na cura do câncer.

Enfim, todas as grandes descobertas da ciência médica pertencem à geração atual. Poucas têm mais de meio século. O progresso que a medicina fez nestes últimos 30 anos é enorme. A cada dia uma nova aquisição se junta aos nossos conhecimentos.

A Ciência de Hoje

Hoje dispomos de aparelhagens aperfeiçoadas que confirmam o diagnóstico da clínica médica com a visualização direta das lesões internas. Examinam-se sob o controle da luz a árvore brônquica, a parede do estômago, do intestino, da bexiga da laringe, do peritônio, da pleura etc.

Hoje, fala-se em vitaminas, hormônios, vacinas, neosalvarsan, sulfadrogas, radioterapia, ultravioleta, eletrocardiograma, eletrocirurgia, provas de metabolismo e em centenas de reações de laboratórios.

A cirurgia, prática de intervenções delicadas, sem dores e sem riscos de infecção, transfundin-

do até sangue novo, de uns para outros, quando a vida começa a falhar. O plasma sanguíneo, que reanima moribundo, é mandado por avião para salvar os feridos que caem nos campos de batalha.

Os hospitais de hoje inspiram confiança e oferecem esplêndido conforto. Tudo é tão diferente daqueles tempos de outrora, quando os templos serviam de abrigo para receber os moribundos, os perdidos e os contagiantes.

O Problema do Câncer

Quanto ao câncer, a medicina fez progressos enormes. Pode-se afirmar que hoje já se cura esta doença, se for tratada a tempo e convenientemente. As três armas de combate a este temível flagelo aperfeiçoam-se cada vez mais: o radium, os raios X e a cirurgia.

As técnicas melhoram cada dia, melhorando também as estatísticas. Nos laboratórios de pesquisa fazem-se todas as tentativas à procura das causas do mal.

Os estudos experimentais que se procedem, hoje, nos pequenos animais são verdadeiramente curiosos, produz-se o câncer artificial por meio de substâncias químicas no rato, coelho ou camundongo, tantas vezes quantos quisermos. Atritando-se a pele destes animais com certos produtos de alcatrão, forma-se um câncer cutâneo; dando-se a ingerir, um câncer do estômago; a respirar, um câncer pulmonar. Assim, estuda-se o mal desta ou daquela forma, desde o seu início.

Os pesquisadores de hoje, para estudar as causas do câncer, procuram desvendar os segredos íntimos da vida, com relação à genética, à maturidade, ao desgaste do motor humano. Estudam intimamente a reprodução celular que, dentro de nós mesmos, no interior de nossos tecidos, comanda o crescimento do homem e a substituição do material avariado pelo uso, obedecendo à lei geral da vida, sempre finalística, construtiva e organizada, na formação do indivíduo e na conservação da espécie.

Os detalhes da pesquisa vão até à bipartição do núcleo germinativo das células e à composição química de sua cromatina, essa substância mínima que leva em si a essência da vida e transmite, na herança de pai a filho, até o caráter do indivíduo.

Tudo isso a propósito do câncer, que não é mais do que uma desordem nos fenômenos da vida das células, quer seja no seu desdobramento para formação de novo indivíduo, quer seja na sua multiplicação em uma região qualquer do nosso organismo para atender ao crescimento do mesmo ser. Torna-se anormal por ser acelerada, anárquica, nociva.

São estudos de uma finura extrema. Dir-se-ia: trabalho de chinês com paciência de Jó.

Praticando a formação artificial do câncer nos pequenos animais, estuda-se também nos laboratórios a composição das substâncias químicas que deram origem a estas neoformações malignas. Compara-se a molécula cancerígena, isto é, formadora do câncer, aos produtos comuns da nossa alimentação. Verifica-se que há semelhança entre essa fórmula química definida e a de certas substâncias que circulam na economia humana. Estuda-se na formação do câncer a influência das secreções glandulares dentro do nosso corpo.

Encontra-se uma relação de causa e efeito entre os hormônios sexuais e as substâncias cancerígenas.

Sabe-se que a castração masculina ou feminina influencia beneficemente a evolução clínica de certas formas de câncer. A menopausa é a época propícia ao aparecimento da doença. Acusam-se de certa ação cancerígena os sais biliares, a colesteraína e outros produtos de desassimilação, elaborados dentro do organismo humano.

○ Problema nos Estados Unidos

A América do Norte, no setor da cancerologia, trabalha num “full time” perfeito, intelectual e material. Não lhes faltam os recursos materiais, fornecidos pelos homens de fortuna, a perseverança existente no trabalho americano, a inteligência

comprovada de seus pesquisadores, a filantropia demonstrada pelo sentimento público, a colaboração das sociedades médicas, nem o amparo do governo.

Por toda a parte, o mesmo afã de produzir, descobrir e trazer novas aquisições ao progresso geral da medicina. Chegou à era da América.

Há nos Estados Unidos vários institutos de pesquisa dotados dos melhores recursos, há inúmeros hospitais para tratamento dos afetados, há aparelhos aperfeiçoados para diagnóstico e tratamento da doença, há 370 clínicas de tumores, anexadas aos hospitais gerais, há a *American Society for the Control of Cancer*, que realiza a educação do público a respeito do câncer, há a *American Women's Army Field*, que já arregimentou 225 mil heróicas legionárias da educação, pioneiras da ligação do público à medicina para o combate ao câncer. São milhares de vozes femininas que falam, explicam e aconselham, difundindo a educação, no interesse de cada um, que por sua vez escuta e passa adiante tudo o que aprendeu a respeito do inimigo comum.

Já há 56 mil casos de cura permanente de câncer registrados no Colégio Americano de Cirurgiões, com mais de 5 anos, sem reprodução, para provar que a doença pode, de fato, ser curada quando tratada precocemente.

Enfim, são centenas de pesquisadores que consomem uma existência inteira no silêncio dos laboratórios a perscrutar as origens deste mal que aflige a humanidade.

Nesta luta pacífica e perseverante do microscópio, da experiência e da observação, a vitória deve fatalmente caber à inteligência humana e todo este esforço da medicina no elevado objeto de se proporcionar mais um bem à coletividade!

A grande notícia pode surgir, de um momento para outro; será mais uma liberdade conquistada pela geração atual: *Freedom from cancer*.

E na solução deste magno problema, a humanidade tem os olhos voltados para os laboratórios dos Estados Unidos da América.



A luta contra o câncer

Fala ao Correio do Povo o diretor do Serviço Nacional de Câncer

Correio do Povo, Porto Alegre, RS, 17-2-1945

Chegado do Rio por avião da Panair, acha-se entre nós o Prof. Mário Kroeff, diretor do Serviço Nacional de Câncer, que desde vários anos vêm se dedicando ao estudo do câncer e, ainda, há pouco, regressou dos Estados Unidos, onde esteve, durante um ano, em comissão do Governo federal para visitar as organizações anticancerosas daquele país e para adquirir radium para o Serviço que dirige no Distrito Federal, tendo realizado várias conferências em Nova York, Filadélfia, Chicago e Washington.

Falando ao Correio do Povo, disse-nos S. Sa. o seguinte:

“Não é fácil resumir em algumas linhas do precioso espaço de seu jornal todos os aspectos que encerra o complexo problema. A primacial cogitação em toda campanha contra o câncer deve ser o estabelecimento de órgãos de tratamento, tecnicamente aparelhados, de homens e de máquinas, para se poder alcançar, em todas as camadas sociais, as percentagens de cura admitidas pela medicina moderna.

Depois, vem o programa de educação sanitária popular, tendente a levar às massas a compreensão do magno problema que tão de perto interessa ao indivíduo, à família e à sociedade. Atrair o público ao exame médico, para o diagnóstico precoce

da doença e o tratamento oportuno, único capaz de alcançar a cura, eis o principal objetivo.

Na mesma ordem de ação, não se pode desprezar, a sua própria sorte, sem hospitalização a legião dos incuráveis que deixaram adiantar demasiado as suas lesões por desídia ignorância ou pobreza.

Enfim, como parte de um programa de luta contra o câncer, estão a pesquisa científica, a investigação do laboratório, o estudo experimental do câncer nos pequenos animais procurando desvendar as origens do mal e, *ipso facto*, descobrir um agente de ação geral e específica capaz de debelar a doença em qualquer de seus períodos.

Eis aí anunciado, em poucas palavras, o que deve ser um programa eficiente de luta contra o câncer, flagelo que vem trazendo em constante apreensão, nos países civilizados, os homens de ciência e de governo, sempre responsáveis pelos destinos dos povos. Qualquer um pode bem compreender quão difícil é o integral desempenho da tarefa e o que se teria de despender de esforço, de dedicação e de inteligência no entrosar de uma rede eficiente, em país da extensão territorial do nosso. Expliquemos: o tratamento dos afetados constitui, sem dúvida, a melhor barreira contra a nefasta doença. Sabido que o câncer não pode ser curado com uma receita passada sobre o joelho, como acontece com muitas outras doenças, é preciso ter custosos institutos, dotados de aparelhagem todo especial: raios X para diagnóstico e terapia, radium, cirurgia pelo bisturi elétrico e pelo bisturi comum. Para

atendê-los, são necessárias mãos experimentadas e técnicos afeitos no convívio dos mais sábios. Entidades de tal natureza, a serem postas ao alcance do público necessitado, só mesmo quando subvencionadas ou custeadas pelos cofres da Nação.

Entre nós, o governo do Presidente Vargas bem compreendeu a necessidade de se criar um grande Instituto do Câncer. Ampliou as atribuições do antigo Centro de Cancerologia, cuja direção me foi confiada. Transformou o mesmo em Serviço Nacional de Câncer com âmbito de ação em todo o território nacional. E agora o Hospital da Fundação Gaffrée-Guinle vai ser adquirido pelo Governo, para nele ficar instalado o Instituto Nacional do Câncer. Ao deixar o Rio de Janeiro, ultimava-se o inventário de seus móveis e imóveis para se proceder a sua transferência. São 350 leitos, de um magnífico edifício, com ótimas instalações e esplendidos laboratórios justamente apropriados ao estudo e tratamento do câncer, que vão passar ao patrimônio federal e serem postos a serviço da nossa causa, marcando uma nova era entre nós na campanha contra o mais cruel inimigo da humanidade e dotando o Brasil de uma das maiores organizações anticancerosas das Américas.

A educação do público, sendo de capital importância, deve se desenvolver à altura dos meios de cura disponível. A propaganda deve ser intensa, tanto pela imprensa com pequenas notícias e entrevistas, como pelo rádio, pelo cinema, por folhetos e prospectos, visando esclarecer o povo sobre os perigos da doença e os meios de defesa.

Deve ser aconselhado como meio de prevenção o exame médico ao menor sintoma suspeito e mesmo periodicamente na ausência de qual-

quer manifestação, de seis meses em seis meses, mormente as mulheres que pagam pesado tributo após os 35 anos de idade, por dois órgãos comumente atacados: as mamas e os órgãos genitais. Os homens pagam pelo câncer do estômago e da boca. Neste departamento de nossas atribuições, temos tido a valiosa colaboração da professora Camila Furtado Alves, na radiodifusão. Enfim, num capítulo de nossas atividades, está a organização de um asilo para incuráveis que tem prestado relevantes serviços à causa pública. Para atender à crítica situação desses infelizes que chegavam do interior, atraídos pelas notícias da existência de um órgão oficial de tratamento na Capital do País, fundamos uma sociedade, a Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos.

Angariando pequenos donativos da caridade pública, aqui e ali, durante cinco anos, perfizemos a soma necessária à aquisição de uma propriedade. Adaptamo-la em um asilo para abrigar enfermos que não disponham de um leito no qual possam terminar a penosa existência, aliviados das dores, dentro da grata sensação de se acharem assistidos pela medicina. Nessa obra de pura humanidade, temos contado com o apoio dedicado da Sr.^a Darci Sarmanho Vargas E do Comendador José Martinelli, que prometeu a doação de 2.500.000 cruzeiros para amparar a causa da hospitalização dos perdidos.

Conhece o nosso Serviço Anticanceroso? Perguntamos.

Pretendo visitar o Serviço que o Prof. Saint-Pastous organizou no Estado com vários centros de tratamento. Já conheço sua eficiência, através de seus relatórios e estatísticas.

Morrem no Brasil 20 mil cancerosos por ano

A estatística revela que temos cerca de 60 mil doentes no momento

O Serviço Nacional de Câncer luta contra o mal em instalações precárias, merecendo imediato amparo do Governo

Não deu resultado, entre nós, o extrato "H-11"

O Asilo da Penha e a Fundação Martinelli

A entrevista que nos concedeu o Dr. Mário Kroeff, diretor do Serviço Nacional de Câncer

Correio da Noite, Rio, 12-6-1945

Duas notícias publicadas nos jornais, sobre o câncer, levaram nossa reportagem a fazer visita ao Serviço Nacional de Câncer, organismo federal com sede na Rua Conde de Lages, 54. Uma destas notícias refere-se aos trabalhos realizados em Londres pelos patologistas britânicos Gromin Low e Gerald Ollersenshaw com o extrato "H-11", produto injetável extraído da glândula paratilóide; e a outra, a doação de considerável soma, pelo Sr. José Martinelli, para a organização de uma fundação destinada exclusivamente ao estudo e tratamento do câncer. Logo ao chegar à sede do serviço, tivemos a mais desagradável das impressões: estreito corredor, no fundo do qual se encontra um velho elevador que conduz médicos, funcionários, visitantes e doentes ao edifício, velho e mal arranjado, no qual se instalam as dependências daquele Serviço Federal. Na entrada recebeu-nos o Dr.

Mário Kroeff, diretor da repartição, que com paciência e gentileza, mostrou as instalações a nosso representante, respondendo a todas as perguntas que lhe fizemos. Não escondemos a decepção que tivemos, ao verificarmos a deplorável situação do Serviço Nacional de Câncer, impressão ainda mais aumentada quando acabamos de percorrer as suas diversas dependências. A propósito disse-nos o Dr. Mário Kroeff.

O Presidente da República tem boa vontade com nosso Serviço e tem mesmo desejo de ampliá-lo, na medida de nossas necessidades e de acordo com nossos foros de país civilizado, e tendo mais em vista a ameaça que o flagelo representa para nossa população. Por isso, não desanimamos e nos conformamos em trabalhar, sem conforto, para não desmerecer o nome do Serviço Nacional de Câncer.

Percorrendo as Instalações do Serviço

Atendendo a um pedido nosso, o Dr. Mário Kroeff nos acompanhou em quase minuciosa visita a todas as dependências do Serviço. Logo à entrada, estávamos numa sala onde duas datilógrafas trabalhavam, vendo-se mais duas mesas. Armários de todos os lados, alguns dos quais eram mostruários contendo pequeno, mas valioso museu de peças provenientes de operações de câncer, mostrando as mais diversas partes do organismo humano atacadas pelo terrível mal. O Dr. Mário Kroeff nos explicou cada caso. A sala pequena estava repleta. E ali mesmo era o gabinete

do diretor. Uma das mesas era a sua e a outra de seu substituto, Dr. Sérgio Barros de Azevedo. Em seguida, visitamos as salas de exames, de curativos, de operações, de esterilização, de fotografia e os quartos com leitos, para pequeno número de doentes. Tudo improvisado, apertado, mal acomodado. Visitamos também o “necrotério”. Colocamos a palavra entre aspas, visto tratar-se de uma área comum, com um toldo suspenso servindo de teto. Na sala de operações procedia-se à ablação cirúrgica de um seio cancerizado. A peça afetada já havia sido extraída. Nos leitos, doentes atacados em partes diversas, alguns em estado adiantado, quase todos tendo sofrido a ação da cirurgia plástica reparadora. A visão era terrível. O câncer ataca e deixa marcas impressionantes. Depois da visita e ainda sob a dolorosa impressão recebida, perguntamos ao Dr. Mário Kroeff o que se vinha fazendo pela cura e prevenção do mal, em nosso País. Disse-nos S. Sa.:

“O câncer constitui problema de interesse geral. As estatísticas demonstram que o mal vai se alastrando, exigindo dos povos civilizados as mais cuidadosas medidas. Temos no Brasil aproximadamente 60 mil cancerosos. Morrendo cerca de 20 mil por ano. O mal se agrava, principalmente pela falta de assistência, aos afetados. Geralmente, só chegam a nosso alcance quando já estão em deplorável estado na fase extrema da doença.

Vêm os doentes, geralmente, do interior do país. O que o senhor viu pode dar uma idéia de nossas dificuldades. Nos Estados Unidos há mais assistência, mais atenção pelo importante problema. Mesmo assim, há no momento, cerca de 800 mil doentes, morrendo, em média, 156 mil por ano. O câncer ocupa o segundo lugar, no obituário norte-americano.” Atendemos aqui aos doentes curáveis, dando-lhes o tratamento adequado, inclusive o tratamento pelo radium, aqui, neste pequeno e velho hospital – continuou o nosso entrevistado; Conto com um pequeno grupo de médicos abnegados, todos entregues ao nobre mister de aliviar os que padecem de

câncer. Alguns deles tratam de nossos doentes em seus próprios consultórios, visto não termos capacidade para atender a todos aqui mesmo.”

O extrato “H-11”

Que diz o senhor a respeito de extrato “H-11”, a que se refere recente telegrama de Londres?

O método já é nosso conhecido. Recebemos o produto da Inglaterra e aqui o aplicamos, em diversos casos. O princípio em que se baseou o “H-11”, teoricamente, é muito bonito e mesmo interessante, sob o ponto de vista biológico, pois que procura aproveitar certos princípios de inibição do crescimento, em geral, e em particular existentes no organismo humano. Na prática, porém, não tem dado os resultados que seria de desejar e a que se referem às informações vindas de Londres. Já experimentamos o “H-11” em vários casos, sem o menor resultado”.

O Asilo da Penha

Conforme nos esclareceu o diretor do Serviço Nacional de Câncer, os casos curáveis não tratados na própria sede do Serviço. Aqueles julgados incuráveis são enviados para o Asilo da Penha. Trata-se de um casarão adquirido pelo próprio Kroeff e não tem relações oficiais. É mantido pelo referido médico, graças a donativos que recebe. A propósito, disse o Dr. Kroeff: “Para atender à triste situação dos doentes, considerados incuráveis, os médicos do Serviço Nacional de Câncer, com elementos destacados de nossa sociedade angariaram meios, para a instalação de um asilo na Circular da Penha, o que foi conseguido, e onde se acham abrigados, atualmente, mais de 30 doentes em estado adiantado de lesões. Este asilo continua a receber o auxílio do público, mediante pequenas contribuições mensais, para proporcionar alívio aos que se vêem torturados pelas dores, ao término de penosa existência. Devemos agradecer a Deus pelos auxílios que a Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos vem prestando.”

Fundação Martinelli

A respeito da vultosa doação feita pelo Sr. José Martinelli, para a instalação de um centro de cancerologia na Estrada Rio–Petropolis, que se denominará “Fundação Martinelli”, disse-nos o Dr. Mário Kroeff:

Felizmente, já aparecem a colaborar na ação do Governo, auxiliando o esforço comprovado do Serviço Nacional de Câncer, homens de fortunas, que sabem repartir com a sociedade o que ganharam dela mesma. A vida não consiste só em ganhar dinheiro, mas também em repartir com os que sofrem os produtos do bafejo da sorte constituindo um consolo íntimo enobrecer-se a si mesmo, com os gestos de filantropia. O programa da obra do Sr. José Martinelli, sob a minha orientação técnica, é vasto, porquanto abrange a luta contra o câncer em todo o território nacional, procurando atender,

logo, de início, ao asilamento desta multidão de doentes que deixaram evoluir demasiado suas lesões, ficando fora das possibilidades terapêuticas pelos recursos atuais da medicina. A Fundação Martinelli será dirigida por um Conselho Administrativo, constituído pelo Sr. José Martinelli, pelo diretor do Serviço Nacional de Câncer (S. N. C.) e pelo Dr. Sérgio Barros de Azevedo, substituto deste último.

O diretor do S. N. C. ainda nos prestou outras informações sobre a Fundação, que terá o capital de 5 milhões de cruzeiros. Produto da doação do Sr. Martinelli. Colaborará a entidade, ativamente, com o Governo no combate ao câncer. Da visita que fizemos à precária sede do Serviço, verificamos a verdadeira bravura do Dr. Mário Kroeff e de seus auxiliares, bem como os milagres que todos fazem; trabalhando em instalações tão desprovidas de recursos. Merece o S. N. C. maior assistência do Governo, aliás, já prometida, pelo Sr. Getulio Vargas.



A energia atômica na guerra contra o câncer

O Globo, 20-8-1945

Abertos novos horizontes à medicina pela maior conquista científica de todos os tempos – Agirão os futuros raios como penetrantes bisturis elétricos – As previsões do Prof. Mário Kroeff, diretor do Serviço Nacional do Câncer

Sobre o possível aproveitamento da energia atômica pela medicina particularmente no tratamento do câncer, a Agência Nacional ouviu o Dr. Mário Kroeff, diretor do Serviço Nacional. O jornalista foi encontrar aquele cientista em seu intenso e abnegado labor, entre uma plêiade de jovens assistentes que com ele se dedicam à faina de lutar contra o câncer, melhorando ou aliviando os que se vêem presa desse terrível mal. Uns deixavam a sala de operações, com seus aventais, outros medindo o volume de lesões malignas, calculavam a dose de radium ou o número de agulhas a serem utilizadas no trabalho.

O diretor do Serviço declara, inicialmente que as instalações são provisórias e que o Serviço Nacional de Câncer vai ter melhores dias para seus doentes, que tanto necessitam dos recursos da medicina moderna. E passa a discorrer sobre o aproveitamento da energia atômica no tratamento do câncer.

“O que posso dizer, em linguagem popular, relativamente aos princípios da energia atômica e seu possível emprego na medicina, vem das noções que possuímos a respeito do radium e de suas aplicações no tratamento de certas doenças e, particularmente, do câncer. Sabemos que o radium e as substâncias radioativas estão continua e esponta-

neamente desintegrando a sua matéria. Projetam raios em todos os sentidos, como uma chama de luz, o sol e as estrelas, como o metralhar de uma arma de guerra. São vibrações, são elétrons, são partículas do átomo, carregadas de eletricidade. Umás são projetadas a distância, com grande velocidade, outras se amortecem lentamente. Esses raios de tamanho e formas diversas são invisíveis a nossos olhos, mas impressionam as chapas fotográficas como imagens de fogos de artifício.”

O aparelho “Radon”

“Podemos,” – continua S. Sa. – “até por meio de aparelhos especiais, captar as emanações das substâncias radioativas e empregá-las na medicina. Quando da minha viagem aos Estados Unidos, além do radium adquirido para o Serviço Nacional de Câncer, consegui também uma bela aparelhagem destinada a esse fim, que se acha esperando local apropriado à sua instalação. Por meio desse aparelho, chamado “Radon”, poderemos expedir às mais longínquas paragens do País estas emanações curativas, encapsuladas em tubinhos de vidro, para uso de doentes de câncer. Está para regressar dos Estados Unidos um assistente do Serviço, o Dr. Pinto Vieira, que ali foi para se especializar neste delicado mister.”

Provocando o desequilíbrio das moléculas orgânicas

“Os raios” – diz, continuando o Dr. Mário Kroeff – “atravessam os tecidos do corpo humano e

vão ferir determinadas células vivas do organismo, quando empregadas na cura de certas doenças. Provocam o desequilíbrio das moléculas orgânicas, ferindo-as em sua vitalidade, por simples fulminação, pelo fato de romperem o estado de equilíbrio atômico em que se encontram.

No caso do câncer, ferem de morte as células doentes que soem ser mais sensíveis do que as normais. Um determinado ponto do organismo que está sendo campo de transformação patológica fica, com a presença do radium, submetido, durante vários dias, a constante bombardeio por elementos desintegrados na matéria irradiada, sendo todas as células doentes atingidas pelos raios. A remoção dos destroços do bombardeio processa-se, daí, por simples eliminação da matéria morta ou por absorção da mesma pelos meios comuns de que dispõe o nosso organismo.

Esse é o efeito local do radium. Há também um outro de ordem geral, pela intoxicação provocada com a absorção da matéria irradiante ou da substância mortificada pela irradiação. Até a fórmula sanguínea chega a se modificar provocando anemia, se não for bem calculada a dose empregada.”

A bomba atômica

“Quanto à bomba atômica,” – acentua S. S. a – “a dedução que se pode tirar para uma opinião, vem do fato de que uma certa quantidade do radium na desintegração da sua matéria leva 1.580 anos para se reduzir à metade ou 3.160 para se desfazer totalmente. É a energia que se desprende, lenta e espontaneamente. Imagino – frisa o Dr. Kroeff – coisa semelhante na bomba atômica. Em lugar, porém, da desintegração se processar dentro destes mil e tantos anos, ela se faz bruscamente, desprendendo toda a energia num milésimo de segundo, em conseqüente explosão.”

Essa energia espalhada prejudicará o meio ambiente?

“Certamente” – respondeu. “As notícias telegráficas referem até que a zona de Hiroshima ficará inabitável por algum tempo. Admito o fato,

não com exagero dos despachos telegráficos. Pois que as substâncias metálicas, principalmente, poderão ser impregnadas pela radiação resultante da energia concentrada e desagregada bruscamente para, depois, desprendê-la lentamente, no processo comum das substâncias radioativas. O maior estrago virá dos fenômenos da explosão propriamente dita.”

Aproveitamento desta energia na medicina

“O aproveitamento, em medicina, desta forma de energia acumulada para outros fins não tardará, certamente, apesar de Churchill ter declarado serem necessários alguns meses até que todo segredo da fabricação seja revelado, sem perigo de choque, no egoísmo das nações responsáveis pelo equilíbrio do mundo. Todo o mistério deve estar na fórmula que regula sua elaboração industrial, não só quanto à maneira de conter sem perigos de fracasso, a matéria sujeita à futura desintegração de modo explosivo, como no modo de provocar “ad limitum” esta explosão a tempo e a hora. As notícias falam em parafina, como meio isolante das eletricidades negativas e positivas, cujo choque detonador provocará a desintegração explosiva da matéria, quando aquele isolante se fundir para defrontar cargas elétricas contrárias, o que pode ocorrer em tempo previamente calculado. Há de surgir em breve um meio de poder graduar o potencial de destruição e dosar as descargas de energia em condições de serem empregadas de maneira moderada e contínua. As aplicações médicas virão certamente do poder de penetração da energia atômica, no interior dos nossos tecidos atingindo lesões profundamente situadas, sem prejudicar as camadas vitais que se interpõem entre o órgão doente e a superfície da pele, que serve de porta de entrada a estes raios curativos, formados – de ondas curtas, ou melhor, ultracurtas. Serão raios” – diz, terminando – “com poder seletivo sobre as células cancerosas, como penetrantes bisturis elétricos.”

A influência do sol na origem do câncer

Uma interessante conferência do conhecido cancerologista argentino Prof. Roffo e curiosos esclarecimentos do Dr. MÁRIO Kroeff, sobre o assunto – Que se acautelem os nórdicos que vivem sob o sol dos trópicos – O almoço oferecido ao professor argentino

A Noite, 15-10-1945

Desde alguns dias acham-se entre nós duas eminentes figuras do mundo médico da Argentina, os Profs. Angel Roffo e Carlos Gandolfo, aquele diretor do Instituto de Medicina Experimental para estudo e tratamento do câncer, e o segundo, Professor da Clínica Médica da Universidade de Buenos Aires.

De passagem por São Paulo, visitaram as nossas instituições hospitalares e científicas, tendo sido ali alvo de carinhosas manifestações por parte da classe médica bandeirante; foram mesmo convidados assistir à cerimônia e assinar a ata do lançamento da pedra fundamental do Instituto de Câncer que ali se levanta sob o patrocínio do Governo do Estado.

No dia 13 realizou o Prof. Roffo na Faculdade de Medicina uma conferência sobre “A influência do sol na origem do câncer da pele”.

Hoje, estive toda a manhã com o diretor do Serviço Nacional de Câncer, Dr. Mário Kroeff, tendo-lhe sido prestada uma homenagem, num almoço de cordialidade, ao qual estiveram presentes todos os médicos do nosso órgão oficial de combate

ao câncer. No ágape, falou o Dr. Mário Kroeff saudando o grande cancerologista sul-americano.

Depois de realçar as suas qualidades de inteligência, cultura e atilado espírito de investigação, enalteceu a obra que vem realizando o grande mestre no terreno da luta contra o câncer em proveito do povo argentino e da humanidade em geral, o monumento levantado pelo seu esforço incessante, pelos seus valorosos trabalhos e modelar organização em muito contribuiu, disse o Dr. Mário Kroeff para enobrecer a Argentina aos olhos do mundo científico.

Interrogado o Dr. Mário Kroeff, o ilustre cancerologista patricio não se furtou em resumir a palestra feita na Faculdade de Medicina pelo seu eminente colega do Rio da Prata.

“O Prof. Roffo” – disse-nos – “iniciou sua conferência mostrando o importante papel desempenhado pela colessterina na origem do câncer da pele, fato para o qual foi um dos primeiros a chamar a atenção do mundo científico. Explica minuciosamente como a colessterina (substância graxa existente em nosso organismo), se deposita na pele dos indivíduos que se submetem à ação prolongada e contínua dos raios solares. O sol transforma, por oxidação, a referida substância gordurosa em elementos de cancerização.”

Mostra em seguida que certas raças são mais sensíveis às irradiações solares do que outras. Assim, os negros, vivendo sob o sol ardente da África, apresentam uma defesa eficiente na infiltração

ou interceptação dos raios pelo pigmento da pele. Os nórdicos, com pele fina e branca, olhos azuis e cabelos louros, são mais sensíveis à ação do sol, pois que não foram feitos para viver nos trópicos.

Chama a atenção ainda para outros fatores irritativos que predispõem ao aparecimento do câncer da boca e dos pulmões, tais como o abuso do tabaco e as inalações dos gases gerados pela combustão dos óleos das indústrias, chaminés, gasogênios, motores de automóveis e poeiras com partículas de asfalto das pavimentações urbanas etc., mostrando, assim, à luz das estatísticas, o aumento crescente da doença de dez anos para cá, representando um mal da moderna civilização.

Termina sua conferência, alvitando aos governos dos países medidas de profilaxia como a regulamentação dos banhos de sol nas praias de verão e meios de proteção contra os gases irritantes e cancerígenos para evitar o incremento de tão terrível flagelo. Esse é o interesse popular da conferência do eminente cancerologista argentino.

Prosseguindo a ligeira entrevista que nos concedeu, adiantou o Dr. Mário Kroeff, referindo-se aos trabalhos do Prof. Angel Roffo, que não há termo de comparação possível entre as possibilidades argentinas e as nossas para o estudo científico e o combate ao câncer. E acrescentou:

“O Instituto de Medicina Experimental para Estudo e Tratamento do Câncer de Buenos Aires, do qual o professor Roffo é diretor, é uma instituição completa e dispõe de todos os meios para alcançar todos os meandros da sua complexa objetivação científica. Seria de entristecer um confronto entre o nosso modesto Serviço Nacional de Câncer e esse monumento que o Dr. Angel Roffo dirige em Buenos Aires.”

Hoje, às 12 horas, no restaurante do Aeroporto, os cancerologistas patricios homenagearão com um almoço o seu renomado colega argentino, que, no transcorrer do ágape, foi saudado ainda por um discurso pronunciado pelo Dr. Mário Kroeff em nome dos presentes.

“Inimigo oculto, insidioso, de causa ignorada”

Como falou o Dr. Mário Kroeff na solenidade da fundação da Sociedade Brasileira de Cancerologia

A Noite, 26-7-1946

Fundou-se a 25 de julho de 1946, na sede da SMCRJ, uma Sociedade de Cancerologia destinada não só ao estudo técnico-científico do câncer, como também aos problemas correlatos, tais como a educação popular, que tão de perto está ligada à campanha da magna questão médico-social.

A assembléia que concorreu ao recinto foi numerosa, composta de médicos, patologistas, especialistas, dentistas, educadores e representantes das mais variadas classes sociais que por este ou aquele prisma se interessam pelo problema do câncer.

Foi aclamado Presidente dos trabalhos da sessão inaugural o Prof. Mário Kroeff, diretor do S. N. de Câncer, que convidou para fazerem parte da mesa o representante do reitor da Universidade, o diretor do D. N. S. e os Profs. Álvaro Ozório de

Almeida, Hugo Pinheiro Guimarães, Amadeu Fialho, Alberto Coutinho e Costa Junior, este com as funções de secretário.

O Prof. Mário Kroeff pronunciou brilhante oração focalizando os aspectos mais interessantes do câncer, sob o ponto de vista médico-social, mencionando a necessidade de empregar-se esforços no sentido de dar combate ao flagelo, incentivando, ao mesmo tempo, o estudo da doença, num intercâmbio de idéias, experiência e sugestões.

Após animados debates sobre a orientação que devia tomar a novel entidade, se adestrira tão somente ao aspecto técnico científico ou se de âmbito mais geral, visando também à campanha educacional em todo o País, foi finalmente nomeada uma Comissão, composta dos integrantes da mesa, completada com a inclusão do nome, do Prof. Ramos e Silva, para elaborar os respectivos estatutos, tendo ficado estabelecida nova reunião para a aprovação dos mesmos, assim como a eleição da primeira diretoria.

Curamos câncer cem por cento gratuitamente

Em 1900 o câncer ocupava o sétimo lugar no obituário. Passou hoje para o segundo – Cerca de 20 mil vítimas anualmente no Brasil – A luta contra o terrível flagelo no Hospital do Serviço Nacional de Câncer.

Diretrizes, 21-8-1946

O câncer no Brasil faz cerca de 20 mil vítimas por ano e sabe-se que existe em todo o território nacional mais de 60 mil cancerosos. Esta impressionante estatística deixa-nos quase em estado de pânico ao verificarmos a extrema precariedade da assistência hospitalar de que dispomos. O Hospital do Serviço Nacional de Câncer está localizado na Rua Conde de Lages, com fundos para a Rua Visconde de Paranaguá, – que não é propriamente uma rua, mas um calvário com degrau. Escalam-no os doentes, arquejantes, devagar, e são atendidos no ambulatório. Oitenta e sete degraus. Ufa! Como custam a subir! Como são longos! Muitos doentes não agüentam: caem semimortos e têm de ser socorridos, trazidos em padiolas. Nós, que somos mais ou menos sãos, ficamos com um palmo de língua de fora para chegar até ao hospital, velho casarão inadequado, quase em ruínas, condenado pela Prefeitura, desde 1942, por estar em completo desacordo com as mais comezinhas regras de higiene.

Dentro desse pardieiro, porém, realiza-se a mais heróica e importante obra de assistência médico-hospitalar no Rio de Janeiro, graças à abnegação de um grupo de cancerologistas devotados

que ali trabalham, sabe Deus como, tendo à frente o Dr. Mário Kroeff e o Dr. Alberto Coutinho, duas verdadeiras vocações de cientistas e de sacerdotes de sua profissão. Quando se contar a história do combate ao câncer no Brasil, muitas páginas de dedicação e sacrifício poderão ser escritas sobre aquele hospital, onde se processam verdadeiros milagres de curas.

O câncer progride rapidamente no mundo

A rápida progressão do câncer em todos os países do mundo constitui espantosa ameaça ao destino da humanidade.

Basta dizer-se que no ano de 1900 o mal ocupava o sétimo lugar no obituário e hoje passou para o segundo. Logo abaixo da tuberculose.

É o Dr. Alberto Coutinho quem nos assegura, com a sua autoridade:

– O câncer está de tal maneira difundido que é raro hoje não se encontrar pelo menos um caso em cada família, o que não se dava um decênio atrás.

Em face desta tremenda ameaça, todos os países se movimentam em largas campanhas no domínio social e científico, procurando descobrir a causa do mal, instituir tratamentos e praticar a profilaxia do câncer. Em que se baseia essa a profilaxia? Na educação do povo. É preciso que todos conheçam as lesões pré-cancerosas e estados outros da sintomatologia geral, a fim de que procurem socorro médico na fase inicial da enfermidade. Pode-se dizer que, nesse período, o câncer

é cem por cento curável, exceção feita, evidentemente, dos chamados cânceres externos.

A luta contra o câncer repousa, pois, num diagnóstico precoce, para que o tratamento se realize quando ele ainda se acha localizado. A nosso ver se as lesões invadem, em proporções maiores ou menores, várias regiões do organismo, as possibilidades de cura declinam rapidamente.

A luta contra o câncer no Brasil

No Brasil, a luta contra o câncer não começou agora, já há vários decênios muitos médicos e pesquisadores patrícios se vêm dedicando à questão. Convém assinalar, entretanto, que o combate sistemático e orientado data somente de 1938, quando se fundou o Centro de Cancerologia, sob a direção do Dr. Mário Kroeff, que funcionava em um pavilhão anexo ao Hospital Estácio de Sá. Dessa data até 1941 o Centro de Cancerologia funcionou com grande produtividade, visto estar em condições de preencher seus fins, quer no tocante às suas instalações, quer quanto ao corpo médico.

Por decreto governamental de 1941 o Centro de Cancerologia foi extinto ou, melhor, transformado no Serviço Nacional de Câncer, órgão que visa promover, sob todos os aspectos, uma vigorosa campanha contra o terrível flagelo em todo o País. Infelizmente, infelicissimamente, em novembro de 1942 a sede do Serviço, que continuava no Hospital Estácio de Sá, foi despejado por ordem ministerial indo abrigar-se na Rua Conde de Lages, onde atualmente se encontra.

Não obstante a série de urgentes sacrifícios, o hospital está funcionando diariamente e proporcionando larga messe de benefícios. Até 30 de junho próximo passado o Serviço Nacional de Câncer atendeu (em seis meses!) a 8.500 doentes, inclusive 1.000 casos incuráveis. Rejeitamos por falta de vagas 1.099 cancerosos.

Não há falta de material

Enquanto visitávamos o Serviço, informávamos o Dr. Alberto Coutinho:

“Apesar dos pesares, dispensamos aos nossos enfermos os tratamentos clássicos adotados nos grandes centros de luta contra o câncer: a cirurgia eletrocirurgia, e raios X e o radium. Não resta a menor dúvida de que, se não fora a mesquinhez do espaço de que dispomos neste precariíssimo hospital, desenvolveríamos atividades cem vezes maiores. Material não nos falta. Temos muito e da melhor espécie, pois uma grande e ótima aquisição foi feita nos Estados Unidos pelo nosso Diretor, Dr. Mário Kroeff. Pessoalmente por ele. Esse material está encaixotado, parte no refeitório, parte ao desabrigo, ou quase por absoluta falta de local para guardá-lo.”

Hospital para incurável

O Hospital do Serviço Nacional de Câncer recebe doentes vindos de várias clínicas e de todos os Estados do Brasil, pois é o único do País que proporciona assistência gratuita. Lá, entretanto, só se atendem aos que ainda se encontram em condições de cura: os outros, já à margem de qualquer terapêutica, os chamados incuráveis são encaminhados para o asilo que os médicos do Serviço mantêm na Penha, desde 1939, sob os auspícios da Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos. A capacidade deste Asilo é muito exígua, não comportando nem a décima parte dos doentes incuráveis que lhe batem à porta. Felizmente, dada a filantropia de José Martinelli, as instalações vão ser ampliadas. Será então possível facultar maior assistência aos cancerosos desamparados. Incalculáveis têm sido os esforços do diretor do Serviço nesse sentido.

Mudança para o Gaffrée-Guinle e a futura sede

“Depois de longas “demarches” –diz-nos ainda o Dr. Alberto Coutinho – “obtivemos do governo por locação uma área do Hospital Gaffrée-Guinle, para onde deveremos nos transferir em breve e onde poderemos contar com instalações razoáveis. A solução porém para o nosso problema é a sede própria. Ela está sendo construída na praça da Cruz Vermelha.

Doou-nos a Prefeitura o terreno, por interferência direta do ex-Prefeito Filadelfo de Azevedo, que muito se interessou pela nossa causa. Teremos na futura sede o ambiente com que sonhamos para a completa realização dos nossos objetivos que são a luta sem trégua contra o câncer, lançando mão de todos os recursos que proporciona a ciência.

“Isso dá pena”

Conduziu-nos, depois o Dr. Alberto Coutinho a uma das enfermarias, para que pudéssemos ver como vivem os internados. Não há espaço, nem conforto, nem água, nem higiene. O mesmo acontece, no ambulatório, na sala de cirurgia, em todo o hospital enfim. Quando passávamos pelo leito de uma cancerosa, disse-nos o Dr. Coutinho.

– Está necessitando urgentemente de uma transfusão. Anemia completa! Falta-nos, porém, dinheiro para pagar o sangue. Muitas vezes somos obrigados a recorrer aos nossos próprios bolsos, para salvá-los. Como o senhor vê, isso dá pena.



Educação e propaganda

Palestras radiofônicas realizadas pelo S. N. C.	342
Câncer e educação	342 a 343
O Asilo dos Cancerosos	343 a 344
O papel da mulher na luta contra o câncer	344 a 345
O que se deve saber sobre o câncer	346 a 350
Luta contra o câncer	351 a 355
A luta contra o câncer nos Estados Unidos	356 a 357
“No Broadcasting” de Washington	358 a 360
Relação de Palestras radiofônicas realizadas pelos assistentes do S. N. C.	361
Educação: base da defesa contra o câncer	362 a 367
Conselhos do S. N. C.	368
Filmes de propaganda	369 a 370
Conferências radiofônicas dirigidas aos médicos do País pelos assistentes do S. N. C. . .	371
Trabalhos de divulgação científica	372 a 373

*P*alestras radiofônicas pelo S. N. C.

*Pela propagandista educadora Camila Furta-
do Alves*

Câncer e educação

Na ânsia da elevação humana, estudam-se todos os problemas para se poder chegar a um feliz desideratum.

E este resultado, pertence a três criaturas: a mãe e o médico em primeiro lugar; depois à educadora, mui principalmente, à educadora primária que como a mãe, atenta e solícita, guia a criança e prepara o pequenino material humano para ser útil à coletividade. À coletividade sim, porque o principal papel do homem é saber viver em sociedade, é ser útil, ser bom.

Rolam pela vida afora milhares de crianças moralmente abandonadas.

Não são só as crianças pobres em lar, que são as moralmente abandonadas, não; são também as crianças incompreendidas que escondem no âmago de suas almas tenras, sentimentos que se não descobrem, aptidões que não se desenvolvem e ficam pobres inadaptáveis, que são tratados com indiferença, à guisa com desprezo. e tiveram eles a culpa? Não. Culpa tiveram-na os que lhe dirigiam os primeiros passos. A mãe que não o compreendeu, o médico assistente que não viu o mal que lhe minava o ser, e o enfraquecia; a educadora que não teve a sensibilidade necessária, para descobrir o segredo daquela alma em embrião, e lhe

desenvolver a aptidão que seria seu escudo, para vida em fora.

E dessas crianças moralmente abandonadas, vêm os homens pessimistas e maus, os derrotistas que tudo criticam, sem base, e sem orientação; criticam simplesmente, para destruir por causa do recalque que lhes ficou n'alma; destruir porque foram destruídos.

Agora, os afortunados, aqueles que bem guiados nos primórdios da vida, sentem-se bem; trabalham, certos de que triunfarão, porque sabem a que se destinam, que encontram por toda parte motivos de prazer e criam e constroem, ora com a palavra, ora com o exemplo que, se criticam, é com o fim de melhorar o que está feito e não para destruir. Essas almas bem formadas sentem-se à vontade no convívio de seus semelhantes, espalham a bondade para sentir a felicidade e em seu derredor. Para este o encanto da vida é completo. Para estes, que são os bons e os fortes, desenvolvem em si um dos mais belos sentimentos: a caridade, o amor do próximo, porque aprenderam a respeitar seus semelhantes, a caridade, que é exemplo frisante de Jesus, na imaculada pureza de seu sentir: Vivendo para a humanidade e morrendo por ela. Em nome deste Cristo, cuja efígie lá no alto do Corcovado é uma lembrança contínua ao homem, para que ele saiba amparar os desamparados, reerguer os abatidos e lhes minorar o sofrer. Em nome deste Cristo imploramos às almas que compreendem a dor, caridade para os cancerosos inoperáveis, caridade para estes párias da sorte. A Legião Brasileira de Assistência

que está estudando com devotado carinho o magno assunto de completo amparo social, vê, através de sua presidente, D. Darcy Vargas, a quem interessam todos os problemas que se relacionam com a criança e o doente, a necessidade do Asilo do Canceroso inoperável, daquele que precisa de conforto, porque é completamente desconfortado.

Ouçamos neste sentido a palavra do diretor do Serviço Nacional de Câncer, o esforçado cirurgião Dr. Mário Kroeff, ora nos Estados Unidos da América do Norte.

“Mas ao lado da parte técnica relativa ao tratamento que deve ser executado pelo nosso centro existe um outro problema sério que nos assoberba e cuja solução se torna difícil, porque é de ordem econômica. Trata-se da questão dos incuráveis.

Se, como dissemos, o câncer é curável num terço dos casos, restam dois terços que já nos chegam às mãos em estado lastimável.

Se no Distrito Federal morrem por ano cerca de mil indivíduos vitimados pelo câncer, calcula-se em 3 mil o número dos cancerosos existentes na Capital. Daí é fácil avaliar-se a multidão que mensalmente vai ser rejeitada às portas do nosso pequeno hospital, por falta de leito vago.

Atendendo a um sem-número que chega também do interior (morrem 20 mil anualmente no Brasil), as nossas enfermarias serão insuficientes para abrigar os que nos procuram em condições de operabilidade. Para os operáveis, tão somente deve ser reservado o emprego de nossas caríssimas instalações.

Cogitamos de construir um modesto pavilhão ou adaptar um com capacidade de 50 ou 60 leitos para asilar os incuráveis, que não têm onde morrer, alquebrados pelo sofrimento.

São cenas pungentes e diárias que se passam às portas de nosso pequeno hospital e que nos conflagram o coração, tanto mais quanto as nossas recusas parecem lhes desfazer as últimas ilusões, deixando-os voltar, por certo, ainda mais desesperançados.

Desumano é deixar ao abandono esses miseráveis, embora seja inútil o emprego dos meios de

cura. O canceroso sofre mais que qualquer outro enfermo quando se aproxima lentamente o termo de sua desventura: tem dores e tem chagas.

Apelo à caridade pública

Para assistir à curta existência dos que já não têm cura, pretendemos apelar para a caridade pública. Como se trata de questão moral e afetiva, essa de asilar os perdidos, deixemos ao povo o cuidado de contribuir diretamente. Que cada coração bem formado não fuja aos imperativos da generosidade.

Nós, os médicos, mais que quaisquer que exerçam outras profissões, já repartimos com os que sofrem, muito do nosso esforço, do nosso carinho, compartilhando também às vezes de suas penas. Se não curamos todos os doentes, sempre nos desvelamos por encontrar alívio, aprendendo até a mentir, para consolar.

Todos devem colaborar nesta obra de benemerência e fraternidade humana, auxiliando a proteger esses naufragos da sorte. Falta não fará, por certo, aos que têm saúde e gozam de conforto sob um teto e fartura na mesa, um donativo mensal de poucos cruzeiros, concedidos a favor dos cancerosos para minorar as dores que os torturam e oferecer um leito, onde possam morrer mais humanamente”.

○ asilo dos cancerosos

O Serviço Nacional de Câncer e o pequeno e humilde Asilo do “Canceroso Pobre”, na Penha Circular, na Rua Magé, 326; recebem mais uma demonstração de carinho: “uns minutos dados à Campanha, pela radiodifusora da Prefeitura.”

Mais uns minutos que nos permitem enviar, pelo ar, nosso apelo e nossos conselhos. Esta campanha, que é de luta incessante! Esta campanha, que é justa, deve merecer o carinho de todos, porque cuida da saúde de que é a força construtora das nações! Precisamos estar de sobreaviso contra a invasão insidiosa do câncer, um dos grandes males que afligem e destroem a humanidade!

Os médicos do Serviço Nacional de Câncer dão conselhos que são filhos de sincera experiência e observação. São conselhos que salvam.

Amparar o Asilo é amparar infelizes tão desamparados que só têm aquele teto para se acolherem e é um refugio exíguo! Que, enquanto acolhemos um, ficam à espreita 30 e 40 ou mais, tendo por único consolo a frase cruel, “Aguarde vaga!” E lá seguem com suas chagas e suas dores, para onde? Para os mais dolorosos dos fins. “O abandono com o negro cortejo da fome e do desespero...”

Damos hoje conselhos sobre o câncer do estômago:

“O estômago constitui uma das localizações mais freqüentes do câncer, no sexo masculino. Figura nas estatísticas com grande número de vítimas. Se excluirmos os tumores da boca, vem o estômago como a sede mais comum das lesões malignas, entre os homens.

Todo indivíduo que, depois dos 40 anos de idade, sem causa justificável, apresentar sensações de peso no estômago, repugnância a certos alimentos; falta de apetite, dores gástricas, enjôo e mesmo vômitos, deve consultar o médico para comprovar as suspeitas de um mal em formação.

Outras vezes, a doença, com discretos distúrbios gástricos, manifesta-se por alterações do estado geral: perda de peso, abatimento, cansaço, anemia...

Em face de qualquer destes sintomas deve-se procurar imediatamente um serviço especializado para exame minucioso.

Sede conosco, vos imploramos, na grande campanha:
Educar para vencer...”



O papel da mulher na luta contra o câncer

Dizem os escritores: Nas grandes tragédias, heroísmos e sacrifícios, há sempre, de permeio, uma mulher.

Julia, esposa de Tibério, é o exemplo de uma das mais diabólicas mulheres.

Foi quem tornou o cruel Calígula (o Botinhas), Imperador Romano, aproveitando-se da agonia do velho Imperador Tibério.

Era Calígula tão cruel e louco que, para humilhar o povo romano, fez cônsul seu cavalo “Incitatus”.

Teresa Cristina é o exemplo de uma das mais nobres mulheres. Foi tão sublime, que durante o reinado de D. Pedro IX não lhe fez um pedido! Para não o deixar em situação, que poderia ser desagradável! A caridade pródiga que espalhou, partia dela, somente! De seu próprio erário! Porque trouxe bom patrimônio para a União. É a mulher, a força motriz do Universo, força que ela mesma desconhece. É a essa força que nos dirigimos. Se tu, mulher, fixares, atentamente, o problema do câncer e fixares o Asilo, na Penha Circular, Rua Magé, 326, se o visitares, sentirás premente necessidade de ampará-lo, a premente necessidade de conservá-la, e tu, mulher, conseguirás as finalidades a que destina o Asilo se o quiseres, Luta conosco na campanha augusta de “Educar para Vencer”.

Conseguiremos também com teu auxílio remir este mal implacável – o câncer. Espalha conosco os conselhos salutares do S. N. de Câncer. Damos hoje uns conselhos sobre o câncer da laringe: quando ataca as cordas vocais é a rouquidão.

Em certos tipos de lesão a doença permanece silenciosa durante muito tempo, dando apenas a perceber sua existência pelo aparecimento de gânglios enfiados no pescoço.

Só o especialista, por meio de espelhos e outros aparelhos apropriados, é capaz de descobrir as lesões iniciais da laringe.

Na idade madura, em caso de sintomas suspeitos de lesão interna da garganta ou da laringe, ou gripes mal curadas, nunca perder tempo com o uso de gargarejos, tisanas e xaropes.





O que se deve saber sobre o câncer

Palestra realizada pelo Dr. SÉRGIO AZEVEDO, diretor interino do Serviço Nacional de Câncer no microfone da rádio Ministério de Educação, em 9-1-1943

O câncer é sempre um problema médico-social da maior atualidade. Doença que não poupa raça, clima, sexo, idade, condição social – que acomete de modo traiçoeiro a todos os seres vivos, ocupando nas estatísticas de mortalidade um dos primeiros lugares, merece por isso mesmo um combate sem tréguas, sem desfalecimentos, por todos os meios ao nosso alcance.

Não é com o fito de alarmar o público que certas verdades devem ser ditas a respeito deste terrível flagelo; muito ao contrário, uma campanha de propaganda no sentido de alertar os espíritos e esclarecer certos aspectos da doença é da maior utilidade sob o ponto de vista da sua profilaxia, isto é, dos meios de evitar ou pelo menos atenuar em grande proporção às desastrosas consequências desse mal.

Em primeiro lugar, diversas crenças a respeito do câncer devem ser combatidas: uma delas se refere à sua contagiosidade. Ora, até hoje, a ciência não obteve neste particular nenhuma prova concreta. Desconhece-se até a presente data a existência de qualquer micróbio responsável pela sua transmissão; até mesmo as inoculações de fragmentos de tumor do câncer ao homem são falharam redondamente.

Os cânceres que são obtidos experimentalmente nos laboratórios não apresentam as mesmas características do câncer humano, servindo apenas como meio de estudos quanto a outras possíveis causas que, até então, apenas suspeitadas, tiveram agora sua plena confirmação. É o caso dos cânceres obtidos em animais pela irritação de substâncias químicas como o alcatrão e seus derivados.

Ultimamente, a ciência avançou mais um passo, quando foi verificado que essas substâncias apresentam um estreito grau de parentesco químico com certos hormônios secretados pelas glândulas de secreção interna, levando a acreditar na possibilidade de ser o câncer, ou o tumor maligno, a manifestação aparente, local, de uma profunda desordem interna do metabolismo ou nutrição de todo o organismo.

De outro lado, tornou-se patente que o papel da hereditariedade não é tão importante como a princípio se julgava. Naturalmente, existem a este respeito certas condições orgânicas com um maior ou menor grau de predisposição no adquirir a doença – mas necessário se faz a influência de outros fatores, principalmente os de natureza irritativa, agindo de modo contínuo, persistente sobre determinadas partes do corpo, de modo a provocar a formação do núcleo tumoral; como exemplo, citamos os traumatismos, as queimaduras, as irritações provocadas pelos raios solares, pelos produtos de combustão do fumo, pelos agentes químicos como o álcool, sem falar de outras substâncias que existindo normalmente no

organismo podem tornar-se cancerígenas, como já vimos por um desvio metabólico. Juntem-se a tudo isso influências as mais diversas de ordem moral a agir sobre os que constitucionalmente já apresentam um sistema nervoso inferiorizado, e teremos uma idéia das verdadeiras causas do câncer.

Quais as primeiras manifestações da doença?

As manifestações iniciais do câncer na pele são fáceis de serem surpreendidas, e a tempo tratadas: apresentam-se geralmente sob a forma de tumores duros, de crescimento progressivo, e indolores; mais tarde podem ulcerar-se, sangrando e recobrindo-se de crostas mais ou menos espessas.

Essas formações tumorais, ulceradas ou não, surgem de preferência na face e outras regiões expostas do corpo, desenvolvendo-se quase sempre sobre cicatrizes de queimaduras, sobre verrugas antigas, sobre manchas avermelhadas ou escuras, ditas de nascimento, etc.

Nos lábios, escolhem os pontos irritados pelo alcatrão do fumo.

Na face interna das bochechas, localizam-se preferencialmente sobre certas placas esbranquiçadas, conhecidas pelo nome de leucoplasias.

Na língua, manifestam-se comumente em lugares irritados por fragmentos de dentes cariados.

Os sintomas iniciais de localização interna do câncer são mais silenciosos, porquanto o elemento dor, não existe – todavia certos sinais devem despertar suspeitas, se surgem após a idade de 40 anos: mal-estar, cansaço, nervosismo, emagrecimento, anemia, ligeiras perdas sangüíneas, ao lado de perturbações que denunciam a sua localização neste ou naquele órgão: esôfago, estômago, intestino, laringe, pulmão, ossos, órgãos sexuais etc.

As mulheres que são as maiores vítimas devem, principalmente ao entrar no período da idade crítica, fazer-se examinar por especialistas, pelo menos de três em três meses.

O conselho a dar em todos estes casos é o do exame médico imediato, pois “mais vale prevenir que remediar”.

Abster-se de usar medicações que podem ter efeito intempestivo e contraproducente.

Não ouvir conselhos de amigos entendidos, nem comadres curiosas.

Fugir dos charlatães que anunciam curas milagrosas.

O segredo da cura do câncer reside no fator tempo: quanto mais cedo é ele reconhecido ou diagnosticado, mais depressa e mais facilmente é curável.

Agora os nossos ouvintes podem compreender quão árdua é a tarefa dos que se dedicam à luta contra o câncer, a qual compreende diversas obras que assim podem se subdividir:

1º. uma obra médica

2º. uma obra de propaganda

3º. uma obra de assistência.

A obra médica, a mais importante e para o bom êxito da qual todas as demais convergem, é a do tratamento – infelizmente nem todas dela podem se beneficiar e isso por diversas causas –, a principal é a convicção que se enraizou no espírito do público e infelizmente de um grande número de médicos de que todo esforço neste sentido é inútil – que nada há a esperar – que nada há a fazer.

A segunda é que o tratamento dos cancerosos é muito difícil, muito oneroso, exigindo, da parte do doente e dos que o cercam, grandes sacrifícios, e dos médicos, umas vigilâncias assíduas, que muita vez, em regiões longínquas, são impossíveis de serem praticadas.

Todas estas dificuldades, entretanto, podem ser removidas: de um lado, pela demonstração dada e positiva ao público e aos médicos descrentes de que o câncer, quando reconhecido a tempo, é uma doença curável – de outro lado, informando que os Governos responsáveis pela saúde e pela vida do seu povo estão vigilantes, não medindo sacrifícios no colocar à disposição dos necessitados todos os recursos, todas as armas que a ciência oferece, por mais onerosas que sejam, à sua cura.

A propósito, não podemos deixar de louvar a atitude do Presidente Getulio Vargas que, com sua grande clarividência de homem de Estado, em boa hora criou uma organização anticancerosa com âmbito de ação em todo o país – o Serviço Nacional de Câncer, do Ministério de Educação e Saúde.

Naturalmente, um Serviço desta natureza, requerendo esforços sobre-humanos, e grandes somas em dinheiro, só poderá ser realizado por etapas, principalmente num país de imensa extensão territorial como o nosso, de núcleos de populações as mais esparsas e ainda difíceis meios de comunicação.

Apesar disso, em pouco tempo muito já se tem feito.

Neste momento encontra-se em missão oficial na América do Norte, o diretor efetivo do S. N. C., Dr. Mário Kroeff, com o fim de adquirir, em quantidade suficiente a uma boa campanha anticancerosa, o radium, um dos elementos mais eficientes na cura do câncer.

Pois bem, este precioso elemento será distribuído pelos centros mais importantes do País que já apresentam um esboço de organização, como o Distrito Federal, Rio Grande do Sul, São Paulo, Minas Gerais, Pernambuco, Bahia.

Além disso, já vai adiantado o projeto de instalação, nesta Capital, de um grande instituto encarregado de articular, coordenar e auxiliar as atividades de todos os núcleos e centros de tratamento já instalados em muitos dos quais, graças também à iniciativa particular merecedora de todo amparo governamental.

O Instituto Central tem ainda por atribuição o estudo dos descobrimentos recentes e sua aplicação contra o mal, a indicação das medidas de higiene e tratamento dos cancerosos, o exame de métodos de diagnóstico precoce, a investigação de novos meios de tratamento, o estabelecimento de pesquisas experimentais sobre as causas de terminantes do mal.

Dedicar-se-á ainda a transmitir ao corpo médico o conhecimento sobre quaisquer novas aquisições em cancerologia, estabelecendo ainda cursos teóricos e práticos de aperfeiçoamento e extensão universitária.

Animará, por outro lado, a criação de centros de tratamento, ligas e associações de estudo e combate à doença.

Organizará inquéritos sobre a maior ou menor freqüência do câncer em certas regiões do País e sobre os fatores que favorecem a sua propagação, principalmente sob o ponto de vista profissional.

A segunda obra é a da propaganda. Esta terá por finalidade atrair a atenção do público e dos médicos para diagnóstico precoce da doença – “pivô” de toda a campanha anticancerosa –, pois como já temos dito e repetido, o câncer é curável no início de suas manifestações.

Podemos afirmar que, se todos se convencessem do acerto desta proposição, o câncer figuraria nas estatísticas demográfico-sanitária com um coeficiente desprezível de mortalidade.

Esta propaganda far-se-á por meio de conferências, cursos, cartazes, folhetos, impressos, revistas, palestras radiofônicas, filmes etc., insistindo-se sempre na necessidade do conhecimento dos sinais suspeitos da doença e o exame médico imediato.

Finalmente a terceira obra é a de Assistência aos cancerosos – que por incuria, ignorância, negligência e falsos preconceitos, tendo chegado ao último período da doença, encontram-se na triste contingência de arrostar os seus sofrimentos pelos hospitais que, não dispendo de acomodações para acolhê-los, deixam-nos ao mais completo desamparo físico e moral.

Estes pobres incuráveis, desprovidos de todos os recursos, curtindo sofrimentos os mais atrozes, pedem apenas um teto para não morrer ao léu, um sedante para acalmar suas dores, um curativo para cobrir suas chagas!

Estamos certos de que a primeira organização deste gênero entre nós, a Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos, iniciativa do Dr. Mário Kroeff e seus colaboradores no Serviço Nacional de Câncer, será dentro em breve uma bela realidade, pois contando com o decidido apoio e a generosidade de vultos como Almeida Gonzaga e outros ilustres patrícios, tem à frente desse gran-

dioso monumento de solidariedade humana a figura inconfundível e por todos os títulos benemerita da primeira-dama do País, a Exma. Sr.^a Darcy Vargas, a alma dessa obra meritória, cujos benefícios imensos que já vem prestando à nossa coletividade precisam ser conhecidos e admirados por todos os brasileiros, como o maior exemplo de altruísmo e filantropia: a Legião Brasileira de Assistência.



*L*uta contra o câncer

Palestra realizada pelo Dr. Alberto Lima de Moraes Coutinho, chefe de Clínica do Serviço Nacional de Câncer, ao microfone da rádio Ministério de Educação e Saúde, em 16-1-1943

À primeira vista parece um contra-senso falarmos sobre a luta contra o câncer desde que ignoramos inteiramente a sua verdadeira causa. No entanto, podemos nos precaver de sua nefasta ação, visto conhecermos uma série de fatores ou circunstâncias que permitem o aparecimento do mal.

Justamente sobre estes elementos constituídos por estados orgânicos especiais, hábitos, vícios, práticas atentatórias às funções normais do organismo, à higiene corporal, à higiene de trabalho, deve recair a vigilância médico-sanitária como também no sentido do descobrimento de lesões passíveis de degeneração maligna ou mesmo lesões malignas iniciais.

É nesta programação que devemos, de modo geral, estabelecer um plano básico de luta ao câncer. Os efeitos benéficos que possa trazer uma campanha desta ordem baseiam-se quase exclusivamente em regimento educativo estrito de variedade e amplitude tão grandes só realizável sob o patrocínio direto do Estado. A ele cabe como obrigação precípua a vigilância intensiva das obrigações assumidas pelos vários órgãos de luta contra o câncer, para que se façam cumprir os dispositivos básicos de combate ao mal.

Toda a iniciativa anticancerosa, excluindo a parte concernente às pesquisas científicas, é

questão de ordem pública e se resume em educar para vencer. A educação neste setor deve abranger um vasto sentido sem o que nenhum fruto produzirá. Fundar-se-á, principalmente, nas condições gerais de higiene, que é a maneira mais eficaz de executarmos a profilaxia do câncer.

Ela deve assumir o aspecto profissional colocando os trabalhadores ao abrigo da ação de agentes chamados cancerígenos com os quais muitas classes habitualmente trabalham. Entre esses agentes citamos o arsênico, as anilinas, os derivados da hulha, a energia radiante como o sol, os raios X e o radium. Estabelecer para essas medidas protetoras individuais ou coletivas procurando anular os efeitos nocivos dos elementos citados e estabelecer para os trabalhadores horários, escala de férias especiais e exames médicos sistemáticos, com medidas dispensáveis à prevenção do câncer.

Todas essas iniciativas subordinam-se à higiene do trabalho. No que respeita a higiene individual, o assunto toma caráter igualmente importante. As medidas de asseio corporal não devem ser descuidadas. A falta de limpeza da pele motiva irritações de origem química e infecciosa que, em organismos predispostos pela velhice, deficiência vital e falta de pigmentação, são capazes de motivar afecções malignas da pele, mormente se nela houver cicatrizes viciosas, úlceras etc.

Entre os vícios mais comuns que se entregam os homens é o de fumar tão generalizado, que passou a categoria de hábito individual e social.

Os malefícios oriundos desta prática não são pequenos. Silenciando sobre as perturbações gerais que pode originar, mormente sobre o aparelho cardiovascular, localizaremos sua ação funesta na boca. A maioria absoluta dos cânceres dos lábios, língua e laringe aparecem nos fumantes inveterados e é a razão de sua grande freqüência nos homens e pouco achado na mulher. Provavelmente a ação irritativa química do tabaco não seja o único fator, devem concorrer também processos fermentativos bucais consecutivos à higiene defeituosa da boca tão comuns nas classes sociais modestas. O fumo, no entanto, tem sido considerado elemento cancerígeno de primeira linha por si só capaz de motivar o câncer bucal, como tem demonstrado as mais variadas experiências internacionais. O câncer bucal é dos mais graves; a cura é difícilíssima e rara, daí a necessidade de proscuremos de modo total o uso do tabaco. O álcool não lhe fica atrás e merece ser, outrossim, combatido.

A mulher deve encarar o fatalismo da sua vida como um prêmio à natureza e deverá zelar, carinhosamente, pelas funções criadoras que o destino lhe deu. A falta destes deveres dá motivo a desequilíbrios de ordem geral e local que originam no câncer. Assim, as mães que fogem à obrigação material de amamentar os filhos, com a idéia falsa de manterem a beleza do busto, dão um passo à frente em busca do câncer. O seio que dá leite não pode ser relegado. A nobreza das suas funções exige que a mulher utilize-se de sua pujança para o desempenho de uma tarefa que dura longos meses. Roubar-lhes as finalidades biológicas para que foi criado é senti-los, é perturbar a finura de sua estrutura, das suas funções sempre em interdependência estreita com o sistema glandular geral. Daí as estatísticas provarem, unanimemente, no domínio clínico e experimental, que o aleitamento normal é um dos fatores de prevenção ao câncer mamário. O contrário é preparar terreno para que o mal se insinue. O mesmo devemos dizer com respeito às funções de reprodução, ligados notoriamente, à esfera sexual. Os desvios que

neste setor registram-se amiúde, e que merecem repressão absoluta, dão margem a estados orgânicos predisponentes ao câncer. Parece-nos que as questões acima ventiladas concernentes aos cuidados individuais a serem tomados para a prevenção do câncer ficaram bem à luz. Todos, de modo geral, giram ao redor de regras elementares de higiene do corpo e também do espírito.

Quanto a esta, do seu aperfeiçoamento, depende a saúde do corpo porque só aqueles que têm “mens sana” possuirão “corpore sano”.

A educação sanitária é elemento primordial na campanha contra o câncer. Cumpre aos médicos ou associações médicas demonstrar ao público que o câncer não é absolutamente contagioso. Constitui doença do indivíduo e que com ele extingue se não for tratado.

É inteiramente infundado o horror que ainda existe entre profissionais e leigos do contágio do câncer. Firmada esta premissa, devemos fazer conhecidos certos estados como as inflamações crônicas, úlceras antigas, atenções persistentes de certos órgãos, principalmente os genitais da mulher, como elementos de aviso, de alarme, de aproximação provável do inimigo. Pugnaremos para a instituição dos exames periódicos gerais de saúde.

Quando o povo compreender o alcance desta salutar medida e afluir aos estabelecimentos destinados a tal fim ou procurar o seu médico particular, muito diferentes serão as estatísticas relativas à mortalidade pelo câncer. A maioria das lesões desta espécie em vez de ser vista pelo clínico em grau avançado e já longe dos recursos terapêuticos seria surpreendida em estado de pré-câncer ou de câncer inicial e curada. Far-se-ia deste modo o diagnóstico precoce. As associações de classe deveriam obrigar a exame periódico, sistemático dos seus associados, principalmente do sexo feminino. Tal regime foi feito alguns em mulheres de oficiais e soldados americanos. Entre as mil primeiras examinadas foram encontrados 9 casos de câncer e 200 lesões pré-cancerosas.

O câncer no início é doença local facilmente tratável e de cura certa. É preciso que gritemos aos quatro ventos esta verdade para que todos se convençam da necessidade real dos exames de saúde mesmo em estado de higidez aparente. Desde que não conhecemos a essência do mal, não sendo possível dominá-lo de modo eletivo, procuremos atingi-lo nas suas formas iniciais, facilmente vulneráveis pela cirurgia e irradiações.

Ao lado do desempenho, mais técnico, como acabamos de registrar e que cabe à pessoa do médico, temos a educação popular à mercê da propaganda. Educar um povo é pô-lo em defesa e colocá-lo em condição de vencer. A propaganda para dar resultado suficiente deve ser sistemática, constante e duradoura. Todos os meios capazes de suscitar interesse e despertar a atenção do povo devem ser aproveitados. Os cartazes espalhados nos logradouros de maior movimento – escolas, exposições gerais, fábricas, veículos, jornais, revistas – e sob a forma de cartões-postais são de grande utilidade. É preciso que assumam um caráter simbólico e deixem antever nos seus dizeres sumários a verdade dos fatos. Proclamarão: O câncer quando tratado no início é curável! Só a ciência é capaz de curar o câncer! Previnam-se contra o charlatanismo! O tempo é fator importante para a cura do câncer!

Palestras e conferências sobre a educação sanitária divulgadas à *larga manus* pela imprensa, pelo rádio, aliadas às produções cinematográficas constituem outros meios de irrefutável valor. A instituição anual da “Semana do Câncer” sob o patrocínio do Ministério da Educação e Saúde, com a adesão de instituições privadas, baseada em ensinamentos práticos, seria medida adotável, produtiva e convincente.

No grande problema da luta contra o câncer há uma questão deveras angustiosa. Somente um terço dos casos de câncer consegue cura e os outros dois terços evoluem indubitavelmente para a morte. São os incuráveis. Onde abrigá-los? Os hospitais não os recebem, os asilos também não.

E por onde andar estes desgraçados? Em suas próprias casas são repudiados, e como a maioria é constituída pelos párias da sorte, além do desconforto moral, morrem dilacerados pelos sofrimentos. O canceroso extingue-se em condições diferentes dos outros enfermos. Se alguns decaem em letargia, o comum é sucumbirem em dores atrozes após ouvirem com estoicismo as promessas enganadoras de uma cura que nunca chega. Por fim tendo a certeza de sua incurabilidade muitas dizem: Doutor, estas chagas não fecham? Este sangue não pára? As minhas forças não voltam? Sim, tudo terminará, bem o sabemos, quando a morte baixar.

Para esses desafortunados, cumpre aos sãos, aos fortes, aos ricos a cooperação afetiva e religiosa, no sentido estritamente humano de construir um abrigo onde possam expirar os incuráveis, livres das suas dores, sem o cheiro nauseabundo de suas feridas, sem o desamparo afetivo e cristão. Onde virá a iniciativa bendita cheia de luz, de energia que na doçura da piedade consiga erigir um asilo para os cancerosos desenganados? Bem quiséramos nós, que estamos a ouvir e sentir a todo o instante as queixas dos perdidos, que coubessem aos fadados da fortuna estas verdadeiras obras do calvário.

Entre nós, o Dr. Mário Kroeff iniciou campanha intensiva neste sentido, movido pela necessidade imperativa de assistir, de acordo com a sua índole cristã, os cancerosos à margem da ciência, fundando a Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos. O movimento inicial tomou grande vulto, para depois gradativamente baixar a ponto de, já decorridos 4 anos, não haver fundos suficientes para serem postas em andamento as obras do asilo. Nós deixamos aqui bem evidentes ao lado dos preceitos gerais da luta contra o câncer o quanto necessitamos albergar os desenganados. Eles saberão agradecer na tranqüilidade dos seus leitos, onde esperarão o momento da consunção, o óbulo que lhes fora dado. E Deus encherá de bênçãos aqueles que na santidade do

seu sentir por Ele, pelos que sofrem, e por si mesmo, compartilharem na meritória obra de confortar os que expiram devorados pelo câncer.

O Serviço Nacional de Câncer muito há feito em todos os setores e sob múltiplas formas, ao combate sistemático do câncer, quer procedendo o tratamento dos casos aproveitáveis, quer intensificando a educação popular. O seu trabalho tem

sido constante e eficiente. Nós, em breve, estaremos mais bem aparelhados para lutar com mais ardor e garantia contra o flagelo do câncer, que a despeito de todos os esforços humanos, ainda não pode ser vencido. É preciso que tenhamos sempre em mente os ditames expressos nesta palestra, porque só assim levantaremos um dique ao avanço progressivo e rápido do câncer.

M. E. S. - D. N. S.

SERVIÇO NACIONAL DE CANCER



LUTAI

CONTRA O CANCER



A luta contra o câncer nos Estados Unidos

Palestra realizada em Nova York pelo Dr. Mário Kroeff, diretor do S. N. C. no microfone do Instituto Brasil-Estados Unidos em 8-2-43.

O câncer é encarado na América do Norte como um verdadeiro espantalho. Todos reconhecem que esta doença ceifa aos milhares a sua gente e conserva até agora ocultos seu modo de destruir o ser humano, sua preferência na escolha das vítimas e sua crueldade no extinguir uma vida.

O povo americano que embala o ideal de perfeição na saúde e na raça, vive na inquietação constante da presença deste inimigo e acautela-se contra o mal. É o público que tem a noção e se instrui sobre os meios de defesa; são os homens de ciência na faina dos laboratórios; são as sociedades médicas que tomam atitude em face de um perigo iminente; são os homens de fortuna que fazem doação para combater o flagelo; são os governos que, na responsabilidade de orientar os destinos dos povos, criam institutos poderosos para estudo da doença e amparo das vítimas do mal; enfim, são as máquinas que aperfeiçoam seus meios de cura; é a cirurgia que esmera a técnica de erradicar a doença; todos convictos de que nesta luta sem tréguas a vitória há de caber a perseverança humana.

De fato, todas as forças sociais mobilizaram-se para enfrentar um inimigo comum, cujo fantasma aparece em primeira linha nos coeficientes de mortalidade americana, com 153 mil vítimas anuais, logo depois das doenças do coração que

fazem 360 mil mortes, por ano, naquele país. E, confiantes nos recursos de que dispõem para o tratamento da doença, as Sociedades Médicas Americanas difundiram pelo país inteiro a noção de que o câncer é curável.

Encarregou-se deste mister uma organização particular, cujo papel tem sido de largo alcance na educação do povo, levando, diariamente, o diagnóstico e tratamento a uma multidão esclarecida. É “Sociedade Americana para Controle do Câncer”.

Por si mesma, ela não trata os doentes, nem administra clínicas ou laboratórios de pesquisa. Seu fim principal é poupar vidas pela educação.

As autoridades em cancerologia afirmam que um terço ou até mesmo a metade das criaturas que se perdem por câncer poderia ter sido salva, se fosse feito o diagnóstico e tratamento precoce da doença.

Para as mulheres de mais de 35 anos de idade não há doença que por si só faça maior número de vítimas do que o câncer.

Cada indivíduo deve ter uma noção sobre a doença para poder conhecer os sinais, pelos quais ela se manifesta, e procurar o médico precocemente.

Em certas localizações – mama, útero, boca, pele –, o câncer pode ser curado em 3 vezes sobre 4, se for tratado em tempo, ao passo que não o será, nem mesmo 1 vez sobre 5, se for atendido tardiamente.

Para execução do programa educacional do público em geral a “Sociedade Americana para Controle do Câncer” confiou na mulher. Formou em 1936 uma legião, que conta hoje com mais de 225 mil soldados da educação, pioneira na ligação do público com a medicina para combater o câncer.

Esta legião pacífica de mulheres estabeleceu-se em quartéis gerais, distribuídos por 47 Estados da América. Seu principal objetivo é alistar o maior número de mulheres na campanha do inimigo comum, com a contribuição de um dólar mensal e com a obrigação de se tornarem informadas a respeito dos sinais reveladores do câncer para poderem, elas mesmas, tomar a responsabilidade de espalhar essas noções aos membros da sua família e aos seus amigos pessoais.

São milhares de vozes que falam, explicam e aconselham, difundindo a educação, no interesse de cada um, que por sua vez escuta e passa adiante tudo o que aprendeu a respeito do inimigo.

No câncer, como em outras doenças, a ignorância, o medo e o tempo perdido são os aliados do mal e os inimigos da cura.

A chave do problema está na ação pronta.

Nunca esperar pelas dores, que em geral aparecem quando o câncer já não é mais curável.

O exame médico sistemático e periódico, no mínimo uma vez por ano, depois de 35 anos de idade, é o caminho mais certo para se descobrir o câncer no seu início.

Se houver algo suspeito, consulte-se o médico assistente.

Por outro lado, ainda como resultado da propaganda, o governo americano compenetrando-se de que o câncer constitui um problema nacional e decretou medidas de profilaxia, tomando por si mesmo providências em favor da assistência aos necessitados e em relação à pesquisa científica para colaborar com as Sociedades Médicas que tomam a si, nos Estados Unidos, o encargo das

campanhas nacionais, quer sejam sanitárias ou educacionais.

Em março de 1928, o congresso americano aproveitou uma mensagem do presidente Roosevelt, solicitando o direito de fazer uma proclamação ao povo dos Estados Unidos. Desejava convidá-lo a colaborar na luta contra o flagelo, que custa anualmente milhares de vidas, amadurecidas no trabalho da nação.

E as palavras de Franklin D. Roosevelt tiveram eco no país inteiro, pondo de sobreaviso os homens e mulheres, a respeito do diagnóstico e do tratamento precoce do câncer, na defesa de cada um.

Concitou os governadores dos Estados, Territórios e Possessões dos Estados Unidos, os agentes locais, a profissão médica, os *leaders* científicos, os grupos civis, os órgãos informativos do povo, quer sejam da imprensa, do rádio ou do cinema, a considerar o mês de abril como o mês do combate ao câncer, e a cooperar com a Sociedade Americana de Controle do Câncer, para disseminar noções sobre os sintomas precoces da doença e para espalhar informações sobre os locais onde funcionam as clínicas de tratamento criadas pelo governo.

Conclamam, ainda, homens e mulheres da nação, especialmente os maiores de 35 anos de idade, sempre sujeitos a um ataque inesperado da doença, a reservar um pouco de tempo, durante o mês de abril, para obter um exame físico completo no sentido de se descobrir algum sinal premonitório do câncer, que possa ser detido ou eliminado a tempo.

Esse simples ato, por parte de cada indivíduo – reafirma publicamente o presidente da grande nação –, “terá profundo alcance na prevenção do sofrimento e na salvação de milhares de vidas que se vão perder inutilmente”. Sobre isso – termina o *leader* esclarecido –, eu aponho a minha assinatura e gravo o símbolo dos Estados Unidos da América”.

No "broadcasting" de Washington

Dr. Mário Kroeff – Diretor do Serviço Nacional de Câncer, em junho de 1943

Apesar de não falar bem o espanhol, não pude me furtar ao convite para dizer algumas palavras ao microfone da divisão de rádio do Coordenador dos Negócios Interamericanos.

Será uma voz a mais que se ajunta nesta esplendida orquestra de sons que hoje cruza continuamente os céus das Américas, construindo a solidariedade continental. Será a emoção de mais um habitante deste hemisfério para vibrar na edificante harmonia de sentimentos que hoje se ergue pelos ares das Américas, cantando hinos de liberdade.

Enfim, será mais uma palavra na corrente de mensagens que partem da América para as Américas, numa mutua compreensão de idéias e de propósitos.

Nós os médicos, mesmo na guerra, só podemos ter palavras de paz porque nos habituamos a praticar o bem, a ter condescendência para com os que sofrem. Cultivamos, mais que quaisquer outros, o ideal de humanidade e do bem-estar coletivo. Para nós, merecem especial cuidado os doentes, os fracos, os humildes e os abandonados.

Nossa bandeira tem sido a Cruz Vermelha, que ampara e alivia sem distinção de raça nem de credo. É a cruz, pelo bem da humanidade, através da medicina. Não haverá melhor bandeira do que essa para servir na paz como tem servido na guerra.

Vim a este país, a serviço de meu Governo, procurando meios para melhorar a saúde de nossa

gente. Como diretor do Serviço Nacional de Câncer no Brasil, tive a incumbência de adquirir algumas gramas de radium, este precioso elemento terapêutico, tão necessário na luta contra o câncer.

Meu país está empenhado em dar combate a este mal terrível que vem preocupando os homens de ciência e os poderes públicos. O Serviço Nacional de Câncer, recentemente criado pelo Presidente Vargas, tem raio de ação em todo o território nacional, não só para estabelecer a educação do público em relação aos sinais premonitórios do mal e ao valor do tratamento precoce, como também para orientar, controlar, auxiliar e mesmo executar este tratamento em maior número possível de atacados de lesões cancerosas. Neste sentido estudei toda a esplêndida organização da luta contra o câncer dos Estados Unidos e levo farto cabedal de observações e exemplos para pôr em prática no meu País em benefício dos necessitados.

Para resumir minhas observações em três palavras, digo que existem nos Estados Unidos 370 clínicas para tratamento do câncer, 4 mil casos de cura permanente registrados no Colégio Americano de Cirurgiões nestes últimos anos. A Sociedade Americana para Controle do Câncer tem em ação 225 mil mulheres empenhadas na educação do público a respeito da doença. São milhares de vozes que falam, explicam e aconselham, difundindo a educação no interesse de cada um que por sua vez escuta e passa adiante tudo o que aprendeu a respeito do inimigo comum.

São verdadeiros soldados da educação, abnegadas pioneiras na ligação do público com a medicina para dar combate a este inimigo da humanidade, que ronda constantemente a vida humana e ataca traiçoeiramente, com manifestações disfarçadas.

Também nos laboratórios acha-se empenhada outra luta – a luta silenciosa da pesquisa, da química, da experimentação nos pequenos animais.

E, nesta luta pacífica do microscópio, a vitória deve fatalmente caber à inteligência humana, tal como hoje na luta pelas armas a vitória tende para a causa da civilização.

Se me permito usar as palavras do grande presidente americano e abusar do seu nobre idealismo, eu diria, é uma nova liberdade a ser conquistada pela geração atual: *Freedom from cancer*.

E, no magno problema, a humanidade tem os olhos voltados para os laboratórios da América.

Uma outra missão que me trouxe a este país foi à aquisição do equipamento para um grande hospital, construído recentemente no Rio de Janeiro, com 650 leitos. Destina-se esta instituição a prestar assistência médica aos Servidores do Estado, aos empregados civis que servem na administração pública do Brasil, nas mesmas condições em que são atendidos pelos Poderes Públicos aqueles que constituem as forças armadas do País. Pela po-

lítica do Presidente Getulio Vargas, pode-se dizer que hoje no Brasil não há mais um só indivíduo que trabalhe sem pertencer a uma organização de classe, a uma instituição cooperativista que lhe assegure assistência médica em caso de doença, velhice ou invalidez. As Caixas de Aposentadorias e Pensões ao trabalhador e à sua família já abrangem todos os setores da atividade humana.

Temos serviço médico organizado para atender à classe dos comerciários, dos industriários, dos marítimos, dos portuários, diante uma pequena contribuição mensal do empregado, do empregador e do Governo. As últimas criadas foram as Caixas de Aposentadorias e Pensões dos Trabalhadores Rurais. Para os funcionários civis da União, vim aos Estados Unidos adquirir o material necessário ao equipamento do Hospital dos Servidores do Estado, que pretendemos orientá-lo nos moldes da organização americana que inegavelmente pode servir de modelo em qualquer parte do mundo.

Para terminar, eu direi que não há quem visite os Estados Unidos sem que saia encantado com a sua imensa riqueza, o seu vigoroso progresso, a sua sólida civilização.

A julgar pelo gigantesco esforço de guerra, tem-se a impressão de que a vitória é certa, para tranquilidade do continente americano.



M

No "broadcasting" de Washington, o diretor do S. N. C. transmite suas impressões sobre a luta contra o câncer nos Estados Unidos.

Relação de palestras radiofônicas realizadas pelos assistentes do S. N. C.

Ação das irradiações no câncer	Dr. Osolando Judice Machado
Câncer e charlatães	Dr. Francisco Fialho
Lesões pré-cancerosas	Dr. João Bancroft Vianna
Câncer e dor	Dr. Turibio Braz
Da cooperação popular na luta contra o câncer	Dr. Jorge de Marsillac
Um exército de mulheres na luta contra o câncer	Dr. Alberto Coutinho
Conselhos e preceitos sobre o câncer	Dr. Sergio de Barros Azevedo
Necessidade da criação do “mês do câncer”	Dr. Luiz Carlos de Oliveira
Haverá idade para o câncer?	Dr. Antonio Pinto Vieira
Hereditariedade no câncer	Dr. Claudio de Barros Barreto
Divulgação dos meios de combate ao câncer	Dr. Egberto Penido Burnier

Educação - base da defesa contra o câncer

Reprodução de um folheto de propaganda editado pelo S. N. C.

O Serviço Nacional de Câncer, editando o presente folheto, tem por objetivo transmitir ao público conhecimentos indispensáveis à sua defesa contra uma doença que tantos malefícios vem trazendo à humanidade!

Todo indivíduo deve possuir noções gerais sobre o câncer, a fim de se habilitar a reconhecer os sinais pelos quais ele se manifesta. E sabido que, em grande percentagem dos casos, a doença é curável em seu período inicial.

O problema é de tal importância que, na América do Norte, onde os cuidados de higiene e prevenção contra as doenças constituem a máxima preocupação do povo, formou-se uma legião de mulheres com a finalidade de arregimentar, numa verdadeira cadeia de saúde, o maior número possível de adeptos na luta contra o inimigo comum.

As participantes dessa agremiação assumem o compromisso de conhecer os sintomas reveladores do câncer e tomam a si a responsabilidade de difundir entre as pessoas de sua família as noções que adquiriram.

São milhares de vozes que falam, aconselham, explicam.

São palavras de educação que certamente repercutem entre os ouvintes, empenhados na proteção da própria saúde e dos entes que lhes são caros.

Os princípios de eugenia e os de preservação da saúde acham-se de tal modo integrados no

espírito americano que eles espontaneamente se submetem a exame completo do organismo, de tempo em tempo, mesmo na ausência de qualquer sintoma, a exemplo do que se faz com as máquinas, cuja revisão é sempre necessária, a bem do perfeito funcionamento.

Só assim é possível confirmar ou alastrar a suspeita de um mal que se inicia insidiosamente.

Atentai bem para os conselhos e as instruções aqui consignadas em obediência ao lema: "Educar para vencer".

O câncer e suas causas

O câncer revela-se geralmente pelo aparecimento de um nódulo ou ulceração em qualquer parte do organismo, com tendência a perdurar ou a crescer.

No início, tudo é vago, impreciso, discreto, não havendo mesmo sintomas dolorosos a despertar a atenção do doente. Daí a insidiosidade do mal.

Nenhum problema médico atrai maior curiosidade do público em geral do que este da origem do câncer.

Os homens de ciência, por sua vez, consomem a existência, na faina dos laboratórios, à procura das causas do mal, tendo sempre em vista o bem da humanidade.

A causa primária dessa irremultiplicação intensa e anormal, em determinado ponto do organismo, das células que compõem os tecidos dos seres vivos, sejam animais ou vegetais.

A causa primária dessa irregularidade na multiplicação celular, que se tornou desordenada, anárquica, acelerada, fugindo às normas gerais da biologia, escapa ainda às explicações da ciência.

A formação, inicialmente, é de caráter local e assim permanece por algum tempo, seguindo o seu curso mais ou menos lento, sempre com ameaça de disseminação em outros órgãos distantes do ponto primitivo.

Surpreendida a lesão e atacada nesta primeira fase localizada, antes de se processar a generalização, a doença é curável pelos meios atuais da medicina.

Cada dia surgem novas aquisições no terreno científico para melhorar os métodos de tratamento e para esclarecer certos fatos que contribuem para o aparecimento da doença.

Assim, o papel das irritações é da maior importância.

Qualquer fator irritativo, por mais banal que seja na aparência agindo de modo contínuo e persistente sobre determinada região do corpo, pode ser ponto de partida para formações malignas em indivíduos susceptíveis ou predispostos.

Por exemplo, o câncer da pele aparece de preferência na face e no dorso das mãos, regiões sempre expostas às intempéries, aos traumatismos, ao sol e às irritações mais diversas.

O fumo e o álcool são outros tantos fatores irritativos, capazes de despertar o aparecimento do câncer da boca e das vias aéreas superiores.

É de salientar-se o perigo da ingestão de alimentos demasiadamente aquecidos.

Nos laboratórios, tem-se conseguido provocar o câncer nos animais por meio de repetidas pincelagens de alcatrão, demonstrando-se assim a grande importância dos agentes químicos na cancerização.

Conhecem-se hoje centenas de produtos tidos como cancerígenos quase todos derivados da hulha.

Interessante é que sua estrutura química apresenta semelhança com a de certas substâncias que

entram na alimentação do homem ou que fazem parte dos hormônios e outros princípios circulantes no organismo humano.

O câncer é curável?

Eis a pergunta que a humanidade apreensiva vem fazendo por toda parte, através de todos os tempos.

Certamente não podemos comparar os processos de cura, usados pela medicina de outrora, com os modernos recursos da ciência de hoje. Faz menos de um século que operamos os nossos doentes, transportados ao reino da inconsciência sob o sono benéfico da anestesia, sem necessidade da contenção pela força, sem os martírios do ferro em brasa ou da faca a sangue frio, usados pelos nossos antepassados. São da época de Pasteur os progressos da assepsia. E datam de alguns anos apenas as descobertas de Roentgen e Madame Curie, que marcaram um avanço decisivo no tratamento do câncer e no progresso geral da medicina: em 1899, os raios X; e em 1903, o radium.

E neste meio século, a ciência tem melhorado os seus métodos de pesquisa e a medicina aperfeiçoando enormemente os seus meios de cura, para orgulho da geração atual. Em 35 anos de trabalho experimental nos laboratórios, a humanidade aprendeu muito mais a respeito do câncer do que em todos os séculos de empirismo já transcorridos.

Graças aos recursos que a ciência atualmente dispõe, para o tratamento da doença, afirmam as autoridades no assunto, que um terço ou até mesmo metade das criaturas vitimadas anualmente pelo câncer poderia ter sido salva se fosse submetida a tratamento precoce.

Na América do Norte, o Colégio Americano de Cirurgiões mantém um registro dos doentes curados há mais de 5 anos. Existem já 46 mil casos confirmados de cura persistente, com documentação irrefutável, fornecida pelos hospitais que os trataram. Em pouco, subirá a cifra a 100 mil, se lembrando que este registro data de alguns anos apenas.

Há até mesmo em Nova York um clube fundado em 1938 pelos “curados de câncer”, cuja finalidade é mostrar aos descrentes o valor da medicina de hoje.

Não há dúvida de que o câncer em seus períodos iniciais é curável pela cirurgia, raios X ou pelo radium, únicos recursos até agora considerados como de real valor terapêutico.

O Serviço Nacional de Câncer já conta com grande número de casos curados há mais de 5 anos e controlados periodicamente até a presente data.

Acham-se aí incluídos tumores das mais diversas localizações, tanto externas como internas: pele, lábio, língua, laringe, estômago, reto, útero, mama etc..

As condições essenciais de cura dependem de dois fatores: diagnóstico precoce da doença e uso das metas adequadas de tratamento. Toda delongagem com o emprego de outros processos só poderá contribuir para perda de tempo precioso e da ocasião oportuna. Uma vez o mal adiantado, quase nada encontrará o doente em seu favor, porquanto transpostos foram os limites da curabilidade.

Os grandes aliados do câncer

Nem sempre o câncer é o maior culpado pelas conseqüências funestas que decorrem de sua invasão progressiva no organismo. Seus maiores aliados são:

A ignorância, a negligência e o medo

Ignorância, em atribuir-se o mal a causas sem importância, preferindo o conselho ou a consulta de amigos entendidos, charlatães ou curandeiros.

Ignorância, em procurar tratamento por conta própria, através de anúncios de jornais, com xaropes, pílulas, injeções, depurativos, benzeduras, “passes” etc.

Negligência, em face de certas manifestações suspeitas, adiando por desleixo ou motivos injustificáveis o exame esclarecedor, que seria hoje providencial e amanhã inútil.

Medo infundado, de não querer encarar a realidade dos fatos, deixando crescer um mal sem o devido tratamento.

Medo, de procurar o médico à idéia de uma suspeita que poderia ser confirmada.

Medo, de submeter-se a tratamento cirúrgico ou radioterápico, tantas vezes salvador, quando praticado a tempo.

É preciso ter presente que toda lesão cancerosa segue marcha progressiva e invasora, se não for detida pelo tratamento.

Fazei-vos examinar periodicamente em caso de dúvida e mesmo na ausência de qualquer sintoma suspeito.

Nas páginas que se seguem, os leitores encontrarão, de modo sumário, os sintomas iniciais das principais localizações do câncer no corpo humano.

Localizações principais

Câncer da pele

O câncer da pele é de extrema freqüência. Se não for tratado a tempo, estende-se em superfície e forma profundas raízes nos tecidos, dificultando a cura.

De modo geral, os tumores malignos da pele desenvolvem-se sobre certas formações preexistentes, tais como manchas, verrugas, eczemas crônicos, cicatrizes antigas, escamas dos velhos. Podem aparecer em qualquer parte do corpo, mas, de preferência, localizam-se na face. Iniciam-se por pequenos nódulos, ulcerações ou intumescimentos que, no fim de algum tempo, transformam-se em feridas, mais ou menos extensas.

A tendência do doente é arrancar as pequenas crostas que aparecem, resultando sempre formação de novas camadas crostosas. Com estas alternativas, a ferida cresce gradativamente, sem tendência à cicatrização.

Assim, toda ulceração persistente que resistir aos tratamentos habituais deve ser considerada lesão suspeita.

Em tais casos, procurar sem demora um serviço especializado, para que se proceda a exame rigoroso.

Nada de aplicações de pomadas ou pós anti-sépticos, antes de se afastar a hipótese de câncer. Às vezes, torna-se necessária a retirada de pequeno fragmento do tumor para confirmação da suspeita, por meio do microscópio.

Ainda em relação ao câncer da pele, deve-se chamar especial atenção para o perigo da transformação cancerosa de certas manchas escuras de nascimento, os grãos de beleza, os *naevus*... Estes sinais da pele não devem ser tocados com substâncias cáusticas ou irritantes.

Os sintomas de degeneração maligna dessas pequenas formações cutâneas manifestam-se pela modificação do seu aspecto. Tendem a crescer e sangram com facilidade. Em geral, desenvolvem-se na face, nas mãos e nos pés, e logo ocasionam enfartamento dos gânglios vizinhos. Este grave tipo de câncer da pele, *naevo* – carcinoma, se não for tratado a tempo, acaba por invadir rapidamente o organismo, desfazendo qualquer esperança de cura.

Câncer do lábio

Inicia-se o câncer do lábio, geralmente, por leve rachadura ou pequeno botão vegetante que logo se reveste de crosta.

A tendência dos feridos destas lesões labiais é arrancar a crosta, resultando daí pequena ferida, sujeita a sangramento.

A lesão recobre-se depois de novas camadas crostosas e assim, sucessivamente, vai crescendo até formar grande ulceração. Em período um pouco mais avançado, já aparecem gânglios ingurgitados, espalhando raízes pelo pescoço.

Outras vezes, o câncer desenvolve-se sobre placas esbranquiçadas do lábio, quando irritadas pelo fumo, pelo álcool ou por outras substâncias químicas, a título de cauterização.

O câncer do lábio cura-se numa grande percentagem quando tratado a tempo e convenientemente pela cirurgia, radium ou raios X.

Câncer da língua

O câncer da língua aparece geralmente com o aspecto de afta banal ou de simples rachadura, ou ainda, de pequena ferida, resultante de escoriação provocada por ponta de dente cariado.

Às vezes, é mesmo uma ferida superficial mantida por irritação dentária, que acaba degenerando em lesão maligna.

Em outras condições, é o fumo ou o álcool que transformam em câncer placas crônicas e esbranquiçadas, existentes na boca de certos fumantes inveterados ou então nos portadores de sífilis terciária antiga.

Em face de qualquer formação suspeita da boca, procurai exame médico.

Câncer da laringe

Uma das primeiras manifestações do câncer da laringe, quando ataca as cordas vocais, é a rouquidão.

Em certos tipos de lesão, a doença permanece silenciosa durante muito tempo, dando apenas a perceber sua existência pelo aparecimento de gânglios enfartados no pescoço.

Só o especialista, por meio de espelhos e outros aparelhos apropriado, é capaz de descobrir as lesões iniciais da laringe. Na idade madura, em caso de sintomas suspeitos de lesão interna da garganta ou da laringe, nunca perder tempo com o uso de gargarejos, tisanas e xaropes, na suposição de que o mal resultou de resfriados ou gripes mal curados.

Os transtornos da respiração e os fenômenos dolorosos provocados pelo câncer da laringe só aparecem tardiamente, quando já se tornaram diminutas as possibilidades de cura. O câncer da laringe pode ser tratado pela radioterapia ou pela cirurgia.

Câncer do pulmão

A localização do câncer no pulmão tem sido reconhecida com maior freqüência, nos tempos atuais, graças aos métodos mais exatos de diagnóstico de que dispõe a medicina contemporânea.

A incidência do câncer pulmonar parece estar aumentando. Atribuiu-se este fato aos progressos da vida moderna. É que os habitantes das grandes cidades estão hoje continuamente sujeitos à irritação pulmonar provocada pela respiração de ar viciado com poeiras e partículas de alcatrão, provenientes das fábricas, do asfalto das ruas e dos gases emanados dos carros-automóveis.

O câncer do pulmão confunde-se com a tuberculose, e o seu diagnóstico não é fácil na fase inicial.

Tosse, escarros freqüentes, dores nas costas constituem os principais sintomas da doença, que os raios X podem confirmar.

Aproveitai vossas horas de lazer, vossas folgas semanais, procurando respirar o ar puro e oxigenado dos campos e das montanhas, sempre benéfico aos órgãos pulmonares e à saúde em geral.

Câncer da mama

O câncer da mama constitui um dos tumores malignos mais freqüentes na mulher. As garantias de cura estão na razão direta da precocidade com que for feito o diagnóstico. Quanto mais cedo for descoberta a lesão mamária em formação, tanto maiores serão as possibilidades de cura, oferecidas pela medicina moderna.

Bom hábito de higiene para as mulheres seria a própria inspeção dos seios pela palpação periódica, tendo em vista surpreender quaisquer anormalidade, tais como escoamento sanguíneo, presença de pequeno nódulo ou endurecimento em determinado ponto da glândula.

Em tais eventualidades, só o médico é capaz de verificar, se se trata de um tumor benigno ou maligno. Às vezes tornam-se necessários exames de laboratório para confirmar ou afastar as suspeitas,

ditando providências imediatas. Nunca protelar por temores ou dúvidas um exame que pode trazer tranqüilidade ou salvação. Quantas vidas não se salvaram com o tratamento adequado e oportuno? Para os grandes males, grandes remédios.

Muita vez, a terapêutica deve ser radical, pois do contrário a doença seguirá seu curso progressivo, transformando o seio em chaga dolorosa e alastrando raízes internamente. A cirurgia, quando praticada precocemente e completada pelos raios X, é capaz de curar a maior parte dos casos.

Câncer do útero

Os cânceres do útero e da mama formam quase a totalidade de tumores malignos das mulheres que atingem a idade madura. Só por estes dois órgãos, o sexo feminino paga pesado tributo à ceifa do câncer.

Sabe-se, de outro lado, pelas estatísticas, que o câncer uterino, em seu período inicial, é susceptível de cura, numa grande porcentagem.

Compreende-se, daí, a importância de reconhecimento precoce da doença.

Toda cautela e vigilância a este respeito é aconselhável, pois que insidiosos são os primeiros sintomas do mal. Na idade crítica, as perdas sanguíneas ou de qualquer outro aspecto, mesmo discretas e desacompanhadas de dores, requerem exame ginecológico imediato.

Em qualquer idade, torna-se suspeito todo fluxo sanguíneo fora das épocas normais. O melhor meio de surpreenderem-se as lesões silenciosas seria o exame ginecológico procedido periodicamente.

Mesmo na ausência de qualquer manifestação para o lado do aparelho genital, mormente na época da menopausa, as mulheres devem fazer-se examinar de 6 em 6 meses.

O medo, o infundado pudor e os falsos preconceitos concorrem para a progressão do mal, que aparece silenciosamente e só provoca sintomas dolorosos nos últimos períodos da doença.

Câncer do estômago

O estômago constitui órgão de predileção para o câncer. Figura nas estatísticas com grande número de vítimas. Se excluirmos os tumores da boca, vem o estômago, como sede mais comum das lesões malignas, entre os homens.

Todo indivíduo, que, depois dos 40 anos de idade, sem causa justificável, apresentar sensações de peso no estômago, repugnância a certos alimentos, falta de apetite, dores gástricas, enjôo e mesmo vômitos deve consultar o médico para comprovar as suspeitas de um mal em formação.

Outras vezes, a doença, com discretos distúrbios gástricos, manifesta-se por alterações do estado geral: perda de peso, abatimento, cansaço, anemia...

Em face de qualquer destes sintomas, deve-se procurar imediatamente um serviço especializado para exame minucioso. Só a radiografia permite diagnóstico precoce das lesões gástricas. Nunca recorrer, por conta própria ou por conselhos de

outrem, a regimes dietéticos, estações balneárias, drogas anunciadas, que só podem contribuir para a perda de tempo e, conseqüentemente também, para a perda das possibilidades de cura.

O tratamento do câncer do estômago é exclusivamente cirúrgico.

Câncer do reto

O câncer do reto deve merecer de todos o maior cuidado. É dos mais insidiosos e traiçoeiros. Seu aparecimento e sua evolução fazem-se surdamente mantendo os indivíduos atacados em estado geral satisfatório. Muitos chegam, por isso, demasiado tarde ao especialista. É comum atribuir-se as primeiras manifestações do mal a simples hemorróidas.

Nunca perca tempo ouvindo conselhos de leigo, aceitando receitas avulsas ou supositórios. Procure imediatamente um médico que poderá reconhecer a doença por um simples toque retal ou ainda melhor, um especialista, para confirmar ou afastar a hipótese de câncer, por meio de aparelhos apropriados.

Conselhos do Serviço Nacional de Câncer

O câncer é curável se for tratado a tempo.

As manifestações iniciais são discretas e variam com as múltiplas localizações que pode tomar a doença no corpo humano.

Desconfie dos pequenos tumores cutâneos que tendem a aumentar ou que se ulceram (nódulos sinais...); das ulcerações persistentes da língua ou dos lábios; dos endurecimentos da mama, mesmo indolores; de toda a perda sanguínea sem causa aparen-

te, mormente nas mulheres na época da menopausa; dos transtornos digestivos persistentes; das alterações permanentes da voz (rouquidão) etc.

Faça exames de tempo em tempo, mesmo na ausência de qualquer sintoma para descoberta de possíveis lesões, na sua fase inicial.

O Serviço Nacional de Câncer atende para exame a qualquer pessoa atacada de lesão suspeita, aconselhando a terapêutica indicada.

Filmes de propaganda

Luta contra o câncer

Serviço Nacional de Câncer
Correio da Manhã, Rio, 17-6-1942

Tendo sido noticiada a exibição gratuita de um filme nacional de longa-metragem, versando sobre a “Luta contra o câncer na história da medicina”, fomos ouvir o diretor do Serviço Nacional de Câncer, Dr. Mário Kroeff, cujo nome aparece como supervisor desta produção cinematográfica.

“Como diretor do Centro de Cancerologia, hoje transformado em Serviço Nacional de Câncer, com raio de ação em todo território nacional, cumpre-me a pesada tarefa de encarar o problema sobre os seus múltiplos aspectos: tratamento, assistência, profilaxia, pesquisa, propaganda e educação popular. A educação, sobretudo, é da mais alta importância para a realização do tratamento precoce.

De fato sabendo-se que o câncer, no início, é doença local e suscetível de cura pelos meios usuais, já consagrados pela experiência – cirurgia, radium, raios X –, conclui-se facilmente que a base de toda campanha anticancerosa deve assentar no tratamento precoce. Esse só será possível em larga escala, atraindo-se o público ao diagnóstico precoce, ao exame médico periódico e sistemático, e chamando-lhe constantemente a atenção para certas manifestações que levam a suspeita da doença. Impõe-se, por conseguinte, vasta campanha educativa.”

Valor de um filme educativo

“Entre os meios de difusão dos nossos conhecimentos ressalta o cinema, inegavelmente, como um dos melhores, ao lado da imprensa e do rádio, gravando os fatos objetivamente na memória visual dos espectadores. Veio-nos daí a idéia de um filme. A princípio simples short, pois não dispúnhamos de verba no Serviço para este fim. Posta a idéia em execução, verificamos, desde logo, que não cabiam num pequeno filme todos os aspectos capazes de perfazer a nossa finalidade de mostrar tudo o que o público deve conhecer a respeito do câncer.

Superando enormes dificuldades técnicas e financeiras, resolvemos levar a efeito uma película de longa-metragem para focalizar a história do câncer fazendo perpassar, em largos lances, toda a evolução da medicina, desde os tempos mais remotos até as grandes descobertas de nossos dias, tais como estudos anatômicos, circulação do sangue, microscópio, anestesia, assepsia, raios X, radium, enfim, os prodígios da cirurgia moderna.

Era também de capital importância mostrar a doença nos seus aspectos mais comuns e nas múltiplas localizações que pode tomar no corpo humano; instruir o público sobre os meios a que recorre a medicina para estabelecer o diagnóstico exato, aproveitando-se de aparelhos especiais, reações, sintomas, microscópio, raios X, endoscopia...; demonstrar, por último, quais os meios de que dispõe, atualmente, a ciência para a defesa dos afetados do terrível mal; ainda mais, ter em conta o

valor psicológico do cenário de um ato operatório, apreciado em sua plenitude e revestido dos cuidados de assepsia, detalhes de técnica, efeitos cirúrgicos, para despertar no ânimo do leigo a confiança nos meios científicos de cura, em confronto com as promessas vãs do charlatanismo, superstições, feitiços, magia, passes e benzeduras.”

Exibição ao grande público

“Tudo isso foi apresentado objetivamente e tirado da própria realidade sem os artifícios da cinematografia posada, para ter força de científico e poder de impressionar. Se algumas de suas cenas se revestem de impressionante realismo, têm por isso mesmo o mérito de melhor fixar a atenção do público sobre este problema do mais alto interesse individual e coletivo.

Já é tempo de ser vencida a relutância do meio, combatendo-se o preconceito geral que procura esconder a verdade sobre as doenças, quando o homem necessita exatamente deste conhecimento para sua defesa. Os antigos gregos cultivavam o sentimento da coragem para poder suportar as dores físicas e morais. O homem moderno fecha os olhos às realidades da vida; cria sensibilidade e forma temperamentos emotivos. Horroriza-se com o espetáculo de doença, mas procura, no entanto, sensações extravagantes nos quadros mais desumanos de destruição e morticínio, exibidos pelas reportagens cinematográficas da guerra moderna.

Cultivar a força de ânimo indispensável à nítida apreciação dos seus males não constitui obrigação exclusiva dos que lidam com a medicina! É imperativo a cada um de nós e, particularmente aos que aspiram à robustez de espírito, a preservação da saúde e a grandeza moral e física da raça.

Conhecer as doenças na sua realidade é salvar a própria saúde.

Nós estamos ainda no abc da propaganda e da educação sanitária popular; e a prova temos, constantemente, no Centro de Cancerologia, no qual a metade dos doentes só chega para exame já fora das possibilidades de cura, devido ao adiantado de suas lesões. Muitos deles levaram vários anos sem consultar sequer um médico, a título de curiosidade. Outros, ao contrário, mormente entre as mulheres escondem o seu mal por infundado pudor ou pelo receio de um diagnóstico. Só a cancrofobia será capaz de levar o público a exame periódico e sistemático, na ausência de qualquer sintoma, com o fim de descobrir possíveis lesões na sua fase inicial. Enfim a fita aí está, tem 2 mil metros de extensão, e vai ser exibida no Odeon, em sessões especiais na próxima semana. Mais de um ano de trabalho constante nos custou para que pudéssemos objetivar os nossos programas de educação popular, por meio de uma película. Na Filmoteca Cultural encontramos o apoio decisivo na colaboração de Afonso Campiglia e no desenho artístico de João Rabong, um de seus auxiliares. Enfim, é um filme da vida real, forte, emocionante, que abala os nervos. Mas é preciso ter em conta que as emoções também se educam e se controlam com o hábito. É científico e altamente educativo. Tanto serve aos meios universitários, como ao grande público. Em Buenos Aires foi passado por nós com aplausos gerais, na Faculdade de Medicina, e recebeu da imprensa as melhores referências.”

Obra humanitária

“Devemos prevenir também que toda participação que pessoalmente me poderia caber como autor desta produção cinematográfica foi reservada, por contrato com a Filmoteca Cultura, à Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos, a qual tem em vista a instalação de um asilo destinado aos doentes que, pelo adiantado de suas lesões, já não podem mais ter entrada no Centro de Cancerologia.”

Conferências radiofônicas dirigidas aos médicos do País pelos assistentes do SNC

Etiologia do câncer – Dr. Sérgio de Azevedo. Hora Médica. Setembro de 1942.

Histopatologia do câncer – Biópsias – Dr. Francisco Fialho. Hora Médica. Outubro de 1942.

Sistema linfático e câncer – Dr. Amadeu Fialho. Hora Médica. Novembro de 1942.

Clínica e diagnose do câncer – Dr. Egberto Penido Burnier. Hora Médica. Dezembro de 1942.

Tratamento do câncer pelas irradiações – Dr. Osolando J. Machado. Hora Médica. Fevereiro de 1943.

Câncer da pele – Prof. Dr. J. Ramos e Silva. Hora Médica. Março de 1943.

Tumores dos maxilares – Dr. Alberto Coutinho. Hora Médica. Abril de 1943.

Doença de Hodgkin – Dr. João B. Viana. Hora Médica. Maio de 1943.

Diagnóstico diferencial das lesões bucais – Dr. Luiz Carlos de Oliveira Jr. Hora Médica. Junho de 1943.

Câncer do estômago – Dr. Turibio Braz. Hora Médica. Junho de 1943.

Câncer da língua – Dr. Cláudio de Barros Barreto. Hora Médica. Setembro de 1943.

Câncer da faringe – Dr. Georges da Silva. Hora Médica. Novembro de 1943.

Ligadura da carótida primitiva – Dr. João B. Vianna. O Hospital. Julho de 1943.

Trabalhos de divulgação científica

Sobre um caso de corio-epitelioma maligno pós-molar com metástase cerebral única – Dr. Alberto Coutinho. *Anais Brasileiro de Ginecologia*. Setembro de 1939.

Câncer da mama – Dr. Alberto Coutinho. *Anais Brasileiros de Ginecologia*. Fevereiro de 1941.

Diagnóstico e tratamento do câncer mamário – Dr. Alberto Coutinho. *Revista Brasil-Cirúrgico*. Fevereiro de 1941.

Cistoesteatonecrose da mama (granuloma lipofágico) – Dr. Alberto Coutinho. *Anais Brasileiros de Ginecologia*. Setembro de 1941.

Câncer do lábio – Dr. Alberto Coutinho. *O Hospital*. Outubro de 1941.

Fístula do canal torácico – Drs. Alberto Coutinho e Jorge de Marsillac. *O Hospital*. Abril de 1942.

Adamantinoma (Arreloblastoma) – Dr. Alberto Coutinho. *O Hospital*. Janeiro de 1943.

Hipertrofia mamária virginal – Dr. Alberto Coutinho. *Anais Brasileiros de Ginecologia*. Julho de 1943.

Amputação total da mama pela eletrocirurgia – Dr. João B. Viana. *Anais Brasileiros de Ginecologia*. Maio de 1940.

Cistos amigdalóides do pescoço – Dr. João B. Vianna. *O Hospital*. Outubro de 1941.

Reparação das grandes perdas de substância do lábio inferior – Dr. João B. Vianna. *O Hospital*. Janeiro de 1943.

Amputação inter-escápulo-torácica. Sua execução pela eletrocirurgia – Dr. João B. Vianna. *O Hospital*. Setembro de 1943.

Considerações gerais sobre um caso de seminoma testicular com metástase costal de tipo osteogênico – Dr. Luiz Carlos de Oliveira Junior. *O Hospital*. Outubro de 1942.

Sobre a roentgenterapia do câncer mamário – Dr. Osolando J. Machado. *O Hospital*. Janeiro de 1942.

Fístula duodenal pós-operatório – Dr. Turibio Braz. Médicos. *A sua revista*. Janeiro de 1942.

Do soluço rebelde pós-operatório – frenico-novocainização – Dr. Egberto Moreira Penido Burnier. *Médico-Cirúrgica do Brasil*. Fevereiro de 1941.

Tratamento do câncer pela eletrocirurgia – Dr. Mário Kroeff. 1938.

Luta contra o câncer (esboço de programa) – Dr. Mário Kroeff. 1938.

O papel da eletrocirurgia numa campanha anticancerosa – Dr. Mário Kroeff. 1936.

Tratamento dos tumores pela eletrocirurgia. Câncer da mandíbula. Ressecção óssea segmentar sem interrupção da continuidade – *O Hospital*. Dr. Mário Kroeff. Junho de 1938.

Tumor da axila. Amputação larga com bisturi elétrico; cevipana-sódico intramuscular. *O Hospital*. Dr. Mário Kroeff. Janeiro de 1936.

Sobre alguns casos de enxerto – Dr. Mário Kroeff. *O Hospital*. Maio de 1938.

Alguns casos de litíase ureteral – Tratamento – Dr. Mário Kroeff. Julho de 1936.

Aneurismas – Tratamento operatório. Aneurismografia e arteriografia retrógrada – Dr. Mário Kroeff. *O Hospital*. Fevereiro de 1937.

Exploração arterial e arteriografia como meio de diagnóstico – Dr. Mário Kroeff. *O Hospital*. Março de 1938.

Alguns casos de autoplastia facial – Dr. Mário Kroeff. *O Hospital*. Abril de 1941.

Alguns casos de autoplastia facial – Dr. Mário Kroeff. *O Hospital*. Maio de 1941.

Alguns casos de autoplastia facial – Dr. Mário Kroeff. *O Hospital*. Julho de 1941.

Sobre pólipo miomatoso do útero – Drs. Mário Kroeff e João B. Vianna. *O Hospital*. Setembro de 1942.

Tratamento do câncer pela eletrocirurgia – Dr. Mário Kroeff. *Hora Médica*. Janeiro de 1943.

Autoplastia complementar ao tratamento do câncer – Dr. Mário Kroeff. *Revista Brasileira de Cirurgia*. Setembro de 1940.



Referências da imprensa leiga às atividades do Serviço Nacional de Câncer

No combate ao câncer todos os esforços devem ser empregados	375 a 376
O combate ao câncer	377 a 378
Distinguido o Dr. Mário Kroeff pelo governo da Hungria	379 a 380
Prêmio Mário Kroeff	381 a 382
A campanha do câncer	383 a 385
Profilaxia contra a malária e o câncer	386 a 387
Fala o cientista uruguaio Prof. C. Butler	388 a 389
Ensino médico	390 a 391
O Rio podia ceder um pouco de sua beleza.	392 a 393
A luta contra o câncer no continente americano	394 a 395
O problema do câncer	396 a 400
Câncer e sífilis	401 a 404
O flagelo do câncer	405
O câncer e os poderes públicos	406 a 407
O Dr. Martinez, de Porto Rico, fala ao <i>A Noite</i> sobre a luta contra o câncer nas repúblicas sul-americanas	408 a 409

No combate ao câncer todos os esforços devem ser empregados

Nenhuma tolerância culposa, nenhuma condescendência criminosa – A importância do Centro de Cancerologia no Rio de Janeiro – Um mal que atinge qualquer classe social – Fala-nos o Prof. Caldas Bivar, da Faculdade Medicina de Pernambuco

Diário da Noite, 24-6-1938

“O câncer entre nós tem progredido duma forma assustadora. Mais de mil vidas desaparecem por ano”, disse-nos o Prof. Caldas Bivar, da Faculdade de Medicina de Pernambuco, iniciando sua palestra com o *Diário da Noite*.

Este professor chegou recentemente do Norte. Veio comissionado pelo Governo do Estado de Pernambuco, realizar, no Rio, um curso especializado sobre os novos tratamentos e cura do câncer.

Palestrando com o repórter, analisou o aspecto geral da questão, comentou as atividades médicas do Norte. Recife como um grande centro hospitalar é ponto de irradiação de novos estudos.

Combate ao Câncer

E sobre o combate ao câncer disse:

“Parece mesmo que defrontamos o dilema anunciado pela Prof^a. B. Lousahopes: ‘ou a civilização acaba com o câncer, ou o câncer acaba com a humanidade’.

Desta verdade ficamos convencidos, quando vemos que, na França, morre um canceroso a cada dez minutos. As estatísticas inglesas e holandesas referem 5 mil casos de morte em um ano, enquanto

nos Estados Unidos da América do Norte faleceram 90 mil pessoas por neoplasias em 1920.

No Rio de Janeiro, a mortalidade varia entre 40 a 50 por 100 mil habitantes.

Em Recife, para uma população avaliada em 504-164 viventes, contamos com 42 por 100 mil; enquanto São Paulo registra entre 60 na mesma unidade.”

O mal não tem privilegiado

“O mal terrível, de etiologia ainda desconhecida, atinge indistintamente as classes sociais – não é apanágio de ninguém. Ricos e pobres, fortes e fracos, brancos ou não, todos pagam pesados tributos.

É entre os 40 e os 60 anos de idade que encontramos maior número de vítimas.”

A criação do Centro de Cancerologia no Rio

O professor Bivar acentuou, em seguida, a importância e a oportunidade da criação do Centro de Cancerologia no Rio de Janeiro. Iniciativa recentemente levada a efeito.

Não é que o assunto fosse descuidado ou desconhecido de nossos colegas patricios, mas, o que lhes faltava era material e instalações próprias, para estudos experimentais e tratamento dos enfermos.

Os cancerosos encontravam-se, às vezes, sem hospitalização adequada e sem recursos de instituições capazes de aliviar seus sofrimentos.

Mas, agora, estamos todos nós médicos e enfermos, regozijados com o chefe da Nação, pela meri-

tória realização do centro de estudos e tratamento construído num grande pavilhão anexo ao Hospital Estácio de Sá.

Os trabalhos obedecem à direção do Prof. Mário Kroeff, que é, sem dúvida, o precursor da eletrocirurgia no Brasil.

É impossível estudar, nesta rápida conversa, a personalidade e o valor deste jovem cirurgião.

Disposição do Centro de Cancerologia

“O Centro de Cancerologia, que ora se destina ao internamento dos cancerosos curáveis, porque o câncer é perfeitamente curável do período inicial, dispõe para isso das principais armas consagradas ao combate das neoplasmas; a eletrocirurgia, o radium e os raios X. Compõe-se o hospital, propriamente dito, de cinco amplas e confortáveis enfermarias, perfazendo a capacidade de 40 leitos. As salas de operações e esterilizações são dotadas das mais modernas aparelhagens no gênero. Nos dois primeiros andares do estabelecimento localizam-se as enfermarias, salas de curativos, secretaria, arquivo, salas de exames, sala do diretor, sala dos médicos, refeitório etc. Na parte baixa do edifício, estão localizados os gabinetes de raios X, para diagnóstico e radioterapia profunda, servidos por um dos melhores no gênero-Stabili-Volt Siemens, Reinniger, de Berlim, com 230 mil volts e 30 miliampères com dispositivo capaz de tratar dois doentes ao mesmo tempo.

Corpo clínico

O professor pernambucano estudou, demoradamente, as instalações do Centro.

Interessado e entusiasmado pelo detalhes descreveu, de memória, as inúmeras peças, salas e aparelhamento. Não esqueceu de frisar o corpo clínico: Drs. Amadeu Fialho, Manoel de Abreu, Eudoro Villela, Alberto Coutinho, Velho da Silva, Barros Azevedo e outros.

Questão de propaganda

E encerrando:

“Devemos sempre repetir as palavras de Jean Louis Faure: ‘O problema da cura do câncer não é mais hoje uma questão de doutrina e de ciência. É uma questão apenas de propaganda.’

Mas a propaganda de repercussão. Cartazes, publicações, folhetos, artigos, conferências, palestras. Tudo deveria ser empregado no combate ao câncer. Nenhuma tolerância culposa. Nenhuma condescendência criminosa.

Seria, pois, do máximo interesse que o público, em combinação com o Centro de Cancerologia, iniciasse esta propaganda.

E seus resultados estamos certos que seriam os mais promissores.”



O combate ao câncer

Pelo Dr. Mário Araujo

Correio do Sul, Bagé, 27-7-1938

A atenção do público volta-se a cada momento para as notícias dos estudos e descobrimentos, que se fazem no combate às doenças. Na luta contra o câncer, que reúne em todo o mundo as energias de milhares de sábios, em centenas de institutos, ricos de todos os elementos, para o fim colimado, de vez em quando, aparece uma luz de esperança, marcando mais um passo para frente, estreitando o círculo em torno da verdade, ainda desconhecida.

Ninguém sabe a causa do câncer; o terrível flagelo conserva a sua origem, que uma vez desvendada, há de trazer os mais rápidos e eficazes meios de fazê-la desaparecer da face da Terra.

A fatal entidade mórbida já tem cedido terreno ante a persistência dos cientistas, encarniçados em nobre combate.

Conhecido em seu início, descoberto seu núcleo invasor no organismo, a cirurgia evita o desastre, extirpando-o.

Para um sucesso completo, urge um diagnóstico precoce e daí a noção de fazer o enfermo procurar o médico em qualquer anormalidade que note, por pequena que seja: nodosidade, caroços, endurecimentos de tecidos, feridas de cura demorada, secreções anormais, verrugas que de um momento para o outro começam a crescer, perda de sangue etc. Se estas indicações fossem seguidas por todos, muitas

tragédias seriam evitadas. A propaganda popular destas noções elementares é o primeiro e utilíssimo passo na luta contra o câncer.

Em nosso País, já se está organizando a indispensável campanha; cientistas brasileiros têm o seu nome definitivamente ligado à benemérita cruzada. Botelho é um nome universal criador de uma reação, para o diagnóstico do câncer, usada em toda parte do mundo. Osório de Almeida empreendeu notáveis experiências para a cura do câncer, por meio de oxigênio sob pressão, e as prossegue ainda, dedicando-lhes todas as energias de cientista moço, amparado por um auxílio especial do Governo.

Em Porto Alegre, o abalizado cirurgião, Prof. Moysés Menezes, num louvável esforço pessoal, conseguiu radium em quantidade suficiente para obter curas ótimas.

No Rio de Janeiro, tem-se a ocasião de verificar a extensão de benemérita atividade de um co-estudano, o Prof. Mário Kroeff, que se vem dedicando há longos anos à cura eletrocirúrgica do câncer.

É de inteira justiça chamar a atenção para os numerosos sucessos do cientista brasileiro, em casos avançados da terrível moléstia. Seus estudos estão condensados em numerosos folhetos e livros e são com freqüência citados na Europa, com merecidos elogios. Agora, o Prof. Kroeff conseguiu criar um Hospital do Câncer, para o qual afluirão os necessitados e indigentes que carecem de tratamento adequado, para tão terrível mal. Todos os

recursos atuais para uma luta eficaz ali estarão condensados: radium, raios X, diatermia etc. E a dirigir a obra meritória, um cirurgião de valor. Todos os meios que a ciência atual tem serão usados, e as pesquisas continuarão sempre em busca de melhores resultados.

Para a criação do Hospital do Câncer no Rio de Janeiro, contribuiu o Governo federal com a quantia de 2 mil contos; outros eficientes auxílios estão encaminhados, para que a instituição possa preencher inteiramente sua utilíssima finalidade. O exemplo produzirá frutos; outros hospitais semelhantes aparecerão em diversos pontos do País a espalhar benefícios, amparando numerosos doentes, aliviando-os, livrando-os das garras apavorantes de um mal terrível, causador de sofrimentos atrozes, terminando na imensa maioria dos casos em uma morte cruel.

Em outros flagelos da humanidade, como a tuberculose e a lepra, a dor poupa, em parte, os enfermos; no câncer, não; as dores são terríveis, só aplacadas com injeções e que, hoje, fogem, inteiramente, das possibilidades de cura da maioria dos pacientes. Somente em um hospital, apropriado para tal fim, poderão os mártires deste mal encontrar alívio a seus sofrimentos quando já não mais houver esperanças de cura. À triste situação do canceroso refere-se o Dr. Mário Kroeff:

“Na própria capital da República também o canceroso peregrina pelos hospitais, de mão em mão. O pobre é rejeitado, aqui e ali, como ele-

mento indesejável, porque nossos profissionais não dispõem, quer de local para interná-los, quer de meios para tratá-los. Não contamos sequer, na Metrópole, com um simples depósito para os incuráveis. E, todos nós, sem dúvida, temos de acompanhar compungidos a decadência de tantos cancerosos que nos procuram ainda no início do mal, em período perfeitamente curável e que não puderam ser atendidos por falta de local.”

Sensibilizado pelo doloroso espetáculo, não poupou esforços o abnegado profissional co-estudando e, durante meses e anos, atendendo, com sobre-humana dedicação e com os escassos recursos de que dispunha, uma legião de necessitados, propagando a idéia da criação de um centro.

A cura radical do câncer ainda é um problema sem solução: dependerá de um fator físico, químico ou biológico? Eis a interrogação quotidiana dos pesquisadores. E todos procuram os elementos que hão de livrar a Humanidade de tão horroroso mal.

Nenhuma publicidade a tal respeito será inútil ou desprezível, todas as boas vontades devem convergir, num movimento enérgico, para atingir o elevado fim, qual seja de vir a conhecer a causa de tão grande mal e reunir elementos eficazes para combatê-lo e fazê-lo desaparecer da superfície da Terra.

Distinguido o Dr. Mário Kroeff pelo governo da Hungria

O Prof. Mário Kroeff recebeu ontem, na presença do Corpo Diplomático, a Cruz do Mérito da Cruz Vermelha

Noticiário da Imprensa, 17-3-1938

Como falou, na solenidade, o homenageado:

O governo da Hungria, como noticiamos ontem, distinguiu com uma condecoração o Prof. Mário Kroeff, a quem o encarregado de negócios daquele país dirigiu o seguinte ofício:

“Senhor Professor: De ordem de meu governo, tenho a honra de trazer a vosso conhecimento que sua alteza sereníssima, o regente do Reino da Hungria, sob proposta do presidente do conselho dos ministros, iniciada pelo Ministério Real dos Negócios Estrangeiros, desejando recompensar serviços humanitários prestados a súditos húngaros estabelecidos no Brasil, dignou-se, por sua alta decisão de 11 de novembro de 1937, vos conferir a Cruz do Mérito da Ordem da Cruz Vermelha.”

A entrega das insígnias realizou-se ontem, à tarde, na sede da Legação da Hungria, na Rua Paissandu, tendo ao ato comparecido não só o corpo diplomático acreditado junto a nosso governo, como também a quase totalidade da colônia húngara desta Capital. O encarregado de negócios da Hungria, depois de prender ao peito do homenageado a fita que sustenta a grã-cruz, proferiu algumas palavras repassadas de carinho e entusiasmo à personalidade do Sr. Mário Kroeff.

O nosso patricio respondeu agradecendo, pronunciando o seguinte discurso:

Exmo. Sr. Encarregado de negócios do Reino da Hungria. Senhores diplomatas. Minhas senhoras. Meus senhores. É com a mais viva comoção que recebo de vossas mãos as insígnias que me foram conferidas por Sua Alteza sereníssima, o regente do Reino da Hungria. A qualquer profissional, seja qual for seu ramo de atividade, sempre constituirá motivo de orgulho perceber que seus serviços são apreciados por outrem favoravelmente. E a ufania crescerá tanto mais quando verificar que o conhecimento transpõe o âmbito restrito em que vive. A Hungria foi generosa demais para comigo, tendo eu realizado tão pouco para merecer tamanha recompensa. Se algum serviço acaso eu tenha prestado aos húngaros aqui residentes, considerar-me-ia fartamente premiado com a honrosa estima e a confiança com que me distinguem. Esta consideração que vossos compatriotas já me dispensaram estaria oficialmente sancionada com uma pequena condecoração, a simples fita de “chevalier” ou mesmo “officier” da Cruz Vermelha húngara. Sua Alteza, entretanto, decidiu conceder-me um título ainda mais honorífico, na hierarquia da ordem do mérito que, indubitavelmente, excede de muito meu valor profissional. Se outras condecorações possuo, conquistadas na Grande Guerra ou conferidas pelo meu Governo, a Cruz do Mérito da Hungria, entre os títulos de honra, representará, sem dúvida, uma de minhas melhores credenciais. A

Hungria pelos seus encantos e tradições, e os húngaros pela sua cordialidade, já se me haviam infiltrado no coração; agora, porém, pelo sentimento de gratidão e pelos braços desta cruz inquebrantável, considero-me irmanado a eles como parte integrante da família húngara do Brasil.

Assim, Exmo. Sr. Encarregado de Negócios, peço transmitir a Sua Alteza, o regente de vosso

País, os meus efusivos agradecimentos pela honra contida e os melhores votos pela paz e propriedade da Hungria.

A grande cruz do mérito corresponde na ordem da Cruz Vermelha húngara ao mais alto grau de distinção, conferida por serviços relevantes prestados em bem da humanidade. Na sala ascendente das hierarquias honoríficas, ela vem a ser o quarto grau.

P *rêmio Mário Kroeff*

Novos médicos

24-12-1938

Não obstante muito, jovem, pois conta apenas 23 anos de idade, o Dr. Milton Italo Provenzano é um nome dos mais fulgurantes, na ciência médica brasileira. Grande estudioso da medicina, acaba o ilustre de esculápio de conquistar o prêmio “Mário Kroeff”, distinção conferida àqueles que melhores trabalhos apresentam sobre o câncer. Com a original e consubstanciosa monografia “Diagnóstico e prognóstico do carcinoma do colo do útero”, o moço médico conquistou a alta distinção.

A magnífica vitória, que é uma afirmação belíssima de inteligência e dedicação à carreira que abraçou, tem sido motivo para que o Dr. Milton Italo Provenzano receba os mais entusiásticos cumprimentos de seus amigos, colegas e admiradores.



Combate ao câncer

A Folha Médica, Rio, 15-2-1939

Há, alguns meses, quando inaugurava as novas instalações do Centro de Cancerologia, o Prof. Dr. Mário Kroeff proclamou, em breve e tocante oração, depois de visitadas as enfermarias nas quais gemem numerosos cancerosos, ser imprescindível a iniciativa particular para o combate ao tenebro-

so mal. Encontrava-se então, entre os presentes, a Sra. Mathilde von Doellinger da Graça.

E há dias, na Associação Brasileira de Imprensa lançaram-se as primeiras bases, para a luta, que um grupo de grandes e nobres corações vai empreender contra o câncer. Quis isso dizer que o apelo do Dr. Mário Kroeff encontrou eco. A campanha que ora se inicia tem o patrocínio da Sra. Doellinger da Graça. A ilustre dama congregou, com humanitário propósito, figuras de realce da sociedade, médicos especialistas de reduzido número mas entusiasta exército de trabalhadores.

Na primeira reunião do Instituto Brasileiro de Oncologia foi delineado o plano de ação. Na sala repleta, segundo a frase feliz de um dos oradores, estiveram a dar o primeiro banquete social e preparar as iguarias para combater o câncer damas da sociedade, representantes das autoridades, médicos que se dedicam ao estudo do câncer e numerosas outras pessoas. Delegações e instituições religiosas ocuparam as primeiras poltronas.

O Dr. Doellinger da Graça falou interpretando o pensamento da Senhora que instituiu a nova associação de duplo caráter: científico e social.

Antes de dizer do objetivo que inspirava aquela opinião, o orador, depois de considerações em torno das obras de combate à moléstia e à dor, assim prosseguiu:

“O Presidente da República, S. Exa. o Sr. Getúlio Vargas, incentivou, animou, apoiou e custeou uma grande iniciativa entre nós, deliberadamente

conduzida para o mesmo objetivo, que ora nos impele. O Centro de Cancerologia do Hospital Estácio de Sá congregou profissionais de reconhecido valor, alguns bem experimentados em escolas da Europa, em organizações especialmente consagradas aos estudos de clínica e de anatomia patológica do câncer.

O dinamismo pessoal de seu dirigente, servido por largo cabedal cirúrgico está mostrando a segurança e a firmeza com que o Dr. Mário Kroeff há de nos permitir, a todos, desta greygrei, que o imitemos.

O Instituto Brasileiro de Oncologia do Hospital Hahnemaniano vai nascer porque os princípios de resignação cristã de sua instituidora, Sra. Mathilde Rodrigues von Doellinger da Graça, converterão em provas de amor a Deus e em benefício a nosso semelhante, ferido por tão insidiosa moléstia, grande parte de suas economias, que o Onipotente lhe permitiu reunir, para garantia de sua existência.

Traspassa estas economias e transmite-se, na certeza de que aqueles a quem cumpre executar sua vontade, tudo homologuem, considerando ainda que a dádiva nada mais é que um tesouro de moral cristã.

Testemunha continuado desdobrar encadeado de tanto sofrimento imposto pelo câncer, nos pacientes que, durante 15 anos, me tem cansado o raciocínio, diante deste problema ainda insolúvel, minha esposa impôs um dia, um voto, que se traduzisse em sua verdadeira revelação, instinto do bem, promovendo sua aplicação prática no esforço encetado.

O saber alheio, a observação mais aperfeiçoada da larga escala de cânceres, em grande número de

doentes que, diariamente, maior elasticidade permitiam a meu raciocínio, e ainda que me encontrará, já pela segunda vez em 37 e 38 no campo do “Memorial Hospital de Câncer” da Universidade de Comell, animaram-me um e outro trabalho a ir ao encontro de seus desejos, e que facilmente os abraçasse.

O Dr. Doellinger da Graça passou, então, a referir-se às finalidades que o Instituto Brasileiro de Oncologia do Hospital Hahnemaniano vai encarar e defender; serão:

Cooperar na luta contra o câncer, no Brasil; fundar, manter e desenvolver mais um centro no Rio de Janeiro, ao lado do que há pouco se fundaram e do Instituto de Eletro-Radiologia da Faculdade de Medicina.

Promover e auxiliar a criação de outros centros regionais, por todo o país; praticar o estudo de câncer encenado, logo que funcione a seção Clínica, pesquisas científicas; fundar uma biblioteca e publicar desde já, a título de divulgação, educação e auxílio, o Boletim do Instituto; organizar e prestigiar com conferências públicas, já iniciadas pelo Rádio Club do Brasil; e finalmente, provê-lo logo que constituído in-totum de um laboratório de investigação científica, melhorando as condições de trabalho e facilitando a aplicação e o estudo do pessoal técnico.

O Dr. Doellinger da Graça assinalou ainda que o Instituto será também de futuro uma organização para universitários que assistirá em sua missão, ao canceroso, trata-lo-á, educa-lo-á, e procurará ainda educar quantos estão na iminência de se cancerizar.

A reunião foi encerrada com uma salva de palmas em homenagem à Sra. Mathilde von Doellinger da Graça.

A campanha do câncer

Carlos D. Fernandes

A Nota, Rio, 5-7-1939

De todas as moléstias terríveis que afligem e dizimam o gênero humano, aumentando-lhe a pungência de suas dores, de suas penas, o câncer é, certamente, a mais pavorosa, sub-reptícia, inelutável. Jamais me esquecerá o compungente espetáculo do Instituto Radiológico de Belo Horizonte, onde se albergavam os tristes míseros, atacados desta moléstia. Ali me levaram meus gentis hóspedes, que já me haviam mostrado Lagoa Santa, arredores da cidade, seus monumentos, seus mais belos edifícios. Não estive em mim que lhes não pedisse a abreviação daquela visita, para me afastar, quanto antes, daquele ambiente de gemidos, que tresandava a sanie.

Quando regressei aos meus Penates, no Rio de Janeiro, corri a entrevistar um dermatologista de grande renome sobre aquela tremenda gafa, que tanto assusta e devasta os semelhantes. Essa entrevista foi publicada em *O País*. Dizia nela o meu famoso interlocutor que ainda não havia um tratamento específico para o câncer; que se não pode fazer desta abominável enfermidade um diagnóstico precoce; que quase todos nós trazemos dentro em nós um embrionário câncer, como um torpedo latente, que só espera um traumatismo, um corte na pele, uma escoriação qualquer, para rebentar. Havia ainda nesta entrevista outras coisas doutas, números estatísticos, possíveis causas alimentares do câncer, mas de natureza puramente conjetural.

Há câncer por toda parte; nos climas frios, nos climas temperados e quentes. Onde se instaura o homem, adaptando-se ao meio, com ele pode estar seu câncer, à espera do momento de eclosão, que também pode não chegar, em todo o percurso de uma existência. Podem ser feridos do mal homens do campo, homens da cidade; meninos, jovens e velhos; omnívoros, abstêmios, alcoólatras, frutívoros e vegetarianos!...

O câncer não respeita idades, estâncias nem regimes alimentares. Temos a prova desta desoladora tristeza em a nossa “Cidade Maravilhosa”, onde já é considerável o número de cancerosos. Por isso mesmo, instruído pela experiência de sua clínica de especialista, o eminente Prof. Mário Kroeff vem estudando, com grande tenacidade, o meio mais racional e eficiente de debelar o voraz, insidioso inimigo. A eletrocirurgia vem sendo aplicada pelo notável cirurgião, com evidente êxito, já vulgarizado em dois livros de sua lavra, nos quais se historiam e documentam com fotografias, vários casos de cura, já há mais de cinco anos, sem recidiva. Querendo facultar a quantos dele precisem os tesouros de sua observação médica, o Dr. Mário Kroeff fundou, no Hospital Estácio de Sá, um pavilhão para cancerosos, onde a afluência de enfermos tem vindo ainda mais robustecer suas pré-adquiridas convicções.

Como ainda não se lhe afigure suficiente essa gratuita assistência aos necessitados da termoeletrocoagulação, que é o processo cirúrgico empregado contra o câncer, lançou o Prof. Mário Kroeff

a fundação complementar de um isolamento para os incuráveis, iniciativa ampla das mais plausíveis e tocantes, mui acertadamente posta sob os auspícios da Exma. Sra. Getulio Vargas, que emprega todo o seu tempo de grande dama, caridosa, em minorar os sofrimentos da indigência enferma, da proletária juventude feminina, da infância desvalida, dos pequenos vendedores de jornais.

Já neste sentido se deram todos os passos e uma reunião ultimamente efetuada positiva a idéia e deu a conhecer aos a que ela compareceram as razões, a finalidade e o próximo funcionamento do projetado instituto.

Ninguém rejeitou aplausos a Exma. Sra. Darcy Vargas, ao Sr. Dr. Mário Kroeff e demais cooperadores de tão urgente e humanitária lembrança.

Mas não bastam aplausos, para converter em fato essas iniciativas de piedade, nas quais tanto se traduzem os bons sentimentos e o grau de cultura das sociedades que se prezam de seu policiamento e progresso.

O meio ordinário de se coletarem fundos para asilos desta ordem são as festas mundanas, os espetáculos de artes, os concertos, os certames desportivos, as “creches”, os leilões elegantes. Será este o apelo que se faz à bolsa anônima do povo, para contribuições módicas, que só pelo número se podem tornar eficientes. Ao lado desta cooperação por assim dizer, democrática, deve comparecer nossa plutocracia, com dádivas proporcionadas a seus maiores recursos.

Nossos capitalistas, grandes comerciantes, banqueiros e industriais não se mostram, em geral, espontaneamente inclinados aos deveres de humanidade, que sobremodo recomendam o prestígio das profissões lucrativas.

Ninguém se torna rico, mesmo trabalhando heroicamente, num acanhado burgo, de poucos habitantes e minguados meios. É sempre em grandes centros cosmopolitas que se amontoam as vultosas fortunas, que se lançam as grandes indústrias, deixando evidente que estes empreendimentos prosperam pela clientela do povo. Ora, o Rio de Janeiro é uma destas ricas metrópoles, que dão lugar à incorporação de capitais e que resultam de seu dinamismo financeiro.

Os “leaders” de nossa praça comercial, nossos homens de negócios, os árbitros de nossa vida econômica devem à coletividade demográfica o êxito de seus negócios, que a diligência particular promove e o poder público assegura, pelo império de suas leis.

De modo que são eles os máximos beneficiados pelo Estado, que lhes garantem a fruição pacífica de seus latos interesses. Cabe-lhes, por isso mesmo, a maior parcela na distribuição desses pios deveres, que a todos tocam, na proporção de sua capacidade.

Se os cancerosos precisam de medicação e recolhimento hospitalar, para pouparem ao público o consternador espetáculo de sua presença de infelizes indesejáveis, devem acudir ao chamamento, que a todos indistintamente se faz, em primeira linha, aos abastados, que possuem fartas reservas, que estes pequenos gastos não desfalcam nem prejudicam.

Bem sabemos que todos são livres de administrar seus bens como entendem, mas é também certo que uma fortuna de certas proporções, necessariamente derivada de contribuição de muitos, cria deveres especiais a seus felizes proprietários. Entre estes de amparo aos necessitados é dos mais imperiosos e irrecusáveis.

A alheação às misérias alheias, principalmente aquelas que se traduzem em doenças incuráveis, que impossibilitam o trabalho, só se torna tolerável enquanto se pode presumir a ignorância dos que estão aptos para as avaliar. Em contrária hipótese, esta indiferença exprime uma dureza d'alma, que repele de si todos os corações bem formados, os caracteres sensíveis. É a estes, particularmente, que se dirigem minhas insânias, secundando, com o mais sincero fervor, o justo apelo, que lhe

fazem a nossa Primeira-Dama e o autorizado e famoso cancerologista.

Não é acreditável que a sentimentalidade brasileira, tão espontânea em libertar os escravos negros, em acorrer a conscrição para defesa da Pátria, em prodigalizar socorros aos flagelados da secas e outras calamidades públicas, se mostre impermeável às palavras de súplica que lhe endereço, com o mais comovido enternecimento e na grata esperança de ser ouvido.

*Pre*filaxia contra a malária e o câncer

Jornal do Commercio, 23-6-1939

O Sr. Dr. Francisco de Sá Antunes diz o seguinte: “No propósito de dar fiel desempenho a meu mandato, nesta casa, leio tudo que se relaciona com a vida ativa do comércio.”

Folheando umas revistas, que se editam na Capital – Órgão oficial da Câmara de Comércio e Indústria do Brasil –, encontrei dois tópicos de grande atualidade. O primeiro se refere à campanha em favor dos cancerosos sem recurso, e o segundo, à malária que atormenta nossos patrícios do sertão. Não quero privar a meus ilustres pares o prazer de ouvir, ler e apreciar estas linhas, porque elas, de fato, vêm em momento oportuno:

É de lamentar a estranheza de alguns comentaristas amigos sobre o fato de inserir nesta Revista assuntos supostamente alheios à finalidade.

Não podemos atinar em que as questões higiênicas e hospitalares escapem ao estudo de um órgão, como este, dedicado ao comércio e a indústria do País.

Entretanto, entre estes e aqueles há uma correlação perfeita e natural, porque os problemas científicos abrangem a todos os ramos dos conhecimentos humanos.

Assim, como é possível negar-se o entrelaçamento dos grandes problemas sociais, tais como: a alfabetização dos povos; a profilaxia das moléstias incuráveis, ou não transmissíveis ou que possam deixar de sê-lo; a proteção e amparo da

mocidade, para encarar as lutas de um futuro que se antevê sombrio!?

Permita-nos, pois, que, dentro de nossa finalidade, rendamos homenagem a esta plêiade de abnegados que constroem os alicerces do Brasil de amanhã; Mário Kroeff, Oscar Clark e Gustavo Armbrust, os vanguardeiros, além de outros muitos que lhes seguem os exemplos.

Queremos também, como fechamento daquelas linhas sobre as atividades do Ministério da Agricultura, exteriorizar um apelo aos sentimentos patrióticos do eminente Chefe de Estado Novo, no sentido de ir ao encontro de nossos irmãos nortistas, auxiliando-os, com os recursos pecuniários necessários, para que eles possam ver afastados, para bem longe, o espectro horroroso da malária.

Este terrível mal, com caráter verdadeiramente epidêmico, vem dizimando cruelmente as pobres e infelizes populações de nossos sertões, por falta de meios que lhes proporcionem conforto, higiene e tratamento adequado. Aplaudimos o gesto nobre e humano do Sr. Dr. Getulio Vargas, concedendo crédito orçamentário para as vítimas desta calamidade.

Mas o gesto de S. Exa. será muito maior, atingirá as fímbrias do coração nacional, se desenvolvido especialmente para as misérias da gente sertaneja, dando-lhes mais algumas centenas de contos de réis, pois, só assim, terá saúde, conquistará um pouco desta alegria de viver, a que faz jus todo ser humano.

Convenhamos que um pequeno crédito orçamentário representa algumas gotas, apenas, no oceano dos grandes sofrimentos destes brasileiros distantes do coração da Pátria, mas possuindo o verdadeiro sentido de brasilidade. “Urge, pois, que o Governo abra um crédito especial para este fim.”

Não podemos e não devemos negar apoio a estas beneméritas iniciativas a que dão o melhor de seus esforços, destes apóstolos da ciência – Mário Kroeff e Oscar Clark.

O Sr. Presidente disse, então, as seguintes palavras: “Aplaudimos as referências de nosso compa-

nheiro Dr. Sá Antunes e sentimos-nos bem congratulando-nos com os ilustres médicos patrícios. Drs. Mário Kroeff e Oscar Clark, aquele fundador do Instituto do Câncer e este grande animador dos Preventórios Infantis de que tanto necessita o Brasil.

Sobre Gustavo Armbrust só podemos ter palavras de aplauso à notável luta patriótica que vem desenvolvendo. Quanto ao auxílio do Governo, às populações afetadas pela epidemia do Norte, ficamos tranquilos, porque sabemos do interesse humano e administrativo que, felizmente, existe por parte de nossos governos em favor dos pobres patrícios.”

Fala o cientista uruguaio Prof. C. Buttler

Enquanto na América lutamos contra a morte e pela paz, na Europa uns loucos lutam contra a vida e pela Guerra!

Diário da Noite, 18-7-1939

Antes de verem sangue e pus, antes de penetrem na sala de operações do Centro de Cancerologia, neste segundo dia de demonstrações práticas, do Congresso Sul-Americano de Cirurgia, os jornalistas ouviram uma frase significativa da palestra que o notável cirurgião uruguaio, o professor e senador Carlos Buttler, mantinha com os seus colegas argentinos, brasileiros e paraguaios:

“É este o curioso panorama que vemos em duas bandas do mundo. Enquanto aqui na América, nós nos reunimos para lutar contra a morte e pela paz de espírito de todos os homens e de todos os lares, lá na Europa, uns loucos ambiciosos querem desencadear a luta contra a vida e pela guerra. Mas nós devemos prosseguir em nossa tarefa. Assim como a alegria tem mais força que a tristeza, ser pela vida é muito menos fúnebre e muito mais humano do que ser agente da morte.”

Ao mesmo tempo em que caminhavam pelos corredores do Centro de Cancerologia, do Hospital Estácio de Sá, onde dezenas de doentes se achavam instalados, os médicos congressistas trocavam impressões sobre os fatos cirúrgicos que iam presenciar.

Triagem, estação do destino

A enfermeira superiora, Sra. Frida Ruhemann, oferece, gentilmente, aos repórteres os aventais brancos com os quais poderão penetrar na sala de operações. E o Dr. Luiz Carlos de Oliveira Junior, assistente do Dr. Mário Kroeff, explica aos jornalistas o que é a sala de “Triagem” do Centro. Ali se reúnem os doentes recém-chegados de todos os pontos desta Capital e de todas as partes do Brasil, para o exame que vai decidir de seu destino. E são numerosos os que recebem a sentença inexorável: incuráveis. É que, fala o jovem médico, a ignorância de muitos deles só deixa que venham aos hospitais quando a doença já atingiu um grau tal que são inúteis todos os esforços médicos.

Queimando carne humana

Na sala de operações, dentro de um mundo de moderníssimos aparelhos elétrico-cirúrgicos, a multidão de roupas brancas assiste à preleção do mestre uruguaio. O Prof. Buttler expõe sobre a amputação parcial da língua nos casos de blastoma (câncer). O cientista uruguaio é ouvido com atenção por todos os seus colegas, durante vários minutos. E, logo em seguida, passam todos à mesa de operação, onde o Dr. Mário Kroeff vai operar um doente com blastoma do maxilar inferior. A operação se inicia depois de ligeiras explicações do médico brasileiro, que informa ir utilizar-se de

método pessoal na eletrocoagulação do tumor. O aparelho de eletrotomia entra em funcionamento, sob o olhar curioso de todos. Os fotógrafos se preparam. E na boca do paciente, senhor U. G. P., inicia-se um quadro bem desagradável para os que não estão acostumados a este procedimento cirúrgico: queimam-se à eletricidade irradiada as gengivas cancerosas; dentes rolam pela boca em meio a pedaços de carne necrosada. E o fotógrafo de um vespertino dá sinal evidente de que o espetáculo está além de sua sensibilidade, e é retirado da sala, por um repórter mais resistente...

Contra as células da morte

Neste instante, o operado, que está sob anestesia local, se mostra impaciente, mas o Dr. Kroeff o acalma habilmente. E aquela boca doente é uma larga e repelente ferida, onde o aparelho elétrico procura arrasar as células da morte, para proteger

as da vida. E o operador abre um grande buraco ali onde o câncer se instalara, procurando extirpar todos seus tentáculos, atingindo então o osso do maxilar inferior, que é igualmente necrosado. Fazem-se os curativos e aquela operação está terminada. Depois do sofrimento, o doente pronuncia umas palavras difíceis de entender, com uma boca, onde já quase não há língua nem dentes. E a resposta do médico é confiante:

“Agora você está são.”

O corpo médico do Centro de Cancerologia

Finalizando a demonstração, os jornalistas foram apresentados ao corpo médico do Centro de Cancerologia, do qual fazem parte os seguintes facultativos: João Viana, Turibio Braz, Jorge Marsillac, Luiz Carlos de Oliveira Junior, Néelson Costa, Alberto Coutinho, Evaristo Machado, Osolando Machado, Manoel de Abreu, Sérgio Azevedo.

Ensino médico

Correio da Manhã, Rio, 17-12-1940

O ensino médico, mais talvez do que qualquer outro, não pode prescindir de recursos materiais, para ser levado a bom termo: para que possam os professores dar desempenho a sua nobre missão, e os alunos tirar proveito de sua atividade. Não temos a menor dúvida de que o Governo está, tanto ou mais do que nós próprios, certo disto, e que, com consciência de seu dever, não têm poupado esforços para que seja dada instalação condigna a este mesmo ensino. Para que tal suceda, ele delineou o plano da Cidade Universitária, que será um dia uma instituição digna de nossos créditos de cidade culta e de país civilizado. Mas, enquanto ela não vem o que existe vai desaparecendo e ficando sem substituição, num período cada vez mais difícil, e cujo fim não se pode prever.

De maneira geral, o ensino médico se compõe de duas partes: as disciplinas básicas, para alicerçar a formação profissional do futuro médico, e esta formação, propriamente dita. A primeira parte do programa tem por disciplina primordial a que estuda a morfologia humana, como a anatomia, ou antes, as anatomias e a histologia.

Estes estudos se fazem, quando visam mostrar ao aluno a anatomia microscópica, nos anfiteatros. Mas a Faculdade da Universidade do Brasil está justamente com este ensino, substancial e básico, sacrificado. Já o teve mesmo interrompido, em vista da situação do Instituto Anatômico.

Apesar de a Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil – grande nome para uma instituição que se vai tornando acanhada – ser dirigida por um homem de notória competência em matéria de anatomia, o Prof. Fróes da Fonseca, sucede que justamente, na vigência de sua administração esta disciplina vem sofrendo as conseqüências da escassez de material, decorrente da situação em que se encontra o Instituto Anatômico. Sem dúvida a culpa não lhe cabe, e certo estamos, conhecendo-o tão bem e fazendo o mais alto conceito de sua competência e dedicação, que, a ninguém isto desgostará tanto quanto a ele. O Ministro da Educação, que é afinal a autoridade administrativa responsável pelo ensino, conhecedor sem dúvida do que se passa na Faculdade de Medicina, não pode protelar, ainda sob a alegação de que teremos a Cidade Universitária, a instalação indispensável para as cadeiras que funcionavam no antigo Instituto Anatômico.

Este é um aspecto do ensino médico fácil de resolver, bastando que o Governo se convença realmente de que lhe cabe atender a situação. Outro, no qual também desejamos tocar, é o das instalações das clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil. Essas, como as anatômicas, encontram-se em situação precária; umas instaladas de empréstimos em vários hospitais do Rio, a começar pela Santa Casa, outras num hospital do Governo que é o Estácio de Sá, construído anexo à Universidade do Brasil. Nestas, estabele-

cimento nosocomial, certamente uma das belas iniciativas materiais do atual Governo, estão hoje funcionando várias clínicas da Faculdade de Medicina. Ali está o Prof. Annes Dias que, pelo seu esforço, competência, talento e dedicação, conseguiu realizar uma obra de ensino que será um dia incluída entre as grandes realizações, nos domínios da instrução, do Presidente Getulio Vargas. Neste mesmo hospital, o Prof. Castro Araújo instalou a sua clínica cirúrgica, que hoje é um dos centros de formação profissional para os jovens candidatos à prática da cirurgia. Ali está o Prof. Ugo Pinheiro Guimarães, cujos brilhantes dotes de inteligência, aliados aos recursos técnicos postos à sua disposição lhe permitiam também organizar, um serviço modelar de cirurgia. Também só devem incluir as instalações da seção de cancerologia entregue à dedicação do Dr. Mário Kroeff, que se especializou na cirurgia do câncer e fundou ali uma verdadeira escola. Muitos outros médicos existem, naquele hospital, que estão realizando obra de vulto, entre eles o Dr. Vital Fontenelle que se tornou entre nós a maior autoridade em hematologia, trabalhando e pontificando nesta disciplina, neste mesmo hospital. E certamente ali sobrarão outros médicos e cirurgiões ilustres. Mas o referido já dá uma idéia da importância do Hospital Estácio de Sá, e, sobretudo, do que ele representa para o ensino médico.

Ora, depois de ter realizado esta obra fundamental em favor do ensino de importantes disciplinas, surge agora a notícia de que este estabelecimento vai ser entregue a Polícia, para fazer um hospital seu, e que, portanto, o ensino médico e seus mais graduados representantes terão ordem de despejo, devendo alojar-se não se sabe ainda onde nem como. É difícil acreditar que se cogite de semelhante coisa. A verdade, porém, é que as informações reiteradas e insistentes, a este respeito nos impuseram o dever dos comentários que aqui ficam, e que queremos terminar por um apelo, feito diretamente ao Presidente da República, para que, sob nenhum pretexto, consista na verdadeira demolição técnico-pedagógica que se projeta.

O ensino médico já possui muito pouca coisa entre nós – pelo menos o ensino oficial, consubstanciado na tradicional escola a que nos estamos referindo. Está neste momento sem um local adequado para prática condigna da anatomia, disciplina básica, e está também com suas clínicas distribuídas pela cidade. Um dos estabelecimentos hospitalares que realmente melhores recursos oferecem à instrução profissional da mocidade, neste particular, é o Hospital Estácio de Sá. Não se pode conceber que cogitem de o demolir tecnicamente.



Rio podia ceder um pouco de sua beleza...

Fala ao O Globo, encantado com a nossa Metrópole e com os progressos da nossa medicina, o chefe da Embaixada Universitária argentina.

Palavras de carinho e entusiasmo do Prof. Nicanor Palácios Costa

O Globo, 15-7-1941

Decano da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Buenos Aires, o Prof. Nicanor Palácios Costa, chefe da Embaixada Universitária argentina que ora se encontra entre nós, é uma das expressões mais fortes da cultura médica moderna da nação irmã. Sua escolha para dirigente da delegação de médicos que visita o Brasil é uma prova inequívoca do seu prestígio e do conceito de que goza em seu país.

Professor da cadeira de clínica obstétrica, diretor da Maternidade-Hospital Rawson, o Prof. Nicanor Palácios Costa tem, por outro lado, qualidades que o consagram como um fino diplomata.

Representantes de todas as províncias argentinas

No “hall” do Copacabana Palace Hotel, chegado havia poucos minutos da visita que fizera à Casa do Jornalista, o chefe da Embaixada Universitária argentina ia transmitindo ao repórter, suas impressões de nossos estabelecimentos hospitalares e das clínicas particulares que já visitara.

Antes, referira-se, ligeiramente, ao significado da Embaixada Universitária. A Argentina enviou ao Brasil representantes de sua cultura médica,

em todas as especialidades e de todos os recantos do país. Cada província tem sua representação própria; cada ramo de atividade e cada esfera de especialização estão integrados na Embaixada. Destinada à obra de intercâmbio intelectual, a delegação veio ao Brasil com o propósito de proporcionar, neste setor, um sentido prático e construtivo à solidariedade tradicional entre os dois países. O Prof. Palácios Costa salienta neste particular, que, muito mais vantajosamente que os congressos científicos, a Embaixada Universitária preenche tal objetivo. A circunstância de virem representantes das várias especialidades médicas e de todas as províncias do país assegura esta vantagem sobre os certames científicos. A classe médica da Argentina está realmente em contato com a classe médica do Brasil.

Contra as Faculdades Livres

O Prof. Palácios Costa, em seguida, fala na atenção que seus colegas brasileiros demonstram pelos médicos argentinos. Espera que todas estas gentilezas sejam correspondidas, à altura, quando os médicos brasileiros retribuírem a visita. S. Sa. exprime, a seguir, a boa impressão que tem tido das visitas já realizadas. As cadeiras montadas em nossas Universidades o são a rigor. Na opinião do Prof. Palácios Costa, nada há a desejar, neste sentido. No entanto, surge uma restrição, a de que as Faculdades livres não se adaptam bem a nosso espírito latino, sendo de todo modo preferível à existência exclusiva dos estabelecimentos oficiais.

O que mais o impressionou

O Instituto de Puericultura, entre os nossos estabelecimentos especializados, foi o que mais fundamente impressionou o Prof. Palácios Costa. Falando sobre as clínicas particulares, tendo palavras altamente elogiosas para os serviços do Prof. Arnaldo Morais. O Serviço de Cancerologia do Hospital Estácio de Sá, a cargo do Prof. Mário Kroeff, mereceu-lhe também especial menção.

O Rio de Janeiro devia ceder um pouco de sua beleza

O Prof. Palácios Costa, logo a seguir, fez referências aos amigos que tornou a ver no Rio de

Janeiro, expoentes notáveis de nosso mundo médico, segundo suas expressões próprias: o Prof. Fernando Magalhães e Aloísio de Castro. Referiu-se à biblioteca de autores médicos argentinos, composta de 2.800 trabalhos, que foi solenemente entregue ao chefe do Governo, juntamente com as saudações, em pergaminho, de várias associações e entidades argentinas.

Por último, o Prof. Palácios Costa, já se despedindo, falou da beleza do panorama que se des-cortinava – a praia de Copacabana, numa manhã radiosa de sol:

“O Rio de Janeiro é uma cidade tão bela, que bem podia ceder um pouco de sua beleza aos outros.”

Luta contra o câncer no continente americano

Correio Paulistano, 6-3-1941

A mortalidade geral em São Paulo acusa, de ano em ano, um número crescente de indivíduos vitimados pelo câncer. Temos estatísticas que remontam a 1934 e por meio delas se vê que a progressão é assustadora:

1934	740 ou 5,60
1935	868 ou 5,76
1936	984 ou 5,72
1937	974 ou 6,12
1938	1.085 ou 6,34
1939	1.127 ou 6,30

Conservamos ainda no ouvido e no coração, como também na nossa inteligência de brasileiros, o eco profundo das palavras inaugurais da Sociedade Brasileira de Assistência aos Cancerosos, proferidas no Rio de Janeiro, em junho de 1939, pelo Prof. Mário Kroeff. Mais de mil óbitos, anualmente, no Distrito Federal! – disse o orador – correm por conta do câncer. “Atendendo a que a proporção é sempre de uma morte anual para cada três atacados de lesões cancerosas, pode-se calcular em 3 mil o número de doentes nesta cidade e em 60 mil no território nacional.”

E no Velho Mundo? Conforme cálculos divulgados na mesma ocasião, existiam na Europa, naquele ano, perto de meio milhão de vítimas anuais de câncer. Não será, pois, exagero afirmar – concluiu o Prof. Kroeff – que mais de um milhão e meio de seres humanos são anualmente arrebatados pelo câncer. Esta nefasta doença, equiparando-se aos

grandes flagelos sociais, com tendência cada vez mais extensiva, parece comprometer até o futuro da humanidade, em sua aspiração de atingir um nível social cada vez mais perfeito.

Eis por que foi acolhida com satisfação, no Brasil em data de ontem, a notícia de haver o Dr. Francis Carter Wood, da Universidade da Colúmbia, nos Estados Unidos, anunciado a organização da Liga Pan-Americana contra o Câncer, a primeira que se funda, no hemisfério ocidental, com semelhante latitude. Já se acham inscritas na “Liga” 16 nações americanas e vai haver, em breve, sob o patrimônio de todas, uma “Semana Pan-Americana contra o Câncer”, preparatória do Primeiro Congresso Pan-Americano, com o apoio dos mais altos nomes da sociedade médica americana.

Temos ao alcance dos olhos o programa com que a nova “Liga” se apresenta, a saber: coordenação dos estudos sobre o câncer nos países do continente; disseminação de informações entre o público sobre os meios para combater o mal; trabalhos de fundo social em favor dos cancerosos pobres; estabelecimento, nos diversos países de organizações nacionais para similares atividades; instalação de um Centro Pan-Americano de Informação de Estatísticas do Câncer, como barômetro para criação de um jornal pan-americano para tratamento anticâncer.

Entre os incorporadores da “Liga Pan-Americana” figuram dois ilustres médicos brasileiros: o Dr. A. Cardoso Fontes, do Rio de Janeiro, e o Dr. A. Prudente, de São Paulo. De maneira que

está respondido, por antecipação, o desejo do Dr. Francis Carter Wood, de que o Brasil, por meio de seus cientistas, se faça representar na importante conferência pan-americana. O Rio de Janeiro e São Paulo não têm dormido nesta questão da luta contra o insidioso mal. Em São Paulo, o Instituto do Câncer, já em funcionamento, diz bem alto das generosas diretrizes que o emitente Sr. Dr. Adhemar de Barros imprimiu a seu Governo.

É preciso, aliás, que a ação conjunta, a ser combinada no “Congresso Pan-Americano da Liga

contra o Câncer”, a realizar-se em 1942, venha completar a ação individual. A debelação do mal ou pelo menos os meios de reduzir-lhe o campo de incidência não interessam exclusivamente a São Paulo, nem exclusivamente ao Rio de Janeiro, nem exclusivamente à América do Norte: interessam a todo o continente. Ou, melhor ainda, interessam ao mundo inteiro, pois não é coisa que deva deixar-nos tranquilos saber, como é de nosso conhecimento, que comumente o câncer ceifa, *urbi et orbi*, mais de um milhão e meio de seres humanos.



problema do câncer

Breves considerações sobre a eletrocirurgia

Dr. Rufino de Alencar (Ex-chefe da Clínica Dermatológico-Sifiligráfica da Marinha de Guerra Nacional

Gazeta de Notícias, Ceará, 19-4-1942

Dia a dia vão aumentando os casos de câncer de natureza diversa, de modo que uma moléstia, outrora, relativamente rara, na atualidade apresenta freqüência que atinge a um tão alto grau, que sobremodo está produzindo alarma do que provém a verdadeira Cruzada que na maior parte dos países civilizados está-se organizando, dentro dos moldes mais adequados às circunstâncias.

Desta variada série de neoplasias, a se manifestarem sob a influência de múltiplos fatores, decorreu a idéia de uma origem bacteriológica ou parasitária.

Desta última, lançou as bases no primeiro decênio deste século, o Prof. Jaboulay, chefe da Clínica Cirúrgica da Universidade de Lyon.

Dizia-nos ele: “Il doit y avoir dans le cancer quelque element general, um element unique ou varie qui doit exister dans toutes les productions cancéreuses.”

Ademais o Prof. M. Goubier assevera que tudo no câncer denota um elemento parasita, heteromorfo, nada de natural, de embrionário, do homeomorfo permitindo compreendê-lo, e acrescentava que para atingir o verdadeiro, ao real, ao positivo, em demanda de uma etiologia precisa, cumpria

não desprezar o microscópio, as pesquisas de laboratório, até se poder formular nitidamente um diagnóstico.

Todavia, embora na serenidade dos laboratórios se multiplicassem as pesquisas, ainda não se chegou a um resultado definitivo.

Muito se tem avançado no terreno da anatomopatologia, à mercê da qual, hoje discriminação das inúmeras variedades de neoplasmas, é um fato, donde a clínica cirúrgica, particularmente, a especializada, tira as mais salutares deduções.

Etimologicamente, nada ainda de positivo, de definitivo se há afirmado, se há conseguido.

Se a causa, o elemento primordial produtor das blastomanias é uma incógnita de uma difícil equação a resolver, é, entretanto, freqüente se ver, dentro da classe médica, um não pequeno número de clínicos que costumam atribuir seu desenvolvimento à evolução dos processos blastodérmicos dos derivados do petróleo, às inalações do ar contaminado, saturado dos produtos da combustão dos hidrocarbonatos, à ação nociva dos produtos do alcatrão.

Como colorário do exposto, se verifica incremento do câncer, depois do aparecimento dos automóveis e mais veículos de motores de explosão.

Alega-se comumente que são motivos possivelmente determinantes: o terreno luético, o uso do fumo em excesso, a insuficiência de nutrição, decorrente de um regime alimentar parco, reduzido ou de má qualidade, em virtude da carestia

da vida, em suma, muitas outras circunstâncias adjuvantes, todas capazes de contribuir para uma proliferação mórbida das células.

Enfim, continuamos no campo das experiências, das hipóteses, nada se podendo afirmar, decisivamente, sobre assunto tão importante, de tão palpitante atualidade.

Muitos são devotados próceres, os pioneiros desta salutar campanha contra o câncer; à sua frente, em posição de destaque, por seu devotamento, por sua cultura, inteligência de escol, está, não se podendo recusar ou refutar esta afirmativa, o ilustre professor da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, o Dr. Mário Kroeff, a quem em boa hora, a clarividência e reconhecido patriotismo de nosso benemérito Presidente Dr. Getulio Vargas houve por bem nomear para o elevado cargo de diretor do Serviço Nacional de Câncer.

Mário Kroeff foi introdutor, no Brasil, da eletrocirurgia no tratamento dos tumores malignos operáveis. Além de seus notáveis conhecimentos especializados na eletricidade médica, de sua longa prática nos meios científicos de Berlim, Viena, Paris e Budapeste, ele sabe esgrimir com elegância e perícia o bisturi.

Quando, sem deixar de ser prudente, passou a manejar o bisturi elétrico, com aquela precisão que só enche de entusiasmo a todos os que têm tido a oportunidade de vê-lo operar.

Já nos centros clínicos europeus mais adiantados, já em Buenos Aires, ou no Rio de Janeiro, em sua clínica do Hospital Estácio de Sá, sua habilidade, seus processos próprios de agir em face, às vezes, de dificuldades imprevistas, sagraram-no um de nossos mais reformados operadores, como também um dos mais destacados membros da campanha contra o câncer.

Quando freqüentávamos as aulas do curso de cancerologia, no Hospital Estácio de Sá, no Rio de Janeiro, tivemos a grata oportunidade de assistir a muitas de suas intervenções cirúrgicas e ficamos entusiasmados ao presenciar sua técnica impecá-

vel, donde não raro promanavam êxitos importantes, nos surgindo desde logo a convicção de que muito já se tem conseguido, por etapas memoráveis, na difícil e escabrosa estrada, que palmilhámos, para chegar à nobre meta de vencer uma das mais cruéis, deformantes e dolorosas das moléstias que afligem a humanidade.

Hoje, cremos firmemente no valor real da eletrocirurgia, quando servida pela perícia e ousadia de cirurgiões abalizados: Keysser na Alemanha, Kroeff no Rio de Janeiro e Antônio Prudente em São Paulo.

Na opinião de Dr. Carlos Botelho Junior, grande e notável cancerologista brasileiro, a eletrocirurgia constitui um recurso de alta valia contra o câncer, eficaz, prático, econômico e capaz de ampliar muito os limites de operabilidade nos casos avançados, que ele aconselha, enquanto não for descoberto um tratamento geral de origem específica.

O Prof. Oscar Ivanissevitch, de Buenos Aires, escrevendo a Kroeff, diz textualmente o seguinte: “Con gran simpatia lo recuerdo al leer su artículo sobre o tratamiento del Cancer por la electro-cirurgia.

Creo que es ese el Bueno camino. Adelante! Hay que seguir – Keysser es um ejemplo de decision y de energia – Supérelo usted em Brasil.”

H. Bordier, de Lyon, assim escreve sobre a eletrocirurgia:

“Charge par le docteur Mário Kroeff, professeur agrégé à la Faculté de Medicine de Rio de Janeiro, de faire connaitre aux medecins et chirurgiens français ses travaux et ses idées personnelles sur le traitement moderne du cancer des os, je vais m’efforcer de resumer, les grandes lignes de l’important memoire qui m’a été remis par cet éminent chirurgien.” E depois ele acrescenta: “C’est un fait nouveau en chirurgie osseuse que le sequestre de coagulation diathermique puisse servir de prothèse pour conserver la continuité du squelette.”

Franz Keysser, de Berlim, em entrevista concedida ao Correio da Manhã, em 1º de julho de 1936, disse textualmente: “Os bons resultados na eletro-

cirurgia só se podem esperar das mãos de um cirurgião que tenha boa técnica na cirurgia geral, e exclusivamente nestas condições é possível melhorar sua técnica especial elétrica e também ampliar os limites de operabilidade no câncer.

Já existe na Argentina e no Brasil compreensão melhor da eletrocirurgia, a qual vem sendo exercida por antigos alunos meus, como Antônio Prudente, J. Alcântara, José Camargo em São Paulo, e Diógenes Magalhães em Minas.

Mário Kroeff, no Rio de Janeiro, possui casos originais, e, empregando de maneira geral os métodos propagados por mim, tem concorrido para o aperfeiçoamento e difusão da eletrocirurgia, publicando trabalhos interessantes. Um aperfeiçoamento sistemático e uma especialização apurada tornam-se indispensáveis no combate ao câncer. Com grande surpresa minha, percebo que no Rio de Janeiro não existe ainda um instituto ou mesmo uma seção hospitalar onde estejam centralizados, para o combate ao câncer, ao lado da eletrocirurgia, também o radium e os raios X. E isto é tanto mais para admirar, quanto no Rio de Janeiro existem cirurgiões especializados na eletrocirurgia, como acima ficou dito.”

As irradiações a roentgen e da curieterapia se destinam a destruir efetivamente as células cancerosas, por entre os tecidos sãos, destarte surgindo o pensamento de substituir o velho processo da exereses.

Não resta dúvida de que, descoberto o radium, começou-se julgar a cirurgia posta à margem.

Todavia, as grandes esperanças das irradiações, consideradas verdadeiros bisturis eletivos das células blastomatosas, das neoplasias, foram com a prova do tempo reduzida a suas justas proporções, restritas às indicações de hoje, as quais se limitam a determinados tipos de tumores.

Não decaiu, pois, a cirurgia, conforme se esperava; ao contrário, como rejuvenesceu, mediante o alto grau a que atingiu sua técnica.

E desde que a cirurgia se aliou à eletricidade, ela oferece as maiores vantagens sobre os demais processos de exereses.

A cirurgia elétrica utiliza as correntes de alta frequência para cortar e pode obter o tipo de verdadeiro corte linear, característico do chamado bisturi elétrico, com camada de coagulação mínima na linha de incisão, até a eletrocoagulação propriamente dita, que produz larga área de coagulação, fundindo os tecidos, com ausência completa de sangue.

A cirurgia elétrica, ora muito em voga, compreende em seu conjunto, o bisturi elétrico, o bisturi diatérmico, o radiobisturi, ao lado da eletrocoagulação, da diatermia cirúrgica, da coagulação. Diznos Kroeff: “Tudo é eletrocirurgia, não importando o nome com que se determinem esses tipos de correntes, que apresentam apenas modalidades no modo de cortar e na capacidade de hemóstase.”

Oportuno é dizer que o eletródio diatérmico coagulando os tecidos em torno do ponto de contato, segundo Kroeff, eleva a temperatura local. Daí os dois grandes atributos da eletrocirurgia: coagulação e calor.

Estão neste ponto os recursos mais valiosos, melhor comprovados no combate ao câncer, nada mais se tendo podido acrescentar que possa caracterizar uma afirmação científica.

E, se muito falta para vencer, todavia cumpre não desesperar, ter cada vez mais ânimo, dedicação, despende maiores esforços, nunca recuando, pelo contrário, procurando obter novas e decisivas vitórias.



A luta contra o câncer

○ Estado, Niterói, 31-8-1943

O câncer é das enfermidades infelizmente mais comuns e, também, uma das mais antigas. Basta dizer que a denominação “carcinomas”, dada aos tumores malignos, vem de Hipócrates, o grande mestre da medicina antiga. Pouco sabemos de definitivo a seu respeito, mas a ciência, apoiada pelos governos esclarecidos, desenvolve esforços que já tem produzido resultados promissores.

A luta deve continuar, cada vez maior, pois o câncer assume, em alguns países particularmente, as proporções de uma calamidade.

Ainda agora a imprensa publicou que o Paraguai criará pesquisas sobre esse mal e ao tratamento de suas vítimas. É que na vizinha República estas chegam a representar um terço do obituário total.

Entre nós, embora a situação não atinja tamanha gravidade, a cifra dos cancerosos, como afirmava o saudoso Eduardo Rabelo, sobe progressivamente de quinquênio, de sorte que caminhamos, para pagar ao terrível flagelo, o mesmo tributo cobrado a nações outras onde determina elevado coeficiente de mortandade. Haja vista a França que perde, por ano, 40 mil vidas, ceifadas pelo temido inimigo; a Inglaterra, em cujo território o número dos falecimentos decorrentes da aludida moléstia, orça por 50 mil; a Alemanha, com 57 mil defunções, informes que bem evidenciam a enorme e angustiada extensão alcançada pelos blastomas nos centros mais civilizados e mais aptos para combatê-los.

Na América, sem que pese à intensa campanha ali realizada contra o câncer, perecem às suas garras cerca de 80 mil pessoas cada ano. Na Argentina e no Uruguai, essas afecções figuram no obituário com uma crescente freqüência.

Comentando o fato, já tivemos ensejo, alhures, de observar como eram, por isso, explicáveis as apreensões que se verificavam por toda parte e as energias que se despendiam com o objetivo de encontrar os remédios capazes de jugular a praga que se agigantava. Se não possuísimos, até o presente, um método ou recurso para a cura absoluta da maioria dos cânceres, circunstâncias que emprestaria extraordinário vulto à descoberta que os indicasse, não nos achávamos, porém, inteiramente desarmados e graças às intervenções cirúrgicas oportunas, as radium e à radioterapias muito se lograva obter em favor dos enfermos.

Efetivamente, nos países mais adiantados se têm multiplicado as medidas tendentes a pro-

porcionar aos que deles necessitam os benefícios que a medicina já lhes pode oferecer. A iniciativa plausível do Paraguai se enquadra nas diretrizes que presidiram à organização dos institutos de assistência aos cancerosos existentes na França, Inglaterra, Alemanha, Estados Unidos, Bélgica, para citar apenas os principais e que se encarregam, em geral, tanto do tratamento como dos estudos, visando clarear as questões obscuras ou por des-trinçar que a doença sugere.

No Brasil, o Presidente Getulio Vargas criou o serviço confiado ao Dr. Mário Kroeff e há, também em Belo Horizonte, instituto digno de registro.

Mas, e eis o ponto que convém martelar, de não menor valor é profilaxia do câncer, que depende de insistente e acurada propaganda, de molde a advertir o público, fazendo-o conhecedor de estados que favorecem seu aparecimento.

Muitas lesões, adequadamente tratadas na primeira fase ou de pré-câncer, não viriam a se transformar nos neoplasmas malignos.

No judicioso entender de eminentes sábios, entre os quais se destaca Ewing, estes atacados, quase sempre de formas específicas de inflamações crônicas, procedem de lesões sifilíticas, tuberculosas, atípicas, piogênicas e até mesmo catarrais, “Contanto que não falte o caráter crônico e a irritação pertinaz; provêm, outras, da involução fisiológica de órgãos, como o seio e a próstata, ou da hipertrofia regeneradora, que parece predominar como origem de algumas neoplasias do fígado e das glândulas de excreção interna; finalmente, podem ter nascença na transmutação maligna de determinados tumores benignos, com é o caso para o *noevi*, para certos adenomas, etc.”...

Fora de dúvida, em vários dos padecentes de câncer se acusam manifestações prévias, que podem ser tratadas e suprimidas.

A campanha, que se faça, alcançará seu máximo de eficácia na base da propaganda elucidadora do público, ensinando-lhe que talvez a metade dos casos seja evitável mediante o diagnóstico precoce, em ocasião ainda de terapêutica apropriada.

Assegura Eurico Giupponi essa verdade hoje conhecida de todos os médicos: que a cirurgia, a roentgenterapia e a curieterapia são três meios potentíssimos que, utilizados ecleticamente, cura-

riam muitíssimas vezes, tal não ocorrendo porque o câncer quase nunca é diagnosticado a tempo; os doentes, em regra, chegam às mãos do cirurgião nos períodos já avançados da enfermidade.

Câncer e sífilis

Originais de Maurício de Medeiros para A Gazeta

A Gazeta, 10-2-1944

Travasse no Rio de Janeiro, atualmente, uma discussão interessante. Há quem diga que se está negociando a venda da Fundação Gaffrée-Guinle ao Estado para que, em suas instalações, passe a funcionar o Instituto Nacional de Câncer.

A Fundação se destina a tratar doenças venéreas. Isso será feito gratuitamente a centenas de milhares de doentes pobres. Funciona há dezenas de anos, tendo prestado benefícios incalculáveis à população do Rio de Janeiro. Possui, além do Hospital Central, que é uma maravilha de construção e organização, postos ambulatoriais pela cidade.

No Hospital Central, além dos postos ambulatoriais, há vários serviços de hospitalização para clínica médica geral e para cirurgia. A Fundação fez contratos com algumas Caixas de Pensões e Aposentadorias para hospitalizar, mediante taxa módica, seus associados. Mesmo para doentes estranhos a qualquer Caixa, os preços são módicos. Quase que se destinam a deixar o doente bem com sua consciência, perdendo qualquer sentimento de humilhação por estar em serviço gratuito. Porque são ínfimos.

Uma instituição desta natureza não pode desaparecer. Não pode desvirtuar os fins para que foi criada. Não pode ser objeto de transação. Creio mesmo que nem os seus Estatutos o permitiriam.

Mas fala-se muito no assunto, porque o câncer está na moda e a sífilis continua a ser ignorada pela ciência oficial.

Todos os médicos vivem, há dezenas de anos, num trabalho intenso de propaganda e persuasão, mostrando ao público, que não há vergonha alguma em ter uma reação de Wasterman positiva, máximo quando se pode atribuir este inconveniente a travessuras dos antepassados. Com um êxito que assusta mesmo os estrangeiros, que vêm habitar conosco, conseguimos que se fale em “tratamento de sangue” com a mesma naturalidade com que se falaria de tratar um resfriado.

As moças já dizem ao médico que estão fazendo este tratamento porque tencionam se casar brevemente. Ninguém fica rubro de indignação, diante da hipótese de que tal ou qual mal possa ser atribuído à sífilis.

O terreno espiritual do grande público está, pois, excelentemente preparado para uma larga ação terapêutica e profilática. O que tem faltado, precisamente, é a ação oficial.

A Fundação Gaffrée-Guinle representa, ao menos no Rio de Janeiro, a única organização neste sentido. Resulta de esforços da iniciativa privada.

O câncer está na moda. Mas é evidente que as autoridades que têm de falar sobre este assunto não se deram ao trabalho de meditar na vastidão dos males da sífilis. É de muito boa política sanitária estabelecer hospitais para cancerosos, cen-

tros de tratamento, ambulatório de tais doentes. Lugares para diagnóstico precoce do mal. Mas tudo isto pode ser feito sem que se destrua ou perturbe a única organização séria e eficiente, com vários anos de atuação assombrosamente benéfica em proveito dos doentes pobres, que são as primeiras vítimas dos males de Vênus.

No câncer tudo está por fazer. Nem sequer sabemos exatamente se ele é realmente um mal muito disseminado no país.

Na sífilis tudo está conhecido, inclusive o infinito de conseqüências materiais e morais de sua disseminação e falta de tratamento. O que falta é apenas maior eficiência na ação do Estado para combater seus terríveis efeitos.

Que a ciência oficial se ocupe do câncer, está muito bem. Mas sua importância na vida do país, sob qualquer aspecto que seja o problema encarado, é infinitamente menor do que a da sífilis. Creio que sobre este confronto não pode haver a mínima hesitação.



Uma grande obra de beneficência ameaçada de desaparecer

O que é a Fundação Gaffrée-Guinle, única no gênero, entre nós – Média diária de mil pessoas em busca dos serviços gratuitos dos seus ambulatórios da rua Mariz e Barros. Entre o câncer e a sífilis, incomparavelmente maiores os males que nos causa esta última doença – A eloqüência dos números – Demorada visita do *Correio da Noite* àquela importante organização hospitalar.

Entre as notícias que vão circulando sem a autorização ou a devida elucidação das pessoas que, direta ou indiretamente, são responsáveis pelos assuntos que ferem, chamamos a atenção que apresenta o Estado como interessado na aquisição da Fundação Gaffrée-Guinle, com o objetivo de instalar, no prédio, em que a mesma funciona, o Instituto Nacional de Câncer. Diante desta

notícia, que de um princípio julgamos descabível, a reportagem do *Correio da Noite* correu a fazer uma visita àquela Fundação, no intuito de colher alguma informação a respeito ou algo de interesse a ser focalizado.

Na Fundação

Eram pouco mais de 9 horas quando nos recebeu o Dr. Thompson Mota, diretor da Fundação Gaffrée-Guinle, ali na sede central na rua Mariz e Barros. Não obstante nos acolher com muita gentileza, esquivou-se de uma entrevista, evitando mesmo tocar no assunto. Pôs-nos, entretanto, em liberdade para uma visita à organização. Neste particular, encontramos a máxima boa vontade do Dr. Henrique Moura Costa, chefe-geral dos ambulatórios. A princípio tivemos também a companhia do Dr. Oby Loyola, chefe de serviço de cardiologia e do seu assistente, Dr. Armênio Flores. O jornalista teve, assim, ocasião de constatar “de visu”, aquilo que já conhecia por inúmeras referências: a Fundação Gaffrée-Guinle constitui uma organização modelar, completa e única, entre nós, na profilaxia e tratamento das moléstias venéreas. Todo indivíduo que ali se apresentar com uma infecção venérea em qualquer parte do organismo encontrará certamente uma seção apropriada ao seu tratamento. Em companhia do Dr. Moura Costa, que amavelmente nos dava os devidos esclarecimentos, visitamos, uma por uma, as seções dos ambulatórios, notando grande número de pacientes em toda elas, não obstante, àquela hora, já haver decrescido bastante o movimento geral do serviços.

Finalidades e instalações

Para que os nossos leitores possam ter uma idéia mais íntima da importância desta obra de assistência social, vamos sintetizar aqui a nossa reportagem com os dados mais expressivos colhidos. A Fundação Gaffrée-Guinle data de 1924 e é originária de uma doação particular.

Foi destinada exclusivamente para o tratamento das doenças venéreas. Para isto, mantém dez

ambulatórios em funcionamento, sendo um especializado para tratamento da sífilis nervosa e dois para tratamento das mulheres grávidas. Mantém um hospital com 55 leitos, gratuitos para venéreas. Todo o tratamento nos ambulatórios é gratuito, inclusive os medicamentos, muitos dos quais de preço elevado. Entre outros dos variados serviços ali instalados para tratamento da sífilis, salientamos os que se encontram nas seguintes seções anexas: cardiovasculares, olhos, ouvidos, nariz e garganta, raios X e fisioterapia.

A eloqüência dos números

Só no ambulatório da Mariz e Barros a média diária de pacientes é de mil. O movimento total, nestes 20 anos de existência da Fundação, é o seguinte: Procuraram-na cerca de 900 mil pessoas, existindo, matriculadas, cerca de 500 mil, ou seja, tantas quanto a quarta parte da população do Distrito Federal. Foram feitos mais de um milhão e 300 mil exames de laboratório e 600 mil exames de sangue. Foram aplicadas cerca de 9 milhões de injeções e se realizaram cerca de 5 milhões de curativos diversos. O número de consultas, durante o tratamento, vai além de 4 milhões e meio.

Subvenção

Ao que sabemos, a manutenção destes serviços é feita mediante uma verba anual do Governo, de 1 milhão de cruzeiros, concedida apesar da majoração contínua do custo de todas as utilidades. Para se manter os serviços gratuitos com eficiência, foi necessário explorar as instalações do hospital com pacientes de maiores recursos, sendo toda a renda aplicada obrigatoriamente nos serviços de ambulatório, possibilitando ainda a manutenção dos 55 leitos gratuitos de que já fizemos referência. Entre os inúmeros benefícios propiciados pelos serviços da Fundação, citaremos o decréscimo de afecções do coração e do sistema nervoso, observado nestes últimos anos, bem como a impressionante baixa no índice de mortalidade por sífilis, que passou de 50 por 100 mil habitantes, a cerca de 30 mil,

isto é, a metade. Ali, naquela importante organização hospitalar, atualmente emprestam a sua colaboração profissional cerca de 160 médicos de reconhecida competência, muitos dos quais não percebem remuneração alguma, sendo que os demais o percebem apenas para o fim de condução. Entre os médicos da Fundação, citamos os Drs. Pedro da Cunha, Davi de Sanson, Joaquim Mota, Henrique Moura Costa, Clovis Correia da Costa, Ângelo Pinheiro Machado etc.

Algumas ponderações

Do exposto em nossa reportagem, é de se lamentar, portanto, que a campanha profilática do câncer, ou seja, qual for, venha causar o aniquilamento de tão importante serviço de saúde pública, com um relevante cadastro de benemerência e cuja continuidade é logicamente necessária.

Não resta a menor dúvida de que o serviço contra o câncer deva ser atacado como o merece. Mas ninguém, de compreensão ou conhecimento abaixo do mediano, pretenderá confrontar, na balança das estatísticas e dos números, males que nos causam o câncer e a sífilis. Basta dizer que entre 10 indivíduos, apanhados a esmo e em qualquer parte ou camada social, mui dificilmente não se encontrará 1 – só... – que não sofra ou que não haja sofrido as conseqüências da sífilis, mostrando-as em algum defeito físico, alguma debilidade orgânica, alguma tara. Salienta-se que muitos destes desagradáveis e indelévels vestígios são mostras do maravilhoso e imperturbável ferrete da hereditariedade, arma terrível do terrível mal. Já vimos que na Fundação Gaffrée-Guinle — cujo serviço de fichário é magnífico — acham-se matriculadas cerca de 500 mil pessoas, que ali fizeram tratamento contra sífilis.

Vamos diminuir esse número argumentando que nestes 20 anos de atividade da Fundação, muitos dos matriculados já deixaram de existir e outros muitos não residem nesta capital. Contudo, o número que sobra é ainda, terrivelmente soberbo! E já pensamos no grande número de pessoas

que sofreram ou sofrem de doenças venéreas que ali não se encontram matriculadas? É absurdo falarmos em eugenia da raça, aniquilando uma obra com esta que vimos focalizando. Não pode ser levado em conta de benefício público um serviço que nasce sacrificando um outro que maiores somas de benefícios proporciona à coletividade. Para

onde iria a Fundação Gaffrée-Guinle com todas as suas amplas e adequadas instalações? Ficaria reduzida a duas ou três dependências de um hospital policlínico, metido em algum recanto, pouco acessível ao público? Foi por isso que achamos descabível a notícia em circulação.



flagelo do câncer

Gazeta de Notícias, 2-3-1944

Altamente interessante é, sem dúvida, a entrevista concedida à imprensa matutina de ontem, pelo conhecido cancerólogo patricio, Prof. Mário Kroeff.

Tendo regressado recentemente dos Estados Unidos, de onde trouxe uma partida de radium para o Serviço Nacional de Câncer, o ilustre cientista fez revelações sensacionais sobre o terrível mal, cujas estatísticas de mortalidade apresentam cifras verdadeiramente alarmantes.

Nos Estados Unidos, o câncer ocupa o segundo lugar na ordem das causas de morte de maior frequência. Enquanto aumenta a proporção de mortes pela terrível doença, muitas doenças infecciosas desapareceram ou se reduziram no obituário geral daquele país, pela ação da medicina preventiva. Passando a observar o panorama local, o Prof. Mário Kroeff aborda ilustrativas considerações sobre o que temos feito e o muito que temos a fazer, no combate ao câncer, que vítima, anualmente, 20 mil pessoas. Encarece a necessidade da criação de um grande Instituto-Hospital que atenda não só à assistência médica dos afeta-

dos pelo mal, como ainda ao estudo da doença e à investigação científica.

O câncer é doença curável, quando diagnosticada a tempo. Para tanto, porém, impõe-se a criação de institutos com toda a aparelhagem necessária, e que é dispendiosíssima, e a formação de técnicos.

A Campanha Nacional contra o Câncer vai realizando, sem dúvida, obra altamente meritória. Mas muito e muito há ainda pela frente, para que possamos estar em condições de enfrentar o problema convenientemente. Ressaltando a necessidade da cooperação de iniciativa privada, o Prof. Mário Kroeff refere-se à ação governamental, que se vem fazendo sentir eficiente, através de seu órgão competente, o Ministério da Educação, em cuja dependência está o Serviço Nacional de Câncer.

O problema sanitário brasileiro, de tão impressionante complexidade, tem sido enfrentado com decidida resolução pelo Estado Nacional, não há de negar. E o que bem caracteriza este aspecto do novo regime é o cuidado dispensado à formação de profissionais especializados, cujo quadro já apresenta verdadeiros valores.



câncer e os poderes públicos

Correio do Povo, Porto Alegre, 23-2-1945

O diretor do Serviço Nacional de Câncer expôs, há poucos dias, em declarações prestadas a esta folha, o plano de trabalho daquela entidade e o que já foi feito ou está prestes a ser feito em matéria de coisas concretas, de benefícios inconteste para vítimas – que são em número alarmante no Brasil – do terrível câncer. Bem se sabe que, desgraçadamente, ainda é limitada e, em muitos casos, impotente a ação da ciência na guerra ao grande flagelo.

Embora não faltem lutadores e mártires, muito vasto é o terreno a desbravar e muitos imprecisos, ainda, os resultados colhidos de uma campanha que já tem decênios de heroísmo e dedicações. Para um país das proporções territoriais e da população do Brasil, o que está feito ainda é bem pouco, ainda é quase nada. O Serviço Nacional de Câncer prepara, atualmente, 350 leitos na Capital federal. Porto Alegre possui alguns quartos particulares e, na Santa Casa de Misericórdia, uma enfermaria pungente. São Paulo deve ter alguma coisa neste sentido. E provavelmente nada mais existe em todos estes nossos amplíssimos 8 milhões e meio de quilômetros quadrados, com esta quase meia centena de milhões de criaturas sujeitas aos horrores do mal insidioso e inexorável. E estão recentes os primeiros passos de uma luta que tem de ser longa, ingente e cheia de determinação e eficiência.

Quais serão no Rio Grande do Sul as cifras da mortalidade devida ao câncer? A estatística oficial diz que, entre 1941-1942, morreram no Estado, 2.357 cancerosos, contribuindo o câncer com 25% da mortalidade geral registrada. Mas, é preciso saber que, num total de 81.135 falecimentos ocorridos no biênio em causa, a quarta parte, ou precisamente, 20.205 óbitos constam sob rubrica de causa não especificadas ou mal definidas. Quantos cancerosos estarão neste número? É o que não temos elementos para apurar. Contudo, os profissionais que, no Estado, se têm dedicado mais intensamente à luta contra o câncer afirmam ser elevada a percentagem de falecimentos, determinados pelo câncer, sem que, pela falta de assistência médica, seja a enfermidade identificada. À medida que o trabalho de conhecimento exato da situação do Estado neste particular for sendo desenvolvido, os números crescerão de modo impressionante, asseguram. Só então será possível ter uma idéia da extensão gravíssima do surto canceroso no Rio Grande do Sul. Seja dito, entretanto, que já não é preciso muito pesquisar para ver o perigo; só a tuberculose, a diarreia e a enterite, as doenças do coração e a debilidade congênita excedem, nas estatísticas oficiais, as cifras de mortalidade do câncer. Que mais será necessário para demonstrar as proporções assumidas pelo atroz enfermidade no Estado?

Castigado rudemente pelo câncer, o Rio Grande do Sul não é, contudo, dos Estados que estejam em piores condições, no tocante ao esforço



de combatê-lo eficientemente, pelo diagnóstico e tratamento precoce, segundo a recomendação dos competentes. Obra particular, conta o Estado, entretanto, uma rede que vai propagando a vigilância contra os assaltos traiçoeiros da doença. Não é, entretanto, o bastante para que os poderes públicos se sintam desobrigados de uma ação de larga envergadura. O Uruguai, país de possibilidades materiais sem dúvida bem inferiores à nossa, dispõe, em matéria de combate ao câncer, de organização admirável. São muitos os rio-grandenses que, atravessando a fronteira, vão buscar, em Montevidéu – uns a peso de dinheiro, se aptos para isto, outros a título inteiramente gratuito, se desprovidos de recursos financeiros –, o alívio para os seus sofrimentos de cancerosos. E os uruguaios que necessitam de assistência no Instituto de Radium de Montevidéu, destes que, incapacitados para os encargos do tratamento, tudo obtêm gratuitamente de seu Governo, desde a passagem da estrada de ferro até as dispendiosas aplicações de radium. Não é isto, rigorosamente, o que se chama assistência social?

A tarefa de combater o câncer é das mais difíceis, isso ninguém o desconhece. Colocada a ciência ainda em terreno inseguro, agravada a luta pela falta de educação sanitária das populações e sendo proibitivamente elevado o preço das aplicações radioterápicas, pode-se imaginar a desigualdade do combate. Atitudes contemplativas é que não cabem, entretanto. Urge ampliar incessantemente o programa de ação e apresentar resultados concretos. O Uruguai é, com a obra que, neste sentido, oferece a seu povo e, por igual aos brasileiros que há ocorrem, homens de bens ou criaturas pobres, um exemplo. Não apenas o louvamos por isto. Tratemos de imitá-lo quanto antes, que há milhares de infelizes cancerosos morrendo lentamente, sem saberem, muitas vezes, a que portas há de bater, à procura angustiada de um pouco de alívio e de esperança.

Luta contra o câncer

Jornal do Brasil, 26-5-1945

A iniciativa particular, com um espírito de solidariedade humana que honra o nosso povo, assume um lugar de relevo na luta contra o câncer. A ação do Governo, não bastante à solução do problema, dadas a importância e a complexidade da questão, é motivo para que associações se criem e se fundem no sentido de, paralelamente colaborar com as autoridades e na obra da assistência aos enfermos desvalidos.

Agora mesmo, funda-se no Rio mais uma instituição destinada ao estudo da terrível moléstia e ao socorro aos enfermos pobres.

O capitalista que concorreu com os fundos necessários à sua organização confiou-a ao Sr. Mário Kroeff, que vem fazendo da campanha contra o câncer um verdadeiro apostolado.

O interessante, e por isto mesmo mais digno de louvor, é que o programa de nova fundação não se limitará à Capital da República, mas estender-se-á a todos os Estados num programa, que, dia a dia, se completará e aperfeiçoará.

A iniciativa é digna dos melhores aplausos. O câncer é, hoje, uma das enfermidades mais disseminadas. A sua cura é relativamente fácil, quando no princípio. Oferecer elementos de cura e restabelecimento aos doentes é permitir que esses se integrem na comunidade sadia, tornando-se úteis ao país.

Dr. Martinez, de Porto Rico fala ao A Noite sobre a luta contra o câncer nas repúblicas sul-americanas

Junho de 1945

O câncer representa de fato uma ameaça à humanidade?

1º No hay duda. Es el contumaz y cruel de cuantos afligen al ser humano. Ao contrario de como pudiera pensarse, su frecuencia aumenta com el progreso higienico de los pueblos. Como dyo figuradamente nuestro insigne Cancerólogo, doctor Mário Kroeff, parece a primera vista y a um ligero examen que ocurre de vez em cuando entre los niños y los juvenes, tiene su mayor frecuencia em la edad adulta y durante la vejez. Asi, de cada seis defunciones registradas em personas mayores de 36 años. Uma se debe al cancer. Y esa es la epoca de la vida em que el ciudadano riende mejores servicios a la comunidad. Por outra parte es casi um dogma que de cada 10 habitantes del Mundo uno ha de sufrir câncer em qualquier epoca de su vida, y que de los atacados solo escapa a la muerte el 25 por ciento, no comporta si para defenderlos se manejan todos los recursos de que la Ciência dispone hoy.

La hygiene publica, defendiendo el hombre contra las enfermedades pestilenciales y parasitarias ha prolongado la vida media del individuo desde 30 años hace um siglo a 57 hoy em los Estados Unidos. A mayor numero de viejos, mas victimas para el câncer.

Como se realiza a campanha em Porto Rico?

2º Em Puerto Rico el gobierno há participado,

muy poço em la lucha contra el cancer. Su accion que, y es, regateada e ineficaz. No obstante, se vislumbran prespectivas alentadoras para un futuro proximo. Pero hasta la fecha todo el rso del rigor em esta cruenta lucha lo lleva em sus hombros la Liga Puertorriqueña Contra el Cancer, institucion con un dispensario y uma Clinica, donde anualmente se examinan cerca de mil personas y se tratan com Cirurgia, radium y rayos X nas de 500 cancerosos. Mantiene además una division de propaganda y ed. ta la Revista de la Liga Puertorriqueña Contra el Cancer. Su trabajo educativo, creo yo, es de tal magnitud, de laperseverancia y de tanta efectividad, que no tiene paralelo em America.

Como se faz a luta nas repúblicas sul-americanas?

3º En las repúblicas sudamericanas del Pacifico la lucha contra el cancer ser realiza principalmente a base de tratamiento centralizado em un establecimiento especial sostenido por el Estado y que, por lo general se denomina Instituto de Radiologia. Columbia mantiene em magnífico muy bien equipado y baho las ordenes de personal muy competente; alli el Curieterapeuta dispone de 3 gramas de radium. Peru tiene em Lima un magnífico Instituto provisto de radium, excelente y equipos de roentgenterapia y personal muy hábil, todo ello em un esplendido hospital con 5 pisos y 150 camas. Chile cuenta tambien com outro Instituto Central de Radiologia, equipado con Buenos aparatos, radium, facilidades, para el diagnostico

y tecnicos y cirurjanos muy habiles; pero trabajan em un medio muy pobre, en manifiesta discórdancia con la capacidad de sus especialistas.

Mientras la propaganda educativa esta en el Pacifico relegada al segundo termino, observo que es diferente en la costa del Atlântico. Asi, Buenos Ayres con el insigne professor Roffo a la cabeza, traga en su Instituto de Medicina Experimental para el estudio del cancer, la panta a seguir en toda lucha contra el cancer bien organizada, haciendo marchar parejas las actividades educativas con las funciones terapeuticas. Es una obra a su fundador y al pais que la sostiene. El professor Roffo dispone de abundantes recursos para investigacion, tratamiento y servicio social y de propaganda. Ese instituto cuenta con quince magníficos edificios.

En Uruguay el Dr. Buttler, director del Instituto de Radiologia y de lucha contra el cancer trabaja como Roffo utilizando campañas de divulgacion y ofreciendo tratamiento bien concebido a las victimas del cancer.

E no Brasil?

4° La campaña brasileña contra el cancer tal como la viene conduciendo nuestro indomable luchador e insigne cancerólogo, doctor Mário Kroeff, es, a mi entender, de imenso valor científico y social. Se trata de um dirurjano com reputacion

mundial, que ha contribuído grandemente al progreso del tratamiento cururgico del cancer creando nuevas técnicas para la extirpacion de los tumores avanzados. Yo he tenido la fortuna de verlo operar y de admirar su habilidade y discrecion clinica.

Pero este notable cancerólogo se debate em un medio impropio y raquíico. El vuelo de sus brillantes confecciones necesita mas espacio y mejor equipo. Lo acompañan em su obra redentora jovenes brillantes de gran porvenir destinados a converter-se bajo la agida del mastro em especialistas de gran reputacion.

Es necesario, es urgente la creacion em Rio de Janeiro, de un Instituto Central para el estudio, investigacion y tratamiento del cancer, con funciones educativas para formar especialistas em todos los ramos de la cancerologia. A ese instituto debe de estar adscrita uma seccion de propaganda educativa oral y escrita.

5° Creo firmemente que la ciencia llegara dominar el cancer, quando menos em el mismo grado que tiene a raya otras enfermedades temibles no microbianas. Pero esa Victoria tornara mucho tempio – mientras tanto hay que luchar; y para gamar la batalla se necesitan 3 cosas: dinero, dinero y mas dinero o al gobierno y a los millonarios correponde supriilo.



9

Organizações de luta contra o câncer nos Estados

Luta contra o câncer nos Estados	411 a 413
Criação do Instituto do Câncer pelo ex-Interventor Adhemar de Barros	414 a 415
Projeto de novo Instituto na gestão do Sr. Fernando Costa	416 a 417
Campanha do câncer em São Paulo	418 a 423
Luta contra o câncer no Rio Grande do Sul	424
Associação Médica do Combate ao Câncer no Rio Grande do Sul	424
Conferência do Prof. Saint-Pastous na Academia Nacional de Medicina	424 a 427
O que se tem feito no Rio Grande do Sul, na palavra do Dr. Moysés Menezes	427 a 429
Liga Baiana contra o Câncer	430
Instituto Brasileiro de Oncologia	431 a 432
Sociedade Brasileira de Cancerologia	433 a 435

*L*uta contra o câncer nos Estados

Luta contra o câncer em São Paulo

Instituto Arnaldo Vieira de Carvalho

Histórico: “Data de 1919 o primeiro movimento em São Paulo, de alcance social, no tocante ao problema do câncer. Chefiou-o o Prof. Arnaldo Vieira de Carvalho, então diretor da Faculdade de Medicina e da Santa Casa de Misericórdia, que, impressionado com as devastações do flagelo, apresentou, à Sociedade de Medicina de São Paulo, a idéia de fundar-se um serviço com a quantidade de radium suficiente para atender, no particular, às necessidades imediatas da nossa população hospitalar em geral. A Sociedade de Medicina acolheu calorosamente a idéia e nomeou incontinenti uma Comissão composta dos Drs. Arnaldo Vieira de Carvalho, Oswaldo Portugal e Raphael Penteado de Barros, investida de plenos poderes, para agir neste sentido. Ao prestígio social, reputação científica e autoridade do notável cirurgião paulista que presidia a Comissão, não foi difícil obter, em subscrição pública, que se tornou memorável, os meios necessários à consecução da idéia. Os resultados desta subscrição, que foram amplamente divulgados pela imprensa, possibilitaram a realização do objetivo colimado. Elaborados os Estatutos do Instituto Arnaldo Vieira de Carvalho, pela referida Comissão, em homenagem ao idealizador e criador da Instituição, recebeu esta o nome do saudoso professor, já então faleci-

do. Promovido o reconhecimento da sua personalidade jurídica, firmou o Instituto Arnaldo Vieira de Carvalho acordo com a Santa Casa de Misericórdia de São Paulo em virtude do qual veio a ser construído o edifício do Instituto em terreno do Hospital Central da Santa Casa, obrigando-se a hospitalizar e tratar gratuitamente os doentes daquela entidade vítimas do câncer. Confiados os estudos técnicos para execução das obras ao Escritório de Engenharia do Dr. Ramos de Azevedo, diretor da Escola Politécnica e engenheiro da Santa Casa, foi posteriormente por ele atacada a construção, que terminou em meados de 1929. Inaugurado em novembro de 1929, desde esta data, vem, ininterruptamente, o Instituto Arnaldo Vieira de Carvalho prestando seus serviços especializados à pobreza vitima do terrível mal. Em 1940, com recursos acumulados, graças ao amparo dos Poderes públicos e ao favor das pessoas generosas iniciou o Instituto a edificação de mais um pavimento, ampliando e melhorando as suas instalações já insuficientes para atender ao número sempre crescente de enfermos que recorrem à Instituição. As despesas aplicadas na reforma do edifício atingiram a Cr\$ 649.494, 20 em 1943, o que bem demonstra a sua amplitude. Está agora o Instituto dotado de um prédio com instalações adequadas e atualizadas, provido de moderna aparelhagem para melhor desempenhar suas altas finalidades. No 4º pavimento foram instalados o Centro Cirúrgico, de primeira ordem, e as dependências especializadas para a Seção de Radium em Geral e Dermatolo-

gia, citando apenas estes melhoramentos de maior vulto. A Seção de Radioterapia, graças ao concurso da benemerita Legião Brasileira de Assistência, conta agora com dois novos e modernos aparelhos para radioterapia profunda. Não conseguiu ainda o Instituto instalar em dependências próprias já preparadas o seu Laboratório Anátomo-Patológico de Pesquisas Clínicas, continuando a servir-se do Laboratório da 1ª Cirurgia de Mulheres da Santa Casa. O número de leitos para indigentes que era inicialmente de 20 foi aumentado com as reformas executadas para 40.

Principais instalações e aparelhagem

Dotação de Radium Elemento: — A dotação de Radium Elemento do Instituto é 757 mg de RaE assim distribuídos: 2 tubos de 50 mg, 4 de 25, 40 de 10; 5 agulhas de 10 mg, 10 agulhas de 5 mg; 1 placa de cm²; 2 de dois; 2 de quatro e 4 de oito cm².

Com o produto de donativos obtidos do alto comércio desta praça e de Santos obteve o Instituto os recursos necessários para adquirir mais meia grama de Radium Elemento. Já está feita a encomenda nos Estados Unidos à Canadian Radium and Uranium Corporation, devendo portanto contar em breve o instituto com um grama e duzentos e cinqüenta e sete meio miligramas de Radium Elemento.

Centro Cirúrgico: Está instalado no 4º pavimento do Instituto um moderno centro cirúrgico com duas salas para operações sépticas e assépticas. Está equipado com mesa de operações Maqué e moderno aparelho Thermoflux cirúrgico modelo do Dr. V. Siemens, produto de todos os acessórios próprios para a prática das mais diversas intervenções. Dispõe de todo o instrumento cirúrgico de uso comum para pequenas e altas operações.

Seção de Radium em Geral e Dermatologia: estão instaladas no 1º pavimento as salas de consultas e salas para exames e pequenos curativos. No 4º pavimento, ao lado do Centro Cirúrgico, estão as dependências especializadas para aplicação de radium. Conta para este fim nesta dependência com todo o material acessório indispensável, instru-

mental cirúrgico comum e especializado, filtros metálicos, mesa de chumbo para manipulação de radium. Estufa própria em instalações adequadas para uso de moldes à base de cera (pasta Colombial). Utiliza esta seção a dotação de radium já descrita para aplicações de curiepuncturas de pele e tecidos subjacentes, do mesmo passo que as de lábio, língua, palato mole etc. como para as aplicações transcutâneas, desde as menores com um ou dois aparelhos às mais extensas com de 15 a 20 tubos. Em conjunto com a seção de ginecologia, executa também as aplicações especializadas em ginecologia.

Seção de Radioterapia: Funciona no 1º pavimento contando com salas de consultas e exames e com três postos para radioterapia. Dois postos são equipados com modernos aparelhos “Duocondex” D 25 General Electric, adquiridos nos Estados Unidos com auxílio da Legião Brasileira de Assistência. O terceiro posto conta com a instalação Siemens – Estabilivolt. Dispõe também a seção de aparelho de câmara de ionização, tipo Dositron, para dosagem periódica dos aparelhos, o que permite a prescrição das doses em unidades “r” internacional.

Seção de Eletroterapia: Está instalada no pavimento térreo e conta com 12 gabinetes para aplicações de diatermia, ultravioleta, infravermelho, ionização, corrente farática, corrente de Watteville, galvanização e para eletrodiagnósticos, diatermo-coagulações, eletrolises etc. Dispõe de todo o instrumental adequado ao serviço.

Seção de Radiodiagnóstico: Funciona no pavimento térreo. Dispõe de aparelho “Ordix” com capacidade de 10m A – 100 KV produtos da fábrica Kock & Sterzel, de Dresden, com todos os acessórios.

Seção de Otolaringologia: No primeiro pavimento estão as instalações apropriadas para o ambulatório de Otorrinolaringologia e salas para consultas. Utiliza-se do Centro Cirúrgico para altas intervenções.

Seção de Ginecologia e Cirurgia: No 2º pavimento estão instaladas as salas de consultas, de exames e pequenos curativos deste serviço. Uti-

liza-se do Centro Cirúrgico para as intervenções adequadas. As aplicações de radium em ginecologia são feitas em conjunto com as seções de Radium em Geral e Ginecologia.

Seção de Lavanderia: Para o serviço de indigentes dispõe o Instituto de serviço de lavanderia próprio equipado com duas máquinas para este serviço, tipo “Maitag” e ABC, bem como de máquinas e instalações acessórias.

Secretaria, Tesouraria e Fichário: No pavimento térreo funcionam a Secretaria, a Tesouraria e a sala de serviço de fichário geral do Instituto, orga-

nizado pelo sistema decimal, centralizando todo o movimento do prontuário dos doentes, de todas as seções do Instituto, sob classificação nominal topográfica e etiológica.

Enfermaria: No segundo pavimento estão as dependências das enfermarias para indigentes que dispõem de 40 leitos, 20 para homens e 20 para mulheres. Há também dois berços para lactantes.

Sala de Conferências: No segundo pavimento está instalada a sala para conferência e projeções do Instituto.

Criação do Instituto do Câncer pelo ex-Interventor Adhemar de Barros

Cria o Instituto do Câncer e dá outras providências

Decreto-lei nº 11.198, de 27 de junho de 1940

O Doutor Adhemar Pereira de Barros, Interventor federal no Estado de São Paulo, usando de suas atribuições, de conformidade com o art. 6º IV, do Decreto-lei nº 1.202, de 8 de abril de 1939, e nos termos da Resolução nº 1.177, de 1940, do Departamento Administrativo do Estado.

Decreta:

Artigo 1º – Fica criado como dependência do Departamento de Saúde e diretamente subordinada à sua Diretoria Geral o Instituto do Câncer.

Artigo 2º – Ao Instituto do Câncer, com ação extensiva a todo o território do Estado, compete:

- a) organizar, orientar e executar a campanha contra o câncer e outros tumores malignos, quer sob o ponto de vista médico-social, quer sob o aspecto profilático-educativo;
- b) estimar e coordenar os estudos e investigações em torno dos problemas clínico-científicos referentes aos tumores malignos;
- c) ministrar o tratamento do câncer e outros tumores pelos conhecidos e eficientes meios de combate à doença, como sejam a cirurgia, a roentgenterapia e a curieterapia;
- d) instituir cursos de especialização e aperfeiçoamento para médicos, colaborando com os órgãos

de ensino médico de maneira a lhes facilitar a divulgação dos conhecimentos oncológicos;

e) orientar a ação dos Centros de Saúde na campanha de profilaxia da doença, bem como orientar a ação da Seção de Propaganda e Educação Sanitária, no sentido de desenvolvimento da propaganda sobre a curabilidade do câncer, tratado precocemente;

f) organizar e orientar os serviços relativos à estatística sanitária e proceder a estudos sobre os aspectos geodemográficos concernentes ao câncer;

g) colaborar e estabelecer intercâmbio com instituições públicas e privadas, visando à finalidade de sua criação;

h) estudar e sugerir medidas tendentes à proteção dos trabalhadores de raios X e radium.

Artigo 3º – O quadro do pessoal do Instituto do Câncer e os respectivos vencimentos anuais são os seguintes:

1 Diretor	30.000,00
1 Técnico e radiologia	6.000,00
1 3º Escrivão	7.200,00
2 4º Escrivãos	6.000,00
1 Desenhista	9.600,00
2 Enfermeiros	7.200,00
2 Serventes	3.900,00

§ 1º – Além do pessoal efetivo, haverá pessoal contratado, de acordo com as necessidades do serviço e de conformidade com a dotação orçamentária.

§ 2º – Com exceção do cargo de diretor, que será de livre escolha e nomeação, nos demais quer efetivos, quer de contrato, será aproveitado o pessoal dos centros de saúde que vierem a ser extintos.

Artigo 4º – Fica revogado o Decreto nº 10.353, de 21 de junho de 1939.

Artigo 5º – O Governo do Estado fica autorizado a realizar as operações de crédito necessárias à execução do presente decreto-lei.

Artigo 6º – Este decreto-lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio do Governo do Estado de São Paulo, em 27 de junho de 1940.

Projeto de novo Instituto na gestão do Sr. Fernando Costa

Criado em São Paulo pelo Governo estadual novo Instituto do Câncer

Para instalá-lo serão adquiridos os edifícios do antigo Hospital Alemão – Declarações do Sr. Nogueira de Lima

Folha de Manhã, 13-4-44

A propósito da criação do Instituto do Câncer, medida do mais alto interesse para a Saúde Pública em nosso Estado e que acaba de ser tomada pelo Governo paulista, a reportagem ouviu o Sr. Sebastião Nogueira de Lima, Secretário da Educação e Saúde Pública.

“O Instituto do Câncer, disse ao repórter o Sr. Nogueira de Lima, instituir-se-á nos moldes do Serviço Nacional de Combate ao Câncer, regulado pelo Decreto-lei federal, de 23 de setembro de 1941, e pelo qual o Interventor Fernando Costa vem-se interessando no intuito de concretizar o desejo muitas vezes manifestado pelo presidente Getúlio Vargas.”

Entretanto, em detalhes, esclareceu o Sr. Sebastião Nogueira de Lima:

“Por um relatório apresentado pela Associação Paulista de Combate ao Câncer, ficamos sabendo da gravidade do problema do câncer em São Paulo, cujo obituário atinge elevada cifra. O número de cancerosos, no Estado de São Paulo, é impressionante, urgindo, por isso, a organização de uma assistência à altura de nossos últimos progressos

sociais, pois, que, do relatório apresentado, por aquela entidade, evidenciou-se que a maior parte do terrível mal são indígenas.

Diante deste estado de coisas e da obrigatoriedade de enfrentá-lo, ficou o mesmo fazendo parte do largo programa estabelecido pelo Governo em prol da Saúde Pública. Deste modo, o Interventor Fernando Costa, ciente de todos os detalhes do momentoso assunto, determinou providências as mais urgentes, tendo-as iniciado pela aquisição do Hospital Oswaldo Cruz, antigo Hospital Alemão desta capital, para aí ser instalado o Instituto do Câncer.

Desta forma – prossegue o nosso entrevistado –, a organização contra o câncer, que vinha sendo projetada há vários anos, só agora entra numa fase de verdadeira realização, tornando-se mais um grande serviço prestado a São Paulo pelo Interventor Fernando Costa, no seu patriótico Governo.

A aquisição do grande Hospital

Em diversos entendimentos havidos com a Associação Paulista de Combate ao Câncer, entidade incorporada à Campanha Nacional contra o Câncer, pelo Decreto nº 5.889, de 19 de outubro de 1943, ficou desde logo assentado que a esta benemérita instituição seria entregue o Serviço de Combate ao Câncer no Estado, onde se obtiveram os melhores resultados. Esta associação composta de cientistas eminentes é presidida pelo Prof. Antonio Candido do Camargo e tem como presidente do Conselho

Técnico o Prof. Antonio Prudente, que muito se tem interessado pela realização do que acaba de ser efetivado pelo Interventor federal.

Entrando, pois, em entendimento com o Banco do Brasil, pela Agência Especial de Defesa Econômica, e, depois de considerar o interesse demonstrado pelo Sr. Interventor e os elevados objetivos do referido Instituto, deliberou aquela dependência do Banco do Brasil oferecer ao Governo do Estado a preferência para a compra do citado imóvel e respectivas instalações pelo valor de Cr\$ 7.500,00. Aceitando esta oferta, aliás, pleiteada com muito interesse pelo Governo do Estado, o Interventor Fernando Costa, tomando conhecimento da comunicação feita pelo Banco do Brasil, deu, anteontem, na carta-oferta, o seguinte despacho:

“Faça-se o expediente ao Conselho Administrativo do Estado pedindo a abertura do crédito de Cr\$ 7.500,00 destinados à aquisição do Hospital Oswaldo Cruz, a fim de nele ser instalado o Instituto do Câncer. Neste expediente deve também figurar a autorização para constar a Associação Paulista de Combate ao Câncer na direção do Instituto de acordo com as bases apresentadas pela referida Associação, aprovadas pelo Sr. Secretário da Educação e Saúde Pública.”

Grande serviço apresentado à Saúde Pública

Cumprindo as instruções do Sr. Interventor que as deu com maior empenho de vê-las dentro de breve realizadas, estou em vias de apresentar à sua aprovação um projeto de decreto-lei e a minuta do referido contrato com a Associação Paulista de Combate ao Câncer, esperando, para mais alguns dias, a definitiva realização deste projeto, com a aquisição por escritura pública, do Hospital Oswaldo Cruz, futuramente Instituto do Câncer.

Dando sua impressão sobre este delicado problema da Saúde Pública, disse-nos o Sr. Nogueira de Lima:

“O Instituto do Câncer será mais um grande serviço prestado à Saúde Pública do Estado e, ao lado dos que já foram iniciados e dos quais já demos amplas notícias, vem diretamente beneficiar nossa população. Estando no programa do Interventor dar ao povo todo os recursos de que dispõe o Estado a fim de ampará-lo, conforme se verifica do despacho público no Diário Oficial de 11 do corrente, ao enfrentar o problema da tuberculose – podemos, perfeitamente, salientar sua decisão em enfrentar todos os nossos magnos problemas. O combate ao câncer foi sempre um dos objetivos máximos de sua administração, mas, agora, dando recurso à Associação Paulista de Combate ao Câncer, estamos certos de que, mais de um grande passo foi dado em prol de nossa população e constituirá mais um título de glória para o Governo do Sr. Fernando Costa.”

Campanha contra o câncer em São Paulo

O Governo do Estado entrega a direção da luta contra o terrível flagelo à Associação Paulista de Combate ao Câncer — Declarações do Presidente do Conselho Técnico da entidade — Prof. Antônio Prudente

O Estado de São Paulo, São Paulo, 27-6-44

O câncer, este terrível flagelo universal, que tomba dois milhões de vidas, por todo o mundo, das quais 20 mil só no Brasil, continua desafiando a capacidade científica dos médicos.

Como os demais países civilizados, o Brasil também mobilizou seus valores técnicos e recursos materiais e morais para dar combate à mortífera moléstia. Desde 1941 que o Presidente Getúlio Vargas criou o Serviço Nacional de Câncer, ao mesmo tempo em que estabeleceu a Campanha Nacional contra o Câncer. Em São Paulo, o Interventor Fernando Costa, que sempre focaliza e resolve com alta visão os magnos problemas médico-sociais do Estado, desde logo iniciou negociações com a Associação Paulista de Combate ao Câncer (APCC), procurando auxiliar com eficiência.

Neste ínterim, o Sr. José Martinelli, num gesto de expressiva generosidade, doou Cr\$ 5.000.000,00 (cinco milhões de cruzeiros), à Campanha, cabendo a metade, ou sejam 2.500 mil cruzeiros, à referida sociedade, que dirige no Estado a árdua luta contra o flagelo. Urge, em primeiro lugar oferecer assistência hospitalar aos cancerosos pobres.

O Presidente Vargas, que muito se empenha na solução do premente problema nacional, sugeriu, então, ao Interventor Fernando Costa a assinatura de um decreto autorizando a compra, pelo Estado do Hospital Oswaldo Cruz, imóvel pertencente a súditos do “eixo”.

Esse imóvel, entregue à APCC, depois de devidamente reformado, será transformado no Instituto Central de Câncer.

Declarações do Prof. Antonio Prudente à Agência Nacional

A propósito do câncer e dos malefícios que causa aos povos em geral e, em particular, a patricios nossos, do que o Presidente Vargas e o Interventor Fernando Costa têm feito em benefício dos cancerosos pobres do país e de São Paulo, bem como esclarecendo aspectos clínicos e terapêuticos da moléstia.

O Prof. Antônio Prudente, um dos mais abnegados e ilustres pioneiros da Campanha contra o Câncer em São Paulo, concedeu, ontem, à Agência Nacional a entrevista que abaixo transcrevemos.

“Pelos dados mais recentes”, disse de início o Prof. Antônio Prudente, “cerca de 2 milhões de vidas são roubadas anualmente ao mundo pelo câncer. Só nos Estados Unidos, as cifras de mortalidade atingem 150 mil. No Brasil, apesar de serem as estatísticas incompletas, a nossa demografia sanitária acusa nos últimos anos cerca de 20 mil óbitos pelo câncer, o que está seguramente muito aquém da realidade.

Se estas cifras fantásticas correspondem a um aumento real da doença ou se traduzem apenas um aperfeiçoamento dos meios diagnósticos e estatísticas, essa é uma questão realmente importante, mas tanto acadêmica. A solução do problema ao câncer seria, em princípio, sempre a mesma: organização médico-social contra esta doença que atinge em massa as populações.

Não é a primeira vez que externo pela imprensa leiga a minha maneira de pensar em relação a problemas de tal magnitude. Considerando o câncer como um flagelo social, a luta contra o mesmo deve ser organizada e principalmente unificada; a falta deste critério tem prejudicado enormemente os atacados de câncer em nosso país. Basta atentar para os minguidos resultados terapêuticos obtidos entre nós, conhecendo os resultados que poderiam obter de acordo com os dados fornecidos pelos países em que a luta é organizada, para nos convenceremos de que uma grande percentagem de vidas é sacrificada em nossa terra pela ignorância e deficiência técnica de nosso meio.

Apesar de ouvirmos sempre dizer que o câncer é uma doença misteriosa cuja causa não é ainda conhecida, não devemos imaginar que há uma cegueira total a seu respeito. Muito ao contrário, acredito ser o câncer doença cuja patologia é mais bem conhecida. A respeito de sua origem, inúmeras são as aquisições; quanto à terapêutica, pode-se afirmar ser muito eficiente, desde que se respeite uma única condição: o tratamento deve ser feito precocemente.

Nos últimos anos, o estudo da relação do câncer com as glândulas endócrinas abriu um campo à terapêutica, tendo-se já obtido os resultados que apresentei recentemente na Associação Paulista de Medicina, com respeito ao câncer do seio. Como se sabe, esta localização da doença era da alçada exclusiva da cirurgia. Até 1939, empregando apenas a operação, obtive 38% de curas com dados absolutos, isto é, considerando como mortos os pacientes que puderam ser revistos. De 1939 a 1944, graças ao uso prolongado da “testosterona”

depois das operações, consegui obter 74% de cura, com dados absolutos, o que era até hoje inédito.

Do que ficou exposto é fácil deduzir que a ciência oferece hoje recursos bem eficientes contra os tumores malignos. Fica, portanto, o problema reduzido três essenciais:

- 1) Reconhecer o câncer, precocemente e evitá-lo na medida do possível;
- 2) Dispor de meios materiais e técnicos necessários para realizar a terapêutica;
- 3) Esforçar-se por obter novos conhecimentos e novos aperfeiçoamentos que permitam atacá-lo com eficiência cada vez maior, isto é, realizar pesquisas.

Analisando cada um destes itens, as medidas práticas a serem tomadas saltarão aos olhos dos mais céticos.

O diagnóstico precoce é essencial na luta contra o câncer. A percentagem de curas nos casos iniciais é de tal maneira superior a que se obtém em casos mais avançados, que posso afirmar ser o diagnóstico precoce a arma máxima na luta contra o câncer. Entretanto, a seu favor quase nada se tem feito até hoje em nosso país. Há certas localizações do câncer em que é possível prognosticar a cura nos casos iniciais, enquanto a, depois de certo grau de evolução, a curabilidade é praticamente nula.

Em meu serviço algumas localizações puderam ser estudadas com este critério. Assim é que no câncer dos lábios e da cavidade bucal, limitado e sem metástases, a cifra de curas se eleva a 32%, enquanto que nos casos mais avançados, se limita a 20%. No câncer da mama que é subdividido por nós em seis graus de evolução clínica, foram obtidos os seguintes resultados: 1º grau, 87%; 2º grau, 42%; 3º grau, 22%; 4º grau, 9%; e 5º e 6º graus, 0%,

A dificuldade, entretanto, não está em sabermos ser a precocidade de diagnóstico uma necessidade. É preciso saber como realizá-lo na prática. As nossas populações não primam pela cultura;

os centros onde é possível um exame acurado dos pacientes não são muitos; as nossas vias de organização estão muito longe de perfeição. Bastam estes três fatores para termos diante de nós uma tarefa bem penosa. Diremos: difícil, mas não impossível. A propaganda bem orientada, o aperfeiçoamento do ensino médico e a criação de centros contra o câncer espalhados por todo o país resolveriam grande parte do problema. Os exames periódicos de toda a população resultariam um verdadeiro milagre. Tenho ouvido muitas vezes dizer que tal coisa é impossível. Para mim esta palavra é sempre um exagero. Por meio de sociedades locais, que contassem com médicos adestrados nestes exames, podia-se aos poucos realizar o intento. Um seguro que atingisse os trabalhadores também facilitaria a tarefa. Em resumo, podemos dizer que por meio de vitórias parciais chegaríamos a uma situação se não perfeita, pelo menos incomparavelmente melhor do que a atual. Mais vale pouco do que nada.

A profilaxia do câncer pode em parte ser realizada graças aos conhecimentos das moléstias pré-cancerosas e da incidência de certas localizações do câncer em indivíduos que estão durante muito tempo em contato com substâncias cancerígenas. É o câncer chamado profissional, que a própria legislação pode evitar.

O segundo item, que se refere à necessidade de dispor meios materiais e técnicos para uma terapêutica eficiente, só pode ser resolvido à custa de boas instalações e de pessoas especializadas.

As primeiras custam muito dinheiro, e as segundas, muito esforço.

Há certos fatos que ocorrem diariamente em desfavor dos cancerosos, que devem ser aqui consignados com a intenção de mostrar as vantagens dos centros especializados. Pelas nossas leis, qualquer médico diplomado por nossas Faculdades está autorizado a tratar de cancerosos. Como conseqüência temos um verdadeiro desastre. Basta dizer que a maioria dos casos incuráveis, que procuram meu serviço, já havia consultado médi-

cos, no início de sua doença. Baseados na opinião destes profissionais, eles deixaram passar a fase de curabilidade.

Quanto à terapêutica, posso acusar fatos ainda mais graves. Entre cem casos de recidiva, podemos afirmar que apenas dez tinham sido bem operados.

A gravidade excepcional de nossa situação em relação ao câncer força-nos a usar de uma franqueza que pareceria pouco elegante. Creio, entretanto, que ninguém me lavará a mal, pois pretendo apenas esclarecer a opinião pública para facilitar a colaboração de todos em prol da defesa coletiva.

É preciso, pois, melhorar os conhecimentos técnicos de nossos médicos ou evitar que qualquer profissional menos apto possa intervir em casos de câncer. Os centros especializados como organismos, que podem também administrar o ensino, formando um corpo de especialistas, resolverão este problema.

Finalmente, vejamos o problema das pesquisas. O FATO DE SERMOS POBRES E ATRASADOS É UM ARGUMENTO CONTRA A INSTALAÇÃO DE CENTROS DE PESQUISAS EM NOSSO PAÍS. Tal afirmação é um absurdo, pois nenhum país deve querer livrar-se da carga que lhe cabe num flagelo universal. Aliás, as grandes descobertas nem sempre foram realizadas nos países que estão na vanguarda da civilização.

Tudo que ficou dito nos mostra a necessidade inadiável de nos organizarmos contra o câncer, arregimentando tudo que pudermos para mantermos contra esse flagelo uma verdadeira guerra.”

Campanha Nacional contra o Câncer

Em 1941, o Sr. Presidente da República estabeleceu uma nova era para o Brasil, criando o Serviço Nacional de Câncer, cuja necessidade se mostrava patente na apresentação de motivos feita pelo Ministro da Educação e Saúde, Dr. Gustavo Capanema. No mesmo Decreto ficou estabelecida a Campanha Nacional contra o Câncer.

Considerando a enorme extensão territorial em nosso país e seus deficientes meios de comunicação, o Governo Federal procurou desenvolver a Campanha mobilizando diferentes elementos em cada unidade da Federação, isto é, Governos estaduais e municipais, assim como Instituições de iniciativas particulares. O Serviço Nacional do Câncer, dirigido competentemente pelo Prof. Mário Kroeff, seria um centro coordenador da Campanha.

Confirmando logo depois esta orientação, a Campanha foi entregue, no Rio Grande do Sul, à Sociedade Médica de Combate ao Câncer, naquele Estado, dirigida pelo Prof. Saint-Pastous; em São Paulo, à Associação Paulista de Combate ao Câncer; e na Bahia, à Liga Baiana contra o Câncer.

Nos decretos que incorporam estas organizações estaduais ao Serviço Nacional de Câncer, ficam os Governos federais e estaduais obrigados a determinar as subvenções. É fácil compreender o alto alcance destes atos governamentais, pois as instituições de caráter privado, além de poder contar com os recursos provenientes das subvenções oficiais, têm a possibilidade de receber doações particulares, o que muito facilita o financiamento de obra médico-social tão meritória. A Associação Paulista de Combate ao Câncer é formada por elementos de grande projeção científica e social de São Paulo, bastando para julgá-la a verificação dos nomes que integram sua direção: Presidente, Dr. Luiz do Rego, Secretário-Geral; Dr. Paulo Tibiriçá, Tesoureiro; Eugenio Antônio Prudente de Moraes, Conselho Técnico; Presidente, Prof. Antônio Prudente. Membros: Dr. José de Camargo, Dr. Mathias Roxo Nobre, Dr. José Moretzschin de Castro. Conselho Fiscal: Presidente, Dr. Abraão Ribeiro; Vice-presidente, Prof. Celestino Bourroul; Secretário, Dr. Raul de Almeida Braga, Conselho Fiscal: Presidente, Prof. Jorge Americano. Membros Eng. A. C.: França Meireles, Sr. Christovam Junqueira de Almeida, Eng. Mário Freire, Sr. Aristides Lara de Toledo, Sr. Francisco Espíndola.

A organização contra o câncer, em São Paulo, vem sendo projetada há muitos anos. Eu mesmo já

tive de focalizá-lo inúmeras vezes. Fiz uma comunicação a este respeito no 1º Congresso Brasileiro de Câncer e o assunto constituiu mesmo um dos capítulos de meu livro: “*O Câncer*”, tendo sido insistentemente debatido pela imprensa durante a campanha feita pela Associação Paulista de Combate ao Câncer, em 1939.

Na cidade de São Paulo, são vitimadas anualmente cerca de 1.500, pessoas, e em todo o Estado, 4.000 mil. De cada 100 adultos, 12 são atingidos pelo câncer.

A situação entre nós não é nada animadora. A situação dos pobres é particularmente trágica, pois muitas vezes nem possuem recursos para adquirir entorpecentes que possam lhes minorar os padecimentos.

Ultimamente, a pedido pessoal do Sr. Presidente da República, elaborei um plano geral de organização anticancerosa para todo o país, que denominei de Rede Nacional contra o Câncer e no qual está detalhadamente estudado o problema do Estado de São Paulo. Este plano foi aprovado em princípio excetuando-se apenas o aproveitamento das Faculdades de Medicina, cujas atividades, segundo as instruções do Governo federal, não devem ser dispensadas em problemas de caráter médico-social como o do câncer.

Na discussão deste plano ficou estabelecido que a luta contra o câncer nos Estados deve ser realizada, de preferência, por instituições particulares, com o auxílio de subvenções federais e estaduais.

Finalmente para São Paulo, tanto o Sr. Interventor Fernando Costa como o Sr. Secretário de Educação, Sr. Sebastião Nogueira de Lima, tiveram desde logo nítida visão do problema. Iniciadas as primeiras negociações entre o Governo e a Associação Paulista de Combate ao Câncer, um fato excepcional veio trazer maior vigor ao nosso ponto de vista. O Sr. Martinelli, num gesto de imensa generosidade, doou 5 milhões de cruzeiros à Campanha, cabendo dois milhões e quinhentos mil cruzeiros para Associação Paulista de Combate ao Câncer.

Mediante relatório e entrevista, foi o atual Governo do Estado perfeitamente informado dos detalhes do projeto. A sua grande visão, assim como a vontade de oferecer assistência aos cancerosos pobres, acelerou a marcha dos acontecimentos. Por sugestão do próprio Presidente da República, que mais do que ninguém deseja ver resolvido este problema, o Sr. Interventor federal autorizou a compra do Hospital Oswaldo Cruz, que, como imóvel pertencente a súditos do “eixo”, estava em liquidação, sob administração do Banco do Brasil.

Este imóvel deverá ser entregue à Associação Paulista de Combate ao Câncer, que providenciará as reformas e instalações necessárias por sua conta, para transformá-lo no Instituto Central do Câncer.

A alta compreensão dos encarregados de Defesa Econômica facilitou enormemente a realização do negócio. Não só o Dr. Francisco Alves dos Santos Filho, no Rio de Janeiro, como principalmente os Srs. Mário do Canto Liberato e Guilherme Nóbrega foram incansáveis para que se chegasse a uma solução satisfatória.

Sei perfeitamente que obra de tal vulto não se realiza sem protestos. Alguns descontentes argumentam que São Paulo tem poucos hospitais e que o Oswaldo Cruz vai ser sacrificado. Tal afirmativa é, não só improcedente, como malévola. Atualmente este hospital tem capacidade para cerca de 120 leitos. Posso afirmar que esta capacidade será aumentada. Além disso, é um hospital exclusivamente para pagantes, enquanto que passará a receber indigentes. O fato de se limitar exclusivamente ao tratamento do câncer só pode trazer vantagens, pois os atacados desta doença serão mais bem cuidados, não havendo perigo de faltar doentes. A criação de um centro especializado vai forçosamente aliviar os outros hospitais.

Para termos uma melhor compreensão do problema, basta imaginar que vai haver apenas uma mera troca de doentes. Suponhamos que existam atualmente no Oswaldo Cruz 100 doentes, dos quais 10 de câncer, 90 seriam enviados a outros nove hospitais,

enquanto que cada 1 deste nos hospitais, possuindo respectivamente 10 doentes, com 10% de cancerosos, enviariam um total de 90 atacados de câncer, para o Hospital Oswaldo Cruz. Não há perda de um só leito e os doentes serão mais bem servidos, principalmente os cancerosos, que serão tratados por técnicos especializados, dispondo de instalações adequadas.

Um dos absurdos que se propala é ser o câncer uma moléstia contagiosa, não devendo ficar os cancerosos num hospital tão central. O câncer não é contagioso, de acordo com as conclusões de todos os Congressos Internacionais realizados até hoje. Se alguém assim o considera, deveria, a meu ver, demonstrá-lo imediatamente para bem de toda a humanidade.

Deixando de lado estas considerações que me vejo obrigado a fazer para evitar possíveis mal-entendidos, encerro a minha exposição com um resumo do plano estabelecido pela Associação Paulista de Combate ao Câncer.

- 1) A A P C C fará as instalações e reformas necessárias no Hospital Oswaldo Cruz, para que o mesmo seja transformado num Instituto de Câncer;
- 2) Este Instituto terá como finalidades principais o diagnostico, a hospitalização e o tratamento de cancerosos, realizando também, na medida de suas possibilidades, investigações científicas;
- 3) Fundará, no interior do Estado, centros e postos anticancerosos, em relação direta com o Instituto, os quais poderão funcionar de acordo com instituições médicas já existentes nas respectivas localidades.
- 4) Estabelecerá cursos especializados para médicos, estudantes de medicina e pessoal técnico.
- 5) Instituirá a propaganda popular contra o câncer;
- 6) Procurará coordenar seus trabalhos com todas as outras organizações médicas e departamentos oficiais.

Seria possível alongar-me mais, apesar de o assunto merecer outros comentários. A minha idéia foi apenas esclarecer o grande público, para que o mesmo saiba exigir uma organização que pretenda proteger a coletividade, na medida do possível, contra um dos mais terríveis males da humanidade e que, tanto o Governo federal quanto Governo

do Estado desejam entregar-lhe a direção da luta no setor de São Paulo.

Tenho certeza de que o povo de São Paulo sabe compreender o alcance deste empreendimento, dando-nos seu completo apoio nesta nova cruzada contra um inimigo cruel e traiçoeiro – concluiu o Prof. Antônio Prudente.

*L*uta contra o câncer no *Rio Grande do Sul*

Associação Médica de Combate ao Câncer no Rio Grande do Sul

A ASSOCIAÇÃO MÉDICA DE COMBATE AO CÂNCER no Rio Grande do Sul foi fundada em Porto Alegre sob o patrocínio do Prof. Antônio Saint-Pastous, em 19 de agosto de 1941.

Ao lado das atividades da Associação Médica marchará a campanha educacional que será confiada à Liga Sul-rio-grandense de Luta contra o Câncer.

Pelo Decreto-lei nº 4.975, de 19 de novembro de 1942, foi a Sociedade Médica de Combate ao Câncer no Rio Grande do Sul incorporada à Campanha Nacional contra o Câncer, no termos do Art. 3º do Decreto-lei nº 3.643, de 23 de setembro de 1941.



Conferência proferida pelo Prof. Saint- Pastous na Academia Nacional de Medicina, em 10 de junho de 1943

Sr. Ministro, Sr. Presidente, Colegas.

A natureza de nossa comunicação, intitulada “Campanha contra o Câncer no Rio Grande do Sul”, justifica o honroso comparecimento, ao plenário desta douta academia, de S. Exa. o Sr. Ministro Capanema, sempre empenhado em prestigiar e incentivar iniciativas de realizações no importante setor da educação e saúde.

A exemplo do que vem sendo praticado em todos os países civilizados, o Brasil, por seu atual Governo, decidiu-se a enfrentar o temível flagelo, consubstanciando em Decreto-lei nº 3.643, de 23 de setembro de 1941, as normas de uma Campanha Nacional contra o Câncer.

Dentre os magnos problemas de ordem médico-social, o do câncer, especialmente, contém peculiaridades que tanto o fazem tributário dos recursos da medicina quanto dos preceitos da educação.

Enquanto perdurar desconhecida a natureza do câncer e ignorados seus fatores etiopatogênicos, a luta contra o neoplásico-flagelo será, sobretudo, uma campanha de educação em torno do diagnóstico precoce.

Se o câncer verificado tardiamente é um mal irreparável, precocemente diagnosticado oferece possibilidade de cura.

O lugar proeminente reivindicado pelo câncer nos dados estatísticos de morbidade e de letalidade não só lhe confere foros de flagelo social, como justifica e reclama enérgica campanha de defesa; e não só por parte da Medicina, como também dos Poderes Públicos e da Sociedade em geral.

Esta é a razão, seguramente, que determinou S. Exa., o Sr. Ministro da Educação e Saúde, a solicitar a alta tribuna desta Academia, a Suprema Corte da Medicina Nacional, para dela fazer irradiar o conhecimento de atividades que se vêm empreendendo e realizando na humana cruzada de combate ao câncer em nosso país.

Sr. Presidente,

Depois que fomos agraciados com a nobilíssima credencial de Membro Honorário desta egrégia Academia, é a primeira oportunidade que se nos oferece para, de viva voz, manifestar nosso júbilo exultante por tão excelsa distinção.

Se no trabalho, que ora vamos apresentar, alguma parcela de mérito existir, ou se dele resultarem futuras conseqüências de interesse médico e de utilidade pública, que isto nos valha como penhor de homenagem a todos que, nesta Casa, têm contribuído para manter o elevado nível de cultura e dignidade da Medicina brasileira.

Esta nossa comunicação sobre a “Campanha contra o Câncer no Rio Grande do Sul” não será um trabalho de erudição, nem mesmo um relatório de estudos científicos no campo da investigação.

O verdadeiro sentido desta contribuição consiste em demonstrar praticamente as possibilidades de cooperação da iniciativa particular na solução dos transcendentais problemas de ordem médico-social, ao encontro das diretrizes projetadas e amparadas pelo Poder Público.

Mais além das realizações objetivas, dentro de finalidades preestabelecidas, é possível que se venha a surpreender em nosso espírito de organização e em seus metidos de trabalho um ensaio de meditações sobre a necessidade de criar novos rumos à prática da Medicina, neste trágico período de evolução da nossa época.

De modo geral, a ação do médico, e não só no terreno profissional, como no científico, é essencialmente de caráter individual, de quase absoluto exclusivismo, mesmo quando exercida em agremiações ou instituições organizadas. Quer num como noutro caso, o espírito de insulamento gera a fatalidade agravada pela animosidade do desconhecimento próprio e pelo desprestígio de competições materiais.

Assoberbado pelo acervo crescente de dificuldades insuperáveis, de toda ordem, ou persevera o mé-

dico na estóica consumação do sacrifício integral, ou abdica de suas aspirações, de suas prerrogativas e de seus direitos, deixando-se vencer pelo melancólico cepticismo que conduz à renúncia e à deserção dos mais nobres postulados da ciência médica.

Hoje mais do que nunca, se faz evidente que o sucesso de qualquer empreendimento humano depende, fundamentalmente, da estabilidade econômica e do espírito de cooperação.

Constituída em organizações autônomas, com base de cooperação, a classe médica estaria em condições de assumir, por iniciativa própria, a responsabilidade de vários setores da assistência médico-social, em ação conjugada com os Poderes Públicos, através de recíprocas compensações de auxílios e de retribuições, de ordem material, profissional e científica.

Seria, talvez, uma tendência à socialização da Medicina, mas dentro da própria profissão.

Estas foram as normas que inspiraram a fundação, na cidade de Porto Alegre, aos 19 dias de agosto de 1941, da Sociedade Médica de Combate ao Câncer no Rio Grande do Sul, sob nossa orientação, e em íntima colaboração com nosso dileto colega, aqui presente, Dr. Lindolfo Dornelles.

A idéia inicial foi rapidamente transformada em ampla realização, com incorporação de outros colegas e com aquisição de novas instalações, que se foram multiplicando em institutos, clínicas e postos regionais de cancerologia, não só na capital como nos principais centros médicos do Estado.

Já em novembro do ano passado, o Sr. Presidente Getúlio Vargas, por sugestão do Sr. Ministro da Educação e Saúde, reconhecendo de utilidade pública da notável organização, incorporou-a, pelo Decreto-lei nº 4.975, de 19 de novembro de 1942, à Campanha Nacional contra o Câncer.

Em menos de dois anos de atividade, a Sociedade Médica de Combate ao Câncer do Rio Grande do Sul mantém em funcionamento um instituto central, em Porto Alegre, e três postos regionais,

nas cidades de Pelotas, Bagé e Santa Maria, devendo ainda instalar, no corrente ano, os postos regionais de Uruguaiana e Passo Fundo.

Em demonstração da amplitude já atingida pelas atividades da Sociedade Médica de Combate ao Câncer no Rio Grande do Sul, registra o nosso mapa estatístico doentes cancerosos de 75 dos 88 municípios do Estado.

A Sociedade Médica de Combate ao Câncer no Rio Grande do Sul mantém clínicas de câncer em seis hospitais: três em Porto Alegre, um em Pelotas, um em Bagé e um em Santa Maria.

Além do Radium, a Sociedade Médica de Combate ao Câncer no Rio Grande do Sul dispõe de 11 instalações, sendo seis de roentgenterapia profunda, com aparelhos Tuto Multivolt, Bombix e Skandia Intensiv; 2 aparelhos Monipan, de Contaterapia de Chaoul; 3 de radiodiagnóstico, Auto Skandia, Hello dor Duplex e Meganos portátil; um laboratório de histologia patológica, sob a direção do Prof. Heitor M. Cirne Lima, e uma sala de eletrocirurgia.

Partindo do ponto de vista de que só será eficiente a campanha contra o câncer que for integrada em todos seus elementos básicos, a Sociedade Médica de Combate ao Câncer no Rio Grande do Sul adotou o critério, preconizado pelo Colégio Americano de Cirurgiões, da Fundação de Clínicas Integrais de Câncer em Hospitais Gerais.

A Clínica Integral de Câncer realiza a possibilidade de colaboração da clínica, da cirurgia, do laboratório, da radiologia, do radium e da roentgenterapia, no diagnóstico e no tratamento do câncer. A instalação de Câncer em Hospitais Gerais favorece a cooperação profissional e torna suas atividades acessíveis aos doentes indigentes.

Apesar de sua condição de fundo particular, a Sociedade Médica de Combate ao Câncer no Rio Grande do Sul mantém gratuito cerca de 40% do seu trabalho, dedicado a doentes indigentes.

Em 1.563 doentes atendidos, 628 foram gratuitos, cuja despesa avulta a mais de meio milhão de cruzeiros.

Só no Serviço de Radiodiagnóstico do Centro de Cancerologia de Pelotas foram feitos, em 4 meses de trabalho, 1.232 exames, dos quais 790 gratuitos, ou sejam 34%.

Sendo o diagnóstico precoce, a pedra angular da luta contra o câncer, urge difundir, entre o público, noções sobre a insidiosa eclosão do qual incipiente, assim, como alerta o médico sobre a necessidade inadiável do exame histopatológico imediato, a mínima suspeita.

A precocidade no diagnóstico é um fator de educação do público, em geral, e do médico, em particular.

A Sociedade Médica de Combate ao Câncer no Rio Grande do Sul empreenderá, em colaboração com o Departamento Estadual de Saúde, a campanha educacional, devendo ser fundada a Liga Sul-rio-grandense contra o Câncer.

Os chamados tratamentos “de prova” são os maiores inimigos do diagnóstico precoce.

Nem mesmo a concomitância de outras moléstias, como a sífilis, a tuberculose, a lepra etc., justifica a dispensa do exame histopatológico em lesão suspeita de neoplasia maligna.

O fator principal de insucesso no tratamento do câncer é o estado tardio com que comparecem os pacientes: entre nós, mais de 90% dos casos já são demasiadamente tardios.

Convém lembrar que, na América do Norte, a mortalidade pelo câncer já superou a da tuberculose. Só em um ano, nos Estados Unidos, morrem cerca de 150 mil cancerosos, com uma morbidade que atinge meio milhão de pessoas.

De modo geral, em cada 10 casos de óbito, 1 ou 2 são de câncer.

No Brasil, como em toda parte, a freqüência é a mesma, tudo dependendo dos meios de diagnóstico e de estatística.

A distribuição do câncer é universal, e não só no reino animal como no vegetal.

De 1.563 casos atendidos em nossos serviços, 721 eram cancerosos, o que representa 46%. O sexo feminino participa com 60% dos casos.

Verifica-se o máximo de freqüência entre 40 e 47 anos de idade. Dos cancerosos, 89% eram brasileiros, 95% de cor branca, 50% da capital e 50% do interior do Estado.

O aparelho urogenital concorre com 40% dos casos, seguindo-se em ordem de freqüência decrescente: o aparelho digestivo, a pele, o esqueleto, as partes moles do sistema neuroendócrino, o aparelho respiratório etc.

Feito o diagnóstico exato pelo exame histopatológico, o tratamento do câncer deverá ser completo e adequado a cada caso.

Portanto, só será eficiente, no combate ao câncer, a organização que dispuser de todos os meios de diagnóstico e tratamento.

A cirurgia, o radium e a roentgenerapia são as três armas de tratamento do câncer, a par dos cuidados gerais, de ordem dietética e sintomática.

O emprego da cirurgia, do radium e da roentgenerapia pode ser, em parte, simultâneo, e, em geral, alternado e sucessivo.

É necessário acabar com o tabu profissional de que só a cirurgia, ou só o radium ou só a roentgenerapia curam o câncer, ou de que um método pode dispensar o outro, ou ainda de que um é superior aos outros.

O verdadeiro critério na terapêutica do câncer consiste em utilizar, a seu tempo, este ou aquele processo, de acordo com cada caso em particular.

Oportunamente, a Sociedade Médica de Combate ao Câncer no Rio Grande do Sul iniciará o trabalho de pesquisa experimental e de ensino especializado. Para isso, pleiteará, junto aos respectivos governos, contratos com sumidades especializadas, para em nosso meio criarem a Escola.

Em resumo, a organização da Sociedade Médica de Combate ao Câncer no Rio Grande do Sul dispõe das seguintes características:

- 1) É de iniciativa particular, com direção, científica e administrativa, autônoma.
- 2) Seu capital é particular e exclusivamente de médicos.
- 3) Os governos da Nação e do Estado propõem-se a dar auxílios financeiros, na medida do serviço gratuito dispensado a cancerosos indigentes.
- 4) Por decreto-lei do Governo Federal, foi incorporada à Campanha Nacional do Câncer.
- 5) Mantém, em Porto Alegre, um Instituto Central, com direção geral de todas as atividades da organização, quer de ordem profissional como administrativa.
- 6) Os Centros Regionais de Cancerologia estendem a todo o Estado os benefícios da luta contra o câncer.
- 7) Oportunamente, será criada a Escola de Cancerologia no Instituto Central, para desenvolver a especialização e a investigação científica.
- 8) Quer sob o ponto de vista científico-profissional, quer no que toca ao fator econômico, o plano da Sociedade Médica de Combate ao Câncer no Rio Grande do Sul comporta possibilidades de sua extensão a setores de maior amplitude, com apreciáveis vantagens de toda ordem para os altos interesses da Medicina e do nosso País.

O que se tem feito no Rio Grande do Sul, segundo declarações do Prof. Moisés Menezes ao *Correio do Povo* – RS, 14-12-1941

A reportagem do *Correio do Povo* teve ocasião de ouvir o Prof. Moisés de Menezes sobre a campanha contra o câncer no Rio Grande do Sul, dizendo aquele clínico o seguinte:

“A sua pergunta sobre a eficiência da luta contra o câncer tem fácil respostas.

Não tenho a menor dúvida sobre a baixa do expoente de mortalidade uma vez que haja convergência de forças no combate a este flagelo, que mata por ano, aproximadamente, um milhão de pessoas. A ação dos governos das instituições e dos médicos e a boa vontade do povo serão fatores, garantindo o fim desejado.

Quer saber em que época surgiu a campanha contra o câncer no Rio Grande do Sul, não é verdade?

Aí vai a resposta: em Porto Alegre, em 1901, com Becker Pinto, que foi o pioneiro da radioterapia no nosso Estado. Foi ele o primeiro médico a aplicar um aparelho de raios X em tumores da pele. Conheci um respeitável ancião desta cidade que tinha um tumor, por ele tratado e curado.

O Prof. Nogueira Flores, em 1903, já fazia com os raios X o diagnóstico dos tumores malignos, encaminhando-os para a terapêutica indicada nesta época; contemporaneamente, curou com radioterapia superficial um tumor maligno no nariz.

Renato Barbosa, em 1941, já possuía um aparelho de radioterapia com que tratava tumores malignos e benignos.

Alexandre Sneil, vítima dos raios X, já em 1914, procurava fazer o diagnóstico dos tumores do estômago, muito cedo, a fim de operá-los precocemente.

O pioneiro do radium no Rio Grande do Sul

Pergunta-me se, no Rio Grande do Sul, fui eu o primeiro da radioterapia.

Não, absolutamente não, é a minha resposta.

Foi Silvestre Guahyba Rache, um abalizado médico da cidade do Rio Grande e meu companheiro de infância, o introdutor do radium em nosso Estado e creio mesmo, no Brasil, no ano de 1909.

Recebeu dois tubos que estão em meu poder, aplicou-os em um doente da sua clínica, escrevendo, segundo informações colhidas, um trabalho que mandou a um Congresso de Buenos Aires.

Depois dele quem dirigiu a radioterapia fui eu.

Em 1921, comecei a estudar os efeitos do radium, na Santa Casa, na 8ª enfermaria e na 7ª, então dirigidas pelo eminente Prof. Serapião Mariante.

Entusiasmado com os resultados obtidos, durante 4 anos, aliás, surpreendentes, adquiri novas porções em 1926 e, no dia 9 de novembro deste mesmo ano, fiz uma aplicação numa doente recolhida à Santa Casa, e que apresentava um tumor da face. Esta doente ficou curada até hoje.

Pela pergunta que me fez, percebo que lamenta não ter eu documentado este caso.

Não é assim; a doente foi fotografada antes da aplicação e 65 dias depois. Na palestra sobre a luta contra o câncer, que farei na Faculdade de Medicina, mostrarei as duas fotografias.

Assistência aos cancerosos

Deseja saber se tem havido assistência aos cancerosos aqui no Rio Grande.

Tem, e desde 1921 — mais ainda: tenho tratado de doentes cancerosos de Santa Catarina, moradores na fronteira com o nosso Estado, tanto na clínica particular, como na Santa Casa. Os curativos feitos na sala destinada a tais enfermos têm

aumentado consideravelmente. De 6 mil por ano, passaram a alcançar número superior a 9 mil, dando neste 20 anos mais de 40 mil curativos. Isto no serviço que está sob a minha direção.

Junte a este a assistência dos outros colegas e verá quanto o problema do câncer despertou interesse.

Pode-se afirmar que a fita que vai ser passada na Faculdade com o título *A luta contra o câncer*, da autoria do professor Mário Kroeff, um dos primeiros da campanha, está cheia de ensinamentos. A ela será incorporada uma contribuição regional, para que possam avaliar todos os esforços despendidos e ver que a classe médica não cruzou os braços diante do flagelo.

Pergunta-me se posso indicar os meios de proteger os indivíduos contra o câncer e diminuir a mortalidade que ele causa.

Há um número de conselhos que deve ser do conhecimento geral e, seguindo-os, não só decrescerá o número dos cancerosos, como também diminuirá o expoente de mortalidade. Estes con-

selhos devem ser divulgados pelos Departamentos de Saúde, afixados nas paredes das escolas, repartições públicas, por toda parte, enfim aonde chegue o olhar do homem, para que o povo se eduque.

Saindo de minha penumbra, terça-feira vou palestrar com o povo, na Faculdade de Medicina, sobre o câncer.

Não vou dizer coisas novas, mas quero divulgar coisas sabidas e velhas.

Os homens terão oportunidade de aprender a manobrar armas de defesa, e as senhoras sairão sabendo como baixar de maneira notável a mortalidade pelo câncer.

Já estou respondendo demais, mas escreva o que lhe vou dizer, sem que me tenha perguntado: um diagnóstico precoce de câncer é a maior parcela de cura, e, no dia em que os homens tomados de pavor pelo câncer arremeterem com fúria contra ele, o flagelo começará a pedir misericórdia.”



*L*iga Baiana contra o Câncer

A Liga Baiana contra o Câncer, tendo como presidente o Prof. Antônio Pereira Maltez, é uma associação civil, fundada e instalada a 13 de dezembro de 1936, com sede e foro na cidade de Salvador, na Avenida D. João IV, nº 232, Capital do Estado da Bahia, com seus estatutos devidamente

registrados no dia 17-4-1940 no Registro de Títulos, livro A, número de ordem 334. Pelo Decreto-lei nº 6.515, de 24 de maio de 1944, foi a Liga incorporada à Campanha Nacional contra o Câncer, nos termos do art. 3º do Decreto-lei nº 3.643, de 23 de setembro de 1941.

Instituto Brasileiro de Oncologia

O Instituto Brasileiro de Oncologia, da Associação para Estudos e Tratamento de Tumores e do Câncer, nasceu de um coração apiedado pela dor alheia.

O gozo de viver e de fazer viver os outros é um fundamento católico.

Sua Presidente, Doadora e Instituidora, dirigiu-se ao Instituto Hahnemaniano e lhe resumiu seu pensamento, que, por motivos óbvios, não pode ali ser reproduzido materialmente, muito embora levasse sua obra partículas proveitosas em condições de beneficiar a comunidade.

Assim, a Sra. Mathilde Rodrigues von Dollinger da Graça procurou outras derivantes, que encontrou no apoio de seus coadjuvadores, obtendo-se uma audiência com o Chefe da Nação, Dr. Getúlio Vargas, que, ouvindo a Diretoria, doou ao Instituto Brasileiro de Oncologia uma faixa de terreno com 1.500 m², situado na Praça Marechal Hermes, Rua Equador e Rua Quatro, onde vai ser erigido o dito Instituto.

A 23 de junho p. p., foi colocada a Pedra Fundamental com a presença de autoridades e representantes do Presidente da República, Chefe de Polícia, Ministros e do Sr. Arcebispo Metropolitano D. Jaime de Barros Câmara, que, depois de algumas palavras louvando a iniciativa da obra de tanta benemerência, benzeu a perpetuidade *sub conditione* da coisa.

Pronto primeiro o ambulatório e em seguida o hospital anexo, teremos estudado em sua histopatologia, em sua etiologia, e, quiçá como complemento, em sua terapêutica.

Para os fins científicos, a Presidente, Sra. Mathilde Rodrigues von Dollinger da Graça, doou ao Instituto Brasileiro de Oncologia todo o radium de sua propriedade, para curar os doentes desta terrível moléstia, e, abrindo uma subscrição pública encimada com sua assinatura, deposita em Bancos desta Praça o que vai angariando com donativos e contribuições mensais, tendo assim em depósitos algumas dezenas de mil cruzeiros.

Diretoria

Presidente, Doadora e Instituidora

Mathilde Rodrigues von Dollinger da Graça

Vice-Presidente

Comendador Paulo Felisberto Peixoto da Fonseca

Secretário-Geral

Antonio Ferreira França Filho

Tesoureiro

Dr. Romero Estelita

Síndico

Coronel Aristarcho Pessoa Cavalcanti de Albuquerque

Diretor-Médico

Dr. Firmino von Dollinger da Graça

Conselho Fiscal

Dr. A. J. Peixoto de Castro

Embaixador Dr. José Carlos de Macedo Soares

Dr. Mário de Andrade Ramos

Consultores Jurídicos

Dr. José de Miranda Valverde

Ministro Dr. João Carvalho Mourão

Dr. Affonso Penna Junior

Consultores Técnicos

Dr. Martinho Rodrigues Mourão

Dr. Edgard Raja Gabaglia

Dr. Cyro Marques de Souza

Dr. Heráclito Paes Ribeiro

Consultores Eclesiásticos

Padre Leonel da França

Padre Castello Branco (Manuel Assunção)

Finalidades do Instituto Brasileiro de Oncologia

Extrato dos Estatutos

Art. 1º – Sob a denominação de Instituto Brasileiro de Oncologia, é constituída, como pessoa jurídica, uma Associação civil de duração indefinida com sede nesta cidade do Rio de Janeiro e cujo lema é:

Venientibus Spes, Salus et Vita.

Art. 2º – São fins da dita Associação Civil:

a) Incrementar a solidariedade humana dentro dos princípios de caridade e amor ao próximo e devotar-se à obra filantrópica de assistência aos doentes de câncer, moléstias paracancerosas, organizando, do ponto de vista material, todo socorro médico para seu final amparo;

b) A assistência médica remunerada ou gratuita em ambulatório e hospital próprios, a todo e qualquer portador de câncer ou de moléstia paracancerosa, sem distinção de nacionalidade ou de credo religioso;

c) A fundação, desde logo, de um dispensário, como também de uma Escola Médica, esta especialmente sobre o câncer, mantendo ainda uma Biblioteca, Laboratório e um Museu;

d) A publicação de uma revista sobre o câncer, como a propaganda falada e escrita sobre a forma de conselhos, de preceitos práticos, de exposições locais, de cartazes, de exposições itinerantes, ilustradas com fotografias, desenhos e projeções, fazendo por todos estes meios a profilaxia do câncer;

e) A realização de pesquisas científicas para o câncer;

f) Estudos dos métodos terapêuticos médicos, cirúrgicos e irradiantes, ou de outros que definitivamente, dentro de normas rigorosamente científicas, possam, para este fim, ser empregados;

g) A colaboração como pessoa jurídica de direito privado com o Serviço Nacional de Câncer, criado pelo Decreto-lei de 23 de setembro de 1942, como ele coordenando todas as medidas que tenham por finalidade a luta contra o câncer;

h) Cultuar a memória de todos aqueles que, direta ou indiretamente, por trabalhos científicos, ou como vítimas de ciência, hajam concorrido para esclarecer e coordenar os problemas do câncer, como de outros capítulos em relação com esta doença;

i) Atuar junto aos poderes públicos federais, estaduais e municipais sugerindo medidas contra esta doença e tentando obter mais larga escala de realização de Congressos de Câncer e de Eugénica;

j) Manter relações com associações congêneres nacionais e estrangeiras;

k) Estudar com detalhes os meios de seleção e proteção de determinadas profissões em face do câncer.

Sociedade Brasileira de Cancerologia

Convite para a fundação, entre nós,
de uma sociedade de cancerologia

Rio, 22 de julho de 1945.

Prezado colega:

Sendo notória, entre nós, a falta de uma Sociedade de Cancerologia, onde se congreguem especialistas, patologistas, médicos, educadores e todos aqueles que, de algum modo, se interessem pelo magno problema médico-social que o câncer representa, submetemos à consideração de V.Sa. a idéia de constituir-se um organismo que possa, em íntimo intercâmbio cultural, incentivar a luta contra o câncer no país e concorrer para o progresso da cancerologia em geral.

Com o objetivo de atender a essa campanha de fundo científico e social, que certamente concorrerá para o engrandecimento das atividades médicas do Brasil, temos a satisfação de convidar V.Sa. a comparecer à Sociedade de Medicina e Cirurgia, no próximo dia 25 de julho, às 20h30min, onde, em plenário, serão lançadas as bases da novel Sociedade e eleita uma comissão para organizar os respectivos estatutos.

Esperando contar com a colaboração do colega, subscrevem-se.

Álvaro Ozório de Almeida

Dr. Mário Kroeff

Alberto Coutinho

Discurso pronunciado na fundação da
Sociedade Brasileira de Cancerologia
pelo Dr. Mário Kroeff, diretor do S. N.
de Câncer, a 25-7-46, na sede da S.
M. C., Rio de Janeiro

Meus colegas:

A numerosa assembléia que hoje concorreu a este recinto é a mais eloqüente demonstração de quanto será desnecessário encarecer a importância dos objetivos, que neste momento nos congregam.

Deste modo, vemos por assim dizer a consagração de antemão o futuro da Sociedade de Cancerologia que hoje nos propomos fundar.

Esclarecidos debates sobre o empolgante problema do câncer que dentro em pouco certamente se farão ouvir nesta casa a respeito das bases da projetada agremiação valem muito mais do que eu possa acaso exprimir com minhas próprias palavras. Assim, desejo antes de tudo, congratular-me com os presentes, animado da certeza de que desta reunião preparatória vão surgir os mais sólidos alicerces.

Todos quantos aqui se acham estão perfeitamente compenetrados da magnitude da tarefa, que ora estamos a delinear, uma vez que ela encerra múltiplos problemas de ordem científica, técnica e social.

Torna-se por isso indispensável e urgente estruturar uma sociedade integrada por elementos representativos dos vários setores médico-sociais, que, por este ou por aquele prisma, se interessem pelo câncer.

Está longe a sociedade de ficar adstrita aos especialistas, requerendo justamente ao contrário a colaboração de quase todos os ramos em que se desdobra a Medicina.

Se de um lado, por suas características, o estudo do câncer se intrica com os mais amplos e complexos da patologia humana; por outro lado, em virtude de suas variadas localizações e seqüelas, o câncer reclama a cooperação especializada do clínico, do cirurgião, do ginecologista, do dermatologista, do endoscopista, do físico, do radioterapeuta etc.

Pode-se mesmo afirmar que a cancerologia, mais do que qualquer outro capítulo da patologia, é a encruzilhada obrigatória, tanto daqueles interessados na experimentação, quanto dos devotados aos recursos terapêuticos, quer estes sejam cirúrgicos, físicos ou medicamentosos.

E, nesta empolgante fase que atravessa a Medicina contemporânea, procurando elevar o nível da vida humana, a um plano mais feliz, no qual as doenças e as dores físicas e morais sejam minoradas, cabe incontestavelmente à cancerologia uma das mais importantes tarefas.

Só uma organização adequada, como a que hoje pretendemos fundar, centralizando os generosos esforços, as competências técnico-científicas, os interessados pelas questões médico-sociais, os animados pelos nobres pendores filantrópicos, ou impulsos cívicos e patrióticos, será capaz de conduzir em nosso meio a difícil cruzada.

Aliás, devemos afirmar com intencional relevo que os grandes problemas da Medicina atual são problemas médico-sociais onde se entrelacem, em vasta e íntima cooperação, não somente os médicos, mas também os diversos representantes da coletividade que se acharem em condições de senti-los e compreendê-los.

Particularizando ao câncer este aspecto geral da evolução da Medicina moderna, de uma feita disse Greenough: o diagnóstico e tratamento do câncer já deixaram de ser trabalho de um só homem – *No longer a one man job*.

Em virtude de minhas funções na direção do Serviço Nacional de Câncer, sinto-me obrigado a mais uma vez salientar certas particularidades do problema do ponto de vista social.

Todos reconhecem que a doença ceifa aos milhares a nossa gente e conserva oculto o modo de destruir o ser humano, não tendo preferência na escolha de suas vítimas.

Os coeficientes de mortalidade são elevados e aumentam de ano a ano. À medida que se tornam mais precisos os dados estatísticos, o problema se apresenta mais alarmante. É isto uma situação universal.

Enquanto as cifras de outras doenças vão baixando nos obituários norte-americanos, por exemplo, com os progressos da ciência médica, a rubrica do câncer mantém-se e cresce até.

Em 1900, o câncer ocupava o nono lugar na ordem das doenças que maior número de óbitos faziam naquela época nos Estados Unidos, e em 1940 passou para o segundo lugar.

Em 1900, em cada 100 mil habitantes havia 63 mortos por câncer, ao passo que subiu para 112 em 1937; 114 em 1938; 124 em 1939 e em 148 em 1944.

Há quem explique esta progressão pela melhora dos métodos de diagnóstico, usados pela Medicina moderna, sendo que outros atribuem-na ao fato de uma maior percentagem da população americana tender hoje para a longevidade, sempre mais propícia ao aparecimento do câncer.

Outra corrente de estudiosos do assunto está convencida de que o câncer vem deveras aumentando e em acentuadas proporções. Será talvez pela complexidade da vida moderna, pelas variadas causas de irritação de origem industrial ou outros fatores oriundos da própria civilização ou do

progresso em geral? De qualquer forma, é doença constitucional, ligada a causas intrínsecas do organismo humano e sem dúvida a correlações do indivíduo com o meio ambiente. Pela mortandade que está fazendo a doença no seio da humanidade, já perdeu a luta contra o câncer o aspecto de simples assistência médica aos afetados, para se tornar problema de caráter universal, impondo medidas de defesa individual e coletiva, e exigindo congregação de esforços de todos os que tenham uma parcela de responsabilidade pública.

Inimigo oculto, latente, insidioso, de causa ignorada e de ataque cruel, já mantém o público em constante inquietação por sua presença iminente, como ameaça ao indivíduo, à família e à coletividade, e, em muitos, traz à lembrança a tragédia de dores passadas por algumas de suas vítimas.

Em face deste panorama sombrio e inspirado nas boas normas do trabalho coletivo, indispensável ao progresso científico da Medicina e ao seu melhor rendimento prático, façamos das reuniões de nossa sociedade motivo de permanente e cor-

dial intercambio de idéias, experiências e sugestões, em prol de uma causa que tão de perto interesse a nossa gente e a própria humanidade.

Falando-vos em cooperação, devo logo referir àquela que a nós, médicos do Serviço Nacional de Câncer, cabe oferecer-vos. É nosso pensamento trazer a cada reunião da Sociedade alguma comunicação que represente algo do fruto de nossa experiência no convívio diário com a doença ou uma parcela de nossa farta documentação acumulada em alguns anos de atividade. Apesar das precárias condições em que temos trabalhado ultimamente, despendendo esforço que toca as raias do sacrifício, orgulho-me em declarar que não deixamos cair o padrão médico, técnico-científico e ético-profissional do Serviço Nacional de Câncer.

Com este continente, esperamos contribuir para que os integrantes da futura agremiação possam somar ou cotejar os dados de nossos trabalhos, com o seu próprio cabedal científico ou realizações práticas. Limitando-me a enunciar estas idéias gerais, declaro aberta a sessão.

Tal resgate do patrimônio histórico e cultural é essencial para auxiliar no enfrentamento do desafio com o qual o Instituto Nacional do Câncer se depara neste momento: encarar o câncer como um problema de saúde pública. Hoje a doença já representa a segunda causa de morte mais freqüente no País e anualmente quase 500 mil novos casos são diagnosticados.

Esse contexto atual requer uma verdadeira mobilização da sociedade em prol do controle da doença por meio da articulação de pessoas, empresas e instituições interessadas nessa causa. Para isso, é necessário que haja apoderamento da história construída por indivíduos abnegados, como é o caso de Mário Kroeff. Resgatar o início da estruturação do INCA, uma instituição que conseguiu atravessar 70 anos com excelência nos serviços prestados à sociedade, serve de base e estímulo para que seja traçado um futuro promissor no campo do controle do câncer no Brasil.

ISBN 978-85-334-1436-5



Fundador e primeiro diretor do Centro de Cancerologia, criado por Getúlio Vargas em 1937, o médico Mário Kroeff é considerado o iniciador do Instituto Nacional de Câncer. A reedição do livro *Resenha da luta contra o câncer no Brasil*, editado por Kroeff em 1946, representa um resgate do patrimônio histórico e cultural do controle da doença no Brasil, essencial para construção de um futuro sólido no contexto do câncer como um problema de saúde pública.

Luiz Antonio Santini

Diretor-geral do Instituto Nacional de Câncer



Disque Saúde
0800 61 1997

Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde
www.saude.gov.br/bvs



Ministério
da Saúde

